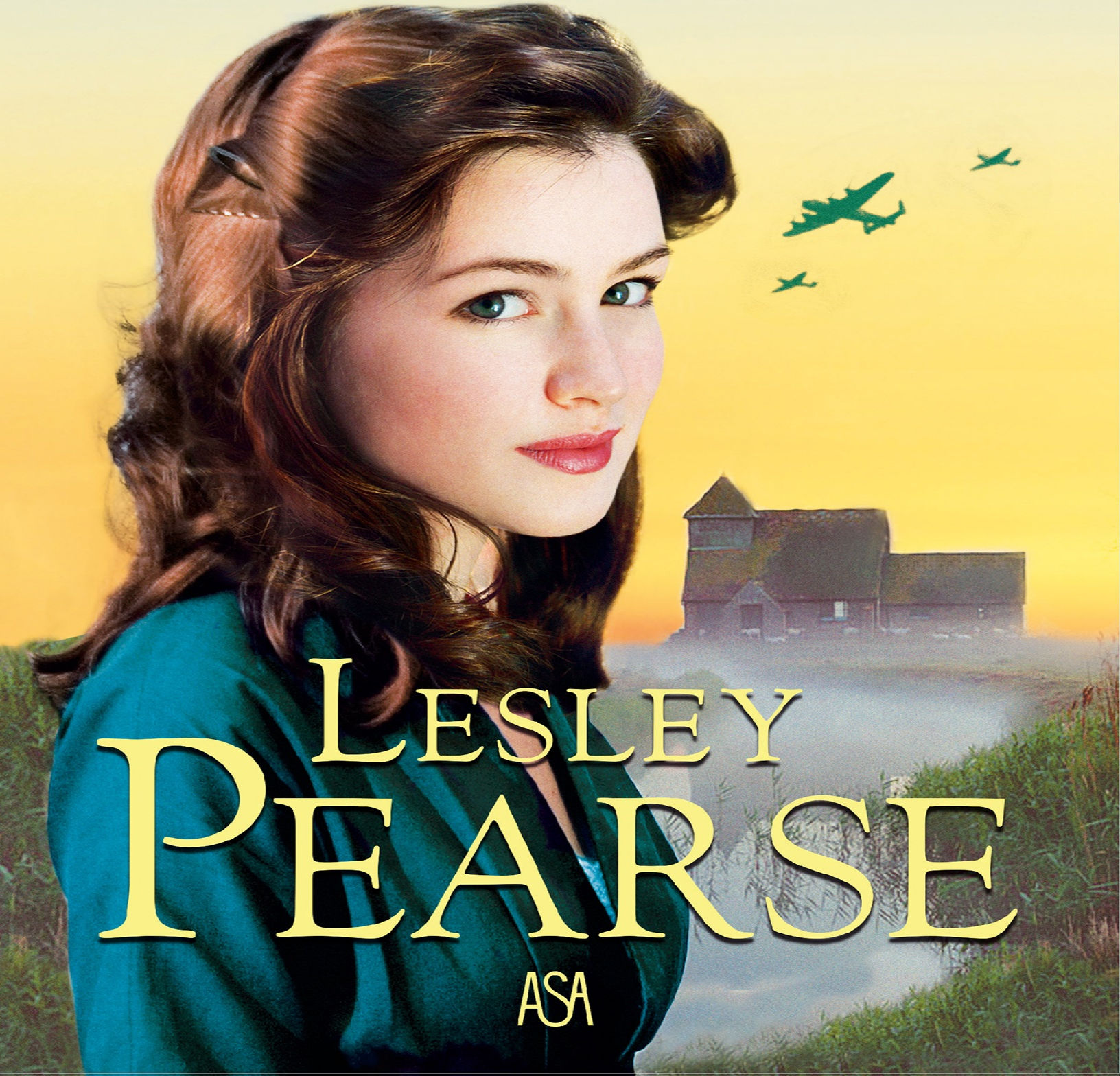
Segredos

Toda a sua vida quis desvendar os segredos da família...
agora que os sabe, só quer esquecer.



LESLEY PEARSE

ASA

Ficha Técnica

Título: Segredos
Título original: Secrets
Autor: Lesley Pearse
Tradução: © Joana Koehler
Revisão: Simão Sampaio
Capa: Jess Hart / MJ
Adaptação da capa: Alexandra Costa
Imagens da capa: Gordon Crabb, alisoneldred.com; robertharding / Alamy / Fotobanco.pt; Shutterstock
ISBN: 9789892351186

Edições ASA II, S.A.
uma editora do Grupo LeYa
R. Cidade de Córdova, n.º 2
2160-038 Alfragide – Portugal
Tel.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201

© 2004, Lesley Pearse
© 2021, Edições ASA II, S.A.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.asa.leya.com
www.leya.pt

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

Índice

Capa

Ficha Técnica

Parte I

- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8

Parte II

- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Capítulo 24
- Capítulo 25
- Capítulo 26
- Capítulo 27
- Capítulo 28
- Capítulo 29
- Capítulo 30
- Agradecimentos

LESLEY PEARSE

SEGREDOS

Ao meu pai, Geoffrey Arthur Sargent, que morreu em 1980, cedo de mais para ver-me tornar uma autora publicada. Escolhi que *Secrets* [Segredos] se passasse em Rye porque era a sua cidade natal e ele adorava-a.

Também ao meu tio, Bert Sargent, que continuou a viver em Rye até à sua morte, em 2002. Algumas das minhas melhores memórias de infância são de férias que ali passei com ele, com a tia Dorothy e com os meus primos.

Parte I

CAPÍTULO 1

Janeiro de 1931

Adele sentiu uma pontada de correr ao chegar a Euston Road. Estava atrasada para ir buscar Pamela, a irmã de oito anos, à aula de piano, do outro lado da movimentada rua principal. Além da escuridão e do habitual trânsito intenso das seis horas, atravessar a rua tornava-se ainda mais perigoso devido aos grandes amontoados de gelo enegrecido nas valetas, pois nevara alguns dias antes.

Adele Talbot tinha doze anos – pequena, magra, de rosto pálido, quase de criança de rua, vestida com um casado de *tweed* gasto, vários tamanhos acima do seu, meias de lã caídas nos tornozelos e um capuz de malha a cobrir-lhe o cabelo castanho desgrenhado. No entanto, apesar da ainda tenra idade, exibia uma expressão de ansiedade adulta nos grandes olhos castanhos-esverdeados ao saltitar de pé em pé, impaciente, à espreita de uma pausa no trânsito. O pai deveria ter ido buscar Pamela no caminho do trabalho para casa, mas esquecera-se, e Adele temia que a irmã mais nova se tivesse cansado de esperar por ele e tivesse ido para casa sozinha.

A postos na berma, ofegante da corrida, viu de repente Pamela através do trânsito. Não havia como a confundir – os semáforos apanhavam o longo cabelo loiro e o casaco vermelho-vivo. Para consternação de Adele, ela também não estava só à espera, mas a pairar sobre a berma, como se tivesse intenções de atravessar sozinha.

– Fica aí! – gritou Adele, acenando freneticamente com os braços. – Espera por mim.

Passaram vários autocarros de seguida, impedindo Adele de ver o que a irmã estava a fazer. De súbito, ouviu o guinchar sinistro de travões.

De coração na boca, Adele disparou entre um autocarro e um camião. Quando chegou ao meio da rua, viu concretizarem-se os seus piores receios: a irmãzinha caía desamparada no chão, entre um carro e um táxi.

Adele soltou um grito. O trânsito parou abruptamente, vapor a elevar-se como fumo dos capôs dos carros. Os peões estacaram, chocados, soltando exclamações de horror; todos olhavam para o pequeno monte na rua.

– Pamela! – gritou Adele ao correr para ela, invadida pelo terror, pela incredulidade e pelo absoluto horror. O taxista, um homem grande com uma barriga volumosa, saíra do carro e agora olhava para a criança entre as rodas da frente.

– Ela saiu disparada! – exclamou, olhando em volta descontrolado, à procura de auxílio. – Não consegui evitar.

As pessoas já se amontoavam em volta e Adele teve de abrir caminhos aos encontrões para passar por elas. – Não lhe toques, amor – disse alguém em tom de aviso quando ela por fim conseguiu penetrar no círculo e se agachou ao lado da irmã.

– É a minha irmãzinha – arquejou Adele, as lágrimas a escorrer-lhe pelas faces fustigadas pelo vento. – É suposto ela esperar até nós chegarmos. Vai ficar bem?

No entanto, enquanto ainda fazia a pergunta, Adele pressentiu que Pamela já estava morta. Tinha os olhos azuis arregalados, a expressão sobressaltada, mas não havia movimento nem som, nem sequer um esgar de dor.

Adele ouviu alguém dizer que tinham chamado uma ambulância e um homem deu um passo em frente, tateou o pulso de Pamela e despiu o casaco para o pôr sobre ela. Mas abanou a cabeça enquanto o fazia. Isso, e os rostos destroçados de todas as pessoas reunidas em volta, confirmaram os receios de Adele.

Ela queria gritar, agredir o taxista. E no entanto, ao mesmo tempo não conseguia acreditar que a vida de Pamela chegara ao fim. Todos a amavam, era tão inteligente e engraçada, e demasiado nova para morrer.

Inclinada sobre a irmã, Adele afastou o cabelo de Pamela do seu rosto e soluçou de choque e desgosto.

Uma mulher com um chapéu de pelo envolveu-lhe a cintura e afastou-a.

– Onde vives, querida? – perguntou, segurando-a com força contra o peito e embalando-a de forma reconfortante. – Os teus pais estão em casa?

Adele não soube como foi capaz de responder. Naquele momento sentia apenas a aspereza do casaco da mulher contra a face, tinha vontade de vomitar.

Mas deve ter respondido às perguntas antes de se libertar para vomitar junto à berma, porque mais tarde, depois da chegada da ambulância e da polícia, ouviu a mesma mulher a informá-los de que a irmã da criança que fora atropelada se chamava Adele Talbot e vivia no número 47 da Charlton Street.

No entanto, no tempo que decorreu até chegarem a polícia e a ambulância, Adele não tivera consciência dos rostos em redor, do que eles lhe disseram,

nem do vento frio e cortante. Sentia apenas a própria angústia, via apenas o clarão dourado das luzes da rua a realçar o cabelo loiro de Pamela, esvoaçando ao vento na rua escura e molhada, e ouvia apenas o barulho das buzinas dos carros a tocar com impaciência.

Euston pertencia-lhes, a ela e a Pamela. Talvez para outros fosse o centro sujo e perigoso de Londres, por onde as pessoas eram forçadas a passar a caminho de outras partes mais seguras e atrativas da cidade, mas para Adele sempre fora tão inofensivo como um parque. Charlton Street ficava mesmo entre Euston e St Pancras, e as estações de caminhos de ferro eram os seus teatros particulares, os passageiros personagens numa encenação dramática. Levava sempre lá Pamela, especialmente quando estava frio ou chuvoso, e inventava histórias sobre as pessoas que ali viam para a entreter. Uma mulher de casaco de peles, a saltitar ao lado de um moço de fretes que lhe transportava as grandes malas, era condessa. Um jovem casal a beijar-se apaixonadamente fugia para casar. Por vezes, viam crianças a viajar sozinhas com uma etiqueta pregada ao casaco, e Adele inventava uma fantástica história de aventuras a envolver madrastas malvadas, castelos na Escócia e arcas de tesouro cheias de dinheiro.

Em casa havia sempre um ambiente pesado. A mãe sentava-se durante horas num silêncio soturno, mal reconhecendo a presença das filhas ou do marido. Fora sempre assim, portanto Adele limitava-se a aceitar. Mas aprendera a detetar os sinais de perigo que precediam as erupções de raiva feroz, e tirava Pamela de lá o mais depressa possível. Estes ataques eram assustadores, pois a mãe atirava tudo o que lhe chegasse à mão, berrava insultos e, na maioria das vezes, atacava Adele.

Adele tentou convencer-se de que a razão pela qual toda a raiva da mãe lhe era sempre dirigida, e não a Pamela, era por ser ela a mais velha. Mas no fundo, sabia que assim era porque, por algum motivo, a mãe a odiava.

Pamela também o sentira, e tentara sempre compensá-lo. Se a mãe lhe dava dinheiro, partilhava-o sempre com Adele. Quando recebeu o casaco vermelho novo no Natal, sentiu-se inibida porque Adele não havia recebido também um. Fizera o que podia para a compensar. Com o seu sorriso radiante, a sua generosidade e a sua disposição divertida, Pamela tornara a vida de Adele suportável.

Agora, enquanto ali se encontrava, a chorar ao abandono, desejando que um adulto a abraçasse e lhe garantisse que Pamela não estava morta, apenas

inconsciente, Adele sabia que, se a irmã de facto tinha desaparecido para sempre, então mais valia ela ter morrido também.

*

Um polícia jovem e entroncado pegou na mão de Adele quando levaram Pamela para a ambulância. Enquanto a deitavam na maca, puseram-lhe a manta sobre o rosto; a confirmação implícita de que estava realmente morta.

– Lamento muito – disse o polícia com suavidade. Curvou-se então para que a cara dele ficasse no nível dela. – Sou o agente Mitchell – continuou. – Eu e o sargento vamos levar-te a casa daqui a pouco. Temos de dar conta do acidente aos teus pais, e queremos que nos digas exatamente o que aconteceu.

Só então Adele temeu por si mesma. Desde o momento em que ouvira o guincho dos travões do carro, os seus pensamentos haviam girado sem parar em torno de Pamela. Todas as ideias e emoções eram uma só, nada mais existia a não ser o pequeno corpo da irmã no chão e aquilo que significavam uma para a outra. Mas de repente, perante a referência aos pais, Adele ficou apavorada.

– Não p-p-posso ir para casa – disse ela, agarrando a mão do polícia com medo. – Eles vão dizer que a culpa foi minha.

– Claro que não vão – disse o agente Mitchell, incrédulo, e massajou a mão fria de Adele nas suas grandes mãos. – Acidentes como este podem acontecer a qualquer um, tu também és só uma criança.

– Se eu tivesse sido um pouco mais rápida – soluçou ela. O rosto grande e afável, cheio de preocupação por ela, era apenas mais uma lembrança do pouco que os pais se preocupavam com ela. – Corri o caminho todo, mas ela já estava junto à rua quando cá cheguei.

– Os teus pais vão compreender – disse ele, e afagou-lhe o ombro.

A ambulância foi-se então embora e a multidão começou a dispersar. Só o taxista ficou a falar com os dois polícias enquanto Adele esperava. Tudo voltou ao normal tão depressa, os carros agora a passar sobre o preciso lugar onde Pamela estivera minutos antes, os mirones a desaparecer aos poucos para o *pub*, para apanhar um autocarro ou comprar o jornal da tarde. Para eles não passara de um incidente, triste, talvez, mas eles tê-lo-iam esquecido ainda antes de chegar a casa.

Adele sabia, desde muito pequena, que Euston era um local de enormes desigualdades. As estações, esses edifícios imensos e magníficos, presidiam ao bairro como catedrais altaneiras e empregavam centenas de pessoas. Aqueles

abastados o bastante para viajar contavam com o trabalho dos pobres para tornar as suas viagens confortáveis e aprazíveis.

Os trabalhadores dos caminhos de ferro viviam nas ruas sujas e miseráveis em volta da estação. Um moço de fretes poderia saber o horário de cada comboio, cada paragem e apeadeiro de Londres a Edimburgo, e todos os dias forçaria as costas e os braços a carregar bagagem pesada. Contudo, nunca visitaria nenhum desses lugares cujos nomes tão facilmente lhe saíam da língua. Se conseguisse levar a mulher e os filhos à praia por um dia, considerar-se-ia afortunado. Da mesma forma, a empregada que mudava as camas nos hotéis elegantes onde os viajantes pernoitavam não tinha lençóis na própria cama, provavelmente, e muito menos um lavabo interior ou uma banheira de verdade.

Adele vira muitas vezes os ricos colidirem com os pobres, por ali. Uma senhora elegante com uma estola de raposa a comprar flores a um velho soldado andrajoso só com uma perna. Um cavalheiro num carro reluzente, impaciente, a fazer sinais ao anão que vendia jornais para lhe levar um. Adele sabia que o anão vivia numa arcada debaixo do caminho de ferro. Ela tinha visto o velho soldado tirar o boné e sorrir aos clientes, mesmo estando transido de frio e a cambalear nas muletas. Quando as pessoas de negócios deixavam os escritórios para ir para casa, para os subúrbios frondosos, lá saíam os pobres para limpar o que haviam deixado.

No entanto, Adele sempre prometera a Pamela que o futuro lhes reservava algo melhor. Engendrara histórias nas quais viviam numa zona fina de Londres, e um dia visitariam todos os destinos que viam nos quadros das estações. Mas agora, enquanto esperava para ir para casa, sem a irmã, todos esses sonhos e ambições desapareciam para sempre.

*

O taxista entrou no táxi e, por um momento, olhou para Adele como se quisesse dizer-lhe algo. Porém, talvez também ele estivesse demasiado abalado para falar e foi-se embora. Os dois polícias voltaram para junto dela.

– Está na hora de ir – disse o agente Mitchell. Depois, tomando-lhe a mão na dele com firmeza, conduziu-a para o carro da polícia.

Adele nunca tinha entrado num carro, mas até isso constituía mais uma lembrança dolorosa de Pamela. A sua brincadeira preferida era pôr duas cadeiras uma atrás da outra para fazer um carro imaginário no qual era sempre ela a condutora, e Adele a passageira que decidia para onde ir.

Os Talbot ocupavam três pequenas divisões no último andar de uma casa geminada em Charlton Street. Os Manning viviam por baixo com os quatro filhos, e no rés do chão os Patterson e os três filhos.

Como na maioria das ruas da zona, a porta da frente abria diretamente para o passeio, mas, ao contrário da maior parte das outras, a casa era ocupada apenas por três famílias e tinha o luxo de uma casa de banho partilhada no interior.

A porta da frente encontrava-se fechada, pois estava muito frio, e Adele meteu a mão na caixa de correio e tirou a chave. Olhou para trás, para os polícias, antes de a usar. O mais novo, o que dissera que a levava a casa e se apresentara como agente Mitchell, soprava nos dedos para os aquecer. O mais velho, a quem Mitchell havia chamado sargento, estava mais para trás, a olhar para cima. Ambos pareciam apreensivos, o que deixou Adele ainda mais assustada.

Enquanto subiam as escadas para o apartamento de cima, Adele viu o edifício pelos olhos dos polícias e sentiu-se envergonhada. Era sujo e malcheiroso, as escadas de madeira despidas e a pintura das paredes tão velha que não tinha verdadeira cor. Como sempre, havia muito barulho. O bebé dos Manning berrava desesperadamente e as outras crianças gritavam por cima.

A porta para o apartamento de cima abriu-se antes de eles lá chegarem, presumivelmente porque os pais tinham ouvido o som de pés de homens nas escadas. A mãe de Adele, Rose, olhou-os. O rosto contorceu-se quando viu Adele e os homens de uniforme.

– Onde está a Pammy? – exclamou. – Não me digam que lhe aconteceu alguma coisa.

Adele sempre pensou que a mãe era bonita, mesmo quando era horrível e maldosa. No entanto, naquele momento, com a luz da sala de estar por trás dela, viu-a como realmente era. Não uma beleza de cabelo dourado, com uma silhueta de cintura bem marcada, mas uma mulher de trinta anos, cansada e desgastada, com um corpo flácido, pele suja e cabelo mal-arranjado. A bata que vestia por cima da saia e da camisola estava manchada e rasgada, e os chinelos castanhos de xadrez tinham buracos nos dedos dos pés.

– Podemos entrar, Mrs. Talbot? – perguntou-lhe o sargento. – Sabe, houve um acidente.

Rose deixou escapar um grito terrível, apanhando Adele de surpresa. A boca abriu-se e o barulho saiu como um comboio desembestado.

De súbito, o pai também estava lá, na entrada, a exigir saber o que se passava. Durante todo esse tempo, Adele e os polícias continuavam de pé nas

escadas, e em baixo as pessoas abriam as portas para ver o que se passava.

– Ela morreu, não morreu? – gritou a mãe, semicerrando os olhos. – Quem foi? Como é que foi?

Foi então que os polícias quase abriram caminho para entrar no apartamento, com o agente Mitchell a empurrar suavemente Adele à sua frente. O aposento era a cozinha e sala de estar. Cheirava a fritos, a roupa secava junto à lareira e a mesa estava posta para o jantar. O sargento indicou a Rose que se sentasse numa poltrona e começou a explicar-lhe devagar o que tinha sucedido.

– Mas onde estava a Adele? Ela devia ter ido buscá-la – interrompeu Rose, lançando um olhar fulminante à filha mais velha. – Porque é que deixou a Pammy atravessar a rua?

Adele já esperava que a culpassem, porque o faziam sempre, independentemente do que corria mal. No entanto, uma pequena parte dela agarrara-se à esperança de que, com algo tão terrível como isto, os procedimentos habituais fossem ignorados.

– Corri o caminho todo para a ir buscar, mas quando cheguei ela já estava a tentar atravessar a Euston Road – disse Adele, frenética, com as lágrimas a escorrer-lhe pelo rosto. – Gritei-lhe que parasse, mas acho que ela não me viu nem ouviu.

– E foi atropelada por um carro? – perguntou Rose, olhando para o sargento, os olhos a implorar que lhe dissessem que não era assim. – E mataram-na? A minha linda Pammy morreu?

O sargento confirmou com a cabeça, olhando para Jim Talbot em busca de ajuda. Mas ele estava afundado na cadeira, as mãos sobre o rosto.

– Mr. Talbot. – O sargento tocou-lhe no ombro. – Lamentamos muito. Chegou uma ambulância minutos depois, mas era tarde de mais.

Adele viu o pai afastar as mãos da cara. Olhou-a e, por um breve instante, ela pensou que o pai ia fazer-lhe sinal para que fosse até ele, para se confortarem. Mas, em vez disso, o rosto dele contorceu-se num esgar. – Tarde de mais – gritou ele, apontando-lhe o dedo. – Chegaste tarde de mais para ir buscar a Pammy, e agora ela morreu porque foste demasiado preguiçosa para te despachares.

– Vá lá! – disse o sargento em tom de reprovação. – A Adele não teve culpa, não podia saber que a Pamela ia tentar atravessar a rua sozinha. Foi um acidente. Não a culpe, ela é apenas uma criança e está em choque.

Adele ficou parada junto à porta, demasiado atordoada e devastada para encontrar onde se sentar. Sentia que não tinha o direito de ali estar, como um

vizinho que viera pedir açúcar e não se ia embora.

Este sentimento tornou-se ainda mais forte quando os dois polícias tentaram confortar os pais, chamando-lhes Rose e Jim como se os conhecessem há muito tempo. O agente Mitchell preparou um bule de chá e serviu-o; o sargento pegou numa fotografia de Pamela de cima da lareira e comentou que era uma menina linda. O pai abraçou a mãe, e os polícias manifestaram compaixão quando lhes disseram que Pamela era muito inteligente.

Mas ninguém se virou para Adele depois de o sargento lhe ter dado uma chávena de chá. Era como se ela se tivesse tornado invisível para todos.

Talvez só estivesse ali há cinco ou dez minutos, mas parecia uma eternidade. Sentia-se como se estivesse a ver uma peça e os holofotes a escondessem da vista dos atores. Adele via, ouvia e sentia o choque e o sofrimento deles, mas eles não tinham qualquer consciência da dor dela.

Queria tanto que alguém a abraçasse, que lhe dissesse que a culpa não era dela, e que Pamela tinha ouvido dezenas de vezes que nunca deveria atravessar a Euston Road sozinha.

Pouco depois, Adele sentou-se num pequeno banco junto à porta e pousou a cabeça nos joelhos. Os adultos estavam todos de costas para ela. Mesmo sabendo que tal se devia sobretudo à forma como as cadeiras estavam organizadas, parecia intencional. Embora Adele concordasse sem reservas com tudo o que diziam da irmã – que todos gostavam dela, que era a melhor aluna da turma, uma menina radiante que possuía qualidades especiais –, parecia-lhe que os pais apenas realçavam que a irmã mais velha era exatamente o oposto e que era injusto que tivesse sido com ela que ficavam.

A conversa e o choro continuavam sem parar, sempre às voltas. Rose ficava histérica, entretanto acalmava o suficiente para relatar mais um exemplo de como Pamela era extraordinariamente especial, e depois Jim intrometia-se com as suas opiniões. Entre as vozes dos pais, surgia o tom calmo e ponderado dos dois polícias. Adele, apesar de jovem e inexperiente, detetava-lhes a habilidade em lidar com o sofrimento; mantinham o nível adequado de interesse, cuidado e compreensão, mas tentavam aos poucos levar o casal a aceitar que a filha tinha morrido.

Embora comovida por eles terem compaixão bastante para o fazer, uma pequena parte dela desejava muito atrever-se a salientar que as palavras favoritas de Jim Talbot para as filhas sempre haviam sido «Cala-me essa boca» Que era ele quem devia ter ido buscar Pamela e que se tinha esquecido. Também questionava se os polícias seriam de igual modo compreensivos com

Rose se soubessem que, grande parte das vezes, ela estava demasiado mal humorada para sair da cama de manhã. Era sempre Adele a dar o pequeno-almoço a Pamela e a levá-la à escola.

– Podemos levá-los a ver a Pamela? – perguntou o sargento algum tempo depois. Rose continuava a chorar de desalento, mas não com a histeria de antes. – Tem de haver uma identificação formal, e poderá ajudar-vos ver que ela teve morte instantânea e não há lesões visíveis.

Adele permanecera em silêncio no banco aquele tempo todo, perdida na sua infelicidade, mas ao ouvir a pergunta despertou com um salto.

– Também posso ir? – perguntou, num impulso.

As quatro caras de adulto viraram-se para ela. Os polícias pareciam apenas surpreendidos – era claro que se tinham esquecido de que ela ainda estava na sala. Mas os pais mostravam afronta perante o pedido de Adele.

– Ora, sua besta – explodiu a mãe, a levantar-se como que para bater-lhe –, não é um espetáculo de aberrações. A nossa bebé morreu por tua causa.

– Então, então, Rose – disse o sargento, pondo-se entre mãe e filha. – A Adele não quis dizer isso, tenho a certeza. Ela também está perturbada.

*

O sargento Mike Cotton desejava estar em qualquer lado menos no número 47 da Charlton Street. Em vinte e muitos anos de serviço policial, fora chamado centenas de vezes para informar os familiares mais próximos de uma morte, e era sempre uma tarefa dolorosa. No entanto, quando se tratava da morte de uma criança, era uma tarefa terrível, pois não existiam palavras que pudessem aliviar a dor, nada que justificasse que uma criança saudável fosse ceifada inesperadamente. Mas este era um dos piores casos de que tinha conhecimento, pois desde o momento em que Rose Talbot abrira a porta e Adele não se lançara nos seus braços, percebeu que havia algo de muito errado na família.

Enquanto explicava como acontecera o acidente, estivera bem ciente de Adele ainda junto à porta. Queria chamá-la, sentá-la no joelho e reconfortá-la, mas esse papel devia ter sido do pai. Tal como devia ter sido ele a ir buscar a filha pequena numa noite escura e fria de janeiro. Euston Road não era o tipo de zona em que uma menina devesse andar sozinha. Havia por ali todo o tipo de escumalha – pedintes, prostitutas e chulos, homens à procura de uma mulher, ladrões atentos a alguém a quem roubar.

Mike tinha de admitir que os Talbot estavam um pouco acima da maioria dos vizinhos da rua. Conhecia famílias de oito ou dez pessoas apinhadas numa divisão, onde a sobrevivência dependia de a mãe ser astuta e forte o bastante para arrancar das mãos do marido algum dinheiro para comida, antes de ele gastar o salário no *pub*. Conhecia outras entranhadas em imundície, como animais, e algumas em que a mãe expulsava as crianças para a rua, à noite, enquanto ela ganhava dinheiro para as alimentar deitada de costas.

O apartamento dos Talbot podia ser pobre, mas estava limpo e aquecido, e a refeição da noite estava preparada. Jim Talbot ainda trabalhava, apesar da depressão financeira que lentamente sufocava o país.

Mike pensava que Rose Talbot pertencia, quase de certeza, a uma família da classe média: falava inglês correto, ainda que salpicado da gíria londrina, e tinha modos refinados. Reparou que, apesar das notícias chocantes, ela despiu apressadamente a bata e passou os dedos pelo cabelo desalinhado, como que envergonhada por ser apanhada desprevenida pelas visitas. A saia e a camisola dela eram nitidamente de uma banca do mercado, mas o tom azul suave realçava-lhe os olhos bonitos e dava-lhe uma sofisticação surpreendente.

Jim, pelo contrário, pertencia ao nível mais baixo da hierarquia social. Embora alto e esguio, possuía aquela inclinação de corpo e grosseria simbólicas que acompanhavam sempre os produtos dos bairros degradados de Londres. O seu sotaque londrino continha uma espécie de gemido nasalado e, com os dentes maltratados, o cabelo ruivo desbastado e os olhos azuis cansados, parecia encontrar-se num estado prematuro de meia-idade, apesar de ter apenas trinta e dois anos. Também não era o mais inteligente dos homens, pois quando Mike lhe perguntou se o seu emprego era seguro, pareceu não compreender a pergunta. Porque é que uma mulher atraente e bem-educada como Rose casaria com um homem como Jim?

No entanto, se a combinação dos pais era má, a disparidade do que sentiam pelas duas filhas era ainda maior. Havia várias fotografias de Pamela em exposição no aparador e um dos seus desenhos fixado na parede, mas nada de Adele. Mike tinha reparado que Pamela vestia um casaco quente bom, calçava luvas e era bastante rechonchuda. Adele, pelo contrário, era muito magra e de rosto macilento, e o casaco em segunda mão, velho e de adulto. O casaco não era necessariamente dela – podia ter agarrado no da mãe para sair. Mas não acreditava que assim fosse, pois agora, ao olhar para Adele sob a luz forte, ela parecia-lhe subnutrida. O cabelo acastanhado e pegajoso não tinha brilho, e a

camisola azul-marinho do uniforme da escola, tal como o casaco, estava-lhe demasiado grande.

A sua aparência pouco significava numa zona onde havia centenas de meninas quase da mesma idade ainda mais mal vestidas e mal alimentadas. No entanto, Mike estava bem certo de que todas as mães, mesmo as bêbadas desmazeladas, seriam incapazes de ignorar uma criança com uma necessidade tão óbvia de um pouco de conforto e ternura.

A menina tinha acabado de testemunhar algo que faria chorar até o polícia mais duro; por isso, Rose, por muito traumatizada que estivesse, conseguiria com certeza pôr as próprias emoções de lado o tempo suficiente para dar a mão à filha mais velha.

*

Adele experimentou uma sensação de alívio quando os pais saíram com os polícias e a mandaram para a cama. Mas assim que entrou no quarto gelado e viu a cama que sempre partilhara com Pamela, começou outra vez a chorar. Nunca mais iria sentir o corpinho quente da irmã aconchegado ao seu; tinham-se acabado as conversas murmuradas da hora de dormir, os risinhos e todas as confidências. Tinha perdido a única pessoa com quem podia sempre contar para ter carinho.

Não se lembrava de nada antes de Pamela nascer. O mais longe que a sua memória conseguia recuar era a um carrinho, demasiado grande para empurrar, e ao berço – dentro dele, um bebé que ela achava muito melhor do que uma boneca. Na altura viviam noutra casa – um apartamento de cave, pensava –, mas lembrava-se de se terem mudado para esta, porque Pamela começara recentemente a andar e Adele tinha de a vigiar, para que não tentasse descer as escadas.

Foi inundada por dezenas de memórias enquanto, deitada, comprimida numa bola, tremia e chorava; a empurrar Pamela nos baloiços, a fazer-lhe desenhos, contar-lhe histórias e a ensiná-la a fugir na rua.

Sempre soube que a mãe e o pai gostavam mais de Pamela do que dela. Riam-se quando ela dizia mal as palavras, deixavam-na ir para a cama deles e serviam-lhe sempre doses maiores de comida. Pamela quase nunca tinha roupas e sapatos em segunda mão, e Adele nunca os tinha novos.

As aulas de piano de Pamela eram a única coisa de que Adele sentia inveja. Aceitava todas as outras injustiças porque Pamela era o bebé da família, e também a amava. Mas o piano era diferente – Pamela nunca demonstrara o

menor interesse em tocar nenhum instrumento. Dizia que queria dançar, montar a cavalo e nadar, mas não se interessava por música. Adele sim, e apesar de nunca ter ousado pedir aulas abertamente, dera-o a entender centenas de vezes.

Adele sabia bem que a Inglaterra estava paralisada por algo chamado «crise.» Todas as semanas, as filas de homens à procura de emprego cresciam mais e mais. Adele via uma sopa dos pobres aberta em King's Cross, famílias ao fundo da rua a serem expulsas das suas casas por não conseguirem pagar a renda. O pai continuava a trabalhar, mas ela sabia que também ele podia perder o emprego a qualquer momento e, como tal, era claro que não esperava um luxo como ter aulas de piano.

Depois, do nada, a mãe anunciara que Pamela devia ir a casa de Mrs. Belling, em Cartwright Gardens, para ter aulas todas as quintas à tarde.

Adele sabia que era para a magoar. Que outra razão haveria, se Pamela não queria ir? Ainda umas semanas antes contara a Adele que detestava as aulas, e que Mrs. Belling afirmava que não valia a pena ensiná-la, já que não tinha piano em casa para praticar. Agora estava morta por causa disso.

*

Mais tarde, Adele ouviu os pais a regressarem. Ouvia as vozes, embora não o que estavam a dizer, e a mãe alternava entre uma espécie de dor soluçante e um queixume de amargura. A do pai era mais constante, um ruído áspero zangado, intercalado aqui e ali com um murro na mesa.

Adele supôs que estivessem a beber, o que era ainda mais preocupante, pois normalmente fazia-os discutir. Queria levantar-se e ir à casa de banho, mas não se atrevia, já que isso significava passar pela sala de estar.

Perguntou-se se teria de ir para a escola, de manhã. A maioria das crianças que conhecia ficava em casa quando havia uma morte na família, mas a sua mãe não era como as mães das outras meninas.

Às vezes Adele sentia-se orgulhosa das diferenças, pois em muitos aspetos Rose Talbot era superior. Cuidava da aparência, não gritava nem dizia palavrões na rua, como muitas das vizinhas. Conservava o apartamento limpo e arrumado, e todas as noites havia um jantar quente, não pão e banha, como tantas outras crianças comiam por ali.

Mas Adele teria preferido a desarrumação, se isso deixasse a mãe feliz e carinhosa, como eram as outras mães. Ela raramente se ria, nem sequer falava, e nunca queria ir a lado nenhum, nem sequer ao Regent's Park no verão. Era

como se escolhesse ser infeliz, porque era uma boa maneira de estragar tudo aos outros.

Por fim, Adele percebeu que tinha de ir à casa de banho, caso contrário molharia a cama. Abriu a porta muito discretamente, esperando, contra todas as probabilidades, conseguir escapar-se pelas escadas sem ser notada.

– O que queres? – disse-lhe Rose com rispidez.

Adele explicou e saiu diretamente pela porta da frente antes que se pudesse dizer algo mais.

Estando ela de camisa de noite e pés descalços, as escadas eram geladas. O lavabo cheirava mal outra vez e deu-lhe náuseas. A mãe andava sempre a queixar-se de Mrs. Manning nunca se revezar a limpá-lo. Na verdade, achava que ela devia fazê-lo duas vezes mais, já que tinha o dobro dos filhos. Na última discussão sobre o assunto, Mrs. Manning ameaçara dar uma sova à mãe. Dissera-lhe que ela era uma vaca emproada que achava que a própria merda não cheirava mal.

Ao entrar de novo no apartamento, Adele hesitou. Os pais estavam sentados dos dois lados da lareira, nas poltronas, ambos com uma bebida nas mãos, e pareciam tão tristes que ela sentiu que tinha de dizer alguma coisa.

– Lamento muito não ter conseguido chegar lá mais depressa – disse ela. – Fui a correr o caminho todo.

O pai olhou primeiro.

– Não se podia evitar – disse ele com tristeza.

Por um breve segundo, Adele pensou que ambos compreenderiam, mas estava muito enganada. Sem qualquer aviso, uma garrafa de cerveja vazia voou ruidosamente na sua direção, apanhou-a na testa e depois caiu ao chão, partindo-se no linóleo.

– Desaparece-me da frente, sua filha da mãe – gritou a mãe. – Nunca te quis, e agora mataste a minha bebé.

CAPÍTULO 2

— Não a quero no funeral – disparou Rose Talbot para o marido.

Alarmado, Jim levantou o olhar dos sapatos que limpava. Previra que Rose poderia começar aos gritos com ele por estar a limpá-los na mesa, e por isso tinha posto primeiro um jornal por baixo; mas nem por um momento contara que, a menos de duas horas de sair para o funeral, ela fosse arranjar algo mais com que implicar.

– Porquê? – perguntou Jim, com receio. – Porque é demasiado nova? – Rose andava a deixá-lo muito nervoso desde a morte de Pamela. Entendia a dor dela; na maior parte dos dias, também desejava morrer e livrar-se daquela dor terrível que sentia por dentro. O facto de ter de esperar duas semanas pelo relatório do médico-legista antes do funeral ainda piorou a situação, arrastando a infelicidade, mas não compreendia o porquê de Rose ser tão cruel com Adele.

– Se quiseres dizer a toda a gente que é por ela ser demasiado nova, diz – respondeu Rose, afastando-se para a outra ponta da sala de estar. – Mas não é esse o motivo. Só não a quero lá.

– Olha lá – começou Jim, a pensar que tinha de ser duro e acabar com aquilo antes que se descontrolasse. – A Pammy era irmã dela, ela tem de estar lá. As pessoas vão falar.

Rose virou-se e lançou-lhe um olhar demorado e frio.

– Deixa-os falar. Não quero saber – disse ela em tom de desafio.

Jim fez o que fazia sempre que Rose era difícil: deixou passar e acabou de polir os sapatos até brilharem como vidro. Talvez devesse ser mais duro, mas sabia bem que Rose não o amava como ele a ela, e tinha medo de a contrariar.

– Se é isso que queres – disse ele num tom débil, depois de pensar uns segundos.

Rose foi para o quarto numa fúria, temendo deixar escapar também o que sentia por Jim, se ficasse perto dele mais um minuto. Puxou os rolos do cabelo com raiva e, ao pegar na escova de cabelo e olhar para o espelho, aquilo que viu fez com que se sentisse ainda mais zangada.

Tudo nela descaía, tanto no rosto como no corpo. Imaginava que aos olhos da maioria das pessoas ainda fosse atraente, mas aos seus estava como uma rosa

demasiado aberta, com as pétalas a ponto de cair.

Pondo as mãos de cada lado do rosto, puxou a pele para trás, mais esticada. Num instante, o maxilar mostrava-se mais firme e desapareciam as rugas em volta da boca, evocando memórias de como ela fora em tempos. Parava o trânsito com a sua silhueta perfeita, os lábios carnudos, o bonito cabelo loiro e a pele como porcelana. Se tivesse feito um bom casamento, com um homem rico, talvez ainda hoje fosse assim.

Mas o destino toda a vida conspirara contra ela. Todos os jovens adequados partiram para a guerra quando ela tinha apenas treze anos e, dos poucos que regressaram, a maioria estava comprometida ou lesionada, como o seu pai.

Trinta anos não era assim tanta idade, mas já não havia como mudar a vida, tal como não havia maneira de deter a beleza que se desvanecia.

Casara-se com Jim por desespero, pois estava grávida de Adele. Via-o como um recurso temporário, acreditando que depois de o bebé nascer algo melhor apareceria. Mas, em vez disso, caíra numa armadilha.

Foi amarga a ironia de, quatro anos depois, a chegada de Pamela ter mudado a sua visão do casamento durante algum tempo. A última coisa que desejava era o fardo de outra criança. No entanto, amara-a desde o primeiro instante em que a segurara nos braços.

Como num daqueles romances lamechas que lia em menina com tanta avidez, devia também ter-se apaixonado por Jim, mas isso não aconteceu. Resignou-se, simplesmente, a manter-se junto a ele. No entanto, enquanto pudesse olhar para Pamela, tão parecida com ela, restava-lhe um vestígio de otimismo de que havia algo de bom ao virar da esquina.

Sem Pamela, porém, não haveria nada. Estava de volta ao ponto de partida, com Adele, a verdadeira causa da sua vida arruinada, e Jim, é claro, um homem que ela não conseguia amar nem sequer respeitar.

*

Sentada na cama, Adele tentava pontear o único par de meias decentes quando Rose entrou no quarto.

A sua reação imediata foi dizer que a mãe estava bonita. Mas conteve-se, receosa de que não fosse apropriado elogiar alguém vestido para um funeral. Mas a mãe ficava bem de preto, e o cabelo loiro encaracolava-se em volta do chapeuzinho preto de rede de uma forma muito bonita.

– Já são horas de ir? – perguntou antes Adele. – Estava mesmo a acabar de coser esta meia. Só tenho de a calçar.

– Não te dês ao trabalho, tu não vais – respondeu a mãe bruscamente. – Os funerais não são lugar para crianças.

Adele sentiu uma onda de alívio. Nas duas semanas decorridas desde a morte de Pamela, pensara no funeral com o maior pavor. Pamela sempre tivera medo de cemitérios, e Adele sabia que se sentiria assustada ao ver o caixão descer para a terra.

– Queres que faça alguma coisa enquanto tu e o papá estiverem fora? – perguntou. Adele sabia que a seguir não haveria nenhum lanche, pois não viriam familiares da mãe nem do pai. Mas achava possível que trouxessem alguns vizinhos.

Uma bofetada na cara surpreendeu-a mais do que a magoou.

– O que é que eu disse? – perguntou, perplexa.

– Tu não queres saber, não é? – gritou Rose. – Sua cabra!

– Quero. Amava-a tanto como tu – respondeu Adele indignada, e começou a chorar.

– Ninguém a amava como eu. – A mãe aproximou o rosto ao de Adele. O olhar era gélido como o tempo lá fora. – Ninguém! Antes tivesses sido tu a morrer. Tens sido uma pedra no meu sapato desde o momento em que nasceste.

Adele só pensava que a mãe devia ter enlouquecido, para dizer uma coisa tão horrível. No entanto, por muito assustada que se sentisse, não podia deixar passar sem reagir.

– Então, porque me tiveste? – respondeu.

– Deus sabe que me esforcei para me livrar de ti – vociferou a mãe, os lábios a reviraram-se como os de um cão prestes a morder. – Devia ter-te deixado à porta de alguém.

A porta abriu-se e Jim entrou.

– O que se passa? – perguntou ele.

– Só umas verdades evidentes – disse Rose, saindo do quarto de forma teatral. Jim seguiu-a.

Adele sentou-se na cama durante algum tempo, em choque profundo. Queria acreditar que a mãe sofria de alguma doença por ter perdido Pamela, e que não falava a sério. No entanto, as pessoas não diziam coisas daquelas, mesmo estando elas próprias em sofrimento, a menos que fosse verdade.

Adele continuava imóvel como uma estátua quando ouviu os pais a sair para o funeral. Não se despediram, partiram sem dizer uma palavra, como se ela não fosse nada. O quarto de Adele ficava nas traseiras da casa, por isso não conseguia ver a rua. Esperou que os pais descessem as escadas, depois foi ao

quarto deles, abriu um pouco as cortinas fechadas e viu o carro funerário à espera lá em baixo.

Ninguém na Charlton Street tinha carro, portanto, quando um parava na rua, era um grande acontecimento, e todos os rapazes corriam para o ver. Os adultos perguntavam-se a quem poderia pertencer e o propósito da visita.

Os carros funerários, no entanto, geravam um tipo de reação diferente, e a de hoje era típica. Os vizinhos que iam ao funeral estavam reunidos num pequeno grupo, quase irreconhecíveis com as roupas pretas asseadas.

Mais ao fundo da rua, as mulheres observavam nas soleiras. Os homens que passavam tiravam o chapéu. As crianças que não andavam na escola eram todas levadas para dentro de casa ou, se continuavam lá fora, obrigavam-nas a estar quietas, em sinal de respeito.

Embora fosse reconfortante pensar que a irmã beneficiava do mesmo respeito que um adulto, era insuportável para Adele pensar em Pamela deitada dentro do caixão reluzente. Ela era tão exibicionista, tão faladora e cheia de vida. Quase não havia na rua casa a onde não tivesse ido, a certa altura – era curiosa, engraçada e tão amorosa que até os idosos mais mal-humorados se encantavam com ela.

Contudo, não havia muitas flores. Os vizinhos tinham-se juntado para comprar uma coroa – Adele vira-a quando a trouxeram, mais cedo. Era uma coroa pequena, porque ninguém tinha muito dinheiro para gastar, e como em janeiro era difícil arranjar flores, tinha sobretudo folhas persistentes. A dos professores da escola de Pamela era maior, como uma almofada amarela, e Mrs. Belling, a professora de piano, mandara um ramo muito lindo.

A coroa da mãe e do pai também era pequena, mas pelo menos tinha rosas cor-de-rosa. Era muito bonita, e Adele achava que Pamela teria gostado.

Enquanto observava, viu os pais porem-se atrás do carro funerário e Mr. e Mrs. Patterson, do rés do chão, fizeram sinal aos outros vizinhos para formarem uma fila atrás deles.

Depois, o carro arrancou devagar e arrastou-se rua acima em direção à igreja, todos a caminhar atrás de cabeça baixa.

Agora que não havia mais nada para ver, Adele só conseguia pensar nas coisas horríveis que ouvira, e começou outra vez a chorar. A mãe pensara mesmo em abandoná-la numa porta? Todas as mães amavam os seus filhos, com certeza.

*

Dois meses mais tarde, em março, Adele caminhava penosamente da escola para casa. Todos os dias desde a morte da Pamela tinham sido um suplício, mas hoje, enquanto jogavam *netball*, Miss Swift, a professora, perguntara-lhe em frente à turma toda como é que fizera as marcas nas costas das pernas.

Adele disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça, que não sabia. Miss Swift comentou que isso era ridículo, mas o olhar sugeria que sabia exatamente como tinham sido feitas.

A verdade é que Rose lhe tinha batido com o atiçador na manhã do sábado anterior. Pegou nele enquanto Adele, ajoelhada, preparava a fogueira, e bateu-lhe por ter deixado cair cinza no tapete. Na altura, Adele mal conseguia andar. Mas na segunda de manhã era suportável e, por sorte, a roupa da ginástica era comprida o bastante para esconder as marcas na pele. Mas não tinha pensado que se despiria para a aula de *netball.*

Se Miss Swift lhe tivesse perguntado sobre as marcas quando estava sozinha, talvez Adele tivesse dito a verdade, mas com as outras raparigas a ouvir não podia. Muitas delas também viviam na Charlton Street, e Adele não queria que corressem para casa para contar às mães que Rose Talbot estava a enlouquecer.

Adele sabia que não era exagero, pois o pai dissera-o dezenas de vezes nos últimos tempos. Rose não só lhe batia a ela como também a Jim, quando bebia. E agora estava sempre a beber, e tudo se desmoronava. A mãe não cozinhava, não comprava comida, não limpava o apartamento nem lavava a roupa. Quando Adele chegava a casa para jantar, ela não estava, e quando regressava da escola à tarde, encontrava-a normalmente a dormir para curar a embriaguez.

Adele fazia as limpezas, e o pai costumava mandá-la ir buscar *fish and chips* quando chegava do trabalho. Se ele se queixasse de não haver jantar, a mãe começava a chorar ou ficava zangada. Muitas vezes, saía outra vez a correr para o *pub* e Jim tinha de ir atrás dela para a trazer de volta para casa.

Era tudo horrível. Adele tinha crescido com os estados de espírito sinistros e silenciosos da mãe – faziam tanto parte da sua vida como ir à escola ou levar a roupa às lavandarias dos banhos públicos. Mas Rose já não era soturna; gritava, berrava e praguejava, muitas vezes também atirava coisas, e o pai estava a ficar igualmente mau.

Jim sempre foi um homem muito calmo. Na verdade, o insulto preferido da mãe era chamar-lhe fraco. Agora, porém, Rose não parava de o acicatar, dizia-lhe que ele era estúpido e vulgar, e ele tornou-se quase tão cruel como ela – ainda há umas noites a tinha ameaçado com o ferro de engomar.

Adele sabia bem que o pai era um bocado lento. Só sabia ler as palavras mais simples, e tinham de lhe explicar tudo com muito cuidado para ele perceber. Mas somava bastante bem, e começava a ficar deveras zangado com o dinheiro que Rose gastava na bebida. Adele ouviu-o dizer à mãe que lhe tinham cortado no vencimento porque o patrão não recebia trabalho de construção que chegasse. Também lhe dizia que podiam despedi-lo, mas nem essa ameaça fez diferença.

*

Assim que Adele chegou à porta da frente, Mrs. Patterson abriu a porta. Era claro, pelo olhar e pela mão na anca, que estava zangada.

– A tua mãe andou outra vez a fazer das suas – deixou escapar. – Não aguento muito mais, por muito que lamente pela tua irmã.

Mrs. Patterson era boa pessoa. Tinha três filhos, mas ficava sempre numa excitação tanto com Adele como com Pamela, e recebera-as muitas vezes para lanchar, quando a mãe precisava de ir a algum lado. Era uma mulher minúscula e rija, de cabelo negro como azeviche entrançado à volta da cabeça, como uma coroa. Adele e Pamela costumavam perguntar-lhe que comprimento tinha o cabelo quando o soltava. Pamela estava certa de que lhe caía até aos pés.

– Andou a fazer o quê? – perguntou Adele.

– A gritar pelas escadas com a Ida Manning. – Mrs. Patterson revirou os olhos em direção ao apartamento de cima. – Acusou-a de lhe roubar um saco de compras que deixou na entrada. A tua mãe nunca chegou perto de uma mercearia, a única loja onde ela vai é à garrafeira.

– Desculpe – disse Adele sem forças. Sabia que Mrs. Patterson devia estar no limite, para lhe fazer queixa. Normalmente era muito simpática. Mas Adele não ousou demorar-se à conversa, pois a mãe esfolá-la-ia viva se a apanhasse a falar dela com os vizinhos.

– Pedir desculpa já não chega. Também é só isso que recebo do teu pai – disse Mrs. Patterson, agitando um dedo a Adele. – Esta casa está cheia de crianças. Não queremos bêbados a mandar vir. Todos tentámos ajudá-la desde que a Pamela se foi, mas ela não quer saber.

– Não posso fazer nada – disse Adele, e começou a chorar. Sentia que não aguentava mais. Voltar para casa apavorava-a.

– Vá, não chores – disse Mrs. Patterson, suavizando a anterior severidade do tom. Aproximou-se de Adele e deu-lhe uma palmadinha no ombro. – És boa

rapariga, não mereces isto. Mas tens de falar com o teu pai. Se ele não acabar com isto depressa, expulsam-vos a todos.

Adele estava sozinha na sala de estar quando naquela mesma noite, mais tarde, o pai chegou do trabalho.

– Onde é que ela está? – perguntou Jim.

– Saiu há meia hora, mais ou menos – disse Adele, e começou a chorar novamente. A mãe estava deitada no quarto quando ela chegara da escola, por isso deixou-a em paz um bocado. Mais tarde, levou-lhe uma chávena de chá, e a mãe deu-lhe uma bofetada na cara quando Adele lhe perguntou o que havia para o lanche. – Não há nada para comer. Talvez ela tenha ido buscar alguma coisa – acrescentou.

O pai soltou um suspiro profundo e afundou-se numa cadeira, ainda com o casaco vestido.

– Não sei que mais fazer – disse ele, impotente. – Tu também não ajudas, ‘tás sempre a chateá-la.

– Eu não lhe faço nem lhe digo nada – ripostou Adele, indignada. – É tudo ela.

Tinha tanta fome que se sentia agoniada, e não havia sequer um pedaço de pão no aparador. Embora habituada a que o pai a culpasse por tudo, desta vez não ia aceitar.

Numa fúria, pôs-se a contar-lhe o que Mrs. Patterson tinha dito.

– Não podes fazer nada, pai? – implorou-lhe.

Esperava levar um carolo na orelha, mas, para sua surpresa, Jim parecia apenas triste.

– Ela não faz caso de nada do que digo – respondeu ele, abanando a cabeça devagar. – É como se foss’ eu a causa dos problemas dela.

Adele ficou impressionada com a profundidade da dor e da tristeza na voz do pai. Nunca tinha sido como os pais dos livros, não governava a casa e, sobretudo, comportava-se como um hóspede. Não falava muito, raras vezes mostrava os sentimentos, e Adele sabia muito pouco sobre ele porque, na maior parte do tempo, ele ignorava-a por completo. No entanto, pelo que sabia dos outros pais, Jim Talbot não era um mau pai. Podia ser grosseiro e de raciocínio lento, mas não bebia muito nem jogava, e ia trabalhar todos os dias.

Contudo, a morte de Pamela e o enorme vazio que deixara na família fizeram com que Adele reparasse mais no pai. Não queria concordar com algumas das coisas mais desagradáveis que a mãe dizia sobre ele, ainda que a maior parte fosse verdade. Não era culpa dele, no fim de contas, o facto de ser incapaz de

lidar com os problemas mais simples. Na verdade, o pai era como uma criança grande e forte, e como tal Adele sentia alguma solidariedade para com ele, pois sabia o que era ser constantemente ridicularizada.

– Como podes ser a causa dos problemas dela? – perguntou ela.

– Não sei. – Ele encolheu os ombros. – Fiz sempre o que ela queria. Mas ela é mais escura que o Tamisa. Não sei o que se passa dentro daquela cabeça.

Quando Rose chegou finalmente a casa, por volta das nove, Adele estava na cama. Ela e o pai tinham jantado apenas um pacote de batatas fritas, a dividir pelos dois, pois Jim não tinha mais dinheiro. Adele continuava com fome e sabia que o pai também devia ter. Ir para a cama era uma maneira de o esquecer e evitar a discussão quando a mãe chegasse a casa.

A esperada discussão começou no instante em que Rose entrou pela porta. Jim disse algo sobre um pacote de batatas fritas não ser suficiente para um homem que trabalhou dez horas. Depois, de repente, ali estava ela, discussão em plena fúria, o pai a dizer poucas e boas e a mãe a troçar com ele por ter de recorrer a tal.

Tudo aquilo passou despercebido a Adele durante algum tempo; na maioria, eram coisas que já ouvira dezenas de vezes. Rose a dizer que não fora feita para viver em Euston e Jim a atirar-lhe à cara que dera o melhor por ela.

Então, de repente, Adele ouviu Jim dizer algo que a fez arrebitar as orelhas.

– Se não fosse eu, tinhas acabado na porra da casa de correção.

Adele sentou-se, chocada e surpreendida.

– Por que outro motivo teria casado contigo? – gritou-lhe Rose em resposta. – Achas que teria deixado alguém como tu aproximar-se de mim, se não estivesse desesperada?

Adele soltou um arquejo perante a crueldade da mãe.

– Mas eu amava-te – respondeu Jim, a voz a sucumbir com a dor.

– Como podes amar alguém que não conheces? – ripostou Rose. – Nunca me deixaste dizer-te como era, só querias ser meu dono.

– Fiz o que estava certo por ti – disse Jim, indignado, e agora parecia chorar. – Com um bebé a caminho, precisavas de um homem ao teu lado.

– Achas-te um homem? – bufou Rose com escárnio. – Não teria olhado duas vezes para ti, se não estivesse grávida, e tu sempre soubeste disso. Não finjas que também te preocupavas com a criança, só querias ir para a cama comigo.

Ouviu-se um estalo violento e Adele percebeu que ele batera em Rose.

– Sua cabra maldita – gritou-lhe ele. – Se dependesse de ti, a Adele era uma bastarda e estava numa casa para enjeitados qualquer.

Adele ficou tão horrorizada que tapou a cabeça com a almofada para não ouvir mais.

Sabia que os bebés cresciam na barriga da mulher, e que os maridos os punham lá. Mas, se Jim não a pusera lá, com certeza significava que a mãe tinha sido prostituta!

Adele cresceu familiarizada com a palavra «prostituta», ou «rameira» – a versão mais utilizada –, porque havia muitas na zona de King's Cross e Euston. No entanto, só aos dez anos descobriu exatamente o que faziam. Uma menina mais velha da escola explicou que elas recebiam dinheiro para deixar os homens praticar o ato que fazia bebés. Disse que os homens eram doidos por fazer bebés, mas que como as mulheres não queriam montes e montes de filhos, eles iam antes às prostitutas.

Adele sempre questionou onde estariam os bebés todos, já que nunca via nenhuma daquelas mulheres a empurrar carrinhos. Agora, pelo que o pai dizia, parecia-lhe que iam para uma casa para enjeitados. Mas ele casara com a mãe para impedir que Adele também fosse.

Adele não sabia se devia considerar-se sortuda por ter escapado a esse destino ou não. Como a mãe dizia que ela lhe tinha estragado a vida, talvez gostasse de ser prostituta.

*

Agora parecia que os pais tinham ido para o quarto, pois embora continuassem a gritar, não conseguia perceber o que diziam. Mas ouvia os Manning no andar de baixo a bater no teto com uma vassoura, por eles fazerem tanto barulho.

Então, de repente, ouviu-se um enorme estrondo na cozinha. Era como se um deles tivesse deitado as caçarolas todas abaixo da prateleira ao mesmo tempo. Por cima, a mãe gritava a plenos pulmões.

Por instinto, Adele saltou da cama e correu para a sala de estar. Mas em vez de encontrar Jim a bater em Rose, como esperava, viu Jim encolhido na entrada do quarto, com sangue a escorrer-lhe pela cara. As caçarolas eram obra de Rose, claramente – estavam pelo chão todo, com alguns pratos também, e ela tinha a faca de trinchar na mão.

Adele percebeu logo que isto era bem diferente das discussões habituais. Via o medo de Jim e sentia no ar uma ameaça autêntica. Rose continuava a gritar como uma louca, a tremer de fúria, e mostrava-se a postos para voltar a apunhalar Jim.

– Para! – gritou Adele.

Rose deu meia-volta ao som da voz. O seu rosto era completamente aterrador. Os olhos quase lhe saltavam das órbitas, a boca toda frouxa como a de um cão ofegante, e ela tinha uma cor púrpura estranha.

– Parar? – gritou em resposta, erguendo a faca como que para esfaquear qualquer um que se aproximasse dela. – Eu ainda nem comecei.

– Alguém vai chamar a polícia – suplicou Adele com medo. – Vão expulsar-nos daqui. – Perguntou-se se se atreveria a correr para a porta e fugir.

– Achas que isso me incomoda? – vociferou Rose com os dentes expostos e as narinas dilatadas. – Odeio este sítio, odeio Londres e odeio-vos aos dois.

Adele vira a mãe zangada centenas de vezes, e por norma acabava de repente, com ela a afundar-se numa cadeira e a desfazer-se em lágrimas. Mas desta vez era diferente; parecia selvagem, quase como se possuída por um espírito maligno. Adele estava aterrorizada. O instinto dizia-lhe que a mãe era muito perigosa.

– Mataste a minha Pammy – gritou Rose, a cuspir de raiva, com a boca toda contorcida. Cambaleou em direção a Adele de uma maneira curiosa, como um macaco, com o ombro encolhido e a faca de trinchar a postos para um ataque frenético. – Ela era a única coisa que eu amava e tu mataste-a.

Adele estava paralisada de terror. O juízo dizia-lhe que tinha de fugir, se não pelas escadas, pelo menos outra vez para o quarto, mas só via o brilho da faca e os dentes expostos da mãe, e molhou as cuecas de medo.

– Sua cabra imunda! – guinchou Rose. E, agarrando o cabelo de Adele com uma mão, levantou a faca para a enterrar nela.

– Não, Rose! – Jim gritou e agarrou-lhe o pulso por trás.

– Larga-me – gritou Rose, mas Jim abanava-lhe o pulso com tanta violência que a faca lhe balançava na mão, a menos de um centímetro da cara de Adele. Rose continuava com o cabelo da criança firmemente preso.

Adele pensou que ia morrer a qualquer momento. Não conseguia fugir, o hálito da mãe era quente e desagradável e os olhos, irrequietos e selvagens. Gritou e ao mesmo tempo tentou empurrar Rose. Sentiu a faca tocar-lhe na face, e cair depois com estrondo no chão.

Jim lutava com Rose, a tentar desesperadamente arrastá-la para longe de Adele, e enquanto a puxava para trás, saiu pelas raízes um monte de cabelo de Adele.

– Por amor de Deus, sai daqui! – bradou Jim, prendendo os braços de Rose atrás das costas.

Adele tentou mexer-se, mas estava pressionada contra a parede. De repente, um golpe violento do joelho da mãe apanhou-a na barriga. Quando Jim conseguiu finalmente controlar Rose, Adele caiu no chão a contorcer-se de dor.

– Estragaste-me a vida – ouviu a mãe gritar-lhe ao longe. – Se não fosses tu, eu podia ter tido uma vida boa. O teu pai era um filho da mãe de um mentiroso, e tive de viver com a tua cara feia durante doze anos, todos os dias a lembrar-me dele.

Jim continuava a tentar puxar Rose para longe de Adele quando a porta da frente se abriu com estrondo e entraram Stan Manning e Alf Patterson, os dois vizinhos.

– Ela enlouqueceu, porra – gritou Jim, tentando conter Rose, que lhe resistia, a cuspir e a gritar insultos. – Ela ia matar a miúda. Ajudem-me, e depois um de vocês chame um médico.

CAPÍTULO 3

Alf Patterson ficou apenas tempo suficiente para ajudar Jim e Stan a controlar Rose. Forçaram-na a sentar-se numa cadeira, ataram-lhe os pulsos atrás das costas com um lenço e prenderam-na à cadeira com uma tira de couro. Depois, Alf correu pela rua até ao médico.

Era baixo e entroncado, com barriga de cerveja e cabelo ralo aos trinta e três anos, mas era um homem feliz. Adorava o seu trabalho nos caminhos de ferro, tinha uma casa decente, a melhor mulher e os melhores filhos que algum homem podia pedir.

Ele e Annie haviam-se mudado, recém-casados, para o número 47, cerca de oito anos antes, e os Talbot ocuparam o apartamento de cima pouco tempo depois. Os dois casais nunca foram aquilo a que Alf chamaria de amigos. Os dois homens pagavam uma bebida um ao outro se se vissem no *pub*, e de vez em quando Rose tomava uma chávena de chá com Annie, mas apenas isso – o único elo de ligação entre eles eram os filhos. O mais velho de Alf, Tommy, era apenas um ano mais novo do que Pamela, e Adele levava as duas crianças à escola. Fazia-o desde que começaram na pré-primária, quando ainda estava no primeiro ciclo, ao lado.

Annie sempre achara Rose intrigante. Ela era altiva ou desagradável num dia, e extremamente simpática no dia a seguir, em especial quando queria alguma coisa. Se não fosse por Adele, por quem Annie tinha um fraco, não se teria incomodado nada com a mãe. Mas quando Pamela morreu, todos os esforços de Annie para confortar e ajudar haviam sido rejeitados. Preocupava-a que Rose bebesse, dizia suspeitar que Adele era maltratada e implorara a Alf para falar com Jim. Alf pensava que a mulher estava a dramatizar e que tudo aquilo iria passar. Mas, à luz do que acabava de ver, Annie tivera razão em estar preocupada. Rose Talbot era louca e perigosa.

Ao chegar à esquina da rua onde vivia o Dr. Biggs, Alf bateu com estrondo na porta. O médico abriu-a alguns segundos depois, já pronto para a cama, de pijama e roupão vermelho.

Era um homem pequeno e careca, conhecido tanto pelos seus modos joviais como pelas suas competências médicas.

– Desculpe incomodá-lo, doutor – disse Alf, ofegante. – É a Rose Talbot, que mora por cima de mim. Ela enlouqueceu. Atacou o Jim e depois atirou-se à filha com uma faca. Eu e o Jim tivemos de a amarrar, de tão louca que ela estava.

O Dr. Biggs demorou um ou dois instantes a perceber de quem é que Alf Patterson falava. Lembrou-se depois que os Talbot eram os pais da criança que fora atropelada há uns tempos.

– Espera, venho já ter contigo. Deixa-me só vestir e ir buscar a mala – disse ele. – Alguma ideia do que fez Mrs. Talbot perder a cabeça? – perguntou o médico enquanto corriam rua acima, poucos minutos depois. Ele conhecia bem Alf e Annie Patterson, pois fizera o parto dos três filhos e, antes de os dois mais novos chegarem, Annie costumava limpar-lhe o consultório.

– Não sei – disse Alf. – Claro, ela tem andado desfeita desde que a menina foi atropelada. Temos ouvido muitas discussões. Mas o Jim não falou em mais nada.

O Dr. Biggs conhecia mal os Talbot, mas visitara Rose logo depois do funeral, para ver como ela estava a lidar com a tragédia. Rose mantivera-o à porta e dissera que estava bem. Não parecia bem, parecia completamente exausta, com círculos escuros por baixo dos olhos. Dissera-lhe isso, e sugerira que ela lhe fizesse uma visita no consultório, mas ela nunca aparecera. Ele não ia incomodar, visitando-a outra vez sem ser convidado.

Encontrava-se uma multidão reunida no exterior do número 47, todos de olhos levantados para a luz na janela do último andar, a ouvir os gritos vindos de dentro da sala.

– Vão para casa, todos – disse o Dr. Biggs com firmeza. – Não há nada para ver.

– É o que ouvimos que nos incomoda, doutor – replicou um dos homens. – Parece que ela precisa de ser internada.

O Dr. Biggs não respondeu, mas entrou, acenando com brevidade a Annie Patterson, que, ansiosa, se encontrava ao fundo das escadas com outra mulher. O barulho do apartamento de cima era muito mais alto dentro do prédio, e além dos gritos ouvia-se o som de algo a ser arrastado ou a raspar no chão.

– Fica aqui com a tua mulher – disse Biggs a Alf. – Chamo-te se precisar de mais ajuda.

*

A cena que os olhos do Dr. Biggs encontraram quando entrou no apartamento de cima era deveras alarmante. Rose estava presa a uma cadeira com uma tira de couro, os olhos quase a saltar das órbitas. Ela balançava e raspava a cadeira no chão, a berrar insultos ao marido enquanto lutava desesperadamente para se libertar. Jim Talbot tentava, em vão, apaziguá-la, e tinha sangue a escorrer-lhe pelo rosto.

Outro homem, que o médico não conhecia, mas presumiu ser outro vizinho, encontrava-se ajoelhado ao lado da filha, a limpar-lhe o sangue do rosto. A rapariga vestia uma camisa de noite e, com um olhar, o médico viu que estava molhada de urina e salpicada de sangue. O chão da sala estava todo cheio de tachos, caçarolas e louça partida.

O Dr. Biggs percebeu logo que não se tratava de um incidente doméstico comum. Rose não ia acalmar-se com uma chávena de chá e uma conversa. Na verdade, ele suspeitava que o marido e a filha ficariam em risco se ela permanecesse ali. A única linha de ação a tomar era sedar de imediato a mulher e fazer com que a admitissem num manicómio, antes que causasse mais dano aos outros ou a si mesma.

– Então, o que se passa, Mrs. Talbot? – perguntou ele calmamente ao aproximar-se dela.

– Vá à merda – gritou-lhe ela, a mostrar os dentes como um cão selvagem e a abanar a cadeira ainda com mais violência, apesar dos esforços do marido para a manter quieta. – Saiam todos daqui!

Seguiu-se uma série de obscenidades. A voz dela era tão estridente e transtornada que o médico estremeceu.

– Porque é que ela está assim? – Lamentou-se Jim. – Eu nunca lhe fiz nada.

– A morte da sua filha parece ter-lhe provocado um colapso nervoso – disse o Dr. Biggs com vivacidade, abrindo a mala e tirando um pequeno frasco de sedativo e uma seringa. – Ela comportava-se de forma estranha, antes desta noite? – perguntou ele enquanto a preparava.

Jim fez sinal que sim.

– Tem andado estranha já desde há semanas. Não podia dizer-lhe nada. Tem bebido e feito cenas.

Se Jim tinha a intenção de acrescentar mais alguma coisa, Rose interrompeu-o.

– Seu filho da mãe maldito, verme nojento e inútil – berrou ela a plenos pulmões. – Eu não estaria assim, se não fosses tu.

– Então, então, Mrs. Talbot – disse o Dr. Biggs calmamente, com a seringa preparada na mão. – A senhora está apenas extenuada, e eu vou dar-lhe algo para se acalmar. – Ele olhou para o vizinho, que se levantara depois de tratar da menina e estava ali, parado e horrorizado. – Se pudesse ajudar o Jim a segurá-la.

Rose resistiu e contorceu-se na cadeira com a força de meia dúzia de homens, mas Jim e Stan conseguiram imobilizá-la o suficiente para a injeção.

– São só uns instantes até fazer efeito – disse o médico ao retirar-lhe a agulha do braço. – Daqui a pouco vou ter de sair para fazer um telefonema rápido para o hospital, mas antes disso vou ver a criança.

– Filho da mãe! – Rose cuspiu-lhe em cima. – É melhor não me mandar para o manicómio! Foi ela que me pôs assim!

Passado menos de um minuto, Rose parou de se debater e os guinchos atenuaram-se para meros gemidos. O médico ajoelhou-se junto à menina para a examinar. Ela estava consciente, ao que parecia demasiado atordoada para falar, e o rosto tinha sido cortado, presumivelmente pela mesma faca usada no pai. Mas não era um golpe profundo, era pouco mais do que um arranhão. Quando lhe perguntou se tinha outros ferimentos, ela pôs uma mão na barriga.

– Ajude-me a levá-la para o quarto – disse ele a Jim, que observava com atenção a cabeça da mulher a começar a tombar-lhe sobre o peito.

– Não vale a pena fazer isso – ripostou ele. – Ela não pode ficar aqui, se a mãe for para o hospital.

– Tenho de a examinar – disse o Dr. Biggs secamente. Supôs que Jim achava que uma criança da idade dela não podia ficar sozinha no apartamento enquanto ele ia para o hospital com a mulher. – E não é necessário que acompanhe a sua mulher. Desde que os ferimentos da sua filha não requeiram tratamento, ela pode ficar aqui consigo.

– Ela não é minha filha – disse Jim, num tom frio, como se falasse de um cão vadio. – E, ferida ou não, quero-a daqui para fora ainda esta noite.

O Dr. Biggs orgulhava-se de ser pouco impressionável, mas ficou aturdido com aquele comentário.

– Falaremos sobre isso mais tarde – respondeu ele secamente. – Mas, entretanto, não faço tenção de examinar uma criança num chão frio e duro. Por isso, agradecia que me ajudasse com ela. Logo que eu acabe, posso telefonar a pedir ajuda para a sua mulher.

Assim que levou a menina para o quarto, ela disse-lhe o nome e que a mãe a tinha atacado com uma faca e lhe dera um pontapé na barriga. O médico

levantou-lhe a camisa de noite e viu uma marca vermelha que o confirmava. Reparou também em várias outras pisaduras antigas no corpo e nas pernas, que sugeriam que já a haviam maltratado antes. Apesar de estar em choque, não tinha ossos partidos e o arranhão facial não precisava de levar pontos, por isso não precisava de ir ao hospital.

– Tenho de ir fazer um telefonema por causa da tua mãe – explicou ele, enquanto a ajudava a despir a camisa de noite molhada e a cobria com um cobertor. – Mas fica aqui, e eu volto para te ver daqui a pouco.

*

Rose Talbot estava tão sedada que não ofereceu qualquer resistência quando os dois homens da ambulância a transportaram para a viatura numa maca. Quando eles chegaram, o Dr. Biggs acabava de regressar ao número 47 depois de fazer o telefonema, por isso ainda não tinha tido tempo de fazer o curativo da ferida no rosto de Jim Talbot, nem de voltar a falar com ele ou com Adele. Logo que a ambulância se afastou, voltou para dentro de casa e viu Annie Patterson à espera na entrada, com um ar ansioso.

– Ela vai ficar bem? – perguntou. – Posso fazer alguma coisa para ajudar o Jim ou a Adele?

– É provável que Mrs. Talbot fique algum tempo no hospital – disse o médico com cautela. Ele sabia que Annie Patterson era boa pessoa, não dada a bisbilhotices inúteis, mas mesmo assim não teve coragem de lhe dizer que Rose Talbot estava destinada ao manicómio. – No entanto, parece haver mais um problema lá em cima, e é possível que a Adele não possa ficar lá. Estarias disposta a deixá-la passar a noite contigo, se for necessário?

– Claro – disse Annie sem qualquer hesitação. – Coitadinha, uma menina assim não devia ter de ver e ouvir tais coisas. Traga-a para baixo, se precisar. Lamento que seja só no sofá, e é melhor ela trazer cobertores. Mas ela é mais que bem-vinda.

– És uma boa mulher – disse o Dr. Biggs com um sorriso. – Ela vai precisar de cuidados maternais. Desconfio que não tem tido muito disso nos últimos tempos.

*

Lá em cima, no apartamento, Jim estava agora sozinho, sentado na mesa da cozinha a olhar para o vazio, aparentemente abstraído dos tachos e das louças no chão. Quando o Dr. Biggs entrou, nem olhou.

– Bem, vamos lá ver os seus ferimentos, Jim – disse o médico, mantendo o tom jovial. Pôs um pouco de água quente da chaleira num recipiente e, tirando umas compressas da mala, limpou a face do homem. – É só uma ferida superficial, agrada-me dizer, não precisa de pontos – anunciou ele depois de alguns minutos. Pôs um curativo e usou um penso adesivo para o manter no sítio. Depois, sentou-se na mesa e olhou com dureza para Jim.

– Agora, e se me explicasse o que se passa?

– Não há muito para contar – respondeu Jim no seu tom soturno. – A Rose não tem andado bem desde que a nossa Pammy morreu. Cada dia era pior, com a bebida e tudo. Viu como ela estava, perdeu o juízo.

– A morte de uma criança é o suficiente para fazer qualquer mãe descarrilar – disse o Dr. Biggs em tom de reprovação. – Devia ter-me chamado muito antes de chegar a este ponto.

– Não tenho dinheiro para médicos – disse Jim. – Tive de aceitar um corte no salário. Além disso, a Rose não deixava ninguém aproximar-se dela.

– Porque é que ela culpava a Adele? – perguntou o médico.

– Bem, foi ela a culpada. Se se tivesse despachado a ir buscar a Pammy, ela não teria sido atropelada.

– Não se pode culpar outra criança por um acidente de viação – exclamou o Dr. Biggs, horrorizado. – É provável que a Adele sinta sempre que a culpa foi dela, de qualquer maneira, os acidentes fazem isso às pessoas; mas a censura não deve vir da mãe e do pai.

– Eu disse-lhe, ela não é minha filha – afirmou Jim com irritação. – Agora a minha está morta, graças a ela. E a mãe ficou maluca. Devia ter ouvido aquilo de que me estava a culpar! Não aguento mais. Fiz o melhor que pude pela Rose e pela miúda durante estes anos todos, e é esta a paga que recebo. Por isso, não quero ter mais nada a ver com nenhuma delas. Pode levar essa miúda daqui agora mesmo.

Biggs estava horrorizado com a atitude insensível de Jim em relação a Adele, mas ao mesmo tempo imaginava que Rose devia tê-lo atormentado, talvez desde a morte da própria filha. O homem estava em choque, no dia seguinte poderia ver as coisas de forma diferente. Como Adele estava no quarto ao lado, possivelmente a ouvir tudo, a melhor solução era aceitar a oferta de Annie Patterson para passar lá a noite.

– Vou levar a Adele, por agora – disse o Dr. Biggs de forma contundente. – Não por causa dos seus sentimentos, Mr. Talbot, mas porque ela está em choque e precisa de alguns cuidados e de afeto. Voltarei amanhã para falar

consigo. Espero que por essa altura já se tenha acalmado e se lembre que, ao casar com a Rose, assumiu uma responsabilidade legal e moral pela filha dela.

– Amanhã tenho de ir trabalhar – disse Jim.

– Então virei às sete da tarde – disse o Dr. Biggs rispidamente. – Sugiro que, antes disso, passe algum tempo a pensar nas necessidades da criança, em vez das suas.

*

Annie Patterson mostrou por Adele toda a compaixão que faltava a Jim Talbot quando o médico a levou para baixo.

– Pobrezinha – disse ela, dando um abraço à menina. – Desculpa não termos uma cama extra em condições, mas uma pequenina como tu deve ficar bem no sofá.

A única camisa de noite limpa que o Dr. Biggs conseguiu encontrar pertencia claramente à falecida irmã. Mal chegava aos joelhos de Adele que, com um cobertor à volta dos ombros e um adesivo no rosto, inspirava piedade.

– É muito amável da tua parte, Annie – disse ele, pousando um cobertor e uma almofada. – É apenas uma medida temporária. Falarei com Mr. Talbot amanhã à noite, quando ele estiver mais calmo.

Adele não disse uma palavra, nem para perguntar pela mãe, nem por si própria. Biggs esperava que fosse por ela não ter compreendido o que acontecera lá em cima.

Mas essa esperança desfez-se quando estava prestes a sair, altura em que de repente Adele ficou agitada.

– Não posso ficar com o meu pai, nunca mais – disse ela. – Ele não gosta de mim. Nem a minha mãe.

– Isso é um disparate – disse Annie Patterson com vivacidade. – A tua mãe está doente e o teu pai não sabe a quantas anda.

Adele olhou da vizinha para o médico, desamparada. Não conseguia acreditar que a mãe a tentara matar. Ou que lhe tinha mesmo dito aquelas coisas horríveis.

No entanto, apesar de ser jovem, sabia que naquela noite se deparara com os verdadeiros sentimentos da mãe por ela. Era como derramar uma garrafa de leite: podia limpar-se, mas não dava para pôr outra vez o leite na garrafa.

Sabia agora com toda a certeza que as muitas bofetadas, maldades e palavras cruéis do passado eram todas sintoma do ódio latente que a mãe nutria por ela. Naquela noite, fervera até transbordar.

Não percebia como podia ter arruinado a vida da mãe só por nascer, mas duvidava que houvesse algo que pudesse fazer ou dizer que levasse a mãe a sentir por ela algo diferente. Do mesmo modo, pressentia que nem o médico nem Mrs. Patterson estavam com disposição para mais debates. Assim, não havia outro remédio senão fazer o que eles queriam, deitar-se no sofá e dormir. Fazer ou dizer algo mais só iria pô-los contra ela também.

– Desculpem ser um incómodo – disse ela sem energia, a olhar de um adulto para o outro. – Farei tudo o que disserem.

– Linda menina. – Mrs. Patterson sorriu e afagou-lhe a bochecha com ternura. – Amanhã de manhã vai parecer tudo diferente, vais ver. E podes dormir até tarde, já que é sábado.

*

Uma hora depois Adele continuava acordada, apesar do chocolate quente que Mrs. Patterson lhe preparara, bem como a botija de água quente na barriga dorida. O luar entrava pela janela junto à banca e brilhava nas costas das cadeiras junto à mesa. O sofá em que estava deitada era, na verdade, mais um banco acolchoado, coberto por uma imitação de couro castanha e fendida, e muito duro. Estava atrás da mesa e era usado como assento suplementar.

O apartamento dos Patterson era o maior da casa, mas um pouco escuro. A cozinha e o quarto da frente, onde dormiam Mr. e Mrs. Patterson e a bebé de um ano, Lily, tinham entre eles grandes portas duplas. Depois, havia uma passagem da cozinha para o quarto partilhado por Michael, de quatro anos, e Tommy, de sete, e uma outra porta para o pátio das traseiras.

O que iria ser dela agora? Tinha ouvido o que o pai dissera ao médico, e estava certa de que ele falava a sério. Tanto quanto sabia, os orfanatos eram para crianças pequenas e bebés. Nunca ouvira falar em haver lá alguém com doze anos. Mas só podia arranjar emprego e sustentar-se aos catorze anos.

*

Deve ter por fim adormecido, pois acordou sobressaltada ao ouvir Mrs. Patterson a pôr a chaleira ao lume.

– Desculpa acordar-te, querida – disse ela alegremente. – Dormiste bem? – Foi até ao sofá e afagou o cabelo de Adele.

O cabelo preto da mulher estava agora solto, e era tão comprido que lhe chegava à cintura. Vestia um roupão tão gasto que parecia pronto a desfazer-se.

– Sim, obrigada – respondeu Adele. Ainda lhe doía um pouco a barriga e sentia o rosto dorido, mas fora isso estava bem.

– O meu Alf vai sair agora para o trabalho – disse Mrs. Patterson. – Aconchega-te mais um bocado e eu faço-te uma chávena de chá depois de ter dado o biberão à Lily. Depois também vamos ter uma conversa.

Adele deixou-se ficar durante muito tempo, fingindo dormir enquanto observava e ouvia os Patterson. Viu Mrs. Patterson a despedir-se do marido com um beijo e a dar-lhe sanduíches. A alimentar a bebé Lily e depois dar-lhe banho na banca da cozinha. A fralda molhada de Lily cheirava mal, mas era agradável ouvi-la a gorgolejar e a chapinhar na água. Depois, Michael e Tommy levantaram-se e a mãe preparou-lhes torradas e uma chávena de chá.

Havia na rotina da família um aconchego que Adele nunca havia experimentado. Mrs. Patterson dava palmadinhas carinhosas na cabeça e as nádegas dos filhos, até lhes beijou as bochechas por nenhum motivo em especial, e respondeu às perguntas dos rapazes de uma forma calma e tranquila. Adele estava habituada a que mãe lhe resmungasse.

– Que tal uma chávena de chá? – perguntou Mrs. Patterson quando os rapazes foram vestir-se para o quarto. A bebé Lily foi pousada no chão para brincar com uns blocos de madeira e arrastava-se sobre o rabo. Adele levantou-se com cuidado, ciente de que a camisa de noite de Pamela era demasiado curta, e não se tinha lembrado de trazer roupa para baixo. Mrs. Patterson deve ter-lhe lido os pensamentos. – Logo vamos lá a cima buscar-te umas coisas. Ouvi o teu pai a sair para o trabalho, hoje cedo. É bom sinal, pelo menos não está a cismar.

– Não me parece que ele vá mudar de ideias em relação a mim – afirmou Adele, assumindo que Mrs. Patterson queria dizer que ele não estava a cismar com ela. – Sabe, ele não é meu pai, a minha mãe disse-o ontem à noite.

Mrs. Patterson pôs as mãos nas ancas e fez uma cara carrancuda.

– Pelo que sei, ela disse muitas patetices, mas não conseguiu evitar, amor. Estava fora de si.

– Deve ser verdade. O pai também disse isso ao médico – afirmou Adele numa voz débil, baixando a cabeça com a vergonha. – A minha mãe tem dito muitas coisas horríveis como estas, ultimamente. Disse que tentou livrar-se de mim e que foi a única razão por que casou com o meu pai. Ontem à noite, ela até me quis matar.

Mrs. Patterson calou-se e Adele percebeu que era porque não sabia o que dizer.

– Acho que vou ter de ir para um orfanato, não é? – perguntou Adele depois de ver a mulher mais velha ocupada a preparar o chá, durante uns minutos. –

Não há outro sítio.

De repente, deu por si envolvida num abraço afetuoso.

– Coitadinha – exclamou Mrs. Patterson, apertando-a contra o peito roliço que cheirava a bebé e a torrada. – Isto é um assunto horrível, mas talvez as coisas melhorem depois de a tua mãe descansar no hospital.

Adele gostou do abraço, fê-la sentir-se segura e desejada, algo que nunca havia sentido de verdade. Mesmo assim, pensou que devia informar esta mulher bondosa do que Rose Talbot sentia pela filha mais velha.

– Acho que ela não me vai querer, nem sequer quando melhorar – começou. Levou algum tempo a explicar que as coisas estavam muito más desde a morte de Pamela e que, mesmo antes disso, a mãe a tratava de forma indiferente. – Então, sabe – concluiu –, não há nenhuma razão para eu ter esperança de que vai ficar tudo bem quando ela melhorar.

*

Parecia um dia interminável a Adele. Mrs. Patterson decidiu que não era boa ideia voltar ao apartamento para ir buscar roupa, portanto deu a Adele uma bata sua para vestir. Era de xadrez vermelho e branco e quase tão larga quanto comprida, mas com um cinto amarrado em volta, não parecia muito diferente de um roupão. Adele tentou desviar a atenção do que poderia acontecer-lhe, ajudando no apartamento, mas a barriga dorida era uma lembrança constante. Quando se viu de relance no espelho do quarto de Mrs. Patterson, começou a chorar novamente, pois o olho estava a ficar negro e a cicatriz da face tinha um aspeto horrível.

Por fim, eram sete horas e chegou o Dr. Biggs, mas Jim ainda não regressara a casa.

– Deve ter ido ao *pub* – admitiu Adele.

O Dr. Biggs suspirou e olhou para Mrs. Patterson, cuja expressão dizia: «já esperava isto.» Fez sinal ao médico para ir com ela ao quarto da frente, fechando a porta atrás deles.

– O nosso pai também vai ao *pub* – disse Tommy, levantando os olhos do seu trabalho a desenhar bigodes nas pessoas de uma revista antiga.

Adele conhecia os rapazes Patterson desde sempre e gostava muito deles, ainda que tivessem um ar estranho, com os rostos pálidos, cabelo preto espetado e joelhos cheios de crostas. Como sempre levara Tommy para a escola com Pamela, Adele conhecia-o melhor – era atrevido, barulhento e às vezes um pouco insolente, mas também adorável. Hoje, ele tinha-se esforçado por fazê-la

rir; até o comentário sobre o pai ir ao *pub* era para fazê-la sentir-se melhor. Mas Adele não podia responder, estava a tentar ouvir o que Mrs. Patterson e o médico estavam a dizer.

*

Entretanto, os adultos davam o seu melhor para falar baixo.

– Tenho de fazer um relatório para as autoridades – disse o médico com tristeza. – Suspeito que o Jim não tenciona tomar conta da Adele e não podemos deixar isto arrastar-se. Há mais família? Avós, tias ou tios?

– O Jim tem uma irmã algures no Norte – respondeu Annie. – Mas nunca a vê. Se a Rose tem familiares, nunca cá estiveram.

– Não tem pais? – perguntou o médico.

– Acho que não – respondeu Mrs. Patterson. – Ela cresceu no Sussex, perto do mar, é tudo o que sei.

– Eu pergunto ao Jim quando o contactar – disse o médico. – Se os pais dela ainda forem vivos, talvez ajudem.

– Espero que sim. Aflige-me pensar naquela menina querida a ir para um orfanato – disse Annie Patterson. Houve uma espécie de pausa na voz, como se ela estivesse a chorar.

– Vou escrever um bilhete ao Jim, e a Adele pode deixá-lo lá em cima quando for buscar roupa.

– Duvido que ele saiba ler – disse Annie com desprezo. – Sabe, ele tem um parafuso a menos.

– Eu sei – concordou o Dr. Biggs. A mulher dele informara-o disso na noite anterior. Ela ouvia todos os mexericos da vizinhança. Segundo lhe disseram, a família de Jim, os Talbot, era uma família de Somers Town com má reputação, em inícios de 1900; os rapazes todos patifes e bandidos, as raparigas pegas e os pais ainda pior. Jim era o mais novo de oito, e geralmente conhecido por ser atrasado. Alistara-se em 1917, aos dezoito anos, e assumiu-se que devia ter morrido em França, como pelo menos três dos irmãos, pois não voltara. Os pais e as duas irmãs mais novas que ainda viviam em casa morreram com a gripe espanhola de 1919.

Todos ficaram perplexos quando, quatro anos mais tarde, Jim Talbot apareceu de repente em Somers Town. Não só porque tinha sobrevivido à guerra que matara muitos dos jovens da zona, mas também porque voltara com uma mulher bonita e bem-educada, e ainda uma filha de quatro anos. Ficaram ainda mais perplexos quando ele conseguiu arranjar emprego numa serração, e

descobriram que a mulher não era uma galdéria, como a mãe e irmãs dele haviam sido.

À luz do que o Dr. Biggs ouvira na noite anterior, parecia provável que Rose Talbot só se tivesse casado com Jim como último recurso, por estar grávida de outro. Acreditava que os anos a viver com um homem que não amava, em circunstâncias consideravelmente miseráveis em comparação com aquilo a que estava habituada, haviam causado a Rose um enorme e crescente ressentimento em relação a Adele.

O Dr. Biggs não conseguia sentir grande compaixão por Rose, que não tinha o direito de culpar uma criança inocente pelos seus erros ou infortúnios. Mas tinha alguma pena de Jim, pois ele tivera de os enfrentar desde o nascimento. Sem dúvida que ele hoje havia consultado os colegas de trabalho, e todos o teriam encorajaram a rejeitar Adele. Talvez ele tenha pensado nisto também como forma de mostrar a Rose que estava cansado de ser o seu sustento e capacho.

– Vou escrever um bilhete, de qualquer forma – disse ele. – Mas voltarei de manhã para tentar apanhar o Jim.

*

Adele subiu as escadas com muita relutância, com o bilhete do Dr. Biggs na mão. Tinha medo de entrar no apartamento, só lhe ia recordar a mãe com a faca. Como o pai não tinha voltado para falar com o Dr. Biggs, era claro que não queria saber o que lhe acontecia. Adele desejava ter sido ela a morrer, e não Pamela.

Quando abriu a porta do apartamento e acendeu a luz, sentiu-se agoniada. As caçarolas e os pratos partidos continuavam no chão, e havia uma mancha de sangue na toalha de mesa, juntamente com a faca. Também cheirava mal, a bebida, cigarros, às meias e ao suor do pai. Queria sair a correr e nunca mais voltar, mas fortaleceu-se para ir ao quarto buscar as coisas.

Não tinha muito para recolher, apenas a sua melhor saia e a camisola de domingo, uma camisola interior limpa, o uniforme da escola, cuecas e um par de meias e os sapatos. Estava prestes a pôr as coisas na pasta da escola quando se lembrou de que havia uma mala pequena em cima do guarda-vestidos do quarto dos pais.

O quarto deles cheirava ainda pior do que a sala de estar, e a cama estava por fazer. Havia mais manchas de sangue nas almofadas, supunha que do corte no rosto do pai. Ficou ali junto ao toucador a ver-se ao espelho, por um momento.

Era horrível, pensou, não admirava que ninguém a quisesse. Mesmo antes de ter o olho negro e a cicatriz na bochecha, não era bonita. O cabelo sem brilho, desgrenhado, bege, a pele macilenta, até os olhos não eram de uma cor decente, como castanho ou azul, eram de uma cor esverdeada que um dia a mãe disse ser como a água do canal.

Não admirava que a mãe estivesse zangada por lhe ter morrido a filha bonita, em vez da que não tinha grande beleza.

Puxando a cadeira do quarto, Adele subiu para chegar à mala, e quando a levantou viu que estava coberta com um espesso manto de pó. Pousou-a na cama e limpou-a com o rebordo da colcha.

Não tinha nada dentro, além de umas cartas antigas, mas quando Adele pegou nelas, com a intenção de as meter na gaveta do toucador, lembrou-se de repente de que o médico tinha perguntado se tinham familiares.

Folheou as cartas, mas pareciam ser todas da mesma pessoa e dirigidas ao pai. Abriu uma e viu que era da irmã dele que vivia em Manchester. Desapontada, arrumou-as todas juntas, mas quando algumas caíram da pilha e ela se curvou para as apanhar, reparou numa com uma caligrafia bem diferente, endereçada a Miss Rose Harris, o nome de solteira da mãe.

O envelope amarelecera com a idade, e não fora sequer enviado para esta morada. Mas enquanto a segurava na mão e olhava para ela, lembrou-se de repente das palavras de Mrs. Patterson: «cresceu no Sussex, perto do mar.»

Esta carta era endereçada a Curlew Cottage, Winchelsea Beach, Rye, Sussex.

Como a mãe nunca mencionara os pais, Adele pensava que eles tinham morrido, mas estava curiosa para saber de quem era esta carta e tirou-a do envelope. Era de alguém de Tunbridge Wells, no Kent, datada de oito de julho de 1915.

Querida Rose – leu.

Fiquei muito contente por ter notícias tuas ao fim deste tempo todo. Tive muitas saudades depois de ires embora, e todas as meninas perguntam se tenho tido notícias tuas. Suponho que seja um pouco monótono viver mesmo no campo, mas também é monótono em todo o lado, quando só se fala sobre a guerra. Muitas das raparigas da escola perderam os pais e os irmãos. Ainda bem que o meu pai não tem de ir e que não tenho irmãos com idade suficiente. Espero que o teu pai fique a salvo.

A tua mãe obriga-te a tricotar meias e cachecóis? A minha obriga. Estou farta de lã cinzenta. Hoje à tarde, estávamos a jogar ténis e a Muriel

Stepford contou que vai tentar ser enfermeira. Disse que é por ter pena de todos os soldados feridos, mas todas achamos que ela tem medo de ficar para tia, já que aqui restam poucos homens da idade dela.

Escreve em breve e conta-me o que fazes o dia todo. É verdade que crias galinhas e cultivas legumes, ou era uma piada? Não consigo imaginar-te a sujar as mãos.

Com amizade,

Alice

*

Adele leu a carta três vezes, intrigada por ter um pequeno vislumbre do passado da mãe, do qual ela nada sabia. Esta Alice seria uma boa amiga? A mãe e os pais ter-se-iam mudado de Tunbridge Wells por causa da guerra? Os avós ainda viveriam em Curlew Cottage?

Fora escrita há dezasseis anos, quatro anos antes de ela nascer, mas como não sabia ao certo a idade da mãe, não conseguia sequer adivinhar a idade dos avós.

Mas ouvira o médico dizer que ia perguntar a Jim sobre a família, portanto voltou a juntá-la às outras cartas e encheu a mala com as suas coisas. Depois saiu do apartamento, fechando a porta atrás de si.

*

Na manhã seguinte, quando os sinos da igreja tocavam para a missa de domingo, o Dr. Biggs voltou. Entrou em casa dos Patterson por um bocado, perguntou a Adele como se sentia, e disse que havia contactado o hospital para onde a mãe fora levada e que ela estava muito mais calma.

– Quanto tempo acha que a vão ter lá? – perguntou Mrs. Patterson.

– Neste momento, não sei dizer – respondeu o Dr. Biggs com prudência. – Agora, vou lá a cima ver Mr. Talbot.

O médico não ficou muito tempo com o pai, e quando voltou para baixo parecia afogueado e irritado.

– Vai lá para fora para o pátio com os meninos – disse Mrs. Patterson, dando a Adele um empurrãozinho nas costas em direção à porta.

Adele foi, mas não lá para fora. Apenas fechou a porta da sala e ficou à espera do lado de fora. Queria saber o que o pai tinha dito para irritar o médico.

Não teve de esperar muito. O médico perdeu as estribeiras.

– Aquele homem é tão estúpido, mais valia eu ter falado com uma parede de tijolos – afirmou. – Mostra-se inflexível, a Adele não é filha dele. Disse que

conheceu a mãe quando ela estava grávida e pode prová-lo, porque na altura ainda estava em França.

– Mas ao casar-se com a Rose, torna-se com certeza responsável pela Adele, seja quem for o verdadeiro pai – disse Mrs. Patterson.

– Tecnicamente, sim. Mas conheces a expressão «podes levar um cavalo à água, mas não podes obrigá-lo a beber» – respondeu o médico. – Como posso ir-me embora e deixar uma menina tão jovem nas mãos de alguém tão cheio de raiva e rancor? Tudo pode acontecer.

– Então o que vamos fazer? – perguntou Mrs. Patterson.

– Vou ter de fazer um pedido de acolhimento. Não há mais nada a fazer, Annie. A Rose é doente mental, não sei sequer dizer se vai recuperar. Além disso, a longo prazo talvez seja melhor; suspeito que a criança foi maltratada durante muitos anos. Se eu a tirar daqui agora, será melhor para ela.

– Perguntou ao Jim se há avós?

– Sim, mas ele não sabe nada deles. Disse que a Rose se desentendeu com a mãe muito antes de ele a conhecer, e que elas não se contactam desde então.

Naquele momento, Lily começou a chorar alto impedindo Adele de escutar tudo o que os adultos disseram. Nervosa, esperou que Lily parasse de chorar, mas ela continuou, sobrepondo-se a tudo.

Adele voltou para a sala de estar pouco depois. O Dr. Biggs sorriu-lhe.

– Estava a dizer a Mrs. Patterson que acho melhor ficares em casa e não ires à escola uns dias, até esse olho melhorar – disse ele. – Tenho a certeza de que não queres que ninguém te faça perguntas sobre isso, pois não?

Adele olhou dele para Mrs. Patterson, sentindo que haviam combinado algo entre eles. Perguntava-se o porquê de os adultos repreenderem as crianças por serem enganadoras quando eles próprios o eram sempre.

CAPÍTULO 4

Na manhã seguinte, enquanto Adele comia as papas de aveia, Mrs. Patterson dava um nó na gravata de Tommy.

– Está na hora de um menino grande como tu aprender a dar o nó sozinho – disse ela, dando-lhe um beliscão brincalhão na orelha.

– Eu gosto que o faças – respondeu Tommy, e esticou-se para fazer cócegas à mãe debaixo do queixo, fazendo-a rir.

Aquela troca de afetos provocou um nó na garganta de Adele. Nos últimos dois dias, vira muitas pequenas manifestações de amor entre os membros daquela família, e cada uma delas lhe lembrava com tristeza que nunca experimentara tal afeto de nenhum dos pais. Tinha chegado à conclusão de que a culpa devia ser dela, pois, afinal, eles mostravam afeto por Pamela.

– A Adele vai levar-me à escola? – perguntou Tommy assim que o nó da gravata ficou feito.

– Claro que não – disse Mrs. Patterson a olhar para Adele, ainda sentada à mesa. Adele deixara de o levar depois da morte de Pamela. – Porque deveria? Já és crescido.

Tommy olhou para Adele.

– Por favor?

– A Adele ainda não está bem – disse-lhe a mãe com vivacidade. – Precisa de descansar.

– Não preciso – disse Adele, levantando-se. Ficou comovida por Tommy a querer com ele. – Gostava de o levar. – Mrs. Patterson hesitou. – Por favor? Eu gostava de sair – insistiu Adele.

– Então está bem – concordou Mrs. Patterson. – Mas vem logo para casa, o médico disse que devias descansar.

*

Adele não imaginara que levar Tommy à escola fosse trazer memórias tão vívidas de Pamela. Tommy comportou-se como sempre, um minuto a correr com um pé na valeta e o outro no passeio, no seguinte a precipitar-se para ela, de braços abertos, a fazer de conta que era um avião. Pamela dava sempre a

mão a Adele e queixava-se de que Tommy as embaraçava. Adele tinha saudades da mãozinha dela, do olhar desdenhoso no rosto da irmã, e da maneira como ela se ria quando Tommy lhe fazia caretas.

A escola primária era um edifício grande e antigo enegrecido pela fuligem, com três andares, as turmas da pré-primária de um lado e o primeiro ciclo do outro, com entradas e recreios separados.

– Vemo-nos à hora do jantar – disse Tommy antes de entrar a correr pelos portões.

Adele ficou ali por um momento, a olhar através das grades enquanto ele era engolido por uma multidão de rapazinhos. As meninas do primeiro ciclo estavam a reunir-se no outro lado do recreio e, por um breve momento, Adele deu por si automaticamente à procura de Pamela entre elas.

Foi o medo de tais lembranças da irmã que a impedira de levar Tommy à escola depois da morte de Pamela. No entanto, embora fosse muito estranho estar ali outra vez, a ouvir o mesmo barulho ensurdecedor de duzentas ou mais crianças a gritar ao mesmo tempo, era também estranhamente reconfortante. Enquanto via os meninos a brincar às lutas e as meninas a saltar de mãos dadas, tal como faziam sempre, sentiu que acontecia uma espécie de continuidade da vida, independente da morte de Pamela.

Lembrou-se do dia em que a irmã mais nova entrou para a escola primária. Ela estava muito assustada, e no caminho para lá perguntou a Adele se era verdade que as crianças mais velhas empurravam as caras das novas para dentro dos lavatórios. Adele asseverou-lhe que era só uma história parva para assustar as crianças novas e que, de qualquer forma, ela estaria lá, na turma dos mais velhos, e assegurar-se-ia que nada de mal lhe acontecesse.

Adele orgulhava-se de ter uma irmã tão bonita. Mesmo quando lhe caíram os dois dentes da frente, Pamela continuava mais querida e encantadora do que qualquer outra rapariga da turma. Adele via-a agora, a saltitar no recreio, as tranças loiras bem arranjadas a subir e descer enquanto ela pulava. Algumas das meninas da turma de Adele distanciavam-se por completo das irmãs mais novas, mas ela não – não se poupava a esforços para exibir Pamela.

Em setembro do ano anterior, quando Adele teve de seguir para a escola secundária, foi a vez de Pamela perguntar à irmã se tinha medo.

– Vou contigo, se quiseres – voluntariara-se ela enquanto seguiam juntas pela rua. – Vou dizer a todas as raparigas grandes que têm de ser simpáticas contigo, tal como tu fizeste por mim.

Adele rira-se. Era engraçado pensar numa criança de oito anos a imaginar que podia mandar em meninas grandes. No entanto, a preocupação de Pamela por ela tinha feito com que sentisse menos medo de começar na escola secundária.

Ficou um pouco a ver as crianças brincar, a perguntar-se se naquele dia viria alguém para a levar. Embora, de certo modo, quisesse que a levassem, uma vez que significava o fim da ansiedade e um novo começo, em parte estava muito assustada. Só conseguia compará-lo a entrar na escola secundária, mas lá, pelo menos, conhecia outras crianças da escola primária. Muitas delas viviam apenas a algumas portas de distância. Para onde quer que a levassem agora, iam ser todos desconhecidos.

*

– Vêm buscar-me hoje? – deixou Adele escapar de repente, enquanto ajudava Mrs. Patterson a estender a roupa na corda do pátio. Tinham tomado uma chávena de chá juntas quando voltou da caminhada para a escola de Tommy, e pressentiu, por Annie não relaxar, a remexer-se na cadeira a cada minuto e a arrumar coisas, que algo se passava. Adele viu uma expressão fugidia no rosto da mulher, e percebeu que ela ia mentir-lhe. – Sei que vem aí alguém – afirmou, a olhar com persistência para ela. – Só quero saber se é hoje.

*

Annie Patterson sempre gostara de Adele, desde o dia em que os Talbot se haviam mudado lá para cima. Nesse dia, chovia muito; Jim e Rose debatiam-se para levar as coisas para cima, e Pamela, na altura recém-nascida, gritava a plenos pulmões. Annie oferecera-se para levar as duas crianças para dentro, enquanto o casal se organizava. Tinha acabado de descobrir que estava grávida de Tommy, por isso as crianças interessavam-lhe.

Mesmo aos quatro anos, a fazer cinco, Adele era uma menina engraçada, estranhamente bem-comportada, com modo de ser adulto quase arrepiante. «A mamã fica muito cansada», disse ela, pouco depois de Annie ter tirado a bebé do carrinho para a acalmar. «Eu embalo muito o carrinho, mas a pequena Pammy não gosta muito, quer que a mamã lhe dê mimos.»

Annie lembrava-se de perguntar a Adele o que achava da irmãzinha. «É linda, quando não está a chorar», respondeu ela com ponderação. «Quando ela aprender a andar, levo-a sempre a sair e a mamã pode descansar.»

Foi exatamente assim que acabou por ser. Aos seis anos, Adele empurrava a irmã mais nova pela rua num carrinho de bebé. Annie lembrava-se de a ver

pela janela do quarto da frente e perguntar-se como é que uma mãe podia confiar numa criança tão pequena para tomar conta de um bebé. Embora fosse verdade que a maioria das outras famílias da rua usavam os filhos mais velhos como amas dos mais novos, Rose parecia demasiado bem-educada para ser tão descuidada.

Mas Annie depressa descobriu que havia algo em Adele que inspirava confiança. Quando estava grávida de Michael, deixava Adele levar Tommy ao parque com Pamela para poder descansar um pouco. Gostava sempre que a menina entrasse para o ver, pois lia para ele, jogava jogos e, de uma maneira geral, entretinha-o. Era uma autêntica mãezinha, e muito inteligente.

Ao longo dos anos, Annie viu muitas vezes Adele com nódoas negras, mas ela era tão boa menina que nunca lhe ocorreu que fosse a mãe a fazer-lhas. Só nos últimos dois ou três anos ficou desconfiada. Reparou que as roupas de Pamela eram muito melhores do que as de Adele, e Pamela tinha também um ar roliço e saudável, enquanto Adele era magra como um cão e andava quase sempre constipada. Via muitas vezes Rose de mão dada a Pamela enquanto seguiam pela rua, e surpreendia-a que Rose nunca saísse com Adele. Nunca em oito anos vira Rose beijar a filha mais velha, dar-lhe um mimo ou sequer uma palmadinha afetuosa na cabeça. No entanto, tinha-a visto fazer tudo isso a Pamela.

*

Agora, Annie sentia-se envergonhada. Não só dececionara Adele por não ter seguido o seu instinto há muito tempo, como também o fazia outra vez ao conspirar com o Dr. Biggs sobre a assistente social que a ia levar.

Perscrutou os olhos estranhos da criança e percebeu que não lhe podia mentir.

– Sim, minha querida – disse ela com um suspiro –, virá alguém hoje.

– Vou para um orfanato? – perguntou Adele.

– Se o Dr. Biggs conseguir evitar, não – disse Annie com sinceridade. – Ele acha que serias mais feliz numa casa particular. Talvez com alguém bondoso, que tenha filhos com quem possas ajudar. Parece bem, não parece?

Adele tinha alguma certeza de que Mrs. Patterson não estava convencida de que seria bom para ela, senão teria dito algo mais cedo. Mas assentiu e tentou sorrir como se estivesse satisfeita. Sabia que não teria escolha, de qualquer forma, e não queria que Mrs. Patterson se sentisse mal por isso.

*

Uma mulher de chapéu castanho e fato de *tweed*, que parecia professora, chegou pouco antes do meio-dia.

– Sou a Miss Sutch – disse ela, apertando a mão a Mrs. Patterson e sorrindo a Adele. – Vamos dar um passeio de comboio até ao campo, Adele – disse ela. – Encontrámos um sítio adorável para ficares até a tua mãe melhorar.

Pegou na bebé Lily e disse que era um bebé muito bonito, e perguntou a Michael quantos anos tinha e quando começaria a escola. Depois, sentou-se à mesa como se fosse uma velha amiga.

Enquanto todos bebiam uma chávena de chá, Adele estudava a mulher. Imaginou que tinha cerca de quarenta anos – não exatamente velha, mas a envelhecer. Era alta e magra, com sardas pelo rosto todo, e quando tirou o chapéu, o cabelo era bastante bonito – uma espécie de ruivo dourado, curto e encaracolado. Mrs. Patterson admirou-o e Miss Sutch passou os dedos por ele.

– Não ia gostar de o ter. – Ela riu-se. – Se o deixar crescer, não consigo fazer nada com ele. Quando eu era pequena, a minha ama costumava forçar o pente pelo emaranhado e fazia-me chorar. Eu achava o cabelo encaracolado uma maldição.

Adele pensou que ela era uma mulher simpática, pois não era severa nem condescendente. Gostava do seu riso jovial, e do facto de não olhar como se a sala cheirasse mal. Miss Sutch até deu mimos a Lily e limpou o nariz da bebé no próprio lenço, como se fosse uma familiar. Mas, acima de tudo, parecia sentir uma preocupação genuína com a situação difícil de Adele e querer melhorá-la.

– Arranjámos lugar para ti em The Firs – disse ela, olhando Adele diretamente nos olhos. – É uma casa de família no Kent. Mr. e Mrs. Makepeace acolhem crianças há vários anos, a maior parte como tu, que precisam de uma casa temporária por uns tempos. Vais ser a mais velha. – Fez uma pausa e sorriu de forma encorajadora. – Tens muita sorte por eles terem espaço para ti neste momento. Há um baloiço no jardim, muitos livros e jogos. Mrs. Makepeace leva muitas vezes as crianças a fazer piqueniques e à praia, no verão. Vais adorar.

– E onde vou à escola? – perguntou Adele com receio.

– Mr. Makepeace é professor, por isso terás aulas com ele, pelo menos por enquanto – disse Miss Sutch. – O que te parece?

– Bem – disse Adele num tom sincero.

– Então está bem, é melhor irmos andando – disse Miss Sutch. – Tens as tuas coisas prontas?

– Ela não tem muito – disse Mrs. Patterson, levantando-se e tirando a pequena mala de Adele de debaixo do sofá. – Vai precisar de sapatos novos, os dela têm buracos.

– Mrs. Makepeace tratará disso – disse Miss Sutch num tom alegre. – Então, vamos despedir-nos de Mrs. Patterson e depois vamos embora.

Mrs. Patterson envolveu Adele num abraço afetuoso.

– Porta-te bem – disse ela, dando-lhe um beijo na testa. – E escreve-me a contar como estás. Vai correr tudo bem, vais ver.

– Os meus pais vão saber onde estou? – sussurrou Adele, de repente nervosa outra vez.

– Claro que sim – respondeu Mrs. Patterson. – O Dr. Biggs organizou isto tudo, amor, por isso vai acompanhando a situação.

Adele deu um beijo à bebé Lily e afagou a cabeça de Michael, porque ele nunca deixava que ela o beijasse.

– Obrigada por tomar conta de mim – disse ela a Mrs. Patterson. – E despeça-se do Tommy por mim.

Sentia-se um pouco estranha ao descer a rua em direção à estação de metro com Miss Sutch. Vivia ali desde que se lembrava e, tirando uma viagem de um dia a Southend com a catequese, nunca tinha saído de Londres. Embora tivesse sido infeliz em casa na maior parte do tempo, todas as boas memórias de Pamela pertenciam ali, e não sabia bem se queria deixá-las para trás.

– Podes sempre voltar, sabes? – disse de repente Miss Sutch, como se tivesse lido a mente de Adele. – Às vezes volto à aldeia onde vivia em criança. Ando por lá e olho para as coisas, lembro-me das pessoas boas e das que eram más para mim. Depois, de repente descubro que estou contente por já não viver lá. Sabes, vamos mudando com as diferentes experiências. O que em tempos foi bom para ti, não será bom para sempre.

*

Para surpresa de Adele, o comboio levou-as a Tunbridge Wells, o mesmo sítio de onde tinha vindo a velha carta para a mãe. Teria falado a Miss Sutch sobre isso, mas de repente, à chegada, a mulher pareceu agitada, a olhar para o relógio e a dizer que teriam de apanhar um táxi para The Firs, pois tinha de estar de volta a Londres às seis e meia.

Pelo que Adele conseguiu ver da cidade de dentro do comboio, parecia interessante. As casas eram antigas, mas não degradadas, como aquelas junto às estações em Londres. Enquanto se apressavam para apanhar um táxi, Miss

Sutch disse que, no século XIX, as pessoas vinham a Tunbridge Wells para tomar as águas. Adele pensou que isso significava que na cidade existia uma nascente que era medicinal. Teria gostado de saber mais, mas Miss Sutch começou a falar com o taxista, para ele ficar à espera e levá-la de volta à estação.

Assim que haviam saído de Londres, a viagem de comboio continuara através de amplas zonas rurais, e Adele ficara encantada ao ver os cordeiros a brincar nos campos, as prímulas a crescer nas margens do caminho de ferro, e as casas bonitas que pareciam saídas dos livros de histórias. Mas quando o táxi deixou Tunbridge Wells e virou para ruelas estreitas e sinuosas, com sebes espessas de ambos os lados e sem casas, Adele começou a sentir-se um pouco ansiosa.

Começou também a chover muito; o céu ficou tão negro que, de repente, os ramos despidos das árvores pareciam ameaçadores.

– É muito longe das lojas – aventurou-se.

– Porque precisarias de lojas? – perguntou Miss Sutch com rispidez. – Mr. e Mrs. Makepeace vão garantir que tens tudo de que necessitas.

Adele não se sentia capaz de dizer que tinha medo de não saber exatamente onde estava. Soaria desconfiada e ingrata, mas sentou-se muito direita e tentou tomar nota de pontos de referência, para se sentir menos perdida.

O táxi saiu da ruela para um caminho irregular e enlameado. Adele e Miss Sutch foram atiradas de um lado para o outro no assento escorregadio, enquanto o motorista praguejava baixinho.

– Se esta chuva continuar, daqui a pouco não se consegue passar – disse ele, virando a cabeça e lançando um olhar admoestador a Miss Sutch. – Não me faça esperar muito!

– Vou só levá-la para dentro e saio já – assegurou-lhe Miss Sutch, e depois deu uma palmadinha no joelho de Adele. – Desculpa, minha querida. Tencionava ficar para tomar chá e ajudar a instalar-te, mas estás a ver como é para mim. Mas ficas bem. Mrs. Makepeace é muito acolhedora.

De repente, Adele viu o seu destino mesmo em frente. Era uma casa de tijolo vermelho simples, com tubos de chaminé altos, parcialmente coberta de hera e rodeada por abetos altos, dos quais recebera o nome. Era um longo caminho até para o vizinho mais próximo.

– Uma localização esplêndida – disse Miss Sutch com um suspiro satisfeito. – Claro que é uma pena que não a tenhas visto pela primeira vez ao sol, mas

tens o verão todo à tua frente para isso. Bem, motorista, espere aqui, eu não me demoro.

*

Miss Sutch não demorou muito. Na verdade, não fez mais que levar Adele à porta da frente, tocar à campainha e, uma vez aberta a porta por uma mulher robusta de cabelo grisalho, com um vestido floral, começar as suas desculpas.

– Esta é a Adele Talbot. Creio que está à espera dela. Eu gostava muito de entrar, mas tenho de ir, porque deixei o táxi à espera e o condutor está a ficar cada vez mais resmungão, porque tem medo de ficar atolado na lama.

– Sou a Mrs. Makepeace, amor – disse a mulher com um sorriso, tirando a pequena mala de Adele a Miss Sutch. – Entra e anda conhecer os outros, está quase na hora do lanche.

Adele sentiu-se desiludida com a pressa de Miss Sutch em ir embora; fazia com que o interesse demonstrado quando foi buscá-la a Charlton Street parecesse afinal falso. Mas Mrs. Makepeace parecia simpática, e mesmo que este sítio fosse muito isolado, teria a companhia de outras crianças.

– Adeus – disse ela, voltando-se para Miss Sutch. – Obrigada por me trazer aqui.

– Uma rapariga tão bem educada! – Miss Sutch sorriu afetadamente, já a recuar para o táxi. – Não vai ter problemas com esta, Mrs. Makepeace. Bem, tenho de ir.

– Aquela bem podia aprender bons modos – disse Mrs. Makepeace enquanto conduzia Adele para o vestíbulo e fechava a porta atrás dela. – É sempre a mesma, apressada como a Lebre de Março. Pergunto-me muitas vezes se o chefe sabe que ela é uma descuidada. Mas ela também não faz ideia do que é não ter casa nem família, criada no seio da abundância, sortuda! Bem, vamos para a cozinha, conhecer toda a gente. Somos uma família grande e feliz, por isso não tens nada a temer.

O grande vestíbulo estava muito despido, só com o chão de madeira brilhante e um aparador antigo, mas continha uma grande jarra de narcisos amarelos e cheirava a polimento de lavanda.

A primeira impressão de Adele da cozinha e da «nova família» foi de surpresa, por ambas serem tão grandes. Quando Mrs. Makepeace abriu a porta, viu uma mesa enorme com o que parecia uma dúzia de crianças sentadas em volta, todas a olhar para ela.

– Esta é a vossa nova amiga, a Adele – disse Mrs. Makepeace, anunciando-a e pousando a mala junto a um armário. – Vou começar pelos mais novos. Mary, Susan, John, Willy, Frank – disse, apontando para cada criança em volta da mesa. – Lizzie, Bertie, Colin, Janice, Freda, Jack e Beryl. Então, o que dizemos aos novos amigos, meninos?

– Bem-vinda – disseram como um só, em coro.

– Isso mesmo, bem-vinda. – Mrs. Makepeace lançou um sorriso aberto a Adele. – Há um lugar vago à tua espera ao lado da Beryl. Vou só preparar o bule de chá e vamos todos começar.

Adele tinha a certeza de que nunca se lembraria do nome de todos. Só tinha apanhado o de Mary, que era uma bebé, não mais de dezoito meses, sentada numa cadeira alta a mastigar uma côdea de pão, e da mais velha, Beryl, que tinha talvez onze anos. Os outros variavam entre os três e os dez anos e eram todos bastante banais, tão mal vestidos como ela e igualmente magros.

– Agora as graças, por favor – disse Mrs. Makepeace ao pousar um grande bule de esmalte branco na mesa.

Todos, exceto a pequena Mary, se levantaram de um salto e puseram-se atrás das cadeiras, curvando a cabeça com as mãos unidas.

– Agradecemos ao Senhor que nos pôs esta comida na mesa – disse Mrs. Makepeace. – Que nos lembremos de que, não fora a sua bondade, podíamos estar famintos e negligenciados. Amém. – O coro de «Amém» veio com o arrastar das cadeiras a serem puxadas outra vez para trás. – Passa o pão, Beryl – pediu Mrs. Makepeace.

A montanha de pão escassamente barrado com margarina desapareceu à velocidade da luz. Adele ficou a saber que tinham de comer os dois primeiros pedaços sem nada, depois no terceiro podiam pôr compota. Não havia uma quarta fatia, pois tinha desaparecido tudo. O chá era aguado, sem açúcar, e a peça final era uma pequena fatia de bolo que se parecia um pouco com pudim de pão, mas sem grande sabor e poucas sultanas.

Para Adele era suficiente, uma vez que Miss Sutch lhe tinha dado uma maçã e um biscoito de chocolate na viagem de comboio. Mas pensou que as outras crianças continuavam com fome, pois haviam despachado a fatia de bolo ainda antes de ela começar, e olhavam para a dela como que à espera que a deixasse no prato.

Estavam todos muito calados. De vez em quando, Mrs. Makepeace fazia uma pergunta e respondiam-lhe, mas além disso não havia mais conversa.

Apesar do tamanho, a cozinha tinha uma qualidade acolhedora, aquecida pelo fogão. Um armário enorme ocupava uma parede e estava cheio de porcelana, bibelôs e grandes latas. Um cabide de madeira suspendia do teto, com roupa a secar ou a arejar. Havia fotos da realeza, de animais e flores recortadas de revistas presas nas paredes de um tom verde-claro, plantas no parapeito da janela e um enorme gato malhado a dormir numa poltrona junto ao fogão.

Deram-se novamente graças depois do lanche, e a seguir mandaram Freda, Jack e Beryl, os mais velhos, ficar para lavar a loiça, enquanto Janice deveria levar Adele e os outros para o quarto de brincar.

– Só começas os teus deveres amanhã – disse Mrs. Makepeace a Adele. – A Beryl explica-te isso tudo mais logo, quando te mostrar a cama. Então vai lá e vai conhecendo os mais pequenos.

Janice, que mais tarde informou Adele de que tinha oito anos, limpou a cara e as mãos da bebé Mary com um pano da louça, e depois, segurando-a de pernas abertas junto à anca, indicou o caminho para o quarto de brincar, seguida pelos outros em fila. Uma pequena mão estendeu-se para a de Adele e, quando ela olhou para baixo, viu que era Susan, a segunda mais nova, com cerca de três anos. Tinha estrabismo e cabelo claro, fino e desgrenhado, e a mãozinha era muito áspera. Quando Adele a olhou, mais tarde, viu que estava escamosa e irritada.

O quarto de brincar também estava quente. Havia uma fogueira a carvão atrás de um grande guarda-fogo, e tal como a cozinha tinha um ar já gasto. Um sofá imenso e decrépito encontrava-se junto ao fogo e havia várias poltronas igualmente coçadas, uma grande mesa com um *puzzle* meio feito, e várias caixas de revistas de banda desenhada, livros e brinquedos.

Era mais agradável do que Adele esperara, e para lá das grandes portas envidraçadas ficava o jardim, que um baloiço completava. A chuva fazia-o parecer triste, mas para Adele, que nunca tinha tido um jardim para onde ir, era adorável. Também ficou satisfeita por a maior parte das outras crianças ser pequena. Susan continuava agarrada à sua mão e isso fazia-a sentir-se muito bem-vinda.

– De onde vieste? – perguntou Janice, sentada junto à fogueira com Mary no colo.

– De Londres – respondeu Adele, sentada ao lado dela e a puxar Susan para perto dela. – Aqui é bom?

– Frank! Não mexas nesse *puzzle*, senão o Jack dá cabo de ti – gritou Janice a um dos rapazes mais pequenos. Olhou para Adele e sorriu. – O Jack adora *puzzles* e não suporta os desfaçam antes de ele acabar. Sim, aqui é bom. Mas gostava de poder ir para casa, ter com a minha mãe.

Janice lembrava um pouco Pamela a Adele. Não era bonita como ela – tinha o cabelo castanho baço e os dentes a escurecer –, mas era da mesma idade e tinha o mesmo aspeto confiante.

– Então tens mãe? – perguntou Adele.

Janice anuiu.

– A maioria de nós tem. A minha está doente, e a minha tia só podia tomar conta do bebé, por isso eu e o Willy viemos para cá. Aquele é o meu irmão Willy – disse ela, apontando para um menino pequeno de cabelo ruivo. – Tem agora quatro anos. Mas acho que, se a minha mãe não melhorar depressa, vão pôr-nos noutro sítio.

– Porquê? – perguntou Adele.

Janice encolheu os ombros.

– Aqui só aceitam crianças por pouco tempo. Mr. Makepeace faz-nos aquilo a que chama avaliações.

– Onde está ele? – Até àquele momento, Adele esquecera-se de que também havia um Mr. Makepeace.

– Não sei, ele sai muito – disse Janice. – Às vezes passamos dias sem o ver. – A observação levou Adele a perguntar sobre as aulas, e Janice disse que não tinham muitas. Disse que aqueles que, como ela, já sabiam ler e escrever, eram instruídos a ler um capítulo de um livro, e depois escrever pelas próprias palavras sobre que tratava. – Uma vez por semana, Mr. Makepeace põe muitas contas no quadro da sala de aula – continuou Janice. – Temos de ficar lá até as fazermos bem. Mas é fácil, ele nunca nos dá contas muito difíceis. Depois, Mrs. Makepeace também nos faz um teste de ortografia. Obriga-nos a escrever as palavras em que nos enganámos até nos lembrarmos delas.

Adele perguntou-se se Mr. Makepeace ditaria um trabalho diferente para as crianças mais velhas, como ela. Ela já era boa a aritmética e ortografia, mas queria melhorar ainda mais.

– Então o que fazes o resto do tempo? – perguntou.

– Temos trabalhos para fazer – respondeu Janice, olhando para Adele de um modo estranho, como que surpreendida por ela não saber. – Depois brincamos lá fora, se estiver bom. Aqui não é muito difícil. Só te ralham se fizeres uma coisa muito má. Mas gostava de poder ir para casa.

Escurecera lá fora quando Beryl voltou da cozinha e levou Adele ao andar de cima, para lhe mostrar os quartos. Era apenas um ano mais nova do que Adele, uma rapariga delicada de cabelo escuro, que parecia estar sempre numa ansiedade extrema em relação a absolutamente tudo.

Adele ia partilhar um quarto com ela e com Freda, que tinha dez anos. Estava frio, mobilado apenas com camas de ferro, um armário para cada uma e um lavatório. Ficava junto ao quarto dos bebés, onde dormiam a bebé Mary, e Susan e John, as duas crianças de três anos. Ao que parecia esperava-se que as meninas mais velhas tomassem conta dos mais novos durante a noite.

– Mrs. Makepeace fica mesmo zangada se a acordam – disse Beryl. Os seus olhos escuros percorriam o quarto, como se convencida de que alguém a escutava às escondidas. – A Freda nunca acorda, por isso sou sempre eu que tenho de tratar deles. Vais ajudar-me, não vais?

Adele assegurou-lhe que sim, e ela mostrou-lhe então os outros quartos. Lizzie e Janice tinham um quarto delas, com duas camas suplementares. Os restantes cinco rapazes, incluindo o irmão de quatro anos de Janice, partilhavam outro, sendo Jack, de dez anos, o responsável.

– O Bertie e o Colin são umas pestes – disse Beryl com um suspiro. – Estão sempre a fazer das suas, a tentar esgueirar-se lá para baixo para ir buscar mais comida, ou a fazer lutas de almofadas. O Jack não consegue mantê-los na linha, é inseguro, por isso, se os ouvirmos a disparatar, temos de os impedir.

Quando, por fim, Adele se deitou, tinha identificado o porquê de Beryl ser tão ansiosa. Parecia que Mrs. Makepeace delegava nas crianças todas as tarefas da casa e, como Beryl era a mais velha – até à chegada de Adele –, culpavam-na se algo não corresse bem. Beryl não tinha aprofundado mais, mas não era preciso. Adele via-lhe nos olhos a tristeza, ouvia na voz a resignação, e reconheceu uma semelhança com a sua própria situação em casa.

– Não é tão mau como no sítio onde eu estava antes – respondeu ela à pergunta franca de Adele, sobre se ela ou alguma das outras crianças eram maltratadas. – Lá estávamos sempre a ser espancados, e não tínhamos quase nada para comer. Tem cuidado com Mrs. M. e faz o que ela te mandar, ou vais apanhá-las.

*

Mr. Makepeace esteve fora durante toda a primeira semana de Adele em The Firs e, nos primeiros dois dias, ela pensou que tinha entendido mal as palavras

de Beryl, pois Mrs. Makepeace parecia muito compassiva, carinhosa e alegre. Riu-se quando Adele perguntou sobre as aulas.

– Não preocupes a tua cabecinha com isso – disse ela, enquanto vasculhava num armário à procura de roupas. Encontrou uma saia azul de xadrez e uma camisola azul-clara para Adele vestir. – Tiveste um choque terrível, e eu vou pôr-te bonita para te sentires melhor. – Lavou o cabelo a Adele e penteou-o em dois totós, colocando uma fita azul-clara em cada um. – Assim está melhor – disse ela, acariciando a face de Adele com carinho. – Quando essa cicatriz feia desaparecer e tiveres as bochechas rosadas, vais parecer uma rapariga diferente.

Era bom ser apaparicada, poder confidenciar à mulher todas as coisas horríveis que a mãe lhe havia dito. Adele viu que era verdade que Mrs. Makepeace punha as crianças a fazer grande parte do trabalho da casa, mas não se importava. Afinal, estava habituada a fazer muito em casa, e pelo menos Mrs. Makepeace valorizava-o.

Mas na terceira manhã, Adele descobriu que Mrs. Makepeace tinha um lado cruel e vingativo.

Colin, um rapazinho loiro de oito anos, foi mandado lá fora para recolher os ovos das galinhas. Continuava a chover muito e ele correu de volta com os ovos, mas escorregou na relva molhada e partiu dois deles.

Quando entrou vinha a chorar, porque tinha magoado o joelho, mas Mrs. Makepeace fê-lo chorar ainda mais.

– És um inútil – enfureceu-se ela. – Já é difícil alimentar-vos a todos sem que ninguém desperdice comida. O Bertie e a Lizzie vão ter de ficar sem o ovo do pequeno-almoço por seres tão imbecil. Espero que te façam sofrer por isso.

Adele ficou perplexa quando ela obrigou Colin a comer um ovo à frente das duas crianças que tinham ficado sem o delas. Via-lhe na cara atormentada que ele passaria de boa vontade sem o ovo, dois ou mais pequenos-almoços, em vez de arriscar o descontentamento dos amigos. E Mrs. Makepeace incentivou Bertie e Lizzie a zangarem-se com Colin. Não parava de lhes perguntar como é que estava o pão com margarina sem um ovo cozido. Disse-lhes que deviam ignorar Colin o dia todo.

Era o tipo de crueldade sinistra e manipuladora que agradaria à sua mãe. Lembrava-se de darem a Pamela uma segunda porção de pudim, enquanto a deixavam de fora. Ou de Pamela ser forçada a desfilar com uma saia ou casaco novos, quando era Adele quem precisava deles. A única razão pela qual nunca

se tornou rancorosa para com a irmã foi porque sempre soube que era exatamente isso que a mãe queria.

Infelizmente, Bertie e Lizzie reagiram como Mrs. Makepeace queria. Foram maus para Colin o dia inteiro. À hora de dormir, ele estava calado e soturno. Adele sabia que ele se sentia inferior a um verme, pois era justamente assim que ela costumava sentir-se.

A partir daí, Adele deu por si a observar Mrs. Makepeace com mais atenção, enquanto ela distribuía o seu afeto teatral, a dar palmadinhas nas nádegas, beijos nas bochechas e a mexer-lhes no cabelo, chamando-lhes os «seus amorzinhos.» Os beneficiários sorriam, encantados, esforçando-se ao máximo para manter a aprovação dela de todo o modo que pudessem, sobretudo fazendo-lhe tarefas adicionais. Mas depressa se tornou claro que a subserviência provinha tanto do medo como da adoração. Ao mínimo delito, Mrs. Makepeace ridicularizava a criança faminta de amor. Era uma mestre da humilhação, focando-se nas fraquezas e inseguranças.

Adele ficou com a ideia de que todas as crianças com mais de cinco anos haviam sido deliberadamente selecionadas, pois notava que encaixavam num padrão. Não havia rapazes de rua independentes e rebeldes – cada um era, de alguma forma, carente. Todos tinham irmãos mais novos de quem estavam separados e cuja falta sentiam, o que os tornava amas ideais para os mais pequenos. Adele reconhecia-se, e ao seu passado, em cada um deles.

À medida que os dias passavam, ouvia Mrs. Makepeace lembrar vezes sem conta às crianças, em palavras melífluas, que as roupas que usavam, os alimentos que comiam e os brinquedos com que brincavam vinham dela e do marido. Isso também não era verdade, pois Adele descobriu que The Firs era uma obra de caridade e os Makepeace meros encarregados.

Fez esta descoberta enquanto limpava o escritório de Mr. Makepeace. Encontrava-se na secretária um panfleto com uma fotografia de The Firs e ela não resistiu a lê-lo. Leu que era um lar de beneficência para «crianças em perigo», um lugar seguro onde poderiam ficar até que as circunstâncias familiares melhorassem, ou lhes arranjassem cuidados a longo prazo. Precisava-se de donativos, pois era preciso pagar a Mr. e Mrs. Makepeace, os encarregados, e as despesas do governo da casa. Além disso, esperava-se angariar dinheiro suficiente para acomodar mais crianças e dar-lhes melhores instalações para estudar e brincar.

Mas, independentemente do que Adele pensava de Mrs. Makepeace, gostava de The Firs. Proporcionava-lhe três refeições por dia e a companhia de outras

crianças, e estava muito contente por acordar todas as manhãs a saber que não a iam esbofetear ou gritar-lhe só por olhar para a mãe.

Depois, Mr. Makepeace chegou a casa e a última das pequenas ansiedades de Adele desapareceu. Só a forma como todas as crianças correram para ele, ávidas, para que as fizesse rodopiar ou atirasse ao ar, dizia que ele gostava realmente das crianças ao seu cuidado.

Era alto, talvez com um metro e oitenta, com cabelo escuro espesso, bigode e os olhos castanhos mais bonitos e afáveis que Adele já tinha visto. Pensou que ele devia ter dentes falsos, pois eram muito brancos e harmoniosos, mas quando ele se ria ou sorria – o que parecia fazer de muito boa vontade –, não se revelava qualquer vislumbre de outra coisa senão gengivas naturais. Era um pouco corpulento, mas vestia-se tão bem, com um colete por baixo do *blazer*, que mal se reparava.

– Adele é um nome tão bonito – disse ele quando a mulher os apresentou. – Mas tu és uma menina muito bonita. E como te estás a adaptar?

– Bem, obrigada, senhor – respondeu ela, baixando os olhos por ter vergonha de lhe dizerem que era bonita quando sabia que não era.

– Mrs. Makepeace diz-me que, além de bonita, és uma menina inteligente – afirmou ele, pondo-lhe a mão debaixo do queixo e levantando-lhe o rosto. – Lês bem, és dócil com os pequenos, uma descascadora de batatas de primeira qualidade. Tantos talentos. Mas acho que não acreditas que és também bonita.

– Não, senhor – sussurrou ela.

– Bem, estás enganada – disse ele, olhando-a nos olhos. – A beleza vem de dentro e vejo que está lá, dentro de ti. Mais uns anos, um pouco mais cheia e vais ficar linda.

A voz dele era tão suave e profunda que ela não conseguia deixar de lhe sorrir.

– Aí tens – ele riu-se. Um sorriso que derreteria o coração a qualquer um. – Bem, anda ao meu escritório e vamos conversar sobre as tuas aulas.

Sentou-se à secretária e fez com que Adele se sentasse ao lado dele. Tirou um livro da prateleira e pediu-lhe para ler uma passagem. Era *O Moinho à Beira do Rio*, um livro que Adele lera pouco antes de Pamela morrer. Tinha-o adorado e, talvez por isso, perdeu o nervosismo e leu bem.

– Excelente – disse ele. – Não recebemos aqui muitas crianças tão capazes como tu. Bem, diz-me lá o que estavas a aprender na escola antes de vires para cá.

Era tão fácil falar com ele que deu por si a contar-lhe muito mais do que ele pedia. Que adorava ler e tinha sido a melhor da turma em aritmética, mas que história era aborrecido e geografia parecia não ter qualquer utilidade para ela, pessoalmente.

– Mas um dia podes viajar – disse ele com um sorriso. – Como saberias decidir que país gostarias de visitar, a menos que os estudasses?

Adele nunca pensara nisso, mas também nunca havia falado com um homem que soubesse tanto como ele. Parecia até saber dos acontecimentos que a fizeram precisar de uma casa nova, e perguntou-lhe como ela se sentia por ter vindo para The Firs.

– É bom – disse ela. – Mas preocupa-me um pouco ficar para trás no trabalho da escola.

– Mrs. Makepeace não é professora – disse ele num tom de ligeira censura. – E, infelizmente, muitas das crianças que cá estão não conseguem aprender tão depressa como tu, Adele, e muitas delas não ficam cá muito tempo. Sempre nos limitámos apenas às coisas rudimentares, à leitura, escrita, somas e ortografia, por ser aquilo de que a maioria precisa. No entanto, quando temos aqui uma criança que pode aprender mais, fico muito feliz por poder ajudá-la.

*

Nos dias que se seguiram ao regresso a casa de Mr. Makepeace, Adele sentia que flutuava no ar. Perdeu o interesse em observar a mulher e parou de ouvir os muitos queixumes de Beryl sobre o facto de ser explorada. Pela primeira vez na vida, sentia-se especial e era tudo graças a Mr. Makepeace.

No seu segundo dia em casa, ele chamou-a do jardim, onde ela estava a ajudar na monda, e deu-lhe um teste de aritmética. Quando Adele o terminou, ele corrigiu-o e elogiou-a por acertar em todas as somas. Depois, deu-lhe *História em Duas Cidades*, de Charles Dickens, para ler durante o fim de semana, e disse que o discutiriam na segunda-feira seguinte.

Ao mergulhar no livro, deu por si a imaginar Charles Darnay como Mr. Makepeace, o que para ela tornava tudo muito mais importante e vital. Para completar a sua felicidade, nesse fim de semana Mrs. Makepeace aliviou-a de quase todas as tarefas, e enquanto o resto das crianças estava a trabalhar ou, no caso dos mais novos, no jardim, ela enroscou-se no sofá do quarto de brincar, perdida no drama da Revolução Francesa.

Acabou o livro no domingo à noite. Quando se foi deitar, encontrou Beryl acordada, hirta de reprovação.

– Não és a primeira rapariga com quem ele faz um alvoroço – afirmou ela com maldade. – Ele faz isso e depois, quando se farta, manda-as embora.

Adele não estava com disposição para Beryl. Ela andava sempre a queixar-se de alguma coisa, e achou que a rapariga estava cheia de ciúmes.

– Ele não vai mandar-me embora – ripostou com autoconfiança. – Ele gosta de mim.

CAPÍTULO 5

Mr. Makepeace tirou da boca o cachimbo que estava a acender.

– Há quanto tempo estás connosco, Adele? – perguntou.

Estavam a ter uma lição privada de geografia na sala de aula. A sala pouco se assemelhava às salas de aula a que Adele estava habituada, sendo muito pequena, apenas com uma velha mesa de refeitório, algumas cadeiras e uma meia-dúzia de livros marcados com dobras no parapeito da janela. A única marca do propósito da sala era o quadro negro, de momento tapado por um grande mapa do mundo. Mr. Makepeace apontava para vários países e Adele tinha de escrever os nomes e as capitais.

Qualquer pessoa que olhasse para a sala imaginaria talvez que Adele sofria uma espécie de castigo, pois era uma tarde ensolarada de primavera e todas as outras crianças brincavam lá fora no jardim. Mas, embora os sons das suas vozes deslizassem para dentro pelas janelas abertas, Adele não desejava estar lá fora com eles. Sentia-se mais que satisfeita por ter mais uma lição com o seu professor.

– Já passou mais de um mês, senhor – respondeu ela.

– E sentes-te feliz aqui?

Ficou um pouco surpreendida com tal pergunta. Os adultos não tinham o hábito de lhe fazer perguntas destas.

– Sim, senhor – disse ela com alegria.

Mr. Makepeace estava encostado ao parapeito da janela. O aroma do tabaco do cachimbo neutralizava o anterior cheiro a relva acabada de cortar. Hoje, vestia uma camisa branca de colarinho aberto e calças de flanela cinzenta e, embora não ficasse tão impressionante como de fato escuro, parecia muito mais acessível e paternal.

– Só «sim»? Nenhuma explicação sobre o que te faz feliz aqui, nem sequer um «mas»? – disse ele em tom de chacota.

Adele franziu o sobrolho, desorientada, o que o fez rir.

– Bem, podias ter dito «Sim, estou feliz aqui, mas continuo a detestar geografia»– disse ele, agitando o cachimbo na sua direção.

– Mas eu já não detesto – respondeu Adele depressa. – Desde que começou a ensinar-me, não detesto.

– Isso significa que és feliz aqui por minha causa?

Adele sabia que era esse o caso. Adorava-o e vivia para estas aulas particulares. Mas tinha relutância em admiti-lo; aprendera desde tenra idade que era mais seguro não revelar os verdadeiros sentimentos por algo ou alguém.

– Por causa de tudo – esquivou-se. – Gosto da casa, das outras crianças, do jardim.

– E de mim? – interrompeu ele.

– Sim – respondeu ela com um ar envergonhado. – E de si.

– Isso é bom – disse ele, levantando-se da cadeira e aproximando-se dela. – Porque tu és cada dia mais especial para mim – disse ele com ternura, e inclinou-se para lhe beijar o cimo da cabeça.

Adele sentiu dentro de si uma onda de pura alegria. Adorava-o quase desde a primeira vez que se tinham visto, agarrava-se a cada palavra dele e sentia-se triste nos dias em que ele não andava por perto. Mas nunca esperou que ele sentisse algo assim por ela; era simples e apagada, uma rapariga destinada a ser ignorada.

– Agrada-te que sejas especial para mim? – perguntou ele. Ajoelhou-se ao lado da cadeira dela e pôs-lhe o braço em volta.

A voz dele era baixa e carinhosa. O cheiro a lavanda do óleo de cabelo, o tabaco no cachimbo e a forma como os dedos dele lhe acariciaram com doçura, fizeram-na sentir bastante tonta.

– Sim – sussurrou. – Porque o senhor também é especial para mim.

Ele olhava-a de uma forma tão intensa que ela teve de baixar os olhos.

– Beija-me, Adele – disse ele com ternura. Um pouco envergonhada, ela deu-lhe um beijinho rápido na bochecha. Mas ele pôs-lhe a mão na face e aproximou-a dele. – Nos lábios – murmurou. – É o que fazem as pessoas que se amam.

Adele sentiu-se tão assoberbada por ele dizer que a amava que lhe lançou os braços em volta do pescoço e o beijou de bom grado, mas o bigode fez-lhe cócegas nos lábios e ela riu-se e afastou-se.

– Achas-me engraçado? – perguntou ele.

Os olhos escuros trespassavam-na e a sua expressão era implacável.

– Não, é só o bigode, que é áspero – disse ela muito depressa.

Mr. Makepeace levantou-se e ela temeu tê-lo ofendido, mas para sua surpresa ele pô-la de pé, depois sentou-se novamente e puxou-a para o colo dele. – Então, se eu o cortar, voltas a tentar? – perguntou ele.

Afligiu-a uma pequena pontada de ansiedade. Queria receber mimos, mas ele não estava a fazê-lo bem. Apertava-a muito contra ele com um braço, mas pôs a outra mão na coxa dela.

– Agora tenho de ir, é hora de ajudar a preparar o lanche – disse ela, tentando retorcer-se para sair.

– Não, não é – disse ele, puxando-a novamente contra ele. – Mrs. Makepeace foi à cidade, como vai sempre às sextas-feiras à tarde. Sabes que não começamos a lanchar antes de ela voltar. Ainda temos muito tempo. Não queres ser a minha menina especial e receber umas festinhas?

Ele parecia magoado, com os grandes olhos castanhos tão desolados que Adele se sentiu obrigada a pôr os braços em volta do pescoço dele e abraçá-lo com força.

– Assim está melhor – murmurou ele contra o pescoço dela. – Penso em ti como a minha menina. Preciso de te abraçar.

*

Mais tarde, na casa de banho, Adele sentou-se no banco a secar a bebé Mary, enquanto Beryl lavava Susan e John na água do banho de Mary. Esta era uma parte do dia de que Adele gostava sempre. Mary era uma criança bochechuda e sossegada que respondia com alegria às cócegas e brincadeiras. Susan e John também eram almas felizes, contentes por se sentarem ali no banho a rir-se e a salpicar-se um ao outro. Ali, Beryl estava sempre menos irritadiça e tensa, e Adele imaginava que fosse por Mrs. Makepeace nunca vir ver o que estavam a fazer com as crianças mais pequenas.

Adele desejava que ela e Beryl pudessem tornar-se amigas de verdade. Devia ser possível, tinham apenas um ano de diferença e estavam sempre juntas. Mas Beryl nunca iniciava uma conversa, quase nunca se ria e parecia estar perdida no seu próprio mundo.

Não ajudava que Mrs. Makepeace andasse sempre em cima dela. Adele notava muitas vezes que Beryl parecia desorientada e perdida, e só se animava quando estava com os mais pequenos.

– Estás um bocado queimada do sol na parte de trás do pescoço – disse Adele, reparando na mancha vermelha assanhada quando a outra rapariga se curvou sobre a banheira. – Está dorido?

– Sim, muito. – Beryl sorriu, levantando a mão para a tocar. – Disse a Mrs. Makepeace, mas ela mandou-me parar de me lamentar.

– Tinhas de estar com uma perna a cair para ela mostrar algum interesse – disse Adele por solidariedade. – Mas há uma loção de calamina no armário, vi-a no outro dia. Vai aliviar. Ponho-te um pouco assim que metermos estes três na cama.

O rosto magro de Beryl abriu-se num sorriso de agradecimento.

– Obrigada. É disso que tenho mais saudades, de casa. A nossa mãe reparava sempre em coisas como as queimaduras do sol ou os joelhos esfolados. A tua também?

Adele abanou a cabeça.

– Não reparava? – Beryl parecia chocada. – E o teu pai?

– Não repararia se eu estivesse a arder – disse Adele. – Nem quis tomar conta de mim quando a minha mãe foi para o hospital.

Um mês antes, não lhe teriam arrancado aquela informação nem a ferros, mas Adele tinha mais interesse em manter a conversa do que em agarrar-se à lealdade por um homem que não a queria por perto.

– Como é o teu pai?

– Até é bom, quando não bebe – disse Beryl com melancolia. – Foi por isso que nos levaram quando a minha mãe adoeceu. Ele foi para a farra.

– O que é isso? – perguntou Adele.

Beryl encolheu os ombros.

– Sempre a beber, não voltar para casa e assim.

Adele queria fazer uma pergunta específica sobre o pai de Beryl, mas não sabia bem como abordá-la.

– O teu pai... – hesitou por um instante. – Bem, é carinhoso contigo?

Beryl franziu o sobrolho.

– O que queres dizer? Se me abraça e assim?

Adele acenou com a cabeça.

– Sim, a toda a hora. Ainda mais quando está com os copos.

A conversa terminou de forma abrupta quando Susan pôs sabão no olho e começou a chorar. Depois de as duas raparigas mais velhas a lavarem, secarem e lhe vestirem a camisa de noite, Adele não conseguiu pensar numa maneira de iniciar outra vez a conversa.

O que queria mesmo saber era se o pai de Beryl alguma vez a beijara na boca. Mr. Makepeace voltara a fazê-lo depois de lhe dar mimos durante muito tempo. Fê-la sentir-se sinistra e confusa. Foi quase um alívio quando a aula

acabou, mas por outro lado temia que ele deixasse de a amar se ela não quisesse beijá-lo novamente.

Pensou que, se soubesse como os pais verdadeiros se comportavam com as filhas, não se sentiria estranha com Mr. Makepeace. De nada servia pensar em Jim Talbot. Não se lembrava de ele a beijar ou abraçar, nem quando era pequena, embora se lembrasse de ele atirar Pamela ao ar para a fazer rir.

Como é que podia descobrir como são os pais normais? Ninguém nesta casa vinha do que ela chamaria uma família normal, pelo menos não do tipo sobre o qual lia nos livros. Nem os livros o deixavam muito claro. As filhas corriam sempre para os pais, diziam que se abraçavam e beijavam, e sempre supôs que era da mesma maneira que via Mr. Patterson cumprimentar os filhos. Mas não fazia sentido comparar Mr. Patterson com Mr. Makepeace. Mr. Patterson trabalhava nos caminhos de ferro; era um homem duro e rude, bastante diferente de um professor.

*

Duas semanas depois, à hora do lanche, chegou a The Firs mais uma menina, chamada Ruby Johnston. Tinha dez anos, a mesma idade que Freda. Parecia doente; era muito magra e pálida, com roupas vários tamanhos acima do dela, e alguém lhe cortara grosseiramente o cabelo castanho até ter menos de dois centímetros de comprimento. Fez um ar aterrorizado quando Mrs. Makepeace a levou para a cozinha e viu as crianças todas sentadas à volta da mesa. Adele ficou com muita pena dela, porque se lembrou de como se sentira no primeiro dia.

– Adele, vais ter de te mudar para o quarto do sótão para arranjar espaço para a Ruby – disse Mrs. Makepeace depois das apresentações.

Adele olhou para Beryl e viu que ela não ficou feliz por ouvir aquilo. Adele imaginou que pensasse que agora seria a única responsável por Mary, se ela acordasse de noite. A mudança também não agradava a Adele. Não queria ficar sozinha num quarto no cimo da casa.

Era uma divisão minúscula e desagradável que não era usada há anos. Muitas vezes entravam lá pássaros, pois os beirais da casa tinham aberturas. As paredes estavam manchadas, tinha humidade e tábuas desprotegidas no chão, e também não havia eletricidade.

Era certo que Adele não considerava Beryl e Freda uma grande companhia. Eram apagadas, de raciocínio lento e tinham medo da própria sombra, mas habituara-se a estar com elas. Se acordasse de noite, reconfortava-a saber que

estavam perto. Mas além disso, Adele receava que ficar sozinha num quarto a distinguisse ainda mais das outras crianças.

O facto de ser a mais velha separava-a, e depois havia as aulas particulares. Nunca ninguém dizia muito sobre o assunto, o que talvez se devesse ao facto de as verem como uma espécie de castigo, mais do que um privilégio. No entanto, o tempo que passava longe das outras crianças fazia-a sentir-se distante delas.

Agora, Mr. Makepeace queria beijá-la e abraçá-la em todas as aulas, e por vezes não lhe ensinava nada.

Era muito estranho que antes pensasse que um abraço deste homem seria o paraíso na terra e agora, realizado o desejo, não o quisesse.

A sensação sinistra que teve da primeira vez acompanhava-a constantemente. Quando ele lhe acariciava os braços e as pernas, lhe passava os dedos pelo cabelo e, no colo, a abraçava com força, Adele só pensava que aquilo não era correto. Mas não sabia porquê, nem como pôr-lhe um fim.

Mr. Makepeace dizia que precisava de tocar-lhe porque a amava, e que ela era a menina especial dele. Dizia nunca ter sentido nada assim por qualquer das outras crianças que tinham vindo para The Firs. Então, se ela lhe dissesse que não gostava, seria com certeza o mesmo que dizer que não gostava dele.

– Adele!

Adele sobressaltou-se ao ouvir o som da voz de Mrs. Makepeace. Estava tão absorta nas suas preocupações que não reparou que os outros tinham acabado de lanchar, nem que falavam com ela.

– Desculpe, disse alguma coisa? – perguntou ela, constrangida.

– Sim, disse, várias vezes – ripostou a mulher. – Podes levar a Ruby lá para cima, mostrar-lhe onde vai dormir e preparar-lhe um banho – instruiu. – Arranja-lhe uma camisa de noite e roupa limpa que lhe sirva. Depois, é melhor fazeres a cama no sótão. Hoje à noite, a Freda pode ajudar a Beryl a deitar os pequenos.

Quando saíram da cozinha, Adele sentiu que Ruby estava ainda mais assustada e envergonhou-se de si mesma por não ser mais acolhedora.

– De onde vieste? – perguntou, tentando compensar. – Foi de Londres, como eu?

– Deptford – respondeu Ruby numa voz débil.

Adele acenou com a cabeça. Sabia que ficava no sul de Londres, mas não fazia ideia de como era.

– A tua mãe está doente?

– Está morta – disse Ruby, sem rodeios.

Adele não sabia o que responder; os adultos afirmavam sempre que lamentavam, mas algo no tom de Ruby dizia-lhe que não era apropriado.

– Bom, aqui ficas bem – disse ela, decidindo-se por algo semelhante ao que Beryl lhe dissera na primeira noite. – Mrs. Makepeace não nos bate nem nada, e os outros miúdos são simpáticos. – Começou a preparar um banho para a rapariga e, enquanto a água corria, disse-lhe para se despir e meter a roupa no cesto da roupa suja. Ruby fez o que lhe mandaram quase depressa de mais, como se receasse ser castigada. Quando Adele viu que ela tinha muitas nódoas negras e marcas pelo corpo todo, algumas antigas e outras recentes, sentiu por ela uma enorme empatia. – Depois do banho, podes ajudar-me a escolher as tuas roupas novas, se quiseres – declarou, com medo de dizer algo sobre as nódoas negras. – Há muitas coisas boas no armário.

Os lábios de Ruby moveram-se ligeiramente, como se quisesse sorrir mas se tivesse esquecido de como se faz. Apesar de ser muito magra e pálida, tinha uns olhos cinzentos lindos e as pestanas muito longas. Quando o cabelo voltasse a crescer, seria provavelmente muito bonita.

– És a mais velha, aqui? – perguntou ela.

– Sim, mas só por um ano – respondeu Adele, muito contente por Ruby já parecer menos assustada. – Mas vais ver que a Beryl acha que é a responsável, porque foi a mais velha durante muito tempo, antes de eu chegar.

– Ela lançou-me um olhar estranho – disse Ruby, e franziu o sobrolho. – Vai ser má para mim?

– Quem, a Beryl? – Adele riu-se. – Ela não consegue ser má para ninguém, é muito assustadiça. Aqui, ninguém vai ser mau contigo, Ruby. Se forem, diz-me.

Ruby entrou no banho com cuidado, novamente com medo no olhar, e Adele imaginou que ela não estivesse habituada a um banho de verdade. Despida, era tão magra que Adele conseguia ver-lhe os ossos todos. Perguntou-se se Mrs. Makepeace lhe daria mais comida para a engordar.

Adele fez conversa fiada enquanto a outra rapariga tomava banho. Contou-lhe um pouco sobre cada uma das outras crianças, e algo acerca das tarefas de cada uma. Depois, quando pressentiu que Ruby já se sentia mais à vontade com ela, perguntou-lhe quem lhe cortara o cabelo tão curto.

– A Tia Anne – disse Ruby com um profundo suspiro. – Não é uma tia a sério, é só a mulher com quem o meu pai dava umas quecas. Ela disse que era a

única maneira de lidar com as lêndeas que eu tinha. Mas a verdadeira razão não foi essa, ela odiava-me.

Adele sentou-se abruptamente no banco, chocada com o facto de uma criança de dez anos falar de algo como «dar umas quecas.» Adele ouvira as meninas grandes a usar essa expressão, às vezes, e sabia mais ou menos o que queria dizer. Era para isso que os homens iam às prostitutas. Mas não ia dizer nada sobre isso a Ruby, tendo ela sido maltratada por aquela mulher.

– Vai crescer depressa, querida – disse ela. – E essas nódoas negras também vão desaparecer. Eu senti-me melhor quando aqui cheguei e tu também te sentirás, dentro de um dia ou dois.

– Achavas que ninguém no mundo se preocupava contigo? – perguntou Ruby, os olhos cinzentos cheios de sofrimento.

Adele acenou com a cabeça. Ficou com um nó na garganta, porque tinha pena da rapariga.

– Mas temo-nos uma à outra para isso – disse ela. – Aqui é seguro, ninguém nos faz mal.

Mais tarde, à noite, deitada na cama no sótão, Adele pensava em Ruby. Face ao que a rapariga nova lhe contou depois, percebeu que não tinha motivos para se importar de estar sozinha naquele quarto. A velha cama de ferro rangia um pouco e o colchão era irregular, mas estava deitada em lençóis limpos, vinha luz do patamar abaixo e não tinha fome nem ferimentos.

Ruby contara-lhe que o pai a tinha deixado com a tia Anne e os quatro filhos no apartamento da cave, e saído em busca de trabalho. Ruby disse que não sabia exatamente o porquê de a tia Anne de repente se tornar tão má para ela, mas pensava que se devia ao facto de o pai não enviar dinheiro. Independentemente da razão, a tia trancou Ruby no depósito de carvão que ficava do lado de fora da porta da frente, por baixo do passeio. Ruby disse que lá dentro era gélido e escuro, e que à noite tinha apenas uns sacos onde se deitar e um velho casaco para se cobrir. Todas as manhãs, a tia Anne arrastava-a para fora, para ficar à espera de que viesse o carteiro. Quando não vinha nada do pai, batia em Ruby e fechava-a de novo no depósito, com apenas duas fatias de pão e um copo de água.

Ruby não sabia exatamente há quanto tempo estava lá, mas disse que o pai se fora embora no início de fevereiro e que a tia Anne a fechara cerca de três semanas depois. Parecia que, quando deixaram de a ver, a professora e os vizinhos pensaram que o pai tinha vindo buscá-la e a levara. Só foi encontrada

e libertada porque um homem do gás desceu à zona da cave para esvaziar o contador e a ouviu a chorar. Ele chamara a polícia.

Adele sentiu-se maldisposta quando Ruby lhe contou tudo isto. Algumas das marcas do seu corpo eram de queimaduras de cigarro: Ruby contou que Anne a obrigava a sentar-se numa cadeira, insistia que ela sabia onde estava o pai e a queimava para tentar conseguir a informação.

– Mas eu não sabia, e pensei que ia morrer naquele depósito – disse Ruby, as lágrimas a escorrer-lhe pelas faces. – Rezei para que o pai viesse buscar-me, mas uma vez a tia Anne disse que os homens não queriam saber dos filhos, só se preocupavam em meter as pilas numa rata, e assim que a mulher engravidava, eles iam embora. Acho que ela tinha razão.

Adele tentou esconder o choque perante o vocabulário ordinário de Ruby e, de facto, a sua perplexidade por uma criança de dez anos parecer saber muito mais sobre o que se passava entre homens e mulheres do que ela. Adele sabia que o palavrão «foder» era parte de estar casada e ter filhos, mas as palavras vívidas de Ruby faziam-no parecer muito feio.

No entanto, ouvir a terrível história de Ruby fez com que Adele se sentisse sortuda. Não tinha passado uma noite com fome e frio desde que a mãe fora levada. O médico preocupara-se com ela o bastante para garantir que ia para uma casa decente, e tinha Mr. Makepeace, que a amava. Sentia que devia estar muito feliz; podia ter acabado algures com alguém como a tia Anne de Ruby.

*

Alguns dias depois da chegada de Ruby, Mr. Makepeace saiu novamente em negócios. Como ele fazia sempre as refeições na sala de estar e muitas vezes saía de manhã no carro preto, Adele nem sequer se lembrou dele antes da tarde, altura em que deviam ter uma aula.

– O senhor vai voltar a tempo das aulas? – perguntou ela a Mrs. Makepeace.

– Não, não vai – explodiu a mulher. – Ele foi-se embora por uns tempos. Mas tu podes ajudar os mais novos com a leitura e a escrita.

– Hoje? – perguntou Adele.

– Hoje e todos os dias até eu dizer o contrário – foi a resposta seca. – Por isso, não fiques aí de boca aberta a olhar para mim. Se és tão inteligente como o meu marido diz, deves ser capaz de te desenrascar perfeitamente bem. Leva primeiro o grupo do meio, e os mais velhos podem fazer-me uns trabalhos.

O grupo do meio era o dos seis aos oito: Frank, Lizzie, Bertie, Colin e Janice. Embora todos gostassem que lhes lessem histórias, nenhum deles lia muito

bem sozinho. Na verdade, Frank, de seis anos, mal conhecia as letras do alfabeto, e quando Adele tentara ensiná-lo, em várias ocasiões anteriores, ele recusara-se a tentar.

Adele estava prestes a mencionar a dificuldade de ter Frank na aula com os outros quando sentiu que Mrs. Makepeace esperava algum tipo de protesto. Tinha no rosto aquele olhar um tanto zombeteiro com que ficava sempre que fervilhava por algo. Uma palavra errada quando ela estava assim significava um carolo. Portanto, Adele não disse nada e foi ao jardim juntar as cinco crianças.

A lição correu muito melhor do que esperava, mas ela também subornou as crianças: disse-lhes que se cada um lesse um trecho de um livro e depois copiasse seis linhas na sua melhor caligrafia, enquanto ela ajudava Frank, lhes leria uma história.

Mrs. Makepeace entrou na sala de aula justamente quando estavam a fazer a parte da escrita. Ficou um momento a ver, e Adele continuou a ajudar Frank a escrever palavras simples de três letras. Talvez tenha ficado impressionada por todas as crianças estarem a trabalhar, porque depressa deu meia-volta e saiu sem dizer uma palavra.

Mais tarde, o grupo mais velho não deu problema nenhum. Entediava-os estar muito tempo no jardim e ficavam contentes por ter algo para fazer. Até Jack, que era pouco desenvolvido e não sabia ler muito melhor do que um rapaz de sete anos, queria tentar. Para a parte da escrita, Adele escreveu a giz no quadro frases em que faltava um adjetivo, e conseguiu que apresentassem o deles.

Teve de conter um risinho quando leu uma das tentativas de Jack. Ele era um rapaz grande e desajeitado, com uma boca descaídas e as orelhas espetadas, tão simplório que ela por norma não se incomodava muito com ele. Mas isto divertiu-a muito.

A frase que deu às crianças foi: «Estava um dia __, por isso Mrs. Jones pendurou a roupa no jardim.»

Os outros escreveram «bom», «bonito» ou «ventoso», mas Jack pôs «maldito.»

– Porquê maldito, Jack? – perguntou Adele, esforçando-se por manter uma cara séria.

– A mãe dizia sempre: «Todas as segundas, é o maldito dia de lavar a roupa» – respondeu ele.

A seguir, Adele leu-lhes o primeiro capítulo d' *A Ilha do Tesouro* e, quando a sineta tocou para o lanche, sentiu-se muito satisfeita consigo mesma por ambas as lições terem corrido tão bem.

*

Aquele primeiro dia foi o único em que Adele conseguiu manter a atenção das turmas. À medida que os dias passavam, o comportamento deles piorava cada vez mais. No fim da semana, passavam o tempo todo na brincadeira, e Mrs. Makepeace culpou Adele por fazerem tanto barulho.

De repente, Adele deu por si sem amigos, porque as crianças a viam como uma espia de Mrs. Makepeace e a excluíam dos jogos e das conversas. Até os mais novos se mantinham à distância. Uma vez na cama no sótão, ouvia as outras raparigas a conversar e a rir-se juntas lá em baixo e tinha a impressão de que se riam dela. Além disso, Mrs. Makepeace estava muito sarcástica com ela, e respondia a todas as perguntas com «és tu a inteligente, resolve isso sozinha.»

Passaram-se quatro semanas, cada uma a deixar Adele mais infeliz e isolada. Por vezes, temia que Mr. Makepeace tivesse partido de vez, porque a mulher parecia muito zangada. Adele sentia que, se ele não voltasse, iria simplesmente murchar e morrer.

Então, uma manhã, enquanto descascava batatas para o jantar, ouviu o carro dele a parar lá fora. Não se atreveu a correr para ele, é claro, mas o coração começou a bater-lhe com força e correu para a janela para o ver.

Pensou que estava tão bonito como uma estrela de cinema, com o fato cinzento escuro e o chapéu de feltro. Tinha o rosto bronzeado do sol e ao vê-la na janela sorriu, com os dentes a exibir um branco brilhante.

Mrs. Makepeace serviu o jantar das crianças, avisou-os para se portarem bem enquanto o comiam sozinhos, e depois levou o dela e do marido para a sala de estar. Reapareceu mais de uma hora depois, justamente quando Adele estava a acabar de lavar a louça. As outras crianças tinham ido brincar lá para fora, e Beryl passeava Mary no carrinho, a tentar adormecê-la.

– O meu marido quer que vás à sala de aula depois de acabares isso – disse Mrs. Makepeace, e pousou com estrondo um tabuleiro cheio de pratos e copos sujos.

Adele limitou-se a assentir com a cabeça. O olhar sombrio no rosto da mulher foi suficiente para perceber que algo a tinha perturbado.

Quando por fim Adele chegou à sala de aula, Mr. Makepeace estava sentado no parapeito da janela a fumar o cachimbo. Correu para ele, estendendo os

braços para o abraçar.

– Esteve tanto tempo fora, sem si tem sido terrível – afirmou.

Ele riu-se com ternura.

– Vou passar a ausentar-me mais vezes, se tiver uma receção como esta ao voltar – disse ele.

– Tive tantas saudades suas – disse ela, e começou a chorar, a revelar que não conseguiu ensinar nada aos mais novos e que não tinha um único amigo em toda a casa.

Ele mudou-se para uma cadeira e puxou-a para o colo dele.

– Tenho a certeza de que não foi assim tão mau – disse ele, secando-lhe os olhos com o lenço.

– Foi, foi – insistiu ela. – Eu não aguentava.

Ele abraçou-a e embalou-a nos braços.

– Eu também senti saudades tuas – disse ele. – Mas tenho de me ausentar de vez em quando, tenho assuntos para tratar.

Quando ele começou a beijá-la e acariciá-la, Adele estava tão feliz por estar de novo com ele que achou que não se importava tanto como antes. Ele disse que desejava poder levá-la com ele, e que talvez pudesse fazê-lo quando ela fosse um pouco mais velha.

Beryl estava à espreita no corredor quando Adele saiu da sala de aula, uma hora depois.

– Queridinha do professor – sibilou-lhe Beryl com desdém.

– Estás só com ciúmes – replicou Adele. – Não posso impedir que ele goste de mim, porque sou a única que quer aprender alguma coisa.

– Não é por isso que ele gosta de ti – ripostou Beryl, com o pequeno rosto crispado de malevolência. – Ele gosta de qualquer uma que o deixe enfiar a mão nas cuecas.

Adele estacou, perplexa com o que a menina mais nova tinha dito.

– Isso é uma coisa nojenta de se dizer – arquejou.

– O nojento é ele. – Beryl encolheu os ombros. – Tenta com todas as raparigas mais velhas, por isso é que a Julie fugiu.

Adele afastou-se de queixo erguido. Não acreditava em Beryl, e não ia dar-lhe a satisfação de pensar que a tinha perturbado.

Mas enquanto ajudava Mrs. Makepeace a preparar o lanche, a espalhar a margarina no pão e a pôr os pratos e as chávenas na mesa, continuava a pensar no que Beryl dissera.

Lembrou-se de, pouco depois de chegar a The Firs, Mrs. Makepeace dar um sermão a algumas das crianças, por dizerem que uma rapariga chamada Julie tinha fugido. Mrs. Makepeace afirmou que estavam a dizer disparates, e que Julie não tinha fugido, mas ido embora porque tinha catorze anos, idade suficiente para trabalhar.

Adele tinha quase a certeza de que Beryl havia engendrado a sua versão desagradável da história de Julie com a ajuda de Ruby. A rapariga nova tinha uma mente indecente, estava sempre a dizer ordinarices e Beryl bebia as suas palavras.

– Que diabo se passa contigo?

Adele sobressaltou-se com a voz zangada de Mrs. Makepeace.

– O que quer dizer? – perguntou.

– Bem, olha só quanta margarina espalhaste naquela fatia de pão – disse ela, agitando uma colher de servir de modo ameaçador.

Adele baixou o olhar e viu que tinha espalhado margarina suficiente para várias fatias.

– Desculpe – disse ela. – Estava a pensar numa coisa.

– Bem, então para – ripostou a mulher. – Pensar não é bom para raparigas na tua posição. Tens de aprender a trabalhar e a fazê-lo depressa, só isso.

*

Nessa mesma noite, Adele acordou com um sobressalto ao ouvir um rangido nas escadas que subiam para o sótão. Sentou-se na cama e olhou para a porta, mas não via nada porque a luz do patamar em baixo estava apagada.

Uma escada rangeu de novo e, de repente, viu uma forma grande e escura na porta. Estava prestes a gritar quando lhe cheirou a óleo de cabelo de lavanda.

– É o senhor? – sussurrou.

– Sim, meu amor – respondeu-lhe ele num sussurro. – Nem um barulho, por favor, não queremos acordar mais ninguém.

– Passa-se alguma coisa? – perguntou enquanto ele entrava e fechava a porta.

– Não. Só queria estar contigo – respondeu ele.

À medida que os olhos se habituavam à escuridão, Adele percebeu que Mr. Makepeace vinha de pijama. Ele sentou-se na cama ao lado dela, fazendo com que rangesse.

– Roubaste-me o coração, Adele – disse ele, pegando-lhe numa mão e afagando-a nas dele. – Só penso em ti.

Adele não sabia o que dizer. Ele também lhe tinha roubado o coração, mas não parecia certo que se arrastasse no escuro para dizer tais coisas.

– Posso deitar-me ao teu lado? – perguntou ele. – Só quero abraçar-te.

Adele mexeu-se para o lado, mas a cama era bastante estreita e não havia muito espaço para ele.

– Não devia estar aqui – arriscou ela com receio, de súbito a relembrar o que Beryl dissera.

– Porquê, minha querida? – disse ele, puxando-a para os braços. – Nunca foste para a cama com o teu pai, para um abraço?

– Não – disse ela. – Não me deixavam.

– Mas terias gostado?

Adele lembrou-se de que Pamela ia muitas vezes para a cama dos pais, especialmente quando não se sentia bem. Adele sempre a invejara. Tentara fazê-lo algumas vezes quando tinha cinco ou seis anos, mas a mãe mandava-a sempre voltar para a cama.

– Sim, teria gostado – admitiu. – Mas consigo é diferente.

– Porquê? – perguntou ele, beijando-lhe a testa. – Amo-te como se fosses minha filha.

As palavras fizeram com que parecesse certo. Descontraiu encostada a ele e, enquanto ele a abraçava, o calor e conforto dos seus braços deram-lhe sono novamente.

Acordou mais tarde e percebeu que estava sozinha na cama. Os primeiros raios de luz da manhã começavam a entrar pela janela. Por um momento, pensou ter sonhado que Mr. Makepeace estivera ali com ela, mas ao virar o rosto para a almofada, cheirou-lhe ao óleo de cabelo dele e percebeu que não fora um sonho.

Mais tarde, numa aula com as outras crianças mais velhas, ele lançou-lhe uma espécie de sorriso secreto. Quando a aula terminou, pediu-lhe para ficar na sala de aula mais um minuto.

Assim que os outros saíram, ele foi ter com ela. Passou-lhe a mão pelo cabelo devagar.

– Adormeceste antes de eu explicar porque fui – disse ele. – Sabes, não posso continuar com as nossas aulas particulares.

– Porquê? – questionou ela.

Ele encolheu os ombros.

– Tenho de passar mais tempo com as outras crianças.

Adele sentiu um arrepio na espinha. Queria perguntar se isso significava que já não era especial para ele, mas não se atreveu.

– Não fiques assim – disse ele. – Não posso fazer nada. Os outros precisam mais da minha ajuda do que tu.

Os olhos de Adele encheram-se de lágrimas. Ele estendeu a mão e limpou-lhe uma lágrima com o polegar.

– Não quer dizer que tenha deixado de gostar de ti. Só temos de arranjar outras formas de estarmos juntos às vezes.

O coração de Adele alegrou-se. Passou a manga por cima dos olhos húmidos e sorriu.

– Assim está melhor. – Ele riu-se com ternura. – Será o nosso segredinho. Mas não podes contar a ninguém! Prometes-me?

Adele anuiu, feliz outra vez.

– Linda menina – disse ele. – Agora vai-te embora e vemo-nos mais tarde.

*

Nos dias que se seguiram, Adele sentiu-se cada vez mais confusa e preocupada, porque nada em The Firs era o mesmo. Antes de Mr. Makepeace se ausentar, não havia horário nem uma rotina rigorosa. Mrs. Makepeace dizia sempre às crianças, ao pequeno-almoço, as tarefas que queria que fizessem nesse dia. Era um plano fluído, variável de acordo com o tempo, com a disposição dela e com o facto de alguém estar ou não de castigo. Normalmente, Mrs. Makepeace ficava na mesa do pequeno-almoço a ler o jornal, com Mary sentada ao lado na cadeira alta, e as crianças mais velhas iam fazer os trabalhos atribuídos – lavar a roupa, limpar a casa de banho ou varrer e polir o chão dos quartos.

Agora, havia um horário afixado à parede da cozinha, e as crianças com mais de cinco anos tinham aulas todos os dias. Mrs. Makepeace disse, de forma desagradável, que eram todos uns preguiçosos inúteis e que já era tempo de perceberem que não estavam de férias. Declarou que o mau comportamento na sala de aula ou a falha na boa realização das tarefas significava que depois não poderiam brincar lá fora.

O grupo do meio tinha de ir logo para a sala de aula a seguir ao pequeno-almoço, e durante esse tempo, o grupo mais velho, que incluía Adele, devia tratar de todas as limpezas e da roupa para lavar. Mrs. Makepeace já não se sentava à mesa com o jornal. Corria de um lado para o outro como um zangão

furioso, e atacava com violência quem ela achasse que não estava a dar o máximo.

Se a pequena Mary ou Susan ou John, as crianças de três anos, se lhe metessem no caminho, fizessem confusão ou algum barulho, ela ficava irada, e muitas vezes aterrorizava-os com os gritos.

O jantar tinha de ser servido à hora certa e comido em silêncio. À tarde, ia às aulas o grupo mais velho, e Mr. Makepeace era tão irascível como a mulher. Adele mal podia acreditar que ele era tão duro com Jack e Freda; chamava-lhes estúpidos e muitas vezes batia-lhes nas orelhas só por errarem uma soma. Rebaixava Beryl e Ruby quando liam em voz alta e tropeçavam nas palavras difíceis.

Adele achava as tardes intermináveis, pois as aulas eram dirigidas aos menos capazes do grupo, tudo matérias que ela tinha aprendido há vários anos. Por vezes, Mr. Makepeace dava-lhe um livro para ler ou problemas de matemática, mas na maioria das vezes parecia nem sequer dar conta da presença dela na sala.

Adele olhava pela janela, a ver a brisa a agitar as folhas das árvores, e a pensar no que correra mal. Parecia-lhe que a culpa devia ser sua, embora não percebesse porquê.

Depois do lanche, os outros tinham permissão para ir ao jardim até à hora de dormir, mas Mrs. Makepeace obrigava-a a remendar. A pilha de meias a precisar de cerzidura e os montes de camisas e blusas com botões em falta parecia não ter fim. Adele ficou com a ideia de que Mrs. Makepeace andava a tirar roupas velhas dos armários só para a manter ocupada.

Lembrava-lhe muito a sua vida anterior em casa, o facto de só ela sofrer o castigo. Mrs. Makepeace nunca falava diretamente com ela, limitava-se a pôr-lhe coisas à frente ou a berrar-lhe uma ordem. Assim, Adele fez o mesmo que sempre fizera em casa: apenas o que lhe mandavam. Nunca respondia e reprimia as lágrimas até estar a sós no quarto.

Ainda chorava quando uma noite, já tarde, Mr. Makepeace entrou de novo no quarto. Adele só percebeu que ele estava ali quando se sentou ao lado dela.

– O que se passa, minha querida? – perguntou.

– É tudo tão horrível – chorou ela. – Não aguento.

Ele deitou-se outra vez com ela e embalou-a nos braços.

– A culpa é toda minha – afirmou. – A minha mulher tem ciúmes, porque sabe como gosto de ti. Tenho de fingir que não sinto por ti mais do que pelos outros. Lamento muito.

Adele adormeceu mais tarde e, tal como antes, quando de manhã acordou, ele tinha desaparecido. Mas naquele dia sentiu-se melhor, pois ele disse que um dia, em breve, a levaria para longe de The Firs, e a criaria como sua própria filha.

*

No sábado dessa mesma semana, de manhã, veio um grande carro preto buscar o grupo do meio para passar um dia na praia. Estava uma bela manhã, com uma ligeira névoa ainda a persistir, a prometer bastante calor mais tarde. Enquanto via as crianças numa excitação a subir para a parte de trás do carro, Adele pensou que teria dado tudo para ir com eles.

– Sortudos filhos da mãe – disse Ruby perto dela. – Quem é aquela mulher que os vai levar?

– Alguém da igreja – respondeu Adele, a olhar para a mulher roliça de vestido cor-de-rosa curvada sobre a parte de trás do carro, a organizar as crianças. – Espero que nenhum deles fique doente, senão ela não volta a levar ninguém.

– Ninguém quer meninas grandes como nós – disse Ruby de modo sombrio. – Vamos ficar aqui presas até aos catorze anos, depois vão obrigar-nos a trabalhar numa fábrica.

*

Naquela noite, tendo pensado em pouco mais do que em Mr. Makepeace o dia todo e com demasiado calor para dormir, Adele ficou radiante ao ouvi-lo subir as escadas para a ver. Mas assim que se deitou junto a ela, Adele sentiu algo diferente nos seus modos. Cheirava a bebida e não ao habitual óleo de cabelo, e tapou-lhe a boca com a mão para a silenciar quando ela disse algo sobre o passeio dos mais novos à praia.

Parecia também não querer falar com ela e não parava de lhe beijar a boca com os lábios molhados e moles. Ao mesmo tempo, puxava-lhe a camisa de noite e tentava tocar-lhe nas zonas íntimas.

– Não – disse ela, afastando-lhe as mãos. – Não é correto.

– Mas é, minha querida – disse ele, as mãos a voltar para o mesmo sítio. – É o que fazem as pessoas que se amam.

Adele continuava a afastá-lo, mas ele continuava a tentar, e ela ficou mesmo assustada. As palavras de Beryl, as coisas que ouvira Ruby dizer, tudo adquiriu um novo significado e ela começou a chorar.

– Não sejas parva – disse ele, e pegou-lhe na mão, arrastando-a para baixo na cama em direção a ele.

Adele paralisou quando ele a pousou sobre algo quente e duro, quase tão grosso como o seu pulso, mas demorou uns segundos a perceber o que era. Só tinha visto pilinhas de rapazes pequenos, coisas moles e tortas, mais pequenas do que o seu polegar.

– Não – gritou ela de repugnância, e tentou fugir-lhe.

Mas não conseguia escapar. Estava presa entre ele e a parede, e ele forçava-lhe os dedos em volta daquela coisa grande e horrível.

– Agarra-a bem – disse ele, a voz impaciente e insistente. – Vê que dura e grande é. Ela gosta que a agarrem. – Prendeu a mão sobre a dela, forçando-a a segurá-la e movê-la para cima e para baixo. – Chiu – exclamou, tapando-lhe a boca com a mão livre quando ela tentou gritar. – Mrs. Makepeace vai ficar muito zangada se a acordares, e este é o nosso segredo especial.

Adele tentou debater-se, mas ele tinha-a encurralada. A respiração dele ficava cada vez mais difícil e ruidosa à medida que a obrigava a apertar com mais força, e, pior ainda, tentava pôr-se em cima dela e afastar-lhe as pernas. O instinto disse-lhe o que ele estava a tentar fazer, e debateu-se ainda mais para se libertar.

– Não te vou magoar, querida – disse ele. – Só te quero amar. Deixa-me amar-te, por favor.

Adele estava fora de si de terror. A bebida no hálito dele dava-lhe náuseas, ele estava molhado de suor e, cada vez que se atirava a ela, enterrava-lhe a coluna no colchão duro. Adele queria gritar, mas sabia que se Mrs. Makepeace viesse, a culpa seria sua. Tudo o que podia fazer era retorcer-se para que ele não conseguisse meter aquela coisa grande onde queria.

Precisamente quando ela começava a ficar exausta de mais para continuar a lutar, ele soltou uma espécie de gemido profundo e, de repente, ela sentiu algo horrível, quente e pegajoso na mão e na barriga.

– Saia de cima de mim – conseguiu gaguejar enquanto ele lhe destapava a boca. – Vou vomitar.

Mr. Makepeace mexeu-se depressa enquanto o corpo dela se sacudia com vómitos, e saltou da cama como se estivesse em chamas.

– Depressa, para a casa de banho – disse ele. – Se vier alguém, digo que te ouvi gritar.

Adele voou pelas escadas e foi para a casa de banho. Chegou à sanita a tempo de mais um vómito, que desta vez trouxe para cima tudo o que Adele

comera naquele dia.

Não sabia quanto tempo ficou de joelhos agarrada à sanita, mas pareceram horas. Ouviu a voz dele a sussurrar algo à porta, mas disse-lhe para se ir embora. Sentia o cheiro dele nela, a substância pegajosa secava como cola nas mãos e barriga, o que fez com que vomitasse mais e mais.

Mais tarde, sentou-se no chão e inclinou-se para trás contra os azulejos frios, desolada de mais até para chorar. Os olhos haviam-se habituado à escuridão e espelhavam o que sentia por dentro.

Não se ouvia barulho no patamar, e Adele supôs que ele tivesse voltado para a cama. Imaginou-o a deitar-se ao lado da mulher. Odiava-o tanto que julgava que seria capaz de o matar com as próprias mãos.

Mais tarde, lavou-se e voltou para o quarto. Contudo, assim que lá chegou, percebeu que não conseguia entrar na cama. O cheiro dele pairava na divisão e duvidava que alguma vez desaparecesse. Ele estava lá em baixo, e Adele sabia que voltaria logo que tivesse oportunidade. Tinha de fugir daquela casa enquanto podia.

Pegou nas roupas e por um momento ficou a olhar pela janela, com medo de sair no escuro, mas com ainda mais medo de ficar. Não tinha dinheiro, não tinha para onde ir, não sabia sequer se encontraria o caminho para Tunbridge Wells. Mas andar sozinha pelo campo devia ser mais seguro do que permanecer ali.

CAPÍTULO 6

Adele tremeu e abotoou o casaco enquanto corria pelo caminho em direção ao portão. Eram duas e vinte no relógio da cozinha quando se serviu de restos de pão, um pedaço de queijo e duas maçãs, que meteu num saco de papel. A porta das traseiras rangeu quando a abriu para sair. Temeu ter acordado alguém, mas quando olhou para trás, The Firs continuava na escuridão, excetuado o brilho ténue da lâmpada noturna do patamar.

Não estava frio. Na verdade, o ar da noite parecia tão brando como o de um dia de verão. Imaginou que tremia de choque e medo, e enquanto corria para o caminho escuro começou outra vez a chorar.

Como podia um homem que dizia amá-la fazer-lhe tal coisa? Achava que nunca mais se sentiria limpa, nem confiaria em ninguém. Mas pior ainda era sentir que a culpa era sua. Devia ter percebido da primeira vez que ele tentara beijá-la.

Dominou-a mais uma onda de náuseas, e teve de parar por um instante para respirar fundo. Agora, à luz do que acabara de acontecer, via que toda aquela adulação, abraços e beijos levavam a isto. Se não tivesse estado tão desesperada para que alguém gostasse dela, poderia ter questionado o porquê de um homem como Mr. Makepeace escolher uma rapariga simples como ela para dar atenção e aulas particulares.

Por mais assustador que fosse andar por caminhos estreitos cobertos por árvores, verificou que conseguia ver bastante bem, já que os olhos se adaptavam à escuridão. Os grandes troncos das árvores pareciam ter rostos medonhos e Adele não parava de ouvir sons estranhos a sussurrar nas sebes. Ao ouvir o som baixo de um mugido, correu como o vento, e só mais tarde percebeu que era apenas uma vaca. No entanto, a aversão e a raiva por Mr. Makepeace e o medo de estar sozinha em caminhos rurais sombrios, ajudaram-na a concentrar-se. Ir para Londres não era opção; se fosse para Mrs. Patterson, apenas acabaria noutro lar de crianças, talvez ainda pior do que The Firs. O único sítio para onde podia ir era Rye, à procura dos avós.

A morada deles, Curlew Cottage, Winchelsea Beach, perto de Rye, ficara-lhe na cabeça desde que lera aquela carta antiga para a mãe. Pouco depois de

chegar a The Firs, olhou para um mapa da sala de aula para ver onde ficava e descobriu que, se traçasse uma linha entre Londres e Rye, Tunbridge Wells ficava mesmo a meio. Até se lembrava do nome de duas cidades a caminho de lá, Lamberhurst e Hawkhurst. Se conseguisse encontrar o caminho para a primeira daquelas cidades, estaria na direção certa.

Sabia, claro, que não havia certeza de que os avós ainda ali morassem, ou sequer que ainda fossem vivos. Se estivessem lá, poderiam não querer ajudá-la. Mas valia a pena tentar. Se não resultasse, teria de arriscar com a polícia.

Pouco depois de aparecerem no céu os primeiros raios de luz da manhã, Adele chegou a uma placa que lhe disse que faltavam apenas mais nove quilómetros para Lamberhurst. Quase começou a chorar de alívio.

Muito antes, tinha passado num cruzamento e a placa confundira-a completamente, pois dizia que Lamberhurst ficava à direita e Tunbridge Wells à esquerda. Adele julgava que tinha de passar primeiro por Tunbridge Wells e permaneceu junto ao sinal durante algum tempo, a questionar qual seria o caminho certo. No fim, decidiu-se pela bifurcação à direita e esperou ter acertado. Era uma estrada tão solitária e sinuosa, quase sem casas, que ela se convenceu de que andava em círculos.

Até então, não passara nenhum carro, mas imaginou que fosse por ser domingo. Planeava esconder-se se ouvisse um carro a aproximar-se, pois temia que um adulto que a visse a caminhar no escuro parasse e lhe perguntasse para onde ia. Já não podia confiar em adulto nenhum. Podiam ser tão maus como Mr. Makepeace e, mesmo que não fossem, podiam insistir em levá-la de volta para The Firs.

A luz do dia e a convicção de que estava de facto no caminho certo alegraram bastante Adele, embora estivesse a ficar muito cansada. À medida que continuava a andar, decidiu que só pararia ao meio-dia, e depois encontraria um bom sítio num campo para descansar um pouco. Tinha a certeza de que chegaria a Rye à noite.

*

Mais tarde, o toque dos sinos da igreja disse a Adele que eram onze da manhã, mas ela estava tão cansada e com os pés tão doridos que mal conseguia pôr um pé à frente do outro. Também estava muito calor, sem uma nuvem no céu, e ela começava a achar o campo demasiado grande, selvagem e solitário para o seu gosto.

Esperara que fosse como Hampstead Heath, onde estivera duas vezes em piqueniques da catequese – tranquilo, fragrante, mas com pessoas suficientes em volta para se sentir segura. Aqui, porém, as árvores eram mais como florestas, com uma vegetação rasteira densa que lhe dava a impressão de que podiam estar lá à espera homens maus, para saltar e atacá-la. Os campos podiam parecer encantadores à distância, mas na realidade estavam cheios de bosta, lama, moscas e urtigas.

Antes, tinha visto um caminho pelos campos para Lamberhurst. Era óbvio, pelo solo gasto, que se tratava de um atalho. Mas cortou a perna num arame farpado junto a uma vedação, e o campo seguinte que teve de atravessar estava cheio de vacas. Assim que a viram começaram a caminhar ameaçadoramente em direção a ela; enquanto corria o mais depressa possível, escorregou por acaso numa bosta mole e agora tresandava.

Duvidava que tivesse visto mais de seis pessoas desde o amanhecer, e só ao longe. Quase não havia casas, também, e embora no início a ideia de descansar num campo verde luxuriante lhe tivesse parecido agradável, achava que nunca encontraria um que fosse seguro e limpo.

O saco de papel da comida rasgara-se nas suas mãos suadas umas horas antes, por isso teve de comer o pão, o queijo e uma das maçãs, apesar de não ter fome. Mas depois de comer ficou outra vez maldisposta e continuava a sentir-se mal: doía-lhe a barriga e a cabeça.

Só a absoluta determinação a impediu de se sentar junto à estrada e desfazer-se em lágrimas. Sabia que tinha de avançar um pouco mais. Começou a contar os passos, dizendo a si mesma que podia parar quando tivesse dado cinco mil.

Quando contou três mil, percebeu que não conseguia avançar mais, e ao ver um portão num campo onde a erva parecia macia e sem bosta, trepou-o. Sentou-se e descalçou os sapatos, mas descobriu que uma cerzidura no calcanhar da meia lhe fizera uma bolha, o que foi suficiente para a pôr a chorar outra vez. Dobrou o casaco de malha para fazer de almofada e deitou-se.

O frio despertou-a mais tarde e, para seu desânimo, o sol já se punha. Devia ter dormido horas. Quando tentou levantar-se, viu que tinha as pernas e os pés queimados pelo sol, tal como o rosto e os antebraços, e sentia-se tão perra que mal se conseguia mexer. Não podia permanecer ali, porque estava muito frio e precisava de uma bebida. Assim, voltou a calçar as meias e os sapatos, e coxeou com sofrimento até ao portão e à estrada a seguir.

Tentou ganhar coragem para bater à porta de cada casa por que passava e pedir um copo de água, mas receava as perguntas que as pessoas fariam. Por

fim, viu uma tina de cavalo com uma torneira numa ponta. Bebeu mesmo antes de o sol desaparecer atrás de uma colina, e quando viu um celeiro com a porta aberta, entrou discretamente, sabendo que não podia ir mais longe na escuridão.

*

A noite pareceu interminável. Tinha palha onde se deitar, mas picava-lhe a pele queimada, e os barulhos sussurrantes dos ratos e talvez também das ratazanas assustavam-na. Só com o casaco para pôr em volta, Adele tremia, mas o rosto, os braços e as pernas queimados ardiam-lhe. Foi um alívio ver finalmente a primeira luz do amanhecer; assim, voltou a calçar os sapatos e coxeou de volta para a estrada.

Havia mais carros e camiões na estrada agora que era segunda-feira, mas embora Adele olhasse com esperança para cada um que passava, ninguém parou para lhe oferecer boleia. Por vezes, perguntava-se estaria na estrada certa, mas por fim viu uma placa que dizia «Hawkhurst 6 Kms». Pouco depois, não estava sozinha na estrada. Viu homens de bicicleta com roupas de trabalho e várias mulheres com cestos, apressadas. Mais tarde, viu também crianças, a gritar e a rir a caminho da escola. Quando se aproximava de Hawkhurst, passou por ela um autocarro com os lugares todos ocupados.

As lojas acabavam de abrir na pequena cidade, e a visão e o cheiro do pão acabado de cozer numa padaria provocaram-lhe dores de fome. Ficou alguns minutos junto à porta aberta, tentada a entrar a correr, agarrar algo para comer e fugir novamente. Mas sabia que com os pés doridos não podia fugir para lado algum, e o homem da padaria estava a observá-la como se soubesse o que tinha em mente. Assim, coxeou em frente. Passou por uns vagabundos sentados num muro baixo, que lhe pareceram tão famintos e desanimados como ela.

Ocorreu-lhe que, se não estivesse cansada, com fome e sem casa, teria achado Hawkhurst um bom sítio para explorar. Era muito antiga e bonita, os jardins das casas cheios de flores, e muitas das lojas com janelas de arco como as que vira em calendários e caixas de chocolate.

Desde a chegada a The Firs, não saíra uma vez, e sentia falta do grande movimento de Euston e King’s Cross, das lojas, dos cinemas e das centenas de pessoas. Hawkhurst não era muito movimentada, mas tinha pessoas suficientes para fazê-la sentir-se menos assustada e sozinha. Parou por um momento a olhar para a montra de uma loja de brinquedos, e maravilhou-se com as bonecas de porcelana, os serviços de chá em miniatura, os comboios de brincar

e os soldados de chumbo. Lembrou-se, com tristeza, de que Pamela nunca se cansava de olhar para coisas destas, e que gostava de fazer de conta que tinham um grande saco de dinheiro e podiam comprar tudo o que quisessem. Se agora Adele tivesse um saco de dinheiro, ia ao café do outro lado da rua e pediria *bacon* e ovos, uma pilha de torradas quentes com manteiga e uma chávena de chá. Depois perguntaria a alguém se havia um autocarro para Rye, para não ter de andar nem mais um passo.

Logo à saída de Hawkhurst, uma placa informou-a de que faltavam vinte e oito quilómetros até Rye. Com isto não conseguiu conter mais as lágrimas, pois pensava que estava quase lá. Era impossível andar tanto.

Havia um pequeno riacho na berma da estrada, portanto sentou-se na margem, descalçou as meias e os sapatos e encharcou os pés na água fria, a pensar no que ia fazer. Os pés estavam com um aspeto tão mau como os sentia, tão inchados que não sabia se conseguiria calçar outra vez os sapatos, e tinha bolhas em todos os dedos, nos calcanhares e na planta dos pés. O rosto também estava muito dorido por causa do escaldão, e agora que o sol começava novamente a aquecer, sabia que depressa seria uma agonia.

«Vieste até aqui, tens de continuar,» disse a si mesma. «Se fores à polícia, eles levam-te de volta.»

O simples pensamento do rosto de Mr. Makepeace foi suficiente para recuperar um vestígio da determinação do dia anterior. Quando a água fria lhe entorpeceu os pés, humedeceu as meias e voltou a calçá-las, e depois aos sapatos. Quando se levantou, não lhe pareceram muito mal.

Tinha conseguido andar mais cinco quilómetros quando começou a sentir-se muito doente. A cabeça latejava, a visão parecia distorcida e doía-lhe o corpo todo. Uma placa dizia que eram mais vinte e quatro quilómetros. Adele encostou-se a ela, pois tinha a certeza de que cairia, se não se apoiasse.

À sua frente encontrava-se uma colina íngreme e a estrada reluzia numa névoa de calor. Sabia que não tinha força para a subir sob o sol abrasador. Era muito tentador deixar-se cair debaixo da árvore mais próxima, mas tinha a sensação de que, se o fizesse, nunca mais conseguiria levantar-se.

Ao ouvir o som de um motor, olhou em volta. Um velho camião avançava na sua direção. Ao perceber que já não tinha escolha, fez-lhe sinal, sem forças.

O camião parou ruidosamente ao lado de Adele, e ela viu que o condutor era um idoso com um boné de aspeto gorduroso.

– Queres boleia? – gritou ele.

– Sim, por favor – respondeu Adele, forçando-se a largar a placa e cambalear em direção a ele. – Vai para Rye?

– Vou, sim – disse ele. – Entra.

Adele sentia-se doente de mais até para considerar que se deparara, finalmente, com um bocado de sorte. Preparou-se para as perguntas do velhote, mas ele não as fez, talvez apenas por saber que ela não o conseguiria ouvir com o barulho do camião.

Presumiu ter dormitado, porque num momento estavam no meio do nada, e no outro chegavam a uma pequena cidade que parecia mais antiga do que qualquer sítio que ela já tinha visto. Pelo sol, imaginou que fossem cerca de cinco ou seis horas.

– Para onde vais? – gritou-lhe o velho.

– Winchelsea Beach – conseguiu ela dizer, surpreendida por ainda se lembrar da morada.

– Bem, então é melhor saíres aqui – disse ele, e parou o camião num cruzamento. Apontou com o dedo sujo para a frente. – Fica a um par de quilómetros por ali.

Adele agradeceu-lhe e saiu, esperando que ele dobrasse a esquina antes de, sem forças, atravessar a estrada.

Tudo parecia pequeno, as minúsculas casas geminadas apertadas umas contra as outras, as portas da frente a abrir-se para a rua. A partir da rua principal havia muitas ruas estreitas, com casas ainda mais antigas, acabando numa igreja no topo da colina.

Não se afigurava muito convidativo. Cada conjunto de casas por que Adele passava parecia tão degradado como as piores zonas nos arredores de King’s Cross. Duas senhoras de preto muito idosas, sentadas em bancos junto às portas da frente, olharam-na com curiosidade quando passou a coxear.

A rua, que parecia ter quase tantos *pubs* como casas, girava em torno de um cais. Adele parou ali porque, doente e exausta como estava, a vista a animou. Havia muitos barcos ancorados. Na maioria, eram pequenos barcos de pesca com velas ferradas, mas também havia algumas embarcações maiores a serem carregadas ou descarregadas. Não conseguia ver o mar, mas sabia que não devia estar longe, pois conseguia cheirá-lo e saborear o sal nos lábios. Cerca de uma dúzia de pescadores remendavam redes sentados em caixotes de madeira. Outros homens de boné de vela andavam por ali, a fumar. Imaginou que estivessem desempregados, pois tinham a mesma postura abatida que ela se habituara a ver durante o último ano em Londres.

A rua continuava por uma ponte sobre o rio e à sua direita havia um moinho de vento. Pouco depois de atravessar a ponte, Adele viu uma placa que indicava Winchelsea em frente e o porto de Rye à esquerda. Dali em diante não havia mais casas, só terrenos pantanosos planos, com mais um rio a correr perto da estrada.

Voltando-se para trás para ver Rye, Adele achou-a bonita. Erguia-se na única colina num raio de quilómetros de pântanos planos. As casas todas amontoadas, de muitas formas, cores e tamanhos diferentes, e a igreja no cimo destacava-se como um castelo antigo.

Quando se virou para seguir em frente, viu à distância uma gémea de Rye, mais pequena também levantada sobre uma colina. No entanto, no meio, além de um castelo em ruínas à sua esquerda, não havia mais nada que conseguisse ver, a não ser erva com ovelhas a pastar e algumas árvores desfiguradas pelo vento.

Adele sentia-se pior a cada passo. Doía-lhe a cabeça, alternava entre o calor e o frio e os pés doíam-lhe tanto que achava que ia cair a qualquer momento. Esforçou-se muito para não pensar no que seria dela se os avós não estivessem lá; em vez disso, concentrou-se em arrastar-se para a frente.

Depois do que lhe pareceram quilómetros, a estrada deu a volta para a sua direita até à pequena cidade na colina, que tanto tempo estivera à sua frente. Mas havia também uma estrada por acabar que saía para a esquerda, em direção ao mar. Adele pensou que poderia muito bem ser o caminho para Winchelsea Beach.

Hesitou por uns minutos, com medo de escolher uma das estradas e ser o caminho errado. Depois, à distância, viu um homem de bicicleta a descer vindo das casas da colina.

Era idoso, com umas estranhas calças axadrezadas de golfe e um chapéu desgastado apertado debaixo do queixo. Quando ele se aproximou, Adele fez-lhe sinal para abrandar.

– Queres alguma coisa, menina? – perguntou ele, travando com os pés no chão em vez de usar os travões.

– Conhece Curlew Cottage, em Winchelsea Beach? – perguntou ela.

– Porque andas à procura dessa casa? – perguntou ele, furando-a com os olhos azuis vivos.

Adele ficou intrigada com a pergunta.

– Porque quero ver Mr. e Mrs. Harris, que vivem lá – respondeu.

– Não vais ver Mr. Harris. Ele morreu há dez anos ou mais – disse o homem com um sorriso. Tinha uma maneira de falar muito peculiar, nada semelhante à forma como as pessoas falavam em Londres.

– E Mrs. Harris? – perguntou ela.

– Ainda lá está. Mas não gosta de visitas.

Adele desanimou.

– Mas eu vim de Londres – disse ela.

Ele soltou uma espécie de casquinada estranha, Adele não sabia se era uma gargalhada ou não.

– Então é melhor voltares para lá – disse ele. – As crianças por cá acham que ela é bruxa.

Adele ficou ainda mais desanimada e oscilou nos pés de exaustão e desapontamento.

– Diga-me só para que lado ir – pediu ela, pouco mais do que num sussurro. – Não posso voltar para trás antes de a ver.

– É subir aquele caminho – disse ele, e com esta balançou a perna sobre a barra transversal da bicicleta e arrancou.

De repente, Adele sentiu-se completamente aterrorizada. Este lugar era árido, só quilómetros de erva e ovelhas. Rye estava longe no horizonte, e até a outra aldeia na colina devia ficar a pelo menos oitocentos metros de distância. Soprava um vento cortante que lhe abanava o vestido, fustigava o cabelo e fazia-lhe arder os olhos e o escaldão. Sabia que o mar estava à sua frente, mas não conseguia vê-lo, tal como não conseguia ver os pássaros que soltavam gritos agudos arrepiantes.

Não tinha nenhuma da beleza serena do campo que vira ao início do dia. Até as ovelhas que ali pastavam não se pareciam com outras ovelhas que tivesse visto – eram magras e pequenas, de focinho negro. Era uma paisagem severa, muito plana, e Adele achava-a árida como um deserto. Qualquer um que escolhesse viver ali teria de ser igual. De coração destroçado, Adele percebeu que não ia encontrar uma avó que a acolhesse de braços abertos.

Mas agora não podia voltar atrás, portanto caminhou aos tropeções, passando por duas casas a cair aos pedaços, que pouco mais eram do que cabanas. Depois, viu Curlew Cottage.

Era uma casa térrea coberta de telhas pretas, como os edifícios em que reparara no cais de Rye. As janelas eram pequenas, tinha um alpendre com uma treliça à volta da porta, e na frente o chão era todo de seixos. No entanto,

embora estivesse bastante arranjada e saísse fumo da chaminé – o que significava que estava alguém em casa –, não parecia de todo acolhedora.

Percebia o porquê de as crianças pensarem que vivia ali uma bruxa. A casa tinha um ar provocador, desafiando o vento a deitá-la abaixo e as inundações a varrerem-na. Certamente, ninguém normal escolheria viver num lugar assim, tão desabrigado e isolado. Com a terrível imagem da mãe demente amarrada a uma cadeira muito fresca na memória, Adele julgou provável que a qualquer momento aquela porta se abrisse e aparecesse uma velha medonha.

Não havia vedação nem portão, e o caminho para a porta era apenas de velhos pedaços de madeira. Por um instante, ponderou se seria corajosa o suficiente para atravessá-los.

Mas não tinha escolha. Assim, armando-se de coragem, caminhou até à porta e bateu.

– Quem é?

A pergunta estridente e irritada por trás da porta fez Adele recuar um passo.

– Sou a sua neta – exclamou em resposta.

Adele esperava que a porta abrisse com um rangido, um nariz bicudo espreitasse e uma mão quase esquelética se estendesse para a puxar para dentro. Mas não foi o que aconteceu.

A porta abriu-se de par em par e apareceu uma mulher vestida de forma estranha, com calças cinzentas de homem, uma blusa larga e botas pesadas. O rosto lembrou a Adele uma castanha-da-índia guardada muito tempo num sítio quente, um tom de castanho-escuro desgastado pelo tempo e ligeiramente enrugado. O cabelo cinzento-azulado estava puxado para trás com rigor, mas os olhos eram de um azul vívido e bonito, exatamente como os da mãe.

– Quem disseste que és? – perguntou ela, os lábios finos e pálidos apenas uma linha reta cautelosa.

– Sou a Adele Talbot, sua neta – repetiu. – A Rose, a minha mãe, está doente e eu vim à sua procura.

Adele tinha a sensação de que estava ali há uma eternidade, em frente a uma mulher que a olhava como se ela tivesse três cabeças. Mas os olhos já não focavam bem, apercebeu-se de um assobio nos ouvidos e de repente começou tudo a girar.

*

Adele acordou com salpicos de água no rosto. Abriu os olhos e viu que estava deitada de costas e a mulher curvada sobre ela, com um copo na mão.

– Bebe! – ordenou-lhe ela.

Adele levantou a cabeça e estendeu, débil, a mão para o copo, mas tremia demasiado para o segurar e a mulher teve de lho levar aos lábios.

– Desmaiaste – informou ela. – Então, quem disseste que és?

Adele repetiu o nome.

– A minha mãe é a Rose – acrescentou. – Agora é Rose Talbot, mas era Rose Harris.

Os lábios da mulher tremiam, mas Adele não sabia dizer se da emoção ou da velhice.

– Depois de ela ter ido para o hospital, encontrei nas coisas dela uma carta que tinha esta morada. É a minha avó?

– Que idade tens? – perguntou a mulher, encostando o rosto escuro ao de Adele.

– Doze – disse Adele. – Faço treze em julho.

A mulher pôs a mão na testa, cravando as unhas na pele, um gesto que Adele vira a mãe fazer centenas de vezes. Às vezes significava «não consigo lidar com isto agora», e outras vezes «desaparece-me da vista, se sabes o que é bom para ti.» Não era um bom presságio, mas Adele sabia que não estava em posição de recuar.

– Puseram-me num lar – disse ela. – Mas lá aconteceram coisas más, por isso fugi. Não sabia mais para onde ir.

A mulher continuou a olhar para Adele, com as espessas sobrancelhas a juntarem-se como que de perplexidade.

– Que coisas más? Onde está o teu pai?

O tom era frio e desconfiado. De súbito, a pressão de tentar fingir que era adulta foi de mais para Adele e começou a chorar.

– Ele não me quer, diz que não sou filha dele – declarou ela entre soluços. – E Mr. Makepeace tentou fazer-me coisas sujas.

– Por amor de Deus, para de choramingar – disse a mulher com rispidez. – Não consigo lidar com isso. Levanta-te e entra.

Adele teve apenas uma breve impressão do interior de Curlew Cottage antes de voltar a perder a consciência. Era como entrar no ferro-velho perto da estação de King’s Cross – um cheiro bafiento a livros e a móveis antigos, uma sala sombria cheia de relíquias do passado.

*

Honour Harris olhou para a criança no chão, por momentos tão horrorizada que não sabia o que fazer. O coração batia-lhe perigosamente. As emoções há muito enterradas ameaçavam surgir e transbordar. Olhou para a porta, a considerar ir a correr buscar ajuda, mas procurar ajuda não fazia parte da sua natureza. Assim, sacudiu-se, baixou-se, levantou a criança e deitou-a no sofá.

O simples ato de a erguer trouxe de volta a Honour o instinto natural de proteger um animal ferido. A pele da criança estava extremamente queimada pelo sol, ela estava imunda, o cabelo emaranhado, e quando Honour lhe descalçou os sapatos e as meias, soltou um arquejo involuntário. Pareciam pedaços de carne crua cheios de sangue. Era óbvio que ela havia percorrido um longo caminho para chegar até ali.

No entanto, depois de uma inspeção superficial, Honour pressentiu que, mais do que doença, tinham sido a exaustão e a fome a provocar o colapso. Era um alívio, pois não podia pagar ao médico, nem queria que ele ali fosse.

A chaleira já estava no fogão, a água quente o suficiente para a poder limpar. Pegou então numa bacia, num pano e numa toalha. Despiu o vestido imundo da menina, deixando-a com a camisola interior e as cuecas, e depois começou a lavá-la.

Honour tinha cinquenta e dois anos, e os anos de dificuldades a viver sozinha no pântano tinham-na ensinado a lidar apenas com o presente. Embora soubesse que esta criança – a ser verdade o que declarava – ia forçá-la a olhar para trás, para uma parte da sua vida que queria esquecer, por agora isso não era importante.

Depois de a lavar o melhor que pôde, foi ao quarto buscar um frasco de pomada boa para tratar queimaduras. Aplicou-a com generosidade nos braços, pernas, rosto e parte de trás do pescoço, mas decidiu não pôr na pele desfeita dos pés.

– Agora dorme – disse ela, aconchegando-a com uma manta macia. – Quando acordares, terei comida para ti.

Honour considerou a presença da criança na sala deveras perturbadora. Não paravam de lhe surgir perguntas na cabeça, e sentia-se constantemente compelida a ir lá para olhar para ela. Embora aliviada por ver que ela dormia serenamente, Honour continuava nervosa, e a sua ceia de pão e queijo ficou na mesa, por comer, pois já não tinha apetite.

Honour não recebia visitas em Curlew Cottage há anos, e achou estranho que bastasse uma pessoa pequena para fazê-la perceber de repente que, durante aquele tempo, a sala de estar se tornara exígua.

Olhou em volta, para o colchão sobresselente encostado às estantes, as pilhas de livros no chão, caixas de porcelanas, bibelôs, linhos e recordações do passado amontoadas em todos os espaços disponíveis, e sentiu-se ainda mais desconfortável. Quando Frank era vivo, era uma sala confortável e ordenada. Mas depois de ele morrer, ela deixou de se importar com o aspeto da casa. Trouxera para ali o conteúdo do antigo quarto de Rose quando a caleira começou a vazar, mas mesmo depois de a reparar, não teve entusiasmo para voltar a pôr as coisas no lugar. Devia ter-se livrado daquilo tudo.

A maior parte, porém, guardava memórias preciosas dos dias felizes de recém-casada, por isso não podia. Não percebia porque não tinham vendido tudo antes de fixarem residência ali. Sabia Deus o que poderiam ter feito com o dinheiro. Mas Frank sempre insistira que a sorte deles voltaria e que um dia precisariam de tudo.

Era estranho que a sala atulhada tivesse começado a incomodá-la no momento em que aquela criança entrara pela porta. Mas, por outro lado, qualquer memória de Rose tinha sempre um efeito negativo em si.

Honour voltou a levantar-se da cadeira, desta vez para fazer sopa no tacho que fervia em lume brando no fogão. Tirou um pequeno pedaço de frango da copa, cortou-o em pedaços diminutos e acrescentou-o ao caldo, juntamente com uma cenoura aos cubos e uma cebola pequena. Depois, quando de repente percebeu que estava a escurecer, acendeu o candeeiro a petróleo na extremidade do sofá.

Um pouco mais tarde, ao olhar em volta, foi de súbito surpreendida pela semelhança da criança com Rose quando tinha a mesma idade. Pensou que quando a limpara estava demasiado escuro para a ver com clareza.

Aos dezasseis, Rose transformara-se numa beldade. Honour lembrava-se de olhar para o corpo cheio de curvas, o rosto lindo com os olhos azuis muito abertos, os lábios carnudos e o cabelo loiro sedoso, e maravilhar-se com a transformação. No entanto, aos doze, Rose era tão magra e vulgar como a filha era agora. Frank costumava rir-se ao dizer que ela parecia um inseto-pau com olhos enormes.

Não tinha reparado se os olhos da menina eram azuis, mas pensava que não, e o cabelo era de um castanho-claro sem brilho, mas tinha o queixo aguçado desafiador de Rose, o mesmo nariz delgado e os lábios cheios.

Honour esperava que não tivesse também herdado a natureza cruel da mãe.

À meia-noite, Honour dormitava na cadeira. Queria ir para a cama, mas receava que a criança acordasse durante a noite e não soubesse onde estava.

Um rumor acordou-a com um sobressalto. Abriu os olhos e viu a criança sentada no sofá com um ar assustado.

– Finalmente acordaste – disse Honour. – Sabes onde estás?

A rapariga olhou para ela, depois para si mesma e viu que o vestido tinha desaparecido. Tocou na face, como que a ver se ainda estava dorida.

– Sim, é a Mrs. Harris – disse ela por fim. – Desculpe se vim incomodar.

Honour riu-se. Na verdade, ficou um pouco comovida por os primeiros pensamentos da criança serem para outra pessoa. Mas não fazia parte da sua natureza dizê-lo, ou dizer palavras tranquilizadoras. Ficou também aliviada por a criança não lhe ter chamado avó. Não estava preparada para aceitar que era nisso que, de repente, se havia tornado.

– Imagino que queiras ir à casa de banho. Mas não podes ir lá fora no escuro, por isso pus um pote na copa – disse ela com brusquidão, e apontou o caminho com um dedo.

A criança estremeceu quando pousou os pés no chão, mas não se queixou e afastou-se a coxear.

Quando voltou, Honour disse-lhe para se sentar à mesa e, em silêncio, pôs-lhe à frente uma tigela de sopa e um copo de água.

Viu a criança engolir a água quase num gole e perguntou-se quanto tempo teria passado sem comer nem beber. Esperou até que metade da sopa desaparecesse e depois foi buscar outro copo de água.

– A água é boa para os escaldões – afirmou, ao pousá-lo na mesa. – Então, vais dizer-me como é que apareceste à minha porta?

Adele estava confusa. Lembrava-se claramente de bater à porta e de esta mulher a abrir. Tinha uma vaga lembrança de lhe dizer quem era, mas era quase como um sonho, por isso não sabia bem o que lhe havia dito.

– Começa pelo princípio – disse a mulher de forma brusca. – O teu nome completo, como soubeste a minha morada e de onde acabaste de sair.

Aquilo confundiu ainda mais Adele, pois parecia que afinal esta mulher não era a avó dela. Era rude e estranha. Se Adele não tivesse reparado, enquanto urinava no pote, que a tinham limpado e posto uma espécie de creme no escaldão, pensaria que a mulher estava pronta para a pôr fora da porta, caso não lhe contasse bem a história.

Cansada, Adele começou por explicar quem era, que a irmã havia sido atropelada e que, algum tempo depois, a mãe enlouquecera e tivera de ser levada para o hospital. Explicou que Jim Talbot não a queria, falou da carta em que vira a sua morada, e de ser depois levada para The Firs.

– Em Tunbridge Wells? – exclamou Mrs. Harris. – Onde?

Adele respondeu que não sabia a morada toda, mas disse que era mais perto de Lamberhurst do que esperava.

– Porque fugiste de lá?

– Por causa de Mr. Makepeace – sussurrou Adele, e derrotada por uma vergonha renovada do que ele tinha feito, começou a chorar.

– Não comeces a chorar outra vez – disse Mrs. Harris com impaciência. – Podes deixar essa parte para mais tarde. Então, o que é que esse Jim Talbot faz na vida?

Adele achou que era uma pergunta muito estranha, a coisa mais insignificante de toda a história.

– Trabalha no estaleiro de um construtor – disse ela, pensando que era melhor dizer-lhe exatamente o que ela queria saber. – Sempre pensei que ele fosse o meu pai verdadeiro, até à noite em que a minha mãe enlouqueceu e nos atacou aos dois. A minha mãe culpou-me pela morte da Pamela, e disse todo o tipo de coisas maldosas, mas ouvi o meu pai dizer ao médico que não sou filha dele e que não quer ter mais nada a ver comigo ou com a minha mãe.

Adele alarmou-se quando a mulher se levantou e andou às voltas pela sala, a mexer nervosamente nas coisas, mas sem dizer nada. Até Mrs. Makepeace fora bastante solidária quando lhe explicara tudo isto, e não tinham nenhuma relação. Adele puxou pela cabeça, a pensar no que podia dizer para fazer com que aquela mulher agisse como se soubesse que estava outra pessoa na sala. Mas não lhe ocorria nada.

– A Rose desapareceu quando tinha dezassete anos – exclamou de repente Mrs. Harris, virando-se para Adele e batendo com o punho na mesa. – Nem uma palavra me disse, uma única palavra, a desavergonhada sem coração. O pai tinha voltado doente da guerra, e ela foi-se embora quando eu precisava de ajuda. Diz-me então porque devo preocupar-me com a criança que ela nem se deu ao trabalho de me informar que tinha nascido!

Nessa altura, Adele ficou assustada. Esta mulher tinha os mesmos olhos que a mãe e talvez também fosse louca.

– Desculpe – murmurou. – Ela também não quer saber de mim.

– Estes anos todos, nunca soube se ela estava viva ou morta – continuou a mulher, a voz a elevar-se quase a um grito. – O pai perguntou muitas vezes por ela, quando estava a morrer, às vezes até me acusava de a ter expulsado. Ele nunca acreditaria na serigaita em que a Rose se tornou depois de ele ir para a guerra. Era a filhinha dele. O seu tesouro, como costumava chamar-lhe. Morreu

a achar que foi por minha culpa que ela não voltou para o ver. Imaginas como será isso?

Adele desatou outra vez a chorar. Sabia como era ser culpada por tudo. E agora parecia que também a iam culpar pelo comportamento da mãe.

– Oh, para com essa choradeira – gritou-lhe a avó. – Foste tu que apareceste sem seres convidada, a dizer-me que a minha filha está louca, e a querer que eu te acolha. Eu é que devia chorar.

Adele sentia a raiva a aumentar nas profundezas do seu ser. Num breve instante, viu imagens de todas as injustiças que se haviam atribuído a ela – a culpa pela morte de Pamela, a crueldade da mãe, ser mandada para um lar onde o homem em quem confiava a traíra. E agora esta mulher adulta também estava a ser injusta. Bem, não ia aturar mais aquilo. Tinha de falar.

– Então chame a polícia e obrigue-os a levarem-me –gritou em resposta. – Não lhe fiz nada, a não ser esperar que pudesse importar-se com a sua neta. Já vejo de onde veio a maldade da minha mãe. De si!

Esperou uma agressão. Cobriu depressa a cabeça com os braços, em legítima defesa, quando viu a mulher vir em direção a ela. Mas, para sua surpresa, não houve nenhuma, apenas uma mão no ombro.

– É melhor ires outra vez para o sofá e voltares a dormir – disse ela, com brusquidão. – Estiveste muito tempo ao sol, e estamos as duas demasiado cansadas.

CAPÍTULO 7

— Como diabo é que lido com isto? – resmungou Honour para si mesma ao deitar-se, nessa mesma noite.

A vela oscilava na brisa vinda da janela e fazia com que, na parede, a sombra das colunas da cama se movesse de uma forma fantasmagórica e desconcertante. Tremeu.

Tinha sido um choque tremendo abrir a porta e ver ali a desgraçada da criança. Nos últimos dez anos, dera o seu melhor para apagar Rose da memória. Fora forçada a fazê-lo, pois a amargura e a raiva que sentia em relação à filha quase a tinham destruído. No entanto, nas raras ocasiões em que Rose lhe entrava dissimuladamente na cabeça, Honour imaginava-a sempre a viver no luxo, a mulher mimada e apaparicada de um homem rico. Nem uma vez considerou que ela poderia ter tido filhos.

Se as notícias dos atuais apuros de Rose tivessem vindo de qualquer outra fonte, Honour teria sem dúvida sentido uma espécie de satisfação cruel. Mas ouvir uma simples criança a contar tal história era completamente arrepiante.

Honour pegou na fotografia emoldurada de Frank que tinha na mesa de cabeceira. Fora tirada pouco antes de ele ser enviado para França, na primavera de 1915. Parecia muito feliz, elegante e bonito de uniforme, mas bastaram dois anos para o enviarem de volta para Inglaterra, um farrapo a nível físico e mental.

Honour sabia que milhões de jovens haviam partilhado com Frank os mesmos horrores nas trincheiras. Grande parte deles também não vivera para os contar aos entes queridos. Imaginava o terror dos homens ao ver os companheiros morrerem, a pensar quando seria a sua vez. Compadecia-se por cada um deles, que suportara viver na lama, com ratos e piolhos como companheiros constantes. Mas a história de Frank era ainda mais horrível, pois ele caíra numa toca de raposa depois de ser baleado numa perna, e fora enterrado vivo por baixo de outros homens com feridas fatais que caíram a seguir.

Acreditava-se que estivera ali preso três dias até ser encontrado. Claro que não admirava que tivesse perdido o juízo quando fora encharcado pelo sangue

dos companheiros, ouvira os seus estertores da morte, pensando que seguramente morreria também.

– O que faço, Frank? – sussurrou ela junto à fotografia dele. – Não a quero aqui, depois do que a mãe nos fez.

*

Honour conhecera Frank Harris a vida toda. O pai dela, Ernest Cauldwell, era o professor de Tunbridge Wells, e o pai de Frank, Cedric, era proprietário da Harris's, a mercearia mais prestigiada da cidade.

A Harris's era uma loja esplêndida, toda em nogueira brilhante e mármore branco, cheia de cima a baixo de todo o tipo de acepipes. Honour lembrava-se de ser pequena e de ter um fascínio mórbido pelas fantásticas exibições de faisões, coelhos e lebres mortos numa cama de verduras. A mãe tinha de a segurar com força para que ela não tentasse acariciá-los.

Frank e o irmão mais novo, Charles, só ficaram na escola local – onde muitas vezes foram companheiros de brincadeiras de Honour –, até terem oito anos. Depois, mandaram-nos para um colégio interno. Mas continuaram amigos, e nas férias iam sempre ver Honour. Depois de crescerem, os dois rapazes ajudavam na loja do pai, e era frequente Frank entregar as compras numa bicicleta com um grande cesto à frente para as mercadorias. Quando calhava passar pela residência do professor, parava sempre para conversar com Honour e costumava dar-lhe boleia na frente da bicicleta.

Quando, aos dezassete, ele deixou a escola e voltou para casa para trabalhar com o pai, Honour só tinha olhos para o jovem alto e esbelto, com olhos de um azul-vivo reluzentes e uma trunfa rebelde de cabelo loiro. Frank não era particularmente bonito, mas tinha uma natureza alegre e era bondoso, engraçado e interessado na natureza, música, arte e livros. Com ele como amigo, Honour não precisava de mais ninguém.

Tinha ela dezassete anos quando começou oficialmente a «sair» com Frank, e ambas as famílias ficaram encantadas. Os Cauldwell podiam não ser ricos como os Harris, mas eram muito respeitados. Frank brincava muitas vezes com Honour, dizendo que o pai lhe suplicava que se casasse com ela, pois o cérebro dela melhoraria o negócio da família.

Casaram em 1899, tinha Honour vinte e dois anos. Mudaram-se para o apartamento por cima da loja, vazio há alguns anos, desde que os Harris haviam comprado uma casa na periferia de Tunbridge Wells. Honour lembrava-se de ficar numa felicidade delirante por ter uma casa tão bonita. Os Harris

eram muito generosos. Encheram-nos de presentes tais como móveis, linhos e vidrarias – havia até uma empregada para fazer o trabalho duro. E como Frank era gerente adjunto na loja, entrava e saía o dia todo. Assim, ela nunca se sentia sozinha, como algumas das suas amigas quando deixavam a própria família para se casarem.

Honour sempre soube que Frank não tinha uma verdadeira paixão pelo negócio da mercearia. Era um homem sensível e artístico, que teria preferido ser jardineiro ou até couteiro em vez de pesar açúcar e cortar carne e queijo. Mas o sonho do pai era que o filho mais velho um dia herdasse o negócio, e Frank sentia uma obrigação em relação a ele. Reconfortava-se, nos momentos de irritação, dizendo que a loja se geria a si mesma, visto que todos os ajudantes tinham sido muito bem treinados pelo pai. Nas fases mais sossegadas, arranjava tempo para o desenho e para as caminhadas pelo campo, e dizia muitas vezes a Honour que se considerava o mais afortunado dos homens.

Dois anos depois, em 1901, nasceu Rose, uma bebé rechonchuda e adorável de cabelo loiro quase branco, que tornou completa a felicidade dos pais. Mas, escassas semanas depois do nascimento, Cedric Harris teve uma apoplexia grave. Confinado a uma cadeira, e sabendo que não ia recuperar, transferiu por completo a loja para Frank.

Até esta se tornar de sua exclusiva responsabilidade, Frank não percebia o trabalho dava a gestão. Tudo ao mesmo tempo – havia livros para escriturar, encomendas para verificar, e de repente não sobrava tempo para desenhar, caminhar pelo campo ou sequer brincar com a filha bebé.

Honour sabia que não o ajudava a adaptar-se à carga de trabalho adicional o facto de se queixar constantemente de que a aborrecia passar o dia todo sozinha com Rose. Mas era jovem e irrefletida, e tinha saudades dos momentos descontraídos de antes.

No ano seguinte, Frank tentou compensá-la, marcando umas férias para os três em Hastings, no mesmo hotel onde haviam passado a lua de mel. Mas, para desilusão deles, estava completamente reservado. Não lhes agradava ir para um hotel estranho com um bebé, portanto, quando um dos clientes mais ricos lhes ofereceu o uso de uma pequena casa em Rye, um lugar que afirmava ser muito mais bonito do que Hastings, aceitaram, satisfeitos.

Quase desde o momento em que saíram do comboio, apaixonaram-se por Rye. Ficaram encantados com as casas antigas pitorescas, as ruas estreitas e calcetadas, a história longa e fascinante de um lugar que em tempos fora um

porto importante. Frank queria desenhar tudo o que via, desde os velhos pescadores sentados com os cachimbos à porta dos abrigos das velas aos edifícios antigos e à vida selvagem nos pântanos. Honour adorava acordar de manhã com o cheiro do mar, em vez do cheiro a queijo e *bacon*. Era maravilhoso ter a atenção toda de Frank, e, pela primeira vez na vida, sentiu-se livre.

Rye não tinha nenhuma da sofisticação refinada de Tunbridge Wells nem dos prazeres arrebatados de Hastings, com o cais e os concertos. A maioria dos habitantes nunca se afastara mais de quinze quilómetros de casa; trabalhavam na terra, pescavam ou construíam barcos. Eram pessoas amigáveis e simples, que trabalhavam duro de mais para o sustento dos muitos filhos para se preocuparem com moda, com as notícias do mundo ou até com política.

Honour descobriu que em Rye não havia nenhum dos constrangimentos sociais que lhe haviam incutido desde bebé. Podia correr pela rua com Rose no carrinho, se quisesse, abandonar o chapéu e as luvas sem que se levantasse uma sobrancelha. Os forasteiros que ali se instalavam eram pessoas como ela e Frank, atraídos pela beleza e serenidade da cidade e dos pântanos circundantes. Muitos deles eram escritores, músicos e artistas. Frank chamava a atenção para os artistas, sentados junto aos cavaletes a desenhar e a pintar ao sol, e ficou obcecado com a ideia de ter ali uma casa de férias.

Ouviram falar de Curlew Cottage dois dias antes de regressarem a casa, e Frank desejou-a ainda antes de a verem. Honour tentou dissuadi-lo, fazendo notar que era uma longa caminhada desde Rye, a água vinha de uma bomba exterior e a casa estava quase a cair. Mas Frank não queria saber: a renda era barata, ele adorava-a e estava decidido a ficar com ela.

– Temos de ter um pequeno mundo só nosso – disse ele, os olhos azuis a brilhar de entusiasmo. – Tudo em Tunbridge Wells é do meu pai. A loja, o apartamento, os clientes. Vivemos a nossa vida em segunda mão. Mas eu conseguia lidar com isso, se pudéssemos escapar de vez em quando.

Posto assim, Honour só pôde concordar. Pensou que seria divertido passar férias num sítio tão selvagem – podiam arranjar bicicletas e explorar, dar mergulhos no mar, percorrer quilómetros no pântano. Seria ótimo para Rose quando crescesse, porque na loja não tinha jardim onde brincar. Honour também se entusiasmava com a ideia de transformar a casa a cair aos pedaços num verdadeiro lar.

*

Honour ainda conseguia recordar as primeiras férias que passaram na casa e sorrir, apesar de todos os problemas e dificuldades que vieram depois. Eram como duas crianças a brincar às casinhas, Frank a caiar as paredes e ela a pendurar tecido barato nas janelas, a fazer de cortinas. Todas as tardes levavam a Rose a passear e enchiam sacos com madeira para fazer a fogueira à noite. Na altura, quase não tinham mobília, apenas uma cama barata comprada em Rye, uma mesa e duas cadeiras, e penduravam as roupas em pregos. Iam para a cama com as janelas bem abertas, a ouvir o som das aves pernaltas que viviam nas muitas valas e terrenos pantanosos. Escutavam o mar a banhar os seixos e o vento a fazer murmurar o tojo.

Foram os tempos mais felizes, com muita alegria e riso enquanto aprendiam a cozinhar ao ar livre e a reparar as ripas de madeira das paredes da casa, e tentavam fazer um jardim num solo árido e pedregoso. Nos dias de calor, despiam as roupas a Rose e deixavam-na brincar numa tina de água, enquanto Frank pintava e Honour se sentava ao sol a ler.

No verão seguinte, compraram duas bicicletas, e Frank fez um pequeno selim para Rose na sua barra transversal. Pedalavam por Rye e até Camber Sands. Por vezes iam mais longe, até Lydd, onde compravam um gelado antes de voltar para casa.

Mais tarde, depois do desmoronar do negócio, Honour repreendeu-se muitas vezes. Se tivesse deitado mãos à obra e ajudado Frank na loja, em vez de o ter encorajado a ir para Rye sempre que parecia cansado, talvez aquilo não tivesse acontecido. No entanto, Frank insistia que a culpa era toda dele.

Afirmava que a loja havia prosperado nas mãos do pai porque Cedric Harris a adorava. Ele tinha a visão de negócio e a mentalidade certa para lisonjear as gentes de Tunbridge Wells e dos arredores, mantendo-as fiéis. Frank não era assim, não conseguia adular as pessoas só para que lhe fizessem uma encomenda semanal. Não se orgulhava de ter vinte tipos diferentes de biscoitos, ou dez variedades de chá. Irritava-o que os clientes pensassem que eram donos dele.

Frank admitiu, pouco antes de morrer, que talvez tivesse deixado as coisas decair de propósito, porque tinha horror à ideia de acabarem como os pais, pessoas cautelosas e tacanhas que iam à igreja todos os domingos e seguiam com rigor a etiqueta da sua classe. Ele dizia que queria paixão, perigo, saber que estava realmente vivo.

Honour sorrira pela paixão – que era algo que nem as dificuldades impediam. Frank também experimentara o perigo na guerra, e ela pensava que souberam,

de facto, que estavam vivos quando tinham tanto frio que precisavam de vestir os casacos dentro de casa, e passavam períodos de quase fome. Mas se tivesse sabido como tudo acabaria, seguir o exemplo de Frank não a teria entusiasmado tanto.

Cedric Harris morreu de repente em 1904 e, para grande surpresa da viúva e dos dois filhos, não tinha acumulado uma fortuna, como eles pensavam. Depois das dívidas saldadas, restaram apenas umas centenas de libras e a casa da família. O pai deixara-a a Charles, o irmão mais novo, com a condição de ele tomar conta da mãe, porque já tinha dado a loja a Frank.

O antagonismo entre os dois irmãos começou a evidenciar-se quase de imediato. Charles aborreceu-se por Frank parecer decidido a deixar o negócio do pai ir por água abaixo. A forma de Frank lidar com tudo o que era desagradável passava por evitá-lo. Não gostava de ver a irritação do irmão mais novo em relação em ele, por isso levava Honour e Rose ainda mais vezes para Curlew Cottage. Durante esse tempo, o proprietário idoso ofereceu-se para a vender por uma quantia simbólica, portanto Frank comprou-a e quis lá ir ainda com mais frequência.

Quanto mais ele estava fora, mais o negócio afundava. Uma por uma, as pessoas mais ricas da cidade deixaram de entrar, e sem uma rotação rápida dos bens perecíveis havia uma grande quantidade de desperdício. Mas Frank e Honour só tiveram verdadeiramente consciência disto quando já era tarde de mais. Estavam totalmente absortos no seu modo de vida descontraído nos pântanos.

Rose tinha onze anos quando a loja por fim afundou. Uma manhã, Frank entrou e encontrou uns fornecedores furiosos à sua espera. Não recebiam há meses e exigiam o dinheiro de imediato. Frank pagou-lhes, mas não conseguiu convencê-los a fornecerem-lhe mais bens a crédito.

A loja sobrevivera a oito anos de negligência de Frank, mas assim que se espalhou a palavra de que estava em dificuldades, bastaram umas semanas para a falência total.

Mesmo agora, dezanove anos depois, Honour ainda conseguia visualizar o aspeto de Frank quando subiu para casa depois de fechar a porta da loja para sempre. Na altura, ele tinha trinta e cinco anos, mas ainda era magro e arrapazado como no dia em que se tinham casado. «Não importa» disse ele, o rosto abrindo-se num enorme sorriso. «Vendemos o edifício e vivemos em Curlew Cottage para sempre.»

Ele fê-la acreditar que seria o paraíso, que os juros sobre o produto da venda do edifício da loja os sustentariam. Ele venderia os seus quadros, criariam galinhas e cultivariam os próprios legumes. Tudo correria bem.

Honour soltou um suspirou profundo. Na altura, era tão ingénua como Frank. Não parou para pensar como seria viver no pântano no inverno, nem que Rose ficaria ressentida por deixar a antiga escola e os amigos para trás. Não lhe passou pela cabeça que os próprios pais veriam como abandono a partida repentina da única filha de Tunbridge Wells. Ela também não conhecia a verdadeira pobreza, até o capital se esgotar.

Nem sabia então que apenas, dois anos depois, a Inglaterra entraria em guerra com a Alemanha e Frank se alistaria. Se alguém lhe tivesse dito, no dia em que a loja fechou pela última vez, que dentro de seis anos ela desejaria que a morte a libertasse da luta para sobreviver mais um dia, ter-se-ia rido.

A vela ardeu até ser um simples toco enquanto Honour revivia o passado. Doía desenterrar tudo, ver a vida boa que podiam ter tido se não tivessem perseguido os sonhos. Se Frank tivesse mantido a loja a funcionar, podia ter evitado alistar-se, e talvez ainda hoje fosse vivo. Se tivessem ficado em Tunbridge Wells, talvez Rose também tivesse saído diferente.

Mas o passado era passado, e não se ganhava nada por desejar ter agido de forma diferente. Para Honour, agora era o presente que importava, e até àquela noite a sua vida, embora muitas vezes difícil, fora tranquila e agradável. Ganhava o suficiente para viver com a venda dos ovos, das compotas e dos coelhos, e adorava os pântanos e a sua pequena casa. Não queria mudanças, angústias nem mais responsabilidades.

Em especial, tomar conta de uma criança. Ela lembrar-lhe-ia constantemente Rose e todo o sofrimento que ela causara. Não podia nem iria ficar com ela.

*

Adele acordou de repente com o som de um galo a cantar e, por um ou dois segundos, pensou que ainda estava em The Firs e que havia sonhado a longa caminhada para Rye.

Mas os seus pés latejavam, o rosto parecia arder e, quando tentou sentar-se, uma dor aguda nas costas impediu-a. Depressa percebeu que não era um sonho.

Devia ser cedo, pois a luz que entrava pelas finas cortinas ainda era cinzenta, e, a sobrepor-se ao canto dos pássaros, ouvia a avó a ressonar no quarto ao lado.

Ficou aliviada por perceber que a imaginação não lhe pregara partidas, e que a sala de estar da avó era tão desordenada e estranha como a breve impressão que formara ao chegar.

O sofá onde se deitara ficava em frente ao fogão – um daqueles antiquados, com fogo dentro. Estava apagado, por isso presumiu que a avó tivesse de o acender todas as manhãs. Da sua posição no sofá, a porta principal ficava à frente, a copa atrás e a porta do quarto da avó à direita, mesmo ao lado do fogão. À esquerda, na parte de trás do sofá, havia uma mesa, cadeiras e toda a desordem. Até bloqueava a luz da janela.

Adele nunca vira nada assim: pilhas de caixas de cartão, uma cómoda empoleirada sobre um velho aparador. Havia um pássaro empalhado castanho-avermelhado, com uma longa cauda, numa caixa de vidro, um grande urso esculpido em madeira que parecia ser um cabide para casacos e chapéus, e um colchão contra a parede. Pensou no que conteriam as caixas. Estaria a avó a preparar-se para mudar de casa?

O pássaro, o urso e a mesa e as cadeiras pareciam vir de uma casa rica; de igual modo, o sofá onde se deitou era de veludo vermelho-escuro. Não combinava com uma mulher que vestia roupa de homem e não tinha eletricidade.

Adele queria ir ao lavabo, mas quando tentou levantar-se, percebeu que ainda não estava capaz. Sentiu-se também mal e muito assustada quando se lembrou de como a avó fora desagradável na noite anterior. Não se atrevia a chamar, por isso fechou os olhos e tentou voltar a adormecer.

Deve ter passado pelo sono outra vez, e recobrou os sentidos com um sobressalto quando uma porta rangeu. A luz do sol já entrava pelas janelas e o som era a avó a sair do quarto. Tinha um xaile em volta dos ombros da camisa de noite de flanela.

– Tenho de ir ao lavabo – disse Adele, hesitante. – Tentei levantar-me, mas não consigo.

– Porque não? – perguntou a avó, olhando-a com desconfiança.

– Dói-me tudo – declarou Adele.

– Acho que estás só dorida. Eu ajudo-te.

A ajuda dela foi apenas pegar nos braços de Adele e dar-lhe um paixão para cima. Adele conteve um grito de dor e titubeou nos pés doridos.

A avó ofereceu-lhe o braço para se segurar e Adele deslocou-se para a copa, a estremecer a cada passo.

– Mete aqui os pés – ordenou Honour, empurrando para Adele com o pé um par de chinelos velhos. – A latrina não é longe.

Quando a porta das traseiras se abriu, a paisagem diante de Adele, para lá da cerca do grande jardim, era tão bonita e inesperada que, por momentos, ela esqueceu a dor.

A erva ondulante salpicada de flores silvestres estendia-se até Rye. À sua direita ficava o castelo em ruínas que vira a caminho e um rio serpenteava, como uma fita prateada, pela erva luxuriante.

O som de grasnidos fê-la olhar para cima. Um bando de pássaros grandes e com pescoço longo sobrevoava e, enquanto os observava, eles desceram ao rio, pousando com graça sem fazer uma só ondulação.

– Gansos selvagens – disse a avó. – Aqui temos dezenas de tipos diferentes.

De repente, Adele tomou consciência das dores e coxeou até à latrina que a avó apontara, quase escondida debaixo de um arbusto coberto de grandes flores púrpura. Quando saiu, minutos depois, viu a avó a abrir uma coelheira para deixar os ocupantes sair para dar uma corrida.

– Eu gosto de coelhos – disse Adele ao ver dois coelhos castanhos e brancos muito grandes sair e farejar o ar com ansiedade.

– Não são animais de estimação – disse a avó de um modo frio. – Crio-os pela pele e a carne.

*

À tarde, Adele sentia-se em desespero, convencida de que a avó era mesmo bruxa, pois nunca tinha conhecido pessoa mais desagradável. Só queria deitar-se, fechar os olhos e adormecer, mas a avó disse-lhe que devia sentar-se na cadeira.

Tinha-a feito usar um vestido antigo enquanto lavava o de Adele, e não parava de lhe fazer perguntas às quais, em geral, se sentia doente de mais para responder. Num momento tinha frio, no outro tanto calor que transpirava, mas a avó parecia não notar, pois estava sempre a ir lá para fora fazer tarefas.

Ficou furiosa por Adele comer apenas umas colheres de sopa ao almoço, e depois atirou com um *puzzle* para uma bandeja e mandou-a fazê-lo em vez de olhar para o vazio.

Adele sempre adorara *puzzles*, mas a cabeça andava-lhe à roda quando olhava para as peças. Queria chorar e dizer que se sentia mal, mas tinha a certeza de que, se o fizesse, a mulher só ficaria pior.

Desejava não ter vindo. Teria sido melhor arriscar-se a ir ter com Mrs. Patterson.

– Bebe isto! – Adele sobressaltou-se, nervosa, com a voz da avó tão perto. Segurava uma chávena de chá numa mão e um prato com uma fatia de bolo de frutas na outra. – Vá lá, senta-te direita, e não te preocupes com os salpicos de natas no chá, não te fazem mal nenhum. Mas é melhor eu ir comprar mais leite, com este tempo quente vai-se muito depressa.

Bolo de frutas era o preferido de Adele, e em casa fora um prazer raro.

– Foi a senhora que o fez? – perguntou.

– Não, foi a minha cozinheira – retorquiu a avó. Apesar da cabeça muito confusa, Adele reconheceu o sarcasmo. – Bom, comporta-te enquanto eu estiver fora. Não te ponhas a bisbilhotar.

Adele só conseguiu olhar estupidamente para a mulher, sem perceber o que ela queria dizer.

*

Honour pedalou na bicicleta até à loja de Winchelsea, satisfeita por se afastar de casa e da menina durante algum tempo. Ela parecia muito fraca, mal conseguia responder às perguntas mais simples. A meio da colina para Winchelsea, teve de sair da bicicleta e caminhar, por ser tão íngreme, e chegou ao cimo a transpirar abundantemente, por o sol estar tão quente.

Só então lhe ocorreu que a menina podia estar com uma insolação. Lembrou-se de ter tido uma, em tempos, depois de um dia na praia de Camber Sands com Frank e Rose. Na verdade, estivera mal vários dias.

De repente, sentiu vergonha de não ter pensado nisto antes – afinal de contas, a menina tinha andado ao sol durante dois dias. Se fosse o caso, não admirava que não conseguisse comer a sopa ao almoço!

Honour pensou em pedir ao farmacêutico alguns conselhos para tratar de insolações, mas quando espreitou para dentro da farmácia viu uma fila com várias mulheres, e não queria que ouvissem o que ela tinha a dizer. Assim, comprou meio litro de leite, meteu-o no cesto do guiador e seguiu depressa para casa.

Tinha deixado a porta da frente aberta para entrar a brisa, e a primeira coisa que viu quando chegou foram as pernas da menina a despontar de trás do sofá.

Apressando-se a entrar, Honour viu que ela tinha o rosto para baixo, numa poça de vomitado. Levantou-a, afastando-a dali, virou-a de lado e verificou rapidamente se as vias aéreas estavam obstruídas. A rapariga perdera a

consciência e tinha o pulso fraco. Quando lhe tocou na testa, Honour achou-a muito quente.

Olhando em volta, viu a chávena de chá vazia e a fatia de bolo meio comida na pequena mesa ao lado da cadeira. Imaginou que Adele tivesse ficado maldisposta com aquilo e tentado ir ao lavabo.

Pela primeira vez em muitos anos, Honour sentiu-se assustada. Logo de manhã, a menina tinha-lhe dito que estava com dores, mas ela não fizera caso. Nem sequer a pusera na cama. Agora, era óbvio que ela estava gravemente doente. Precisava de um médico, mas como é que poderia ir à procura de um, deixando a criança sozinha?

O calor na sala de estar era terrível. Assim, pegou na criança, levou-a em braços para o seu quarto e deitou-a.

– Adele! – chamou-a, dando-lhe umas palmadinhas na bochecha. – Consegues ouvir-me?

Não houve resposta. Adele, tão frouxa como uma boneca de trapos, ardia, e Honour ficou agoniada só de pensar que ela podia morrer. Como é que o justificaria? As pessoas já falavam dela, sabia que desconfiavam do desaparecimento de Rose. E se pensassem que tinha matado a criança, ou que simplesmente a deixara morrer?

– Água fresca! – disse em voz alta, tentando acalmar-se. – Tens de a arrefecer e dar-lhe líquidos. – Quando despiu a criança e a deitou em cima de umas toalhas, Honour viu as reveladoras nódoas negras das marcas de dedos nas coxas magras. Começou então a chorar, mortificada por estar tão obcecada em fazer com que Adele lhe falasse da mãe, que ignorara a lamentosa explicação do porquê de ela ter fugido do lar das crianças. «Ele fez-me coisas sujas.» Devia ter adivinhado. Mas não registara, porque só pensava em si mesma e em tentar salvaguardar a sua vida pacífica e solitária. As pálpebras de Adele começaram a pestanejar quando Honour lhe passou a esponja com água fria. Parou para lhe segurar a cabeça e fazê-la beber um pouco de água. – Tens de beber – pediu. – Só uns goles, por agora.

Honour sempre se orgulhou de ser competente. Cuidara de Rose com escarlatina, de Frank com o trauma mental e a pneumonia que no fim acabou por matá-lo. Conseguia tratar um pássaro com a asa partida, torcer o pescoço a uma galinha e esfolar um coelho. Se saísse uma telha do telhado, ela subia e consertava-a. Mas sentia-se fraca e impotente ao passar a esponja em Adele, fazê-la beber e depois segurar a bacia enquanto ela vomitava.

E assim continuou. Adele arrefecia tanto que tremia, depois Honour cobria-a outra vez, mas poucos minutos depois a temperatura subia de novo e ela voltava ao ponto de partida.

Escureceu e Honour acendeu um candeeiro. Ouviu e acalmou Adele quando ela ficou delirante, a chamar pela irmã mais nova e por uma Mrs. Patterson. Quente num minuto, fria no outro, a vomitar até não haver mais nada para subir senão bílis. E Honour sempre a ver-lhe nas coxas aquelas marcas de dedos negras, a sentir raiva por um homem capaz de fazer aquilo a uma criança.

A meia-noite veio e foi, e Honour já mudara os lençóis duas vezes, por estarem encharcados em transpiração. Quis abrir a janela para deixar entrar ar fresco, mas no momento em que o fez, entraram traças e o som que faziam a voar contra a lâmpada era muito incomodativo. Por fim, deitou-se ao lado da criança. Embora estivesse exausta, tinha medo de fechar os olhos sequer por um minuto. Cada vez que olhava para o rosto da menina, inchado e vermelho da insolação, dominava-a um sentimento de revolta tanto por Rose como por aquele homem Makepeace, por a terem tratado tão mal.

Eram quatro da manhã quando Adele pediu para beber. Honour acordou com um sobressalto e sentiu vergonha de ter adormecido.

Num instante estava fora da cama, a correr para o outro lado, para levantar a cabeça da menina e dar-lhe água. Desta vez, Adele bebeu metade do copo antes de se afundar de novo na almofada. Honour sentou-se ao lado da cama com a bacia, à espera, contando que ela vomitasse de novo, mas os minutos arrastavam-se e desta vez ela não o fez. Honour sentiu-lhe a testa. Continuava muito quente. Pôs-lhe um pano molhado para a arrefecer. No entanto, o instinto dizia-lhe que o pior já tinha passado.

Honour apagou o candeeiro quando a primeira luz do amanhecer começou a entrar no quarto. Depois, foi até à janela de trás e abriu-a para deixar entrar um pouco de ar fresco. O céu cinzento rosado sugeria que mais tarde choveria, e isso agradou-lhe, não só porque os legumes precisavam de chuva, mas porque iria arrefecer o ar e ajudar a criança a melhorar.

Ela chama-se Adele, murmurou para si mesma em tom de censura.

Apoiou os cotovelos no parapeito da janela, a olhar para o pântano, e pensou no porquê de Rose lhe ter dado aquele nome. O pai seria francês?

Isso importa? perguntou a si mesma. *No fim de contas, vais despachá-la assim que ela melhorar.*

CAPÍTULO 8

— Vais cansar os olhos a tentar ler esse livro com esta luz – disse Honour, brusca. Era o início da noite, mas lá fora chovia muito, o que escurecia a sala.

Adele pousou o *Mulherzinhas* contra a vontade. Desejava atrever-se a perguntar se podia acender o candeeiro a petróleo, mas sabia que a avó só o acendia ao anoitecer e faltavam ainda duas horas.

De manhã, a avó disse-lhe que no dia seguinte faria duas semanas que tinha chegado. A Adele não parecia tanto tempo, mas estivera demasiado doente para reparar nos dias a passar.

Foi muito estranho acordar e dar por si na cama da avó, com ela ao lado, e depois descobrir que haviam passado três dias sem que tivesse consciência de nada. A sua última memória nítida era de a avó lhe dar uma fatia de bolo e uma chávena de chá e sair. O chá não sabia bem, o bolo parecia seco e horrível, e de repente sentiu-se mesmo mal e tentou ir ao lavabo. Mais nada. O que acontecera a partir daí era apenas um vazio.

Percebeu que devia ter estado muito doente pela forma como a avó a tratava. Tinha de a levantar para ir ao pote, lavá-la e pentear-lhe os cabelos, e alimentava-a com uma colher, como a um bebé.

Logo que Adele deixou de querer estar sempre a dormir, a avó apoiava-a em almofadas e deixava-a ler. Foi uma grande surpresa, pois a mãe era sempre muito má quando Adele estava doente de mais para ir à escola. Arrancava-lhe das mãos os livros ou os brinquedos e dizia que, se estava bem para aquilo, podia levantar-se e fazer algo útil. A mãe também nunca lhe preparara comida especial, que fosse fácil de comer. A avó preparava-lhe algo chamado «coalhada». Era um pouco como manjar-branco, escorregadio e bom, depois de se habituar. E também ovos escaldados, arroz-doce e muita canja de galinha.

Porém, o que Adele mais apreciava eram os livros. Quando lia *Rebecca da Quinta de Sunny Brook* e *O que Katy Fez*, esquecia-se de que se sentia tão mal. Nem sequer pensava na mãe, na morte de Pamela nem no que acontecera em The Firs. Não queria melhorar. Era ótimo deixar-se mergulhar na vida e nas

aventuras de outra pessoa. Não queria pensar no que lhe aconteceria quando recuperasse.

Em convalescença e com autorização para se sentar numa cadeira, Adele começava a ver como a avó vivia. As galinhas e coelhos no jardim, de que se lembrava vagamente, eram o rendimento dela. Vendia os ovos das galinhas e matava os coelhos pela carne e pele. Além disso, fazia todo o género de compotas e cultivava frutas e legumes.

Tinha de trabalhar muito, nunca parava desde manhã cedo até à luz se extinguir, à noite. Adele achava que ela iria ficar muito feliz quando pudesse entregá-la a outra pessoa, já que tinha mais que fazer sem as visitas indesejadas.

Adele não tinha pensado se gostaria ou não de ficar ali para sempre. Sabia que os adultos não faziam caso do que as crianças queriam. Mas achava que a avó era a pessoa mais estranha e misteriosa que já tinha conhecido.

Tomou conta de Adele quando ela esteve muito doente, o que provava que tinha um lado bondoso e amável. Mas agora era sempre brusca, e a sua forma elegante de falar contrastava com as roupas de homem e a forma como vivia.

Não era muito faladora e, quando falava, disparava perguntas. Grande parte das respostas parecia contrariá-la. Adele queria pensar em algo para dizer que a fizesse sorrir ou até rir.

Depois, quando a avó fazia algo amável e simpático, tentava fingir que não fizera nada.

O segundo quarto foi uma dessas gentilezas. Adele não sabia sequer que havia outro quarto, até a avó dizer que tinha mudado o colchão para lá e que, de futuro, Adele dormiria lá.

Durante todo o tempo em que dormiu na cama da avó, Adele guardou na memória a imagem de como era a sala de estar, do outro lado da porta do quarto, quando chegou. Lembrava-se com tanta nitidez da desordem que foi um grande choque quando a avó a ajudou a ir até lá, pela primeira vez, e Adele a encontrou completamente diferente.

Não se viam grandes pilhas de caixas, apenas uma sala normal. Na verdade, «normal» não era a descrição certa, pois Adele nunca vira coisas tão extraordinárias como as que a avó possuía, mas pelo menos estavam organizadas de uma forma normal. Pousado no aparador, o pássaro na caixa de vidro; junto à porta da frente, o bengaleiro de urso, e a mesa e as cadeiras no meio do espaço outrora ocupado, com um vaso de flores silvestres na mesa. As paredes estavam cobertas de pinturas vívidas, havia estantes com livros e

bibelôs e até um bonito tapete no chão, do tipo que as pessoas ricas têm em casa.

O colchão devia estar a esconder a porta do segundo quarto. Adele contava que fosse tão despido e pobre como o seu quarto em The Firs, que outro motivo haveria para a porta estaria escondida? Mas, para sua absoluta surpresa, era muito bonito, com um papel de parede verde e branco lindo, cortinas, uma cama de madeira com a cabeceira trabalhada, e até um toucador e uma estante cheia de livros.

Tudo extremamente misterioso. A memória estaria a pregar-lhe partidas?

Não podia perguntar. A avó não gostava que lhe fizessem perguntas, apesar de ela própria o fazer. Portanto, Adele nada disse, além de que o quarto era muito bonito.

Só quando ouviu o carteiro a falar com a avó é que se resolveu o mistério. Ele perguntou-lhe se ela tinha arranjado bem o papel de parede e se queria ajuda para mudar alguma coisa de sítio. De repente, Adele percebeu. Aquele quarto não era usado há anos, talvez desde que a mãe o desocupara. Tudo o que lá estava foi mudado para a sala de estar, por alguma razão. Mas a avó renovara-o e pusera tudo no lugar enquanto Adele estivera doente.

O porquê de a avó não ter dito nada sobre o assunto era outro mistério, ainda por resolver.

Agora andava a fazer uma camisa de noite para Adele. Tinha desencantado uma flanela de algodão e coseu-a na máquina de costura. Mesmo quando admitiu o que estava a fazer, não o disse de uma forma simpática, apenas vociferou: «bem, tu tropeças na que te emprestei, é muito grande.»

Tanto o quarto como a camisa de noite poderiam ter dado a Adele a ideia de que a avó tencionava deixá-la ficar, mas Adele imaginou que seria difícil mandá-la para outro lar de crianças sem ter uma camisa de noite. Desejava atrever-se a perguntar quando é que isso iria acontecer. Mas, tal como pedir para acender o candeeiro a petróleo mais cedo, não se atreveu.

Outra coisa muito estranha era a forma como a avó reagia a tudo o que Adele lhe contava sobre Rose. De repente, levantava-se e saía para o jardim ainda antes de Adele terminar. A única vez que ouviu tudo foi quando Adele lhe contou a história toda sobre a morte de Pamela e as saudades que tinha dela. A avó deu uma das suas fungadelas e disse que era assim que devia ser.

Adele remexeu-se na cadeira. Era aborrecido estar sentada sem fazer nada. Queria que a avó tivesse um rádio, assim não seria tão mau. Nos últimos dois dias, tivera autorização para se sentar no jardim à tarde, durante umas horas.

Era muito agradável, mas ao ver aquele velho castelo, o rio e as centenas de pássaros ficava em pulgas para ir explorar. Também estava morta por ver o mar.

– Posso fazer-nos um chá? Ou está na hora de me ir deitar? – deixou escapar. Pelo menos, conseguia ver o pôr do sol da janela do quarto.

*

Honour olhou para a criança e pensou que estava com muito melhor aspeto. Quando esteve mesmo doente, ficou com um ar medonho. A pele do rosto caía em grandes flocos e dava-lhe uma aparência malhada, o cabelo parecia palha seca e os estranhos olhos castanho-esverdeados grandes de mais para um rosto tão magro. Mas a boa alimentação, o descanso, umas tardes sentada ao sol e uma boa lavagem de cabelo operaram maravilhas. Agora tinha madeixas douradas no cabelo e um leve rubor nas faces, e os olhos, vistos melhor, eram deveras bonitos. Percebeu o tédio da criança, o que era mais um sinal de que estava de facto a recuperar.

– Daqui a pouco vou fazer chocolate quente – disse ela, retirando uns alfinetes da manga da camisa de noite.

Nos últimos dias, fizera com que Adele lhe falasse sobre a vida em Londres, e o talento descritivo da criança era assaz impressionante. Sem nenhum esforço aparente, descreveu a casa, a família e os vizinhos com tal clareza que Honour teve a sensação de estar lá. Não que quisesse vê-lo com tanta nitidez. Doía ver Rose como uma bruxa bêbada, casada com um homem rude e sem educação, e a viver no que parecia ser um bairro de lata. Honour não compreendia o porquê de Adele, que era claramente muito inteligente, não mostrar verdadeira raiva nem amargura por ser tratada com tal desprezo pela mãe.

Mas talvez uma criança criada sem amor não tivesse uma ideia real do que isso era.

Depois de juntar todos os fragmentos de informação sobre Rose, Honour concluiu que o pai de Adele era um homem casado, e que ela o conhecera quando trabalhava no The George em Rye.

Rose ressentira-se por ter de deixar Tunbridge Wells e todos os amigos. Durante algum tempo mostrou-se amuada e difícil, mas por fim pareceu adaptar-se. Só quatro anos mais tarde, quando tinha quinze e arranjou emprego no hotel, mostrou os primeiros sinais de ter vergonha de onde e como tinha de viver.

O hotel The George era para pessoas ricas, e de repente Rose não falava de nada a não ser o que os hóspedes vestiam, o que comiam e que aspeto tinham. Quando Frank regressou de França, Rose passava muitas vezes a noite no hotel, quando havia um jantar especial ou uma festa. Honour não questionava nem sequer lhe perguntava se recebia horas extra por trabalhar mais, porque basicamente estava demasiado exausta de cuidar de Frank para pensar noutra coisa. No entanto, lembrava-se de pensar, de vez em quando, se Rose teria um fraco por alguém, pois parecia distraída, agitada e demasiado preocupada com a aparência.

Se esse alguém fosse um homem solteiro e normal, Rose teria com certeza falado sobre ele, ou tê-lo-ia convidado para vir a casa.

Honour duvidava algum dia vir a descobrir a verdade sobre o que acontecera a Rose depois de fugir. Talvez fosse melhor desconhecer a razão de ela ter acabado num bairro de lata, com um homem com quem nada tinha em comum. Mas, independentemente das razões, Honour não conseguia compreender porque a impediriam de amar a filha. Por toda a parte há mulheres que casam com homens que não amam – por dinheiro, estatuto e muitas outras razões –, mas amam profundamente os filhos. E Rose, pelo que constava, amava Pamela, filha de Jim.

Depois de ouvir Adele contar, desolada, os acontecimentos que conduziram ao internamento da mãe, Honour viu que já não importava o que Rose tinha feito aos pais. Era ofuscado até à insignificância perante o que fizera a Adele. Não só falhara no amor, cuidado e proteção da filha, como lançara sobre os seus pequenos ombros um enorme fardo de culpa pela morte de Pamela.

Honour sabia que tinha de tentar tirar esse fardo a Adele, mas como? Honour não era, nem nunca fora, faladora; conseguia esclarecer tudo mentalmente, sabia o que era preciso dizer, mas as palavras nunca lhe saíam bem. Mesmo em nova, acusavam-na muitas vezes de ser brusca, sem coração e até insensível. Na sua opinião, não era assim; só não conseguia mostrar os verdadeiros sentimentos. Quanto mais envelhecia e mais tempo passava sozinha, pior ficava. E desejava que fosse diferente.

Frank era a única pessoa que sabia que, para se proteger, ela escondia um fundo afável atrás da carapaça. Mas eles eram tão próximos que quase conseguiam ler a mente um ao outro, e muitas vezes bastava-lhes uma palavra onde outras pessoas usariam dezenas. Se Frank ali estivesse, saberia exatamente como ajudar Adele. Ele tinha paciência para esperar pelo momento

certo, conhecimento da mente humana e um dom muito especial de arrancar confidências a quase toda a gente.

Mas Frank não estava, e Honour sabia que teria de ser ela a lidar com a situação. Embora fosse muito tentador fazer o que fazia sempre com o que a perturbava ou atrapalhava – isto é, despachá-lo como às roupas de cama e às porcelanas –, desta vez não podia.

A prioridade era descobrir o que acontecera a Adele em The Firs. Se um homem que devia cuidar das crianças as molestava, então alguém tinha de lhe pôr um travão.

– Eu posso fazer o chocolate quente – disse Adele de repente, interrompendo os devaneios de Honour. – Passou o dia numa correria e deve estar cansada.

Honour ficou com um grande nó na garganta, pois a sensibilidade de Adele era mais uma prova de que passara a infância a tentar apaziguar os outros. Aos doze anos, Honour jamais teria considerado que uma adulta pudesse estar cansada.

– Agora não, fazemos mais tarde. Quero que me contes porque fugiste de The Firs – afirmou, sem rodeios.

– Não gostava de estar lá – disse Adele. De repente parecia evasiva.

– Foi mais do que isso, e tu sabes – disse Honour. Bem, conta-me e liberta-te disso.

– Não consigo.

Honour viu ela tinha baixado a cabeça e torcia as mãos.

– Sei que é difícil falar sobre coisas que te envergonham – disse ela, firme. – Mas tenho de saber a verdade. Sabes, a qualquer momento posso ter de ir à polícia.

Adele levantou os olhos, alarmada.

– Porquê? Não fiz nada de mal.

– Tenho a certeza de que não. Mas quando fugiste, Mr. Makepeace deve ter denunciado o teu desaparecimento à polícia. Podem andar à tua procura, e se eu não lhes disser que estás aqui comigo, posso meter-me em sarilhos. Também vou ter de lhes contar porque fugiste, para garantir que não te mandam para lá outra vez.

– Não podem obrigar-me a voltar para lá! – exclamou Adele.

– Podem – disse Honour com firmeza. – Posso ser tua avó, mas puseram-te ao cuidado dos Makepeace, não ao meu.

– Não posso ficar aqui consigo? – disse Adele, os olhos arregalados e temerosos. – Por favor, avozinha?

Honour sabia que chamar-lhe «avozinha» fora uma gafe, mas tocou-lhe nas profundezas do ser. A menina insistira em chamar-lhe Mrs. Harris aquele tempo todo, e Honour não sugerira algo menos formal porque não queria ser levada pela emoção.

– Duvido que te deixassem ficar aqui – disse ela com brusquidão. – Olhariam para este sítio, sem eletricidade nem casa de banho, e pensariam que era melhor para ti estares naquela casa grande com outras crianças.

– Mas aqui sinto-me segura – respondeu Adele.

Honour sabia que há duas semanas aquele argumento não teria significado nada. Mas o medo que sentira ao pensar que Adele ia morrer, o facto de cuidar dela até recuperar a saúde, e a natureza doce e resignada da criança tinham-lhe alterado a perspetiva. Embora Honour continuasse a ter bastantes reservas acerca da sua adequação para cuidar de uma jovem, e também da capacidade de arranjar dinheiro para a alimentar, Adele conseguira penetrar a sua forte carapaça. E, a menos que alguém apresentasse um lar mais adequado para a neta, não a deixaria ir sem dar luta.

– Sentirmo-nos seguros significa que confiamos numa pessoa – disse ela. – Confias em mim?

Adele confirmou com a cabeça.

– Se confias em mim, então podes contar-me o que aconteceu – disse Honour. Esperou. A menina franzia o sobrolho, como se não soubesse por onde começar. De vez em quando levantava os olhos para Honour, abria a boca para falar e depois fechava-a outra vez. Honour queria gritar-lhe que desembuchasse e acabasse com aquilo, mas controlou-se e pensou no que Frank faria. – Começa pela parte de que não gostaste – sugeriu. – Depois de a dizeres, não será tão difícil.

– Ele entrou na minha cama – deixou Adele escapar num ímpeto. Parou e começou a chorar.

Honour sentia-se tentada a facilitar-lhe a vida, a usar a palavra «violação.» Mas ela própria, aos doze anos, não saberia o que isso significava, e sentia que Adele era de igual modo inocente. Quando começara a recuperar mentalmente, Frank afirmara que contar-lhe as coisas terríveis que testemunhara durante a guerra o ajudara a pô-las de parte. Se Adele enfrentasse este assunto horrível e falasse pelas próprias palavras, talvez a ajudasse também.

– Anda sentar-te junto a mim – disse, batendo no assento ao seu lado. Adele disparou do lugar para o sofá como um relâmpago. O desejo de que a abraçassem era tão óbvio que Honour sentiu um nó na garganta.

Involuntariamente, deu por si a pôr os braços em volta da criança, para a confortar. – Vá lá – murmurou. – Estou a ouvir.

– Ele pôs as mãos debaixo da minha camisa de noite e tocou-me – soluçou Adele, enterrando a cabeça no peito de Honour. – Disse que era a maneira dele mostrar que me amava. Pôs-se em cima de mim e tentou meter-me a coisa dele.

– Ele entrou em ti? – perguntou Honour, quase nauseada com a brutalidade da pergunta.

– Acho que não, era muito grande e eu não parei de me mexer – sussurrou ela. – Mas obrigou-me a pegar nela – acrescentou.

– E? – perguntou Honour.

– Eu disse que ia vomitar, quando saiu uma coisa. Ele disse-me para correr para a casa de banho e foi o que fiz. Também vomitei, muitas vezes. Ele deixou-me lá. Acho que voltou para a cama.

Honour fechou os olhos e soltou um suspiro silencioso de alívio por ele não ter penetrado a criança, pelo menos daquela vez.

– E quanto tempo depois disso deixaste The Firs? – perguntou.

– Nessa mesma noite – disse Adele. – Não podia ficar lá, pois não? Por isso, lavei-me, vesti-me e saí.

Honour sentiu que, enfim, podia respirar de novo.

– Sim, era a coisa certa a fazer – afirmou, afagando o cabelo da criança. – Ele foi um homem muito malvado, para fazer o que te fez, e tu foste muito corajosa e sensata. Bem, vamos beber um chocolate quente, e depois podes contar-me como era Mr. Makepeace quando chegaste a The Firs.

*

Honour tremia enquanto punha o leite a aquecer no fogão, acendia o candeeiro a petróleo e corria as cortinas. Adele estava encolhida no sofá. As lágrimas acalmaram, reduzindo-se a simples fungadelas, mas ela era a imagem do infortúnio. Honour questionou se teria feito o que era correto. Não se perdoaria se a pobre criança adoecesse outra vez ou se lhe desse pesadelos.

Enquanto bebiam o chocolate quente, Adele contou-lhe tudo sobre Mr. Makepeace. À medida que se desenrolava a história sobre as aulas particulares e como o homem se tornara importante para ela, Honour começava a perceber tudo.

Era uma história sinistra, pois, como adulta, via que fora tudo claramente premeditado. Enternecera Adele, dizendo-lhe que era inteligente e especial, e ela, desabituada a afeto como estava, não percebeu que as carícias eram

impróprias. Afastá-la das outras crianças torná-la-ia ainda mais dependente dele e, naquela última noite, ele provavelmente pensou que a tinha sob seu total poder.

Honour não tinha dúvida de que, se Adele não tivesse fugido, por esta altura ele usá-la-ia sempre que lhe apetecesse.

– A culpa foi minha? – perguntou Adele um pouco mais tarde.

– Claro que não – disse Honour com alguma rispidez, por estar tão cansada e esgotada. – O mau era ele. Mas agora estás a salvo. Acabou tudo.

– Mas e se a polícia disser que tenho de voltar para The Firs? – perguntou Adele numa voz débil.

– Terão de lidar comigo, se o fizerem – disse Honour, num tom feroz. – A partir de agora, tomarei todas as decisões a teu respeito.

– Isso significa que me deixa ficar consigo, Mrs. Harris?

Honour olhou para Adele e pensou que ela parecia um coelho assustado, apanhado na luz do candeeiro. Uns olhos tão grandes, ainda a nadar em lágrimas, e os lábios a tremer. Se lhe cortasse o cabelo, o penteasse até brilhar, se a alimentasse para encher aqueles membros magros como varas, e lhe preenchesse a mente com a beleza da natureza, até não haver espaço para as memórias terríveis que ela agora possuía, Honour sentiria ter feito algo com verdadeiro valor.

– Acho que é melhor chamares-me avozinha – disse com um sorriso. – E é melhor que te deixem ficar, depois de todo o trabalho que tive para te pôr boa outra vez.

Parte II

CAPÍTULO 9

1933

Absorta em pensamentos, Adele colhia flores de tojo nos pântanos. A avó usava-as para fazer vinho de tojo, que vendia em Rye juntamente com as conservas, ovos e outros produtos. A grande cesta de palha estava agora quase cheia, e as mãos de Adele cobertas de pequenos arranhões dos arbustos espinhosos. Ela mal reparava neles, ou no vento frio da primavera. Em quase dois anos a viver com a avó, habituara-se a estas coisas.

Adele sabia que tinha mudado muito desde o dia em que chegara, exausta e doente, a Curlew Cottage. Crescera cerca de dez centímetros, para um metro e sessenta, e embora ainda fosse magra, os membros eram arredondados, com músculo. Estava contente pelo cabelo comprido, que crescera espesso e brilhante, e pela pele clara e luminosa, mas ainda não se conformara com os pequenos peitos que despontavam. Davam-lhe mais vergonha do que prazer.

Se alguém lhe perguntasse qual das suas mudanças considerava mais impressionante, provavelmente afirmaria que era a altura. Mas, no fundo, sabia que era o facto de ser feliz.

Embora a vida que partilhava com a avó fosse por vezes – em especial no inverno – muito difícil, e em nada semelhante ao que, em criança imaginava ser um lar perfeito, acabou por gostar. A avó podia ser brusca e estranha, mas era constante. Adele nunca tinha de se preparar para ataques de fúria súbitos, nunca era depreciada nem os seus esforços menosprezados.

Talvez ajudasse se obtivesse algumas explicações, como o que tinha ao certo corrido mal entre a mãe e a avó, onde estava agora a mãe e se melhorara. Também seria bom saber se a mãe fizera algum esforço no sentido de saber se tomavam bem conta dela, e se Mr. Makepeace fora punido pelo que lhe fizera.

No entanto, a avó não era dada a explicações, especialmente quando o assunto era incómodo. Mesmo assim, Adele já sabia que ela era sábia e sincera, e não tinha dúvida de que lhe contaria tudo quando achasse que era o momento certo, pois sob a aparência mal-humorada havia um lado muito afetuoso.

No inverno, Adele nunca ia à escola sem um grande prato de papas de aveia na barriga e o casaco aquecido junto ao fogão. Nos dias quentes de verão,

quando voltava para casa, a avó estava muitas vezes à espera com um piquenique, que comiam depois de dar um mergulho na praia. Quando à noite se aproximavam tempestades, ela levantava-se sempre e ia ao quarto de Adele, para ver se não estava assustada. Mostrava interesse no que Adele aprendia na escola, e muitas vezes conseguia explicar-lhe as coisas muito melhor do que o próprio professor.

Durante o primeiro verão, quase tudo o que Adele antes pensava ser importante foi posto em causa. Em Londres, o dinheiro dominava tudo. As discussões entre os pais começavam sobretudo por esse motivo; sem ele, não se podia pagar a renda, comprar comida, nem ir ao bar ou ao cinema. Adele sempre pensou que o que fazia as pessoas felizes era ter dinheiro.

No entanto, a avó não lhe dava grande importância. Era cuidadosa com o pouco dinheiro que tinha, mas este servia apenas para bens essenciais, como petróleo para os candeeiros, farinha, chá e açúcar, que era preciso comprar; ela fazia, criava, cultivava ou apanhava quase tudo o resto.

Punha o fogão a funcionar com lenha que apanhava, cultivava legumes, fazia o próprio pão. O transporte eram as próprias pernas ou a velha bicicleta. Fazia as compotas com qualquer fruta ou legume da estação; podia-se colher de graça flores de tojo, bagas de sabugueiro e amoras. Não desperdiçava nada – um vestido velho podia ser transformado numa saia ou numa blusa, as cascas dos legumes e até os excrementos das galinhas e coelhos davam adubo para o jardim.

Mas a avó não via ali dificuldades; dava-lhe prazer viver da terra, e Adele tinha aprendido a gostar também.

No início, Adele acreditava que iria sempre suspirar por Londres, com as suas lojas, cinemas e multidões de pessoas. Em The Firs, suspirara por *fish and chips* e andar de elétrico, e a tranquilidade do campo desalentava-a. Aqui, porém, naquele primeiro verão, assim que ficou em condições de sair, a avó apresentou-a aos seus amados pântanos, e Adele descobrira um mundo mais belo e emocionante do que qualquer outra coisa com que já tivesse sonhado.

Não era um lugar desolado e árido, como pensara no princípio. Era um lar para todo o tipo de plantas, aves e outros animais selvagens. Quando saíam para apanhar lenha, a avó chamava-lhe a atenção para pássaros diferentes e dava-lhes nome. Ela sabia identificar todo o grito ou lamento, conhecia todas as plantas e ervas. Pouco a pouco, Adele viu-se envolvida na sua magia, e adorava caminhar sozinha, a apreciar a paz e a beleza. Lembrava-se de que em Londres, no verão, as folhas das árvores pendiam sem vivacidade, sujas de pó e

fuligem. Lembrava-se do cheiro desagradável dos esgotos e da comida apodrecida, das noites quentes e pegajosas em que não conseguia dormir, do ruído constante do trânsito e das pessoas a gritar e a discutir. Os sons que aqui lhe entravam pela janela do quarto eram todos agradáveis: o balido de uma ovelha, o pio de uma coruja, o rebentar das ondas nos seixos da praia.

A avó manteve-a afastada da escola até ao início do primeiro período, em setembro, mas Adele, para sua surpresa, não se sentia sozinha sem outras crianças. Havia muitos livros para ler, e podia desenhar e pintar, costurar e tricotar. A avó também a ensinou a nadar e a andar de bicicleta.

Adele sorria para si mesma quando se lembrava da primeira vez que vira a avó de fato de banho. Era um de malha, muito antiquado, azul real com uma lista vermelha no peito, quase como um macacão de bebé que a cobria até aos joelhos e aos cotovelos. Se bem que ela tinha uma boa figura, para uma mulher dos seus cinquentas – ainda magra e firme, com pernas bem feitas. E sabia nadar como um peixe, mergulhava nas ondas com a satisfação de uma criança. Ela contou que o pai a ensinara quando ela tinha apenas cinco anos, embora naquela altura não se considerasse apropriado para uma menina. Ele tivera uma irmã que se afogara num rio e, por isso, acreditava que todas as crianças deviam aprender a nadar, já que a água as atraía.

Honour era uma boa professora, surpreendentemente paciente e muito encorajadora. Estivesse ela a mostrar a Adele como se fazia compota e pão, como se distinguia entre ervas daninhas e flores ou andava de bicicleta, tinha o dom de lhe explicar o bastante para que percebesse a ideia, e depois afastava-se e deixava-a fazer sozinha.

Adele já sabia fazer coisas que em Londres nunca teria imaginado. Sabia esfolar um coelho tão bem como a avó, cozinhar, acender uma fogueira e pô-la a funcionar só com um fósforo, depenar uma galinha e cortar lenha.

Enquanto Adele continuava a colher as flores de tojo, a sua cabeça estava no futuro, e não nas muitas competências que já tinha aprendido. Daí a três meses, em julho, faria catorze anos e poderia deixar a escola e arranjar emprego.

A crise – ou depressão, como algumas pessoas lhe chamavam – continuava, e piorava a cada mês, à medida que mais empresas faliam. Apesar de raramente ver um jornal, Adele observava os efeitos reais do desemprego em Rye quando ia para a escola. Os homens andavam pelo cais em grupos, o rosto marcado pela ansiedade e, quase de certeza, a fome. Via as mulheres com ar abatido a olhar nostalgicamente para as montras. E muitas das crianças nas piores ruas de

Rye eram tão pálidas, magras e apáticas que muitas vezes Adele se sentia culpada por ter mais do que o suficiente para comer.

A avó tinha opiniões muito fortes sobre a situação dos pobres, embora não se considerasse um deles. Ficava zangada com algo chamado «teste de meios», porque significava que algumas famílias tinham de vender a mobília e outros pertences para estarem aptas a receber subsídios. Pensava que era imoral que os ricos continuassem a comprar automóveis e roupas caras e a ir de férias para França ou Itália, mas pagassem salários miseráveis aos empregados. Quando soube que dois homens tinham sido presos por roubar uma ovelha nos pântanos, porque as famílias tinham fome, marchou até Rye e deu uma reprimenda à polícia. Como ela realçou, as famílias daqueles homens só sofreriam mais se eles fossem para a prisão. E o que era uma ovelha, quando o agricultor nem sabia quantas tinha?

Adele tinha uma vaga ideia do que estava a acontecer nas outras zonas de Inglaterra e no resto do mundo através dos ocasionais passeios ao cinema de Rye. No Pathe News, viu estaleiros parados, homens esgazeados a agitar faixas a pedir trabalho, filas enormes à porta da sopa dos pobres na América, bandidos a matarem-se uns aos outros em lugares como Chicago, e a algo sinistra ascensão ao poder de um homem chamado Adolf Hitler na Alemanha.

Por vezes sentia-se um pouco culpada por se preocupar menos com o mundo real do que com o faz-de-conta dos filmes de Hollywood que ela e a avó viam. Mas era bom ver estrelas de cinema glamorosas a cantar e a dançar, vestidas com roupas lindas; vislumbrar um mundo onde as casas eram como palácios e todos tinham carros grandes, casacos de peles e piscinas.

A avó apreciava bastante comentar que «Hollywood era um anestésico para as massas oprimidas», e provavelmente tinha razão, mas mesmo assim Adele não conseguia evitar pensar que, se arranjasse o emprego certo, talvez pudesse comprar roupas bonitas, impedir a avó de trabalhar tanto e fazer com que se orgulhasse da neta.

*

– Desculpa! – Adele sobressaltou-se com o som inesperado de uma voz masculina e virou-se, vendo atrás de si um rapaz com uma bicicleta. – Desculpa. Não queria assustar-te – disse ele, apologético.

A voz elegante e as boas roupas distinguiam-no dos rapazes locais que ela conhecia de vista. Tinha talvez dezasseis anos, de aparência jovem, alto e magro, com cabelo escuro muito brilhante.

– Não te ouvi a aproximar – disse ela. Corou furiosamente, porque sabia que devia parecer uma pedinte a alguém que usava calças de flanela cinzentas com vincos bem marcados, e um casaco de *tweed* como que saído da montra de um alfaiate.

Nos dias de escola, Adele parecia-se muito com as colegas de turma; com frequência vestia-se melhor do que muitas delas, porque a avó era boa com a agulha, e tinha um vestido-jardineira e uma blusa tão bons como quaisquer outros comprados numa loja. Mas, fora da escola, as roupas tinham de ser práticas, e Honour fizera-lhe um par de calças que ela usava metidas nas galochas, e por cima uma camisola de lã azul-marinho. Uma rapariga da escola dissera com sarcasmo que ela parecia uma cópia da avó.

– É o vento, que geme, abafa tudo o resto – acrescentou ela, nervosa.

– Devia ter tocado a campainha – disse o rapaz com um sorriso. – Mas pareceu-me falta de educação. Só queria saber se posso ir para o porto de Rye por aqui.

Ele tinha um sorriso simpático e uns olhos azul-escuros muito bonitos, e Adele gostou das boas maneiras. A maioria dos rapazes que conhecia eram muito grosseiros.

– Vais achar difícil ir de bicicleta – disse ela. – Há partes pantanosas e muitos seixos. É um passeio bonito, mas de bicicleta é mais fácil chegar pela estrada.

– Na verdade, ando só a explorar – disse ele, e olhou com curiosidade para a cesta de flores de tojo. – Porque é que estás a colher isso?

– Para fazer vinho – respondeu ela. – É a minha avó que faz.

Ele pareceu surpreendido.

– Como é?

– Ela não me deixa beber – disse Adele com um sorriso. – Mas eu dei um gole. É meio doce, e cheira às flores. Dizem que um copo embebeda, e dois fazem-te cair de bêbado.

Ele riu-se.

– Então a tua avó está sempre bêbada?

– Não, ela só o vende – disse Adele em tom de censura. Em dois anos, tinha ficado muito acostumada às pessoas tentarem ridicularizar a avó, e muito hábil a defendê-la.

– Estava só a brincar – disse ele. – Nunca conheci ninguém que fizesse vinho, os meus pais compram-no a um comerciante de vinhos. Posso comprar uma garrafa, para eles experimentarem?

Adele não sabia como responder à pergunta. A avó vendia sempre o vinho a um homem de Rye. Ele dava-lhe as garrafas e vendia-o aos clientes, juntamente com o de sabugueiro, dente-de-leão e os outros vinhos que ela fazia.

– Teria de lhe perguntar – disse ela. – Estás aqui de férias?

– Não é bem isso – disse ele. – A minha avó morreu, por isso vim com os meus pais para ajudar o avô a organizar o funeral. Ele vive em Winchelsea.

– A tua avó era a Mrs. Whitehouse? A minha avó disse ontem que ela tinha morrido. Se sim, lamento muito.

– Sim, é ela – confirmou ele com a cabeça. – Tinha mais de setenta anos e era frágil, por isso era de esperar. Eu não a conhecia muito bem. A minha mãe costumava trazer-nos cá às vezes, quando eu era muito pequeno, mas julgo que o avós achavam os fedelhos barulhentos uma grande provação. Vamos ficar até eu ter de voltar à escola, depois das férias da Páscoa.

– Escola? – exclamou Adele sem pensar. Toda a gente que conhecia deixava a escola aos catorze anos, e ele era sem dúvida muito mais velho.

– Bem, sim – disse ele, claramente intrigado com o comentário. – Tu já saíste, então?

– Não, mas vou sair este verão – disse ela. – Estava a pensar em arranjar emprego, quando apareceste.

Ele lançou-lhe um olhar longo e impassível. Adele sentiu que ele estava a avaliar as roupas gastas e a produção de vinho, e a decidir que ela não era o tipo de pessoa com quem devia conversar.

– Imagino que por aqui seja difícil – disse ele, por fim. Mas o tom era compreensivo, não de superioridade. – Ontem à tarde fomos a Rye e os meus pais comentaram que as pessoas de lá devem sofrer muito com a crise. Que tipo de trabalho vais procurar?

– Qualquer um, desde que paguem – respondeu ela. Até aos próprios ouvidos soou tão brusca como a avó.

Adele contava que o rapaz se despedisse e fosse embora, mas para sua surpresa, ele deixou a bicicleta no chão e começou a apanhar flores do tojo.

– Sou o Michael Bailey, e se eu te ajudar acabas mais depressa – disse ele com um sorriso. – Depois, talvez me mostres o caminho até ao porto de Rye. Isto é, se não tiveres nada melhor para fazer.

O sorriso dele era tão caloroso e genuíno que Adele não pôde deixar de retribuir.

– Sou a Adele Talbot – disse ela. – Mas tenho de levar estas flores para casa antes que sequem.

– Isso é uma maneira educada de dizeres que não podes ou não queres vir comigo?

Adele contactara pouco com rapazes, portanto não tinha aprendido a ser deliberadamente evasiva, com certeza. Queria dizer exatamente o que disse, que tinha de levar as flores para casa, embora talvez devesse ter acrescentado «primeiro», para ser mais clara. Mas visto que ele lhe dava tempo para pensar, não sabia se era correto ir dar um passeio com um desconhecido.

– Porque é que alguém como tu quereria dar um passeio comigo? – perguntou ela, na defensiva.

Ele inclinou a cabeça para o lado e olhou para ela de um modo avaliador.

– Alguém como eu?

– Bem, olha para ti! – disse ela, a corar outra vez. – Um verdadeiro cavalheiro. Se os teus pais te vissem comigo, teriam um ataque.

Ele franziu o sobrolho.

– Não vejo porquê – disse ele, e soou como se realmente não soubesse. – Porque não haveríamos de caminhar, conversar e até tornarmo-nos amigos? Não te sentes sozinha, aqui?

Adele abanou a cabeça. Talvez fosse estranha – algumas das raparigas da escola diziam que era –, mas nunca se sentiu sozinha nos pântanos, adorava.

– Há demasiado para ver para me sentir só. – Encolheu os ombros. – Olho para os gansos selvagens, vejo os cordeiros acabados de nascer, observo as flores silvestres. Sinto-me muito mais sozinha quando estou na cidade, rodeada de pessoas.

Contava que ele lhe lançasse um daqueles sorrisos que diziam que também ele a achava estranha, mas quando levantou o olhar para ele em desafio, em vez disso viu compreensão e aprovação. Pela segunda vez, Adele ficou impressionada com os olhos dele, não apenas pela cor azul-escura, mas pela intensidade do olhar.

– Também me sinto muitas vezes sozinho rodeado de pessoas – admitiu ele. – Até a minha própria família me faz sentir assim. E lá em casa dos meus avós é tão triste, só falam dos preparativos do funeral. Foi por isso que saí, de manhã. Mas não conheço os pântanos, não sei o que procurar. Anda daí e mostra-me!

Assim que encheu a cesta, Adele levou-a para casa, e depois de trocar umas breves palavras com a avó, apressou-se a sair outra vez ao encontro de Michael. Sentia-se surpreendida consigo mesma, pois normalmente, se visse alguém a caminhar nos pântanos, seguia na direção contrária. Quando foi

morar para ali, a avó disse-lhe que as «gentes dos pântanos» eram uma espécie de piada para as pessoas da cidade, na melhor das hipóteses consideradas excêntricas, na pior, loucas. Adele tinha tido muitas provas de que esta atitude era generalizada, por isso evitava as pessoas da cidade – até as raparigas da sua turma se achavam muito superiores. Mas talvez Michael, como não era dali, não tivesse ouvido falar nisso.

*

Michael abandonou a bicicleta, e Adele levou-o pelo caminho por onde ia sempre para o porto de Rye; um caminho que envolvia saltar por cima de algumas valas cheias de água, uma prancha sobre um ribeiro e visitas a muitos dos abrigos que os pastores erguiam para dar proteção às ovelhas e aos cordeiros durante o mau tempo.

No espaço de minutos, Adele deixou de se sentir nervosa, pois era óbvio que Michael estava genuinamente interessado em explorar os pântanos, e o entusiasmo dele lembrava-lhe como ficara quando os vira pela primeira vez.

Viram dezenas de cordeiros, alguns apenas com umas horas de idade, sem dúvida, de pernas ainda muito bambas. Adele tinha a certeza, pelos sorrisos abertos de Michael, de que era a primeira vez que ele os via tão jovens.

– Que diabo se passa com aquele? – perguntou ele, apontando para um cordeiro com um ar muito estranho e ensanguentado.

– Não está ferido – disse Adele. – O pastor atou-lhe à volta a pele de um carneiro morto.

– Porquê? – perguntou.

– Ficou órfão. Algumas ovelhas morrem a dar à luz, assim como alguns cordeiros também não se safam. Então o pastor esfola o carneiro morto, põe a pele em volta do órfão, e a mãe que perdeu o bebé pensa que é dela, por causa do cheiro, e alimenta-o.

Michael parecia abismado.

– Sempre pensei que os pastores alimentavam os cordeiros órfãos com biberão!

– Pode fazer-se isso numa quinta normal, onde há só algumas ovelhas – disse Adele. – Mas aqui há centenas. Imagina tentar vir cá quatro ou cinco vezes por dia com dezenas de biberões de leite! Além disso, é melhor para os cordeiros serem criados num rebanho do que como animais de estimação. Podem ficar umas verdadeiras pestinhas, em adultos.

– Não te tentarias a criar um? – perguntou Michael, a olhar para um cordeirinho que balia pela mãe de uma forma lastimável.

Adele sorriu.

– Sim, são tão queridos. Na primavera passada, vim cá todos os dias vê-los. Esperava encontrar um sozinho, que pudesse levar para casa. Acho que a minha avó não o mandaria embora, ela adora animais. Mas talvez tenha sido melhor que o pastor tenha chegado sempre antes de mim. As ovelhas adultas não têm muita graça.

Adele contou-lhe sobre a *Misty*, a coelha que a avó lhe oferecera como animal de estimação.

– Ela é linda, de um tom muito clarinho de cinzento, como a luz do amanhecer, e tão dócil que entra em casa aos saltinhos e deita-se junto ao fogão. É a melhor coisa que já tive.

– Então a tua avó tem muitos coelhos? – perguntou ele.

Adele acenou com a cabeça, pesarosa.

– Ela cria-os e depois mata-os pela carne e pela pele. Quando vim viver com ela, achei-a muito cruel. Não só por matar coelhos tão queridos, mas também por torcer o pescoço às galinhas. Mas agora vejo-o de uma forma diferente. É só uma maneira de ganhar a vida.

Michael perguntou-lhe então porque vivia com a avó, e Adele disse-lhe o mesmo que dizia a todos sobre os pais: que a mãe adoecera e o pai achara melhor ela ir viver com a avó.

Mas a explicação não satisfez Michael, e enquanto continuavam a caminhada para ir ao castelo de Camber, ele não parou de fazer perguntas. O que se passava com a mãe? Com que frequência o pai a visitava, e porque é que a mãe não ia também para lá, se estava doente.

Adele gostou do facto de alguém tão simpático como Michael estar realmente interessado nela, mas não queria revelar-lhe o seu passado, portanto fez por mudar de assunto. Contudo, Michael era persistente e continuou a perguntar-lhe o mesmo, mas reformulando as perguntas de maneiras diferentes.

– Porque não me dizes a verdade? – disse ele por fim, quando chegaram ao castelo em ruínas. Ele olhou-a com firmeza. – É assim tão mau?

*

Adele pensou que, se lhe contasse a verdade, ele a consideraria bastante má. Mas não era por isso que não a queria revelar, era por lealdade à avó. Ela acolhera-a quando mais ninguém quisera saber, e por isso não lhe parecia bem

andar por aí a dizer que a filha dela era louca e uma má mãe. A avó usava muitas vezes a palavra «padrões», e para Adele isso significava manter guardados os segredos de família e preservar alguma dignidade, ainda que o vestido fosse pobre e a avó claramente estranha.

Adele tinha acabado por lhe admirar a estranheza. Honour Harris tratava todos da mesma forma, fosse o homem a quem vendia o vinho e as compotas, os polícias, os conhecidos de Rye, ou os caminhantes que lhe apareciam à porta, a pedir um copo de água no verão. Era orgulhosa, fantástica e indiferente à adulação, zombarias baratas ou a qualquer tipo de chantagem. Adele notara com prazer que bastava um breve encontro para que a maioria das pessoas se tornasse bastante obsequiosa com a avó.

Ela entrava em Rye para vender os seus artigos com a convicção de que eram de melhor qualidade do que quaisquer outros. Não esperava com humildade que o proprietário da loja a visse. Se ele não largasse tudo no momento em que Honour entrava, ela seguia para outro sítio. O gerente dos armazéns Home and Colonial descreveu-a uma vez a Adele como «uma verdadeira personagem.» Estava certo, ela era única. Dura, competente, bombástica e mordaz, a avó era também justa, honesta e inesperadamente generosa. Podia sempre dispensar um ou dois cêntimos aos mendigos, em especial àqueles que eram ex-combatentes estropiados. Quando sabia que uma família estava a passar dificuldades, preparava um saco de legumes, ovos e carne de galinha ou de coelho para os ajudar.

«As ações falam mais alto do que as palavras» era o provérbio por que a avó se regia, e Adele tinha disso uma prova clara. Desde o momento em que Honour soube do que Mr. Makepeace lhe fizera, tomara providências. Nunca divulgou o que aconteceu quando foi à polícia informar que a neta estava com ela, mas meses depois anunciou a Adele que já era sua tutora legal. Existia um documento legal que o provava e, ainda mais importante para Adele, a avó nunca deixou transparecer a mínima sugestão de que se arrependia.

– Conheces bem Rye? – perguntou Adele a Michael quando entraram nas ruínas do castelo de Camber. Não estava tanto a ignorar deliberadamente as perguntas dele, antes a tentar desviar o assunto.

– É-me muito familiar – disse ele com um sorriso. – É muito pitoresco, não é? Mas desconfio que queres saber se conheço a sua história.

– Julgo que sim. – Adele sorriu. – A minha avó é especialista, pode levar-te a passear e contar-te histórias sobre a construção naval, o contrabando e as ligações à casa real. É quase tão apaixonada por Rye como pelos pântanos.

– O meu avô contou-me que Rye e Winchelsea já foram ilhas, mas o mar recuou e criou o pantanal. É quase tudo o que sei – respondeu Michael.

– É mais importante saber que Rye era uma das cidades da confederação *Cinque Ports* e que o castelo foi construído por Henrique VIII – disse Adele, em tom de censura. – Algumas pessoas afirmam que ele o construiu para prender Ana Bolena, mas eu não acredito; construiu-o como defesa em caso de invasão. É o meu sítio preferido.

Para outros, o castelo podia ser apenas uma velha ruína, mas para Adele havia algo de misterioso e magnífico na forma como a natureza o havia ocupado, com os arbustos a brotar dos largos muros de alvenaria, a hera a escalar os degraus de pedra, a erva luxuriante e as flores silvestres a crescer no interior. Mesmo no inverno, ia até lá frequentemente, pois, uma vez dentro das paredes exteriores, abrigada do vento agreste do mar, podia sentar-se e sonhar. Ali, as prímulas e as primaveras floresciam mais cedo do que em qualquer outro lugar dos pântanos, os pássaros faziam os ninhos, e muitas vezes, se Adele se sentasse muito quieta, os coelhos saíam das tocas e rompiam numa correria perto dela.

Imaginava Henrique VIII a chegar montado no dorso do cavalo, com um manto de veludo debruado a arminho, um cortejo de nobres, os servos numa agitação para lhe preparar tudo. Por vezes, quase conseguia vê-lo.

O castelo era o lugar onde se entregava aos pensamentos, um lugar para onde correr quando sentia que tinha o mundo contra ela. Um par de horas ali sozinha e tudo voltava a endireitar-se.

– É um sítio maravilhoso – disse Michael, a olhar em volta, pensativo. – Mas quero saber de ti – acrescentou, pondo-lhe a mão no ombro.

– Quando já cá estiveres há algum tempo, vais saber das «gentes dos pântanos» – disse ela com uma risada. – É suposto não sermos muito bons da cabeça, por causa do vento. Há crianças que acham que a minha avó é bruxa.

– Não me parece que se possa ser ao mesmo tempo bruxa e avó. – Ele riu-se. – As bruxas não se casam. A tua tem um gato preto?

– Nada de gatos. Ela não gosta, porque matam os pássaros. Mas acho que conseguia fazer uns feitiços, se fosse preciso. – Adele sorriu.

– Bem, pede-lhe que faça um aos meus pais – disse ele, sentando-se na erva e inclinando-se para trás contra o muro do castelo. – Seria preciso magia a sério para os fazer felizes.

Adele olhou-o, surpreendida. Podia tê-lo conhecido há apenas umas horas, mas ele dava a impressão de ser o tipo de pessoa que vivia num mundo

dourado onde tudo é perfeito.

Quando viu a surpresa dela, Michael soltou uma gargalhada seca.

– Oh, eu sei o que estás a pensar, o rapaz privilegiado do colégio privado! Mas a minha mãe está sempre a ter ataques de fúria terríveis, depois fica de cama dias a fio. O meu pai responde também com fúria e ela fica pior. Se ele estivesse um pouco mais presente, se fosse atencioso com ela, a minha mãe podia mudar. Mas o meu pai é tão cruel como ela é disparatada. A maior parte das vezes, fico feliz quando acabam as férias e posso voltar para a escola.

De repente, Adele percebeu que era esse o motivo pelo qual Michael quisera passear com ela. Provavelmente não tinha intenção de desabafar, queria apenas que o levassem para outro tipo de vida só por um bocadinho. De certa forma, era o mesmo do que quando ela e Pamela iam observar as pessoas à estação de Euston. Uma forma de escapar à realidade.

No entanto, também parecia ser uma estranha reviravolta do destino que Michael a escolhesse, de entre todas as pessoas, para conversar. Quem mais sentiria uma verdadeira empatia para com ele?

– O teu pai também é cruel contigo? – perguntou ela a medo, o coração a apertar-se de solidariedade por ele.

– Às vezes, mas sobretudo com a minha mãe. Mas ela é muito exigente, desconfiada e extremamente difícil. – Ele fez uma pausa, oferecendo a Adele um sorriso um pouco inibido. – Ela deu cabo do casamento da minha irmã com um ataque de fúria – continuou ele. – A minha cunhada recusa-se a voltar a nossa casa por causa de algo que ela disse. O meu pai afirma sempre que são os nervos dela, e dá-lhe medicamentos. Mas acho que a põem ainda mais confusa e assustada. – Ele parou mais uma vez, desta vez sem sorrir, apenas com um olhar desolado e triste nuns olhos reveladoramente húmidos. – Às vezes acho que o que ela realmente precisa é de alguém com quem conversar – acrescentou ele com um suspiro.

Adele notou que ele tanto atacara como defendera a mãe, o que sugeria que estava dividido. Lembrou-se também de que a sua própria mãe dissera muitas vezes que nunca ninguém a ouvia.

– A minha mãe costumava queixar-se de que o meu pai não a ouvia – avançou Adele, tentada a quebrar o seu código de secretismo sobre os pais, só dessa vez.

– Acho que não há muitos casais que comuniquem – disse ele com tristeza, puxando os joelhos para o peito e apoiando o queixo neles. – Observo os pais dos meus amigos e são muito semelhantes aos meus. Em público são muito

educados, apresentam uma frente unida e dedicada, como atores numa peça. Mas em casa, quando só têm as crianças ou os empregados por perto, é muito diferente. Ou se ignoram uns aos outros, ou disparam sarcasmo e escárnio.

– A sério? – exclamou Adele. Sempre imaginou que os ricos tinham tudo o que queriam, incluindo a felicidade.

Michael acenou afirmativamente com a cabeça.

– O meu irmão mais velho, o Ralph, e a minha irmã Diana também estão a ficar assim. Parece que só se importam com a vida social, em encher as casas com amigos, em ir às corridas, aos concertos e ao teatro. Às vezes, acho que têm medo de estar a sós com o marido e a mulher. Quando nasceu o primeiro filho do Ralph, ele ausentou-se em negócios. Não tinha de o fazer, podia ter adiado. O que seria mais importante do que partilhar um momento assim com a mulher?

Adele nunca conhecera ninguém, exceto talvez Ruby, de The Firs, que lhe tivesse contado tanto sobre a família num primeiro encontro. Pensou que devia desconfiar de Michael por causa daquilo. No entanto, o instinto dizia-lhe que, por norma, ele não era tão aberto. Imaginou que talvez a morte da avó o tivesse desencadeado, ou que ele pressentisse nela algo que lhe dizia que era uma pessoa em quem podia confiar.

– No sítio onde eu morava, era tradição um homem ir para o *pub* quando nascia um bebé – disse ela, hesitante. – Vai dar ao mesmo, não é?

– Não, eles estão a celebrar o nascimento do bebé – disse ele com indignação.

Adele sorriu.

– Talvez digam que é isso que estão a fazer – disse ela. – Mas pelo que vi, a maioria das pessoas da classe operária bebe para fugir à realidade. Não querem pensar no facto de terem mais uma boca para alimentar, assim como não querem lembrar-se de que têm uma renda para pagar, e que estão com sorte se na semana seguinte ainda tiverem trabalho.

– Parece que estamos a olhar para isto de lados opostos – disse ele com um sorriso. – Conheces algum casal que tenha casado por amor e continuado assim?

– A minha avó – respondeu Adele. – O meu avô morreu dois anos depois da guerra. De vez em quando, ela conta-me algo sobre ele e o rosto dela suaviza. Tem em casa alguns dos quadros que o meu avô pintou. Está sempre a olhar para eles, como se estivesse a vê-lo.

– Então ele era artista? – Michael parecia bastante surpreendido.

– Sim, e era um bom artista, mas regressou da guerra ferido e nunca mais pintou. Quando se casaram, viviam em Tunbridge Wells. Acho que lá tinham uma vida bastante diferente. Mais parecida com a tua, imagino.

Michael parecia muito interessado.

– Então não eram verdadeiras «gentes dos pântanos»? – perguntou Michael com um sorriso. – O teu avô veio para cá para pintar? Isso é muito romântico.

Adele tinha pensado que era imensamente romântico, quando a avó lhe explicou como tudo aconteceu. Adorava ouvir a história de trazerem a mobília esplêndida de Tunbridge Wells numa carroça puxada a cavalos. Imaginava o bengaleiro de urso, o pássaro empalhado e o armário de porcelana todos amontoados, a avó e o avô sentados na parte de trás com Rose entre deles.

– A minha avó não é muito de reviver o passado, o porquê e como tudo aconteceu. – Adele encolheu os ombros. – Mas há coisas nela que dão grandes pistas. Ela é muito bem educada, o pai era professor, e alguma da mobília é ótima, como se tivesse vindo de uma casa grande. E o avô era oficial do exército, não um praça.

– Intrigante – disse Michael, pensativo. – Tu também és, Adele. Tens o rosto de uma jovem, mas o pensamento e a atitude de uma pessoa muito mais velha. Porque achas que será?

– É vento dos pântanos, imagino – brincou, receando que ele a empurrasse para uma situação em que ela poderia contar de mais. – Anda – disse ela, levantando-se. – A este ritmo, nunca chegaremos ao porto de Rye.

*

Adele só chegou a casa perto das seis, depois de se separar de Michael no lugar onde ele deixara a bicicleta mais cedo. Sentia muito frio, e foi direta ao fogão para aquecer as mãos. A avó estava sentada a remendar um par de meias. Tinha posto pão a levedar junto ao fogão, onde se encontrava também uma das suas sopas de legumes a ferver em lume brando.

– Umm – disse Adele, a cheirar o ar. – Estou esfomeada.

– O jovem não te pagou um chá e bolo? – disse a avó de uma forma cáustica.

Adele deu meia-volta, surpreendida.

– Como sabias que eu estava com um jovem?

– Eu tenho olhos – respondeu. – O pântano é plano, consegues ver num raio de quilómetros. Se estavas a tentar escondê-lo, então falhaste.

Era um comentário típico da avó. Ela dizia as coisas como eram, nada de evitar falar sobre o que era importante, nem perguntas com rasteiras ou

subterfúgios.

– Claro que não estava a tentar esconder. Ele começou a falar comigo e eu mostrei-lhe o caminho para o porto. – Adele sentia-se idiota. Devia ter sabido que a avó os veria juntos.

– E o nome dele?

– Michael Bailey – disse Adele. – Ele está cá porque a avó, Mrs. Whitehouse, morreu. Falaste dela no outro dia.

A avó acenou com a cabeça.

– Então deve ser filho da Emily. Os Whitehouse também tinham dois filhos, mas perderam-nos na guerra.

– Então conheces a mãe dele? – perguntou Adele.

A avó torceu o nariz.

– Sim, conheço, uma senhorinha emproada, embora possa, claro, ter deixado de ser assim depois de crescer. Não a vejo há séculos.

Adele teria gostado de saber o porquê de a avó ter formado aquela opinião, mas pensou que isso a poderia levar a repetir o que Michael lhe contara.

– O Michael é muito simpático – disse, em vez disso. – Também gostou muito dos pântanos. Acho que ele nunca tinha visto de perto um cordeiro recém-nascido.

– É gente da cidade – disse a avó com um sorriso irónico. – Se bem me lembro, o homem com quem a Emily casou era um indivíduo presumido. Achava-se demasiado importante para o meu gosto. Ainda bem que o filho não é assim.

*

Adele ficou surpreendida por a avó não lhe ter perguntado mais sobre Michael. As raparigas que conhecia da escola diziam que os pais desconfiavam sempre de alguém do sexo oposto. Mas, como a avó conhecia a família dele, talvez não precisasse de perguntar mais nada.

Quando, na segunda-feira, Adele perguntou se podia ir dar um passeio de bicicleta, ficou ainda mais surpreendida por a avó concordar de boa vontade. O único comentário que fez foi para que não se afastasse muito, pois o tempo em abril era imprevisível.

*

A avó tinha razão. Adele e Michael foram até Camber Sands e começou a chover torrencialmente. Abrigaram-se debaixo de uma árvore durante algum tempo, mas como a chuva não dava sinais de parar, tiveram de ir para casa.

No entanto, nem ficarem ensopados lhes estragou o dia. Michael era boa companhia, sabia falar de tudo e mais alguma coisa. Falou-lhe sobre os amigos da escola, a sua casa no Hampshire, e contou-lhe que queria pilotar aviões.

– O meu pai torce o nariz sempre que o digo – riu-se. – Ele é advogado, sabes, por isso acha que eu também devia ser. Uma vez, disse-lhe que ele já tinha arrastado o Ralph para as leis e que não precisava de pensar que eu ia atrás, como uma ovelha. Mas acho que imagina que vou mudar de ideias, quando for para Oxford.

Adele já percebera que não ia gostar nada de Mr. Bailey. Michael tinha dito que ele se queixava de estar preso em Winchelsea com um velho trémulo e que, se pudesse, ia embora assim que acabasse o funeral da sogra. Para Adele, não era de admirar que Mrs. Bailey fosse nervosa, se tinha um marido tão insensível.

– Talvez pense que não ganhas a vida a pilotar aviões – disse ela.

– Bem, é provável que seja assim mesmo – Michael sorriu. – Mas eu não me importo com o dinheiro. Da primeira vez em que estive perto um pequeno biplano, algo me deslumbrou. Pertencia a um amigo do meu pai, que me levou a andar nele. E foi assim, selou-se o meu destino.

– Acho maravilhoso que tenhas uma ambição – disse Adele com segurança. – Mas ele pode estar certo quanto ao facto de mudares de ideias quando fores para Oxford.

Sabia agora que Michael tinha quase dezasseis anos, mais dois de escola antes de Oxford. Pensava que ele devia ser muito inteligente, para conseguir entrar, mas Michael insistia que era um aluno médio. Ele julgava que não teria hipótese de frequentar Oxford se fosse apenas por mérito, e não por ter andado na escola certa.

– Não vou mudar de ideias – disse ele com firmeza. – Só concordei em fazer um esforço para entrar em Oxford porque lá têm um corpo de aviação. Vou pilotar, aconteça o que acontecer.

*

O funeral de Mrs. Whitehouse foi dois dias depois, e o resto da família de Michael só chegou na manhã desse dia. Adele tencionava ir até Winchelsea e estar perto da igreja no momento do funeral. Queria dar-lhes uma vista de olhos, mas a avó ficou horrorizada quando percebeu que era o que Adele tinha em mente.

– Não vais fazer tal coisa – disse a avó num tom severo. – Tem um pouco de respeito, rapariga! Achas que iam gostar de te ver pasmada a olhar para eles, numa altura destas?

– Estava só curiosa – disse Adele de modo pouco convincente. – O Michael falou-me muito sobre eles.

– A curiosidade matou o gato – disse a avó, mordaz. – Atrevo-me a dizer que o rapaz voltará para te ver quando acabar o funeral. E é melhor que o convides, para que eu possa vê-lo bem.

Adele pensou que aquilo soava ameaçador, mas não calculava que Michael tivesse uns modos tão cativantes com as pessoas. Ele só apareceu dois dias depois do funeral, e trazia nos braços um fardo de lenha para o fogão que apanhara junto ao rio, a caminho de Winchelsea.

– Espero que não me ache impertinente, Mrs. Harris – disse ele, quando Honour lhe abriu a porta. – Mas vi isto tudo por aí e achei que ficaria contente.

– Que pensamento amável – disse ela. – Apesar disso, não sei se os teus pais aprovariam que andes a vaguear por aqui. Mas entra, está um dia agreste, miserável.

Adele sentia-se tímida e embaraçada por Michael estar em sua casa. Nos pântanos eram iguais, mas imaginava que ele pensasse que a casa da avó, com a falta de eletricidade e o lavabo exterior, era uma espelunca, comparada com a casa grande dos avós dele.

Mas Honour perguntou-lhe pelo funeral e pelo avô, mencionando até que sabia que ele era um bom jogador de xadrez. Michael parecia muito confortável e à vontade com ela enquanto ia bebendo uma chávena de chá.

Nesse dia, Honour tencionava fazer e engarrafar a sua cerveja de gengibre. A mistura de levedura, gengibre e açúcar fermentava junto ao fogão num grande caldeirão desde há uma semana.

– Posso ajudar? – perguntou Michael, quando ela o mencionou.

As garrafas que Honour pretendia usar ainda estavam lá fora, por lavar. Não sendo nunca pessoa para deixar de aproveitar um par de mãos dispostas a trabalhar, a avó mandou Michael para a copa com a tarefa. Deu-lhe um escovilhão e água quente com sabão, e fez com que as esfregasse e lhes retirasse as etiquetas.

Adele tinha medo de que Michael se fartasse e quisesse ir embora, mas isso não aconteceu. Lavou as garrafas num instante e levou-as para a sala de estar todas a brilhar, justamente quando Adele e a avó acabavam de coar a mistura de levedura e adicionar água e limão, e a bebida ficou pronta.

– Então quando é que se pode beber? – perguntou ele, encarregando-se de levantar o pesado balde de cerveja de gengibre turva, para o despejar no funil que Honour segurava num gargalo.

– Tem de repousar durante duas semanas, pelo menos – respondeu ela. – É deliciosa. A Adele dá-te alguma que esteja pronta a beber. Não é alcoólica como o meu vinho, e dizem que o gengibre faz bem à circulação. Sou a prova viva disso. Raramente tenho os pés ou as mãos frios.

– Então é melhor eu começar a beber – disse Michael com um piscar de olho a Adele. – Uma das desvantagens de se ser piloto é ficar com as mãos e os pés frios.

Adele espantava-se ao ver como Michael depressa conquistara a avó. Ela não só lhe disse que era sempre bem-vindo lá em casa, como lhe agradeceu de todo o coração a ajuda e a lenha.

Depois disso, ele aparecia todos os dias e nunca deixava de perguntar o que podia fazer por Honour, antes de sugerir uma caminhada ou um passeio de bicicleta. Subiu ao telhado para consertar uma telha solta, apanhou lenha, ajudou a tirar as ervas daninhas do canteiro dos legumes e atou uma rosa trepadeira à treliça junto à porta da frente. Empalideceu quando um dia Honour matou uns coelhos, mas ficou para ajudar a esfolá-los.

Contudo, não era tanto pelo que ele fazia ou dizia que Honour gostava dele. Era simplesmente pela sua maneira de ser. Não era nada condescendente – mostrava genuíno interesse na forma como ela ganhava a vida e admirava-lhe abertamente o engenho e a desenvoltura. Honour dizia que gostava das perguntas inteligentes, dos músculos e falta de suscetibilidade dele.

– Ele é bom rapaz – disse a avó uma noite, enquanto bebiam o chocolate quente. – Nunca diria que a Emily Whitehouse conseguisse produzir algo que não uma ninhada de snobes sem personalidade.

– Pelo que o Michael me contou, acho que a mãe é um pouco nervosa – confidenciou Adele, esperando não trair a confiança dele.

– A mãe dela também era assim – disse a avó com um sorriso malvado. – Um vez, eu disse-lhe: «Defende-te, mulher, não deixes que o Cecil te use como a um capacho.» Ela pôs-se meio a choramingar e disse algo como «um marido deve ser autoritário.»

Adele ficou espantada.

– Não sabia que a conhecias tão bem! – exclamou.

– Éramos amigas. – Honour contraiu a boca, como fazia quando não queria desenvolver um assunto. – Ela era muito mais velha do que eu, claro, mas

mesmo assim éramos amigas. Se bem que isso mudou quando comecei a fazer-lhe limpezas, no início da guerra. Tive de o fazer, precisava do dinheiro. Também fui ajudar algumas vezes em que a jovem Emily veio a correr para casa com os filhos, porque o marido não a tratava bem.

– Porque não disseste isso ao Michael? – perguntou Adele.

A avó não respondeu logo. Mas por fim olhou para Adele e esboçou um sorriso.

– Não gosto de admitir que tive de fazer limpezas, especialmente em casa de uma amiga – disse ela. – Mas mais do que isso, não achei boa ideia dizer-lhe que tinha alguma ligação com os avós ou com a mãe.

– Porquê? Ele teria ficado encantado!

– Sim, teria, ele é esse tipo de rapaz. E é também do tipo aberto, que iria para casa todo entusiasmado contar aos pais. Não quero. Se bem me lembro, eram ambos uns snobes terríveis. Desconfio que torceriam o nariz por o Michael ser teu amigo.

Adele já tinha chegado a essa conclusão sozinha. Sabia que as pessoas que viviam nos pântanos não se misturavam com as pessoas das grandes casas de Winchelsea.

– Mas tu não torces o nariz, pois não? – perguntou ela.

– Claro que não – disse a avó com veemência. – As minhas origens são tão boas como as deles, e fico contente por teres um amigo tão simpático. Mas, minha querida, não te esqueças de que ele vai voltar para o Hampshire, e não imagino os pais a virem cá muitas vezes para ver o pobre Cecil. Talvez nunca mais o vejas.

Mais tarde, naquela noite, Adele estava deitada na cama a ouvir o vento uivar nos pântanos. Pensava no que a avó tinha dito e sentia-se triste porque sabia que era verdade. Era muito divertido estar com Michael, riam-se das mesmas coisas, podiam falar sobre tudo. Desejava que ele pudesse ficar ali para sempre.

Sabia, porém, que tinha de ser realista. Provavelmente, Michael não teria feito amizade com ela se houvesse por perto alguém de quem pudesse tornar-se companheiro. Assim que voltasse à escola, depressa se esqueceria dela. Ia sentir a falta dele, mas não ia ficar tontinha por ele, como as meninas melodramáticas das histórias de amor.

Na última semana em que Michael ali esteve, o tempo aqueceu bastante e passaram juntos muitos momentos maravilhosos. Chapinharam no mar, a rir às gargalhadas por estar tão frio. Construíram uma ponte de ramos sobre um dos ribeiros a caminho do porto de Rye, e competiram para ver quem conseguia

fazer um rebuçado durar mais. Adele nunca tinha comido um daqueles doces gigantes, pois era raro ter dinheiro para gastar em coisas assim, mas Michael comprou-os e explicou-lhe que mudavam de cor à medida que os chupavam. Adele ria-se de cada vez que ele a fazia abrir a boca para ver de que cor estava o dela.

Tentaram fazer corridas ao longo dos taludes cobertos de seixos. Adele ensinou-o a deslizar nas partes íngremes. Mostrou-lhe milhões de enguias bebés num dos ribeiros e ele ensinou-a a contar em francês. No entanto, não era tanto aquilo que faziam, era o facto de tudo parecer muito divertido quando estavam juntos. Podiam simplesmente olhar um para o outro e começavam a rir do nada.

Na manhã do dia em que tinha de regressar a casa, Michael fez uma visita a Curlew Cottage, estavam elas mesmo a acabar o pequeno-almoço.

– Não vou incomodar, Mrs. Harris – disse ele com muita delicadeza. – Mas isto é um agradecimento por ter sido tão acolhedora. – Ofereceu a Honour uma lata bonita cheia de chá.

– Que atencioso da tua parte, Michael. – A avó irradiava alegria enquanto admirava a lata.

– Comprei-te um livro – disse ele a Adele, entregando-lhe um pacote. – Espero que ainda não o tenhas lido.

Adele abriu-o e descobriu que era *Lorna Doone*.

– Não, não li – disse ela, encantada com a surpresa. – Obrigada, Michael. Vou começar a lê-lo hoje.

– Ficas para tomar uma chávena de chá connosco? – perguntou a avó.

Michael abanou a cabeça.

– Não posso, estão à minha espera para ir embora.

– Vai até ao fim do caminho com ele – disse a avó, dando um pequeno empurrão a Adele. – Adeus, Michael. Espero um dia voltar a ver-te.

Michael tinha a bicicleta no caminho. Pegou nela e olhou para Adele.

– Vou sentir a tua falta – disse ele, sorumbático. – Respondes, se eu te escrever?

– Claro que sim – concordou Adele. – Vê se me contas as novidades todas. Mas é melhor ires andando. Não queres que os teus pais se zanguem.

Adele viu-o partir, as rodas da bicicleta a oscilar à medida que ele pedalava sobre o solo acidentado. Perto do fim do caminho, ele levantou-se nos pedais e acelerou. Quando virou para a estrada de Winchelsea, acenou sem virar a cabeça.

Adele ainda tinha nas mãos o livro que Michael lhe ofereceu. Abriu-o e viu que ele lhe tinha escrito uma mensagem.

Para a Adele, uma história sobre um rapaz que conhece uma rapariga nos pântanos e não consegue esquecê-la. Eu também nunca te esquecerei.
Com todo o meu afeto, Michael Bailey. Páscoa de 1933

CAPÍTULO 10

1935

— Acho que nunca vou arranjar um emprego a sério – disse Adele, cansada, ao cair na relva junto à cadeira da avó.

Era quase fim de agosto, dois anos depois de ela ter deixado a escola. Apesar disso, ainda não tinha encontrado um trabalho estável. Conseguira arranjar empregos temporários, umas semanas aqui e ali, na lavandaria – nos períodos movimentados com os veraneantes na cidade –, a segar feno numa quinta em Peasmarsh, para lá de Rye. Tinha colhido morangos e framboesas, desenterrado batatas, limpado a peixaria da cidade depois do fecho do dia e também feito dezenas de outros trabalhinhos. Enviara igualmente cartas a quase todas as empresas e negócios de Hastings, e fora lá de autocarro vezes sem conta, mas ninguém queria empregá-la de forma permanente, fosse qual fosse a posição.

– Todos dizem que querem alguém com experiência – queixou-se Adele. – Mas como posso ganhar experiência se ninguém me dá a oportunidade de mostrar o que sei fazer?

– São tempos difíceis – disse a avó, e deu-lhe uma palmadinha na cabeça.

Adele tinha consciência de que havia milhões de desempregados e, sim, homens que acabavam com a própria vida porque não conseguiam sustentar a família. Mal se passava uma semana sem que um homem faminto à procura de trabalho lhes batesse à porta, a perguntar se podiam dispensar-lhe alguma comida. Honour dava-lhes sempre uma tigela de sopa e um pouco de pão – até se desfizera das últimas roupas de Frank. Estes homens vinham geralmente das Midlands ou do Norte de Inglaterra, embora a pobreza fosse também terrível em Rye e Hastings.

Num dia quente e soalheiro como aquele não saltava à vista, mas no inverno Adele vira crianças andrajosas e descalças a mendigar pela rua principal. Todas as semanas eram mais os homens a rondar lugubremente o cais, na esperança de um dia ou dois de trabalho. Algumas famílias tinham vendido todo o seu mobiliário, e os idosos morriam no inverno por não ter carvão para queimar.

– Talvez tenha de ir para Londres – disse Adele, melancólica. – Encontrei a Margaret Forster na cidade. Ela contou-me que recebeu uma carta da Mavis

Plant e que ela conseguiu arranjar lá emprego, num escritório.

– És muito nova para ir para Londres – disse a avó, perentória. – Não te quero a morar em pensões, à mercê de pessoas sem escrúpulos. E hás de arranjar algo aqui, tenho a certeza.

– Os jornais dizem sempre que já há trabalho para quem quer, mas é uma tolice – afirmou Adele com irritação. Estava com calor e cansada e doíam-lhe os pés. Ouvir a Margaret Forster a gabar-se do emprego nos armazéns Home and Colonial não tinha ajudado. Ela vangloriou-se de um vestido novo cor-de-rosa em crepe da china, e disse que à noite ia ao cinema com outra rapariga da loja. No último ano, Adele só fora ao cinema duas vezes.

O que a deixava mesmo furiosa era ter a certeza de que a rejeitavam por viver nos pântanos. As entrevistas corriam sempre bem até lhe perguntarem onde morava. Era inteligente, bastante atraente, bem-falante e educada. Porque é que pensavam que ela tinha um defeito fatal só pelo local onde vivia?

– Podemos aguentar-nos perfeitamente bem, mesmo que estejas mais um ano sem arranjar emprego – disse-lhe a avó com calma. – Com a tua ajuda, produzo o dobro do que produzia há três anos e consigo preços melhores.

– Não aguento ver-te trabalhar tanto – deixou escapar Adele. Tinha observado a avó ainda com mais atenção desde que deixara a escola, e notou que ela quase nunca se sentava durante o dia. Entre as galinhas e os coelhos e fazer compota ou vinho, nunca parava. – Eu já devia estar a facilitar-te a vida, não a obrigar-te a trabalhar ainda mais.

– Se agora trabalho mais é porque decido assim – disse Honour frontalmente. – Gosto do que faço, não sou uma mártir. Agora vai lavar a cara e as mãos e buscar uma bebida, e senta-te à sombra meia horinha. Amanhã é outro dia, e quem sabe o que vai aparecer?

– Não vai aparecer nada – disse Adele enquanto lavava as mãos na copa. A água subitamente parou, e foi a última gota. Recebiam água potável de uma bomba no jardim, mas a água da chuva escoava para um depósito ao lado da casa, que alimentava a torneira na copa para as lavagens. Não chovia há umas semanas e o depósito estava, obviamente vazio.

Tudo naquela casa era um trabalho duro. O fogão tinha de ser aceso e alimentado com lenha que era preciso apanhar. Um banho significava aquecer baldes de água e encher a banheira de latão, que depois tinha de se esvaziar. A latrina não tinha autoclismo. De vez em quando, tinham de lhe despejar cal e cheirava sempre mal. Não havia eletricidade, só velas e candeeiros a petróleo. Nem sequer tinham rádio.

Desde que deixara a escola, Adele tornara-se muito mais consciente da forma como algumas das outras pessoas viviam. Não que tivesse propriamente ciúmes por muitas terem gás e eletricidade, rádio, gramofones, caldeiras para lavar a roupa dentro de casa e até ferros elétricos; simplesmente achava um pouco injusto que alguns tivessem tanto e outros tão pouco. Tinha sido a melhor aluna na escola, mas não arranjava emprego, enquanto que Margaret Forster, que era a ignorante da turma, conseguira trabalho na Home and Colonial. A maioria das mulheres da idade da avó tinha tempo para se sentar numa cadeira com um livro. No entanto, Honour tinha de fazer durar uma parca pensão de viúva a esfolar coelhos. E aquelas peles de coelho eram transformadas em casacos para mulheres que não faziam absolutamente nada o dia todo.

Pegando num grande jarro esmaltado, Adele foi à bomba no jardim e bombeou furiosamente até o encher. Depois, encheu também um balde. Enquanto carregava a água para dentro, perguntava-se como é que a avó iria fazer quando fosse realmente idosa. Quando não estivesse em condições de bombear água ou de apanhar lenha. «Eu tomarei conta dela», disse a si mesma. Mas esse pensamento fê-la começar a chorar. Como é que podia tomar conta de outra pessoa quando nem conseguia arranjar emprego? Honour entrou e apanhou-a a chorar.

– Porque é que estás a chorar? – disse, à sua habitual maneira insensível.

– Porque é tudo muito difícil, raios – exclamou Adele.

– Não te atrevas a praguejar em minha casa – respondeu a avó –, ou lavo-te a boca com sabão. E para de sentir pena de ti própria, há milhões muito pior do que tu.

Adele correu para o quarto e bateu com a porta, atirou-se para a cama e chorou ainda mais. Permaneceu ali, mesmo sabendo que Honour estava a preparar o lanche e, como não a chamou, chorou mais ainda porque era óbvio que a avó não se importava se estava perturbada ou com fome.

Sabia que estava a ser irracional e a entregar-se à autocomiseração, e não era a falta de confortos modernos em casa, nem a ausência de um emprego o que o provocava. Adorava aquele sítio, e não se importava se não tinha dinheiro para ir ao cinema. Até a ansiedade por a avó trabalhar de mais não pegava, pois ela só aumentara a produção porque tinha Adele a ajudá-la.

Talvez estivesse rabugenta por causa de Michael.

Não contara voltar vê-lo depois daquelas férias da Páscoa dois anos antes, mas ele mantivera o contacto por carta e em julho regressara, ficando em Winchelsea com o avô.

Tiveram três semanas gloriosas, durante as quais se encontraram todos os dias. Nadavam, andavam de bicicleta e faziam longas caminhadas. Um dia, apanharam o autocarro para Hastings e Adele comeu *fish and chips* pela primeira vez desde que saíra de Londres. Michael ganhou no campo de tiro um cão de peluche, que lhe ofereceu, e comeram algodão-doce, gelados e caramujos numa barraca do cais. Foi o melhor dia da vida de Adele, e ela sabia que Michael pensava o mesmo.

Mas ele teve de regressar ao Hampshire, e ela tinha de arranjar emprego. Apesar de continuar a escrever, Michael admitiu que não sabia como poderia fazer para voltar a Winchelsea, já que o avô não estava muito interessado em visitas.

Durante as férias de Natal, voltou brevemente. Ele e Ralph, o irmão mais velho, haviam sido enviados para ver como passava o avô. Michael visitou Curlew Cottage, trazendo para Adele, como presente, um cachecol azul e luvas a condizer, e uma caixa de chocolates caros para a avó, mas não pôde ficar porque o irmão o esperava em casa do avô.

Depois, no mês de fevereiro seguinte, Mr. Whitehouse faleceu. Pelos vistos, a governanta voltava da tarde de folga e encontrou-o morto na poltrona. Tinha tido um ataque cardíaco.

Adele sentiu-se muito culpada por estar quase satisfeita, uma vez que isso significava que Michael voltaria. Ele compareceu no funeral, mas este fora organizado no Hampshire, e a família veio junta à cerimónia e regressou no mesmo dia.

Depois disso, escreveu e explicou por que motivo não a pôde visitar, mas disse pensar que voltaria nesse ano, mais tarde, para ajudar a limpar a casa. Declarou então que continuava a pensar nela, e desejava que vivessem mais perto para poder vê-la mais vezes.

As cartas continuaram a chegar desde a Páscoa até ao décimo quinto aniversário de Adele, em julho, altura em que Michael lhe enviou um bonito colar de topázio. Ele afirmou que o fazia lembrar o dourado do cabelo dela, no verão anterior, e pela primeira vez Adele começou a pensar nele como um amor e não apenas como amigo.

Durante as férias de verão, Adele ficou expectante, esperando, mesmo quando já não havia esperança, que ele viesse e pudessem reviver a diversão do ano anterior. Por fim, quase no final de agosto, Michael apareceu com os pais, e enquanto organizavam a casa do avô, ele conseguiu escapar-se de vez em quando para a ver.

Mas algo mudara. Não era só o facto de ele ter crescido em altura e a voz fosse mais grave, era mais do que isso. Estavam radiantes por se verem, queriam repetir tudo o que já tinham feito, mas pairava entre eles uma estranha timidez que levava a longos e embaraçosos silêncios. Adele apanhou-o a olhar para ela com demasiada intensidade e, quando lhe perguntou porquê, ele corou e insistiu que não era nada. Tomou consciência da masculinidade de Michael quando ele se sentou perto dela; reparou nas longas pestanas, na curva dos lábios e, quando ele se despiu e ficou em calções de banho para nadar, no peito e nos braços que haviam perdido a magreza de rapaz do ano anterior. Agora, ele tinha músculo e uma forma viril.

Também não desfrutaram do tempo infinito do ano anterior. Michael tinha de voltar a Winchelsea a horas marcadas. No entanto, fizeram um piquenique na praia num dia quente, visitaram o castelo de Camber e, no último dia, foram a pé a Rye, onde ele a levou à casa de chá junto à igreja e comeram panquecas quentes com manteiga e bolos.

Adele adorava vaguear por Rye, quase tanto como pelos pântanos. Era tudo muito antigo e bonito, com ruelas estreitas, ruas calcetadas íngremes e muitas casas antigas lindíssimas. Michael gostava do Gun Garden abaixo da Torre Ypres, que fora construída como prisão durante a guerra napoleónica. Tirou uma fotografia a Adele sentada num dos canhões e brincou, dizendo-lhe que parecia uma *pinup*.

Foi quando regressavam a casa que ele lhe deu a mão pela primeira vez. Bastou o toque da pele na dela para a fazer dar uma gargalhadinha e sentir-se incrivelmente feliz.

Quando chegaram ao ponto em que a estrada se bifurcava para Curlew Cottage, ele disse que teria de a deixar ali. Depois beijou-a.

O beijo não foi como os do cinema, em que a heroína se derrete nos braços do herói quando o filme acaba. Michael precipitou-se para ela, e com os lábios tocou os dela só por um instante.

– Gostava que as coisas fossem diferentes – disse ele, parecendo envergonhado e ansioso. – Mas talvez possam ser para o ano, quando eu for para Oxford. Esperas esse tempo todo por mim, não esperas?

Naquele momento, Adele pensou que ele só queria dizer que esperava que ela não arranjasse outro namorado. Respondeu-lhe que esperaria por ele, claro.

Só depois de se separarem é que percebeu que ele estava a tentar dizer muito mais do que isso. Mas não podia, sem lhe ferir os sentimentos.

Adele sabia que, quando eram só amigos, o facto de vir dos pântanos e usar roupas gastas tinha pouca importância. Mas ao pensar nela como namorada, ele via os problemas a surgir, não só com os pais, mas com quase todos os que conhecia. Adele imaginou que Michael tivesse esperança de que, quando chegasse a Oxford, ela pudesse muito bem ter-se transformado no tipo de rapariga que a família e os amigos aceitariam. Talvez até esperasse que ela fosse trabalhar para Oxford, para não haver também os problemas da distância.

Nessa noite, Adele olhou-se com atenção ao espelho e viu muito bem o que o círculo de Michael reprovaria. A exposição constante ao vento e ao sol tinha-lhe dado uma tez quase cigana. As mãos eram grosseiras e roía as unhas, o cabelo era natural, com madeixas loiras do sol, enquanto que as meninas da cidade usavam chapéu e optavam por ondulações. Até os olhos castanho-esverdeados pareciam sugerir que ela era uma criatura selvagem. O olhar era demasiado arrojado e raramente corava ou ria, como as amigas da escola.

Pensou se ir a um cabeleireiro e comprar roupas novas poderia transformá-la numa daquelas jovens elegantes que via nos filmes. De certa forma, duvidava. Mesmo que por milagre conseguisse arranjar dinheiro, isso não mudaria a forma como andava, os seus olhos, nem mesmo a sua maneira de ser. Crescera assim por viver num lugar selvagem; tinha músculo do trabalho duro, de correr pelos campos e cortar lenha. Nada poderia transformá-la numa flor de estufa delicada.

*

Michael não voltou a escrever durante cerca de dois meses. Nessa altura, Adele tinha decidido que ele reconsiderara as suas fantasias com uma rapariga tão inadequada. Isto pareceu confirmar-se quando ele por fim voltou a escrever, a dizer que estava a aprender a conduzir e o pai ia comprar-lhe um carro, se ele se saísse bem nos exames. A carta tinha um tom pomposo, quase como se escrevesse a uma tia, não a uma rapariga a quem beijara e pedira que esperasse por ele.

Não chegaram mais cartas, apenas um postal de Natal para ela e a avó, portanto Adele ficou espantada quando ele apareceu de novo em maio, a conduzir um carro desportivo azul e vestido com um fato escuro muito elegante. Michael disse que tivera de vir a Rye buscar uns papéis dos advogados do avô e que voltava naquela noite.

Enquanto tomavam uma chávena de chá, ele falou em ir para Oxford em outubro, manifestou solidariedade com Adele, que ainda não tinha um emprego

permanente, e perguntou a Honour sobre o vinho e as compotas, mas pareceu muito formal e adulto.

Mais tarde, ele perguntou-lhes se gostariam de dar um passeio no carro até Hastings. Honour respondeu que tinha muito que fazer, mas persuadiu Adele a ir.

Só quando se encontravam em Hastings, a caminhar pelo passeio à beira-mar, Michael pareceu voltar à velha forma, e de repente disse que as coisas em casa estavam muito mal.

– Tudo por causa de Harrington House – disse ele, referindo-se à casa de Winchelsea. – O meu pai quer vendê-la, mas parece que o meu avô deixou uma espécie de guarda à minha mãe e ele não pode fazer nada sem a autorização dela. A minha mãe não concorda, e estão sempre a discutir. Sempre que venho da escola, sou arrastado para aquilo. É horrível. Acho que no verão vou para a Europa. Não consigo suportar a ideia de passar o verão todo como que no meio de uma guerra.

Mais tarde, viajaram até Fairlight Glen e foram dar um passeio. Ele perguntou a Adele se ela achava que ele estava a fazer a coisa certa.

– Talvez devas devolver o carro ao teu pai e arranjar um emprego bem longe deles durante o verão – disse ela com alguma rispidez. – Assim, serias independente. Enquanto aceitares dinheiro deles, vão esperar que estejas às suas ordens.

Ele riu-se e despenteou-lhe o cabelo.

– Uma rapariga tão sábia – disse ele com mais ternura do que troça. – Ainda nem dezasseis anos tem e já me diz para não ser parasita.

– Não quis dizer isso – afirmou ela acaloradamente. – Mal posso falar, vivo às custas da minha avó! Só acho que trabalhar te daria uma desculpa muito melhor para te afastares deles. Ir viajar parece fugir.

– Sim, imagino que sim – disse ele, ponderado.

Michael não disse mais nada sobre os seus problemas e voltaram ao velho modo simples de quando se conheceram. Quando a levou para casa, entrou para despedir-se da avó e saiu mais tarde, a dizer que manteria o contacto.

Adele estendeu a mão na cama para pegar na carta que ele enviara alguns dias depois daquela visita.

Querida Adele – leu –,

Só queria agradecer-te por ouvires os meus problemas. És a melhor ouvinte que conheço, mas talvez seja pela forma como vives com a tua avó,

em contacto com a natureza, em sintonia com as estações do ano. Invejo-te essa vida. Estou rodeado de pessoas teimosas, com vozes altas ruidosas, que só se importam com coisas materiais. Anseio pela quietude e serenidade dos pântanos. Estimarei sempre os bons momentos que partilhámos e, mesmo que não siga o teu conselho e vá viajar pela Europa, uma parte de mim estará aí contigo.

Nunca me contaste os teus segredos, e eu sei que os tens; de outra forma, como te terias tornado tão compreensiva com os outros? Talvez sejam dolorosos de mais para os revelares. Se for esse o caso, deves sentir que sou um pouco fraco, com os meus queixumes constantes sobre a vida em casa.

Espero que arranjes um emprego depressa. Estarei a pensar em ti, independentemente do que faça este verão.

Com afeto,

Michael

*

Adele ficava sempre um pouco emocionada quando lia a carta, e naquele dia ainda mais porque se sentia sozinha. Tinha dado o seu melhor para tentar perder as ideias românticas em relação a Michael. Sabia bem que nunca daria em nada, mas isso não a impedia de o desejar.

Tal como previra, Michael não tinha seguido o seu conselho. Chegaram três postais com mensagens muito breves de Paris, Roma e, por fim, Nice. Adele duvidava que, depois de ver aqueles lugares, ele quisesse voltar a Romney Marshes.

Harrington House parecia abandonada. Adele ia até lá de bicicleta, de vez em quando, para ver se havia novidades. Era uma casa de tijolo vermelho imponente, com mais de duzentos anos, mas tinha as janelas empoeiradas e a alpendre, que ficava mesmo junto ao passeio, cheio de entulho. Parecia que ninguém lá ia desde a última vez que Michael ali estivera.

Não vale a pena pensar nele, considerou ela com tristeza. *Se nem consegues arranjar emprego, que esperança tens de o conservar como amigo?*

*

Na manhã seguinte, quando Adele se levantou, viu sangue na camisa de noite. Soube logo o que era, pois a avó tinha-lhe explicado a menstruação dois anos antes. Todas as amigas da escola tinham o período há alguns anos, e

Adele começara a pensar que algo de terrível se passava com ela, portanto ficou feliz ao descobrir que afinal era normal.

– Bem, isso explica o teu comportamento ontem à noite – disse a avó de forma seca quando Adele a informou. – Eu, quando era nova, ficava sempre deprimida nessa altura. É um sinal da transformação de sentimentos que acompanha o processo de ser mulher. No passado, aprendeste uma dura lição sobre como os homens podem ser, por isso tenho a certeza de que não é preciso avisar-te para, de futuro, teres cuidado.

Adele corou de vergonha e correu lá para fora, para soltar os coelhos das coelheiras.

Sabia, claro, que esta era a maneira brusca de a avó lhe fazer notar que já era fisicamente capaz de ter um bebé, mas chocou-a que ela tivesse usado como aviso o que acontecera em The Firs. Naquele tempo todo, a avó nunca o referira, nem da maneira mais indireta.

Adele esforçava-se muito para esquecer que aquilo acontecera, mas, de vez em quando, as memórias regressavam inesperadamente. Talvez por isso o período lhe tivesse vindo tão tarde. Os homens ainda a deixavam nervosa, em especial quando a olhavam com muita atenção. Michael era a única exceção, nunca a fez sentir-se desconfortável ou ameaçada. Sabia que o acolheria de bom grado se ele voltasse a beijá-la, mas não imaginava alguma vez querer que fossem mais longe do que isso. Teria muito medo de evocar de novo as terríveis memórias de Mr. Makepeace.

Assim que libertou os coelhos no espaço vedado e lhes arranjou uns molhos de folhas de dente-de-leão para o pequeno-almoço, Adele pegou em *Misty* para a afagar.

Honour não deixava os coelhos machos com *Misty*, pois dizia que só serviria para perturbar Adele quando tivessem de matar as crias. Adele pensava muitas vezes que gostaria de viver a vida como *Misty*, mimada, bem alimentada e protegida da maldade da criação. Contudo, depois presumia que tal implicava acabar solteira, sem filhos nem netos.

Continuava a afagar *Misty* e a contemplar os mistérios do amor, do sexo e do casamento, quando ouviu um carro a descer o caminho. Havia demasiados arbustos e árvores de ambos os lados da casa para ver quem era, por isso Adele seguiu pelo caminho lateral.

Para seu espanto, Michael saía de um grande carro preto.

– Que surpresa – disse Adele a corar furiosamente, pois Michael vinha formal, de fato e gravata, e ela, que nem se penteara de manhã, trazia o velho

vestido esfarrapado com que fazia sempre as tarefas. – Pensei que continuavas a viajar pelo mundo.

Ele sorriu, mas o sorriso era forçado, perturbado.

– Tive de voltar – disse ele, fazendo um esgar. – Raios, nem sei por onde começar.

Nessa altura, Honour saiu pela porta da frente. Devia ter ouvido o que Michael disse, pois perguntou-lhe se a mãe estava bem.

– Não, não está, Mrs. Harris – disse ele. – Posso falar consigo? Ou está muito ocupada?

– Não estou tão ocupada que não te possa receber, Michael – disse ela, acolhedora. – Entra.

Radiante por Michael estar de volta, e ainda que ansiosa por ele não parecer bem, Adele voltou a pôr *Misty* na coelheira e depois juntou-se a eles dentro de casa.

– A minha mãe e o meu pai separaram-se – exclamou Michael. – A minha mãe vem viver para Harrington House. Não percebo o que se passa, e ficaria muito grato se não contassem nada a ninguém.

– Tenho a certeza de que me conheces o suficiente para saber que eu nem sonharia em fazê-lo – disse Honour. – Trouxeste a tua mãe para cá, ou vieste só a ver como está a casa?

– Não, ela está cá. Trouxe-a ontem – explicou ele. – Passámos a noite num hotel, porque vir diretamente era demasiado para ela. Está muito perturbada.

Por um momento, o coração de Adele sobressaltou-se. Era triste que os pais de Michael se tivessem separado, claro, mas ele dizia que não eram felizes. O prazer era por pensar que, de futuro, o veria mais vezes.

– É de esperar que esteja perturbada – disse a avó, compreensiva. – Está casada há bastantes anos. Lamento muito, Michael. Deve ser muito perturbador para ti, em especial porque estás prestes a ir para Oxford. Mas tenho a certeza de que a tua mãe já se terá adaptado quando tiveres de partir.

– Mas é esse o verdadeiro problema – disse ele. – Tenho de partir já, pelo menos regressar a Alton para devolver o carro do meu pai. Não posso ficar com ela e não sei como se vai arranjar. Nunca tomou conta dela própria.

– Claro que consegue tomar conta de si mesma, é uma mulher adulta – disse Honour com desdém.

– Ela nunca precisou de o fazer – insistiu Michael. – Sempre teve empregados para cuidar dela e da casa. Em Harrington House, não tem ninguém, nem um cozinheiro, uma empregada, ninguém. E não faço ideia de

como lhe arranjar alguém. Foi por isso que vim vê-la. O que faço, Mrs. Harris? Não posso simplesmente ir-me embora e deixá-la ali sozinha.

– Talvez seja a melhor coisa a fazer – disse Honour. – Em breve aprenderá a cuidar de si mesma.

– Avó! – disse Adele em tom de censura. – O pobre Michael já está preocupado que chegue, não precisas de ser dura.

Michael olhou para Adele com gratidão.

– Estou muito preocupado. Trouxemos uma caixa de comida, mas não posso confiar nela nem para preparar uma refeição. Eu disse-te como ela é; quando está aborrecida, vai para a cama e não sai de lá. A nossa governanta de Alton tinha jeito para persuadi-la a levantar-se e vestir-se, mas sozinha vai ficar na cama para sempre, até morrer de fome.

– Que disparate! – exclamou Honour. – As pessoas têm um sentido forte de autopreservação. Ela pode ficar na cama uns dias, a sentir pena dela própria, mas quando tiver fome, logo se levantará. A tua mãe não é uma rapariga jovem e tola, é mãe de três filhos adultos. Está na hora de começar a comportar-se como uma adulta.

– Provavelmente tens razão, avó – disse Adele com cuidado. – Mas o pobre Michael não pode ter a certeza disso, quando for embora. E se eu fosse lá ajudá-la?

– Eu não to pediria – disse Michael depressa. – Não vim aqui para isso. Só pensei que Mrs. Harris pudesse saber como arranjar uma empregada ou uma governanta.

– Então, pareço ter cara de quem emprega uma criada? – Honour sorriu. – Deixei para trás esse tipo de coisas há anos. Podias pôr um anúncio no jornal. Há tantas pessoas desesperadas por trabalho que depressa arranjarás alguém.

– Mas isso levaria tempo – disse Michael, aflito. – Nem sei se a minha mãe saberia entrevistar alguém. E, entretanto, é provável que ela se meta numa terrível confusão. Conhece alguém em Winchelsea, ou até Rye, que possa ajudar?

– Não conheço, Michael. – Honour abanou a cabeça. – Mas talvez possas perguntar na loja, em Winchelsea. Ou aos vizinhos.

Michael fez um esgar.

– Não quero ter de fazer confidências a ninguém de cá – disse ele. – A longo prazo, não a ajuda se se souber que ela é um pouco... – ele deteve-se.

Honour assentiu, compreensiva.

– Não, imagino que não. Michael, não percebo porque é que o teu pai não a trouxe e lhe organizou a casa. Sei que não é da minha conta, mas ele tem o dever de cuidar dela. Ele expulsou-a ou ela fugiu? – Michael inclinou a cabeça e não respondeu. Adele e Honour olharam uma para a outra. – Responde-me – ordenou Honour. – Não sai desta sala.

– Há muitas coisas que eu não entendo – disse Michael, hesitante. – Têm tido grandes discussões todo o ano por causa da Harrington House. O avô deixou-a à minha mãe e acho que o meu pai tentou obrigá-la a vendê-la. Eu estava na Europa quando isto rebentou e a minha mãe não me explicou nada.

– Estás a afirmar que o teu pai terá dito que tinha de sair de casa, se não assinasse? – perguntou Honour.

– Acho que sim – disse Michael, os olhos marejados de lágrimas. – Mas parece que o Ralph e a Diana, os meus irmãos, também culpam a minha mãe, por isso talvez haja algo que eu não saiba. Cheguei de França anteontem à noite, e encontrei o meu pai a mandar a empregada fazer as malas da minha mãe.

– Compreendo – disse Honour, ponderada. – Parece-me que a tua mãe precisa de um advogado, para além de ajuda doméstica.

– O meu pai é advogado! No caminho para cá, a minha mãe só dizia que todos os advogados amigos do meu pai ficariam do lado dele e que ninguém a ouviria.

– Isso é conversa fiada – disse Honour com desdém. – O pai dela, o teu avô, era um homem respeitado por estes lados. Era também muito inteligente, por isso, se deixou a casa só para a tua mãe, teve uma boa razão. Ela devia ir ao advogado dele, em Rye. Já lá vão os tempos em que um homem tinha automaticamente direito ao dinheiro e às propriedades da mulher, mal se casava com ela.

Adele escutava tudo em silêncio, a observar Michael e a avó. Sentia que as simpatias da avó estavam com a outra mulher e queria muito aliviar Michael da ansiedade premente pela mãe.

– Eu podia ajudar a tua mãe – declarou Adele, num impulso. – Sei que não tenho conhecimento do que fazem as empregadas, mas sei cozinhar e limpar.

– Eu não to pediria – disse Michael. Mas surgiu-lhe no olhar um leve raio de esperança.

– Não estás a pedir. Eu estou a oferecer-me – disse ela. Depois, olhando para a avó, acrescentou: – Não te importas, avó, pois não?

– Como medida temporária, não, se realmente queres – disse Honour com cautela.

– Então está combinado, eu vou – disse Adele, e sorriu a Michael. – Isto é, se achares que ela me aceita.

– Aceitar-te? – A avó elevou a voz, indignada. – É bom que fique grata! Vales muito mais do que ser criada de alguém.

– Vale com certeza – disse Michael, e sorriu de modo caloroso a Adele. – Mas será só até eu arranjar alguém permanente.

– Ela tem de receber. Não a quero a servir de lacaia a troco de nada – disse Honour.

– Avó! – arquejou Adele.

– Mrs. Harris tem toda a razão – concordou Michael. – Sei que em Alton pagamos duas libras por semana à governanta, mas o marido também trabalha para nós e eles têm uma casa própria na propriedade. Imagina que eu oferecia duas libras e dez xelins por semana, estaria bem para ti?

A Adele parecia-lhe uma fortuna. Sabia que algumas famílias viviam com muito menos. Mas antes que pudesse dizer alguma coisa, a avó falou.

– Vais dizer a Mrs. Bailey que a minha Adele não está destinada ao trabalho doméstico. Era a melhor aluna da turma, na escola. Se for interna, tem de ter umas horas livres todas as tardes e um dia inteiro por semana. Também não é para a esbofetear ou intimidar. E a tua mãe tem de perceber que isto é apenas um plano temporário.

Adele pasmou-se com o atrevimento da avó.

– Vou transmitir a sua perspetiva – disse Michael, e Adele viu a boca contorcer-se de divertimento. – Mas tens a certeza de que queres, Adele?

– Com todo o gosto – disse Adele. Até se sentia entusiasmada. Harrington House era uma casa antiga encantadora, e por muito que Mrs. Bailey fosse difícil, Adele julgava que não podia ser pior do que a professora da escola, ou até a avó. Embora não tivesse aprendido a cozinhar muitos pratos diferentes, a avó dizia sempre que, se se soubesse ler um livro de receitas, se saberia cozinhar. E em Harrington House deviam ter luz elétrica, talvez gás, também. – Vamos já?

Michael olhou para Honour para confirmar que por ela estava bem. Ela assentiu.

– Bem, se não te importares, Adele, seria melhor. Assim posso apresentar-te à minha mãe e mostrar-te a casa.

– Está bem – disse Adele. – Vou só vestir algo apresentável. Não me demoro.

Enquanto Adele penteava o cabelo – as necessárias cem passagens em que a avó insistia sempre –, e o torcia para cima num puxo arranjado junto à parte de trás do pescoço, Honour falou com Michael.

– A Adele é boa menina, honesta e trabalhadora. Tenho a certeza de que fará um excelente serviço para a tua mãe – disse ela, com uma expressão séria e preocupada. – Mas compreendes que a tiro de lá imediatamente se ela sentir que está a ser tratada de forma injusta? – acrescentou, lançando-lhe um olhar implacável. – Deixa isto claro à tua mãe, Michael.

– Prometo – disse ele. – Voltarei cá assim que puder, mas nunca se sabe; quando voltar a Alton, o meu pai pode ter visto que fez mal em expulsar a minha mãe.

– Tens de tentar descobrir a história toda – disse Honour. – Precisas de saber exatamente o que se passa. Pergunta também aos teus irmãos o que sabem.

Michael suspirou.

– Eles são sempre influenciados pelo meu pai. Quer esteja certo ou errado, vão apoiá-lo.

– Deves tentar permanecer neutro – disse Honour, a suavizar o tom com compreensão. – Ajuda a tua mãe, com certeza, está certo que um filho o faça, mas ao mesmo tempo vê se ela sabe que também tem de se ajudar a si mesma. Não és o guarda dela.

Ele esboçou um sorriso débil.

– Farei o meu melhor.

*

Adele olhava para a estrada à frente enquanto Michael conduzia. Com o seu melhor vestido, em algodão azul-escuro com colarinho e punhos brancos – um vestido que a avó a ajudara a fazer com o trabalho em mente –, pensava ter o vestuário apropriado para o que a aguardava. De repente, ficou muito apreensiva. Não só porque não fazia ideia do que iria implicar ajudar Mrs. Bailey, e se conseguiria de facto fazê-lo, mas por causa de Michael.

Iria mudar tudo entre eles, isso era certo. Sempre que pensava nele naquele verão, era com memórias de caminhadas, passeios de bicicleta e piqueniques, e com esperança de que no futuro houvesse mais.

Mas, ao trabalhar para a mãe dele, isso seria posto de parte. Podia não saber como as classes altas geriam as suas casas, mas sabia que os cavalheiros não eram amigos das empregadas. Simplesmente não acontecia.

– Mrs. Bailey vai dizer-me o que espera ou faço o que acho que tem de ser feito? – perguntou, nervosa.

Ele olhou para ela e pareceu bastante preocupado.

– Não sei – respondeu Michael, com um grande suspiro. – Em Alton, o pessoal tem as tarefas atribuídas e a governanta mantém-nos na linha. Não sei sequer se a minha mãe lhe dava instruções. Só me lembro dela sentada à secretária a escrever cartas, ou a arranjar flores. Claro que pode ter feito muito mais do que isso, eu é que nunca vi.

– Bem, ela vai dizer-me o que quer comer e quando?

– Não sei – disse ele. – Que diabo, Adele. Acho que vais ter de improvisar. Talvez seja melhor cozinhares o que achares bem. Ela não come muito, quando tudo corre bem.

Adele começava a ficar com a impressão de que a enviavam para tomar conta de uma criança mimada muito difícil. Mas lembrou-se de que a avó e a casa ficavam ao fundo da rua e, acontecendo o pior, podia simplesmente ir embora. Combinaram que, por enquanto, Adele iria para casa todas as noites depois do jantar. Ela achava que conseguia lidar com quase tudo se pudesse sair às sete.

Quando se aproximavam da casa, Adele viu que as janelas continuavam cheias de pó e os metais da porta não eram limpos há muito tempo. Embora não fosse importante, perguntou-se se o interior estaria negligenciado.

Nessa altura, ficou assustada e desejou não ter sido tão impulsiva a oferecer ajuda.

– Vai correr bem – disse Michael, como que a ler-lhe os pensamentos. – A minha mãe é difícil, mas também sabe ser simpática. Mostra-lhe que queres mesmo ajudá-la, e ela mostrar-te-á a sua gratidão.

Michael abriu a porta e entrou, fazendo sinal a Adele para o seguir.

– Mãe! – gritou ele, uma vez no vestíbulo. – Trouxe uma pessoa para a ajudar.

O vestíbulo era grande, com uma ampla escadaria de carvalho que subia a partir dali. Tinha um chão de laje – que não parecia muito limpo – e uns quadros deveras aborrecidos na parede. Certamente não tão simpático como Adele esperava.

Mrs. Bailey apareceu no cimo das escadas. Era uma mulher pequena e delgada de feições delicadas, com um vestido verde pálido. O cabelo era lindo, algures entre o ruivo e o loiro, e usava-o em ondas soltas que lhe tocavam nos ombros. Adele sabia que ela era uns anos mais velha que a avó, mas parecia

mais perto dos trinta. Não fora os olhos vermelhos e poderia ter passado por uma estrela de cinema.

– Não encontro cabides – disse ela com irritação. – Bem me dizes para pendurar a minha roupa, mas como posso fazê-lo, se não tenho onde a pôr?

– Deixe estar isso – disse Michael, olhando para ela. – Trouxe uma pessoa para a ajudar. Desça para conhecer a Adele Talbot.

Por um instante, a mulher não se mexeu, ficou só a fitar Adele. Tinha os olhos azuis como os de Michael e uma pele branca pálida, tão clara e lisa como a de uma criança. Adele pensou que a senhora era infantil em todos os sentidos, com o olhar descarado, a boca de menina e os modos impertinentes.

– Ela é uma criada? – perguntou, ao começar a descer as escadas. Movia-se de uma forma muito elegante, e Adele viu que calçava sapatos verdes de salto alto que condiziam perfeitamente com o vestido. – Onde a encontraste? Tem referências? – acrescentou, como se Adele não estivesse lá.

Adele decidiu que seria melhor agir como a avó. Direta ao assunto, expondo o seu caso, e se Mrs. Bailey não gostasse, bem, azar o dela.

– Não, não sou uma criada – disse ela. – Sou apenas amiga do Michael, e quando ele me disse que precisava de ajuda para se instalar, voluntariei-me. Sei cozinhar, limpar e lavar roupa. Se quiser a minha ajuda, fico; se não, vou-me embora.

– Mas tu és apenas uma criança – exclamou ela, olhando Adele de cima a baixo. Virou-se de novo para Michael. – Como conheces esta rapariga?

– Conheci-a há dois anos, quando viemos cá – disse ele. – A Adele vive em Winchelsea Beach. Fiz-lhes uma visita hoje de manhã, para perguntar se conheciam alguém para te ajudar. A Adele ofereceu ajuda de boa vontade. Ela é muito capaz e digna de confiança.

Mrs. Bailey não disse nada, limitou-se a acenar com as mãos de um modo distraído. Adele percebeu que ela era do tipo que não conseguia decidir nada.

– Sei que não sabe nada sobre mim, minha senhora – disse ela. – Mas a minha avó é muito conhecida por aqui. Ela sugeriu que eu viesse como medida temporária para a ajudar. Pelo que sei, neste momento não tem outra ajuda.

– Não, não tenho – disse Mrs. Bailey. – Mas Michael, com certeza poderias ter-me arranjado alguém mais maduro.

– Onde? – perguntou ele. – Não há uma loja onde se possa ir comprar criados, à espera que comecem logo a trabalhar.

– Porque não a avó? – disse ela. – Ou é muito velha?

A pretensão da mulher de que lhe bastava choramingar por ajuda e qualquer pessoa da classe operária deixaria tudo por ela exasperou Adele.

– A minha avó não trabalha para ninguém – disse ela. – Sou eu ou nada. Não quero ser mal-educada, mas se acha que não sirvo, é só dizer e eu vou para casa.

– Ela é muito franca – disse Mrs. Bailey a Michael, a voz a tremer um pouco.

– Eu confio nela – afirmou Michael. – Vamos lá, mãe. Sabe que em breve tenho de ir embora com o carro, e não quero deixá-la aqui sozinha. Dê à Adele a oportunidade de mostrar aquilo de que é feita. Tem sorte em tê-la.

– Preciso de falar contigo em privado – disse ela ao filho. – Anda à sala de estar.

Michael desculpou-se e pediu a Adele para esperar. Ele e a mãe entraram na sala à direita do vestíbulo e fecharam a porta atrás deles.

Adele ouvia as vozes, a de Michael muito baixo, a de Mrs. Bailey alta e indignada, mas não conseguia perceber o que diziam. À sua esquerda havia uma sala de jantar, com uma mesa grande e oito cadeiras em volta. Uma sala deveras sombria, pensou, e muito poeirenta, mas não ia lá ninguém há algum tempo. Entrou, um passo ou dois, e além viu uma grande cozinha. Era desanimadoramente antiquada – imaginava que quem morasse numa casa tão grande tivesse muito melhor. Só esperava ver uma casa de banho a sério. Mrs. Bailey parecia do tipo de estar metade do dia deitada num banho de espuma, e Adele não desejava carregar-lhe baldes de água.

Cerca de quinze minutos depois, Michael apareceu sozinho da sala de estar e parecia satisfeito consigo mesmo.

– A minha mãe já cedeu – disse ele. – E pediu desculpa por te ter ofendido. Ela concordou com as condições. Vou mostrar-te a casa enquanto ela descansa.

Ele mostrou-lhe primeiro a cozinha, e disse que não fazia ideia de como acender o fogão, mas sabia que funcionava a carvão e estava sempre aceso. Adele examinou-o e verificou que não era muito diferente do de casa, apenas maior e mais recente.

– Eu sei acendê-lo – disse.

Parecia que também aquecia a água, e os canos corriam para uma casa de banho do andar de cima, para alívio de Adele. Tinha um pequeno fogão elétrico, que podia ser usado para cozinhar sempre que o fogão não estivesse aceso. Adele ficou igualmente satisfeita ao ver uma despensa grande e fria, uma vez que manter a comida fresca no verão era o maior problema de Curlew Cottage.

Os Bailey tinham trazido uma caixa de comida, incluindo um pedaço de pernil que Adele guardou logo na despensa. Pensou que quem quer que tivesse embalado a caixa sabia o que fazia – continha quase todas as necessidades básicas e também alguns luxos, como bolo e biscoitos.

– É Mrs. Bailey que faz as compras? – perguntou ela.

– Ela não está habituada – disse Michael. – Por isso, imagino que te peça para as fazeres.

– E vai dar-me dinheiro para pagar?

– Não, suponho que seja por conta – disse Michael.

– Não sei se aqui vendem fiado – disse Adele. – Talvez tenhas de tratar disso antes de ir embora.

Esta foi uma das dezenas de perguntas que Adele fez enquanto Michael lhe mostrava a casa, e cuja resposta, na maioria, ele desconhecia. Adele começou a sentir muita pena de Michael. Parecia muito preocupado e ela não podia dizer-lhe que ia correr tudo bem, já que nem ela estava minimamente convencida disso. Como é que sabia quantas vezes os ricos punham lençóis lavados? Ou o que esperavam comer ao pequeno-almoço? Só esperava que a avó soubesse.

A casa estava toda cheia de pó. E havia tantos bibelôs em cada divisão que levaria um dia inteiro para os limpar em condições. Mas pelo menos encontrou cabides para Mrs. Bailey. Havia centenas deles numa caixa debaixo de uma das camas. Ainda bem, porque Mrs. Bailey tinha espalhado as suas roupas por todo o quarto grande.

– Tenho de ir – disse Michael, quando voltaram ao vestíbulo. – Sinceramente, não sei o que teria feito se não tivesses concordado em vir, Adele. Nunca teria tido o descaramento de te perguntar. Espero que saibas que não vim na esperança de que te oferecesses.

Adele sorriu. Sabia que ele estava a dizer a verdade.

– Não te preocupes, Michael. Posso não ser a governanta ideal. Mas a tua mãe viverá numa casa limpa e eu vou arranjar-lhe comida. É o que te posso prometer.

Ele meteu a mão no bolso e tirou um cartão impresso.

– É o meu endereço e telefone, se houver algum problema. Se eu não estiver, pede para falar com Mrs. Wells, que é a nossa governanta. Ela gosta muito da minha mãe e vai ajudar-te. Mas eu telefono, de qualquer maneira.

– Nunca usei um telefone – admitiu Adele. – O que faço?

– Quando tocar, basta levantá-lo e dizer «Harrington House» – instruiu ele. – Se precisares de me telefonar, pegas no auscultador e pedes à telefonista para

ligar a este número. Para números locais, como o médico, basta marcar o número e esperar que alguém atenda. Contudo, tem sempre cuidado com o que dizes, as operadoras costumam estar a ouvir.

– Espero lembrar-me disso tudo – disse Adele, ansiosa.

– Em breve perceberás – disse ele. – Bem, é melhor despedir-me e ir ver a minha mãe antes de me ir embora. Tens sido mesmo boa pessoa.

Adele foi para a cozinha e arrumou o resto do conteúdo da caixa de mercearias, enquanto Michael se despedia da mãe. O fogão estava limpo de cinzas, por isso Adele amarrotou um pedaço de jornal, pôs-lhe acendalhas em cima e acendeu o papel com um fósforo. Ao ouvir a porta da frente abrir-se e fechar-se, foi à janela da sala de jantar para olhar lá para fora. Michael entrava no carro, e o rosto dele parecia tão tenso de ansiedade que Adele ficou com um nó na garganta. Era demasiado novo para andar a resolver os problemas dos pais.

Todos temos de crescer um dia, pensou ela ao vê-lo arrancar. *Olha para ti, comportaste-te como uma criança de dez anos ontem à noite, hoje de manhã descobriste que te transformaste numa mulher e agora, poucas horas depois, estás a começar a trabalhar.*

Estava de joelhos a pôr pedaços de carvão na lareira, um a um, e a soprar para a acender, quando Mrs. Bailey entrou na cozinha.

– Está na hora do lanche da manhã – disse ela. – Gosto de café e biscoitos. Tomo-o na sala de estar.

Adele nunca tinha bebido, nem preparado, uma chávena de café na vida. O mais perto que alguma vez estivera de café fora a ver os americanos a bebê-lo nos filmes.

– Desculpe, minha senhora – disse ela –, eu não sei fazer café. Posso preparar-lhe um chá, logo que ponha o fogão a funcionar.

Os olhos da mulher arregalaram-se de incredulidade.

– Não sabes fazer café?

– Não, minha senhora – disse Adele, sentindo-se muito idiota. – A senhora sabe?

– Não preciso de saber – respondeu Mrs. Bailey, indignada. – Tem-se uma criada para fazer essas coisas.

– Eu não sou uma verdadeira criada – disse Adele, pensando que não valia a pena pôr-se com rodeios. – Estou só a ajudá-la até que arranje uma a sério. Bem, a casa está cheia de pó, o fogão ainda não está quente, e as suas roupas estão espalhados pelo quarto todo e têm de se guardar, para eu poder fazer a

cama. Hoje só vou ter tempo para tratar do essencial. Assim, será chá quando o fogão estiver quente. Amanhã talvez saiba fazer-lhe café.

– Ora! – disse, ofegante, Mrs. Bailey. – Despedi raparigas por menos atrevimento do que esse.

Adele encolheu os ombros.

– Só vim porque o Michael estava preocupado consigo – declarou, e até ao falar perguntou-se como podia ser tão ousada. – Fiquei com a ideia de que ia ajudá-la a instalar-se, e não fazer absolutamente tudo sozinha enquanto bebe café na sala de estar. Porque não vai pendurar a roupa? Pus uma caixa de cabides no seu quarto.

Mrs. Bailey saiu teatralmente da cozinha, deixando atrás de si um ligeiro aroma a lírios do vale. Adele esboçou um sorriso e continuou a juntar carvão ao fogão. De todo o modo, duvidava que fosse ficar ali uma semana sequer. Achava que não tinha o que era preciso para ser uma verdadeira criada.

Era quase meio-dia quando o fogão aqueceu o suficiente para pôr a chaleira a ferver – Adele descobriu que o fogão elétrico não funcionava. Preparou um bule de chá, pô-lo numa bandeja com açúcar, leite e um coador, e depois levou-o para cima, para o quarto de Mrs. Bailey.

Para sua consternação, encontrou o quarto numa confusão ainda pior, com roupas e sapatos pelo chão todo e na cama, e Mrs. Bailey sentada na beira da cama a chorar.

O primeiro pensamento de Adele foi que era por causa do café.

– Desculpe não saber fazer-lhe o café – disse ela. – Mas agora trouxe-lhe chá.

– Não consigo arrumar isto – disse Mrs. Bailey. – A Molly, a minha criada de Alton, tratava-me sempre da roupa. Tinha tudo organizado por cores, com os sapatos a condizer por baixo. Eu não consigo.

Para Adele, que possuía apenas o vestido que trazia, o andrajoso com que trabalhava em casa e uma saia, uma blusa e um casaco de malha, organizar as roupas nunca representara o menor problema. Não acreditava que uma mulher pudesse ter tantos vestidos e sapatos. Mas não suportava ver alguém a chorar, e imaginava que tivesse sido difícil para Mrs. Bailey deixar a antiga casa.

– Venha sentar-se aqui a beber o chá – disse ela, pousando a bandeja numa mesa baixa junto à janela. A cadeira junto à mesa estava muito gasta, e Adele pensou que talvez o velho Mr. Whitehouse se sentasse ali o dia inteiro, a olhar para a rua. – Eu penduro as roupas. – Pegou no braço de Mrs. Bailey, levou-a até à cadeira e depois serviu-lhe uma chávena de chá. Mrs. Bailey continuou a

fungar e Adele começou com a roupa. Felizmente, o guarda-vestidos era grande, com barras em baixo para os sapatos. Em poucos minutos, tinha um molho de roupas verdes pendurado, outro de rosas e outro de azuis. – Tem roupas lindas – disse, com admiração. Um vestido azul tinha um corpete coberto de lantejoulas e mangas de *chiffon*. Adele achou que nunca tinha visto um vestido tão bonito.

– A maioria já está fora de moda – disse Mrs. Bailey, e começou a chorar ainda mais. – Usámos roupas tão curtas nos anos vinte, e agora as modas são tão diferentes. Não sei o que hei de fazer.

Adele não sabia o que responder. Pensava que, de qualquer maneira, por ali Mrs. Bailey não teria onde usar roupas tão glamorosas. A maioria das mulheres da classe dela vestia *tweed* durante o dia.

– Tem cá velhos amigos? – aventurou-se. – De antes de se casar?

– Alguns, talvez – fungou Mrs. Bailey, passando com delicadeza um lenço debruado a renda no nariz minúsculo. – Mas não sei o que lhes dizer. Não posso dizer que me separei do meu marido.

– Porque não? – perguntou Adele.

– Por causa da vergonha, claro – exclamou Mrs. Bailey. – Socialmente, não é aceite!

– Tenho a certeza de que seriam todos compreensivos – disse Adele. – Hoje em dia, há muitas pessoas que se divorciam.

Não sabia se era absoluta verdade, mas a avó era propensa a declarar que havia uma epidemia de divórcios. Mas reparem, a avó achava vergonhoso; acreditava que o casamento era para toda a vida, ainda que o marido se revelasse um patife.

– Nunca me divorciarei dele – gritou Mrs. Bailey. – Ele pode expulsar-me da minha casa, virar os meus filhos contra mim, mas nunca o deixarei livre para casar com aquela lambisgoia.

Então é isso, pensou Adele. *Outra mulher*.

*

Quando chegaram as sete horas, Adele sentia que percebia o porquê de Mr. Bailey querer ver-se livre da mulher. Tal como Michael dissera quando se conheceram, ela era muito exigente. Queixava-se por isto, chorava por aquilo e não parava de se aproximar sorrateiramente de Adele enquanto esta esfregava e polia, para lhe pedir algo que poderia facilmente ir ela própria buscar.

A princípio, Adele interrompia o que estava a fazer para ir buscar os chinelos, o casaco de malha, o livro ou o que quer que Mrs. Bailey desejasse. Mas quando ela tocou à campainha na sala de estar, justamente quando Adele esfregava a banheira, só para pedir um copo de água, Adele perdeu a calma.

– Um copo de água? – exclamou. – Tem pernas, não tem? Sabe onde está a torneira!

Os olhos de Mrs. Bailey arregalaram-se de surpresa.

– Estás a sugerir que vá eu buscá-lo?

– Não estou a sugerir, estou a dizer-lhe para ir – respondeu Adele. – Se esta casa estivesse limpa e a senhora fosse inválida, talvez lhe fosse buscar o copo de água. Mas a casa está imunda, e a senhora é tão capaz como eu. Se tivesse um pingo de sentido prático, estaria a organizar a própria casa, a arranjá-la para a tornar agradável, não aí sentada sem fazer nada, como o raio de uma dondoca.

– Mas pagam-te para cumprir as minhas ordens – disse Mrs. Bailey. – E como te atreves a dizer-me palavrões?

– A senhora faria um santo dizer palavrões – ripostou Adele. – Só concordei em vir ajudá-la até arranjar pessoal treinado. Contava cozinhar, limpar, fazer camas e acender as lareiras, mas fez-me pendurar as roupas, ir buscar casacos e dezenas de outras coisas triviais que podia fazer sozinha. Não tarda, pede-me que lhe limpe o nariz.

– Nunca me tinham falado assim. – Os grandes olhos azuis de Mrs. Bailey estavam cheios de lágrimas. – Sai já da minha casa.

– Não, não saio – disse Adele, obstinada. – Ainda não acabei de lhe limpar a casa de banho, e também não fiz o jantar. Quando acabar, vou, mas antes não, porque prometi ao Michael que ficava até às sete. E voltarei de manhã, e na seguinte, até ter empregados decentes, quer goste de mim ou não. Sabe porquê? Porque o seu filho está convencido de que, se a deixarem sozinha, a senhora fica na cama e morre de fome.

Com esta, Adele deu meia-volta, saiu da sala de estar e voltou ao andar de cima, para acabar de limpar a casa de banho.

Só bastante mais tarde, quando às sete se libertou da casa, deixando Mrs. Bailey a jantar, percebeu que tinha sido muito insolente.

Porém, ao descer a colina a caminho de casa, fatigada, não tinha intenção de desdizer uma única palavra. Reconhecia ter feito um bom trabalho, e ninguém, por mais rico, importante e poderoso que fosse, tinha o direito de tratar outra pessoa como um escravo.

Há algumas semanas, a avó falara-lhe sobre como tinha sido para ela crescer. Embora o pai, professor, não fosse rico, era impensável que as meninas da classe média ou alta trabalhassem. Honour preenchia os dias a costurar, a ler e a tocar piano. Contou que, até casarem, as raparigas não podiam sequer falar com um jovem sem uma acompanhante.

A guerra de 1914 mudou tudo. De repente, estas mesmas mulheres enclausuradas serviam de enfermeiras, conduziam ambulâncias ou corriam com os carrinhos de chá para as tropas nas estações de caminhos de ferro. Depois de provarem a liberdade, não quiseram voltar à velha ordem de ficar em casa à espera que se lhes apresentasse um marido adequado. Não que ainda houvesse jovens adequados suficientes – a guerra tratara disso.

A avó explicou também que foi a guerra que libertou as meninas da classe operária de uma vida de obediência e escravidão a servir como criadas, uma das poucas escolhas de carreira que antes lhes estavam abertas. De repente, abundavam outras oportunidades nas fábricas e nos escritórios, tudo mais aliciante do que acender lareiras, lavar roupa, cozinhar e limpar para os abastados.

Talvez essa abundância de trabalho já não estivesse disponível, mas Adele sabia que não era para começar a pensar que devia estar grata a Mrs. Bailey por ela lhe permitir ser a sua criadita.

Devia lembrar-se de que estava a fazer um favor à mulher. E a ganhar alguma experiência de como viviam e se comportavam as pessoas ricas. Assim que surgisse um emprego a sério, sairia.

CAPÍTULO 11

1936

Adele foi para o fundo da sala de estar para ver o efeito geral da árvore de Natal que acabara de decorar. Tinha mais de dois metros. Adele posicionara-a no nicho ao lado da lareira e forrara a tina que a continha com papel crepe vermelho.

Sorriu com prazer. As fitas decorativas prateadas estavam perfeitamente dispostas e as bolas de vidro bem espaçadas, cada uma com uma pequena vela perto, para que a luz das velas, quando acesas, refletisse nas bolas, tal como vira numa das revistas de Mrs. Bailey. Até conseguiu fixar a fada no cimo em condições, não sendo tarefa fácil pôr-se em cima de uma cadeira e estender-se sobre ramos que picavam.

Sentia-se otimista porque este Natal seria um Natal feliz, ao contrário do Natal do ano anterior, que fora uma absoluta miséria. Mas, em dezasseis meses a trabalhar para Mrs. Bailey, acreditava ter percorrido um longo caminho. Não só sabia muito mais sobre a gestão de uma casa, como também acabou por conhecer bem a sua empregadora, e aprendeu a ler os sinais de perigo que anunciavam o desastre.

A avó dizia que fora a estupidez que fizera com que Adele ficasse mais de uma semana, e a pura perversidade que a mantivera lá depois disso. Talvez tivesse razão, porque Mrs. Bailey tinha de ser a mulher mais difícil, egoísta e idiota do mundo. Era bonita, rica – pelos padrões de Adele – e bastante simpática quando assim entendia, o que não era muitas vezes.

Adele não conseguia contar as crises que a mulher tivera naqueles primeiros meses. Todos os dias, tinha de se preparar para o que iria encontrar quando entrasse pela porta. Nas primeiras semanas, era frequente Mrs. Bailey lançar com violência o tabuleiro do jantar contra a parede da sala de estar. Adele chegava na manhã seguinte e encontrava um monte de restos empapados, com a louça partida, bem como algum bibelô que o tabuleiro do jantar tivesse

deitado ao chão. Ao que tudo indicava, Mrs. Bailey ficava irritada por não ter ninguém que o levasse para a cozinha.

Adele foi limpando a desarrumação todos os dias, até que um dia se rebelou e a deixou ficar. Sucedeu então que o advogado de Mrs. Bailey foi visitá-la naquela manhã; Adele encaminhou-o propositadamente para a sala de estar e deixou-o a olhar para aquilo, espantado, enquanto ela chamava Mrs. Bailey para lhe dizer que ele a aguardava.

– Como pudeste deixar um homem tão importante ver esta porcaria? – gritou Mrs. Bailey depois de ele ter ido embora. – Não sabia onde me meter.

– Bem, pense nisso antes de atirar com mais comida e louça – ripostou Adele, indiferente ao facto de a poderem mandar embora. – Porque não vou voltar a limpar, e se aquilo ficar ali vão aparecer ratazanas para comer.

Olhando para trás, aquele tinha sido um dos problemas mais fáceis de resolver. Mrs. Bailey tinha pavor de ratos, quanto mais ratazanas, por isso nunca mais atirou comida. Mas atirava todo o conteúdo do guarda-vestidos ao chão e deixava-o para Adele pendurar outra vez. Exigia lareiras acesas pela casa toda, quando não usava as divisões. Ligava as torneiras para o banho e esquecia-se delas até à casa de banho se inundar. Punha-se ao lado do telefone a ouvi-lo tocar enquanto Adele estendia a roupa no jardim, e depois queixava-se de que tinha perdido um telefonema. Por vezes, à noite bebia tanto que Adele a encontrava desmaiada no chão, frequentes vezes numa poça de vomitado. Mas a coisa mais irritante era que parecia incapaz de compreender que nunca mais teria uma equipa de empregados a lançar-se para ela ao mínimo capricho.

Jacob Wainwright, o advogado de Rye, tratou que John Sneed, o jardineiro que trabalhava para os pais de Mrs. Bailey, voltasse para cuidar do jardim e fazer trabalhos de manutenção ocasionais. Mr. Wainwright encontrou também Mrs. Thomas, e conseguiu que ela viesse duas manhãs por semana para lavar a roupa e fazer o trabalho duro, como esfregar o chão. Isso deixava para Adele tudo o resto, mas ela aceitou quando Mr. Wainwright lhe explicou que Mrs. Bailey não podia pagar a mais pessoal.

Adele gostava de Mr. Wainwright. Era grande e robusto e tinha um nariz abatatado vermelho, que sugeria que ele gostava muito de vinho do porto. Manifestava solidariedade em relação a Adele, elogiava-a por ter posto outra vez a casa em tão bom estado, e dizia que admirava a posição dura que ela assumia com a patroa. Ele dizia que era indispensável que Mrs. Bailey aprendesse a fazer algumas coisas sozinha, pois poderia chegar o momento em

que ela teria que se mudar para uma casa muito mais pequena e arranjar-se sem qualquer ajuda.

Adele depreendeu que Mrs. Bailey não tinha um saco de dinheiro sem fundo, e por isso economizava onde podia. Era uma sorte que a avó a tivesse treinado bem nesse aspeto, pois se perguntasse a Mrs. Bailey o que gostaria de comer ao jantar, ela dizia sempre que queria cordeiro, bife ou outra comida cara. Então, Adele deixou de perguntar e cozinhava o que considerava melhor. E, invariavelmente, Mrs. Bailey comia sem se queixar.

Só há pouco mais de um ano Adele se sentira, por fim, compelida a ir morar para Harrington House. Não teve grande escolha, pois a sua empregadora era um perigo para si mesma. Além de beber, nunca se lembrava de tapar o fogo com a grade quando saía da sala ou ia para a cama. O tapete em frente do lume estava cheio de buracos de queimaduras, e era apenas uma questão de tempo até deflagrar um incêndio e a casa arder.

Fora o facto de poder tomar um banho a sério e usar uma casa de banho interior, Adele detestava viver ali. O trabalho não lhe parecia tão mau quando podia regressar a casa à noite e contar à avó o que tinha feito. Muitas vezes davam umas boas gargalhadas com os maiores disparates que Mrs. Bailey fazia.

Agora Adele tirava folga num dos dias em que Mrs. Thomas vinha, e deixava algo frio para o jantar de Mrs. Bailey. Nos dias bons, ela e a avó costumavam dar um passeio à tarde, a apanhar lenha pelo caminho; por vezes iam a Rye, lanchavam numa casa de chá e iam juntas ao cinema. Quando chovia ou estava muito frio, ficavam em casa, perto do fogão, e conversavam.

Honour dava-lhe sempre uma receita para ela experimentar, e falava sobre os problemas com que Adele se deparara durante a semana. Foi assim que Adele começou a perceber melhor a forma como a avó vivera em tempos. Sabia como tudo devia ser feito, desde a espessura certa da goma da roupa de cama, ao tipo de copo que se usava para uma determinada bebida. Possuía um sem fim de ideias para o jantar e a ceia, e era também versada em etiqueta.

Perguntava sempre por Michael, e se tinha vindo ver a mãe. Ele telefonava todas as semanas e, às vezes, se Mrs. Bailey não estivesse, conversava com Adele. Ingressara no corpo de aviação da universidade, como disse que faria, e estava sempre ansioso por falar sobre as aulas de voo, os amigos de Oxford e os jogos de críquete. No entanto, nunca falava de raparigas, o que convenceu Adele de que ele evitava deliberadamente o assunto, com medo de lhe ferir os

sentimentos. Tinha a certeza de que Michael devia ter uma namorada, e deu o seu melhor para se convencer de que não se importava.

Mas apesar de telefonar à mãe todas as semanas, ele só a visitara três vezes: no Natal anterior, na Páscoa e no verão, pernoitando sempre só uma noite. Quanto ao resto da família, não apareceram uma única vez. Adele até compreendia, pois o comportamento de Mrs. Bailey era tão perturbador como o da sua própria mãe. Havia um limite para a maldade, vergonha e sofrimento que uma pessoa conseguia aguentar até o amor desaparecer.

Quando Mrs. Bailey estava no seu pior, Adele pensava muitas vezes em Rose e perguntava-se onde estaria agora e como viveria. Mas não tinha a menor vontade de voltar a vê-la, e imaginava que os filhos dos Bailey sentissem o mesmo em relação à mãe.

Em novembro do ano anterior, Mrs. Bailey encontrara-se num estado absolutamente medonho. Recusava-se a sair da cama, chorava a toda a hora e nem se dava ao trabalho de se lavar ou pentear. Mas animou-se quando Michael disse que viria passar o Natal, e então anunciou que ia convidar uns velhos amigos de infância para tomarem umas bebidas na véspera de Natal.

O Natal sempre fora uma desilusão para a Adele. Lembrava-se de ela e Pamela ficarem sempre entusiasmadas quando apareciam nas lojas as luzes e as decorações. Na escola, levavam à cena uma peça de Natal, a banda do Exército de Salvação tocava cânticos à porta da estação de Euston e o sentimento de alegria e esperança intensificava-se à medida que o dia de Natal se aproximava. Mas era sempre um anticlímax. Na véspera de Natal, o pai voltava invariavelmente tarde do trabalho, tão bêbado que mal conseguia aguentar-se de pé, o que punha a mãe num dos seus humores mais sombrios. Adele lembrava-se de levar a Pamela a passear no dia de Natal, pois havia sempre muito mais alegria nas ruas do que em casa.

No entanto, vir viver com a avó tinha suspendido algumas dessas memórias tristes. A avó não dispunha de muito dinheiro para gastar em frivolidades, mas no Natal esforçava-se bastante. Comprava pequenos mimos e surpresas, enfeitava a casa com azevinho e correntes de papel, e contava a Adele histórias das maravilhosas festas de Natal a que ia em criança. Ao falar com nostalgia das árvores de dois metros e meio iluminadas com centenas de velas, de mesas enormes postas com pratas e copos cintilantes, de cantar em volta do piano, o jogos das cadeiras, da cauda do burro e da cabra-cega, ficava muitas vezes com lágrimas nos olhos. Adele sentia-a recordar os pais, o marido e talvez também Rose em menina. A avó admitiu que, no Natal seguinte à morte de Frank, se

sentira tão em baixo que passara o dia todo na cama, e que não tinha tentado de modo algum celebrar o Natal até Adele ter ido viver com ela.

Fora por causa desse mal na sua própria família que, no ano anterior, Adele se esforçara tanto para pôr tudo bonito em Harrington House. Trouxe do jardim braçadas de azevinho e atou-o com fita vermelha, poliu os melhores copos e passou horas a fazer requintadas empadas, rolos de salsicha e outros canapés festivos sugeridos pela avó. Tudo ao mesmo tempo que comprava e preparava o jantar do dia de Natal.

Michael chegou ao fim da tarde na véspera de Natal, mas Adele mal o viu, porque estava muito ocupada na cozinha. Depois, pouco antes das seis, ele veio a correr buscá-la, a dizer que a mãe estava a fazer mais uma cena por não ter nada para vestir naquela noite.

Os convidados deviam chegar às sete, por isso Adele voou para o andar cima. Mrs. Bailey dissera-lhe, no início da semana, que ia usar o vestido de cerimónia de cetim prateado, e Adele tinha-o passado a ferro e pendurado na porta do guarda-vestidos, com uns sapatos prateados por baixo. Na opinião de Adele, era a escolha perfeita; o comprimento pelo meio da perna, muito elegante, com corte de viés e com um lampejo de bordado preto desde um ombro até ao peito. Mrs. Bailey ficava linda com ele.

A visão com que Adele se deparou ao entrar no quarto era alarmante. Mrs. Bailey estava vestida apenas com uma combinação de cetim, o cabelo todo desarranjado, e tinha realizado o velho truque de atirar todo o conteúdo do guarda-vestidos para o chão. O vestido prateado estava feito em pedaços, lançado para cima da cama.

– Porque diabo fez isso? – perguntou Adele, incrédula, sabendo que teria de trabalhar um ano ou dois para comprar um vestido assim. – O vestido é lindo e fica muito bonita com ele.

– Põe-me a pele cinzenta – gritou Mrs. Bailey a Adele, e correu para ela, como que prestes a atacá-la. Adele estendeu as mãos para a deter e, ao pegar-lhe nos braços, sentiu-lhe no hálito o cheiro a uísque.

– Ponho-lhe a pele cinzenta se começar a armar-se agora – disse Adele, feroz, empurrando-a para a cadeira. – Os seus amigos estão a chegar. Quer que a vejam a comportar-se como uma louca?

Adele encontrou um vestido em crepe vermelho-escuro e obrigou-a a vesti-lo. Penteou-lhe o cabelo e pôs-lhe duas travessas brilhantes, uma de cada lado da cabeça. Depois, esfregou-lhe o rosto com pó de arroz e acrescentou um pouco de *rouge* nas faces. Porém, quando se inclinou para pegar num par de

sapatos pretos para a calçar, Mrs. Bailey deu-lhe um pontapé no traseiro. Adele caiu para a frente e bateu com a cabeça na extremidade da cama.

Adele teve de se segurar para evitar retribuir o pontapé à mulher. Doía-lhe a cabeça e pensou que no dia seguinte teria uma nódoa negra.

– A senhora é obra – exclamou. – Eu era bem capaz de ir para casa e deixá-la a safar-se sozinha hoje à noite. Mas não vou permitir que envergonhe o Michael.

Sem saber como, conseguiu que Mrs. Bailey pusesse batom e as joias certas e levou-a para baixo. Mrs. Bailey serviu-se logo de mais uma grande dose de bebida.

Michael viu a mãe a andar de um lado para o outro na sala de estar, pálido de medo.

– O que hei de fazer? – sussurrou ele a Adele. – Talvez deva mandar os convidados embora quando chegarem. Ela vai ser horrível, eu sei que sim.

– Não podes fazer isso na véspera de Natal – disse Adele. – Tenho a certeza de que ela vai começar a comportar-se assim que eles chegarem.

A princípio, parecia que Adele tinha razão. Mrs. Bailey cumprimentou os velhos amigos com cordialidade e simpatia, apresentou Michael a todos, como uma mãe perfeita, e até lhes disse que Adele era o seu tesouro, enquanto esta servia a comida.

Eram ao todo cinco casais, dois dos quais Adele conhecia de vista, pois moravam em Winchelsea, e parecia-lhe que todos estavam ali para mostrar a Mrs. Bailey a sua solidariedade, e que iam apoiá-la agora que vivia sozinha. Michael começou a descontrair, o fogo ardia bem, a sala de estar estava linda e a mãe também. Tinha uma bebida na mão, mas não parecia bebê-la. Sempre que Adele olhava para ela, via-a absorta em conversas animadas, e, para variar ela parecia-lhe muito feliz.

Cerca das nove horas, Adele voltava da cozinha com mais rolos de salsicha quentes quando ouviu um estrondo na sala de estar. Correu até lá e deparou com Mrs. Bailey deitada no chão, com o vestido para cima, a mostrar as meias até ao cimo. Presumivelmente, caíra em cima da mesa de apoio, pois esta estava virada e os copos ali pousados, todos tombados no tapete.

Os outros convidados olhavam-na, espantados.

Adele correu para a ajudar, mas Michael chegou lá primeiro.

– São aqueles sapatos outra vez – disse ele. – Disseste que ias livrar-te deles porque os saltos são instáveis.

Adele ficou impressionada por ele ter inventado uma desculpa tão plausível tão depressa. Tomou-se claro para ela que afinal Mrs. Bailey tinha estado a beber e a encher o copo constantemente. Estava tudo bem com os sapatos.

– Ela obrigou-me a usá-los – disse Mrs. Bailey, enrolando as palavras e apontando um braço frouxo na direção de Adele. – Faz tudo o que pode para me envergonhar, está a soldo do meu marido.

Olharam todos para Adele. Ela estava tão abalada que deixou escorregar um pouco a bandeja dos rolos de salsicha e, para aumentar a sua angústia, eles começaram a cair ao chão.

– Veem o que quero dizer? – disse Mrs. Bailey com ar de triunfo. – Mas o que se pode esperar de uma rapariga dos pântanos?

Adele fugiu para a cozinha e desatou a chorar. Tinha dado o seu melhor para tornar a casa acolhedora, passara horas a cozinhar e a organizar a festa, e queria muito que Michael tivesse uma noite feliz e parasse de se preocupar com a mãe. Não tinha resultado e não lhe agradeceriam por tentar.

Todos os convidados saíram pouco depois. Adele ouviu Michael pedir-lhes desculpa no vestíbulo enquanto os ajudava a vestir os casacos. Pensou que ele lhes pedia desculpa por ela, o que a fez chorar ainda mais.

Ouviu-o voltar para a sala de estar, e foi então que pegou no casaco para ir embora de vez. Mas quando saiu da cozinha já com ele vestido, Michael vinha na sua direção, com a bandeja de rolos de salsicha nas mãos.

– Desculpa, Adele – disse ele, os lábios a tremer. – Foi horrível para ti. Ela está bêbada, claro, a dormir numa cadeira. Sabe-se lá o que pensaram os velhos amigos. Amanhã, vai-se saber por todo o condado.

Michael fez Adele regressar à cozinha e sentou-a à mesa. Tinha o rosto pálido e tenso, mas limpou-lhe as lágrimas com um lenço e beijou-lhe a testa.

– Não devia ter-te sujeitado a isto – disse ele. – Ela já tinha sido assim contigo?

Foi só por Michael parecer tão perturbado que Adele não lhe contou a verdade. Ele não merecia saber como a mãe era, logo na véspera de Natal.

– Tem os seus momentos difíceis – foi tudo o que disse. Despiu o casaco porque sabia que não podia deixá-lo a lidar com a mãe sozinho.

*

– Mas isso foi no ano passado – murmurou Adele para si mesma, enquanto pegava na caixa de decorações vazia para a guardar. – Desta vez não vai ser assim.

Tinha acontecido tanto no mundo naquele ano que até a egocêntrica Mrs. Bailey fora forçada a ver que não era a única pessoa com problemas. Em janeiro, o rei George morreu, e o país ficou mergulhado no luto. Ainda mal tinha passado esse acontecimento, quando os jornais começaram a publicar histórias sobre o caso amoroso do rei Edward com Wallis Simpson, americana e casada. Eclodiu uma guerra civil em Espanha, em julho, Mussolini parecia tentar dominar o mundo e, na Alemanha, os rumores sinistros ouviam-se cada vez mais alto. Duzentos homens marcharam de Jarrow, no condado de Durham, até Londres, com uma petição sobre o desemprego de 75% na sua cidade. Há umas semanas, apenas, o rei Edward decidira abdicar do trono para poder casar com Wallis Simpson, e o país lançara-se no tumulto e no debate aceso.

Adele duvidava que Mrs. Bailey estivesse realmente preocupada com o país ou com os menos afortunados do que ela, mas acalmara bastante. Os acessos de fúria, ataques de gritos e crises de excesso de bebida eram menos frequentes. Parecia até ter-se conformado com o facto de ser uma mulher separada, pois mandou redecorar as salas de estar e de jantar ao seu gosto. Adele não gostava muito do papel de parede vermelho-escuro às riscas da sala de jantar – de dia, era muito sombrio –, mas os rosas e verdes da sala de estar eram bonitos. Mrs. Bailey também fazia trabalho voluntário de caridade com outras mulheres, e na primavera tinha ido passar uma semana a França com uma velha amiga.

Ainda havia alturas em que ia para a cama e não se levantava. Continuava a mostrar pouca consideração pelo trabalho árduo de Adele. Porém, no décimo sétimo aniversário de Adele, em julho, deu-lhe um medalhão de prata num fio. Nada disse além de «Feliz aniversário», mas Adele pensou que talvez ela fosse como a avó e não soubesse expressar os sentimentos.

Agora, Michael conseguira convencer o irmão Ralph, a mulher e os filhos, e Mr. Bailey a virem passar o Natal. Chegariam no dia seguinte, véspera de Natal, e Adele esperava ansiosamente que a família conseguisse resolver as diferenças.

*

– Não contava ver-te hoje! – exclamou Honour, surpreendida, quando Adele entrou em casa na tarde seguinte.

Adele despiu o casaco, sacudindo a chuva antes de fechar a porta.

– Precisava de te ver – disse ela.

– O que se passa? – perguntou a avó, levantando-se da cadeira.

– Nada – disse Adele. Levantou um cesto para a mesa e tirou um presente bem embrulhado, um pequeno pudim num recipiente de porcelana, um saco de tangerinas e uma lata. – Só queria que tivesses isto de manhã – acrescentou.

– Não me digas que amanhã não vens a casa – exclamou a avó. O tremor da voz disse a Adele que o seu instinto estava certo, ela sentia-se muito sozinha.

– Claro que ainda venho à tarde – disse Adele, e estendeu a mão para afagar com carinho a face de Honour. – Não te deixaria sozinha no dia de Natal nem que a Wallis Simpson me mandasse chamar para me oferecer alguns dos seus vestidos velhos.

Honour pensava que Wallis era um demónio de saias, enviada diretamente do inferno para destruir a monarquia. No entanto, apesar da aversão pela mulher, comentava muitas vezes que as roupas dela eram sensacionais.

– O que vem na lata? – perguntou ela, levantando-se para ver.

– Um bolo de Natal – disse Adele com um sorriso. – Massa e cobertura feitas pelas minhas mãos.

Adele observou a avó levantar a tampa, mas em vez das perguntas esperadas, ou até um pouco de sarcasmo por a cobertura não estar muito consistente, viu uma lágrima a correr pela face de Honour.

– Não roubei os ingredientes – Adele apressou-se a dizer. – Comprei-os, mas pensei que não fazia mal meter dois bolos no forno ao mesmo tempo.

– É lindo – disse a avó numa voz suave e baixa. Limpou a lágrima e sorriu. – Percorreste um longo caminho desde que eras aquela pequena desamparada que acolhi há cinco anos. Foi a melhor coisa que alguma vez fiz.

Um arrepio percorreu a espinha de Adele ao ouvir o amor na voz da avó.

– Um pudim também! – exclamou Honour. – Atenção, não te empanturres lá na casa para teres espaço para o jantar aqui!

– Tenho de voltar – disse Adele. – Abre o presente de manhã.

A avó abanou a cabeça.

– Não, eu espero que venhas. Por isso, não deixes que te atrasem.

Enquanto caminhava de volta a Winchelsea sob uma chuva torrencial, Adele rezou uma pequena oração para que, terminado o Natal, Mrs. Bailey lhe dissesse que ia voltar com o marido para o Hampshire.

Já não queria ser criada, pois agora sabia o que significava. Há uns anos, pensava que era apenas ganhar dinheiro a tomar conta de alguém mais rico. Para ela, não era diferente de um pedreiro a construir uma casa para outra pessoa, ou um talhante a vender a carne aos clientes.

Mas não era nada disso. A realidade do lugar dos criados na sociedade tornara-se hoje clara, com a chegada de Michael e da família. O pai espetou com o chapéu e o casaco nos braços de Adele e encaminhou-se para a sala de estar; seguiram-se os outros, até as duas crianças. Como se ela fosse um bengaleiro.

Michael encolheu os ombros e lançou-lhe um sorriso tenso. Ele, pelo menos, pendurou o próprio casaco, mas entrou depois dos outros e fechou a porta atrás dele.

Michael tinha-se sentado a beber cerveja de gengibre na cozinha da avó, ajudara a esfolar coelhos e a apanhar lenha, como se fosse da família. No entanto, embora Adele tivesse limpado o vomitado da mãe, a persuadisse a comer, lhe lavasse e passasse a ferro a roupa e dormisse lá em casa para garantir que ela não a incendiava, não podia falar com Michael em frente à família. Podia dizer «Feliz Natal» ou «Levo o seu chapéu, senhor?», mas não «Como estás a dar-te em Oxford? Conta-me tudo!»

Para eles, o lugar dela era na cozinha, com os tachos e as panelas. Se estava a trabalhar noutra parte na casa, devia estar em silêncio e ser invisível, sem quaisquer direitos, personalidade ou sentimentos. Naquele momento, estavam provavelmente sentados na sala de estar, a desfrutar do calor da lareira e da árvore de Natal decorada, à espera do ganso assado e do pudim de ameixa do dia seguinte. Todavia, Adele sabia que eles não iam parar para pensar em como a refeição chegara à mesa, nem no planeamento e preparação que haviam contribuído para fazer do Natal deles um Natal feliz.

– Está na hora de seguir em frente – murmurou para si mesma ao aproximar-se de Harrington House. – Era só para ser um trabalho temporário.

Quando Adele abriu a porta principal, Mr. Bailey saiu para o vestíbulo. Sempre o imaginara parecido com Michael, alto, magro e de cabelo escuro, mas na verdade ele era quase o oposto. Não tinha mais de um metro e setenta, era corpulento, e o que lhe restava do cabelo era cinzento.

Sabia que ele estava na casa dos cinquenta e apreciava comer e beber de mais, a julgar pela barriga gorda e pelo rubor das faces. Também não esbanjava simpatia e tolerância – vociferara-lhe várias ordens enquanto ela servia o almoço.

– Oh, estás aqui – disse ele com rispidez enquanto ela limpava os pés molhados no tapete. – Toquei à campainha e não obtive resposta.

– Tenho algumas horas de folga à tarde – disse Adele. – Mrs. Bailey não lhe disse?

– Ela está a dormir a sesta – disse ele. – Mas esperávamos que estivesses ao serviço quando há visitas.

Adele sentiu uma onda de irritação, mas forçou-se a sorrir.

– Vou só tirar o casaco e depois venho ver o que desejam – disse ela.

– Queremos o lanche para as crianças – gritou ele, a sua cor a aumentar. – E podem ficar contigo na cozinha até à hora de dormir.

Adele poderia ter-se sentido tentada a dizer que não era *babysitter*, e que não era justo nem correto esperarem que ela preparasse o jantar com duas crianças excitadas agarrados às saias. Mas sabia que, se o fizesse, Mr. Bailey era capaz de descarregar na mulher ou em Michael.

Afinal, Anna e James, os filhos de Ralph e Laura Bailey, não eram um incómodo. Na verdade, Adele desconfiou que tinham passado a maior parte das curtas vidas na companhia dos criados, já que pareciam muito mais descontraídos e felizes na cozinha do que anteriormente, na sala de jantar. Anna tinha seis anos, James quatro, duas amorosas cópias da mãe loira e de olhos azuis. Ralph saía ao pai. Embora um pouco mais alto e com cabelo escuro e farto, já desenvolvia o mesmo rubor e uma pança.

Depois do lanche com sanduíches, *scones* e bolo, Adele deu às crianças um grande frasco de botões para brincarem. Encontrara-o num dos armários da cozinha quando começara a trabalhar ali.

– Podem separá-los por cores, ou fazer figuras com eles – sugeriu, deitando-os numa bandeja. Organizou alguns em forma de flor para dar-lhes a ideia e deu uma bandeja a cada um, para evitar que os botões caíssem ao chão.

Com as crianças ocupadas, Adele pôs a mesa para a refeição na sala de jantar. Mrs. Bailey tinha pedido sopa, seguida de carnes frias e *pickles*. Como a sopa estava pronta e bastava aquecê-la, Adele pensou que tinha tempo de sobra para fazer o recheio do ganso do dia seguinte, depois levar as crianças para cima e metê-las na cama às seis e meia, e estar pronta para servir o jantar às sete.

Achou estranho que Laura Bailey não tivesse subido enquanto ela vestia os pijamas aos filhos, mas já tinha reparado que a bonita loira tinha a mesma índole da sogra e não fazia nada.

– Vais ler para nós, Adele? – perguntou Anna, uma vez aconchegada na cama com o irmão.

– Não posso, tenho de ir preparar o jantar – respondeu Adele. – E vocês têm de dormir, senão o Pai Natal não vos enche as meias.

As duas grandes meias de linho vermelhas, bordadas com o nome das crianças, estavam penduradas nos pilares da cama. Ela e Pamela só tinham tido um par de meias velhas do pai e os conteúdos eram parcos, comparados com o que iam receber estas duas crianças.

– Lê-nos uma história, por favor – suplicou Anna. – Prometemos que dormimos logo a seguir.

Estava tão amorosa com o cabelo loiro a cair sobre os ombros da camisa de noite cor-de-rosa que Adele não teve coragem de recusar.

– Então só uma história rápida – concordou.

No quarto não havia relógio, e Adele envolveu-se tanto na história da feiticeira que perdeu a varinha de condão, que não se apercebeu do tempo que esteve com as crianças.

Depois de os aconchegar, dar-lhes um beijo de boa noite e voltar para a cozinha, viu, para seu horror, que passava muito das sete.

*

– E a que horas podemos contar jantar?

Adele mexia a sopa no fogão e, com a pergunta sarcástica de Mr. Bailey, deu meia-volta. Ele estava na porta que levava à sala de jantar, com as mãos nas ancas.

– Dentro de minutos, senhor – respondeu ela, e começou a explicar o porquê de estar atrasada.

– Não quero desculpas – disse ele, interrompendo-a bruscamente.

Se tivesse sido Mrs. Bailey a dizer-lhe aquilo, Adele ter-lhe-ia relembrado que só trabalhava até às sete, mas Mr. Bailey era intimidante.

Levou rapidamente o prato de carnes frias e pousou-o na mesa, acendeu as velas, tirou as batatas assadas do forno e pôs lá dentro os pãezinhos a aquecer.

Com a sopa bem quente e o resto já na mesa, tocou a campainha. Depois, enquanto a família seguia para a sala de jantar e se sentava, Adele deitou a sopa para a terrina que tinha aquecido.

Ralph Bailey dizia algo sobre a missa da meia-noite na igreja quando ela chegou com a terrina. Era pesada e quente, e Adele perguntava-se se seria melhor pô-la na mesa e servi-la ali nos pratos de sopa, ou deixá-la no aparador. Mas Mrs. Bailey estava a pôr uma base de mesa ao seu lado, por isso, presumivelmente, queria que a pusesse lá. De repente, o pé de Adele deslizou. Tentou agarrar a terrina, mas não conseguiu. Esta caiu com estrépito no chão,

partindo-se com o impacto e derramando sopa de legumes por cima da roupa, das mãos e em meia sala.

– Sua perfeita idiota! – gritou-lhe Mr. Bailey, saltando do lugar à cabeceira da mesa. – Que diabo estás a fazer?

Adele ficou mortificada com o acidente. Tinha a mão direita escaldada, e quando baixou os olhos e viu a confusão e o grande botão liso em que escorregou, começou a chorar.

– Desculpe – exclamou. – Escorreguei num botão.

De imediato, pôs-se de gatas a tentar desesperadamente apanhar a porcelana da confusão de sopa e pequenos pedaços de legumes.

– Um botão! – disse Mrs. Bailey, a voz estridente de indignação. – O que faz um botão no chão?

Da sua posição no chão, Adele explicou que as crianças tinham estado a brincar com os botões e que um devia ter rolado até ali. Laura Bailey disse algo sobre ela culpar as crianças pela própria estupidez. Mr. Bailey chamou-lhe inútil, e Ralph perguntou o que iam comer agora.

– Vá lá. – A voz de Michael sobrepôs-se a todas as outras. – A Adele não podia evitar, foi um acidente. Seja como for, ela já devia ter saído do trabalho e há muito mais o que comer.

Ele veio pelo lado da mesa, levantou Adele do chão e viu-lhe as mãos vermelhas.

– Vai passá-las por água fria – disse ele gentilmente, com um olhar solidário. – Eu resolvo isto.

Adele fugiu a chorar. Mas ainda ouvia as vozes zangadas, mesmo com o barulho da água corrente.

– Só tu para contratar uma pacóvia como empregada doméstica – ouviu Mr. Bailey dizer, presumivelmente à mulher. Ralph juntou-se com um comentário sarcástico qualquer, por ela não ter desfeito a mala dele ou de Laura.

– Sem dúvida, mãe – continuou ele –, tens de arranjar pessoal qualificado.

Michael entrou na cozinha uns minutos depois com uma toalha manchada de sopa nas mãos.

– Limpei o pior com esta toalha que encontrei no armário – disse ele. – Espero que não seja uma herança de família.

– Não, é uma vulgar – disse ela, tirando-lha. – Lava-se. Não é tão mau como todo o vomitado de bebida da tua mãe que já limpei. – Adele sabia que era um comentário cruel de se fazer, mas tinham sido todos cruéis com ela. – Vai jantar – disse ela, afastando-se para não ter de ver a expressão destroçada dele. – Vê

se não escorregas no que resta da confusão. Limpo o chão depois de eles acabarem de comer.

Depois de ele sair, Adele fechou a porta da cozinha e pôs a mão queimada debaixo da torneira. Não sabia como é que as pessoas podiam ser tão desumanas como os Bailey, e esperou com fervor que acontecesse algo desagradável a cada um deles, para que aprendessem a lição.

Mais tarde, ouviu a família a sair da sala de jantar, e pouco depois a sineta da sala de estar tocou. Adele ignorou-a, e levantou o balde de água quente da banca para ir limpar o chão. Ao passar em revista a sala de jantar, fez um esgar. Não tinham tido o cuidado de evitar o resto dos legumes no chão e havia pedaços esmagados por todo o lado. Imaginava que tivessem levado parte também para a sala de estar. Mas, claramente, a sopa entornada não lhes afetara o apetite, já que não sobrava um pedaço de comida na mesa.

Tinha acabado de limpar o chão e estava a empilhar a louça da mesa num tabuleiro, quando Mr. Bailey entrou.

– És surda? Nós tocámos para o café – disse ele de modo beligerante.

– Eu acabo o trabalho às sete – disse ela, olhando bem para ele. – Só continuo aqui a limpar isto porque é Natal.

– Se é essa a tua atitude, podes sair já – disse ele, acenando-lhe com um dedo rechonchudo.

Adele sabia o quanto era difícil arranjar emprego, e gostava de ter o próprio dinheiro. Estava a ponto de pedir desculpa quando de repente lhe ocorreu que, se cedesse agora, perderia toda a dignidade, e para ela isso era muito mais importante do que dinheiro.

– Por mim, tudo bem – disse ela, tirando o avental e largando-o em cima da mesa. – Prefiro cozinhar um jantar de Natal para a minha avó, que de facto valorizará o meu esforço.

Ele pareceu inchar à frente dela, e por um momento Adele pensou que ele lhe ia bater.

– Como te atreves? – silvou ele. – Atiras sopa pela sala e não respondes às campainhas. Que tipo de criada és tu?

– O tipo que se demite – disse ela com mais coragem do que sentia. – Já me insultaram que chegue. Não mereço isso.

– Sua desaforada insolente! – explodiu ele. – A minha mulher disse que sabias ser muito manhosa, e agora vejo a verdade, tens-te aproveitado da boa natureza dela.

– Que boa natureza? – retorquiu Adele, agora zangada e preparada para lutar contra ele com todas as armas que tinha. – Sabe tão bem como eu como ela é, não foi por isso que a expulsou? Se não fosse eu, ela teria morrido de fome numa casa imunda.

– Sai já daqui – disse ele, apontando para a porta com o dedo a tremer de raiva.

– Já vou a caminho – disse ela, dirigindo-se à cozinha para ir buscar o casaco. Parou na porta, olhou para trás para Mr. Bailey e sorriu. – O ganso está pronto para ir ao forno. Amanhã, tem de o meter por volta das seis da manhã, depois de acender as fogueiras. O recheio, os legumes e as sobremesas estão na despensa. Tenha um feliz Natal.

Ele deu um salto em frente e bateu-lhe com força na cara.

– Nunca vi tamanha insolência – gritou-lhe ele. – Como te atreves? Quem pensas que és?

– Não penso que sou ninguém, sei quem sou – disse ela, resistindo ao desejo de agarrar a bochecha dorida. – E sou muito melhor pessoa do que vocês, isso é certo.

Ele agarrou-a pelo braço e ela preparou-se para mais um golpe, mas ele não lhe bateu; apenas a arrastou em direção ao vestíbulo e abriu a porta da frente.

– Sai imediatamente – gritou-lhe ele, indiferente ao facto de estar a chover bastante e ela não ter casaco.

– Então é melhor levar a sua mulher consigo para casa quando for embora – respondeu ela ao sair para a chuva. – Ela não vai encontrar por aqui quem seja ama dela como eu.

A porta fechou-se ainda antes de ela terminar a frase.

*

Chovia agora duas vezes mais do que no início do dia. Na altura em que passou sob o velho arco de Landgate para descer a colina, estava encharcada até à roupa interior e tinha os sapatos ensopados. As suas lágrimas misturavam-se com a chuva, mas eram mais lágrimas de raiva do que de remorsos.

– Adele, espera por mim!

Ela virou a cabeça ao som da voz de Michael e viu-o a correr pela rua em direção a ela, mas seguiu em frente com determinação.

– Adele, lamento muito – disse ele, ofegante, quando a apanhou.

– Eu é que devia lamentar por ti – disse ela de forma cáustica. – O teu pai é detestável.

– Eu sei que é – concordou ele, ofegante de correr. – Não consigo arranjar-lhe desculpas.

– Deu-me uma bofetada e expulsou-me – disse ela, indignada. – Não tem o direito de fazer isso. Dei o meu melhor pela tua mãe. Agora tenho pena dela, começo a perceber porque é tão demente.

– Por favor, volta – implorou-lhe ele. – A minha mãe ficou muito pálida quando soube que tinhas ido embora. Ela sabe que não se aguenta sem ti.

– Ótimo – disse Adele em ar de desafio. – Espero que toda a tua família sofra, merecem-no.

– Eu também? – perguntou ele, agarrando-lhe o braço.

– Não, tu não – disse ela, sacudindo-lhe a mão. – Eu costumava pensar que não tive sorte com a minha mãe. Mas agora que conheci os teus pais, és mais digno de pena. Bem, vai para casa e deixa-me em paz.

– Se achas que vou deixar-te ir sozinha para casa no escuro e à chuva, estás enganada – disse ele.

– A minha avó vai virar-se contra ti – avisou-o. – Não arrisques, Michael.

– Eu corro o risco – disse ele. – Tenho de lhe pedir desculpa.

Não falaram mais durante o resto do caminho, pois quando chegaram ao pântano, o vento era tão forte que mal conseguiam manter-se em pé, e a chuva era como estar debaixo de um chuveiro gelado.

Honour já estava na cama quando chegaram a casa, por isso Adele teve de lhe bater na janela do quarto e pedir para entrar. A avó abriu a porta a segurar uma vela, com um xaile por cima dos ombros da camisa de noite.

– O que aconteceu? – perguntou. Depois, vendo Adele sem casaco, arrastou-a depressa para dentro, dizendo de forma brusca a Michael que era melhor ele ter uma boa desculpa para a trazer a casa encharcada até aos ossos.

Uma vez no interior, Adele deixou sair tudo numa torrente.

– E tu, Michael? Porque não a defendeste? – perguntou Honour ao acender o candeeiro a óleo.

Michael explicou que não estava lá na última parte.

– Eu não sabia que o meu pai ia ficar assim – declarou. – Ele não parava de dizer: «Porque é que ela não responde à campainha?», e eu disse que ia ver, mas ele mandou-me estar quieto. O meu irmão disse-me para não interferir quando ouvi o meu pai gritar. Sinto-me tão envergonhado por não ter intervindo na altura.

– Foi cobarde, mas creio que compreensível, já que ele te intimidou toda a vida – disse ela. Empurrou Adele para o quarto, dizendo-lhe para despir

depressa as roupas molhadas.

Michael ficou ali, de cabeça baixa, enquanto a água da chuva pingava para o chão.

– Algum dia terás de enfrentar o teu pai – disse Honour, mordaz. – Os tiranetes prosperam com a fraqueza dos outros. Mas acho que não és um completo cobarde, já que vieste atrás da Adele e tiveste coragem para me enfrentar. Bem, é melhor ires para casa, despir essas roupas molhadas.

– Lamento muito, Mrs. Harris – disse Michael.

Honour viu que ele tremia de frio de choque.

– Não devias ter de pedir desculpa pelo teu pai – disse ela. – É claro que tomarei providências a este respeito, mas penso que, a bem da paz em vossa casa amanhã, deves dizer apenas que acompanhaste a Adele até casa.

– Estou tão envergonhado – disse Michael numa voz débil. – Não quero fazer parte de uma família que trata tão mal as pessoas. O Ralph é quase tão mau como o meu pai.

– Não podes evitar a família em que nasceste – disse Honour com mais delicadeza. – Vai para casa, Michael.

CAPÍTULO 12

Honour viu Adele adormecer no sofá e sorriu para si mesma. Ela tinha lutado contra o sono desde que haviam terminado o almoço de Natal, mas finalmente perdera a batalha.

Honour achou-a muito bonita, deitada com o cabelo solto sobre o rosto corado e as pernas enroscadas por baixo da saia do vestido novo. A lã rosa-escura ficava-lhe muito bem, e Honour estava encantada por lhe assentar na perfeição, pois era a peça de vestuário mais extravagante que já tinha feito. Não só teve de comprar o molde, porque os que tinha estavam ultrapassados, como, por ter corte em viés, precisou de quase cinco metros de tecido.

Quando Adele o experimentou, disse a brincar que parecia a Wallis Simpson. Honour achava que ela não se parecia nada com aquele espantalho sem carnes, mas tinha ido buscar a ideia para o vestido a Wallis – o corpete drapeado, as mangas a três quartos apertadas e a saia justa nas ancas em evasé eram quase imagem de marca de Mrs. Simpson. Contudo, Honour considerava que ficava muito melhor a Adele, que tinha uma silhueta perfeita e umas pernas muito bem-feitas.

Ela vai precisar de uns sapatos de salto alto, um casaco decente e um chapéu a combinar, pensou Honour, olhando pensativamente para a neta. Julgava muito estranho que, depois de anos a ver a roupa apenas como uma forma de estar quente, sem se importar com a aparência, de repente fosse tão importante para ela que Adele andasse sempre bem. *Michael, imagino,* murmurou para si mesma.

Desde que conhecera Michael, três anos antes, Honour sentira algo especial entre ele e Adele, embora na altura fossem pouco mais que crianças. Honour gostou logo dele, pela sua falta de artifício, pelas boas maneiras naturais e curiosidade aberta sobre a forma como ela vivia. Contava que qualquer homem pusesse Adele nervosa, depois do que lhe acontecera em The Firs, e que também ela fosse muito defensiva se alguém se aproximasse da neta. Mas em Michael não havia nada de ameaçador; ele tinha uma espécie de pureza, franqueza e um coração afetuoso. Honour teve sempre esperança de que a amizade deles se transformasse num romance.

Quando Michael foi para Oxford e Adele se tornou criada da mãe dele, Honour pensou que a faísca se extinguira e sentiu-se triste. No entanto, na noite anterior, molhados e perturbados como estavam ambos, tinha visto que aquela permanecia acesa. Michael foi muito terno e protetor com Adele, e Honour receava que as ações dela lhe causassem sofrimento.

Infelizmente, era provável que o que Honour tinha de fazer extinguisse essa faísca, e não que a atiçasse, mas os Bailey deviam saber que ela não permitia que ninguém escapasse impune a magoar ou humilhar a neta.

Levantou-se da cadeira e percorreu a sala a endireitar os objetos durante uns minutos, a ver se o sono de Adele era profundo. Uma vez satisfeita, tapou-a com um cobertor e esperou que não acordasse antes do seu regresso.

Entrou silenciosamente no quarto e olhou-se de forma crítica ao espelho do toucador. Começava a aparentar a idade que tinha, com a pele a ficar enrugada e um buço a despontar. Quanto ao cabelo cinzento-azulado, era difícil imaginar que fora em tempos de um castanho rico. O vestido azul-marinho com colarinho e punhos em renda era o seu melhor – na verdade, o único vestido decente que possuía. Estava muito fora de moda, mas já o fizera no ano anterior à morte de Frank. Por sorte, as traças não o tinham apanhado e ainda lhe servia. De manhã, Adele dissera-lhe que o associava a dias felizes, pois a primeira vez que vira a avó vestida com ele foi no dia em que a foram matricular na escola. Desde então, usava-o apenas aos domingos e no Natal.

Honour prendeu uns cabelos perdidos no puxo, aplicou um pouco de pó no nariz e depois pôs o chapéu. Também era azul-marinho, um chapéu de feltro prático com uma aba pequena. Adele dissera uma vez, a brincar, que a fazia parecer ainda mais impressionante. Era esse o efeito que desejava criar hoje.

O colarinho de veludo do casaco estava quase gasto, mas cobriu-o com a sua estola de raposa. Frank comprara-lhas na lua de mel, dizendo que eram essencial para uma senhora da alta sociedade. Já não sabia bem se lhe agradava a ideia de ter um par de raposas mortas penduradas no pescoço. Os olhos de vidro eram um pouco realistas de mais. Contudo, dava um aspeto mais elegante ao casaco.

Por fim, os melhores sapatos. Não que apreciasse subir a colina íngreme até Winchelsea com eles, pois eram apertados. Mas, quando se vai confrontar o inimigo, a aparência é tudo. Queria parecer uma semelhante, não a velha bruxa que vivia nos pântanos.

*

Uma nortada agreste quase a despedaçou enquanto subia o caminho. O céu mostrava-se cor de chumbo. Honour pensou que talvez nevasse mais tarde. O rio Brede seguia cheio, quase até ao cimo das margens, dos fortes aguaceiros do dia anterior, e fora uma sorte terem parado quando pararam – mais um centímetro e as margens teriam rebentado.

O amor de Honour pelos pântanos só esmorecia em dias como aquele. Parecia desolado e cruel, um lugar proibitivo, adequado apenas a aves selvagens e ovelhas – e até as ovelhas se amontoavam para produzir calor.

À porta de Harrington House, endireitou o chapéu, arranjou melhor a estola e respirou fundo antes de tocar à campainha.

No andar de cima, uma criança chorava, e passou algum tempo até Honour ouvir passos no vestíbulo. A porta foi aberta por uma jovem de cabelo loiro desalinhado e olhos vermelhos, como se tivesse estado a chorar. Era claramente a mulher de Ralph Bailey.

– Gostaria de falar com Mr. e Mrs. Bailey – disse Honour, pondo depressa o pé na soleira, antes que a jovem lhe desse uma resposta negativa.

Laura Bailey ficou alarmada.

– Agora não é muito conveniente – respondeu ela, de modo débil. Olhou depois por cima do ombro quanto se ouviu mais um choro vindo do andar de cima.

– É conveniente para mim, por isso sugiro que vá ver o seu filho enquanto entro. Eu sei o caminho – disse Honour. Encaminhou-se depressa para a porta da sala de estar e abriu-a.

Adele descrevera a família toda com tanta nitidez que Honour sentia que já os conhecia bem. Emily estava no sofá junto à lareira, o filho Ralph ao lado dela. Myles Bailey estava numa poltrona em frente. Levantaram os três os olhos, chocados e surpreendidos com a sua entrada, e, a julgar pela tensão que pairava no ar, Honour imaginou que vinha interromper uma discussão. Felizmente, Michael não estava presente. Esperava que, onde quer que estivesse, ficasse por lá.

A sala estava muito desarrumada, cheia de pedaços de papel de embrulho e brinquedos abandonados. Honour reparou na árvore de Natal no recanto, e pensou que Adele tinha feito um bom trabalho, decorando-a tão bem.

– Quem é a senhora? – exclamou Ralph, indignado, saltando do sofá. – O que é isto de entrar aqui sem ser convidada?

Honour supôs, pela expressão perplexa de Emily, que ela ainda não a tinha reconhecido como a velha amiga da mãe.

Honour olhou para Ralph de cima a baixo, reparando que ele era uma cópia do pai na mesma idade.

– Não mudaste – disse ela. – Eras muito mal-educado, mesmo em pequeno. Sou Mrs. Harris, uma amiga dos teus falecidos avós, e sou também avó da Adele.

Myles saltou da cadeira.

– Olhe lá – disparou ele –, não tivemos escolha senão despedir a Adele. Ela foi extremamente insolente, por isso se veio aqui para implorar pelo emprego dela, está a perder o seu tempo.

– Não sou dada a implorar nada a ninguém – ripostou Honour maliciosamente. – Vim aqui para dizer o que penso de vocês, e para buscar os pertences e o que é devido à Adele.

Emily parecia aturdida.

– Mrs. Harris! – exclamou, as pequenas mãos a tremer de agitação quando percebeu que era a velha amiga da mãe. – Passaram muitos anos desde a última vez em que nos vimos. Por que diabo é que a Adele não me disse que era sua neta?

– Tê-la-ias tratado com mais respeito e bondade, se soubesses? – perguntou Honour, levantando uma sobrancelha com ironia. Pensou que os anos passados haviam sido muito mais gentis com Emily do que com ela. O cabelo conservava a cor rica e a pele continuava como porcelana. Mas a observação de Adele de que ela parecia uma boneca de porcelana era assaz verdadeira: os olhos azuis eram vidrados e um pouco vazios, e até os lábios faziam um beicinho de menina.

Honour achava que o conjunto de duas peças azul com folhos no pescoço não era apropriado para a idade dela, embora ela quase não tivesse mudado desde que era uma jovem mãe, em 1913.

– Devias ter vergonha, Emily – continuou Honour. – A Adele veio ajudar-te quando não tinhas mais ninguém, tal como eu fiz muitas vezes pela tua mãe. Ela não tinha treino, exceto o que aprendeu comigo; no entanto, geriu esta casa e geriu-a bem. Tem sido discreta, leal e boa contigo. Contudo, deixaste que o teu marido lhe batesse e a pusesse na rua, à chuva.

– Olhe lá – intrometeu-se Myles. – Não pode vir aqui sem convite incomodar-nos no dia de Natal. A rapariga foi de uma insolência insuportável. Só Deus sabe o que ela já terá dito à minha mulher. Não tive escolha senão despedi-la.

– Não tinha o direito de o fazer. Ela trabalhava para a sua mulher, não para si. A Adele limitou-se a defender-se – proferiu Honour. – O senhor, Myles Bailey, é um brutamontes.

Lançou-se num relato corrosivo dos piores aspetos do serviço de Adele na casa, não poupando nada. Sempre que Ralph ou Myles tentavam silenciá-la, ela caía-lhes em cima com mais. Emily começou a chorar, e Honour virou-se a ela.

– Isso mesmo, chora – silvou-lhe. – É só para isso que serves. A Adele alimentou-te, limpou o que sujaste, cozinhou, coseu, passou a ferro e lavou, até deixou a casa dela para cuidar de ti. Nem uma vez bisbilhotou sobre ti com os vizinhos, não roubou nada nem se aproveitou de forma alguma. Olha para aquela árvore! Ela fez aquilo, sem a tua ajuda, além de cozinhar e pôr a casa acolhedora para a tua família. O que fizeste tu, em troca? Nada! Nada de presente de Natal, nada de palavras de louvor. Permitiste que ele a pusesse na rua, à chuva, sem sequer levar o casaco, por deixar cair uma terrina de sopa.

Honour via o efeito que estava a ter nos três. Emily pálida e a tremer, Ralph incrédulo por alguém ter o descaramento de falar com os pais daquela maneira e Myles inchado de raiva. Sabendo ser provável que eles tivessem tido um Natal miserável, sem criados para os servir, Honour esperava que, ao vir até ali e confrontá-los, houvesse feito daquele o pior na história da família. Mas ainda não tinha acabado, o sangue fervia-lhe, e exigiu ir buscar os pertences de Adele ao quarto e duas semanas de pagamento.

Myles passeou-se empertigadamente pela sala, como se estivesse no tribunal e acabasse de ouvir um depoimento que era um chorrilho de mentiras.

– Acho tudo isto inacreditável – disse ele. – Diga-me, Mrs. Harris, se a posição como criada da Emily era assim tão terrível como diz, porque é que a rapariga não se foi embora?

– Há algumas pessoas neste mundo que deixam que a compaixão ultrapasse o bom senso – disse Honour de forma ríspida. – A Adele receava ir embora com medo do que a Emily faria a si mesma. Além disso, não queria preocupar o Michael, nem que ele interrompesse os estudos.

– Ah, agora chegamos ao cerne da questão. – Myles esboçou um sorriso afetado e vil. – Ela tentou deitar a mão ao meu filho, não foi?

– Que disparate – desdenhou Honour. – Eles já eram amigos muito antes de ela vir trabalhar para cá. Na verdade, só veio para lhe fazer o favor. Mas desde então mal o viu, como a Emily pode confirmar. Por isso, não se atreva a insinuar que a minha neta se comportou de forma imprópria com o seu filho, senão vai pôr-se numa situação muito delicada.

A cara dele ficou uns tons mais vermelha, pegou na carteira, tirou umas notas e atirou-lhas.

– Pegue nisso e nas roupas dela e vá-se embora – disse ele.

– Antes, quero um pedido de desculpas – disse Honour, aceitando o dinheiro, mas mantendo-se firme. – E a promessa de que Mrs. Bailey lhe dará boas referências.

– Claro que lhe darei referências – disse Emily, de repente novamente agitada e com os olhos azuis cheios de medo. – Mas preferia que a Adele voltasse ao trabalho. Não sei bem o que vou fazer sem ela.

– Ela não pode voltar, sua idiota – exclamou Myles. – Eu arranjo-te outra pessoa.

Honour olhou com severidade para o homem. Ele não tinha nenhuma qualidade: era um brutamontes e um fanfarrão, e tão inchado de arrogância que admirava que não fosse pelo ar.

– Um pedido de desculpas? – disse ela. Levantou uma sobrancelha e fixou-o com o seu olhar mais implacável.

– Está bem, desculpe ter perdido a calma com a rapariga – disse ele. Não a olhou nos olhos e a voz era um mero troar. – Mas, por favor, vá-se embora. Tivemos o pior Natal de sempre, os meus netos e nora estão desolados, e o Michael não esteve cá o dia todo.

Honour sentia-se triunfante.

– Poderia ter sido bem diferente, se tivesse tratado a Adele como um ser humano – disse ela num tom suave antes de se encaminhar para a porta. – Não vou incomodá-los agora com as roupas, vou só buscar o casaco dela à cozinha. Tenho a certeza de que o Michael pode trazer-nos o resto amanhã.

– O Michael não – respondeu Myles. – Não quero que ele volte a aproximar-se de vocês. Eu ou o Ralph entregamo-las.

*

Enquanto caminhava para casa, agora a coxear por causa dos sapatos apertados e com o casaco de Adele debaixo do braço, Honour tinha muito em que pensar. Quis rir-se quando viu a cozinha deles; estava um caos absoluto, com pratos sujos, caçarolas e alimentos meio comidos por todo o lado. Tocou no fogão e verificou que estava apenas quente – claramente, não se tinham lembrado de o alimentar e estava quase apagado. À noite ou de manhã não teriam água quente para os banhos, e quem trataria da louça?

Mas a alegria que sentia por saber que a partida de Adele os fizera sofrer mais do que à neta diluía-se só de pensar em Michael. Não estava bem que um jovem tão agradável andasse a vaguear sozinho no dia de Natal, ou que a sua lealdade fosse posta à prova por todas as direções.

O dia seguinte foi ainda mais frio e escuro. Honour mal conseguiu abrir as gaiolas dos coelhos para alimentar os animais, o vento soprava muito forte. Tentou pendurar sacos sobre as coelheiras para lhes dar alguma proteção, pois por pouco não voavam.

– Hoje não volto a sair por aquela porta – disse quando entrou e foi aquecer-se junto ao fogão. – Devo estar a ficar velha – acrescentou, ao ver Adele a observá-la. – Eu nunca reparava no frio.

Sentia-se um pouco inquieta, a pensar em como dizer a Adele que no dia anterior fora a Harrington House. A neta ainda dormia quando ela voltou e, quando acordou, Honour estava de volta à sua cadeira, a ler como se tivesse estado sempre ali. Teria de o admitir, tinha o dinheiro para ela, afinal, e mais tarde alguém viria trazer-lhe o resto das coisas. Mas não queria. Adele não ia ficar feliz por não voltar a ver Michael.

– Achas que eu podia ser enfermeira? – perguntou Adele de repente.

– Enfermeira! – exclamou Honour. – Como é que te lembraste disso? Pensei que já te tinhas fartado de estar às ordens dos outros.

– Não é a mesma coisa que ser uma criadita – respondeu Adele. – É um trabalho a sério, algo que vale a pena. Sei que só faço dezoito anos no verão, mas talvez valha a pena informar-me.

Honour pensou um pouco, satisfeita por se distrair dos pensamentos dos Bailey.

– Darias uma boa enfermeira – disse ela. Pensava mesmo que Adele seria uma excelente enfermeira; tinha paciência, compaixão e muito senso comum, além de ser forte e capaz. Mas não era da natureza de Honour revelar os seus pensamentos mais íntimos.

De qualquer forma, Adele pareceu muito satisfeita com a resposta, e continuou a explicar que a ideia lhe surgira na noite anterior, na cama, e que pensou que poderia candidatar-se ao hospital de Hastings. Na verdade, parecia já ter tudo pensado, incluindo o facto de que, se fosse aceite como estudante de enfermagem, teria de viver na casa das enfermeiras.

– O que foi aquilo? – Honour interrompeu-a de repente ao ouvir passos nos seixos lá fora. Levantou-se e olhou pela janela, mesmo a tempo de vislumbrar

Ralph Bailey a desaparecer no caminho. – Bem, seria de esperar, ele nem teve coragem de bater à porta.

Adele sobressaltou-se.

– Do que estás a falar? – perguntou.

– Era o Ralph Bailey. Veio sorrateiro, qual ladrão na noite, trazer as tuas coisas. Deixou-as à porta e foi-se embora a toda a pressa. Deve ter deixado o carro ao fundo da estrada, senão tê-lo-íamos ouvido.

Adele foi à porta da frente e abriu-a. A pequena mala que levara para Harrington House estava à porta.

– Oh, meu Deus – suspirou. Pegou na mala e voltou para dentro, fechando a porta atrás dela. – Não devolveram o meu casaco, devem ter-se esquecido.

Honour tinha de lhe contar.

– O teu casaco está no meu quarto, trouxe-o eu ontem – afirmou. Adele nada disse enquanto a avó resumia o básico do que acontecera enquanto ela dormia. Estava sentada na cadeira junto ao fogão com uma expressão vaga, nem de aprovação nem de desaprovação. – Também lhes pedi dez libras – concluiu Honour. – Só pedi duas semanas devido ao despedimento, mas não ia dizer que era de mais.

Adele continuava sem dizer nada, mas levantou-se para abrir a mala. Em cima das roupas e de alguns livros encontrava-se um envelope.

– É uma referência – exclamou, assim que viu o que estava lá dentro. Leu-a rapidamente e sorriu. – Que diabo lhes disseste para concordarem?

– Lês-ma? – perguntou Honour.

– *A quem de direito* – leu Adele.

A Adele Talbot foi minha governanta nos últimos dezasseis meses. É honesta, diligente e muito trabalhadora. Foi com profundo pesar que tive de a dispensar, devido a uma alteração na minha situação financeira.

Com os melhores cumprimentos,

Emily Bailey

*

– Acreditas? – exclamou Adele. – Que reviravolta! Obrigaste-a a escrevê-la, avó?

– Obrigá-la! Claro que não – disse Honour. – Salientei que ela devia dar-te referências. Mas, pelo tom, ela lamenta ter-te perdido.

– Espero que ela fique bem – suspirou Adele. – De facto, não é capaz de tomar conta dela própria.

– Agora, escuta – disse Honour bruscamente –, não vais perder nem mais um minuto a pensar naquela mulher. Todos colhemos o que semeamos. Sei que o marido é um brutamontes, mas isso não a impede de fazer uma cama ou cozinhar uma refeição. Ela é preocupação da família dela, não tua.

– Acho que nenhum deles se importa, a não ser o Michael – disse Adele.

– Bem, também é culpa dela – disse Honour de maneira mordaz.

– Foi culpa tua, então, que a Rose não quisesse saber de ti? – ripostou Adele.

Honour eriçou-se.

– Dei à Rose todo o amor do mundo – disse ela indignada. – Mas ela era uma serigaita egocêntrica.

– Porque nunca me disseste o que correu mal entre vocês? – perguntou Adele.

– Não tens nada a ver com isso – disse Honour defensivamente.

– Acho que tenho tudo a ver, avó – respondeu Adele num tom um pouco duro. – Afetou a mãe que a Rose foi para mim. Então, por favor, conta-me.

Honour soltou um suspiro profundo. Sabia há muito que devia falar com Adele sobre Rose, tanto sobre os acontecimentos do passado como sobre os desenvolvimentos mais recentes. No entanto, o momento certo nunca se apresentara. Talvez o momento certo fosse agora. Adele era quase uma adulta e tinha maturidade suficiente para entender.

– Eu já te contei que o avô voltou da guerra traumatizado – disse ela com cuidado. – Não se consegue dar a ninguém uma explicação adequada do que isso é; tem de se testemunhar para entender. O Frank passava o dia todo sentado onde tu estás agora – disse ela, indicando a cadeira de que Adele mais gostava, no lugar junto ao fogão. – Ficava em silêncio, a olhar para o vazio. De vez em quando, sacudia a cabeça com medo, como se tivesse ouvido uma arma a disparar por perto. Os dedos nunca paravam; ele puxava pelos botões, pelos fios soltos das calças e muitas vezes pela pele do rosto, até sair sangue. – Parou por um momento, sem saber se devia ilustrá-lo de um modo mais vívido ou minimizá-lo, a fim de deixar a Frank alguma dignidade. – Não era justo – disse acaloradamente. – O Frank sempre se riu muito, tinha ideias loucas e sabia falar de todos os assuntos que há, mas esse homem que eu amava tinha desaparecido. No lugar dele estava um estranho distante, nervoso e muitas vezes assustador, que fazia tantas exigências à minha força e paciência que por vezes eu achava que não ia conseguir lidar com a situação. – Adele acenou com

a cabeça, compreensiva. – Mas naquele dia em particular, quando aconteceu aquilo com a Rose – continuou Honour –, eu tinha finalmente visto nele uma ligeira melhoria. Na altura estávamos em 1918, a guerra ainda se estendia em França, e estávamos no fim da primavera. Fomos dar um breve passeio juntos durante a tarde e ele não se atirou ao chão, como dantes. Tinha conseguido beber uma chávena de chá sem ajuda, derramando só umas gotas, e dito que me amava. Isso significava mais do que tudo; sabes, na altura era raro ele falar, e quando o fazia era só para discursar sobre as coisas terríveis que vira na guerra. Na maior parte das vezes, parecia nem saber quem eu era.

– E onde estava a Rose? – perguntou Adele.

– No trabalho, no hotel – respondeu Honour. – Mas voltava para casa depois de deixar as camas abertas para a noite. Eu estava ansiosa que ela chegasse para lhe contar as melhorias do pai. Decidi marcar a ocasião oferecendo-lhe o vestido que andava a fazer em segredo. – Honour encostou-se para trás no sofá e quase fechou os olhos. Adele viu que a avó revivia os acontecimentos à medida que continuava a história. – A luz do dia começava a faltar quando ela saiu do quarto com o vestido posto – disse ela.

Honour via tudo com tanta clareza como se tivesse acontecido no dia anterior. A mesa estava posta para o jantar, Frank na cadeira junto ao fogão e ela acendia o candeeiro a petróleo quando Rose saiu do quarto. Virou-se, contando que Rose estivesse a fazer pose na porta, e que a seguir se risse enquanto rodopiava pela sala para exibir o vestido.

Com o cabelo loiro, o rosto bonito e a silhueta cheia de curvas, Rose ficava bem com tudo, mas naquela noite, quando Honour se voltou, viu-a simplesmente deslumbrante, pois o azul do vestido combinava na perfeição com os olhos. Sentiu uma torrente imediata de orgulho e satisfação pelas longas horas que passara a fazer o vestido se revelarem tão bem gastas.

Mas Rose não estava a fazer pose, não havia rodopios nem risinhos. Estava carrancuda.

– É horrível – disse ela, segurando, repugnada, a longa saia, como se fosse feita de serapilheira suja. – Como esperas que o use? Parece roupa de professora.

Honour ficou em choque, sem palavras. Desde que Frank regressara a casa, esforçavam-se para sobreviver com o salário de Rose. A única forma que Honour tivera de comprar o tecido para o vestido foi vendendo o alfinete de peito em pérola. Teria sido muito mais sensato usar o dinheiro para comprar

comida, ou até pagar as contas do médico, mas ela sabia como era difícil para uma jovem usar o mesmo vestido gasto dia após dia.

Talvez o vestido azul de gola alta e pequenas pregas no corpete não fosse o último grito da moda, mas eram tempos de guerra e, quando se vivia no campo, as roupas tinham de ser práticas. Com certeza Rose compreendia isso.

«Foi o melhor que consegui fazer», disse por fim Honour, lamentando então ter-se separado do alfinete de peito, um presente de casamento dos pais e a única coisa que lhe restava deles. «Acho que devias perceber a sorte que tens, Rose. Há muitas meninas por aqui que dariam tudo por um vestido novo», acrescentou.

Talvez Frank tivesse captado o conflito na sala, pois começou a sacudir a cabeça, a babar-se e a fazer ruídos alarmantes na garganta.

Honour foi acalmá-lo, mas Rose parecia tão-somente enojada e desdenhosa. «Já é humilhante que chegue ser tão pobre que se tem de usar um trapo destes», lançou ela. «Mas ainda é pior ter um pai que é como o idiota da aldeia.»

*

Adele soltou um arquejo, pois a forma como a avó relatara a história trouxera-lhe à memória imagens duras dos comentários cruéis da mãe.

– O que é que fizeste? – perguntou.

– Na altura fiquei tão horrorizada com a frieza dela que não disse nem fiz nada – afirmou Honour com tristeza. – Depois, desejei ter-lhe dado uma bofetada, ou mesmo tê-la obrigado a sentar-se numa cadeira, para poder transmitir-lhe algumas das histórias de terror que o Frank tinha contado nos momentos mais lúcidos. Talvez assim a Rose ficasse reconhecida pelo enorme sacrifício que os homens como ele fizeram, quando se alistaram para lutar pelo rei e pelo país.

– O que aconteceu depois? – perguntou Adele.

– De manhã, ela tinha partido – disse Honour numa voz fria. – Escapuliu-se de noite como um ladrão, com o nosso dinheiro e os poucos valores que nos restavam. Deixou-nos à fome.

Por um momento, Adele não conseguiu falar. Nunca havia considerado que a mãe tinha um coração bondoso, sensibilidade ou qualquer outra virtude, mas era um choque saber que, tão nova, só com dezassete anos, já era tão fria.

– Compreendo – disse por fim. – Claro, podias ter-me contado isto há anos.

Honour estremeceu com a reprimenda.

– Se te escondi informação, tive um bom motivo – disse ela, hesitante. – Chegaste muito doente, tinhas passado por experiências terríveis, e a única forma de te curar que eu conhecia era por instinto. A tua mãe também me magoou profundamente, e eu lidei com isso expulsando-a da minha cabeça. Acho que tentei que também o fizesses.

– Mas não é assim que funciona – disse Adele. – Os segredos tornam as coisas muito piores. Agora percebo o porquê da tua amargura em relação à Rose, também partilho dos sentimentos, mas isso não explica o porquê de ela ser tão má comigo, pois não?

– Não, Adele, não explica – concordou Honour. – Quanto a isso, só posso fazer suposições.

– Que são?

– Bem, a Rose não podia estar grávida de ti nessa altura, as datas não batem certo. Portanto, ou partiu daqui com um homem, ou foi para Londres à procura de diversão e aventura e conheceu o teu pai lá. De qualquer forma, o homem deve tê-la abandonado, e seria muito difícil para qualquer mulher ter um bebé fora do casamento.

– Então, ela decidiu casar-se com o Jim Talbot como alternativa à casa de correção ou a voltar para casa com o rabo entre as pernas? – perguntou Adele.

Honour fez um esgar.

– Duvido que tenha sequer pensado em voltar para casa. Devia saber o que o desaparecimento dela nos fez. Imagino que tenha pensado que nunca a perdoaríamos.

– Teriam perdoado?

Honour suspirou.

– Na verdade, não sei. Estava furiosa com ela, o Frank completamente dependente de mim e mal tínhamos dinheiro para comer. Mas se ela tivesse aparecido à porta contigo nos braços, talvez eu tivesse suavizado. Não sei dizer, com franqueza. Conseguirias perdoá-la se ela aparecesse aqui amanhã?

Adele pensou durante uns segundos.

– Duvido – disse, por fim. – Mas ela não vai voltar para cá, pois não? Sabendo que somos duas contra ela. Imagino que lhe tenham dito que estou aqui.

– Sim, quando ela assinou o papel que me tornou tua tutora legal – disse Honour.

Adele pensou naquilo, lembrando-se de que a avó escrevia e recebia muitas cartas, naquela altura.

– Mas isso foi há anos. Ela ainda estava no hospício?

– Sim, num sítio chamado Friern Barnet, no Norte de Londres – respondeu Honour. Já lhe chegava de perguntas por um dia, mas sentia que Adele não ia parar até saber tudo.

– Continua lá?

Honour hesitou.

– Então? – incitou Adele. – Ou continua lá ou não continua. Se não, deve estar bem outra vez.

– Não. Já não está lá – admitiu Honour, por fim. – Fugiu.

Adele sobressaltou-se.

– E tu guardaste segredo – disse ela, em tom de acusação. – Como e quando é que ela fugiu?

– Não muito depois de ter assinado os teus papéis. Cerca de nove meses depois de teres vindo para cá – disse Honour, inclinando a cabeça. – Parece que conquistou uma posição de confiança, por isso deixavam-na ir para o jardim, de vez em quando. Pode ter-se escondido numa carrinha de entregas, ninguém sabe.

– Se conseguiu fazê-lo, deve ter melhorado – disse Adele, pensativa.

– Possivelmente – disse Honour. – Espero que sim. Na altura, pensei que ela tinha fugido por causa da assinatura dos papéis e que vinha para cá.

– Mas não veio. – Adele soltou um grande suspiro.

Honour não conseguia engolir, com o nó na garganta. Sentia a dor de Adele, e não fazia ideia do que poderia dizer para a fazer desaparecer.

– Não, não veio. Mas talvez sentisse que serias mais feliz sem ela.

Adele encolheu os ombros com indiferença.

– Se eu achasse que a minha felicidade tinha alguma importância para ela, poderia começar também a acreditar em fadas – disse ela, com sarcasmo. – Mas, agora que começamos a desvendar segredos, o que aconteceu a Mr. Makepeace?

Um arrepio frio percorreu as costas de Honour. Como podia contar a Adele que encontrou descrença na esquadra, quando denunciou aquele homem malévolo? Faria Adele sentir-se melhor se soubesse que escrevera muitas cartas para a instituição de caridade que geria The Firs, mas que não tiraram o homem da sua posição, nem sequer investigaram as alegações?

A única vitória que Honour alcançou no primeiro ano em que teve Adele foi o facto de se ter tornado tutora legal da neta. Mas mesmo isso não era uma

grande vitória, sabendo que as autoridades ficavam aliviadas por serem poupadas à tarefa de ter de cuidar dela.

– Eu denunciei-o – disse ela com sinceridade. – Tanto à polícia, como à instituição de caridade. Nunca me disseram o que lhe aconteceu.

Para alívio de Honour, Adele não fez mais perguntas. Talvez por ser ingénua o suficiente para acreditar que denunciá-lo significava automaticamente que ele seria castigado. Levantou-se da cadeira, pegou na mala e foi até ao quarto para a desfazer. Quando chegou à porta, virou-se.

– Acho que não vou voltar a ver o Michael – disse ela com tristeza. – Então, somos só nós os duas outra vez, avó.

Os olhos de Honour ardiam com as lágrimas. Olhou para o quadro de Frank na parede que sempre fora o seu favorito, pois era do castelo de Camber, com o rio em primeiro plano. Ele pintara-o num sítio onde faziam muitas vezes piqueniques. Era sempre tão bom a expressar os seus sentimentos, tanto verbalmente como através da pintura. Honour sabia que ele diria que este era o momento perfeito para dizer à neta o quanto ela era amada e estimada.

– Adoro-te, Adele – disse ela. – Transformaste a minha vida ao vires para cá. Quem me dera poder fazer alguma coisa para resolver as coisas com o Michael. Quem me dera poder dizer-te algo sobre a tua mãe que também te fizesse mais feliz com ela. Mas não posso fazer mais do que dizer-te que és tudo para mim.

Adele olhou-a, espantada, durante uns segundos e depois começou a rir-se.

– Oh, avó – disse ela, as lágrimas a acompanhar o riso –, não sei se gosto que te ponhas lamechas. Não és tu.

Honour não pôde deixar de sorrir.

– Sabes qual é o teu mal, menina? – perguntou.

Adele abanou a cabeça.

– Diz-me – disse ela.

– És demasiado parecida comigo para o teu próprio bem.

CAPÍTULO 13

1938

— Enfermeira Talbot! É preciso mudar o curativo de Mrs. Drew! – gritou a enfermeira-chefe MacDonald ao passar pela sala de tratamento de resíduos, onde Adele estava prestes a esvaziar e lavar uma arrastadeira.

– Sim, enfermeira – disse Adele. Logo que a enfermeira-chefe desapareceu da vista, fez um gesto de desrespeito à mulher autoritária que geria com mão de ferro a cirurgia feminina.

Era dia um de janeiro e o hospital tinha falta de pessoal em todas as enfermarias, por causa de um surto de gripe. Adele também não estava a sentir-se muito bem – não porque tivesse gripe, mas porque ela e muitas outras enfermeiras estudantes tinham ficado até tarde a celebrar a chegada do Ano Novo, com xerez barato. Estava certa de que a enfermeira-chefe MacDonald sabia disso, pois perseguira-a o dia todo.

Começara a formação em enfermagem no Buchanan Hospital, em Hastings, em abril. O ordenado era de apenas dez xelins por semana e as horas eram muitas, mas dividia um bom quarto na casa das enfermeiras, recebia três refeições por dia e tinha feito dezenas de amigos novos. Angela Daltry, a sua companheira de quarto, era uma rapariga amorosa e desmiolada de Bexhill, e como faziam quase sempre os mesmos turnos, passavam muito do tempo livre juntas.

A enfermagem não era nada do que Adele esperava. Como nunca tinha estado num hospital até começar a formação, admitia que os romantizara, imaginando-se como uma espécie de anjo da misericórdia, a enxugar testas febris, a tirar as temperaturas e a organizar as flores. Sabia que as pessoas vomitavam, sangravam e precisavam de arrastadeiras, claro, mas não previra que fosse tão implacável, nem que, como enfermeira estudante, seria a principal a lidar com o trabalho sujo. Também nunca tinha imaginado tantas regras. Tudo, desde não se sentar nas camas, até garantir que não lhe escapava nem um cabelo do chapéu engomado. A enfermeira-chefe MacDonald era excecionalmente picuinhas e tinha olhos na nuca. Adele levou uma descompostura no primeiro dia na enfermaria por comer um caramelo. Um dos

pacientes tinha-lho dado, mas quem ouvisse a enfermeira-chefe a barafustar pensaria que ela tinha roubado uma caixa inteira e enfiado os caramelos todos na boca ao mesmo tempo.

No entanto, apesar dos inconvenientes, ela adorava a enfermagem. Era muito gratificante ver as melhorias graduais das pessoas depois das operações, saber que, embora fosse apenas um pequeno dente de roda na engrenagem do hospital, era um trabalho fundamental. Os pacientes ficavam reconhecidos pelo seu cuidado, interessavam-se tanto por ela como ela por eles e havia muita boa disposição e riso com as outras enfermeiras.

Com a arrastadeira limpa de volta à prateleira, Adele agarrou no carrinho dos curativos e encaminhou-se para Mrs. Drew. Era uma mulher rechonchuda de quarenta e poucos anos, de cabelo grisalho, que quase morrera de apendicite e a quem Adele se afeiçoara muito.

– Está na hora de lhe mudar o curativo – disse ela ao abrir as cortinas em volta da cama.

– Outra vez não – suspirou Mrs. Drew, e pousou a revista que estava a ler. – Às vezes, acho que vocês esperam que alguém pareça muito confortável e depois atacam.

– Claro que sim. – Adele riu-se. – Temos de fazer alguma coisa para justificar a enorme quantia de dinheiro que recebemos. – Dobrou os lençóis e os cobertores até abaixo da barriga da mulher e depois levantou-lhe a camisa de noite, expondo o curativo sobre os pontos abdominais. Retirou-o com cuidado. – Está a cicatrizar muito bem – afirmou. – Prevejo que possa ir para casa muito em breve.

– Não tenho pressa – disse Mrs. Drew com um sorriso. – Aqui é agradável e quente, e dá para descansar. Os meus contam que eu, logo que chegue a casa, vá servi-los outra vez.

Mrs. Drew tinha seis filhos, cujas idades variavam entre os três e os dezoito anos. Ela ignorara as dores de barriga durante meses, porque não tinha tempo para si mesma e não podia pagar os honorários dos médicos.

– A enfermeira-chefe vai dizer-lhes como é – disse Adele com um sorriso. – Fez uma operação muito importante. Quando chegar a casa, tem de ir com calma. Nada de carregar compras pesadas, baldes de carvão ou sequer os filhos mais pequenos. O seu marido ou um dos filhos mais velhos terá de fazer tudo isso por si.

Mrs. Drew lançou a Adele um olhar mordaz.

– Era bom, era – disse ela. – Vou voltar e encontrar a casa como uma estrumeira. Se tiver juízo, Enfermeira, deixa-se estar solteira. Mal acaba a lua de mel, é sempre a descer.

Adele tinha conhecido muitas mulheres estoicas como Mrs. Drew desde que se iniciara na enfermagem. Punham sempre o marido e os filhos em primeiro lugar, ficando as próprias necessidades ignoradas. Na sua maioria, criavam as grandes famílias na pobreza, com condições de habitação horríveis, mas, de alguma forma, conseguiam manter sentido de humor. Mrs. Drew tinha-o particularmente negro – chamava ao marido, Eric, «O Porco», porque ele lhe grunhia em vez de lhe falar. Declarou que tinha pensado em juntar os filhos e deixá-los à porta de um orfanato, para ter um pouco de paz. No entanto, o seu rosto abria-se num sorriso imenso quando Eric entrava na enfermaria para a visitar, e ela escrevia pequenos bilhetes para cada um dos filhos, porque não lhes era permitido o acesso à enfermaria.

– Aposto que, se pudesse começar tudo de novo, casaria na mesma com Mr. Drew – disse Adele enquanto limpava a ferida, antes de lhe fazer o curativo.

– Acho que sim. Se bem que lhe dava uma palmada da primeira vez que grunhisse. – Mrs. Drew riu-se. – Namora?

Adele abanou a cabeça.

– Não está sequer de olho em alguém?

Adele riu-se. Para uma mulher que dizia muitas vezes que o casamento e os filhos eram uma cilada, Mrs. Drew estava muito interessada em ver os outros a formar par.

– Acho que sim – admitiu ela, pensando em Michael. – Mas não vai resultar. Os pais dele nunca me aprovarão.

– Eu ficaria nas nuvens se o meu Ronnie encontrasse uma rapariga simpática como a menina – disse Mrs. Drew. – É inteligente, bonita e fala bem. Os pais dele devem ser doidos.

Adele puxou para baixo a camisa de noite de Mrs. Drew e voltou a aconchegar os cobertores.

– Pensei o mesmo sobre eles, muitas vezes – disse com um pestanejar de olhos. – Agora, descanse, Mrs. Drew, nada de andar a vaguear pela enfermaria para falar com alguém.

Enquanto empurrava o carrinho dos curativos pela enfermaria, Adele perguntava-se onde estaria Michael, e se no Natal teria ido a Winchelsea ver a mãe. Ela tinha trabalhado no dia de Natal e no dia 26, por isso não tinha

conseguido ir a casa. Mas teria dois dias de folga a partir do dia seguinte, e esperava que a avó tivesse muitos mexericos para lhe contar.

Michael escrevera-lhe em janeiro passado para, mais uma vez, pedir desculpa pelo comportamento dos pais. Foi uma carta estranha; Adele sentiu nela uma tristeza profunda, e muito por dizer. Lendo nas entrelinhas, percebeu que o pai de Michael lhe dera um sermão por causa ela e, quase de certeza, insistiu que nunca mais a contactasse. Michael provavelmente teve consciência de que devia obedecer ao pai; talvez até achasse que não ganhava nada em continuar com aquela amizade, mas, sendo boa pessoa, não o diria, pois apenas pioraria a situação.

Adele esperou umas semanas e escreveu-lhe uma carta alegre para Oxford. Contou-lhe que ia candidatar-se a enfermeira e que não devia sentir-se mal por nada, pois tudo tinha corrido pelo melhor. Disse-lhe que não guardava ressentimentos em relação a ele ou à mãe, e que esperava que Mrs. Bailey se encontrasse bem.

Michael voltou a escrever quase três meses depois, escassos dias antes de Adele começar como estagiária. Dizia estar radiante por ela ser enfermeira, pois, aos olhos dele, era um dos trabalhos mais importantes que alguém podia fazer. Disse também pensar que ela tinha nascido para aquilo. Perguntava se poderiam encontrar-se, no caso de ele ir a Hastings, embora não soubesse quando seria. A esperança de os pais voltarem a juntar-se reduzira-se a nada.

O resto da carta era dedicado aos voos e ao corpo de aviação de Oxford. Estava jubiloso por já ser um piloto qualificado, e dizia considerar com seriedade uma carreira na Força Aérea, assim que se formasse.

Como estagiária, Adele não tinha muito tempo para pensar em Michael. Era muita teoria para aprender, com testes todas as semanas, e todas as noites e dias de folga eram passados a estudar. Depois, houve a coroação de George VI em maio, e convenceram Adele a ajudar a fazer bandeiras e outras decorações para o hospital. Algumas das enfermeiras foram a Londres para assistir às celebrações, mas esperava-se que todas as estagiárias ajudassem no convívio do hospital, nos jardins, fosse a servir chá ou a acompanhar os pacientes que se encontravam em condição de participar. Para Adele, o acontecimento provou ser uma verdadeira iniciação na vida social do hospital, pois naquele dia conheceu muito mais pessoas – os funcionários administrativos e auxiliares, bem como médicos e outras enfermeiras.

Foi nesse dia que começou a ver que a Inglaterra poderia de facto ter de voltar à guerra. Os rumores sobre Adolf Hitler e o seu crescente poder na

Alemanha circulavam há tanto tempo que ela deixara de lhes prestar atenção. Estava horrorizada, claro, com a forma como ele tratava os judeus, mas só quando por acaso ouviu um dos médicos a ecoar algo que Michael dissera na última carta – sobre o homem estar decidido a governar o mundo inteiro – é que percebeu o que aquilo realmente significava.

Teriam de o impedir, e seriam os jovens como Michael a ser chamados para o fazer. Um arrepio percorreu-lhe a espinha quando olhou em volta e viu Raymond e Alf, os dois jovens porteiros que se metiam sempre com as estudantes de enfermagem. Eles também teriam de ir, assim como a maioria dos médicos, todos os pais e irmãos das suas amigas, e seria exatamente o mesmo que na Primeira Guerra, com as mulheres a assumir os trabalhos dos homens. À espera e com esperança de que os filhos, maridos e irmãos não estivessem nas listas de vítimas.

De súbito, Adele percebeu o porquê de a aceitarem tão prontamente na formação em enfermagem. Escolhera acreditar que era excecional e que brilhara na entrevista inicial. Mas provavelmente não fora assim, de todo. A Inglaterra precisaria de centenas de novas enfermeiras se a guerra de facto começasse, e talvez qualquer pessoa que fosse capaz e estivesse disposta a fazer formação pudesse entrar. Todavia, embora fosse um pouco dececionante saber que não era assim tão especial, aquilo dava-lhe mais determinação para provar o seu valor.

Michael veio vê-la, sem qualquer aviso, no início das suas longas férias de verão. Ia ficar apenas uns dias com a mãe antes de seguir para a Escócia, e correu o risco de ela não estar de serviço. Por sorte, não estava; tinha tido o dia de folga, e embora geralmente fosse a casa ver a avó, desta vez tinha ficado na casa das enfermeiras para estudar.

Algumas das outras enfermeiras viram-no à espera dela no vestíbulo e depois gozaram-na sem piedade. Parecia que visitá-la lá, em vez de marcar um encontro na cidade, insinuava um romance sério. Significava também que, de futuro, a enfermeira-chefe passaria a vigiá-la com olho de lince.

Chovia torrencialmente, por isso foram no carro dele até uma casa de chá em Battle. Era um sítio bonito com cortinas e toalhas de mesa aos quadrados, e muitos tachos de cobre cintilante pendurados nas vigas.

Adele ainda estava no primeiro auge do encantamento com a enfermagem. Tinha acabado de começar na enfermaria, depois das aulas teóricas do estágio, e não conseguiu falar de mais nada enquanto bebiam o chá e comiam as panquecas e os bolos. Michael era quase tão obcecado. Estava de partida para

se encontrar com umas pessoas que pareciam de uma imponência incrível, com um castelo na Escócia sobre um lago e um avião privado que ele poderia pilotar. Nenhum deles mencionou os pântanos – era quase como se ambos tentassem ser outras pessoas.

Michael parecia muito cortês, com as calças de flanela cinzenta e um *blazer*, e por vezes adotava a gíria dos estudantes universitários, que Adele nem sempre compreendia. Tinha ficado também muito bonito. O cabelo muito comprido, o rosto mais magro; enquanto ele pedia mais chá à empregada de mesa, a luz da janela apanhou-lhe as maçãs do rosto angulares, e Adele sentiu uma onda de algo que só poderia ser desejo.

No entanto, por mais agradável que fosse voltar a ver Michael, Adele ficou com a sensação de que ele a tinha examinado e considerado pouco inteligente. Não podia censurá-lo – com o vestido de algodão barato, as pernas nuas, a tagarelar sobre medir temperaturas, banhos na cama e coisas do género, devia ter parecido e soado muito ingénua.

Sabia que ele devia conhecer muitas raparigas em Oxford e através de amigos como os da Escócia. Imaginava-as todas muitíssimo bem-educadas, a falar como se tivessem batatas quentes na boca, e vestidas com roupas saídas diretamente das revistas de moda. Porque é que ele se interessaria por alguém que os pais não aprovavam? Sobretudo havendo por aí um sem-número de raparigas mais bonitas, mais inteligentes e menos problemáticas do que ela?

Michael tinha de estar em casa da mãe a horas do jantar, às sete, e quando a deixou na casa das enfermeiras, deu-lhe um beijo na face.

– Da próxima vez, combinamos com mais antecedência, para termos mais tempo – disse ele. – Gostava de te levar a jantar ou a dançar.

Adele respirou fundo antes de responder. Queria Michael fosse como fosse – ele fazia-lhe tremer as pernas, bater o coração, e ela poderia ficar para sempre a fitar os seus olhos azul-escuros sem nunca se aborrecer. Mas era realista, e por muitas afinidades que pensassem ter há cinco anos, quando se conheceram, agora eram adultos e opostos. Mesmo que os pais dele não estivessem tão contra ela, não resultaria, e Adele não queria que Michael sentisse que tinha qualquer espécie de dívida para com ela.

– Não, Michael – disse, firme. – Nada de dançar ou jantar. Manda-me só um postal de vez em quando, para eu saber o que andas a fazer.

Adele esperava que ele parecesse aliviado, até que se risse e dissesse que ficava contente por ela não ter deixado de ser tão direta, mas para sua surpresa ele parecia destroçado e desligou o motor do carro.

– Já não gostas de mim? – perguntou. Ele pôs-lhe uma mão na face para ela não se poder virar, e os olhos trespassaram-na.

– Claro que gosto de ti, tonto – disse ela e fez uma tentativa de se rir. – Serás sempre um amigo especial, mas isso não significa que tenhas de continuar a aparecer e a dar-me presentes, para compensar o facto de o teu pai ter sido tão horrível comigo.

– Achas que foi por isso que vim? – perguntou ele.

– Bem... sim – respondeu Adele. – Talvez não tenhas decidido que era essa a razão, mas acho que é. Não tens de te sentir mal com isso. Agora sou enfermeira, a experiência com a tua mãe ajudou-me a chegar até aqui. Não tenho ressentimentos em relação a ti nem a ela.

Michael pôs-lhe também a outra mão na face, segurando-lhe o rosto entre as mãos.

– Percebeste tudo mal – disse ele. – Não quero levar-te a jantar porque me sinto culpado. É porque quero que sejas minha namorada.

– Mas não podes querer isso – disse ela, sentindo-se quase a desmaiar com o toque das mãos dele nas suas faces. – Como é que eu poderia adaptar-me ao teu mundo?

– Olha para ti – disse ele com um sorriso carinhoso. – És linda, Adele, capaz e forte, consegues adaptar-te ao que quiseres. Mas eu não quero que te adaptes a lado nenhum, só te quero como és, onde quer que estejas. Gosto dos teus valores, da tua falta de presunção, da tua bondade. Gosto de ti, muito!

Antes que Adele dissesse alguma coisa, ele beijou-a. Não foi um beijo roubado e envergonhado como o primeiro, dois anos antes, mas um verdadeiro beijo de namorado, o primeiro de Adele. Os lábios dele eram muito mais suaves do que ela esperava, e os braços envolviam-na, puxando-a para mais perto dele. A ponta da língua dele afastou-lhe um pouco os lábios, e de repente ela entendeu como os apaixonados ficavam nas estações de comboios e nas entradas das lojas portas a beijar-se durante horas. Pensou que ignoraria até a enfermeira-chefe, se ela estivesse nas escadas da casa das enfermeiras a observá-los. Queria ficar nos braços do Michael para sempre.

– Então, sais comigo outra vez? – perguntou ele quando o beijo terminou. Continuava a envolvê-la num abraço e esfregava o nariz no dela. O que poderia ela dizer senão sim? Quando finalmente saiu do carro, estava tão feliz que lhe apetecia entrar a correr na casa das enfermeiras e gritar a toda a gente que o Michael Bailey queria que ela fosse sua namorada.

Mas ainda bem que não fez um anúncio público, pois parecia que ela e Michael estavam amaldiçoados. Ele voltou mais cedo da Escócia só para a ver, mas ela andava a fazer noites e só tiveram um par de horas à tarde, a passear à beira-mar. Em setembro, quando ele combinou vir outra vez, o carro avariou, deixando-o encravado a quarenta quilómetros da sua casa de Alton. De qualquer forma, Michael veio depois de arranjado o carro, mas só tiveram tempo para um jantar rápido e Adele teve de entrar para o serviço noturno. De manhã, quando saiu do serviço, ele estava lá, mas ela estava tão cansada que adormeceu no carro a caminho do pequeno-almoço.

Em outubro, Michael teve de regressar a Oxford, e como era o último ano, precisava de se dedicar e estudar. Mas escrevia-lhe todas as semanas e implorava-lhe para não se fartar de esperar e não se apaixonar por um jovem médico.

Adele só pôde sorrir. Trabalhava tantas horas que, quando saía do serviço, a única coisa que queria era a cama, e também tinha de estudar para os exames. Além disso, era expressamente proibido às enfermeiras confraternizar com os médicos, e ainda que fosse permitido, nenhum deles chegava aos calcanhares de Michael.

Adele sonhava muito com ele, revivia os seus beijos, recordava todos os elogios, todas as graças que partilhavam. No entanto, ao mesmo tempo, tentava controlar-se, não ousando pensar com antecedência, pois além da animosidade do pai em relação a ela, havia agora uma ameaça muito real de guerra.

Todos os dias havia algo nas notícias que parecia aproximá-la cada vez mais. Mr. Chamberlain, o primeiro-ministro, podia fazer discursos tranquilizadores, mas já não enganava ninguém. Michael mencionava cada vez mais a Força Aérea nas suas cartas. Por vezes, Adele ficava com a ideia de que ele tinha de facto esperança de que houvesse uma guerra. Michael afirmou que, se viesse uma guerra, combater-se-ia nos céus, não em trincheiras, como a última, e disse-o com entusiasmo e prazer.

Como poderia pensar com antecedência, se Michael parecia preparado para a profissão mais perigosa de que ela se conseguia lembrar?

*

Naquela noite, Adele não parava de cabecear de sono no autocarro de regresso a Rye. Mas de cada vez que a cabeça tocava na janela fria, acordava sobressaltada. Já conhecia tão bem a estrada que não precisava de tentar espreitar para a escuridão para ver onde estavam. Mesmo com os olhos

fechados, sabia pelas curvas da estrada, pelo grau de inclinação de uma colina e até pelo número de pessoas que entrava ou saía, quanto andara o autocarro. Havia uma pocilga em Guestling. Adele sentia-lhe o cheiro muito antes de passarem por lá. Sabia quando paravam no entroncamento para Pett, pela respiração asmática da senhora obesa que saía sempre lá.

Despertou com um sobressalto quanto o autocarro entrou em Winchelsea e, como sempre, preparou-se para ver Harrigton House. Para sua surpresa, havia uma árvore de Natal iluminada com luzes elétricas junto à janela da sala de estar. De repente, ficou bem acordada e espreitou para ver se o carro de Michael estava lá. Não estava, mas teve um vislumbre fugaz de uma mulher a correr as cortinas no quarto de Mrs. Bailey. Pensou que, provavelmente, era a governanta que a avó tinha dito que chegara durante o verão. Pelo que se sabia, era viúva, e dizia-se que era muito religiosa. Adele perguntava-se o que ela fizera em relação à questão da bebida de Mrs. Bailey.

Quando o autocarro passou o Landgate e desceu a colina, Adele levantou-se, tocou à campainha e encaminhou-se para a frente, para sair.

– Cuidado como vais – disse o condutor, abrindo-lhe a porta. – Está um gelo e não se vê no escuro.

Adele enrolou melhor o cachecol em volta do pescoço. O autocarro arrancou e deixou-a na completa escuridão. Estava um frio cortante, com um vento agreste vindo do mar. No entanto, por muito frio que estivesse, o silêncio era maravilhoso. Na casa das enfermeiras e no hospital havia sempre barulho. De repente, lembrou-se do primeiro inverno que ali passara e do medo que tivera ao regressar a casa, vinda da escola, quando estava escuro. Confundia o vento a gemer nas árvores com fantasmas e sentia sempre que alguém esperava numa emboscada para a apanhar.

Foi a avó quem a curou.

– Não sejas ridícula – disse-lhe com dureza. – Se um homem quisesse fazer uma emboscada a uma rapariga que passasse, escolheria um sítio um pouco menos frio e onde fosse mais provável apanhar alguém. Quanto aos fantasmas, se existisse tal coisa, achas mesmo que escolheriam o campo aberto quando têm centenas de casas antigas em Rye para assombrar?

Ela não tem medo de nada, pensou Adele enquanto escolhia com cuidado o caminho através dos charcos cobertos de gelo. Não queria viver sozinha num lugar tão isolado quando envelhecesse.

Mas ao sentir o cheiro a fumo de lenha e ver a luz acolhedora na janela, esqueceu-se de que estava cansada, esfomeada e fria. Era bom estar outra vez

em casa.

*

– Estava mesmo delicioso – suspirou Adele ao rapar o que restava do pudim de melaço e creme de leite que se seguira ao frango, batatas assadas, pastinagas e couves de Bruxelas. – Ninguém faz jantares tão bons como tu, avó.

– É bastante fácil, quando se tem produtos frescos – ripostou Honour, mas sorria de prazer com o elogio. – Os vegetais que te dão no hospital devem ter semanas.

– E cozidos até ficarem em papa – disse Adele. – Sabe tudo ao mesmo. Agora, anda lá, conta-me os mexericos todos!

– Então quando é que eu estou com alguém, para ouvir mexericos? – disse Honour. – Sem ti cá, é raro precisar de algo da loja de Winchelsea, por isso não posso dizer-te nada sobre os Bailey, nem se o Michael veio passar o Natal.

Adele corou. Não tinha percebido que estava a ser tão transparente.

– Ele vai voltar para Oxford, em breve – disse ela. – Mas mandou-me isto pelo Natal. – Remexeu na frente da camisola e tirou um medalhão dourado oval.

Honour aproximou-se e examinou-o.

– É de ouro verdadeiro – exclamou. – Deve ter custado uma fortuna!

– Eu sei. – Adele sorriu. – As meninas ficaram todas invejosas. Também se abre, para pôr uma fotografia. Quem me dera ter uma fotografia dele para pôr aqui dentro.

– Os pais sabem que ele mantém o contacto contigo? – perguntou Honour, levantando uma sobrancelha.

– Acho que não – respondeu Adele.

Honour suspirou profundamente, mas não fez comentários.

*

No dia seguinte estava ainda mais frio e, além de saírem para dar de comer às galinhas e aos coelhos, ficaram todo o dia juntas ao redor do fogão, Adele a copiar umas notas que tirara numa conferência e Honour a tricotar. No dia que se seguiu continuou o frio, mas Adele reparou que não tinham muita lenha, e como ia regressar ao hospital à noite, insistiu em ir sozinha buscar.

Sabia bem estar ao ar livre, agasalhada com as roupas e botas velhas, a arrastar o carrinho atrás. Em Hastings, nunca andava muito. Depois de um longo dia na enfermaria ficava sempre muito cansada, mas sentia falta do ar

fresco e da solidão que, antes da enfermagem, tanto haviam feito parte da sua vida.

Encheu o carrinho numa hora, pois os ventos fortes das últimas semanas tinham lançado para a praia um monte de madeira. Estava justamente a fazer o caminho de volta pela margem de seixos, com uma última braçada para meter no carrinho, quando, para sua surpresa, viu Michael ao longe.

Ele vinha da direção do porto de Rye, a caminhar pesadamente com a cabeça para baixo, ao vento. Não estava vestido para uma caminhada num lugar tão inóspito; parecia trazer um longo sobretudo citadino por cima de um fato e estava sem chapéu.

– Michael! – gritou ela, mas o vento era forte de mais para ele ouvir. Ela correu o resto do caminho até ao carrinho, largou a madeira, e depois correu ao encontro dele. Só quando estava a cerca de duzentos metros é que Michael levantou os olhos e a viu.

– Adele! – gritou ele, jubilante, e desatou a correr. – Não esperava ver-te. Pensei que estivesses a trabalhar. – Ele disse-lhe que tinha chegado na véspera de Natal, mas que o carro estava a dar problemas e tinha-o levado a arranjar num mecânico perto do porto. Hoje de manhã, apanhara boleia até lá com um vizinho da mãe, contando vir embora com o carro reparado, mas este precisava de uma peça nova e só estaria pronto no dia seguinte. – Eu devia ter ido para casa pela estrada – disse ele, baixando os olhos com tristeza para os sapatos pretos elegantes, todos cobertos de lama. – Estes sapatos não são para caminhos difíceis, mas lembrei-me da primeira vez que me mostraste o caminho para o porto, e senti que tinha de voltar por ali. De repente, cá estás tu à minha frente.

– Ias lá a casa, se não me tivesses visto? – perguntou ela, pensando que teria sido mais sensato correr para casa, vestir uma roupa decente e esperar que ele lá fosse.

– Não creio. Já tinha pensado nisso e decidido que não sou corajoso o suficiente para enfrentar a tua avó.

– Porque não? Ela não guarda rancor e sabe que estamos em contacto – disse Adele. – Mostrei-lhe o medalhão anteontem à noite e ela não disse nada de mal. Obrigada, a propósito. É muito bonito, mas não devias ter gastado tanto dinheiro comigo.

Ela abriu a gola do casaco para lhe mostrar que o estava a usar.

– Também tenho algo para ti. Nada de grandioso como isto, mas estava à espera que voltasses para Oxford para to enviar.

Ele sorriu.

– Olha para ti! – disse ele. – Estás tão bonita com as bochechas rosadas e esse chapéu de lã.

Adele corou.

– Pareço um pavor, isso sim – disse ela. – Porque é que apareces sempre que não estou preparada?

– Não acredito que ficasses ainda mais linda do que estás agora, mesmo com horas para te preparares – disse ele, olhando para Adele com tanta intensidade que ela teve de desviar o olhar. – Sabes que me apaixonei perdidamente por ti?

Adele ouviu o que Michael disse, mas só podia pensar que ele estava a brincar. Não podia falar a sério. Podia?

Contudo, quando levantou os olhos, ele não parecia estar a brincar. O olhar dele era suave e terno, os lábios cheios, vermelhos do vento, ligeiramente separados, como se esperassem com ansiedade a resposta.

– Estás a falar a sério? – perguntou ela, com a voz a sucumbir.

– Nunca falei tão a sério – disse ele, e estendeu a mão para ela. – Tentei dizer a mim mesmo centenas de vezes que estava a imaginar, mas não desaparece. – Deu-lhe então um beijo. De repente, os lábios frios aqueceram no contacto um com o outro e o calor ia aumentando à medida que ele a abraçava mais. Adele esqueceu-se de que estavam no pântano, esqueceu-se do frio, da lenha no carrinho e da avó à espera. Nada importava, a não ser o sentimento glorioso que brotava dentro dela. – Vamos para o castelo – disse ele, pegando-lhe na mão e guiando-a pelo caminho ainda antes de ela responder. – Lá ficaremos abrigados do vento.

Havia ovelhas abrigadas no castelo e Michael fez Adele rir-se ao correr para elas, para as expulsar.

– Isso foi malvado – disse ela. – Esta é a casa delas.

– Não, é nossa – disse ele, envolvendo-a com os braços. – Trouxeste-me aqui no dia em que nos conhecemos e que eu te contei tudo sobre os meus pais. Lembras-te?

Adele acenou com a cabeça. Ainda se lembrava exatamente de como se sentira naquele dia, de gostar dele e confiar nele, mas ter medo de dizer demasiado sobre si mesma.

Olhou em volta, sentindo uma onda de afeição por aquele velho castelo onde tanto tempo passara. Não se ouvia o lamento do vento dentro das paredes de pedra em ruínas, e mesmo com o céu por cima tão cinzento como as pedras, havia rebentos de folhas nas árvores que haviam fixado residência dentro do

abrigo. Era um refúgio para muitos animais e aves, e agora também para ela e Michael.

– Nunca me contaste os teus segredos – disse ele sem rodeios, pegando-lhe na mão e levando-a para uma inclinação relvada, para se sentarem. – Com certeza podes contar-mos agora, já que te disse que te amo.

Adele ignorou a parte dos segredos. Era a parte do amor que a incomodava.

– Não podes estar a falar a sério, Michael – disse ela, virando-se para ele e pegando-lhe no rosto com ambas as mãos. – Já pensaste no que os teus pais diriam?

– Sim, e não quero saber. Faço vinte e um anos no verão. Vou juntar-me à Força Aérea e posso fazer o que bem entender da minha vida. Não lhes devo nada.

– Deves, Michael – insistiu ela. – São teus pais, sustentaram-te durante a escola e em Oxford. Se cortarem relações contigo, não vais gostar.

– Não? – Ele levantou as sobrancelhas. – O meu pai não quer saber de mim. Pode atirar-me dinheiro, mas é só uma maneira de me controlar. A minha mãe gosta de mim, mas nunca pensa no que eu quero ou preciso. Com ela, é só eu, eu, eu. É suposto eu apoiá-la, defendê-la e ser exibido como o filho inteligente.

Adele achava que Michael estava a ser bastante realista em relação aos pais, pois não podia argumentar sobre nada do que ele afirmara. Mas como podia uma rapariga dos pântanos mudar-se para o tipo de mundo de onde ele vinha?

Michael deitou-a na relva e beijou-a com tanta paixão que Adele esqueceu todas as ansiedades; deu por si arrebatada para um lugar mágico onde nada importava, a não ser o momento.

Só recuperou os sentidos quando as mãos dele deslizaram por baixo do seu casaco e lhe tocaram os seios.

Disparou-lhe no pensamento uma imagem de Mr. Makepeace. No êxtase de ser beijada, esquecera-se de que os homens prometem tudo para conseguirem o que querem.

– Tenho de ir para casa – disse ela, afastando-lhe as mãos e sentando-se. – O almoço deve estar pronto. Tenho de partir no autocarro das cinco e preciso de passar algum tempo com a minha avó antes de ir embora.

Ele pôs-se meio sentado, inclinado num cotovelo, e olhou para ela, atrapalhado.

– Mas não sei daqui a quanto tempo poderei vir cá outra vez – disse ele.

– Então terás de arranjar tempo – respondeu Adele, exaltada, pondo-se em pé. – Não posso andar a rebolar na relva sempre que te apetece, tenho

responsabilidades.

– Porque é que estás zangada? – perguntou ele enquanto se levantava. – O que é que eu fiz?

Voltava a confusão de que se lembrava tão bem com Mr. Makepeace. Também confiara nele e depois ele traíra essa confiança. Como é que podia saber se Michael estava a dizer que a amava só para conseguir algo com ela, ou se realmente a amava e as carícias faziam parte?

Sabia perfeitamente pelas amigas enfermeiras que os namorados lhes acariciavam os seios, apertavam e afagavam os traseiros e muitas vezes lhes metiam as mãos por baixo das saias. As enfermeiras discutiam várias vezes até onde deixavam os homens ir antes de recuarem. Parecia quase ser um jogo, as meninas a permitir gradualmente mais liberdades a cada encontro. Adele não queria jogar jogos, queria saber exatamente onde se posicionava. No entanto, não podia dizer nada a Michael. Sentia-se demasiado embaraçada com tudo.

Ele deu-lhe a mão enquanto regressavam ao local onde Adele deixara o carrinho da madeira. Michael não disse nada, e Adele olhou para ele várias vezes, questionando o que estaria a pensar.

– Desculpa – exclamou ela por fim, incapaz de aguentar o silêncio. – Fiquei só um pouco assustada.

– Tens medo que te viole? – ripostou ele. Quando Michael se virou, ela viu-lhe o rosto tenso e zangado. – Eu amo-te, Adele. Nunca tentaria forçar-te a fazer algo que não quisesses fazer. Pensei que sabias disso.

Adele sentiu-se disparatada e assustada. Acreditava que o que Mr. Makepeace lhe tinha feito nunca mais a afetaria – afinal de contas, fora há quase sete anos e, nos últimos quatro, ele raramente lhe passara pela cabeça. Achou que devia dar uma explicação a Michael. Não gostava de o ver aborrecido, embora uma grande parte dela ainda se sentisse indignada por ele lhe ter tocado nos seios. Debatia-se para não chorar, porque se sentia muito confusa.

Chegaram ao carrinho da madeira e Michael moveu-se para o puxar, mas para Adele a visão dele, com as roupas citadinas elegantes, a levar um carrinho com as antigas rodas de um carrinho de bebé, era mais uma lembrança do quanto os seus meios sociais eram diferentes.

– Não – disse ela, pegando nos punhos. – Eu faço-o.

– Agora já nem posso tocar no teu carrinho? – disse ele com sarcasmo.

Ela começou então a chorar e, meio a correr, meio a andar, puxou o carrinho atrás dela sobre o chão irregular, perdendo parte da carga ao longo do caminho

para Curlew Cottage.

Michael arqueou-se e apanhou alguma da lenha, desorientado por Adele se comportar de maneira tão estranha. Não tinha intenção de tentar tirar-lhe o carrinho. Bastava a velocidade em que seguia para sugerir que ela podia bater-lhe com um dos paus.

Mas seguiu-a, com a intenção de deixar a lenha que tinha apanhado junto à casa, retomando depois o seu caminho. Tinha frio e fome, doíam-lhe os pés e estava muito desapontado por, depois do contentamento do encontro inesperado com Adele, acabar tudo tão mal.

Mas, quando se aproximavam da casa, Mrs. Harris apareceu à porta. Adele ganhou ainda mais velocidade, e, por causa do barulho do vento, Michael não conseguiu ouvir o que ela estava a dizer à avó. Adele abandonou o carrinho do lado de fora da porta e disparou para dentro. Mrs. Harris veio em direção a ele, resoluta.

– O que fizeste para a pôr a chorar? – perguntou, com uma expressão austera e defensiva.

– Eu não sabia que ela estava aqui – disse ele com sinceridade, pousando a lenha e sacudindo o casaco. – Voltava do porto de Rye e encontrei-a. Fomos ao castelo de Camber por um bocado, e de repente ela disse que tinha de voltar para casa. Não sei o que se passa com ela, é melhor perguntar-lhe. Talvez fale consigo.

Honour lançou-lhe um olhar perspicaz.

– Ela saiu daqui perfeitamente feliz.

– Então, dizer-lhe que a amo perturbou-a, obviamente – disse ele com secura, e começou a afastar-se.

– Não me vires as costas, Michael Bailey – disse ela com voz de trovão. – Volta aqui.

Michael não se atrevia a desobedecer-lhe e virou-se.

– Olhe, Mrs. Harris – disse ele –, não sei mesmo o que se passa com ela. Diga-lhe que hoje à noite lhe telefono para a casa das enfermeiras. O meu carro avariou, por isso não posso oferecer-me para levá-la a Hastings.

– Estarás por cá amanhã de manhã? – perguntou ela.

Michael assentiu.

– Então, vem ver-me – disse ela. – Acho que está na hora de termos uma conversa só os dois.

*

Honour acenou quando o autocarro partiu. Adele tinha ido direta para o banco de trás. A sua posição curvada e a falta de energia no aceno bastaram para Honour saber que ela iria a chorar até à casa das enfermeiras.

Honour ficou ali a ver o autocarro dirigir-se a Winchelsea, com os faróis a iluminar o velho Landgate. Suspirando, virou-se para voltar para casa. Sempre detestara janeiro, o frio, a escuridão prematura e o facto de ter sido o mês em que Frank morrera. Hoje, sentia-se ainda mais desamparada do que era costume nesta altura do ano. De manhã, o carteiro contara-lhe que tinham acabado de anunciar que todas as crianças da escola iam receber máscaras antigás, e imaginava que os demónios secretos de Adele tivessem voltado para a atormentar.

Mas embora fosse terrível que o governo mostrasse uma séria preocupação com a possibilidade de os Alemães atacarem civis britânicos com gás, o seu principal receio era por Adele. Ela não admitira o que tinha acontecido hoje entre ela e Michael, claro, mas Honour podia dar um palpite.

*

Michael chegou lá a casa pouco depois das nove, na manhã seguinte. Honour convidou-o a entrar e ofereceu-lhe uma chávena de chá. Parecia apreensivo, e ela não tinha dúvidas de que pensava que ela ia dar-lhe um sermão.

– Ontem à noite falaste com a Adele ao telefone? – perguntou Honour.

– Não, disseram-me que ninguém atendia no quarto dela – afirmou ele.

Honour pensou por um momento. Sabia que Adele devia estar lá, mas não quisera falar com ele.

– Que pena – disse. – Esperava que tivessem resolvido o assunto.

– Eu tentei – afirmou ele, com uma ponta de irritação na voz. – Mas não sei o que posso ter feito para a aborrecer.

– Ontem contaste-me que lhe disseste que a amavas. Estás a falar a sério? – perguntou Honour.

– Claro. Senão, não o teria dito – respondeu ele, um tanto indignado. – Mas não creio que ela sinta o mesmo.

– Porque pensas isso?

Ele olhou para as mãos no colo.

– Não consigo dizer por palavras.

– Talvez a Adele também não consiga expressar os sentimentos por palavras – disse Honour. – Eu sei que eu não consigo. É fácil falar sobre o que sentes em

relação às flores, aos animais e coisas assim. Mas discutir pensamentos e emoções é muito mais difícil.

Michael não disse nada e continuou a olhar para as mãos.

– Tens de te lembrar de que o facto de a Adele trabalhar para a tua mãe a pôs num nível completamente diferente em relação a ti – disse Honour, tentando ser afável e ganhar-lhe a confiança. – Ela era uma criada; tu, para todos os efeitos, eras patrão dela. A Adele sabe que os teus pais nunca a aceitarão como tua semelhante.

Michael levantou o olhar e viu-se o sofrimento nos seus olhos azul-escuros.

– Eu disse-lhe que não quero saber do que eles pensam. A Adele é a minha semelhante, aos meus olhos. Olhe para si, Mrs. Harris. Pode viver aqui no pântano, mas é mais do que semelhante da minha mãe, e sabe que sim.

– Sim, sou, mas sou filha de um professor, fui bem educada, e também casei com uma pessoa de boas famílias. Umas origens assim dão a uma rapariga confiança no seu próprio valor, e é algo que não se quebra, nem quando mudam as circunstâncias pessoais. A Adele não tem essa confiança. Foi criada na classe operária, e passou por experiências que só servem para validar a sua crença de que não é merecedora.

Ele pareceu surpreendido.

– Está a tentar contar-me algo sobre o passado dela?

– Não me cabe a mim contar-te – disse Honour, de repente a tomar consciência de que Adele nunca lhe perdoaria se divulgasse pormenores sem permissão. – Mas se amas a Adele, terás de ganhar a confiança dela, para que sinta que te pode contar.

A expressão de Michael tornou-se desconfiada.

– É algo sobre a mãe dela, não é? – perguntou ele. – Quando a conheci, ela disse-me que veio viver para cá porque a mãe estava doente. Mas nunca mais falou nela. Onde está a mãe? Porque é que a Adele não a vê?

– Não sabemos onde está a mãe dela – disse Honour. – Pela minha parte, não me interessa. Ela fugiu de cá quando o pai estava muitíssimo doente, sem pensar em nenhum de nós. Eu nem sabia que tinha uma neta até a Adele me aparecer à porta, há quase sete anos.

Os olhos de Michael arregalaram-se e o queixo caiu.

– Não te vou contar mais nada – disse Honour com firmeza. – Tens de ouvir a história toda pela Adele. Só te peço que a trates bem. Já a magoaram e oprimiram o suficiente, no passado. – Honour preparou mais um bule de chá, e enquanto se ocupou, manteve um olho em Michael. Ele estava absorto em

pensamentos, provavelmente ainda mais desconcertado agora do que quando chegara. Na noite anterior, ter-se-ia zangado com ele, tê-lo-ia avisado de que, se voltasse a tocar em Adele, teria de se ver com ela. Mas, de madrugada, ocorreu-lhe que não era uma solução sensata. Não queria afugentá-lo e, de qualquer forma, a intuição dizia-lhe que, provavelmente, a neta tinha exagerado com o que não passava de uma tentativa de a afagar. Michael era um jovem sensível e muito inteligente, e se alguém conseguia alcançar e curar aquela parte danificada de Adele, era ele. – Então, que história é essa de quereres juntar-te à Força Aérea? – perguntou Honour num tom animado, pousando na mesa o chá acabado de fazer.

CAPÍTULO 14

N–ão faças isso, é horrível – exclamou Adele, agarrando a mão com que Michael segurava uma folha de erva. Estavam deitados ao sol da primavera, em Beachy Head, perto de Eastbourne. Quando ela passou pelas brasas por um instante, Michael passou-lhe a folha de relva em volta da narina.

– Bem, então acorda – disse ele, mostrando-lhe um sorriso aberto. – Quero conversar.

Estavam agora na Páscoa, cerca de três meses desde o arrufo do Ano Novo. Michael fizera uma viagem especial durante a noite, alguns dias depois, para ver Adele e fazer as pazes com ela. Ela mostrara-se muito chorosa e apologética, dizendo que não sabia porque tinha sido tão estranha com ele naquele dia. Michael levou-a a jantar fora e, assim que ela lhe pareceu novamente descontraída, convenceu-a a falar-lhe sobre a mãe e a infância em Londres.

Foi chocante ouvir o que Adele tinha passado, e entristeceu-o perceber que, se ela lhe omitira tantos pormenores importantes da vida, era porque não confiava completamente nele. Mas à medida que Adele revelava todo o sofrimento e tristeza do passado, ele quase conseguia ver o alívio por finalmente o partilhar, e muitos dos aspetos que antes o intrigavam faziam sentido.

Michael ficou muito relutante em deixar Adele naquela noite, encontrando-se ela muito emotiva e ele sem saber sequer quando voltaria a vê-la. Escreveu-lhe quando chegou ao campo, a dizer que a amava e que estava feliz por já não haver segredos entre eles. Quando Adele lhe telefonou, alguns dias depois, já era mais o seu velho eu, bem-disposta e enérgica. Disse-lhe para não se preocupar com ela, porque estava mesmo bem e lamentava apenas ter sido tão mal-humorada e estranha no Ano Novo. Não tinham conseguido ver-se novamente até agora, mas quando conversavam ao telefone era como se nada tivesse acontecido.

– Então, sobre o que queres falar? – perguntou Adele, virando-se de barriga para baixo e apoiando-se nos cotovelos. – Oh, já sei, sobre como vais ficar bonito de uniforme.

Michael riu-se.

– Não, isso já sei, e também que serei o melhor piloto que o mundo já viu.

– Isso não deixa muito para falar, então – disse ela. – A menos que queiras ouvir falar de banhos na cama, gráficos de temperatura ou dos pacientes da minha enfermaria.

Michael estava a passar as férias da Páscoa com a mãe, supostamente a estudar para os exames finais que teria, quando regressasse a Oxford dentro de alguns dias. Adele tinha conseguido três dias de folga para estar com ele, mas no dia seguinte começaria na enfermaria de ginecologia.

Tinham tido sorte com o tempo; estava invulgarmente ameno e ensolarado para abril, e Michael, que acabara de ser aceite na Força Aérea, estava muito animado e falava de pouco mais.

– Pensei que pudesses contar-me mais sobre The Firs – disse ele, curvando-se para beijar a testa de Adele. – Parece-me que deve ter acontecido lá algo de muito drástico, para te fazer vir a pé até Rye.

Michael descobriu que um dos aspetos mais frustrantes de gerirem muito do namoro ao telefone ou por carta era a incapacidade de falar sobre assuntos sérios. Contavam um ao outro as coisas do dia a dia, o trabalho, os amigos, algumas bisbilhotices, mas algo mais era difícil. Michael ainda ansiava por saber mais pormenores da infância de Adele. Ao refletir sobre coisas que ela lhe contara antes, percebeu que ela não tinha dito quase nada sobre o local a que chamava The Firs, aquele de onde fugira. Obviamente, devia ter sido um sítio horrível. De outro modo, não teria sentido necessidade de ir ter com uma completa desconhecida. Michael pensou que a maioria das pessoas aprofundaria o que lá havia de mau, nem que fosse apenas para se justificar. A não ser, claro, que o que quer que lá tivesse acontecido fosse tão mau que não se sentissem capazes de falar sobre o assunto.

Lembrava-se muitas vezes dos comentários enigmáticos que Mrs. Harris tinha feito sobre o passado de Adele, naquela ocasião em que o convidara para ir lá a casa. Naquele dia, Michael esperava uma reprimenda, que lhe dissessem que de futuro não estava autorizado a sair sozinho com Adele. Com certeza era o que a maioria dos pais ou tutores das meninas faria se suspeitasse que um jovem andava «a ver até onde podia ir.»

No entanto, Mrs. Harris mostrava-se calma e não o acusou de nada. Foi quase como se vasculhasse para descobrir o que Adele lhe contara sobre o passado.

Quando, por fim, Adele admitiu que a mãe fora internada num hospício, Michael pensou que era aquele o seu segredo vergonhoso. Só bastante mais tarde surgiram as dúvidas. Porque haveria ela de ter receio de o revelar? Ele tinha uma mãe igualmente louca, portanto não era provável que ficasse horrorizado. Tinha de haver algo mais, e estava determinado a descobrir o que era.

Michael não estava muito interessado em passar as férias da Páscoa com a mãe – ficar com ela mais de um par de dias era sempre uma provação. Mas seria difícil conseguir ficar apenas os três dias em que Adele estava livre, e desaparecer todos os dias. Então, teve de cerrar os dentes e levar a mãe às compras e a visitar velhas amigas, na esperança de que, quando começasse a sair sozinho, ela não levantasse problemas. Felizmente, a mãe não pareceu desconfiada com a necessidade de ele ir a Brighton comprar um livro especial, almoçar com um amigo de Oxford que se encontrava nas imediações, nem com a desculpa de hoje, que era apenas uma longa caminhada nas Downs, as colinas de giz. Talvez estivesse tão entediada com a companhia dele como ele com a dela. Só esperava que ninguém a informasse de que o tinham avistado com Adele, pois isso garantiria uma das crises dela.

A alegria de voltar a estar com Adele e o entusiasmo pela recente admissão na Força Aérea não lhe tinham dado tempo de fazer uma pergunta subtil sobre The Firs. Nos últimos dois dias, fora um pouco aborrecido, a falar sem parar na aviação, e, claro, na forte possibilidade da guerra e no que esta poderia significar para eles. Adele poderia ser transferida para um hospital militar, ou até para um hospital civil de Londres, e ele não fazia ideia de onde ficaria sediado. Mas o tempo começava a apertar e, depois daquele dia, provavelmente só a veria em fins de junho ou julho.

– Anda lá! Conta-me – insistiu ele.

– Tu não queres ouvir falar daquele sítio – disse ela depreciativamente. – Não é interessante, e não fiquei lá muito tempo.

– É interessante porque fugiste de lá – insistiu ele. – Porquê?

– Já te disse. Queria descobrir se tinha avós. Só que demorei mais a chegar do que imaginava. Agora, dá-me um beijo e diz-me que me amas.

Ela deitou-se de costas e estendeu os braços. Michael olhou para ela e sorriu perante a sua beleza. As bochechas cor-de-rosa do sol, cabelos ao vento e os olhos quase da cor do âmbar. A maioria das raparigas daquele tempo parecia escolher o tipo de beleza deslumbrante e artificial, inspirada em Hollywood. Encaracolavam o cabelo, modelavam as sobrancelhas para lhes dar um olhar de

surpresa permanente e, muitas vezes, usavam tanta maquilhagem que pareciam bastante mais velhas do que eram. Mas Adele usava o cabelo solto quando não estava de serviço, e este saltava e brilhava, convidando ao toque de Michael. Ela não punha pó de arroz no nariz nem se esforçava para mudar a forma do corpo com espartilhos. Era tão natural e graciosa como um cisne. E ele sabia que a amaria até morrer.

– Amas-me? – perguntou ele, apoiando-se nas mãos, uma de cada lado dela, e descendo o rosto para perto do dela.

– Claro que amo. – Adele riu-se, a abanar as longas pestanas.

– Então diz – disse ele.

– Amo-te, Michael – disse ela baixinho, parecendo um pouco envergonhada.

– Confias muito em mim?

Ela franziu o sobrolho.

– Se te confio a própria vida? Serve?

– Então, podes com certeza contar-me o que aconteceu em The Firs.

– Não aconteceu nada. Simplesmente não gostei.

– Estás a mentir-me – disse ele, firme. – Vá, diz-me a verdade. Se não o fizeres, ficará entre nós a vida inteira.

Ele conseguia ler-lhe nos olhos os processos de pensamento. Um olhar que dizia que queria revelá-lo, mas não se atrevia. Depois, uma pequena contração dos olhos enquanto tentava pensar em algo plausível para o enganar.

– Revi tudo o que aconteceu naquele dia de janeiro, no pântano – disse ele. – Tentei pensar no que foi que te perturbou tão de repente. Depois lembrei-me. Toquei-te no peito. – Os olhos de Adele mostraram-se então assustados e, de súbito, Michael percebeu que estavam certas as ideias perturbadoras que de noite se lhe vinham insinuando. Durante o dia, conseguia dispersá-las; ela era, afinal, muito terra a terra, falava sobre as funções corporais sem constrangimento, não ficava nervosa nem tímida. No entanto, parava sempre que os beijos se tornavam muito apaixonados. Não encostava o corpo ao dele, como as outras raparigas com que ele saíra. – Fez-te lembrar um homem que te magoou em The Firs, não foi? – perguntou ele. Sentia as lágrimas a brotarem-lhe nos olhos, pois não conseguia suportar o pensamento.

– Sim – ofegou ela. – Mas não me perguntes mais nada.

Michael deitou-se ao lado dela e puxou-a para os braços, com a cabeça no ombro.

– Não te vou pedir mais nada – disse ele com suavidade. – Vais só contar-me o que aconteceu.

– Não consigo – disse ela. Ele sentiu-a estremecer quando começou a chorar.

– Quero casar contigo, Adele. Quero que fiquemos juntos para sempre e tenhamos filhos. Como podemos fazê-lo se existe entre nós o fantasma de alguém mau?

Ele esperou alguns momentos antes de continuar.

– A tua avó sabe, não sabe? Deves ter-lhe contado quando chegaste. Na altura, ela era uma estranha para ti. Eu não sou, já nos conhecemos há cinco anos. Não és só o meu amor, és também a minha melhor amiga.

– Foi o encarregado – exclamou ela de repente, tapando o rosto com as mãos. – Pensei que ele era maravilhoso, por ter um interesse especial por mim. Nunca ninguém tinha sido assim comigo.

Adele desabafou tudo numa torrente rápida, mas continuou com as mãos sobre o rosto. Michael não a interrompeu, deixou fluir. Quando terminou, Adele chorou incessantemente enquanto ele a abraçava.

Michael estava profundamente chocado. Não conseguia imaginar como um homem poderia fazer algo assim a uma criança ao seu cuidado. Mas batia certo com muitos aspetos da personalidade de Adele. Quando a conhecera, achara curioso que não parecesse ter mais amigos, sendo tão simpática. Também a achara muito madura para a idade, mas era uma maturidade misturada com uns modos não-te-chegues-muito.

Olhando para trás, Michael tinha a certeza de que a amava desde o princípio, pois ela estava sempre no seu pensamento; mas aqueles modos dela, a falta de experiência com raparigas da parte dele, e, claro, as circunstâncias dele haviam impedido algo mais que amizade. No entanto, envergonhava-o pensar que tinha ido para o continente, e depois para Oxford, divertir-se sem preocupação, a pilotar aviões, a beber com os amigos, até a sair com outras raparigas, enquanto a amiga tinha aquele segredo trancado dentro dela. Deixou-a tomar conta da sua mãe, o que não só a sujeitou a mais maus-tratos, como a impediu de se divertir e ter uma vida própria. E agora, ao agir como um psiquiatra amador, podia tê-la magoado ainda mais.

– Piorei as coisas? – sussurrou-lhe ele, sentindo-se totalmente impotente ao vê-la tão perturbada.

Ela deu um soluço.

– Pensei que já o tinha posto para trás das costas. Nunca pensava nisto.

– Mas voltou quando te toquei? – sussurrou ele, com as lágrimas a escorrer-lhe pelas faces. – Lamento muito, querida.

– Não te desculpes – respondeu ela numa voz débil. – Não podias saber, nem eu. Apanhou-me de surpresa e não soube como lidar com isso. – Adele sentou-se, limpou o nariz e secou as lágrimas. Virou-se para ele e tentou sorrir. – Aposto que agora preferias não me ter importunado para te contar.

– Sim. Não, na verdade não sei – disse ele com tristeza. – Tenho de acreditar que é melhor não haver segredos entre nós, mas terei receio de voltar a tocar-te.

– Não deves ter – disse ela, pegando-lhe na mão e beijando-lhe os dedos. – Agora é tudo diferente, da outra vez apanhou-me de surpresa. Já passou, acabou.

*

Sentaram-se lado a lado, de mãos dadas, durante algum tempo. Estava um dia tão límpido que conseguiam ver quilómetros uma manta de retalhos de campos. Atrás deles, debaixo do penhasco, ouviam o mar a bater nas rochas. As gaivotas andavam em voltas e grasnavam no céu. O sol quente batia-lhes na cabeça e a brisa suave no rosto. Enquanto ali permaneciam sentados, em silêncio, Michael sentia Adele feliz por finalmente ter sido capaz de lhe contar.

– Tu és maravilhoso, Michael – disse ela de repente, levantando uma mão e passando-lha pela face. – Tão paciente, tão compreensivo. Se eu soubesse que seria tão bom desabafar, já o teria feito há muito tempo.

Michael sentiu uma comoção profunda.

– Há uma hora certa para tudo. Provavelmente, eu não teria compreendido se me tivesses contado antes. Amar-te fez-me entender melhor muitas coisas, até os meus pais.

Adele assentiu.

– Agora percebo melhor porque é que os meus avós deixaram tudo e foram viver para os pântanos. Costumava olhar para as coisas bonitas da avó e imaginar como era a antiga casa deles em Tunbridge Wells. Até me senti aborrecida por ela já não viver assim. Mas agora não penso o mesmo. A forma como a avó é, às vezes, diz-me que ela e o Frank tinham o tipo de amor que a maior parte de nós deseja.

– É isso que está mal nos meus pais – disse Michael, pensativo. – Acho que nunca se amaram. A minha mãe era bonita e muito admirada e o meu pai era rico, ambicioso e astuto. Casaram-se porque todos pensavam que faziam um bom par. Acho que nunca pararam para pensar que nada tinham em comum.

No dia anterior, Michael contara a Adele que os pais não tinham resolvido nada. Eram ambos igualmente obstinados. Quando Emily conseguiu provas de

que Myles tinha uma amante, em vez de se divorciar, insistiu para que ele viesse a Winchelsea todos os fins de semana, de forma a fingir perante os amigos que o casamento estava bem.

Myles alinhou na farsa porque tinha medo que Emily fizesse um escândalo que pusesse em risco a sua carreira jurídica. Michael perdeu a esperança neles fartou-se de estar encurralado no meio dos dois.

Adele sabia que haveria um tumulto quando os Bailey descobrissem que ela e Michael não só continuavam a encontrar-se, como planeavam um futuro juntos. Os pais estavam unidos pelo menos na ideia de que ela não era boa o suficiente para o filho. Mas Michael não parecia preocupado.

– Falavas a sério quando disseste que querias casar comigo? – perguntou ela.

– Claro – disse ele, parecendo surpreendido por ela pensar que não. – Mas teremos de esperar até terminares a tua formação.

– E poupar algum dinheiro. – Adele riu-se.

– Mas podíamos ficar noivos – disse ele com entusiasmo. – Este verão, quando fizeres dezanove anos.

Adele levantou-se e abriu bem os braços, de alegria. Estavam a apenas vinte ou trinta metros da extremidade da falésia de Beachy Head. O céu azul límpido e sem nuvens, o mar, as falésias brancas e o verde carregado da erva eram tão bonitos que ficou com um nó na garganta.

– Eu podia gritar de felicidade – disse ela.

– Não faças isso – disse Michael, nervoso, ao reparar nuns caminhantes que vinham na sua direção. – Podem pensar que vais saltar do penhasco.

– Se o fizesse, voava – disse ela, e, batendo os braços, correu aos gritos pela relva para longe da extremidade da falésia.

Michael começou também a rir-se, aliviado por ter descoberto a verdade, feliz pelos dias em Oxford estarem a acabar e por, em breve, começar a ganhar a vida a pilotar. Esperou até os caminhantes estarem quase em cima dele, depois levantou-se, com os braços bem abertos, e correu a toda a velocidade para Adele. Esperava que os caminhantes pensassem que eram um par de loucos em fuga.

*

Dois meses depois, em junho, Honour lavou e secou as coisas do lanche, e depois ligou o rádio para ouvir as notícias das seis. Michael trouxera-lhe o rádio a pilhas umas semanas antes. Dissera que uma pessoa que ele conhecia em Oxford ia deitá-lo fora, mas Honour não acreditava, pois parecia demasiado

novo. Mas de onde quer que tivesse vindo, ela adorava-o. As noites voavam a ouvir peças e programas de comédia.

Sentou-se na cadeira e pegou no tricô. Pensou que talvez Michael tivesse razão, quando sugeriu que ela devia também instalar a eletricidade. Candeeiros a petróleo e velas estavam muito bem, mas agora que a sua visão já não era tão nítida, a luz não era suficiente para ler.

As notícias eram muito pesadas, como por aqueles dias pareciam ser sempre. Mais sobre a Alemanha invadir a Áustria e todos os judeus austríacos receberem dos empregadores cartas de despedimento, a concretizar em duas semanas. Na semana anterior, ela e Adele tinham ido juntas ao cinema e viram Adolf Hitler na Pathe News. Honour vira a fotografia dele nos jornais, claro, mas vê-lo em ação num ecrã fê-la perceber a verdadeira ameaça que era. Filmaram-no numa espécie de comício, a gritar e a berrar, a revirar os olhos e a agitar os braços como um louco. Não conseguia perceber porque é que alguém desejaria seguir um homenzinho tão desagradável. E aquela saudação ridícula que todos lhe faziam! Se estivesse na Alemanha, sentir-se-ia tentada a fazer-lhe uma saudação muito mal-educada com dois dedos.

Adele fê-la rir quando chegaram a casa, pondo um pouco de lã preta sob o nariz e andando como um ganso pela sala de estar, a imitá-lo. No entanto, por mais que se rissem deste homem, e por mais que o governo insistisse que Inglaterra não seria arrastada para outra guerra com a Alemanha, Honour não estava convencida.

A última notícia na rádio foi um pouco mais alegre. Abrira um jardim zoológico novo em Regent’s Park, e diziam que era o maior e melhor do mundo. Pensou que gostaria de ir visitá-lo. Talvez ela e Adele pudessem ir de comboio, mais tarde, no verão.

Uma pancada seca na porta da frente apanhou-a de surpresa. Era extremamente raro alguém visitá-la à noite.

Quem diabo será? murmurou ela para si mesma, irritada pela interrupção quando acabava de se pôr confortável.

Abriu a porta e ali se encontrava uma mulher. Parecia uma verdadeira flausina, com um vestido azul vivo muito justo, batom vermelho, cabelo loiro, sapatos de salto muito alto e sem meias nem chapéu.

– Sim? – perguntou Honour, questionando como é que alguém andava a vaguear pelo campo vestido daquela maneira. A mulher esboçou um sorriso afetado, e Honour percebeu que havia nela algo de estranhamente familiar. – Eu conheço-a? – perguntou.

– Devo dizer que sim – respondeu a mulher. – Sou tua filha!

Honour recuou, em choque. Sabia, todavia, que tinha de ser verdade, pois a única pessoa que conhecia com olhos daquele azul era Rose.

– O que estás aqui a fazer? – gaguejou, sentindo-se tonta.

– Vim ver-te, mãe – disse Rose, dando à última palavra um efeito sarcástico.

– Eu não te quero ver a ti – disse Honour depressa, tentando recompor-se. – Perdeste o direito de visitar a minha casa no dia em que roubaste as minhas coisas e desapareceste.

– Pensei que tivesses amolecido quando acolheste a Adele – disse Rose, e entrou, fechando a porta atrás dela, antes que Honour a conseguisse impedir. – Onde está ela?

Honour nunca tinha considerado com seriedade a hipótese de um dia Rose aparecer, e de repente sentia-se assustada. A Rose que fora embora dali há quase vinte anos podia ser provocadora, insensível e desumana, mas era delicada na forma de falar, e bem-educada. Esta Rose era grosseira tanto na voz como no comportamento e, pela primeira vez na vida, Honour sentia-se intimidada.

– Está a trabalhar – respondeu, lançando à filha o tipo de olhar que em tempos a teria feito tremer. – E ainda não amoleci em relação a ti. Não sei como tens o descaramento de vir aqui, depois deste tempo todo.

Rose limitou-se a sorrir, abriu a carteira e tirou um maço de cigarros.

– Está tudo na mesma – disse ela quando acendeu um cigarro e olhou com reflexão em redor. – Tu, a casa e a mobília. É como se o tempo tivesse parado durante quase vinte anos. Pensei que estivesses muito velha e enrugada, mas não estás assim tão mal.

Honour sentia-se aturdida com a insolência.

– Põe-te a mexer – disse ela. – Anda lá, vai. Não te quero aqui.

– Vou quando estiver disposta – disse Rose, exalando o fumo com languidez. – Tenho todo o direito de vir perguntar pela minha filha.

– Não tens – ripostou Honour. Não estava habituada a sentir medo e não sabia como lidar com ele. Mesmo quando lhe vinham bater à porta desempregados desesperados, a pedir algo para comer, nunca perdia a coragem. Pressentia que Rose tinha vindo para causar estragos, pois se o motivo fosse puramente para ver Adele, teria com certeza usado a simpatia em vez da ameaça. Honour pensava que a maioria das pessoas acharia que Rose continuava bastante atraente, tendo em conta que já tinha trinta e sete anos. Estava bem mais cheia do que aos dezassete anos, mas ainda tinha uma boa

figura e uns olhos muito bonitos. Porém, parecia empedernida e agressiva, a pele tinha um tom acinzentado, os dentes estavam baços e até o cabelo loiro havia perdido o brilho sedoso. – Perdeste todos os direitos em relação à Adele quando foste internada num hospício – disse Honour com firmeza. Não ia deixar-se intimidar. – Se eu soubesse que antes disso a maltratavas, tê-la-ia ido buscar e trazia-a comigo. Por isso, não penses nem por um momento que vais voltar à vida dela e desfazer todo o bem que eu fiz.

– Quem falou em voltar à vida dela? Só quero saber dela – ripostou Rose.

– Fugiste do hospício. Para onde foste? – perguntou Honour.

Rose sentou-se no braço do sofá e cruzou as pernas, sacudindo as cinzas do cigarro em direção ao fogão e falhando.

– De volta a Londres, para onde mais? – disse.

Honour arrancou-lhe o cigarro dos dedos e deitou-o ao fogão.

– Como é que viveste?

– Um pouco disto, um pouco daquilo – disse Rose vagamente. – Sobrevivi.

Os pelos de Honour eriçaram-se. Aquilo soou como se tivesse andado a vender-se nas ruas, o que parecia muito possível quando se olhava para ela.

– E o teu marido? O Jim Talbot. Onde está ele?

Rose encolheu os ombros.

– Como hei de saber? Esse pôs-se a andar quando me internaram. Agora fala-me da Adele. Tens uma fotografia dela?

– Não – ripostou Honour. – Está a formar-se para ser enfermeira. É feliz. Por isso, põe-te a caminho e não voltes.

– Ela namora? – perguntou Rose, tão calmamente como se não tivesse ouvido o que Honour disse.

– Tem um jovem, sim – disse Honour num tom formal. – Muito bom rapaz, também. E não te vou dizer onde ela é enfermeira, por isso não te maces a perguntar. A última coisa que ela quereria era que aparecesses para a ver.

– Como é que sabes? – escarneceu Rose. – Aposto que a asfixiaste, como me asfixiaste a mim. As raparigas não gostam disso, sabes?

– Eu não te asfixiei. – A voz de Honour elevou-se, indignada.

– Asfixiaste, sim. Tinha de comer o que tu mandavas, fazer o que dizias, ir para onde querias. Nunca tive escolha em nada. Arrastaste-me de uma boa escola e de uma boa casa para aqui! – Os olhos de Rose dardejaram perigosamente. – «Vamos viver para o campo, vai ser uma grande aventura» – disse ela, imitando Honour a falar de uma forma afetada. – Campo! É um

pântano maldito, com o vento a uivar e nem uma alma num raio de quilómetros. Aventura! Era o inferno. Que tipo de mãe és tu?

– Tu adoravas passar cá as férias – disse Honour defensivamente. – Talvez não tenha sido tudo o que eu e o teu pai esperávamos, mas depois de perdemos a loja não tínhamos alternativa.

– Oh, sim, tínhamos, poderíamos ter ido viver com a avó – retorquiu Rose com um sorriso pretensioso, como se tivesse ganhado alguns pontos. – Eu tinha onze anos, lembra-te, não era um bebé. Ouvia coisas, via coisas, sabia o que se passava. Tu e o pai podem ter sido felizes sem a nossa família e os nossos amigos à volta, mas eu não fui. Porque é que o pai não arranjou um emprego, como os outros?

– Achas mesmo que estás em posição de criticar as ações do teu pai, à luz do que fizeste à Adele? – perguntou Honour. – Ela tinha doze anos quando a irmã morreu e tu culpaste-a por isso. Depois, tentaste matá-la. Quando apareceu à minha porta, estava tão doente que pensei que ia morrer. Pensei que ela ia ficar marcada para o resto da vida depois do que passou. Fizeste-lhe isso, e não conheceste senão amor desde o momento em que nasceste. – Honour parou o tempo suficiente para recuperar o fôlego. – Eu sei qual é a tua jogada, Rose. Estás a tentar sugerir que a tua negligência intencional com a Adele é, de certa forma, culpa minha, e que agora te devo algo. Bem, não vai pegar. Eras a rapariguinha desaforada e egoísta que roubou os pais e fugiu com um homem extravagante. Tive de ouvir o teu pai a chorar por ti quando estava a morrer, e nunca te perdoarei por isso.

– Quando é que ele morreu?

– Em janeiro de 1921 – respondeu-lhe Honour com cólera. – Começou a recuperar o entendimento depois de teres partido. Às vezes, eu desejava que não recuperasse, pois assim não saberia o que fizeste. A guerra quebrou-lhe a mente, mas tu destroçaste-lhe o coração.

Só então Rose deixou cair a postura provocadora e insolente.

– Quando fui embora, tinha intenção de vos mandar dinheiro – disse ela. – Mas nada correu como eu planeei. Não sabes aquilo por que passei.

– Oh, sei, sim – disse Honour. – Fugiste com um homem rico e pensaste que ele casaria contigo. Mas ele debandou assim que soube que vinha um bebé a caminho. Casaste com o Jim Talbot para não acabares na casa de correção. Depois passaste a infância da Adele a fazê-la pagar pelos teus erros. – Sabia, pela expressão de Rose, que tinha razão. – Nesta vida, podes fazer o que

quiseres – disse Honour. – Mas há um inconveniente. Tens de lidar com as consequências. Não podes culpar mais ninguém.

– Diz-me só como está a Adele e eu vou-me embora – disse Rose. – É só isso que quero, mais nada. Ela saiu-se bem na escola?

– Sim, saiu, é uma menina inteligente, tal como tu eras – disse Honour asperamente. – Foi difícil quando saiu da escola, não havia muito trabalho, mas ela arranjou emprego como governanta e agora está há um ano a formar-se em enfermagem. Adora, nasceu para ser enfermeira.

– E como é ela, agora?

– É alta, tem cerca de um metro e setenta e cabelo castanho claro. É linda – disse Honour com algum orgulho. – Não uma beleza como tu eras, mas as pessoas simpatizam com ela. É bondosa e trabalhadora, uma rapariga feliz. E se finalmente queres fazer algo por ela, afasta-te.

Para sua surpresa, Rose não respondeu com nenhum descaramento.

– Vou-me embora – disse ela, levantando-se. – Desculpa se te incomodei.

Honour acenou com a cabeça e abriu a porta. Não confiava em si mesma para falar, nem sequer para perguntar como é que Rose tencionava voltar para Londres.

Rose saiu sem mais uma palavra, os saltos dos sapatos a matraquear nos seixos. Depois de ter fechado a porta da frente, Honour dirigiu-se para a porta das traseiras. Através dos arbustos, conseguia ver a filha a percorrer o caminho. Ela curvou-se um instante para acender um cigarro e depois continuou. Só quando viu que Rose havia chegado ao fim do caminho e à estrada principal é que sentiu que conseguia voltar a respirar.

Tinha as pernas fracas e a tremer, transpirava e o coração batia-lhe com força. Quando fechou a porta das traseiras e a trancou, começou a chorar. Nunca se tinha sentido tão sozinha, nem tão assustada.

CAPÍTULO 15

Ao fim do caminho, junto ao rio, estava estacionado um *Ford* preto. Johnny Galloway apoiava o braço na janela aberta. Rose caminhou até ao carro e entrou para o lugar do passageiro.

– Viste-a? – perguntou Johnny.

– Vi a minha mãe – respondeu ela num tom sombrio. – Mas a Adele, não. Estava a trabalhar.

Johnny Galloway era um vigarista do Sul de Londres. Tinha ar de furão, pequeno e nervoso, com cabelo preto oleado alisado para trás e uma queda para fatos axadrezados vistosos. Tinha também os modos obstinados de um furão; agarrava-se a Rose como uma lapa e era conivente com todos os seus caprichos.

Tinham-se conhecido há três meses no The Grapes, um bar no Soho perto do restaurante onde Rose trabalhava como empregada de mesa. Rose sabia que Johnny era um patife, mas não era diferente da maioria dos homens que frequentavam o The Grapes. Ele era também analfabeto, mas esperto o bastante para esconder as suas atividades criminosas por trás da fachada de alguns negócios legais em Rotherhithe. Na primeira noite, ele encheu-a de bebida até à hora do fecho. Não parava de lhe dizer que era linda e, mais tarde, pagou-lhe o táxi para casa, sem insistir em ir também. Na opinião de Rose, aquilo fazia dele um candidato de primeira qualidade.

Rose nunca hesitara em deitar-se com um homem, se fosse necessário para ele abrir a carteira. Mas bastaram algumas bebidas para perceber que Johnny era diferente da maioria dos homens. Ele era do tipo que atingia a sua máxima generosidade e cuidado durante a caça, portanto Rose fizera-a durar. Combinava encontrar-se com ele e depois deixava-o pendurado. Beijava-o apaixonadamente, e depois dizia-lhe que não podia ir mais longe até estar bem segura dele. Às vezes, em encontros, mal lhe dirigia uma palavra e noutros brilhava como um diamante.

Sabia que o intrigava; outros homens tinham comentado que ela era uma combinação fascinante de senhora e prostituta, com a sua voz elegante, boas

maneiras e sensualidade. Mas, para Johnny, acrescentara outra dimensão à sua personagem: a de uma boa mulher que fora vítima de uma injustiça.

Ao deixar escapar que o marido a internara num hospício para lhe deitar a mão ao dinheiro, Rose evocara a compaixão de Johnny. Quando, a rir, falou da fuga subsequente, retratou-se como astuta e corajosa. Johnny escolheu pensar que os seus problemas de álcool se deviam ao luto por ver morrer uma filha e a outra ser entregue aos cuidados da avó, o que por ela estava bem.

O que Rose não esperava, contudo, era que Johnny tivesse bom coração. Ele imaginava que, se Rose se reunisse com Adele, esqueceria as tristezas do passado. Rose levantou todas as objeções de que se conseguiu lembrar, incluindo que a mãe teria dito muitas mentiras a Adele para que ela a odiasse. Mas Johnny insistiu que, se Rose simplesmente lhe aparecesse à porta, sem qualquer aviso prévio, Adele veria por si mesma o que a avó estava a fazer.

Rose viu-se numa situação complicada. Morria de medo de ver a mãe e não tinha grande vontade de ver Adele, além da curiosidade natural acerca de como ela se saíra. Mas sabia que se não fizesse o que o Johnny sugerira, ele iria achar estranho. Talvez até suspeitasse que estava a mentir-lhe. Não queria perdê-lo. Ele comprava-lhe bons presentes e proporcionava-lhe bons momentos. Portanto, naquela manhã, quando Johnny sugerira uma viagem até Rye, Rose sentira-se incapaz de recuar.

Assim que chegara à casa, poderia, claro, ter virado costas e dito a Johnny que não estava ninguém, mas por alguma razão que desconhecia, sentira-se compelida a ir em frente. Se fora por curiosidade ou apenas por uma vaga esperança de que a mãe ficasse radiante por vê-la, não sabia dizer.

– A tua mãe esteve bem contigo? – perguntou Johnny, acendendo dois cigarros e dando-lhe um.

– Não, foi uma perfeita vaca – retorquiu Rose, tragando profundamente o cigarro, porque ainda tremia da provação. – Nunca ultrapasso o facto de o meu pai me ter deixado o dinheiro, e não a ela. Acho que também não acredita que o Jim fugiu e o levou, depois de me internar. Agora quer afastar-me da Adele por despeito. Parece esquecer-se de que tive de viver num bairro de lata e matar-me a trabalhar só para lhes mandar dinheiro.

Johnny pôs o braço à volta do ombro dela, com o rosto estreito contraído de compaixão.

– Não fiques chateada com isso, amor – disse ele. – Pelo menos tentaste. Quando a tua filha chegar a casa e souber que ‘tiveste lá, vai ficar nas sete quintas.

– Não conto sequer que a velhota lhe diga – disse Rose. – Eu sabia que era estúpido fazer isto. Não te devia ter dado ouvidos.

– Não desistas já – disse ele. – Apanhaste-a desprevenida. A minha velhota moía-me os ouvidos sempre que eu ia a casa, culpava-me por todas as porras que lhe corriam mal na vida, mas ia dormir e no dia a seguir estava impecável. Bem, se passássemos aqui a noite, podias voltar de manhã, depois de ela ter tido tempo para pensar. Aposto que nessa altura ela vai reagir melhor.

Rose pousou a cabeça no ombro de Johnny e obrigou-se a chorar, porque queria o apoio dele pela hostilidade que recebera da mãe. Não era nada que não esperasse, claro, e no fundo apenas confirmava a sua convicção de longa data de que a mulher era totalmente insensível.

Mas não esperava sentir-se confusa.

Antes de entrar pela porta, tinha tudo muito delineado na cabeça. Queria a confirmação de que a sua casa de infância era um casebre, que a criança que nunca amou era impossível de se amar. Que a sua vida teria sido muito pior se nunca tivesse fugido de casa.

Mas a casa não era um casebre. Rudimentar, certamente, sem comodidades modernas, mas era limpa e luminosa, com um charme rústico, flores na mesa e cheiro a polimento e sabão no ar. Trouxera de volta muitas memórias que Rose não desejava. E a mãe devia ter encontrado algo que amar em Adele; por que outra razão a teria protegido tão ferozmente?

– Pronto, pronto – disse Johnny, confortando-a. – Porque não vamos a Hastings arranjar uma residencial para passar a noite? Podíamos ir até ao cais e divertirmo-nos. Hastings é um bom sítio, eu costumava ir lá quando era rapaz.

Rose não queria uma noite de diversão forçada com Johnny em Hastings, e certamente não desejava ter de partilhar uma cama com ele. Mas se insistisse em regressar a Londres naquela noite, ele ficaria desapontado e desconfiado. Parecia melhor fingir que ponderava a possibilidade de ir outra vez ver a mãe no dia seguinte, apesar de não ter intenção de o fazer.

Fungou e secou os olhos com um lenço.

– Não sei se tenho coragem para voltar a tentar – disse ela. – Mas talvez mude de ideias amanhã.

O rosto de Johnny iluminou-se.

– Linda menina! Então, vamos lá para a animação de Hastings?

– Porque não vamos a Winchelsea? – disse ela, apontando para cima da colina. – Acho que conseguimos arranjar um quarto lá no bar. Mas temos de dizer que somos Mr. e Mrs. Galloway!

Ele fez um grande sorriso e os olhos pretos como botões dele quase desapareceram. – Será um prazer, querida – disse ele.

*

Em menos de meia hora, Rose e Johnny sentavam-se no bar do The Bridge Inn, Johnny com uma cerveja e Rose com um grande rum com groselha. Rose não sabia o porquê de ter sugerido pernoitar ali. Talvez fosse um toque de nostalgia, pois sentara-se muitas vezes ali fora com o pai, quando era pequena, ele com uma cerveja e ela com um copo de limonada. Mas, pelo seus padrões, o quarto era luxuoso, todo em chita cor-de-rosa, com uma cama grande e macia. Agora só precisava de engolir umas bebidas para conseguir mostrar algum entusiasmo por partilhá-lo com Johnny. Assim, retocou a maquilhagem, penteou o cabelo e encaminhou-se para o bar.

– Não andes por aí a deixar escapar que sou de cá – avisou-o ela num sussurro enquanto se sentavam com as bebidas. – Não quero que a minha Adele saiba que fiquei aqui com um homem.

– Está bem – disse ele, embora parecesse um pouco desconcertado. – Mas e se alguém te reconhecer?

– Não é provável – disse ela. – Eu era pouco mais que uma criança quando fui embora. Mas se alguém começar a falar connosco, vai atrás do que eu disser.

Contudo, ninguém falou com eles, nem a rapariga corpulenta que, a bambolear-se, veio recolher os copos sujos.

– Devíamos ter ido ter para Hastings – disse Johnny depois da quarta cerveja. O bar era tão sossegado como uma igreja; os idosos sentados num silêncio sociável, os únicos sons o estalido dos dominós numa mesa, a ocasional tosse ou as boas-vindas em voz baixa a um recém-chegado. Até os poucos cães deitados aos pés dos donos eram passivos. – Podíamos ter comido *fish and chips* e ido ao cais. Não conto com muito deste sítio.

Rose também não achava grande coisa o bar, ainda que pitoresco, mas em criança, Winchelsea fora maravilhoso. Consistia em pouco mais do que uma rua, um bar e algumas lojas, mas os edifícios eram antigos e as casas eram todas diferentes, os jardins muito bonitos e podia confiar nas pessoas que lhe falavam.

Lembrava-se de vir fazer recados, e de ficar entusiasmada com a estação dos correios, repleta de artigos desde o chão até ao teto. Era muito escura, mas vendia tudo, desde lã de tricotar, esfregonas e baldes, a doces. Rose conseguia

ficar lá mais de uma hora a contemplar os inúmeros frascos de vidro dos doces, com o seu delicioso conteúdo, antes de finalmente decidir no que havia de gastar o seu cêntimo.

Costumava sonhar que a loja era sua, que pesava os doces na grande balança de latão e os metia em pequenos cones de papel.

Mas também sempre desejara que morassem ali. Poder balançar num portão de jardim e conversar com as pessoas que passavam. A mãe tinha ali uma amiga que costumavam visitar, e aquela casa sempre lhe recordara a da avó, em Tunbridge Wells. Rose já não se lembrava de muito, a não ser que tinha um piano grande e um jardim bonito. Perguntou-se se seria capaz de reconhecê-la ao andar pela rua.

Tanto ela como Johnny ficaram um pouco embriagados e quando Rose deu conta, já tocavam a sineta para fechar. Ao subirem para o quarto, Rose pensou em fingir perder os sentidos, para não ter de ir para a cama com Johnny.

Por sorte, Johnny ficou tão excitado quando ela se deitou ao lado dele na cama que se veio ainda antes mesmo de a penetrar. Depois adormeceu logo e Rose suspirou de alívio.

Estava cansada e embriagada, mas apesar de a cama ser muito confortável, não conseguia adormecer. Era muito silencioso; o único som era o murmúrio suave das cortinas que ondulavam ligeiramente com a brisa que entrava pela janela, trazendo-lhe recordações nítidas das noites de verão em criança. Lembrou-se de que o pai ia sempre ao quarto dela antes de ele e a mãe se deitarem. Aconchegava-a melhor nas cobertas, beijava-lhe a testa e fechava a janela, se estivesse vento ou a chover.

Rose presumiu que o pai tivesse morrido quando lhe levaram ao hospício os papéis da tutoria de Adele, uma vez que só constava o nome de Honour. Na altura, não reagiu, pois só conseguia pensar nele como era quando o vira pela última vez: um desgraçado patético que não cuidava de si mesmo. Ficara satisfeita por lhe ter acabado o sofrimento.

Mas agora, talvez devido às memórias que este lugar evocava e às palavras zangadas que a mãe lhe dirigira horas antes, Rose sentiu uma ponta de remorsos. Visualizava agora o pai como ele era, quando ela e a mãe o viram partir para França na estação de comboios, debruçado para fora da janela do comboio, a sorrir e a lançar-lhes beijos. Nunca fora distante ou severo como os pais das outras meninas. Sempre fora caloroso, vibrante e terno. Um homem inteligente e bondoso que via a vida como algo a desfrutar ao máximo. «As

minhas duas namoradas», dizia ele, ao abraçá-las. Era triste ter passado os últimos anos da vida sem saber onde estava a filha.

*

– O que queres fazer hoje? – disse Johnny na manhã seguinte, ao pequeno-almoço.

A senhoria pusera a mesa no bar e a luz do sol entrava pelas janelas abertas. Johnny parecia satisfeito consigo mesmo – se tivesse cauda, estaria a abaná-la. Claro que tinha havido mais sexo de manhã, e Rose estava demasiado sonolenta para arranjar uma desculpa. No entanto, para sua surpresa, tinha gostado. Johnny afastara-lhe a mente do passado, e a perspetiva de passar o fim de semana com ele começava a parecer bem mais atrativa do que ela esperava.

– Acho que não ganho nada em voltar a casa da minha mãe – disse ela ao juntar o que restava da gema de ovo com um pedaço de torrada. – Em vez disso, vou tentar escrever-lhe. Vamos a Hastings, está um dia bonito e temos de aproveitar ao máximo.

– É assim mesmo – disse Johnny com um sorriso aberto. – Vou mostrar-te o atirador de primeira ordem que sou, no campo de tiro.

– Acho que antes gostaria de dar um pequeno passeio – disse Rose, pensativa. – Tu sabes, olhar para a vila outra vez, ver o que mudou.

– Vai sozinha, então – disse ele. – Eu fico aqui, pago a conta e sento-me ao sol até voltares. Isto é, a não ser que queiras que eu vá.

– Não, prefiro ir sozinha – disse ela. Algo que sempre apreciara em Johnny era que ele pressentia quando ela queria estar sozinha. Não insistira em ir a casa da mãe, como alguns homens fariam. Rose pensava muitas vezes que, se todos os homens compreendessem essa sua necessidade, teria mantido as relações por mais tempo.

Enquanto caminhava pela rua principal, Rose viajou para trás no tempo. As rosas em volta das portas das casas, os gatos refastelados ao sol nos parapeitos das janelas, o vermelho suave das velhas telhas dos beirais e as portas da frente abertas para deixar entrar o ar fresco – tudo como era há anos, quando ela era pequena. Rye sempre parecera um sítio desperto, cheio de pessoas, bulício e sons. Winchelsea era a vizinha sonolenta, e mesmo agora, numa manhã de sábado, passavam apenas algumas pessoas na rua: duas mulheres com cestas de compras a dirigir-se à loja, um idoso de bengala a apanhar ar. Rose ouvia um rádio através de uma janela aberta e o som de crianças a brincar num jardim,

mas era tão sossegado que ouvia também o canto dos pássaros e o zumbido dos insetos.

Reconheceu logo a casa onde costumava ir com a mãe, e o letreiro pintado desbotado de Harrington House lembrou-lhe outras coisas. A senhora que lá morava dava muitas vezes à mãe as roupas que já não serviam à própria filha. Rose lembrava-se de um vestido de veludo azul que adorava. Mas raramente o usava, vivendo nos pântanos.

A única coisa de diferente na pequena vila eram os carros. Imaginava que, quando era criança, existisse algum, mas não se lembrava de os ver. Agora eram vários, incluindo um carro preto elegante mesmo à porta de Harrington House.

Lembrou-se então de que a senhora da casa se chamava Mrs. Whitehouse. A brincar, chamava-lhe sempre Mrs. Red House[1], pelo menos com a mãe, pois os tijolos da casa da senhora eram vermelhos.

Ao atravessar, voltou a subiu a rua para ir comprar cigarros aos correios. Ficou desapontada ao descobrir que já não era o mesmo; ainda tinha frascos de doces nas prateleiras e também lã de tricotar, mas perdera aquele aspeto atafulhado de que Rose se lembrava.

Comprou um maço de *Woodbines* e, em nome dos velhos tempos, um postal de Winchelsea.

– Trouxe o sol consigo – disse a mulher atrás do balcão com um sorriso. – Dizem que ainda vai ficar uns dias.

A mulher tinha mais ou menos a mesma idade que Rose, rechonchuda, com um rosto rosado e alegre e cabelo preto bem puxado para trás. Não tinha sotaque do Sussex, por isso não lhe pareceu que fosse alguém com quem tivesse andado na escola.

– Eu costumava vir aqui em criança – disse Rose. – Está tudo exatamente na mesma.

– Aqui não acontece muito – respondeu a mulher com um ligeiro trejeito, como se recriminasse o lugar. – Eu e o meu marido comprámos esta loja há dez anos, e aposto que sou capaz de lhe contar tudo o que aconteceu desde essa altura. – Ela riu-se com alegria. – Mas a senhora ficaria entediada, pois seria só sobre quem nasceu, casou ou morreu.

Rose sentiu vontade de ficar e ouvir falar de pessoas que conheceu em tempos.

– Morava uma senhora chamada Mrs. Whitehouse em Harrington House. Ainda vive lá? – perguntou.

– Não, ela e o marido morreram há algum tempo – respondeu a lojista. – Agora é a filha deles que mora lá.

Rose percebeu que esta filha devia ser a antiga proprietária do vestido de veludo azul, o que a intrigou.

– Como é ela? – perguntou. – Acho que me lembro de ela ser muito bonita e elegante, mas isso foi há muito tempo.

– Oh, ela ainda é assim. – A mulher sorriu. – Mas é um pouco louca.

– Como? – perguntou Rose.

A lojista apoiou os cotovelos no balcão, com óbvia satisfação por partilhar uns mexericos.

– Todos sabem que se separou do marido, mas ela finge que está tudo bem entre eles. Ele vem cá, da antiga casa deles, passar o fim de semana de vez em quando. Acho que é para não parecer tão mal.

Rose pensou que se pusesse esta mulher a falar, talvez conseguisse fazer perguntas sobre Adele e a mãe.

– Porque é que um casal separado haveria de querer fingir que continua junto? – perguntou.

– Bem, Mr. Bailey é advogado – disse a mulher. Rose sentiu um súbito arrepio ao ouvir aquele nome. – Imagino que ele teme um escândalo – continuou a mulher. – Os homens importantes são assim, foi o que ouvi dizer.

– Como disse que ele se chama? – perguntou Rose. Com certeza, não podia ser o Mr. Bailey que ela conhecia. No entanto, ele era advogado e uma vez disse-lhe que tinha um familiar em Winchelsea.

– Bailey, Myles Bailey – disse a mulher. Depois, ao ver o choque no rosto de Rose, corou. – Oh, Deus. O meu marido está sempre a dizer-me que devo pensar antes de abrir a boca. Conhece-o?

– Não. Não, não conheço – disse Rose a toda a pressa. – Conhecia outro Bailey por aqui. Mas não será da mesma família. Bem, vou andando, tenho uma pessoa à minha espera.

Quando saiu da loja para o sol quente, Rose sentiu-se mal. Correu pela rua até ao bar e sentou-se cá fora no banco, à sombra, a abrir a carteira com as mãos trémulas para encontrar os cigarros.

Bailey era um nome comum, mas Myles não era certamente. Tinha de ser ele, embora soubesse que ele vivia no Hampshire na altura em que o conheceu. Quando Myles lhe disse que tinha um familiar em Winchelsea, Rose presumiu que fosse muito distante. Supunha, porém, que um homem que tencionava

seduzir uma jovem empregada de mesa dificilmente lhe dissesse que eram os sogros, não tendo ainda admitido que era casado.

– Ah, estás aí! – A voz de Johnny vinda da porta do bar fê-la sobressaltar-se. – Viste tudo? – Rose acenou com a cabeça, sentindo-se incapaz de falar. – Estás bem, miúda? – perguntou ele, aproximando-se e olhando para ela. – Estás branca como a cal!

– Sinto-me um pouco enjoada – respondeu. – Deve ter sido o pequeno-almoço frito, depois da bebida de ontem à noite. Podes trazer-me um copo de água?

---

1 *Red House*: casa vermelha. Jogo de palavras com Whitehouse, que significa «casa branca». *(N. da T.)*

CAPÍTULO 16

Honour sorria para si mesma encostada à banca, na copa. Michael e Adele estavam no jardim, sentados numa manta debaixo da macieira. Imaginou que o pequeno embrulho que ele estava a oferecer-lhe continha um anel de noivado.

Era um bom presságio que o sol tivesse voltado a brilhar para o décimo nono aniversário de Adele. Parecia-lhe ter chovido desde a vaga de calor de junho, quando Rose aparecera de repente. Desde então, Honour andava a sentir-se muito em baixo, quase à espera de que a filha aparecesse novamente.

Honour queria ter descortinado porque e como ela tinha aparecido. Devia ter sido de carro, pois o autocarro viera mais cedo e Rose não podia vir a caminhar de Rye com aqueles saltos altos. O que é que ela queria, realmente? Era perdão ou algo mais sinistro?

Se fosse perdão, não se esforçara nada para o conquistar. Talvez estivesse apenas de passagem, no carro de um amigo, e se sentisse compelida a visitá-las. Mas alguém razoável visitaria uma casa onde desconhecia se seria bem-vinda?

Uma vez que não conseguia racionalizar o porquê de a filha a ter visitado, Honour não foi capaz de contar a Adele o sucedido. Mas também não conseguiu esquecer a visita; era como ter na boca um ponto dorido que a língua não parava de tocar.

No entanto, Rose não devia estar seriamente decidida a voltar a ver a filha, senão ter-lhe-ia enviado um postal de aniversário.

Tendo isso em conta, talvez Honour tivesse razão em guardá-lo para si.

O grito de alegria de Adele fez Honour pôr de parte os pensamentos mais sombrios e olhar para o casal no jardim. Pensou que a visão daria uma fotografia maravilhosa; Michael ajoelhado na manta, muito elegante com o novo uniforme da Força Aérea, e Adele tão bonita como uma manhã de maio, com um vestido cor-de-rosa e branco estampado, a arquejar de alegria com o anel que ele lhe punha no dedo.

Honour limpou uma lágrima perdida no rosto com a ponta do avental. O anel de noivado que Frank lhe oferecera era feito de margaridas, pois ele sabia que,

antes de poder comprar um anel verdadeiro, teria de pedir autorização ao pai dela para casar. Naquela tarde, tinham estado numa festa de ténis e fugiram ao acompanhante. Se os tivessem apanhado deitados na erva longa, a beijarem-se, teriam tido sérios problemas.

Honour desejara Frank com uma paixão intensa desde o primeiro beijo; só por falta de oportunidade permaneceu virgem até ao dia do casamento. E percebia que Adele e Michael também se sentiam assim. Notava uma corrente a fluir entre eles, andavam sempre à procura das mãos um do outro, os corpos pareciam balançar juntos quando caminhavam. Ia ser difícil para eles passarem por um noivado longo, mas com a ameaça de guerra a intensificar-se a cada dia, não era sensato casarem-se a correr.

– Avó! – chamou Adele. – Anda ver!

Honour olhou para um pequeno espelho e arranjou o rosto numa expressão de «o que é agora?»

– Estou ocupada – disse ela com uma má disposição fingida enquanto saía pela porta das traseiras.

– Para ver isto, não estás – disse Adele, emocionada, com a voz estridente de excitação. – O Michael pediu-me em casamento e comprou-me um anel.

Era um anel bonito, uma safira única rodeada de pequenos diamantes. Honour viu que devia ter custado uma fortuna. Esteve prestes a dizer que Michael teria sido mais sensato se tivesse guardado o dinheiro num banco para quando casassem, mas a expressão no rosto dele impediu-a.

Michael olhava para a neta dela com tanta ternura e alegria que Honour não podia diminuir o presente.

– É lindo – optou por dizer. – E espero que sejam sempre tão felizes juntos como são agora.

– Então não se opõe? – perguntou Michael, ansioso. – Talvez devesse ter-lhe perguntado primeiro, mas não sabia como.

– Não podia estar mais feliz – disse Honour, sentindo-se um pouco tonta com a vaga de emoções inesperadas. – Serás um bom marido para a minha neta. Eu própria não conseguiria ter escolhido alguém melhor.

Michael tinha pensado em tudo. Até tinha uma garrafa de champanhe no carro, guardada numa caixa de gelo, e um conjunto de flutes de champanhe a sério. Em tempos, Honour teria pensado que aquilo era melífluo de uma maneira duvidosa, mas conhecia este rapaz e achava que ele passara semanas a planear tudo, não para dar nas vistas, mas para fazer Adele sentir-se muito especial.

Beberam o champanhe no jardim. Adele ficou logo muito risonha, pois não estava habituada a beber. Conversaram, despreocupados, sobre a aviação de Michael e a enfermagem de Adele.

– Não quero obscurecer a vossa felicidade – disse Honour um pouco mais tarde –, mas quando vais contar aos teus pais, Michael?

– Amanhã – disse ele, firme. – O meu pai vem passar o fim de semana com o Ralph, a Diana, as caras-metade e os filhos. É a altura ideal. Vou sugerir que, da próxima vez que estiverem todos, a minha mãe convide também a Adele para que ela os possa conhecer formalmente.

Honour sentiu um espasmo de medo, apesar de Michael parecer deveras confiante.

– Que bom para ti, Michael – disse ela.

Mas um olhar de ansiedade varreu o rosto de Adele.

– E se... – disse ela, e depois esmoreceu.

Michael pegou-lhe na mão.

– Não quero saber se desaprovam – disse ele com firmeza. – Eles é que ficam a perder, não eu, se não te acolherem na nossa família. Não terei mais nada que ver com nenhum deles.

Honour admirou-lhe a coragem e disse-o.

– Mas vai com calma – avisou-o. – Os pais demoram algum tempo a aceitar que os filhos já têm idade para escolher o marido ou a mulher. Talvez seja mais sensato deixá-los refletir antes de insistir em convidar a Adele para ir a casa da tua mãe.

– A avó tem razão – concordou Adele. – Não aguento ir lá sem ter a certeza de que eles concordam. Ficaria mais feliz se antes voltasse a estar com a tua mãe.

– A minha mãe vai ficar bem – disse Michael, estendendo a mão para tocar na face de Adele. – Há umas semanas, disse-lhe que te tinha visto.

– Não me contaste! – exclamou Adele, indignada.

Michael sorriu.

– Tu contas-me absolutamente tudo?

Adele sorriu.

– Só deixo de fora as coisas aborrecidas. Isso não é aborrecido. O que é que ela disse?

– Não muito, mas não se irritou, sem dúvida.

– Mas o teu pai não verá as coisas assim. Só se lembrará de que eu era a governanta da tua mãe e fui mal-educada com ele.

– Talvez, mas ele não é inteiramente irracional – insistiu Michael. – Não vivemos nos tempos vitorianos; está também a preparar-se uma guerra e o meu pai é astuto o suficiente para perceber que, se se opuser a mim, eu só fico mais decidido.

*

Durante o jantar de família de sábado à noite, Michael sentia-se muito confiante. Os pais estavam ambos com uma disposição tranquila, o irmão e a irmã pareciam felizes por estar ali com as famílias e Mrs. Salloway, a governanta da mãe, esmerava-se ao fazer uma refeição verdadeiramente deliciosa: tarte de bife e rim, servida com legumes frescos cultivados no jardim.

Tinham passado todos a tarde na praia com as crianças, que jantaram na cozinha e já estavam na cama. As velas acesas na mesa, as pratas reluzentes e a brisa suave e amena que entrava pelas janelas abertas criavam um cenário tranquilo para o anúncio.

Por si, Michael não se incomodava muito se a família se opusesse ao casamento. O facto de ter passado três anos em Oxford e agora misturar-se com homens de todas as classes sociais na Força Aérea tinham-no feito tomar consciência de que poderia arranjar-se muito bem sem a família.

Na verdade, às vezes quase esperava por uma desculpa para se afastar deles, pois estava farto até às pontas dos cabelos dos jogos ridículos dos pais um com o outro. Além disso, achava o snobismo de Ralph e de Diana horrível.

Mas, a bem de Adele, ia dar o seu melhor. Não queria que ela se sentisse inferior ou envergonhada. Ela era muito melhor pessoa do que toda a sua família junta, e o simples pensamento de que eles poderiam olhá-la com sobranceria, como se de certa forma fosse inferior, irritava-o.

Michael olhou em volta da mesa. O pai na cabeceira, a sorver com ruído mais um copo de vinho tinto, como se o excesso de bebida fizesse o fim de semana acabar mais depressa e ele pudesse regressar para ir ver a amante. Ao lado dele, Diana, ainda a brincar com a comida, era uma versão mais nova da mãe na aparência: o mesmo cabelo dourado-avermelhado e olhos azuis, com um vestido de *chiffon* azul que lhe conferia a mesma beleza elegante. Infelizmente, herdara do pai a pomposidade e os modos cáusticos.

O marido, David, sentado ao lado dela, era destituído de encantos – magro de ombros curvados, queixo mole e cabelo ruivo e fino. De todo o modo, não precisara da aparência para atrair Diana – a riqueza da família fizera-o por ele.

Laura, a mulher de Ralph, sentada ao lado de Michael, engordara bastante nos últimos tempos e, com o cabelo loiro arranjado em caracóis soltos, ficava com um ar de querubim. Michael gostava de Laura. Ela era preguiçosa, em especial quando lidava com os filhos, mas apesar disso, boa pessoa. Merecia melhor marido do que o bruto do Ralph. Esta noite estava bonita, de seda verde-pálida.

Ralph, do outro lado de Laura, ia na segunda ou terceira dose de comida, atestando-a como não comesse há uma semana. Também ele engordara bastante, algo que Diana já mencionara. Mas enfim, era ganancioso em todos os sentidos: por dinheiro, comida e atenção.

Depois, finalmente, a mãe à cabeceira da mesa, imaculada como sempre, o cabelo bem puxado para trás e arranjado em dois rolos elegantes no lado da cabeça. Michael pensou que devia ser o penteado mais em voga – ainda que lhe desse ar de telefonista –, pois ela estudava constantemente as revistas de moda. Trazia um vestido lilás com mangas em balão de menina. Michael tinha reparado que, quando o pai a visitava, a mãe vestia sempre algo que lhe desse um ar jovem e vulnerável. Mas pelo menos desta vez deixou o vinho e, talvez por isso, Myles foi bastante agradável com ela o dia todo.

Michael não via Adele a ter nada em comum com qualquer um deles, exceto talvez com Laura.

Mrs. Salloway entrou na sala e começou a levantar os pratos vazios. Michael aprovava esta excelente governanta; era uma cozinheira de primeira, calma e agradável, e lidava muito bem com os humores da mãe.

– A tarte estava maravilhosa, Mrs. Salloway – declarou. Fazia sempre o possível para mostrar o seu apreço por ela, já que nunca ninguém o fazia. – Que mimo temos para a sobremesa?

Mrs. Salloway sorriu e o seu rosto enrugado e franco iluminou-se.

– Fiz uma das minhas sobremesas de verão – respondeu ela. – Espero que esteja tudo bem, as groselhas negras estão quase a acabar.

– Tenho a certeza de que está deliciosa – disse ele.

Quando a governanta desapareceu para a cozinha, Ralph lançou a Michael um olhar de desdém.

– Porque é que dás sempre graxa aos empregados? Eles são pagos pelo que fazem.

– As pessoas precisam de se sentir valorizadas, tanto como de ser pagas – salientou Michael, tentando não deixar transparecer a irritação com a falta de

sensibilidade do irmão. – Se Mrs. Salloway fosse embora, a mãe teria dificuldade em substituí-la.

– É verdade – disse Myles. – Podia ser obrigada a arranjar outra como aquela rapariga horrível dos pântanos.

– Ela não era horrível – reagiu Michael, apavorado por Adele ter surgido de forma inesperada antes de ele fazer o anúncio, como planeado.

– Não, não era, Myles – fez-se ouvir a mãe. – Senti a falta dela, quando se foi embora. Era inteligente, divertida e tinha bom coração. Mrs. Salloway pode ser melhor governanta, mas é muito sombria.

Michael pensou rápido. Embora animado pelo apoio da mãe a Adele, ela poderia mudar de rumo se ele fizesse já o anúncio. No entanto, adiar seria uma traição ao seu amor por Adele.

Respirou fundo.

– Eu tencionava esperar até ao conhaque para vos contar a minha novidade – disse ele, olhando em volta da mesa. – Mas, dadas as circunstâncias, vou dizer-vos agora. Ontem pedi a Adele Talbot em casamento e ela aceitou.

– Quem é a Adele Talbot? – perguntou Diana, com o nariz pontiagudo a estremecer como se tivesse cheirado sangue.

– A rapariga horrível dos pântanos, nada menos – disse Ralph com um bufo de irrisão. – Santo Deus, Michael. Deves estar a gozar connosco!

– Referes-te à antiga criada da mamã? – Diana riu-se. – Claro que não, Michael!

Ele olhou em volta da mesa e viu horror nas caras todas. Até Laura, com quem contava sempre como aliada, parecia não acreditar. A mãe estava em pânico.

– Eu conheci a Adele muito antes de ela vir ajudar a mãe – disse ele, tentando manter a voz firme. – Conheci-a quando tinha dezasseis anos. Na altura, ela era só uma amiga, e todos deviam estar-lhe gratos pela forma como ela cuidou da mãe. Depois de sair daqui, tornou-se enfermeira. Mantive o contacto com ela e a nossa amizade tornou-se amor. É minha noiva e, com ou sem a vossa aprovação, vou casar com ela.

– Mas ela é vulgar – replicou Diana, torcendo a boca com ar de desprezo.

– Eu não lhe chamaria vulgar – disse a mãe, lançando à filha um olhar reprovador. – Diria que ela é muito invulgar. A minha mãe tinha muita consideração pela avó dela, a Honour. Dizia sempre que era o nome mais acertado que a senhora podia ter. – Virou-se para Michael. – Mas lamento, Michael, mesmo sabendo que a Adele não é vulgar nem horrível, não posso

aprovar que te cases com ela. Não tenho nada contra ela, pessoalmente. Mas ela é muito desajustada para um rapaz do teu meio social e com a tua educação.

– Obrigado, mãe – disse Michael com bastante sarcasmo. – Mas o que vocês consideram desajustado não significa nada para mim. Para mim, ajustado significa uma mulher que eu amo, respeito e que tem os mesmos objetivos e ambições. Não partilho objetivos nem ambições com ninguém desta família. Nem vejo amor verdadeiro em volta desta mesa.

– És um pateta, filho – bradou Myles de repente. – Casa-te com uma arrivista dos pântanos e vais arrepender-te. Tens uma boa carreira pela frente, mas ela vai deter-te.

– Como é que ela me vai deter? – perguntou Michael. – É tão culta como eu, fala inglês correto, sabe pegar numa faca e num garfo corretamente. É uma pessoa amável, bondosa e bonita. Não posso afirmar o mesmo sobre nenhum de vocês. Mas não vou discutir mais. Tenciono casar com a Adele, com ou sem a vossa bênção. Se não a aceitam como a mulher que amo, então não tenho mais nada a dizer-vos.

Nessa altura, Mrs. Salloway entrou na sala a transportar uma enorme sobremesa de verão. Claramente não ouvira as vozes levantadas, pois sorria. Michael percebeu que não havia como voltar a sentar-se e comer a sobremesa, por isso dirigiu-se para a porta.

– Onde vais? – gritou a mãe, a levantar-se também da cadeira.

– Para longe de todos – disse ele com rispidez. – Estar com pessoas que de facto se preocupam com a minha felicidade.

Correu para o andar de cima, atirou os pertences para uma mala e pegou no uniforme. Estava no andar de baixo a abrir a porta da frente quando a mãe saiu a correr da sala de jantar.

– Não vás, Michael – suplicou ela, de lágrimas nos olhos. – És tudo o que eu tenho.

– Não sou – disse ele depressa. – Tens mais dois filhos com casamentos infelizes, e também quatro netos.

– Mas sabes que foste sempre o meu filho especial – implorou-lhe ela, a torcer as mãos. – Não aguentaria, se te perdesse.

– Se não me queres perder, então tens de aceitar a Adele – disse ele. – Quando fores capaz, avisa-me.

Depois saiu, com o som do choro da mãe a ecoar-lhe nos ouvidos. Quando Michael arrancou, ela continuava junto à porta aberta.

*

Depois de passar pelo Landgate em direção aos pântanos, Michael reconheceu que não estava em condições de ir a conduzir até Biggin Hill. Tinha bebido dois *gins* tónicos antes do jantar e depois vinho. Embora não estivesse embriagado, de forma alguma, estava perturbado, e seria uma loucura arriscar-se a ter um acidente.

Pensou em ir a Curlew Cottage. Não queria que Adele soubesse o que acontecera, mas ela estava na casa das enfermeiras, em Hastings, e tinha a certeza de que Mrs. Harris seria compreensiva e lhe daria uma cama para passar a noite.

O candeeiro a petróleo ainda brilhava na sala quando Michael parou. Provavelmente, Mrs. Harris estava a ouvir rádio. Esperava não a assustar ao bater à porta tão tarde.

– Sou eu, o Michael – gritou ele ao bater à porta. – Desculpe incomodá-la.

Honour abriu a porta em roupa de dormir.

– A Adele voltou para Hastings hoje de manhã – disse ela, parecendo mais surpreendida do que nervosa.

– Eu sei – respondeu Michael. Depois perguntou se podia entrar.

Enquanto lhe explicava o essencial da sua situação delicada, Michael sentiu-se muito impressionado por Honour Harris ser tão diferente das pessoas da sua família. Permaneceu calma, a ouvir com atenção e sem interromper, sem sequer uma demonstração de sofrimento por a família dele não achar a neta boa o suficiente.

– Lamento muito – concluiu Michael. – Não devia ter de ouvir isto. Tenho vergonha de ser da família deles.

– Não podes fazer nada quanto a isso, assim como a Adele não pode fazer nada quanto à família de onde vem – disse Honour de modo seco. – A reação deles não me surpreende, claro, já a esperava. Atrevo-me a dizer que se eu tivesse ficado em Tunbridge Wells, no tipo de vida que levava, seria igualmente intolerante se a minha filha quisesse casar com um homem fora do nosso meio social. – Honour levantou-se, espicaçou o fogão e pôs a chaleira a ferver. – Claro que podes passar cá a noite, Michael. Podes dormir na cama da Adele. Admiro muito a tua coragem e a tua lealdade para com a minha neta, mas quero que penses bem antes de cortares relações com a tua família.

– Mas podemos formar a nossa própria família – insistiu Michael. – Já a temos a si. Não quero nenhum dos meus familiares com as ideias venenosas e as visões retorcidas deles.

– Podes achar isso agora – disse ela ao pôr o chá no bule. – Mas quando tiveres os teus filhos, talvez penses de forma diferente. Eu não tinha irmãos, mas quando saímos de Tunbridge Wells e viemos para cá, às vezes sentia que tinha privado a Rose do amor e da atenção dos meus pais.

– Está a tentar dizer que acha que eu e a Adele não devemos casar-nos? – perguntou Michael, incrédulo. – Não posso crer que alguém tão forte e decidido se submeta aos preconceitos ridículos da minha família.

– A árvore mais forte é a que pode vergar – disse ela de forma mordaz. – Não estou a dizer que não deves casar com a Adele, mas aconselho prudência e a não cortares relações com a tua família.

– Esperar, é isso que quer dizer? Ter esperança de que eles acabem por concordar?

Honour encolheu os ombros.

– Há muito mais em que pensar do que só nas opiniões dos teus pais. Vem aí a guerra, é quase certo. Tu vais estar mesmo na frente, como piloto. E se morreres e a Adele ficar viúva, talvez até com um filho? Enquanto eu tiver fôlego vou ajudá-la, mas para o ano faço sessenta anos. Posso já não estar cá.

– Então o que sugere? – perguntou ele. – Não tenho coragem de dizer à Adele que eles foram detestáveis. E certamente não vou voltar para casa com o rabo entre as pernas.

– Antes, bebemos um chá – disse Honour com um sorriso, e desapareceu na copa para ir buscar as chávenas e o leite. Depois de ter servido o chá e dado a Michael uma fatia do bolo de aniversário de Adele, sentou-se outra vez e olhou para ele com dureza. – Só tens de dizer à Adele que contaste à tua família as tuas intenções – começou ela. – Podes dizer que não ficaram entusiasmados; ela não espera que fiquem, de qualquer forma. Entretanto, escreve à tua mãe e ao teu pai. Diz que estás triste com a atitude deles e pede-lhes que deem à Adele a oportunidade de mostrar a pessoa especial que é. Também podes fazer o anúncio formal do noivado num jornal, e planear o casamento para quando a Adele terminar a formação em enfermagem. Desta forma, fica bem claro para todos que é ponderado e que estás totalmente empenhado.

– E se mesmo assim eles não concordarem? – perguntou Michael.

– Vocês avançam com o casamento. E terão de se conformar com o facto de eu ser a única convidada da família.

CAPÍTULO 17

Janeiro de 1939

Michael olhou para Adele ao estacionar à porta do Hotel Clarendon em Bayswater. Ela mordia o lábio inferior e olhava para o hotel com ansiedade.

– Porque estás tão assustada? Quero fazer amor contigo, não cortar-te em pedaços – disse ele.

Adele soltou um risinho nervoso. Não tinha medo de Michael. Ele era bondoso, engraçado e, na sua opinião, o oficial da Força Aérea mais bonito de Inglaterra. Adele achava que devia ser a rapariga mais sortuda do mundo, para ser amada por alguém como ele.

Pensou que o hotel também era muito bonito. Tinha escadas de mármore até à porta principal, e grades de ferro preto em frente à zona da cave. Ficava a apenas cinco minutos a pé de Kensington Gardens, numa zona muito agradável de Londres.

– Não tenho medo de ti – disse ela. – Só de as pessoas do hotel não acreditarem que somos casados.

– Os donos dos hotéis não se importam com essas coisas – disse Michael com convicção, inclinando-se para a beijar. – Especialmente em Londres. Muitos dos rapazes do meu esquadrão ficaram aqui, e disseram que o dono está às portas da morte.

Passavam duas semanas do ano novo de 1939. Estavam noivos há seis meses, mas tinham passado pouco desse tempo juntos. Adele estava sempre de serviço quando Michael tinha licença, e muitas das vezes em que conseguiam ter folga juntos, a licença de Michael era cancelada à última da hora. Por vezes, ele vinha de Biggin Hill e ficava até Adele sair do serviço, o que frequentemente significava que tinham apenas umas horas até Adele ter de voltar para a casa das enfermeiras.

Tornara-se tortuoso, e ambos desejavam estar a sós num sítio quente e confortável. Ficarem no carro de Michael, estacionado num caminho rural isolado, era bom durante o verão, mas não tão convidativo nas noites frias de inverno. Não tiveram sequer o Natal juntos, pois Adele estava de serviço. Foi

na Véspera de Natal, quando Michael passou em Hastings só para lhe dar um presente, que ele sugeriu irem passar a noite a um hotel quando, em janeiro, ela tivesse um fim de semana de folga.

Michael disse que não ia tentar pressioná-la a fazer sexo; queria apenas passar mais tempo com ela, longe dos outros. Adele sabia que Michael estava a ser sincero e também que, por muito que sempre tivesse tencionado esperar até ao casamento, não conseguiriam. A cada beijo tornava-se progressivamente mais difícil parar por ali. Adele sabia que, um dia, deixar-se-iam levar e simplesmente aconteceria, quase de certeza sem quaisquer precauções.

Assim, era mais sensato ser previdente, ir para um sítio confortável e privado, onde não teriam de voltar para casa sozinhos depois.

– Estás pronta? – perguntou Michael, afagando-lhe a face com uma mão gelada.

Adele pegou-lhe na mão e beijou-lhe a palma, fazendo-lhe cócegas com a ponta da língua.

– Sim, estou pronta. Se ficarmos aqui mais tempo, transformo-me numa estalactite.

Na receção, Michael assumiu o comando. Falou com o velho curvado e assinou o registo, enquanto Adele ficou bem atrás, a tentar dar ar de quem estava habituada a ficar em hotéis.

A ela parecia-lhe enorme, com um teto extremamente alto. A escadaria imponente que saía da entrada era uma reminiscência das que ela vira em filmes. Mas a decoração era pobre, com a pintura desgastada, verniz lascado e carpetes gastas, e pairava no ar um leve cheiro a mofo e a cozinhados antigos.

– Ficámos mesmo no topo, querida – disse Michael com a voz elegante que usava sempre que tentava ser muito adulto e sofisticado. Pegou nas pequenas malas e foi à frente.

Chegaram ao quarto andar sem fôlego. Adele teve de reprimir as risadas quando uma empregada de quarto desligou o aspirador barulhento para olhar para eles, enquanto Michael se debatia para abrir o quarto 409.

O aposento era deveras escuro, já que a janela era pequena e o teto se inclinava para ela. Tinha uma cama de casal com uma coberta azul escura, uma cómoda e um armário, todos de madeira escura.

– É... – exclamou Adele e depois parou, sem saber exatamente como comentar.

– Deprimente? – sugeriu Michael.

– Não, deprimente não – disse Adele, pensativa. – Talvez *básico* seja uma palavra melhor.

– Pelo menos, tem uma lareira elétrica – disse Michael, ligando o aquecedor de uma barra adaptado a uma velha lareira.

Adele deixou-se ficar, acanhada, enquanto Michael aquecia as mãos junto à lareira. Não tinha pensado em nada senão neste momento, desde que ele lhe telefonara a dizer que reservara o quarto. Planeou meticulosamente o guarda-roupa, o casaco bege novo com a estola de peles que Michael lhe oferecera no Natal, os melhores sapatos de salto alto castanhos e um elegante chapéu de abas largas, que havia comprado a uma das enfermeiras. Durante a viagem de comboio para Charing Cross, transbordara de entusiasmo, a imaginar que tudo seria perfeito, uma espécie de turbilhão de romance e paixão assim que entrassem no quarto.

Mas, em vez disso, sentia-se estranha, como se Michael fosse um desconhecido cortês, e não um homem que ela conhecia de trás para a frente.

Michael anunciara o noivado no *Times*, no final de julho. Tinha dito que o pai se considerava um homem muito liberal e que, quando os familiares e amigos o contactassem, ele não ia querer admitir que não aprovava o casamento, e acabaria por reconsiderar.

Pareceu que assim era quando, pouco depois do anúncio, Mrs. Bailey escreveu a Adele, a convidá-la para lanchar. Embora a frieza do convite sugerisse que ela esperava forçar Adele a concordar em romper com Michael, não foi isso o que aconteceu. Mrs. Bailey foi surpreendentemente agradável, e insistiu que, se Michael tivesse confiado nela antes de fazer o anúncio a toda a família, teria estado preparada.

Não deu a sua bênção, de facto, porque achava que Michael era muito novo para pensar em assentar, especialmente com a ameaça de guerra a pairar sobre eles. Mrs. Bailey salientou também que a Força Aérea não aprovava que os seus pilotos casassem, e o oficial superior de Michael poderia muito bem não dar permissão.

Mas declarou que não se opunha a um noivado longo, pois desejava o que quer que fizesse Michael feliz.

Adele lembrava-se muito bem de como Mrs. Bailey era egocêntrica, e imaginou que ela estivesse preocupada em agarrar-se ao filho porque não se arranjava sem ele, mais do que por querer a felicidade dele. Mas, pelo menos, chegaram a um acordo. Mr. Bailey continuava hostil.

Não escreveu a Michael, não foi vê-lo ao campo, nem lhe telefonou. Michael dizia que não se importava, mas Adele sabia que não era verdade. Ele amava o pai; porquê, Adele não conseguia perceber, pois achava-o detestável, mas era inteligente o bastante para saber que não vira o suficiente para fazer juízos de valor sobre o homem.

*

– Assim está melhor – disse Michael quando o aquecedor começou a aquecer o quarto. – Então, o que vamos fazer?

Adele engoliu em seco. Desejava saber como as mulheres deviam comportar-se em alturas como aquela.

– Não sei – disse ela numa voz débil.

– O que se passa? – perguntou Michael. Aproximou-se dela.

– Também não sei – respondeu ela, inclinando a cabeça. – Sinto-me estranha.

Ele aproximou-se mais e inclinou-lhe o rosto para o dele com um dedo.

– Um caso de nervosismo? – sugeriu, levantando interrogativamente uma sobrancelha escura. – Porque não saímos um pouco? Damos um passeio no parque, almoçamos. – Adele assentiu. Ele abraçou-a com força. – Também me sinto um pouco estranho – admitiu. – Talvez não tenha sido muito boa ideia, afinal.

– Foi boa ideia – insistiu Adele. – Queríamos estar a sós, e ainda queremos.

*

Passava das quatro da tarde e já escurecera quando voltaram para o quarto. Passearam por Kensington Gardens, tomaram umas bebidas, almoçaram em Queensway e depois tiraram uma fotografia num estúdio perto do hotel. As bebidas haviam dissipado os nervos de Adele e estava tanto frio que ela mal podia esperar para voltar para o quarto.

Tinham deixado a lareira acesa quando saíram e agora o quarto estava bem quente. Enquanto Michael fechava as cortinas, Adele tirou o casaco, o chapéu e os sapatos, e lançou-se para a cama e saltou. Quando esta rangeu ameaçadoramente, ela riu-se e sentou-se.

– Achas que estão aqui outras pessoas como nós? – perguntou ela.

Michael desabotoou a túnica e despiu-a.

– Queres dizer incrivelmente inteligentes, com uma aparência fantástica e irremediavelmente apaixonadas?

– Nós somos isso tudo? – perguntou Adele.

– E mais – disse ele, saltando para junto dela na cama. – Aposto que as pessoas que passam por nós na rua se viram para ver melhor.

Adele recostou-se na cama. Estava com o vestido de lã rosa-escuro que a avó lhe tinha feito no Natal em que deixara Harrington House. Já começava a ficar gasto, mas o corte fazia-a parecer tão elegante e bem-feita que Adele achava que nunca conseguiria separar-se dele.

Michael inclinou-se sobre ela e começou a tirar-lhe os ganchos do cabelo.

– O teu cabelo é como as estações do ano – disse, passando os dedos por ele. – Madeixas loiras no verão, um dourado-avermelhado no outono e agora castanho, com pequenos reflexos de ouro. Quando nos casarmos, gostava que o usasses sempre solto.

– É muito comprido e liso para isso – disse ela. – Chega-me ao fundo das costas.

– Tanto melhor – disse ele, levantando um fio até ao nariz e cheirando-o. – Só de imaginá-lo a cair-te sobre os ombros despidos, fico excitado.

Adele riu-se.

– Já ouvi falar de homens que ficam excitados com seios e pernas, mas com cabelo nunca – disse ela.

– É do teu cabelo que me lembro melhor do dia em que nos conhecemos – disse ele. – Estava todo selvagem e emaranhado com o vento. Quando voltei para a escola, pensava constantemente nele.

– Nesse dia, eu devia parecer uma pedinte – disse ela com tom de censura. – Estava com aquelas calças velhas horríveis e uma camisola que tinha sido da minha avó. Não consigo perceber porque é que não continuaste a pedalar.

– Parecias em comunhão completa com o pântano – insistiu ele. – Tão natural como as plantas e os pássaros. Acho que me apaixonei por ti nesse dia. Sabia que ias tornar-te importante na minha vida. Também sentiste o mesmo?

– Acho que sim – respondeu Adele ponderadamente, lembrando-se de como se sentira feliz naquela noite, depois de se despedirem. Conhecer Michael havia sido o ponto em que começara a sentir que, afinal, poderia merecer algo. – Foste o primeiro rapaz com quem realmente falei. Havia algo em ti que dava uma sensação de conforto e bem-estar. Claro que não me atrevi a interpretar mais nada, sendo tu um cavalheiro e isso tudo.

– Gostava que parasses de te ver como uma espécie de subalterna – disse ele com ar de censura, olhando-a nos olhos. – A tua avó é tanto uma senhora como a minha mãe, apesar de esfolar coelhos e vestir roupas de homem. Tu também

és assim, tens algo de quase majestoso em ti. Quem quer que fosse o teu pai, sei que devia ser da classe alta.

– Às vezes, gostava de voltar a ver a minha mãe – disse Adele, pensativa. – Há muitos mistérios que eu gostava de esclarecer, incluindo a identidade do meu pai. Todos os dias, nas enfermarias, vejo famílias a mostrarem os verdadeiros sentimentos quando um deles está doente ou até a morrer. Mas as pessoas não deviam esperar até haver uma crise antes de se perdoarem, ou simplesmente dizerem o que pensam.

– Estás preparada para perdoar a tua mãe? – questionou Michael com prudência. – Ou queres apenas dizer-lhe o que pensas dela?

– Eu poderia estar preparada para a perdoar, se tivesse uma explicação sensata sobre o porquê de ela ser tão má para mim – disse Adele com um ar pensativo. – Certamente não quero passar o resto da vida a sentir amargura em relação a ela, como a avó.

Michael apoiou-se nos cotovelos e olhou para Adele. Sabia que ela não fazia ideia de como era bonita, tanto por dentro como por fora. A pele era de uma cor de pêssego, clara como a de uma criança, os olhos uma mistura extraordinária de verde e castanho, com pestanas escuras, longas e espessas. No entanto, a compaixão dela pelos outros comovia-o ainda mais do que a aparência. Ela compadecia-se de cada um dos pacientes da enfermaria, ouvia-lhes as histórias, tentava ajudar de todas as formas que pudesse. Sabia que muitas vezes, nas horas de folga, Adele visitava os pacientes que não recebiam visitas, e levava-lhes frutas, doces e revistas para ler. Era também a conselheira na casa das enfermeiras – todas se voltavam para ela quando tinham problemas.

– Amo-te, Adele – disse ele, com a voz impaciente de emoção. – Vou amar-te para sempre.

Depois beijou-a e, quando os braços dela o envolveram, o mundo fora do quarto deixou de existir.

Adele contava sentir-se embaraçada ou até assustada quando chegasse o momento de se despirem. Mas, de alguma forma, passou de totalmente vestida a despida entre os lençóis, sem sequer ter consciência de nada, exceto da ânsia dos beijos e da emoção das mãos dele a acariciar-lhe a pele. Era maravilhoso sentir encostado aos seios aquele peito despido que tantas vezes admirara na praia. Ofegou de espanto quando os dedos dele exploraram o seu interior com delicadeza.

Sentia o nervosismo de Michael por poder assustá-la ou magoá-la, por fazer tudo mal; deu por si a murmurar-lhe palavras de encorajamento e a mover-se

contra ele, deliberadamente, para o excitar ainda mais. Sabia que, para si, o verdadeiro teste seria tocar-lhe o pénis pois, se algo fosse evocar os horrores do passado, seria isso. Mas simplesmente aconteceu, da mesma forma suave com que haviam saído as roupas, e o gemido de prazer dele dissolveu o que restava da sua ansiedade.

Algumas das enfermeiras mais mundanas do hospital e até as pacientes debatiam ocasionalmente as relações sexuais, e a queixa mais comum era dos homens que se apressavam a entrar nelas. Mas Michael nem sequer tentou, aparentemente mais absorto em agradar-lhe.

Tinham desligado a luz, mas a lareira continuava acesa, a dourar o teto. Luz suficiente, apenas, para ver a expressão terna de Michael, a vermelhidão dos seus lábios e o brilho ocasional dos dentes brancos. Mas a visão já não era necessária, pois a pele dele parecia cetim debaixo das pontas dos seus dedos, e ela conseguia sentir os pontos onde ele desejava que lhe tocasse. Ouvia e sentia a respiração dele no rosto, ouvia as palavras ternas e sentia o seu amor. Sentia o cheiro do corpo dele, um aroma quente e almiscarado a transpiração, sabonete e aos cigarros que fumara; era tão sedutor que Adele deu por si a lambê-lo e a mordê-lo, a saborear o salgado da pele.

Foi Adele que o guiou para entrar nela. Sentia-se a incendiar e tinha de o possuir. Desajeitado, ele remexeu um pouco enquanto punha o preservativo e, por um instante, ela desviou o olhar, pois de repente o pénis pareceu muito grande e duro, e preparou-se para a dor.

Mas não houve uma verdadeira dor. Houve um breve segundo em que sentiu algo a esticar-se, mas depressa passou, e o prazer de finalmente ser possuída por ele mais do que compensava o desconforto.

– É bom? – sussurrou ele, a boca contra o pescoço dela.

– É maravilhoso – murmurou ela com verdade. – Amo-te, Michael.

– Oh, meu amor – murmurou ele, com a respiração cada vez mais rápida. – É tão bom, tão bonito. Amo-te tanto.

Quando, de repente, ele sussurrou o nome dela e parou de se mexer, Adele sentiu-se como se tivesse sido deixada pendurada num precipício. Mas quando tomou nos braços o corpo quente e palpitante dele, e percebeu que ele estava a chorar contra o seu ombro, percebeu o que tinha acontecido.

– Alguns dos rapazes do campo dizem que voar é melhor do que sexo – sussurrou ele. – Mas eu nunca fiz um voo tão arrebatador como este. – Adele riu-se baixinho. – Para ti também foi bom? – perguntou ele, ansioso, levantando a cabeça para olhar para ela.

Adele só conseguiu acenar com a cabeça, tão cheia de emoção que não encontrava as palavras, e puxou-lhe o rosto para baixo para o beijar novamente.

Mais tarde, levantaram-se, lavaram-se e vestiram-se, e saíram para ir comer e beber. Eram agora nove da noite, tarde de mais para ir ao cinema ou ver um espetáculo, como tinham planeado. Michael levou-a a um restaurante ali perto, de que lhe falara um dos amigos, e comeram sofregamente um enorme grelhado misto, acompanhado por uma garrafa de vinho tinto.

– Quem me dera que pudéssemos casar-nos já – disse ele, de repente. – Daria tudo para poder voltar para ti todas as noites.

Adele pôs a mão sobre a dele na mesa.

– Sabes perfeitamente que não é possível. Eu ficaria desempregada, pois as enfermeiras não podem casar. E a Força Aérea também não gosta de que os pilotos jovens se casem.

– Sim, mas isso não me impede de o ansiar – disse ele com um vago desejo. – Nem sei dizer quando vamos ter outro fim de semana juntos.

Adele sabia, pelo que Michael lhe contava, que nenhum dos jovens aviadores de Biggin Hill refletia sobre o verdadeiro significado da guerra. A paixão deles era voar e entre os voos de treino jogavam futebol, râguebi e críquete, ou amontoavam-se em carros e saíam com estrondo para o bar mais próximo, onde presumivelmente semeavam o caos. Pregavam partidas uns aos outros, tinham rituais de iniciação bizarros para os novos recrutas, e o casamento era desencorajado para fomentar laços estreitos entre os homens da esquadrilha.

Mas ainda que a vida em Biggin Hill fosse sobretudo uma longa rodada de diversão e alegria, onde raramente se lia os jornais e falar de política era tabu, Adele sabia que Michael tinha consciência da realidade da situação difícil de Inglaterra com a Alemanha.

Os civis comuns podiam acreditar que Neville Chamberlain assegurara de facto a «paz para o nosso tempo», mas Michael tinha observado o recente rearmamento em massa do governo, visto as campanhas de recrutamento e a chegada a Biggin Hill dos novos aviões *Hurricane* and *Spitfire*. Podia recitar que estas máquinas voavam a mais de quinhentos quilómetros por hora, e fingir alinhar com a opinião popular de que o papel de um piloto na guerra era patrulhar e lançar bombas, como na última guerra, mas sabia que não era assim.

Recebiam treino em combate aéreo de caças, tinham de aprender a usar armas e a colocar um paraquedas, algo que não se conhecia na guerra anterior.

Adele sabia, tal como ele, que os aviadores estariam no centro da ação e que esta guerra não seria travada nas trincheiras, mas no ar.

Os jovens pilotos mostravam-se indiferentes ao perigo que poderiam pedir-lhes para enfrentar, mas Adele sentia que, por terem feito amor, Michael de repente percebera que não era a desaprovação dos pais que poderia separá-los, mas a morte.

Um arrepio percorreu-lhe a espinha. Recentemente, no hospital, notara-se alguma pressa na formação adicional em feridas e queimaduras para todas as enfermeiras estudantes. Adele sabia que acumulavam reservas de medicamentos, ligaduras e outras provisões e equipamentos. No entanto, até agora tudo parecia um simulacro de incêndio, necessário em caso de emergência, mas bastante improvável. Subitamente, julgou que eram todos imprudentes por estarem tão despreocupados.

– Então temos de aproveitar ao máximo o tempo que passamos juntos – disse ela, forçando-se a parecer alegre e tranquila. – Temos a noite toda e o dia de amanhã. Vamos pensar só nisso.

*

Rose saiu na estação de metro de Temple e durante uns momentos consultou o mapa. Era a primeira semana de fevereiro e a neve que caíra no dia anterior continuava espessa e branca nos telhados dos edifícios e nas árvores. Nas ruas e nos passeios transformara-se em gelo negro e traiçoeiro. Estava um frio de rachar.

Rose vestira-se para estar glamorosa, não quente, e agora arrependia-se, pois os pés transformavam-se em blocos de gelo nos sapatos de salto alto e ela corria o risco de escorregar no gelo. Johnny comprara-lhe o casaco azul com gola de raposa cinzenta no outono, e na altura parecia muito quente. Mas, na verdade, só servia para o tempo ameno, pois o vento passava através dele. Se não tivesse fixado o pequeno chapéu no cabelo com dois alfinetes, este teria voado com a corrente de ar do metro.

Queria também ter apanhado um táxi, mas sobravam-lhe menos de dez xelins até ao fim da semana. No entanto, se hoje tudo corresse bem, poderia nunca mais ter de apanhar um metro.

Caminhando com cuidado, segurando-se aos muros e corrimões, chegou finalmente ao Inner Temple. Não era uma parte de Londres que lhe fosse familiar, e foi uma surpresa descobrir que era como uma toca de coelho de edifícios muito antigos, cada um deles sede de dezenas de advogados.

Rose vira o anúncio do noivado de Adele e Michael Bailey por acaso. Os clientes estavam sempre a deixar jornais no restaurante no Soho onde ela trabalhava, e eles guardavam-nos num monte na arrecadação, para pôr no chão da cozinha depois de se lavar.

Rose levara um maço de jornais para casa, em novembro, para a lareira e, sentada à mesa com eles, pôs-se a ler frases aqui e ali. Quando chegou aos nascimentos, mortes e casamentos num exemplar do *The Times*, veio-lhe à memória a mãe a ler aqueles anúncios – ela dizia sempre que gostava de ver se estava ali alguém conhecido.

Rose leu os nomes ociosamente, mas quando viu o nome Bailey na secção de noivados, olhou com mais atenção. Para seu choque e total estupefação, dizia que Michael Bailey, filho de Myles Bailey, ilustre advogado de Alton, no Hampshire, estava noivo de Adele Talbot de Winchelsea, no Sussex.

Por um instante, Rose pensou que ia ter um ataque cardíaco. Sentiu o coração a bater como um martelo e o suor irrompeu-lhe na testa. Teve de se servir de um copo de conhaque para se acalmar.

Rose pensou várias vezes em Myles Bailey depois da viagem a Winchelsea com Johnny, no verão, mas uma vez superado o choque de, por mero acaso, ele aparecer novamente na sua vida, pensava em tudo aquilo sobretudo com humor. Myles nunca soube exatamente onde Rose vivia – ela fora sempre vaga quanto a isso. Mas quando a mulher foi viver para a casa de Winchelsea, ele ter-se-á lembrado de que a jovem amante vivera nas proximidades. Talvez temesse que Rose tivesse regressado depois de ele a deixar.

Divertia-a imaginá-lo com medo de se deparar com ela quando visitava a mulher, e até considerara escrever-lhe para Harrington House, uma espécie de mensagem críptica, de maneira a ele saber que ela o vigiava. Mas não fez nada – fora tudo há demasiado tempo para querer meter-se com ele.

Contudo, não encontrava nada sequer vagamente divertido no anúncio a preto e branco que tinha em frente a ela. Não podia ignorar que o filho de Myles tencionava casar com a filha dela. Tinha de os impedir.

Eram irmãos!

*

Rose escreveu várias cartas à mãe, a explicar tudo e a pedir-lhe para impedir o casamento, mas rasgou-as a todas, porque continuava a lembrar-se da forma desdenhosa como Honour olhara para ela na última visita. A mãe nunca acreditaria que Rose podia estar motivada pela moralidade; vê-lo-ia apenas

como uma espécie de tentativa ignóbil de estragar a oportunidade de Adele fazer um bom casamento.

Rose não conseguia comer nem dormir; tentava freneticamente descobrir a melhor maneira de lidar com o problema, mas, como acontecia sempre que estava perturbada, bebia mais e ficava incapaz de pensar com clareza. Passaram semanas e semanas e Rose não fez nada senão ir trabalhar e depois beber até ao esquecimento todas as noites. Johnny não parava de a aborrecer para tentar descobrir o que se passava e, como ela não lhe dizia, deixou de aparecer. Sem a companhia de Johnny e as suas esmolas de dinheiro e presentes, Rose sentia-se ainda pior e bebia mais. Atrasou-se com a renda, corria o risco de perder o emprego e, pior ainda, sentia-se a resvalar para o mesmo mundo negro em que se afundara depois da morte de Pamela.

Foi então que, no Natal, lhe ocorreu que devia procurar Myles. Ele podia lidar com aquilo, e se lhe provocasse o mesmo tipo de pesadelos que ela andava a ter, era bem feito. Foi à biblioteca procurar na fonte de dados bibliográficos *Who's Who*, e encontrou a morada de casa dele e a do escritório em Londres.

Só quando o viu listado naquele grande livro encadernado a couro se apercebeu verdadeiramente de que agora Myles era um homem muito bem-sucedido e importante. E quando pesou esse facto contra todo o sofrimento que ele a fizera passar, começaram a surgir-lhe na cabeça cifrões, e a questão da moralidade começou a descer a pique.

Assim que decidiu o plano, concentrou-se. Parou de beber no início de janeiro e fez turnos extra no restaurante, para poder pagar a renda em atraso, arranjar o cabelo e comprar roupa nova.

Por fim, marcou uma reunião para hoje ver Myles. Fora essa a parte mais difícil. Deu o nome como Mrs. Fitzsimmons e uma morada falsa em Kensington. Disse à secretária dele que era um assunto extremamente delicado relativo ao património do pai, e que Mr. Bailey lhe fora recomendado por um amigo.

*

Rose encontrou o escritório certo e viu o nome de Myles em letras douradas, entre outros, numa placa dentro do átrio de entrada. Estava dez minutos adiantada, e embora planeasse chegar à hora certa da reunião para diminuir a possibilidade de alguém ter tempo de lhe fazer perguntas inconvenientes, tinha frio de mais para continuar no exterior.

A antiguidade do edifício era ainda mais evidente quando subiu a escadaria de pedra despida. Os degraus eram côncavos e lisos, dos milhões de pés ao longo dos anos, e o cheiro, bafiento, a livros e papéis velhos. No topo, uma porta envidraçada abria para uma zona com cadeiras, uma secretária e, felizmente, uma lareira quente.

Uma mulher de meia-idade com óculos sorriu acolhedoramente a Rose por trás da secretária.

– Mrs. Fitzsimmons – disse Rose. – Tenho uma reunião com Mr. Bailey às quatro.

– Sente-se – disse a mulher, levantando-se. – Vou informar Mr. Bailey de que está aqui.

Rose sentou-se, resistindo ao desejo de descalçar os sapatos e aquecer os pés na lareira. Sentia-se agoniada com os nervos e daria tudo por uma bebida, mas tirou o pó de arroz da carteira, cobriu o nariz e pôs um pouco mais de batom.

Achava que estava bonita. A gola de raposa e o chapéu realçavam a sua tez aveludada, e o pequeno véu que parava nas sobrancelhas chamava a atenção para os olhos. Perguntou-se se Myles a reconheceria logo que a visse.

Tinha acabado de guardar o estojo do pó de arroz quando a rececionista a apanhou de surpresa, dizendo-lhe que Mr. Bailey estava pronto para a receber. Levantou-se, alisou o casaco e seguiu a mulher por um corredor estreito, passando por muitas salas pequenas onde as pessoas trabalhavam tão silenciosamente como numa biblioteca.

A primeira reação de Rose ao ver Myles foi de surpresa, por descobrir que ele não era tão alto, bonito e atraente como a imagem que guardava na memória. Era atarracado, flácido e de rosto vermelho, com não mais de um metro e setenta, e a densa juba de cabelo castanho havia desaparecido. Não era careca, mas o cabelo recuara tão para trás que estava quase, e o que restava era cinzento-escuro. No entanto, Rose pensou que, se passassem um pelo outro na rua, o reconheceria pelos olhos. Não tinham mudado e ela guardara memória deles, pois os de Adele eram de um verde-acastanhado semelhante. Tinha sido forçada a viver com essa lembrança constante do homem que a arruinara.

– Mrs. Fitzsimmons! – disse ele com cordialidade, estendendo-lhe a mão sem olhar diretamente para ela. – Entre. Tem um problema com o património do seu falecido pai, segundo creio. – Rose esperava que Myles a reconhecesse de imediato. Tinha imaginado que ele cambalearia para trás, surpreso e chocado, a dizer, ofegante, o nome dela. Como não fez nada daquilo, provando que não guardava memória do rosto da jovem a quem dissera amar, Rose ficou ainda

mais determinada a magoá-lo. Apertou-lhe a mão e sorriu, depois esperou que a rececionista saísse e fechasse a porta atrás dela. A sala era quente e confortável, com uma boa lareira com um resguardo fixo em volta, poltronas de couro de estilo vitoriano e uma secretária de mogno, e as paredes cheias de livros grossos. Na parede havia uma grande fotografia de três crianças, obviamente os filhos, já que o rapaz mais velho era bastante parecido com o jovem Myles que ela guardava na memória. O menino mais novo, à frente na fotografia, devia ser Michael: tinha cerca de seis anos, com cabelo muito escuro e um sorriso irreverente, sem os dentes da frente. Myles sentou-se a seguir a ela e recostou-se na cadeira com um sorriso no rosto rechonchudo e bem alimentado, talvez encantado por a sua nova cliente ser loira e atraente. – Em que posso ajudá-la? – perguntou ele num tom melífluo.

– Podes tentar lembrar-te de mim – disse Rose.

– Já nos conhecemos? – perguntou ele, franzindo o sobrolho.

– Oh, sim – respondeu ela. – O nome Rose diz-te alguma coisa? Ou tenho de te lembrar do hotel The George em Rye?

O sorriso de Myles desapareceu, os olhos arregalaram-se e endireitou-se na cadeira.

– Rose! – exclamou, corando ainda mais. – Meu Deus! Que surpresa! Como estás?

– Bastante bem – respondeu ela com malícia. – Muito melhor agora do que há vinte anos, quando esperava por ti em vão.

– E-e-e-u – gaguejou ele. – Era a única coisa que eu podia fazer. Era muito difícil para mim. E deixei-te uma carta.

– Foste um cobarde traiçoeiro – ripostou ela. – Eu não merecia mais do que uma carta? Se quando nos conhecemos me tivesses falado da tua mulher e dos teus filhos, nunca me teria envolvido contigo.

– Tu sabes porque o fiz – disse ele, parecendo bastante enervado, mas sem medo nenhum.

– Eu era pouco mais do que uma criança – respondeu Rose depressa.

– Olha lá – disse ele, levantando-se da cadeira –, imploraste-me para te trazer comigo para Londres; se bem te lembras, eu era completamente contra a ideia. Só concordei porque tu disseste que o teu pai era violento contigo, e devias ter tentado arranjar um emprego, o que nem sequer fizeste.

– Não vim aqui hoje para remexer nisso – disse Rose com desdém. – O facto indesmentível é que me abandonaste quando eu estava grávida de um filho teu.

– Isso foi há cerca de vinte anos – disse ele, incrédulo. – À luz de todas as outras mentiras que me contaste naquela altura, também não havia razão para eu acreditar nessa. Então, o que te trouxe aqui hoje, Rose? Se não foi para remexer no passado?

– Às vezes o passado pode levantar-se de um salto e dar-te uma bofetada na cara – disse ela. – Foi isso o que levou a esta visita. A nossa filha, a Adele, planeia casar com o teu filho Michael, segundo creio.

Se Rose lhe tivesse atirado um balde de água fria, não lhe teria provocado um choque maior. A boca dele abriu-se, o rosto perdeu a cor, os olhos arregalaram-se e ele agarrou-se à cabeça.

– A Adele é tua filha? – disse ele com uma voz sufocada.

– Nossa filha – corrigiu-o Rose. – Sabes muito bem que eu estava grávida!

– Não acredito nisto – exclamou ele. – É demasiado extraordinário.

– Porquê? Não acreditas que uma rapariga que tem uma avó a viver em Winchelsea Beach possa encontrar-se com o teu filho, que também tinha avós a viver em Winchelsea? Seria extraordinário se não se tivessem conhecido, pois é provável que naquela zona toda morem menos de duzentas pessoas. – Rose parou por um momento, supondo que Myles estivesse a dar voltas à cabeça à procura de algo com que rebater a história dela. – Bem, se quando nos conhecemos me tivesses dito que eras casado e os teus sogros eram Mr. e Mrs. Whitehouse, eu não teria sequer ido dar um passeio contigo. Afinal, a minha mãe, Honour Harris, era amiga da tua sogra.

Ele pousou os cotovelos na secretária e apoiou a cabeça nas mãos.

– Não sei o que dizer – disse, ofegante. – Nunca liguei a Adele a ti. E ela vivia na casa da minha mulher, como criada!

Isto era novidade para Rose. Honour tinha dito que ela trabalhara como governanta, mas não para quem. Claramente, a filha saía ao pai: quando aparecia uma boa oportunidade, agarrava-a. Uma pena, porém, que tivesse agarrado involuntariamente o próprio irmão.

– Meu Deus! O que vou fazer? – ofegou Myles.

Rose sorriu. Imaginava que Myles Bailey, o ilustre advogado, não fizesse tal confissão muitas vezes. A peruca do tribunal estava pousada numa cabeça de imitação no canto. As vestes penduradas na porta. Estava habituado a espremer a verdade aos acusados e às testemunhas, mas não a ser responsabilizado pelas próprias indiscrições.

– Vais ter de dizer ao teu filho que a Adele é irmã dele – disse Rose. – Isto é, se não queres que faça um casamento incestuoso.

– Que provas tens de que a Adele é minha filha? – perguntou ele de repente, e Rose viu os olhos a estreitarem-se com astúcia. – O nome da Adele é Talbot. De onde vem esse nome, se agora és Rose Fitzsimmons?

– Esse nome era apenas um disfarce – disse Rose. – O meu nome de casada é Talbot. Casei-me com o Jim Talbot pouco antes da Adele nascer, só para que ela pudesse ter o nome dele. Mas se pensas que é ele o pai verdadeiro, faz as contas. Levaste-me contigo de Rye em março de 1918, quando eu tinha dezassete anos. Estive contigo até ao dia em que me deixaste em King's Cross, em janeiro do ano seguinte. Eu já estava grávida de três meses, nessa altura. Casei com o Talbot em maio e a Adele nasceu em julho.

– Isso não prova que sou pai dela – respondeu ele.

– Qualquer um que me conheceu naqueles dez meses em que estivemos juntos garante que eu passava os dias à espera que regressasses dos teus «assuntos de negócios». Até disse o teu nome ao médico que vi em King's Cross. Depois, claro, há testes sanguíneos.

Myles permaneceu algum tempo em silêncio, e Rose via uma veia a latejar-lhe de lado na cabeça. Ele transpirava e alargava o colarinho da camisa, como se este estivesse a estrangulá-lo.

– O que queres, Rose? – perguntou ele por fim. – Não acredito que seja só a vontade de garantir que a Adele e o Michael acabam a relação.

Rose decidiu ignorar momentaneamente a pergunta sobre o que queria.

– Tinha esperança de que me dissesses o que achas que devemos fazer para acabar com a relação – disse, inclinando a cabeça de modo provocador. – É evidente que tem de acabar, mas uma forma pode ser menos destrutiva do que outra.

– Eu não falo com o Michael, neste momento – disse ele. – Se eu fosse ter com ele e lhe contasse isto, ele não acreditaria em mim.

Rose deu uma risada quando adivinhou o motivo.

– Então, não gostaste da ideia de o teu filho casar com a minha Adele? Não é boa que chegue para o teu menino de ouro, pois não? Uma rapariga dos pântanos a casar com o filho do ilustre advogado?

Ele fez o obséquio de parecer um pouco envergonhado.

– A tua mulher divorcia-se de ti se isto se souber – disse ela. – Pode também tornar-se público com muita facilidade. O que terão os teus outros filhos a dizer sobre isto? O que vai acontecer à tua posição aqui? – Ela fiz sinal com o polegar em direção à porta. – Incesto é uma palavra muito desagradável. Pelo que sabemos, pode já ter acontecido. E ao Michael, um oficial da Força Aérea.

Foi muito gratificante vê-lo seriamente assustado. Myles tirou um charuto de uma caixa na secretária e acendeu-o com as mãos a tremer.

– Há outra maneira – disse Rose ao vê-lo sugar o charuto com força. – Podes ir ter com a Adele e contar-lhe a verdade. Pedir-lhe que acabe com o Michael e implorar-lhe para não lhe dizer porquê. Assim, só nós os três saberemos.

– Porque não lhe contas tu? – perguntou ele.

– Porque isso significaria voltar à vida dela – respondeu Rose. – Ela foi viver com a minha mãe quando eu estive doente, há muitos anos. Voltar por algo como isto só lhe causaria mais sofrimento.

Myles olhou para ela com perspicácia.

– Não me parece que estejas com estas sugestões para evitar sofrimento a alguém – afirmou ele. – O que queres, de facto?

Rose exasperou-se.

– Nada disto teria acontecido se tivesses sido sincero, para começar – silvou ela. – Deixaste-me desamparada em Londres, com um bebé na barriga. Para evitar dar à luz na casa de correção, tive de casar com um homem de quem nem sequer gostava. Arruinaste-me a vida, e está na hora de pagares por isso.

– A-ha – exclamou Myles, estreitando os olhos. – Já estamos a chegar à verdadeira questão. É dinheiro que queres, não é?

– Sim – disse Rose, com um encolher de ombros. – Quero. Quero mil libras.

– Mil! – exclamou ele.

– Podes pagá-las. – Ela encolheu os ombros. – São só cinquenta libras por cada ano de vida da Adele. Tenho a certeza de que gastaste muito mais do que isso com cada um dos teus outros filhos.

– E se eu recusar?

– Então vou aos jornais com a história sórdida. Tu é que decides. – Rose procurou dentro da carteira e tirou um cartão do restaurante onde trabalhava. Pousou-o na secretária dele com total confiança. – Traz-me o dinheiro aqui na próxima segunda-feira à noite – disse ela. – Já escrevi tudo sobre nós e sobre o nascimento da Adele, e entreguei-o a uma amiga, no caso de me acontecer alguma coisa, ou à Adele.

– E se ela não ficar calada? – perguntou ele.

Rose encolheu os ombros.

– Vais ter de fazer com que para ela valha a pena, não é?

– Se eu concordar, que garantia tenho de que depois não me pedes mais?

– Garantiste-me que me amavas – lembrou-o Rose. – Naqueles tempos, eu era ingénua o bastante para pensar que isso significava que nunca me

abandonarias. Posso ser muitas coisas, mas não sou chantagista. Só estou a pedir o que me é devido por uma vida arruinada. Dá-te por contente por eu não arruinar a tua.

CAPÍTULO 18

Adele, juntamente com um grupo de outras enfermeiras, subia os degraus da casa das enfermeiras pouco depois das seis da tarde. Era dia 15 de fevereiro e as outras raparigas tinham estado a meter-se com ela por causa do postal do dia dos namorados que recebera de Michael no dia anterior.

Ele mesmo o fizera, uma imagem de um avião *Spitfire* com uma pequena fotografia dele no *cockpit*. Numa nuvem à frente do avião, uma imagem igualmente minúscula do rosto de Adele, mas ele pô-la com um traje de anjo.

A minha cabeça anda nas nuvens desde que te conheci, dizia o poema.

O sol brilha e o céu está azul,
És o meu anjo, a mulher dos meus sonhos,
Passo o dia a imaginar planos
De te levar a um lugar espantoso,
Ver-te vestida em renda de noiva.
És minha namorada eternamente.
Quando é que podes vir brincar novamente?

*

Adele achou que era querido e maravilhoso, mas as outras enfermeiras meteram-se com ela, dizendo que esperavam que ele fosse melhor a pilotar aviões do que a escrever poesia.

– Vocês estão todas com ciúmes – Adele riu-se, e ao ver Mr. Doubleday, o zelador, no corredor com um ar severo, estendeu a mão e puxou-lhe o boné para cima dos olhos, a brincar.

– Ora bem, enfermeira Talbot – disse ele, mal-humorado. – Chega de palhaçadas. Está aqui um cavalheiro para falar consigo. Acompanhei-o à sala de estar.

– É o Michael? – perguntou ela avidamente.

– Se o Michael for o rapaz voador, então não é – disse Mr. Doubleday com secura. – E o seu chapéu está torto.

Intrigada, Adele abriu a porta da sala de estar e, para seu choque, encontrava-se lá Myles Bailey.

– Boa noite – disse ela com educação. Porém, percorreu-a um calafrio, pois sabia que ele não viera de tão longe para uma visita social.

– Preciso de falar contigo, Adele – disse ele. – Esta sala tem privacidade ou temos de contar com a entrada de hordas de enfermeiras a qualquer momento?

– Só se usa para as visitas – disse ela. – Duvido que agora entre mais alguém. Foram todas trocar de roupa para ir jantar.

– Ficas muito bem de uniforme – disse ele, olhando-a de cima a baixo de uma maneira que ela achou muito desconcertante. – Como vão os teus estudos?

Adele sentou-se em frente a Myles. Intrigava-a que ele estivesse a ser tão simpático, mas tinha esperança de que fosse por estar a ceder quanto ao casamento com Michael.

– Penso que bem, embora seja difícil estudar para os exames depois de um longo dia ou noite nas enfermarias. Já passaram quase dois anos, só falta mais um para eu ser uma enfermeira licenciada.

Ele pigarreou. Parecia estranho e nervoso.

– Não aconteceu nada ao Michael, pois não? – perguntou ela, alarmada.

– Não, tanto quanto sei ele está bem – respondeu Myles. – Mas eu vim cá para falar sobre vocês. – Soltou um grande suspiro e o coração de Adele animou-se, certa de que ele estava prestes a balbuciar um pedido de desculpas. – Isto é um assunto muito delicado, Adele – disse ele. – Não é algo que eu esperasse que surgisse, e vai ser difícil para mim contar-te. – Agora Adele sentia-se confusa. Myles não parecia debater-se para verbalizar um pedido de desculpas, mas a voz soava suave e hesitante de mais para ele estar enfurecido. Adele desanimou, pois sentiu que o que quer que ele tivesse a dizer não ia agradar-lhe.

– Não podes casar com o Michael – exclamou ele. – Vocês são irmãos.

Adele riu-se.

– Não diga disparates – respondeu.

– Estou a falar a sério – disse ele em tom de censura. – Sabes, parece que sou teu pai, Adele. – Ela só conseguiu olhar fixamente para ele, perplexa. Parecia uma brincadeira, mas o senso comum dizia-lhe que não podia ser. Myles Bailey era um homem muito sério. – Eu tive um... – ele parou e tossiu, com ar de quem desejava que o chão se abrisse e o engolisse. – Em tempos, tive um caso com a tua mãe.

Adele fitou-o, descrente, a pensar que ele tinha enlouquecido.

– Não, Mr. Bailey – consegui ela dizer, por fim. – A minha mãe não vive aqui perto. O senhor não a conhece.

– Conheço, Adele, ou pelo menos conheci, há vinte anos. Conheci a Rose em Rye, quando ela trabalhava no The George. Ela veio comigo para Londres.

Adele estava estupefacta. Uma vez, a avó dissera que achava que Rose tinha fugido com um homem casado, mas como podia ser Mr. Bailey? Um vendedor ambulante, um soldado ou um marinheiro, talvez, mas não um advogado pomposo com cabelo ralo e rosto vermelho!

– Não, não pode ser – insistiu ela. Contudo, uma pequena voz dentro dela dizia-lhe que nenhum homem admitiria tal coisa, a menos que fosse verdade. Veio-lhe à cabeça uma imagem vívida de si mesma na cama com Michael e uma sensação arrepiante percorreu-lhe a espinha. – Isto é uma medida desesperada para tentar separar-nos, não é? – disse ela, indignada. – Como pode fazer uma coisa destas?

– Não, Adele, não é – respondeu Myles. – Podemos ter começado da maneira errada, mas achas mesmo que eu inventaria uma história destas? Sou advogado, pelo amor de Deus!

– E que diferença faz? – silvou ela. – Há dois anos, deu-me uma bofetada na cara e atirou-me para a rua à chuva. Ouso dizer que a maioria das pessoas afirmaria que um advogado também não o faria.

– Agora arrependo-me – disse ele, limpando a testa com um lenço. – Na altura, estava sob muita pressão e, claro, não fazia ideia de quem eras.

De repente, Adele lembrou-se de que a avó tinha ido vê-lo no dia de Natal e voltou com uma referência e dez libras.

– Foi aí que descobriu quem era a minha mãe? – perguntou ela, a voz a levantar-se com raiva. – Sabe que sou sua filha bastarda há dois anos, mas não disse nada, nem quando soube que o Michael continuava a ver-me? Que tipo de homem é o senhor?

– Olha lá, menina – disse ele, no seu modo cáustico mais habitual. – Só descobri isto há alguns dias, quando a Rose apareceu no meu escritório em Londres e me contou.

– Ela foi ter consigo quando me ignorou durante anos? – A voz de Adele subiu ainda mais de tom e ela pôs-se em pé de um salto.

– A Rose entendeu que tinha de fazer alguma coisa, quando leu sobre o noivado – disse ele depressa. – Tinha razão, claro. Não podíamos simplesmente ignorar.

A cabeça de Adele andava à roda. Era um choque grande de mais para interiorizar. Engoliu com força, cerrou os dentes e respirou fundo.

– Como sabemos que ela está a dizer a verdade?

– Eu sabia que ela estava grávida, quando a deixei – admitiu, hesitante. – Não foi muito bonito da minha parte, eu sei, mas tinha boas razões.

De repente, sem mais detalhes, Adele percebeu que Myles dizia a verdade, por mais abominável que fosse. Foi até à janela e olhou para o jardim em baixo. Na sua monotonia de inverno, mostrava-se tão frio e desolado como ela se sentia. Lembrou-se de naquela noite, em Londres, Michael ter dito que tinha a certeza de que o pai dela pertencia à classe alta. O que iria ele dizer quando descobrisse que partilhavam o mesmo pai da «classe alta»?

– Já contou ao Michael? – perguntou Adele. Não se virou para o olhar, pois tinha os olhos cheios de lágrimas.

– Não sou capaz – respondeu ele.

Adele virou-se e viu-lhe os olhos suplicantes. Só então percebeu com repugnância que eram exatamente como os seus.

– Não consegue contar-lhe! – explodiu. – De quem é a culpa? Sua!

– Eu sei – concordou Myles, fazendo um gesto lamentoso com as mãos. – Mas se eu contar ao Michael, começará algo que não vou conseguir parar. Toda a família cairá em desgraça. Por favor, não me peças para fazer mal a tanta gente, Adele.

Ela olhou-o friamente. Tentou muitas vezes imaginar o pai verdadeiro, mas Myles Bailey era o último homem na terra que ela desejaria que o fosse. Era um fanfarrão, um verdadeiro snobe e, sabia ela agora, um mulherengo que abandonava mulheres grávidas.

– Percebo – disse ela, pondo as mãos nas ancas e olhando para ele, furiosa. – Quer que eu simplesmente desapareça da vida do Michael, é isso, não é? A saída mais fácil para si; ninguém precisa de saber além de si, de mim e da minha maldita mãe.

– Se contares a verdade ao Michael, vai destruí-lo – disse Myles. – Eu sei como ele é, é sensível como a mãe, e vai recolher-se nele mesmo. Ele tem uma carreira que ama; não conseguiria voar se soubesse que a rapariga com quem quer casar e fazer amor é irmã dele.

Adele sabia que era verdade. Só de pensar no que tinham feito sentiu-se enjoada, e tinha a certeza de que Michael se sentiria ainda pior.

– Saia daqui – disse ela, apontando para a porta. – Não suporto que estejamos na mesma sala. O senhor e a Rose deviam ter ficado juntos; meu Deus, dariam um casal ideal, com os vossos defeitos e mentiras.

– O que vais fazer? – perguntou ele, alarmado.

– Vou lá acima vomitar – gritou-lhe ela. – Porque acabei de descobrir que nasci dos piores pais do mundo e não posso ficar com o homem que amo. Está satisfeito?

– Não digas ao Michael, por piedade – suplicou Myles.

– Saia – gritou Adele outra vez. – Eu decido sozinha o que vou fazer. Não vai coagir-me.

Tinha de ir, então. A porta era envidraçada e o zelador estava lá fora, a tentar perceber que barulho era aquele.

Myles escapuliu-se como um coelho assustado, deixando Adele ruborizada e pronta a explodir de raiva.

*

Foi uma sorte que Angela, a sua companheira de quarto, tivesse tirado uns dias de folga para ir a casa ver a família, pois Adele não estava com disposição para falar com ninguém, nem para ser vista. Assim que entrou no quarto, fechou a porta e desabou em cima da cama, a soluçar.

Michael era tudo para ela, e se lho tiravam não restava absolutamente nada. Mas era pior do que isso – até as memórias bonitas dele eram agora sujas.

Vomitou vezes sem conta no lavatório, até não sobrar nada além de bílis para sair. Despiu o uniforme, deixando-o amarrotado no chão, e arrastou-se para a cama em roupa interior. Para lá da porta, ouvia as habituais gargalhadas e conversas, enfermeiras a emprestar roupa para sair umas às outras, outras a perguntar se a casa de banho estava livre, e alguém a pedir que fizessem pouco barulho, para poder estudar. Eram suas amigas, raparigas com quem pensava que podia falar sobre tudo, mas não podia contar-lhes isto. Não podia contar a ninguém.

Era uma reminiscência de quando, em criança, ia para a escola com hematomas, das vergastadas que a mãe lhe dava. Também tinha de o esconder, porque era vergonhoso. E depois Mr. Makepeace, também teve de esconder o que ele fizera, e que a mãe fora internada num hospício. Porque é que era sempre ela que tinha de esconder os erros dos outros?

Sabia, porém, que tinha de esconder isto. Não para poupar embaraços a Myles Bailey –, se dependesse dela, ele podia arder no inferno, juntamente com a mãe. Mas escondê-lo-ia de Michael. Era algo com que ele não seria capaz de lidar. Destruí-lo-ia.

Mas o que devia ela fazer? Com certeza não podia estar com Michael cara a cara e mentir-lhe, ele saberia logo que algo se passava. Nem conseguia sequer

falar com ele ao telefone, pois só o som da voz dele a faria ir-se abaixo. No entanto, se simplesmente se escondesse, ele continuaria a aparecer ali e a incomodar. Nunca a libertaria sem uma boa razão.

*

Na manhã seguinte, Adele encaminhou-se para o gabinete da enfermeira-chefe. Tinha sob os olhos as marcas escuras de uma noite sem dormir, ainda se sentia enjoada e sabia que, naquele dia, estava incapaz de trabalhar na enfermaria. Mas vestiu o uniforme, para evitar as perguntas das outras raparigas.

– Entre – a voz da enfermeira-chefe ressoou com a pancada na porta.

Adele entrou e fechou a porta atrás dela. A enfermeira-chefe era uma mulher formidável, com cerca de cinquenta anos, alta e magra, com postura e modos aristocráticos.

– Sim, enfermeira Talbot – disse ela.

– Não posso continuar a trabalhar aqui – proferiu Adele. – Tenho de me ir embora.

A enfermeira-chefe olhou bem para ela.

– Estás grávida? – perguntou.

– Não, não é nada disso – disse Adele. – Por favor, não me faça perguntas, pois não posso responder. Simplesmente, tenho de me ir embora.

– Isto tem algo a ver com o homem que te visitou ontem?

Adele perdeu a esperança. A enfermeira-chefe sabia sempre tudo o que acontecia no hospital e na casa das enfermeiras, mas esperava que não tivessem reparado na visita.

– Sim, mas não posso dizer mais nada – disse ela. – É pessoal.

– Talbot, tens as qualidades de uma excelente enfermeira, e eu sei que adoras o que fazes. Detestaria ver-te deitar tudo fora depois de quase dois anos de formação.

– Não quero deixar a enfermagem – disse Adele. – Só não posso fazê-lo aqui. Seria possível transferir-me para outro hospital?

A enfermeira-chefe franziu o sobrolho e observou Adele por cima dos óculos. – É possível, mas não posso arranjá-lo sem saber a razão que está por trás. Vejo que estás muito perturbada, e não me parece que sejas o tipo de rapariga que se mete em algo criminoso. Confia em mim, Talbot, não sairá desta sala.

Adele sabia que a enfermeira-chefe era uma mulher honrada. Podia ser implacável e muito dura com as enfermeiras que entendia que desiludiam a profissão, mas era justa e muitas vezes surpreendentemente bondosa. Sem a ajuda dela, Adele sabia que não teria hipótese de terminar a formação noutro hospital. Talvez tivesse de lhe dizer a verdade.

– O homem que esteve cá ontem contou-me que é meu pai – disse ela. – Também é pai do Michael, o aviador de quem estou noiva.

Mesmo ao afirmá-lo, Adele ainda não conseguia acreditar que algo assim pudesse acontecer-lhe. Até a enfermeira-chefe parecia estupefacta.

Adele explicou o essencial de como aquilo acontecera, e disse que era claro que tinha de parar de ver Michael. Nesse ponto, começou a chorar e a enfermeira-chefe veio em volta da secretária e afagou-lhe o ombro.

– Compreendo – disse ela. – É uma situação impossível de viver. Imagino que receies que o Michael, como não sabe de nada, continue a vir cá para te ver.

Adele acenou com a cabeça.

– Não posso vê-lo, acabaria por lhe contar e por isso é melhor para todos que eu desapareça.

A enfermeira-chefe voltou a sentar-se à secretária. Durante algum tempo não falou. Parecia absorta em pensamentos.

– Seria muito cruel deixar o jovem sem qualquer explicação – disse ela depois de alguns minutos. – E não concordo com a opinião do pai, de que seria pior para ele saber a verdade. E a tua avó? Também tencionas desaparecer sem lhe dizeres onde estás?

– Tenho de o fazer, por um tempo – disse Adele, torcendo as mãos. – Ela será a primeira pessoa que o Michael vai procurar, quando descobrir que saí daqui.

– Adele, nada disto é culpa tua – disse a enfermeira-chefe. O uso do nome de batismo indicava que estava totalmente solidária. – Choca-me que o pai do Michael te faça sofrer tanto, e àqueles que amas, enquanto ele sai impune.

– Mas magoaria muito mais pessoas se a verdade viesse ao de cima – insistiu Adele. – A mãe do Michael, o irmão e a irmã. E o que diriam as pessoas de mim e da minha mãe? Realmente, é melhor que ninguém saiba. Pensei nisto a noite toda e sei que estou certa.

– Mas a tua avó vai ficar muito preocupada contigo. Não a faças passar por essa agonia – disse a enfermeira-chefe.

– Posso escrever-lhe uma carta – disse Adele, desesperada. – Dizer que pensei melhor sobre o Michael, e que me fui embora até ele ultrapassar isto.

Posso continuar a enviar-lhe bilhetes, para ela saber que estou bem.

– O Michael também vai receber uma carta?

– Sim, claro. Vou dizer que percebi que ele não era a pessoa certa para mim.

A enfermeira-chefe soltou um suspiro profundo e abanou a cabeça, em desespero.

– Parece-me tudo errado – disse ela. – Mas vejo que não seria viável continuares neste hospital, dadas as circunstâncias. Tenho uma boa amiga que é enfermeira-chefe no London Hospital, em Whitechapel. Ela também está desesperada por boas enfermeiras. Posso telefonar-lhe e ver se ela te aceita.

– Oh, obrigada, enfermeira-chefe – disse Adele com gratidão, as lágrimas a descer-lhe as faces. – Mas não vai contar-lhe tudo isto, pois não?

– Claro que não. Somos amigas o suficiente para ela confiar no meu parecer sem explicações. Agora volta para o teu quarto. Vou ver-te mais tarde, depois de falar com ela.

– Preciso de ir hoje – disse Adele, fungando.

A enfermeira-chefe acenou com a cabeça.

– Deixa comigo. Vou pedir a alguém que leve o pequeno-almoço ao teu quarto. Tens de comer, mesmo que não te apeteça.

*

Às três da tarde, nesse mesmo dia, Adele saiu da casa das enfermeiras com a mala e dirigiu-se à estação de Hastings. A enfermeira-chefe arranjou-se com o London Hospital e também prometeu que, se Michael telefonasse ou aparecesse, falaria pessoalmente com ele e diria que Adele fora embora por motivos pessoais. Diriam o mesmo às outras enfermeiras.

Adele tinha escrito a Michael e à avó, e meteu as duas cartas no primeiro marco do correio que encontrou. Foram cartas muito difíceis de escrever – sabia que não podia deixá-los pensar que estava perturbada, mas também não podia parecer indiferente aos sentimentos deles. A Michael só conseguiu dizer que tinha cometido um erro, que percebeu que ele não era a pessoa certa para ela, nem ela para ele. Que ia viver e trabalhar para outra cidade, e que devia esquecê-la.

Disse o mesmo sobre Michael à avó, mas explicou que não podia revelar para onde ia, até ele parar de tentar encontrá-la. Implorou-lhe que não se preocupasse, e disse que lhe enviaria mais cartas para dizer que estava bem. Disse-lhe que a amava, e que todas as suas melhores memórias eram de viver

com ela nos pântanos. Por fim, disse a Honour para não pensar que a história se repetia; ela não era como Rose e contactá-la-ia em breve.

Quando o comboio partiu aos soluços da estação, os olhos de Adele voltaram a encher-se de lágrimas ao lembrar-se da última vez que viajara para Londres. Naquele dia, estava tão feliz e entusiasmada que mal conseguia sentar-se quieta. Mas desta vez não estaria nenhum Michael à espera em Charing Cross, nenhum abraço apaixonado para a cumprimentar, nenhuma palavra de amor. O anel de noivado continuava no fio em volta do pescoço, pois era contra as regras do hospital usar anéis em serviço. Sabia que devia tê-lo devolvido a Michael, mas precisava do pequeno conforto de ele estar ali, quente, junto ao peito.

Ficava feliz por ir para um lugar horrível e sobrelotado como Whitechapel. Acreditava que sem o vento salgado vindo do mar, sem grandes espaços abertos, erva, flores e árvores, poderia esquecer.

Mais tarde, viu um avião no céu. O piloto praticava acrobacias. Deu a volta sobre si mesmo, depois desceu bastante e subiu a pique outra vez. Adele viu o preto e branco debaixo das asas e percebeu que era um *Spitfire*. Podia muito bem ser Michael ou outro piloto do esquadrão, e rezou para que ele a esquecesse rapidamente, e que ficasse a salvo quando a guerra chegasse.

A única oração que disse foi a pedir para ser uma boa enfermeira. Não acreditava que merecesse felicidade, nem mesmo segurança.

CAPÍTULO 19

Setembro de 1939

— Venham ver estes anjinhos a serem evacuados! – exclamou a enfermeira-chefe Wilkins do seu lugar à janela da cirurgia feminina. – Alguns são tão pequeninos.

Adele e Joan Marlin juntaram-se a Wilkins à janela. Viram uma longa fila de crianças, duas a duas, a caminhar pela Whitechapel Road em direção à estação. Cada uma transportava uma pequena mala ou uma trouxa nas mãos, e uma caixa de máscara antigás a tiracolo. Todas traziam uma etiqueta grande presa com um alfinete, talvez marcada com o nome e a idade, e eram orientadas por cerca de meia dúzia de mulheres, provavelmente professoras.

– Pobrezinhos, a deixar as mães – disse Joan, a falhar-lhe a voz. – O nosso Mickey e a Janet também vão hoje. A minha mãe estava péssima, ontem à noite. Não acredita que os outros sejam bons para crianças que não são deles.

– Para alguns, pode ser a melhor coisa que já lhes aconteceu – disse Adele de modo refletido, lembrando-se do que fora para ela ir para a casa da avó. – Ficarão a salvo das bombas e verão uma forma de vida nova; vão descobrir a natureza, os pássaros, as vacas e as ovelhas. E as pessoas sabem ser bondosas com crianças em emergências.

– Não consigo pensar em nada pior do que estar frente a frente com uma vaca – disse Joan com uma fungadela. Joan era uma ruiva sociável de Bow, com sardas no nariz. Filha de um estivador e a mais velha de sete irmãos, tornara-se a melhor amiga de Adele assim que esta chegara a Whitechapel. Adele sabia que sem o sentido de humor irreverente, o coração bondoso e a alegria de Joan, não teria conseguido aguentar a crueldade da vida no East End.

– Parece impossível estarmos prestes a ir para a guerra – disse a enfermeira-chefe Wilkins, a olhar para o céu limpo. – Quer dizer, o sol brilha, todos continuam a trabalhar, a entrar nos autocarros e nos comboios, e até as crianças pensam que vão viver uma grande aventura. Estou sempre à espera de que tudo não passe de um engano, de que daqui a uma semana os vejamos a levar embora aqueles sacos de areia deploráveis, a tirar as cortinas *blackout* e a

arrancar as faixas das janelas. Não consigo acreditar que os nossos homens estão prontos para matar pessoas.

Wilkins gostava muito de questionar o sentido da vida. Tinha vinte e cinco anos, era magra, de cabelo acastanhado e tremendamente banal, mas era uma enfermeira dedicada e profundamente religiosa. Sendo enfermeira-chefe, não tinha de viver na casa das enfermeiras, e há alguns meses levara Adele a jantar a sua casa. Como a sua superior era bem-falante e educada, Adele esperava que a casa fosse agradável. Foi um choque ser levada para uma casa geminada, minúscula e decadente em Bethnal Green. Estava escrupulosamente limpa, mas desprovida de qualquer conforto. Não possuía tapetes no chão, só oleados gastos; não tinha fotografias, decorações, nem sequer um rádio. Uma mesa e cadeiras, um aparador e camas no andar de cima, apenas. E as graças que deram antes de um parco jantar de carne fria e batatas pareceram durar dez minutos. Os pais de Wilkins e as outras duas filhas que ainda viviam em casa eram evangelistas, e não perderam tempo a tentar fazer com que Adele se juntasse a eles naquilo a que Joan, em tom jocoso, chamava de «ladainha sagrada.»

A primeira impressão de Adele acerca do East End foi de completo horror. Não que nunca tivesse visto os efeitos da pobreza e do desemprego, pois em Hastings e Rye também havia zonas que eram quase bairros de lata. Na pior das hipóteses, esperara que fosse como as suas memórias de Euston e King’s Cross.

Mas o East End fazia King’s Cross parecer o paraíso. Rua após rua de casas pequenas e miseráveis, e um olhar de relance através das portas abertas ou das janelas partidas revelava que os habitantes possuíam pouco mais do que ostentavam. Crianças andrajosas, de rosto pálido e macilento brincavam, apáticas, em becos imundos. Mulheres com rosto de aspeto doentio e olhos sem expressão, muitas vezes com um bebé nos braços, esquadrinhavam os bairros miseráveis, quando os mercados fechavam, para conseguirem algo comestível. Adele viu bêbados e prostitutas, velhos soldados sem membros, mendigos e aleijados a dormir onde quer que conseguissem encontrar um pequeno abrigo. E por toda a parte tresandava, uma mistura potente de resíduos humanos e animais, podridão, corpos sujos e cerveja velha.

Dia após dia, no hospital, Adele via os resultados da vida nos bairros degradados. Crianças gravemente subnutridas, mulheres esgotadas da maternidade, feridas hediondas de lutas de bêbados, piolhos, tuberculose,

raquitismo e todo o tipo de queixas provocadas por uma dieta pobre, sobrelotação e falta de higiene básica.

No entanto, depressa percebeu que, por mais carenciadas que estas pessoas fossem, tinham espírito. Ajudavam-se uns aos outros, eram generosos com o pouco que tinham, riam-se da adversidade e eram interessantes, apesar da degradação que os rodeava.

A dor de perder Michael continuava quase tão violenta como quando deixara Hastings. No entanto, Adele achava que não podia entregar-se à autocomiseração, quando tudo à sua volta era tão pobre e necessitado. Era difícil não se rir com pessoas que tão infalivelmente eram otimistas e alegres. Todos sabiam que, quando a guerra começasse, Londres seria o principal alvo das bombas alemãs, mas não havia pânico, nem fugas desesperadas da cidade.

Quando os pensamentos de Michael ameaçavam submergi-la, Adele olhava para o idoso que vendia jornais junto à porta principal do hospital. Estava torcido e curvado do reumatismo, claramente com dores, mas cumprimentava toda a gente com jovialidade e destacava-se quer fizesse chuva ou sol, sempre com um sorriso no rosto.

Adele estava determinada a ser como ele. Ninguém gostava de infelicidades, e ela já sabia que a maioria das pessoas tinha problemas. Portanto, forçava-se a sorrir e falava com as pessoas; descobriu que, por fim, se tornou uma segunda natureza. Se na maioria das noites chorava até adormecer, só ela sabia.

Talvez não tivesse sido tão mau se tivesse sabido como Michael e a avó haviam reagido às cartas que lhes enviara. Imaginou todo o tipo de cenas terríveis, como Michael a não subir depois de um voo picado, propositadamente, ou a avó a entrar no rio e a afogar-se. Continuava a enviar um pequeno postal à avó, todas as semanas, afastando-se sempre uns quilómetros de Whitechapel para o pôr no correio, para que o carimbo não revelasse onde estava. Por ora, tanto quanto sabia, os postais podiam estar a amontoar-se dentro da porta de Curlew Cottage, por ver e por ler.

Mas no seu vigésimo aniversário, em julho, recebeu um postal da avó. Não podia acreditar quando viu a caligrafia bem conhecida. Como diabo é que uma mulher que nunca fora mais longe que Rye descobriu onde ela estava? Honor escreveu, na carta que acompanhava o postal:

Apanhei o autocarro para Hastings, fui ao Buchanan e exigi que a enfermeira-chefe me dissesse para onde tinhas ido. Sempre achei que havia nisto dedo dela.»

Aquela não diz nada a ninguém! Mas acabei por convencê-la de que não queria saber os motivos, só uma morada. Claro que não vou transmiti-la ao Michael, se ele voltar a visitar-me. O pobre rapaz apareceu muitas vezes, nas primeiras semanas; sobrevoava a casa dezenas de vezes e baixava sempre a asa, para eu saber que era ele. Mas não me parece que vá voltar a aparecer. Pode não ter superado o desgosto, e estar tão intrigado como eu, mas tem muita dignidade.

A princípio achei que foste cruel, mas quando chegou a primavera e me lembrei dos momentos especiais que aqui passei contigo, concluí que não há crueldade na tua natureza. Talvez um dia te sintas capaz de me contar. Mas não vou pressionar-te. Tenho muitos segredos que não partilho. E, no fundo do coração, sei que não o fizeste de forma egoísta e que deves ter tido uma boa razão.

Estou muito aliviada por continuares na enfermagem, pois nasceste para isso. Escreve-me, diz-me que a minha neta corajosa e carinhosa está, se não feliz, pelo menos a construir para si uma nova vida.

Quanto a mim, estou bastante bem para uma velha abelhuda de sessenta anos. Agora tenho um cão, um bruto feio a que chamo Towzer. *Alguém o abandonou, mas ele soube a porta certa onde bater e lastimar-se. Porta-se bem, não tenta chegar às galinhas nem aos coelhos e faz-me companhia. Até consegui pô-lo a fazer uns truques, vais vê-los quando voltares para casa.*

Não podemos iludir-nos, não se evitará a guerra. Não vou pedir que mudes para um hospital num sítio mais seguro – uma enfermeira deve estar onde é mais necessária. Mas não corras riscos, minha menina, e continua a mandar cartas. Esta será sempre a tua casa e o teu porto seguro.

Com todo o meu amor,

Avó

*

Adele maravilhou-se com a carta bem-disposta e sem críticas, e também chorou, pois sentia muito a falta da avó e não aguentava pensar no tormento que a devia ter feito passar. Mais importante ainda, a carta deu-lhe uma força renovada. Se uma mulher de sessenta anos, sem uma alma no mundo para quem se virar quando sofria, não só conseguia sobreviver, como mostrar um

amor inabalável, então uma rapariga com a juventude e a boa saúde do seu lado devia ser capaz de pôr aquilo para trás.

*

– Acabaram de pintar uma cruz branca no maldito telhado – informou Joan um pouco mais tarde, naquela manhã, enquanto limpavam as duas camas vazias prontas para novos pacientes. – Não digas à chefe, senão ela pensa que estão a transformar o hospital numa igreja e põe-nos de joelhos em oração.

Adele riu-se. Joan estava sempre a fazer piadas sobre o fervor religioso da enfermeira-chefe Wilkins.

– Esperemos que os pilotos alemães não pensem que é uma pista de descolagem e tentem aterrar! – respondeu ela. No entanto, à medida que as palavras lhe saíam da boca, disparou na mente de Adele uma imagem de Michael. Na última véspera de Natal, quando ele fora à casa das enfermeiras de Hastings, trazia vestido um casaco de aviador forrado com pele de carneiro. Dissera que todos os pilotos os usavam; não só os mantinham quentes, como achavam que ofereciam melhor proteção, caso fossem abatidos por fogo inimigo. Na altura, não significara muito para ela, mas agora significava. Assim que a guerra começasse, Michael andaria pelo céu a tentar abater aviões alemães, mas talvez o apanhassem primeiro.

De repente, sentiu-se mal e teve de correr para a casa de banho. Chegou mesmo a tempo.

– O que se passa? – perguntou Joan por trás dela. – Há um minuto estavas ótima. Queres que chame a enfermeira-chefe?

– Não, não – disse Adele, sem força. – Um minuto e fico bem. Volta para a enfermaria e substitui-me.

Adele recompôs-se e voltou ao trabalho. Sentia Joan a lançar-lhe olhares cortantes de vez em quando, mas com vinte e quatro pacientes na enfermaria, não havia oportunidade para conversar.

Às seis horas, porém, quando o turno da noite entrou ao serviço e Adele e Joan regressaram à casa das enfermeiras, Joan questionou a amiga.

– O que se passou hoje? – perguntou ela.

– Nada – disse Adele. – Acho que foi só algo que comi e não me fez bem.

– Se não te conhecesse, diria que estás grávida – disse Joan.

– Não sejas tola – disse Adele.

– Eu sei que se passa algo – afirmou Joan. – Muitas vezes ficas calada e pensativa. É um tipo, não é? – Adele encolheu os ombros, reservada. – Eu não

sou pateta – disse a Joan. – Foste transferida da costa para cá. Ninguém faz isso sem uma boa razão.

Adele conhecia a outra rapariga o suficiente para saber que ela não desistiria facilmente.

– Muito bem, foi um homem, e falar de aviões deixou-me enjoada porque ele pilota um caça. Mas, por favor, não me perguntes mais nada, vim para cá para esquecê-lo.

– Compreendo – disse Joan. – Mas se um dia quiseres revelar o segredo, estarei pronta, com os ouvidos bem abertos.

Quando as enfermeiras entraram na sala de jantar para a ceia, foram recebidas por uma das assistentes com a notícia de que naquele dia a Alemanha invadira a Polónia. Tinham-no dito no noticiário das seis e o rádio continuava ligado, com as pessoas a discutir o que aquilo significava para Inglaterra.

O tratado de defesa mútua de Inglaterra e da Polónia fora redigido depois de a Alemanha invadir a Checoslováquia seis meses antes, em março, e um mês depois todos os jovens entre os vinte e os vinte e dois anos foram chamados para o serviço ativo. Neville Chamberlain tentaria agora obter de Hitler o compromisso de retirar as tropas da Polónia, mas se tal falhasse, Inglaterra teria a obrigação moral de declarar guerra à Alemanha.

Naquela noite, Adele deitou-se na cama a ouvir as outras enfermeiras dizer boa noite umas às outras, no corredor. Tinha um dos poucos quartos individuais. Era minúsculo, sem espaço para mais do que uma cama estreita, uma cómoda e uma secretária que também funcionava como toucador, mas estava agradecida pela privacidade que lhe proporcionava.

Em Hastings, sempre gostara do barulho e da agitação da casa das enfermeiras. Nunca se importava que as raparigas lhe irrompessem pelo quarto para conversar, pedir coisas emprestadas ou partilhar uma piada. No entanto, aqui achava difícil lidar com isso. Ansiava pelo isolamento e pelo silêncio absoluto. Irritava-se com a insignificância das discussões das outras enfermeiras. Por vezes, até se ressentia das tentativas de se tornarem suas amigas. Joan era a única rapariga para quem tinha paciência.

Naquele noite, porém, o barulho não a incomodava. Sentia-se aliviada pelas vozes das enfermeiras, da mesma forma que gostava de ouvir a avó a raspar o fogão à noite, ou a mexer a cadeira.

Estaria a recuperar?

Para se testar, levantou a mão para o anel de noivado, escondido junto ao peito, e recordou o rosto de Michael no dia em que lho dera. Via-o com toda a

clareza; o cabelo escuro a brilhar ao sol, a forma como a pele em volta dos olhos se enrugava um pouco quando ele sorria e os olhos azuis-escuros a olharem para ela com muita atenção.

Desta vez, não lhe vieram as lágrimas aos olhos. Talvez já as tivesse chorado todas. A tristeza e o anseio pelo que tivera em tempos permanecia. Ainda experimentava pontadas de vergonha por se ter deitado com o irmão. No entanto, sentia-se mais racional quanto ao assunto – afinal, eles não sabiam que eram familiares, e ela tinha feito o que era correto, indo embora quando descobriu.

De repente, percebeu que estava na hora de regressar a casa e rever a avó. Tinha três dias a haver, e no dia seguinte perguntaria à enfermeira-chefe quando poderia usá-los.

*

– Anda, *Towzer* – disse Honour ao desligar o rádio. Era domingo, 3 de setembro, e acabava de ouvir o discurso do primeiro-ministro. A Alemanha ignorara o pedido de retirar as tropas da Polónia e, consequentemente, foi declarada a guerra.

Honour não esperava que a Alemanha recuasse, com o maníaco Adolf Hitler ao leme. Mas esperava e rezava por um milagre.

Naquela manhã, acordou cedo e viu o céu azul, limpo, e uma leve neblina a pairar sobre o rio. Ainda antes de se vestir, foi lá fora e tirou *Misty*, a coelha de Adele, da coelheira, sentando-se no banco para a afagar, como fazia todas as manhãs.

Uma flotilha de cisnes nadava no rio; os gansos selvagens sobrevoavam a zona e os ramos da árvore de sabugueiro caíam com o peso das bagas maduras. Para onde quer que olhasse, via beleza, desde a longa erva ondulante para lá da cerca ao maciço de ásteres com tons intensos de púrpura e malva debaixo da roseira irregular, ainda em flor, como estava desde junho. Pensou que era o tipo de dia em que os milagres podiam acontecer, mas desanimou quando começou a emissão. Devia saber que os milagres não passavam de um mito.

Honour lembrava-se claramente do dia em que começara a guerra anterior. Era 4 de agosto, tinha ela trinta e cinco anos e Rose treze; estavam sentados no jardim a descascar ervilhas para o jantar, quando um menino de bicicleta desceu a toda a pressa o caminho e lhes gritou a notícia. Frank pegou logo na bicicleta e seguiu para Rye. Informou depois que se via uma grande agitação por toda a parte, e todos os jovens queriam alistar-se de imediato.

Frank também estava entusiasmado. Honour, todavia, lembrava-se de primeiro se sentir zangada por ele se comportar como um rapaz da escola, e depois um pouco maldisposta. Talvez fosse uma premonição da catástrofe que estava a caminho.

Nesse dia, teve outra vez o mesmo sentimento, por isso iria a pé até ao porto de Rye com *Towzer*, e pelo caminho apanharia amoras.

– Anda, *Towzer* – chamou, e sorriu quanto ele se aproximou aos saltos. *Towzer* era parte *collie*, a julgar pelo pelo encaracolado preto e branco, mas Honour não fazia ideia de qual seria a outra parte, pois a cabeça era grande, tinha apenas um coto em vez de cauda e as pernas eram muito compridas. Quando o encontrara à porta, quatro meses antes, estava terrivelmente magro, o pelo caía-lhe aos tufos e estava pejado de pulgas. De certa forma, foi muito como quando Adele chegara. Honour teve de persuadi-lo a comer, dar-lhe medicamentos, e, durante algum tempo, achou que ele não iria sobreviver.

Mas sobreviveu, e assim como a chegada de Adele mudara a vida de Honour, a de *Towzer* fizera o mesmo.

Depois do desaparecimento de Adele, Honour sentira-se desamparada. A breve carta de explicação não lhe dizia nada de credível. Não conseguia perceber o porquê de Adele não ter vindo a casa primeiro, confidenciando-lhe o que se passava de verdade. Cada vez que Michael aparecia lá em casa à procura de Adele, Honour ficava ainda mais confusa e perturbada, por causa do evidente sofrimento dele. Às vezes vinha cheio de raiva, outras só chorava, como uma criança. Honour receava que ele acabasse com a própria vida, pois havia desaparecido aquela centelha de vida que sempre fora tão atrativa nele.

Então, de repente, ele deixou de a visitar, e embora Honour dissesse a si mesma que era bom, pois significava que ele estava a aceitar a situação, também significava que ela deixava de ter com quem partilhar o sofrimento e a ansiedade. Começou a desleixar-se. Mal comia, não arrumava nem cuidava do jardim. Por vezes, limitava-se a alimentar as galinhas e os coelhos e rastejava de volta para a cama. Uma voz débil não parava de lhe dizer que estava a escorregar por um caminho duvidoso que a levaria à loucura, mas porque haveria de se importar? Mais ninguém se importava.

Então, ao fim de uma tarde, chovia torrencialmente, ouviu o arranhar na porta e a curiosidade levou a melhor sobre ela. Abriu-a e estava ali um cão, uma coisinha de ar sarnento a inspirar piedade, a fitá-la com olhos suplicantes.

Talvez tivesse ficado um pouco louca, porque sentiu que ele chegara ali por um motivo especial. Deu-lhe restos do guisado de coelho e, como ele não

parecia capaz de o comer, alimentou-o à mão, um pedaço minúsculo de cada vez, e depois fez-lhe uma cama no barracão, pois ele tinha pulgas de mais para ficar dentro de casa.

Na manhã seguinte, ele continuava lá e tentou abanar o coto de cauda quando a viu. Comeu um pouco mais de coelho, depois caiu de novo, como que exausto, e ela ficou cheia de pena.

Demorou muito tempo a pô-lo bom. Às vezes, quando Honour lhe levava comida, ele fitava-a com os grandes olhos tristes, como que a questionar o porquê de ela se preocupar, já que ele queria morrer. Mas todos os dias ela fazia-o comer um pouco mais, tratava dos parasitas, dava-lhe banho e escovava-o.

Foi quando o levou para dentro de casa que ele começou finalmente a comer com entusiasmo. Agora, Honour percebia que se tinham curado um ao outro: ela alimentara-o, ele dera-lhe adoração. Precisavam um do outro.

Se soubesse que um cão era tão boa companhia, teria arranjado um no ano anterior. Ser despertada de manhã com um nariz frio a pressionar-lhe o rosto fazia-a sorrir. Era bom tê-lo a saltar ao lado enquanto apanhava lenha. E à noite, enquanto ouvia rádio, ele deitava-se com o queixo nos seus pés e suspirava de contentamento. Se *Towzer* não a tivesse animado tanto, talvez nunca tivesse arranjado força para ir a Hastings descobrir se a enfermeira-chefe do hospital sabia para onde Adele tinha ido.

*

Não se via ninguém no pântano, apesar de estar um dia muito bonito. Honour imaginava que quase todos em Inglaterra tivessem ouvido a emissão, e que passariam o resto do dia a discutir com os vizinhos, os amigos e a família. Caminhava com dificuldade pela margem de seixos em direção ao mar, a lançar paus para *Towzer* ir buscar, enquanto pensava na neta.

Agora que a guerra chegava, Adele estaria mesmo no centro dos ataques aéreos, pois, supunha Honour, a Alemanha apontaria aos estaleiros de Londres. A ideia da neta em perigo provocou-lhe exatamente o mesmo tipo de pressentimento que tivera quando Frank partira para a guerra. Lembrava-se de estar na praia, a olhar para França e a desejar que a guerra acabasse, para o marido poder voltar para casa. Agora nem conseguia chegar ao mar, devido aos rolos de arame farpado destinados a impedir invasões.

Michael iria para a zona mais intensa do combate. Honour desejou saber como ele estava, e se teria esquecido Adele. De certo modo, duvidava. Poderia

andar na farra com os outros jovens aviadores, mas era um rapaz sensível e decidido, e a angústia que sofrera depois de Adele desaparecer devia tê-lo marcado profundamente.

«Mas porque é que a Adele decidiu de repente que não sou a pessoa certa para ela?» exclamara Michael, a falar com Honour. «Não faz sentido.»

Para Honour fez algum sentido, quando por fim Michael deixou escapar que, pouco antes de ela desaparecer, tinham passado um fim de semana juntos em Londres. Antes, Honour tinha a certeza de que Adele ultrapassara o terrível incidente de The Firs, pois parecia numa felicidade extasiada com Michael. Mas talvez um momento íntimo o tivesse evocado, e depois Adele se achasse incapaz de avançar com o noivado e o casamento, quando fazer amor desenterrava memórias tão horríveis.

Honour sentiu-se compelida a sugeri-lo a Michael. A resposta fê-la chorar.

– Também pensei nisso – disse ele. – Eu não acreditava que fosse essa a razão, porque durante o fim de semana a Adele pareceu tão feliz como eu, mas é a única coisa que faz algum sentido. Mas eu teria continuado a amá-la na mesma, ainda que ela não dormisse mais comigo até ao fim das nossas vidas.

Honour sabia que, por mais irrealista que a ideia fosse, Michael acreditava nisso. O seu amor por Adele era verdadeiro, ele faria tudo por ela. E Honour duvidava que ele voltasse a sentir o mesmo por outra mulher.

*

Por volta das três da tarde, Honour regressava a casa. Caminhara deliberadamente até ao ponto da exaustão, pois, com tanta coisa na cabeça, queria ir para casa e dormir durante horas.

Towzer pareceu perceber que a dona estava perturbada, pois não tinha fugido para perseguir os pássaros, como fazia normalmente, mas manteve-se perto dela, olhando-a de vez em quando com olhos desolados.

Foi o latido dele que a alertou de que vinha alguém na sua direção. Estava demasiado longe para Honour ver quem era, mas parecia acenar-lhe.

Parou onde estava, com as mãos a proteger os olhos do sol para ver melhor. A pessoa corria em direção a ela e, de repente, Honour percebeu que só podia ser Adele.

O coração começou a bater-lhe com força, de alegria. Tentou correr, mas só conseguiu coxear.

– Avó! – ouviu, sobre o barulho dos seixos debaixo dos pés. Nunca um som fora tão melodioso.

Ficou parada nos últimos duzentos metros, a ver Adele chegar. Ela movia-se como um pequeno veado, a saltar sobre os obstáculos, o cabelo a voar atrás, na brisa.

Honour abriu involuntariamente os braços, com lágrimas de alegria a descerem-lhe pelo rosto. Afinal, tinha razão, era um dia para um milagre.

CAPÍTULO 20

1940

— Muito bem, enfermeira Talbot – disse a enfermeira-chefe ao entregar a Adele o certificado, o distintivo e o cinto azul-escuro, que representavam a sua qualificação. – E, por favor, não se ponha com ideias de casar. A Inglaterra precisa de enfermeiras, agora mais do que nunca.

Adele sorriu. Talvez as outras enfermeiras se apaixonassem irrefletidamente por causa da guerra, mas ela não. Podia ter aprendido a viver sem Michael, mas nenhum outro homem que conhecera estivera sequer perto de a fazer esquecê-lo.

A enfermeira-chefe avançou para Joan Marlin, para lhe dar um distintivo, um cinto e uma advertência semelhante sobre o casamento. Mais tarde, as oito enfermeiras que haviam passado os exames finais receberiam os novos vestidos às listas azuis e brancos e o chapéu engomado mais elaborado. Teriam um aumento no vencimento e mudar-se-iam para o segundo piso da casa das enfermeiras, para quartos um pouco maiores. Melhor ainda, já não eram estudantes de enfermagem; eram perfeitamente qualificadas.

Adele lançou a Joan um sorriso aberto. À noite sairiam para comemorar, tomar umas bebidas e depois ir dançar a algum lado. O percurso fora longo, mas haviam conseguido. Adele percebia agora como Michael se sentira ao receber as asas de piloto.

Era dia 12 de maio. Dentro de dois meses, Adele faria vinte e um anos, e até ali a guerra ainda não afetara muito a vida dos civis. Chamavam-lhe a Guerra de Mentira. O açúcar, a manteiga e o *bacon* foram racionados em janeiro, alguns bens começavam a escassear nas lojas e, nas praias, punham-se quilómetros e quilómetros de arame farpado e minas, pelo medo de invasão. A principal queixa era a inconveniência do apagão. Todos se aborreciam com a dificuldade de circular depois do anoitecer, e ofendiam-se com os encarregados da defesa contra ataques aéreos, que patrulhavam as ruas em busca de feixes de luz a sair pelas cortinas. Absurdamente, metade das pessoas que chegavam às urgências à noite haviam sofrido quedas ou batido contra postes de iluminação no escuro. E os hospitais de Londres tinham bastante menos movimento,

lidando apenas com as emergências – quem precisasse de uma operação era transportado para um hospital fora da cidade.

Homens e mulheres de uniforme por todo o lado lembravam que o assunto da guerra era real, assim como as listas de vítimas nos jornais, mas para a maioria das pessoas continuava a ser um perigo distante que ainda não lhes invadira a vida.

A Dinamarca e a Noruega foram invadidas em abril, e dois dias antes o exército alemão entrara na Holanda, na Bélgica e no Luxemburgo. No mesmo dia, Winston Churchill tornou-se chefe do governo de coligação, para substituir Neville Chamberlain, que renunciara dias antes.

Contudo, por mais tranquilo que o país estivesse agora, as emissões vibrantes de Churchill na rádio não deixavam dúvidas de que nas Ilhas Britânicas, muito em breve, se solicitaria a todos que enfrentassem uma guerra real, no ar, no mar e no terreno. Pairava no ar uma espécie de emoção, expectativa e até excitação. A maioria das pessoas entendia que, quanto mais depressa começasse, mais depressa acabava.

*

– Ena! Não está nada mal – disse Joan com alegria quando foram ocupar o quarto novo no segundo piso, depois de saírem do serviço. Adele já se mudara há muito do quarto individual para um duplo, com Joan, mas que era muito apertado. Este novo quarto ficava nas traseiras da casa das enfermeiras e, embora só tivesse vista para uns tristes telhados e algumas árvores enfezadas, era muito mais sossegado. Era também muito maior, com lavatório próprio e até espaço para duas poltronas.

– As camas são igualmente duras – disse Adele, testando a sua com uns saltos. – Mas é sensacional ter algum espaço, finalmente. E tu tens de ser mais arrumada. Estou farta de apanhar as tuas coisas.

As duas amigas tinham começado a partilhar quarto logo depois de declarada a guerra, a seguir à primeira viagem de Adele a casa, para ver a avó. Ir de novo a casa fora catártico. Embora tivesse sido bombardeada por memórias comoventes de Michael, as ocupações de rotina – amontoar lenha, dar de comer às galinhas e aos coelhos, cozinhar e limpar – ajudaram-na a acalmar-se. Viu que era forte, física e mentalmente, que tinha desenvolvido caráter e determinação, e que fora, quase de certeza, a crueldade dos seus primeiros anos de vida o que a tornara tão boa enfermeira. Resolveu então parar com as lamentações, fazer novos amigos, conhecer novos lugares. Quando voltou para

Whitechapel, o primeiro passo foi desistir do quarto individual, e com a espalhafatosa Joan, sempre pronta para a diversão, como companheira de quarto, depressa verificou que não lhe sobrava muito tempo para matutar no passado.

*

– Deves achar que és perfeita – ripostou Joan. – E as muitas vezes em que me acordaste com os teus malditos pesadelos?

Adele corou. Nas horas que passava desperta, estava bem, mas não conseguia impedir que Michael lhe invadisse o sono. Disse a Joan que não se lembrava dos pesadelos, mas na verdade era sempre o mesmo, e tão vívido que não o esquecia.

No sonho, Adele caminhava pelos pântanos, olhava para cima e via um avião a sobrevoar. Percebia que era Michael por ele inclinar a asa, como a avó havia descrito. Ele dava muitas voltas lá em cima, quase como um número de circo, e ela ria-se e acenava-lhe com as mãos. Então, de repente, ouvia-se um estrondo e o avião dele entrava numa espiral. As chamas surgiam abruptamente e Adele ouvia a voz dele a gritar por ajuda.

Tinha tido muitos pesadelos desde que fugira de Hastings, mas este começou alguns dias depois de declarada a guerra. Adele pensava que, provavelmente, era por ter lido no jornal que morrera em Biggin Hill um jovem piloto em formação, ao levantar um *Spitfire* pela primeira vez. Desde então, soube da morte de muitos pilotos, tanto pelo fogo inimigo sobre França, como em acidentes nos treinos. Examinava desesperadamente o jornal todas as manhãs, com o coração na boca. Mas já se obrigara a parar, pois sabia bem que não era saudável estar tão obcecada.

– Acho que tenho pesadelos porque partilho um quarto contigo – respondeu à amiga.

Joan riu-se e, não pela primeira vez, Adele pensou que tinha sorte em tê-la como amiga. A jovem *cockney*[2] era como o sol, iluminava até o dia mais monótono. O rosto sardento e bonito, a trunfa de cabelo ruivo e olhos verdes e vivos, conjugados com a sua capacidade de rir de si mesma, tornavam-na popular entre as enfermeiras e os pacientes. Mas o que Adele mais valorizava nela era a sua personalidade resoluta e descomplicada. Quando decidia que alguém era amigo dela, aceitava-o completamente, com todos os defeitos. Uma e outra vez, metia-se na cama de Adele depois dos pesadelos e abraçava-a com força – não se intrometia, não analisava nem dava lições de moral.

Adele sabia que se falasse a Joan sobre Michael, ela nunca contaria a vivalma. Mas não lhe tinha contado; era um segredo que tencionava levar para a sepultura.

– O que vamos vestir hoje à noite? – perguntou Joan, como sempre a avançar para o que achava realmente importante. – Achas que me safo com o vestido verde-esmeralda outra vez? Ou vão pensar que só tenho aquele?

– Bem, vou ter de vestir o meu às riscas pela centésima vez, pois é o único decente que tenho – disse Adele. – Por isso, mais vale usares o teu também.

Não dispunham de dinheiro para roupa nova. Joan dava parte do vencimento à mãe, e Adele enviava dinheiro à avó.

– Hoje, vamos tentar atrair uns namorados – sugeriu Joan. – Se nos levarem ao cinema todas as semanas, em vez de pagarmos nós os bilhetes, talvez dê para comprarmos um vestido de verão na feira.

Adele deitou-se na cama nova e riu-se.

– Qual é a graça? – perguntou Joan.

– Tu, Joan – disse Adele entre gargalhadas. Sabia perfeitamente que Joan estava decidida a arranjar-lhe um namorado. Nos últimos meses, ela tinha tentado que Adele se interessasse, de muitas maneiras diretas e indiretas. Mas esta vencia-as a todas. – Achas mesmo que tenho sangue frio para fazer com que um homem me leve ao cinema todas as semanas, só para poupar uns trocos?

– Não, claro que não, porra – disse Joan, irritada. – Provavelmente, compravas-lhe o bilhete e a seguir pagavas-lhe o jantar, porque achas que qualquer tipo que queira sair contigo só pode ter um parafuso a menos.

– É assim que pensas que sou? – perguntou Adele, incrédula.

– Não só penso, como eu sei – disse a Joan. – Eu observo-te, não é? Um tipo começa a falar contigo e tu não namoriscas nem nada. Fazes-lhe perguntas, deixas que te conte os problemas. Aposto que se ele te contasse que tinha um furúnculo no traseiro, ias querer lancetá-lo. Não é assim que se arranja um gajo, Adele. És simpática de mais.

Adele não sabia o que responder. Era verdade que não namoriscava. Por um lado, não sabia como e, de todo o modo, parecia-lhe um exercício inútil, a menos que realmente se gostasse de alguém. Gostou de muitos dos homens que conheceu com Joan, mas não dessa maneira. Porque haveria de fingir o contrário?

– Quando saímos, ficas limitada por eu não arranjar alguém? – perguntou.

– Claro que não – disse Joan com veemência. – Orgulho-me de seres minha amiga, tens classe, algo que eu não tenho. Preocupo-me contigo, só isso. Se quisesses, podias escolher os tipos a dedo, mas acho que ainda sentes algo por aquele aviador.

– Talvez – disse Adele, incapaz de se comprometer com um sim ou um não. – Ou se calhar sou do tipo que está à espera que apareça o homem certo.

Joan fez uma cara pateta.

– Bem, podemos só brincar com alguns homens errados, por enquanto? – perguntou.

Adele levantou-se da cama e passou por cima da pilha de roupas que tinham largado na cadeira.

– O vestido às riscas serve para o homem errado – disse, com um sorriso aberto. – E tu ficas tão bonita com o teu verde-esmeralda que mais nenhuma rapariga vai ter hipótese.

*

Como se muito ao longe, Michael ouviu a voz de Stan Brenner a dizer-lhe que estava na hora de se levantar e que lhe trouxera uma chávena de chá. Forçou os olhos a abrir e viu o seu ordenança parado pacientemente ao lado da cama. Michael não acreditava que já eram quatro. Era como se tivesse acabado de fechar os olhos.

– Está bem – disse. Sentia-se incapaz de dizer mais. A língua parecia-lhe espessa e seca, e ainda tinha na boca o sabor do uísque que bebera na noite anterior.

Afastou os cobertores e saiu da cama a esfregar os olhos, depois bebeu com gratidão o chá quente e doce. Brenner foi-se embora, satisfeito por deixá-lo completamente desperto.

No espaço de dez minutos, Michael lavou-se, barbeou-se e pôs-se a caminho da messe para tomar o pequeno-almoço. Não lhe apetecia. Como era costume, o estômago embrulhava-se, mas sabia por experiência própria que o medo acalmaria quando estivesse no *cockpit*, e poderiam passar-se horas até voltar a ter uma oportunidade de comer.

Os outros rapazes do esquadrão já estavam na messe, o ar denso de fumo de cigarro, mas as únicas saudações eram meros acenos. Ninguém falava tão cedo. Michael sabia que, tal como ele, cada um dos homens se preparava para o dia que tinha pela frente, e tentava não pensar em qual dos seus poderia estar desaparecido à noite.

Estavam o 28 de maio, e o dia seria provavelmente uma repetição do anterior – voar sobre França para tentar intercetar bombardeiros alemães que tencionassem massacrar as tropas britânicas e francesas, em retirada para Dunkirk.

No dia anterior, Michael abatera um *ME 109*, mas tinha sido o dia mais terrível e aterrador. Já era suficientemente mau ver as linhas isoladas de soldados a tentar chegar às praias de Dunkirk e transportar-se para casa, mas no interior notara grandes hordas de refugiados a fugir dos Alemães: mulheres com bebés nos braços e crianças a tentarem agarrar-lhes as saias, homens a empurrar carroças amontoadas com os seus pertences. Tinham de abrir caminho através de corpos mutilados, veículos queimados, carrinhos e animais mortos. Michael sentia um instinto assassino em relação aos pilotos alemães que abriam fogo sobre civis inocentes.

Um *Spitfire* só tinha combustível suficiente para uma hora e meia, no máximo. Vinte minutos para França, vinte minutos para trás, deixando, em teoria, cinquenta minutos para atacar os aviões alemães. Mas a única maneira de vencer os filhos da mãe era voar a uma velocidade superior a quinhentos quilómetros por hora, aproximar-se, disparar tudo o que se tinha, e depois sair de lá a todo o vapor. Contudo, à velocidade máxima, o motor *Merlin* engolia combustível e Michael tinha de se lembrar de reservar o suficiente para a viagem de volta.

A quarta saída do dia anterior tinha sido a pior. Num minuto o céu limpo, e de repente o inimigo por todo o lado; foi como voar para um enxame de vespas. Michael foi atrás de um avião que seguia afastado do grupo principal, a voar a toda a velocidade e pronto para matar. Mas de repente viu-se cercado, por cima, por baixo e pelos dois lados. Esquecera-se de pôr o lenço de seda e o colarinho deixou-lhe o pescoço em carne viva, de tanto virar a cabeça para manter a vigilância. Disparou contra o *109* ao lado, à direita, e contra o de baixo, e depois entrou num mergulho rápido para lhes fugir. Quando o atingiram, sentiu a trepidação e por instantes pensou que era o fim. Mas fora só a asa esquerda, e Michael conseguiu recompor-se para virar e fugir para Inglaterra. Foi por pouco, a planar nos últimos quilómetros para conservar combustível, e o *cockpit* tão quente de bater o sol que mal conseguia ver com a transpiração que lhe escorria para os olhos. Escapara por um triz.

*

Depois do chá e uma torrada, Michael juntou-se aos outros para entrar no transporte que os levaria ao aeródromo, cada um a carregar o seu paraquedas.

Um amanhecer frio e cinzento no aeródromo. Silencioso, mas não deserto, já que lá se encontrava o pessoal de terra, preparado. Muitos deles deviam ter trabalhado durante a noite em reparações e ajustes nos aviões.

Michael vira a mesma cena muitas vezes, mas nunca deixava de o comover. A fila de *Spits* robustos com a neblina matinal a elevar-se em volta tinha o aspeto de um bando de *terriers* preparados para a caçada. Por enquanto um silêncio de morte, mas dentro de minutos, quando os poderosos motores despertassem para a vida e o cheiro a gasolina e óleo de motor enchesse o ar, o aeródromo tornar-se-ia num lugar muito diferente.

O avião de Michael estava reparado. Ele saltou para a asa, pousou o paraquedas, deslizou para dentro do *cockpit* e ligou o motor. Por norma, o medo acalmava assim que se sentava no lugar, e aquele dia não foi exceção. Verificou os aparelhos, o rádio, o combustível e o líquido de refrigeração, e levantou os polegares para o pessoal de terra depois de verificar tudo. Depois, desligando, saiu outra vez e dirigiu-se à tenda de dispersão para esperar pela ordem de descolagem com os outros rapazes.

Esta era a parte de que Michael menos gostava. Ansiava por ir e não queria ter de ficar à espera, com tempo para pensar. Alguns homens liam, outros jogavam xadrez, uns deitavam-se nas camas de campanha e dormiam, enquanto outros fumavam cigarros, uns a seguir aos outros, em silêncio.

Michael, porém, dava invariavelmente por si a pensar em Adele. Andava numa montanha-russa de emoções desde que ela o deixara. Descrença, raiva, piedade, ódio e profunda, profunda tristeza. Atormentava-se a pensar no que teria feito de errado, e de vez em quando dizia a si mesmo que era bom ver-se livre dela. Tentou convencer-se de que Adele andava a traí-lo, tentou até dizer a si mesmo que ela enlouquecera. Mas por mais que refletisse, voltava sempre ao mesmo ponto. Adele devia ter ficado amedrontada no fim de semana em Londres, pela sua experiência no lar infantil. Mais nada fazia sentido.

No entanto, se fosse esse o caso, Michael sentia que ela precisava de amor, mais do que nunca. E, provavelmente, o seu sentimento de abandono não era nada comparado com o que se passava na cabeça dela.

Michael nunca ia a Winchelsea, não aguentava. Se a mãe queria vê-lo, ia a Londres e encontravam-se lá. No início, recusara-se a ver o pai, culpando-o, pelo menos em parte, por não ter aprovado Adele. Mas um dia ele apareceu em Biggin Hill, pouco depois de declarada a guerra, e Michael não podia recusar

vê-lo sem tornar óbvio aos seus colegas pilotos que estavam de relações cortadas.

Para sua surpresa, o pai desculpou-se por ter sido tão duro em relação a Adele. Apesar de ter dito tudo o que Michael esperava, que talvez a separação fosse o melhor a longo prazo, admitiu que Adele possuía algumas qualidades admiráveis. Também mostrou uma sensibilidade pouco habitual. Abraçou Michael e disse que o primeiro amor era invariavelmente doloroso, e que lamentava por ele.

– Queres jogar às cartas, Mike?

Michael abandonou o devaneio, sobressaltado, com a pergunta de John Chapman. John era o seu amigo mais próximo no esquadrão. Embora as origens deles não pudessem ser mais diferentes, depressa se tornaram almas gémeas quando ele chegara a Biggin Hill, sete meses antes.

John tinha apenas vinte anos e parecia ainda mais novo, com o rosto bochechudo, cabelo claro e olhos grandes e inocentes. Fora criado numa quinta no Shropshire, frequentara a escola local e trabalhava numa garagem quando fizera o batismo de aviões. Contou a Michael que lhe pediram para ir a um aeródromo a quinze quilómetros do trabalho, para entregar umas peças sobresselentes, e enquanto lá estava, ofereceram-lhe um passeio num biplano. O piloto levou-o numa viagem de pôr os cabelos em pé, mas mesmo assustado como estava, John percebeu que a aviação era a única carreira para ele. Candidatou-se então à Força Aérea, preparado para ser do pessoal de terra, se não conseguisse ser piloto. Mas parecia que o conselho de examinação tinha gostado do que vira, pois ele foi selecionado para uma comissão de curto prazo.

*

Michael concordou em jogar às cartas, para afastar os pensamentos Adele e esperar pela ordem de descolagem. John deu as cartas, mas antes de pegar nas dele, olhou bem para Michael.

– Se eu hoje não me safar, contactas os meus pais? – perguntou ele.

– Claro – respondeu Michael. – E tu os meus?

John acenou afirmativamente com a cabeça, e começaram a jogar como se o tema não tivessem sido mais sério do que o lugar onde iam beber uma cerveja ao fim do dia.

A ordem de descolagem chegou às sete e meia.

– Raios. – John sorriu abertamente ao vestir o colete de salvação Mae West. – Tinha esperança de conseguirmos tomar o segundo pequeno-almoço às oito.

Michael arranjou o lenço de seda enquanto corria para o avião, saltou para a asa, firmou o paraquedas no lugar, no assento, e ligou o motor. O medo e a ansiedade abandonaram-no, pois sabia que um piloto relaxado que voava por instinto tinha mais hipóteses de sobreviver do que aquele que pensava muito no que estava prestes a enfrentar. Enquanto o avião bamboleava em direção à pista como um ganso velho, Michael tinha apenas um pensamento na cabeça: abater pelo menos um avião e regressar são e salvo.

Enquanto o esquadrão se aproximava do canal numa formação apertada, Michael levantou o polegar para John, que voava à sua direita. O tempo estava perfeito para voar, com pouco vento e só algumas nuvens brancas, e a visibilidade tão boa que conseguia ver um grupo de crianças numa estrada em baixo, os rostos pequenos virados para cima, as mãos a protegerem os olhos do sol ao olharem para os aviões que voavam sobre eles.

Segundos depois, passara sobre as falésias e agora só tinha mar por baixo. Parecia tão claro, azul e convidativo ao sol, evocando memórias felizes de nadar com Adele. Mas o canal era tanto inimigo dos pilotos como os Alemães. Se se tivesse de saltar de paraquedas sobre ele, as hipóteses de sobrevivência eram escassas. Desejou saber se o piloto do *Hurricane* que vira cair de paraquedas no dia anterior tinha sido recolhido a tempo.

Chegou-lhe pelo rádio o aviso de que pelo menos uma dúzia de *ME 109* seguiam para Dunkirk e, quase logo a seguir a receber a mensagem, viu-os à distância. Viu também colunas de fumo negro a subir na costa francesa e, à medida que se aproximava, preparou-se para ver mais estragos de bombas.

De repente, o céu encheu-se de aviões inimigos a vir na sua direção, com as cruzes prateadas a tremeluzir, malévolas, ao sol. Michael tomou altitude para fugir e viu John a fazer o mesmo à sua direita. Mas ao subir através de uma acumulação de nuvens, deparou com mais dois caças que estavam escondidos da vista. Voou entre eles, disparando as armas, e pensou ter acertado no da esquerda; entrou então num movimento de rotação para o apanhar novamente e acabar com ele.

Já não conseguia ver John e presumiu que ele seguia em voo picado. Mas quando voltou para atacar mais uma vez, viu um clarão de chamas pelo canto do olho. Não havia tempo para verificar o que era. Estava a ganhar ao caça que atingira e tinha de se concentrar para se pôr numa posição boa para disparar novamente. O perseguido tentava fugir, mas o ataque anterior abrandara-o. Michael aproximou-se tanto que conseguiu ver claramente o piloto alemão; quando disparou, apanhou o nariz do avião e viu uma explosão de líquido de

refrigeração por cima do vidro do *cockpit*. Enquanto fugia, teve a satisfação de o ver cair como uma pedra, deixando um rasto de fumo negro atrás de si.

De súbito, o céu ficou deserto. Ao olhar para o medidor de combustível, Michael percebeu que voara para mais longe do que pretendia, afastado do resto do esquadrão. Virou para regressar ao seu país, e foi então que viu o *Spitfire* de John de cabeça para baixo. A cauda estava em chamas – obviamente, o clarão de chamas que vira antes –, e embora John estivesse na posição correta para saltar de paraquedas, parecia não conseguir abrir o *cockpit*.

O suor escorria pelo rosto de Michael, que de repente começou a tremer. Já tinha perdido quatro bons amigos no esquadrão, e sabido da morte de pelo menos mais uma dúzia de homens que conhecia. Mas embora se sentisse mal por cada um deles e se condoesse com as famílias, esta era a primeira vez em que testemunhava uma fatalidade.

– Abre o *cockpit*! – vociferou por instinto. Mas mesmo enquanto as palavras saíam, ele tinha consciência da futilidade, pois a única pessoa que conseguia ouvi-lo era o operador de rádio.

Michael foi a chorar até casa. John era tão inocente – apenas uns dias antes, tinha admitido que nunca dormira com uma rapariga. A mãe enviava-lhe bolo caseiro quase todas as semanas, o pai mandava-lhe relatórios semanais dos jogos da equipa de futebol local. Tinham ficado muito orgulhosos de o único filho ter sido aceite como piloto.

Não era justo. John era um piloto de primeira qualidade, não tinha ponta de maldade e todos gostavam dele. Tirara Michael da depressão muitas vezes, com as suas piadas e natureza alegre. Tinha tanto para dar. Porque tivera de ser ele?

*

Honour estava no jardim. Protegia os olhos da luz enquanto olhava para os aviões que lutavam no céu. Ficava contente por naquele dia ser sobre Dungeness, pois se algum deles se despenhasse, pelo menos não havia casas por ali.

Nas últimas seis semanas, desde a retirada de Dunkirk, perdera a conta a quantas lutas de aviões tinha assistido. Winston Churchill apelidara esta batalha no ar de «a batalha da Grã-Bretanha». Honour achava inacreditável que a média de idades daqueles jovens pilotos que lutavam com tanta perícia, coragem e implacável determinação fosse apenas vinte anos.

Mesmo quando não via aviões por cima, sabia que eles lutavam algures, já que o zumbido dos *Spitfires* e *Hurricanes* a acordava quase todas as manhãs. Honour olhava pela janela e observava-os a voar com bravura em formações apertadas, em direção à costa francesa, vendo-os regressar mais tarde, em grupos de apenas dois e três. No início, tentou manter um registo, para verificar se todos voltavam. Mas ficava muito desanimada quando alguns não apareciam.

Tinha visto dois a despenhar-se: um dos pilotos desceu de paraquedas, ileso, mas o outro ardeu até a morte. No entanto, o que Honour via não representava quase nada, pois havia inúmeras baixas por todo o Sul de Inglaterra. Os bombardeiros moviam-se sem ser vistos para deixar cair a carga mortífera nos aeródromos, matando pessoal de terra e civis. Quanto aos bombardeiros que não conseguiam chegar ao alvo pretendido, largavam cruelmente a carga em qualquer parte, sem se importar se atacavam hospitais, escolas, aldeias e cidades.

Seis semanas antes, Honour sentiu-se encorajada ao ver pessoas comuns levarem centenas de pequenos barcos para resgatar os soldados encalhados em Dunkirk. Acreditava que ninguém conseguiria conquistar Inglaterra, sendo o seu povo tão corajoso e determinado. Mas agora, a ver estes rapazes dos caças em ação, dia após dia, a ler as listas de baixas que a cada semana cresciam mais, tinha muito medo de que Inglaterra não dispusesse de efetivos militares nem armas para ganhar a guerra.

Ia dormir cheia de ansiedade, acordava ainda ansiosa. No início, as suas orações destinavam-se a manter Adele e Michael em segurança, mas agora sentia que não era correto pensar apenas naqueles que amava. Cada soldado, marinheiro ou aviador era neto, filho, marido, namorado ou irmão de alguém. Preocupava-se com todos eles.

– Observar o céu não vai arrancar as ervas daninhas – disse com jovialidade Jim, o carteiro, ao deixar cair a bicicleta no caminho, para lhe trazer o correio.

– Ai isso é que não – disse Honour com um sorriso pesaroso, feliz por uma distração dos pensamentos sombrios. Gostava de Jim. Ele tinha sessenta e sete anos, um tufo de cabelo grisalho e as pernas mais arqueadas que Honour já vira. Jim tinha lutado na primeira guerra, e embora não estivesse muito bem de saúde, assumiu a distribuição do correio em substituição do filho quando este foi convocado para o serviço militar. Disse que se sentia útil e que o exercício lhe fazia bem. – Mas as ervas daninhas podem esperar um pouco mais, se quiseres uma chávena de chá.

– Esperava que me oferecesses, estou cheio de sede – disse ele. – E para ti é um dia muito especial. Esta carta deve ser da tua neta. Tem um carimbo de Londres.

Jim sentou-se no banco junto à porta e Honour entrou para fazer o chá. Enquanto esperava que a chaleira fervesse, leu rapidamente a carta, que dizia:

Querida avó,

Não tenho muito para contar. Por agora está tudo bastante calmo. Só temos casos urgentes para tratar, pois os outros estão a ser enviados para fora de Londres. As enfermarias dos andares superiores estão todas fechadas, e fizeram novas na cave, para haver segurança em caso de ataque aéreo. Comecei a tricotar no serviço da noite, porque temos muito pouco que fazer, e quase acabei a parte de trás de um casaco. É horrível que Paris tenha sido tomada pelos Alemães, não é? Às vezes, pergunto-me se os nossos conseguirão de facto detê-los.

Quem me dera poder ir passar férias a casa. Londres é horrível no verão, e a comida aqui é péssima. Acho que ainda vai piorar mais antes de a guerra acabar, já há escassez de quase tudo.

Ultimamente, fui a bastantes bailes com a Joan e outras enfermeiras. É engraçado como agora as pessoas parecem mais dispostas a divertir-se do que em tempo de paz. Seria de esperar que estivessem todos assustados e tristes. O West End é muito alegre à noite, apesar do apagão, e ainda que tenham entaipado o Eros. Uma noite, ficámos lá até tarde e nas ruas não se via um palmo à frente da cara. Mas faz com que as pessoas falem mais umas com as outras e se ajudem. Estou é farta de transportar a minha máscara antigás!

Já há muitas mais crianças de regresso a Londres. Acho que as mães são um pouco imprudentes em trazê-las de volta, por mais que sintam a falta delas. Há umas noites, ajudei na minha primeira cesariana. A mãe esteve em trabalho de parto em casa durante dois dias, até que uma vizinha chamou finalmente uma ambulância. Foi uma coisa incrível de se ver, e fiquei muito mais interessada em obstetrícia. O bebé, um rapazinho, estava bem, mas a mãe continua mal. O marido está no Exército e ela tem mais três filhos para cuidar. Algumas mulheres têm uma vida muito dura, não é?

Temo não ter mais notícias. Estamos todas um pouco entediadas, com tão poucos pacientes. Como está o Towzer? Estou muito contente que o

tenhas. Se um alemão cair do céu, tenho a certeza de que ele o ataca ferozmente por ti!

Cuida de ti e não trabalhes de mais a cultivar os legumes. Adula os coelhos para terem mais bebés. Dá um mimo à Misty e um afago ao Towzer. Mantém-te sã e salva.

Com amor,

Adele

*

Honour sorriu e meteu a carta no bolso do avental, para reler mais tarde. Preocupava-se muito com Adele, mas de cada vez que recebia uma carta, sentia-se um pouco mais tranquila por uns tempos.

*

Ao meio-dia, enquanto Honour mondava a horta, Rose erguia-se na cama, em Londres, para pegar num cigarro.

– Raios – murmurou ela ao encontrar o maço vazio, e caiu de novo nas almofadas.

Tinha passado um ano e cinco meses desde que recebera as mil libras de Myles Bailey. Na altura pensou que ficaria descansada para o resto da vida, mas depois eclodiu a guerra e os seus planos foram por água abaixo.

Durante algum tempo, foi tudo tão bom que Rose nem tinha grande vontade de beber. Seguindo o conselho de um empresário que costumava comer no restaurante onde ela trabalhava, Rose comprou uma casa de oito quartos muito barata em Hammersmith. O empresário disse-lhe que ganharia mais dinheiro a arrendar quartos do que em qualquer outro negócio, e que ainda seguraria o capital. Pareceu-lhe um bom conselho, e apesar da dificuldade em encontrar um canalizador para instalar outra cozinha e uma casa de banho para os inquilinos, por fim conseguiu e também decorou a casa.

Percorreu as lojas de artigos em segunda mão, regateou o preço dos móveis e de outros artigos que queria, e quando tudo se compôs, sentiu pela primeira vez na vida que ia a algum lado.

Era uma felicidade ter uma casa própria, uma casa de banho só para ela, um pequeno jardim e dinheiro suficiente para gastar em roupas, perfumes e a arranjar o cabelo. Os primeiros inquilinos também eram perfeitos. Dois casais nos dois quartos maiores, e dois homens de negócios mais velhos nos outros dois mais pequenos. Todos pagavam a renda todas as semanas, sem falta, as mulheres mantinham os próprios quartos, a cozinha e a casa de banho limpas.

Os dois homens de negócios iam passar o fim de semana a casa, e nem sequer usavam a cozinha.

Era tudo muito harmonioso e pacífico – o único barulho que Rose ouviu foi riso e conversa entre os dois casais, que se tornaram amigos. Na sua ingenuidade, Rose assumiu que todos permaneceriam indefinidamente – os dois homens mais velhos já tinham passado da idade para serem convocados, um dos mais novos era bombeiro e o outro tinha um cargo na função pública que lhe dava isenção. Mas Rose não sabia que o início da guerra afetaria os civis como afetou.

O homem da função pública foi afastado de Londres e, claro, a mulher foi com ele. O casal por quem Rose os substituiu desentendeu-se com o bombeiro e a mulher, que usaram o desentendimento como uma desculpa para voltar para casa da mãe dela. Depois, foram embora os dois empresários, um a seguir ao outro, pois ambos sentiram que preferiam ir e vir de Londres todos os dias e à noite estar em casa com a família, se começasse um bombardeamento.

Rose depressa descobriu que não podia ser tão exigente com os inquilinos, pois, como muitas pessoas estavam a sair de Londres, havia centenas de apartamentos e quartos para arrendar. Pouco tempo depois, arrendava os quartos a qualquer um que os quisesse, e logo se seguiram os problemas. Teve refugiados judeus da Holanda e da Alemanha que não sabiam falar inglês. Homens rudes e turbulentos que fugiam sem lhe pagar a renda. Teve mulheres com crianças que perturbavam os outros inquilinos. Teve um homem que costumava partir coisas quando se embriagava, uma mulher que se revelou prostituta e um sem-número de personagens pouco escrupulosas em apuros com a polícia.

Ainda deitada nas almofadas, Rose observou o quarto com olhos amargos. Tinha ficado encantada quando o decorador pôs o papel de parede cor-de-rosa e branco – depois daquilo a que se habituara, parecia o quarto de uma estrela de cinema.

A grande janela oferecia uma vista sobre os frondosos jardins das traseiras, e o sol da manhã fazia com que a cama de nogueira, o guarda-vestidos e o toucador brilhassem com luzes âmbar e douradas. Sugeriam heranças de família muito amadas, tal como o tapete com franjas rosa e verde-acinzentado, mas eram todos em segunda mão. Rose conservara este quarto como se fosse para a realeza até muito recentemente, alisando a colcha de cetim rosa, pondo até um jarro de flores no toucador. Por vezes, deixava-se ficar ali sentada, a saborear como era bonito, mas já não o fazia há algum tempo.

Agora, havia roupas espalhadas no chão, os lençóis não estavam muito limpos e uma película de pó cobria a mobília brilhante.

Rose não era, de modo algum, pobre. Ainda guardava umas centenas de libras no banco, e a renda que recebia cobria as despesas de subsistência. Mas estava desmoralizada. Acreditara que conhecia todos os truques que os inquilinos podiam desencantar. Pensou que sabia reconhecer logo um vigarista e estava também convencida de que era forte o suficiente para enfrentar qualquer um, mas enganou-se.

Sentia vontade de chorar quando via os danos que alguns dos inquilinos provocavam nos quartos e revoltava-a que alguns fossem tão sujos. Mas acima de tudo, sentia uma solidão terrível. Não podia ser amigável com as pessoas da casa, senão enganavam-na. Trabalhos como desentupir a banca ou mudar a anilha de uma torneira não estavam ao seu alcance, e quando tinha de ser implacável e expulsar alguém, sentia-se fisicamente doente com os nervos.

Pior ainda, em muitos aspetos, era a culpa. Não por aceitar o dinheiro de Myles Bailey – acreditava que ele lho devia –, mas pelo que tinha feito a Adele.

Não a sentira de imediato – a princípio, estava demasiado radiante por ter a casa para se importar com o que fosse. A culpa avançou quase despercebida, limitando-se a uma angústia repentina ao ver os jovens aviadores com as namoradas, a andar de mãos dadas, ou uma enfermeira do hospital local. Mas sentia-a cada vez mais, e por mais que dissesse a si mesma que tinha de impedir a filha de casar com o irmão, sabia que Adele devia vê-la como a mulher mais desprezível do mundo.

Rose já tinha trinta e nove anos; quando olhava para o espelho, via com os próprios olhos o que o tempo, a bebida, os romances inconsequentes e o egoísmo lhe tinham feito. Não havia quantia de dinheiro que lhe devolvesse a aparência – o dinheiro podia comprar-lhe companhia, mas não amigos verdadeiros. Podia comprar conforto material, mas não afeto. Quem se importaria se uma bomba caísse naquela casa e a matasse? Não havia uma pessoa que se apresentasse para dizer algo de bom sobre ela.

À noite, ficava acordada a lembrar-se das férias que, em criança, passava com os pais em Curlew Cottage. Lembrava-se do riso dos pais enquanto preparavam o jantar à noite, de caminhar entre eles, a dar a ambos as mãos, de se sentar no colo da mãe junto à lareira, enquanto o pai lia para elas. Rose duvidava que Adele, se olhasse para trás, para a infância, tivesse sequer uma boa memória da mãe.

Durante muitos anos, Rose vira aqueles tempos da própria infância nos pântanos como alguns dos esboços a carvão do pai: tudo só em tons de cinzento e preto. Frio, sombrio e miserável. Mas talvez por ter voltado naquele dia de sol luminoso, o desenho a carvão tinha desaparecido, substituído por uma imagem de gloriosas cores. Visualizava a ulmária pela cintura a balançar na brisa, erva verde-esmeralda salpicada de ranúnculos dourados e trevos roxos. Os pica-peixes, atirando-se como setas, produziam clarões turquesa brilhantes ao longo da margem do rio e, nos lugares pantanosos, crescia selvagem a íris amarela.

Não conseguia sequer ver a mãe como a megera de feições duras que costumava imaginar. Em vez disso, dava por si a lembrar-se de ela lhe contar histórias enquanto faziam biscoitos de gengibre em forma de homem, colhiam flores silvestres ou se aninhavam as duas junto ao fogão nas noites frias. Os olhos ardiam-lhe quando imaginava Adele no seu lugar, as duas a apagar todas as memórias da mãe e da filha que tão pouco se preocupara com elas.

Até há pouco tempo, Rose nunca se sentira mal por ter fugido de casa da maneira que fugiu. Conseguia justificá-lo completamente, pois trabalhou todas as horas que Deus permitiu naquele hotel e teve de entregar os salários todos a uma mãe que nem sequer ficava grata por ela trabalhar tanto. Além disso, Myles parecera-lhe a sua grande oportunidade na vida. Depois, quando tudo correu mal e ficou sozinha com um bebé a caminho, fora demasiado orgulhosa para escrever para casa e admitir que estava em apuros.

Rose cria que havia perdido esse orgulho algures pelo caminho e que a apatia lhe tomara o lugar. A maior parte da sua vida adulta era agora uma simples mancha, com apenas algumas imagens a destacarem-se como pedras através da névoa. Uma era casar-se com Jim numa conservatória horrível e suja em Ladbroke Grove. O conservador sorrira de forma afetada ao ver a barriga inchada e dissera algo sobre o facto de eles «irem mesmo a tempo.» E também o nascimento de Adele, numa pensão deprimente com percevejos na cama. Horas e horas de dor ao rubro, só com uma velha abelhuda e mordaz a ajudá-la. Era de admirar que não se sentisse dedicada a um bebé que a dilacerara, que a impedira de voltar para casa e a forçara a casar com um palerma como Jim Talbot?

O nascimento de Pamela também se destacava claramente na sua memória, mas era uma experiência em tudo diferente. Foi rápido e indolor, e Jim foi tão meigo e amoroso que ela quase se enganou, acreditando que o amava. Quando

olhou para a carinha delicada de Pamela, sentiu muita ternura e orgulho e pensou que, por fim, a sua vida tinha mudado para melhor.

Pouco tempo depois, mudaram-se para Charlton Street, que parecia o paraíso depois dos lugares hediondos onde haviam morado.

Pamela tinha cerca de dezoito meses quando começou tudo a azedar. Rose já tivera momentos em que se sentia exausta e taciturna, mas passavam sempre. Daquela vez, porém, foi como se um nevoeiro cinzento e frio pairasse em seu redor, recusando-se a dispersar. Não queria levantar-se de manhã – só a ideia das fraldas para lavar, refeições para preparar e das intermináveis exigências das duas crianças era simplesmente de mais para aguentar. Queria silêncio total, estar sozinha, e bastava o som da voz de Jim ou de Adele para que quisesse fugir do apartamento e continuar a correr até encontrar a paz por que ansiava.

Foi Pamela que a manteve ali. A voz dela era a única que não a enervava. Os seus sorrisos eram a única coisa que dispersava um pouco o nevoeiro. Rose desejava sentir o mesmo por Adele, mas sempre que olhava para ela, lembrava-se de Myles e do que ele a fizera passar.

Uma vez, tinha Pamela três anos, tentou ir-se embora com ela enquanto Adele estava na escola. Conseguira poupar algumas libras do dinheiro do governo da casa, e pensou em apanhar um comboio para o campo e arranjar onde viver. Mas quando começou a empacotar tudo aquilo de que necessitavam, percebeu que não tinha força para carregar um saco pesado e uma criança pequena que não conseguia andar muito. Sentou-se no chão e chorou como uma criança frustrada.

Depois disso, pensou mais vezes em partir, mas sabia que não conseguia trabalhar e tomar conta de Pamela. E quanto mais presa se sentia, pior era.

Depois Pamela morreu, e de repente não lhe restava nada na vida. Beber atenuava um pouco a dor, mas esta voltava assim que ficava sóbria. Não tinha completa memória dos acontecimentos que levaram ao seu internamento no hospício. Só se lembrava de, depois do funeral de Pamela, se sentir como se alguém lhe desse corda, mais e mais, como a um brinquedo mecânico; julgava que, no fim, a mola se quebrara e ela perdera o controlo do corpo e da mente.

Lembrava-se de alguns dos tratamentos que fizera no hospício. Ser mergulhada em banhos gelados, forçada a engolir um medicamento terrível que a fazia vomitar. Mas o que realmente lhe devolveu o entendimento não foi nada disso; foi ser fechada num quarto sozinha.

Ficar a sós, sem ninguém a tentar falar com ela, a pedir-lhe para fazer algo, poder dormir e dormir, foi isso o que a salvou. Assim que o corpo e a mente descansaram, estava de novo capaz de pensar com clareza.

Na altura, informaram-na de que a mãe se tornara tutora legal de Adele, e também lhe disseram que não poderia receber alta do hospício sem o acordo do marido. Sabia que isso significava que ficaria lá para sempre, pois era improvável que Jim se apresentasse.

Rose observou que o pessoal do hospício era mais duro com os que arranjavam problemas. Ela própria tinha apanhado quando lá chegara, por gritar insultos e lutar com o pessoal. O medo de se magoar tornou-a silenciosa e obediente, e percebeu que a única forma de ter hipótese de fugir era continuar assim.

Por isso, desistiu de protestar que não era louca, não falava, não chorava nem gritava; limitava-se a fazer exatamente o que lhe mandavam e não arranjava problemas a ninguém. Pensou que, se continuasse com aquele silêncio dócil, começariam a dar-lhe pequenas tarefas e conquistaria a confiança deles.

A suposição estava certa. Pouco depois, deram-lhe a tarefa de fazer arranjos de costura, lavar o chão e até de trabalhar na lavandaria, e por fim autorizaram-na a passear no jardim.

Momentos houve em que começou a acreditar que tinha de facto perdido a capacidade de falar e de sorrir, rir e andar depressa. Habituou-se tanto a manter uma expressão vazia e a arrastar-se devagar com a cabeça para baixo, como os outros pacientes, que descobriu que nem se importava quando o pessoal falava dela à sua frente, como se ela fosse uma verdadeira imbecil. Mas mantinha os olhos abertos, ouvia com atenção e fazia anotações mentais de tudo o que lhe pudesse ser útil.

Contara a Johnny que tinha fugido do hospício numa carrinha da lavandaria, e era verdade. Mas o que nunca admitiria, nem a ele nem a qualquer outra pessoa, era que tinha usado artimanhas femininas com o motorista simplório para que ele a levasse clandestinamente. Não sentia vergonha de tê-lo tentado com a oferta de sexo para que ele a escondesse num cesto da roupa, seria de esperar. Mas tinha vergonha de, uma vez fora dos portões, continuar a fingir amá-lo para que ele a vestisse, alimentasse e lhe desse um teto.

O pobre e crédulo Jack nunca tinha tido uma mulher e venerava Rose. Ele não fumava nem bebia, e vivia uma vida frugal na casa minúscula e degradada onde nascera, nos arredores de Barnet. Os pais haviam morrido, não tinha um só amigo no mundo e o trabalho como motorista da carrinha era o seu único

motivo de orgulho. Não fora correto ficar com ele durante mais de um ano, fortalecendo-lhe gradualmente a convicção de que era sua mulher, e roubá-lo durante esse tempo todo, até ter dinheiro suficiente para fugir.

Algumas semanas depois de se ter ido embora, leu nos jornais que ele se enforcara numa mata. Rose sentiu-se muito mal. Ele arriscara-se voluntariamente a perder o emprego para a ajudar. Podia até ter sido preso por lhe dar guarida, se tivesse sido apanhado. Tinha apenas trinta anos, um homem que fora vítima de piadas a maior parte da vida, isolado e sem amigos. E ela destroçara-lhe o coração.

*

Rose não conseguia perceber porque remoía tanto o passado. Sempre acreditou que, assim que tivesse segurança financeira e um lugar decente para viver, a felicidade viria. Mas não era feliz. Como poderia ser, sempre a olhar por cima do ombro, a atormentar-se com memórias de pessoas a quem usara, com os truques desprezíveis que executara e remorsos pelo que tinha feito à mãe e a Adele?

Por vezes, quando bebia, até tentava escrever-lhes a pedir desculpa, mas relia as cartas na manhã seguinte e rasgava-as. O que quer que dissesse nunca seria suficiente para que a perdoassem.

---

2 *Cockney*: natural do East End de Londres. *(N. da T.)*

CAPÍTULO 21

Honour parou na berma de Shepherd's Bush Road, fazendo *Towzer* sentar-se. Ao olhar para o número 103, do outro lado da rua, sentiu um misto de alívio por tê-lo finalmente encontrado, e ansiedade pelo que estava para vir.

Só tinha ido a Londres algumas vezes na vida, e na altura só a galerias de arte ou às lojas do West End, portanto não fazia bem ideia do que esperar de zonas comuns da classe operária. O instinto e as descrições que Adele lhe fizera do East End diziam-lhe que Hammersmith era uma zona bastante respeitável, mas a ela parecia-lhe medonha e suja.

Era 23 de agosto, mais um dia de calor, e as folhas das árvores pendiam sem vivacidade, cobertas por uma película de pó e fuligem. As janelas cobertas de fita adesiva e as pilhas de sacos de areia eram aspetos inevitáveis e esperados da guerra, mas os caixotes do lixo a transbordar e o cheiro dos esgotos causavam-lhe repulsa. Achava que não aguentaria viver numa rua onde corriam de um lado para outro bandos de crianças sujas, a gritar o dia todo. Pensou que as mulheres de bata e lenços tipo turbante a tagarelar nos degraus da frente deveriam levantar o traseiro e levar os filhos ao parque.

No dia anterior, Honour recebera uma carta de Rose. Além do choque de uma carta depois de todos aqueles anos, ficou muito surpreendida com o tom brando e apologético, pouco característico. Lera-a e relera-a dezenas de vezes ao longo do dia, questionando qual seria o verdadeiro motivo por trás. Tinha começado a responder-lhe na noite anterior, mas, vencida quanto ao que devia dizer, de manhã cedo decidira, em alternativa, vir a Londres e ver Rose cara a cara.

Não estava só curiosa para ver como Rose vivia agora, nem sequer desesperada para fazer as pazes com a filha rebelde. Mas acreditava ser hora de, pelo menos, tentar riscar o passado.

Ninguém podia prever o que esta guerra lhes reservava, e muito recentemente ouviram-se relatos de lançamentos de bombas em volta de Londres. Uma caíra em Wimbledon em 16 de agosto, matando pessoas. De acordo com o mapa, não era muito longe de Hammersmith. Honour sabia que se Rose morresse ou ficasse ferida com gravidade num ataque aéreo,

lamentaria sempre não ter tentado vê-la, pelo menos. Como era sábado, pensava que havia toda a probabilidade de Rose estar em casa.

O comboio seguira lento, com uma hora de atraso, e dera-lhe muito tempo para se preocupar com o que iria encontrar no fim da viagem. Sentira-se compelida a trazer *Towzer*, não fosse dar-se o caso de surgir um imprevisto e ela não conseguir regressar naquela noite. Embora *Towzer* parecesse perfeitamente em casa no chão da carruagem, Honour não sabia bem o que ele iria pensar das ruas movimentadas, com autocarros e elétricos. Por sorte, o cão parecia estar a encarar tudo calmamente, e Honour sentia-se muito orgulhosa de si mesma por ter conseguido descobrir sozinha o caminho para Hammersmith.

Como Rose não tinha dito nada sobre as suas circunstâncias pessoais, apenas que arrendava quartos, Honour não conseguia deixar de pensar que a filha devia estar em dificuldades. Por que outra razão afirmaria, de repente, que lamentava todo o sofrimento do passado?

Honour estava com muito calor. O seu melhor vestido, o azul-marinho, era grosso de mais para um dia de verão. Doíam-lhe os pés, os olhos pareciam cheios de pó, e tanto ela como *Towzer* desesperavam por uma bebida. Mas pelo lado positivo, o número 103 não era melhor nem pior do que qualquer outra casa da rua.

Era uma casa geminada tingida de fuligem com saída direta para a rua, sem jardim à frente. Tinha três andares e uma cave, com uns degraus para a porta da frente, pintada de azul real. A maior parte das janelas estava aberta. Honour esperava que significasse que Rose se encontrava em casa e que a viagem não fora em vão.

*

A campainha tocou alto o suficiente para acordar os mortos, mas passou-se algum tempo até Honour ouvir alguém a vir abrir a porta.

Uma jovem com cerca de vinte e cinco anos, de cabelo ruivo brilhante e um batom que não destoava, abriu a porta.

– Sim? – perguntou ela.

– Venho ver Mrs. Talbot – disse Honour.

A rapariga encolheu os ombros.

– Não sei se ela está. Tente bater à porta. – Apontou para a segunda porta ao fundo do corredor, depois subiu as escadas teatralmente, deixando que Honour entrasse e fechasse a porta principal.

Honour bateu, e depois chamou o nome de Rose. Continuava a não haver resposta. Olhando pelas escadas, via uma porta aberta para um aposento com azulejos brancos que parecia uma casa de banho. Como precisava da casa de banho e de uma bebida para *Towzer*, subiu, levando o cão com ela.

Usou a sanita – que, reparou, não estava muito limpa –, tirou a gamela de lata de *Towzer* do saco e deu-lhe água. Como a janela estava aberta, pôs a cabeça de fora para ver o que havia por trás da casa.

Para sua surpresa, em baixo, ao nível da cave, Rose dormia deitada numa espreguiçadeira. Honour sentiu um nó na garganta, pois ao longe Rose parecia jovem e vulnerável, com um vestido sem mangas às riscas, cor-de-rosa e branco, a saia puxada acima dos joelhos.

Inclinou-se para fora da janela e chamou-a.

Era quase cómico que, embora Rose não tivesse ouvido a estrondosa campainha, o som da voz da mãe a fizesse acordar de imediato com um sobressalto, pôr-se em pé de um salto e olhar em volta, perplexa.

– Estou cá em cima, Rose – gritou Honour. – Bati à porta, mas tu não ouviste.

Cinco minutos depois, Honour estava no pátio, com Rose sentada em frente e *Towzer* entre elas, a ofegar e a olhar de uma para a outra, talvez a captar a tensão entre elas.

– Eu não devia ter enviado aquela carta – disse Rose pela terceira vez. – Na altura, não estava em mim.

– Estavas bêbada? – perguntou Honour sem rodeios.

– Não! Claro que não – disse Rose depressa de mais. – Estava a sentir-me um pouco em baixo.

Honour sabia, com razoável certeza, que Rose estava embriagada e não tinha qualquer lembrança de a escrever ou enviar, pois quando deixou a mãe entrar parecera completamente estupefacta por ter sido encontrada. Honour não se incomodava. Embora não lhe agradasse propriamente a ideia de a carta ser a divagação de uma bêbada que de manhã já o esquecera, pensava que, nesses momentos, as pessoas tendiam a falar com sinceridade.

– Não posso crer que vieste de tão longe no comboio – disse Rose ansiosamente, como que desesperada para dar um rumo diferente à conversa. – Com um cão, ainda por cima! Como é que deste com o caminho?

– Posso ter sessenta anos, mas o meu cérebro ainda funciona – disse Honour com secura. – Mas a viagem deixou-me com muita sede. Vais oferecer-me um chá?

Não tinha visto nada da casa de Rose, a não ser a casa de banho e um vislumbre fugaz da cozinha, pela qual Rose a encaminhara depressa para ali. Ao instalar outra espreguiçadeira, a filha tinha dito algo sobre ser mais fresco debaixo da árvore; porém, tendo uma mente desconfiada, Honour duvidava que fosse essa a verdadeira razão.

Rose corou.

– Claro, eu não estava a pensar. – Pôs-se em pé num salto. – Vou fazer.

Honour ficou na espreguiçadeira, pois queria dar tempo à filha para se recompor. Atordoada como estava com a chegada da mãe, Rose não se mostrava apavorada, nem beligerante, como quando a visitara em Winchelsea. Estava também com bom aspeto, muito menos vistosa do que antes, e a cozinha, pelo menos, tinha sido limpa e arrumada. Nada mais justo do que dar-lhe uns minutos para se livrar de algo que a pudesse embaraçar na sala de estar, e talvez lembrar-se do que dissera na carta.

O quintal era surpreendentemente agradável – tinha apenas um pedaço de relva, mas havia madressilva ao longo dos muros e um pequeno aglomerado de margaridas-do-outono a começar a florir. Alguém cuidara dele; não se viam ervas daninhas e a parte de cimento junto à escada que subia para a cozinha estava bem varrida. A carta de Rose dava a entender que a casa era sua, e se assim fosse, Honour desejava saber como ela teria conseguido o dinheiro para a comprar. Contudo, havia muito que desconhecia sobre Rose, e sabia que, se queria chegar a algum lado, tinha de conter o desejo de fazer demasiadas perguntas.

Rose voltou dez minutos depois com as coisas do lanche num tabuleiro. Tinha penteado o cabelo, posto um pouco de batom e parecia calma. O conjunto do chá surpreendeu um pouco Honour, pois era de porcelana de osso requintada, com uma tira vermelha escura em volta das chávenas decoradas a dourado, e muito parecido com um que ela tinha.

– Há quanto tempo tens o cão? – perguntou Rose, pousando o tabuleiro do chá numa caixa de madeira entre elas. Estendeu a mão para afagá-lo. Tornou-se claro para Honour que a filha se sentia muito insegura de si mesma e ia refugiar-se numa conversa neutra.

Honour explicou como *Towzer* tinha chegado, e porque o trouxera com ela.

Durante o lanche falaram sobre a batalha da Grã-Bretanha. Rose parecia bastante ignorante acerca do assunto, mas talvez fosse compreensível, pois a maioria das batalhas aéreas fora travada sobre o Essex, o Kent e o Sussex.

Queixou-se do racionamento, do apagão e dos muitos alarmes falsos, quando as sirenes de ataque aéreo pregavam sustos de morte às pessoas.

– Já não fazemos caso deles – afirmou ela com um encolher de ombros. – Não vão bombardear Londres. Algumas pessoas gostam é de alarmar. Quem me dera que parassem. Já é difícil que chegue arranjar bons inquilinos sem dar a entender que Londres vai ser esmagada em breve.

Pelo que Honour vira de Londres naquele dia, certamente não parecia haver motivo para alarme. Os transportes funcionavam sem problemas, as lojas estavam abertas como sempre, as pessoas que vagueavam ao sol mostravam-se descontraídas.

Uma mulher com quem conversou no metro disse que as pessoas estavam a ficar fartas até às pontas dos cabelos de correr para os abrigos quando as sirenes disparavam, para depois descobrir que tinham desperdiçado várias horas por nada, pois era um falso alarme. Disse que nada a faria entrar de novo num abrigo imundo. Portanto, talvez Rose tivesse razão. Afinal, ela vivia aqui.

– É tua a casa? – perguntou Honour, depois de ouvir a tirada contra as pessoas que ali se haviam alojado.

– Sim. Andava a poupar há muito tempo, e tive uma sorte inesperada. Um amigo disse-me que eu devia investir numa propriedade. – Ela falava de modo defensivo, como se tivesse ensaiado a explicação.

– Muito sensato – comentou Honour. Queria parar com a tagarelice e voltar ao porquê de Rose lhe ter escrito. O conjunto de chá, tão semelhante ao que tinha em casa, ofereceu-lhe a possibilidade de avançar para um nível mais pessoal.

– O teu conjunto de chá é quase igual ao meu – disse ela de forma significativa, pegando no bule para olhar para ele.

– Foi por isso que o comprei – disse Rose, um tanto envergonhada. – Vi-o numa loja de segunda mão e era uma lembrança de casa.

– Pensava que não querias lembranças – disse Honour, mantendo o tom ligeiro, com cuidado.

– Ficarias surpreendida com a quantidade de vezes em que penso no passado – respondeu Rose. Deixou então tombar um pouco a cabeça, como que ciente de que teria de dar seguimento àquela declaração com algum tipo de explicação. – Muito bem, mãe – disse ela, olhando diretamente para Honour. – Eu arrependo-me de muitas coisas. Se pudesse recuar no tempo, teria feito tudo de maneira diferente.

Honour assentiu com a cabeça.

– Disseste isso na carta, e que esperavas ter perdão e uma oportunidade de tentar novamente. O que te fez querer isso, de repente?

– Não foi um pensamento repentino – disse Rose com um encolher de ombros. – Quero-o há muito tempo, mas tornou-se mais vital desde que a guerra começou.

– Eu senti o mesmo – disse Honour com cuidado. – Mas embora esteja feliz e aliviada por ter descoberto onde vives, não posso prometer-te o perdão. Tem de ser merecido.

– Como? – Rose franziu o sobrolho.

– Bem, é algo em que tens de pensar – disse Honour. – Terás de ser honesta contigo mesma sobre o motivo por que o desejas. É por agora estares sozinha ou perturbada?

– Não, estou bem – disse Rose, indignada. – Tenho esta casa, os rendimentos dos meus inquilinos. Posso mostrar-te a casa, para veres com os teus olhos.

– Os bens materiais não me impressionam – censurou-a Honour. – Nunca impressionaram e nunca impressionarão. Tu e o teu pai já foram o eixo em volta do qual girava o meu mundo, agora é a Adele. E assim como teria feito qualquer coisa para vos manter sãos e salvos, também o faria pela minha neta. Por isso, tens de me convencer que os teus motivos são puros antes que te deixe aproximares-te dela.

– Não sei se quero aproximar-me dela – disse Rose num tom sombrio. – Quando ela era pequena, não nos dávamos bem. Duvido que agora seja diferente.

– Se vais tomar essa atitude, então mais vale ir-me embora já – ripostou Honour. – Eu e a Adele somos um conjunto. Se me queres na tua vida, tens de fazer as pazes com ela.

Rose não disse nada durante algum tempo, a torcer as mãos no colo.

– Eu quero fazer as pazes – disse ela, por fim. – Só que não acredito que ela queira. Sei que lidei mal com tudo, naquele dia em que te fui ver. Havia muito que eu queria dizer, mas não devia ter aparecido daquela forma e sido tão... – ela parou, claramente sem saber como descrever a sua atitude naquele dia.

– Insolente? – sugeriu Honour. – Foi o que tu foste, Rose. Ignorante, desagradável, insensível, tudo isso. Não consegui ver nenhum vestígio da filha que eduquei com tanto cuidado. Deves ter vivido com gente muito baixa para ficar assim.

Rose assumiu uma postura mais rígida.

– A gente baixa foi a única a dar-me abrigo – disse ela em tom de desafio. – Não teria casado com o Jim Talbot se não estivesse desesperada.

Honour olhou bem para a filha. O aspeto dela melhorara bastante desde o último encontro. O cabelo loiro estava brilhante e arranjado segundo a moda, uma espécie de rolo grosso ao longo da parte de trás do pescoço – que Honour nem sabia como se fazia. Bronzeada, mais magra também, e o vestido sem mangas cor-de-rosa e branco tinha um ar elegante. Mas o rosto tinha rugas, e não eram rugas de riso. Ainda era uma mulher muito atraente, mas parecia insensível.

– O Jim Talbot pertence a um passado distante – disse Honour, por fim. – Mas arrastaste esse passado para o presente?

– Que queres dizer com isso? – Rose exasperou-se. – Parece-me que és tu quem quer desenterrar o passado!

Honour entendeu que tinha de ser firme.

– Não comeces, Rose. Ouve-me por um momento. A forma como te foste embora e a morte do teu pai tornaram-me amarga e isolada. Fiquei assim até ao dia em que a Adele apareceu. Portanto, sei o porquê de as pessoas arrastarem o passado com elas e se abandonarem ao seu tormento. Assim que saíste do hospício, fizeste um verdadeiro esforço para mudar o teu modo de vida?

– Sim, claro que sim – ripostou Rose. – Olha para mim, estou a viver num bairro degradado? Estou desleixada, suja ou louca?

– Não, não estás – concordou Honour. – Mas conseguiste o que tens agora pelo teu próprio esforço e trabalho árduo?

– Imagino que penses que o recebi de um homem. – Rose levantou-se da cadeira e olhou para a mãe. – O que achas que sou? Uma pega?

Honour abriu a boca para responder, mas o som de um avião à distância interrompeu-a. Um som abafado e arrastado que, por experiência própria, sabia não ser de pequenos caças.

– Escuta – disse ela quando saltou e agarrou o braço de Rose. – Bombardeiros!

– Pode ser, mas não vão largar nada aqui. – Rose afastou-lhe a mão. – Já é mau chamares-me pega. Não consigo lidar também com histerias.

Honour permaneceu imóvel, a esforçar os ouvidos para escutar os aviões e a ignorar a filha. Ouviu-se um ganido estridente, depois um baque abafado, depressa seguido de outros e, de seguida, o chiar ensurdecedor da sirene de aviso de ataque aéreo, que fez *Towzer* uivar.

– Onde é o abrigo mais próximo? – perguntou Honour, pegando no saco e na trela de *Towzer*, que continuava a uivar a plenos pulmões.

– Há um ao fundo da rua, mas não se pode entrar com cães – disse Rose, irritada. – Por amor de Deus, mãe, acalma-te e faz com que o maldito bicho pare com aquele barulho horrível.

– Então temos de ir para dentro, Rose – disse Honour, indo até *Towzer* e pondo os braços em volta dele, protetora. – Tens cave?

– Sim, uso-a para armazenar coisas – disse Rose, descontraída, pegando no tabuleiro do lanche como se não tivesse nada com que se preocupar. – Não entres em pânico, mãe. Vamos até ao último andar e olhamos lá para fora. Lá de cima, conseguimos ver quilómetros. Talvez aí te acalmes.

O espaço de que Rose falava tinha de facto uma boa vista para o centro de Londres, mas a visão com que se depararam deixou-as sem fala. O céu estava repleto de aviões, até tão longe que não pareciam maiores que pássaros, mas, a elevar-se de forma sinistra em direção a elas, estava um cogumelo de fumo negro.

De repente, era Rose quem parecia aterrorizada, e virou-se para Honour a torcer as mãos.

– Meu Deus! – exclamou. – Estão mesmo a bombardear! O que vamos fazer?

– Vamos ver a tua cave – disse Honour. – Não vou para um abrigo sem o *Towzer*. A que distância achas que está aquela nuvem?

– Não sei – Rose ofegava, de repente pálida. – No West End, talvez, mas pode ser tão longe como o East End. É difícil dizer.

– Whitechapel? – perguntou-lhe Honour, as pernas de repente como gelatina.

– Pode ser – disse Rose. – Vamos descer antes que eles cheguem aqui.

*

Mais tarde, Honour percebeu que, se o aviso de ataque aéreo não tivesse soado quando soou, não teria descoberto muito sobre a filha agora adulta. Provavelmente teriam acabado a discutir e, quase de certeza, Honour teria regressado a casa com tantas perguntas sem resposta como quando chegara.

Eram quatro horas quando a sirene disparou, mas às sete dessa noite Honour concluíra que, além dos traços de egoísmo e teimosia que já conhecia muito bem, Rose entrava facilmente em pânico, era avessa a todo o tipo de trabalho manual e tinha uma completa falta de humanidade.

O barulho era distante, mas incessante. Caíram bombas durante duas horas e, em simultâneo, ouvia-se o barulho da artilharia antiaérea, das ambulâncias e

sinetas dos carros dos bombeiros. Só quando ouviram as notícias das seis é que confirmaram que as bombas tinham caído apenas no East End e na zona portuária e não, como Honour imaginara, por toda a cidade de Londres.

Contudo, na altura não sabia, e entendeu que era imperativo criar um lugar seguro o mais depressa possível. Mas Rose tremia, fumava cigarros uns atrás dos outros e não fez mais do que fechar as janelas.

Foi Honour quem bateu à porta dos inquilinos para ver quem estava em casa. Foi ela que arrumou a cave, varreu o chão, levou para baixo cadeiras, cobertores, almofadas e outros confortos. Quando Honour sugeriu a Rose que enchesse baldes com água para apagar incêndios provocados por bombas incendiárias, ela pareceu desorientada, como se nunca tivesse ouvido falar de tal.

– Esta casa pode não ser atingida hoje – disse-lhe Honour, rudemente. – Mas eles irão de certeza chegar a esta parte de Londres, a certa altura. Tens de te preparar, Rose! E a segurança dos teus inquilinos também depende de ti.

– Decerto não tenho de tomar conta deles – retorquiu Rose, horrorizada.

Não estava ninguém em casa quando Honour verificou, provavelmente porque era um dia quente. À noite, ou em qualquer outra noite, poderia ser diferente.

– Até certo ponto, tens de tomar conta deles. É óbvio que, como adultos, eles podem decidir se vão ou não para um abrigo oficial – disse Honour, fatigada. – Mas, em caso de emergência, tens de lhes disponibilizar a cave.

No instante em que tocou o sinal de fim de alerta, Rose saiu a correr pela porta da frente sem sequer uma explicação, deixando a mãe a continuar a pôr a cave confortável. Estava Honour a escrever uma lista de artigos que achava que Rose precisava de comprar para as emergências, tais como velas, leite em pó e alimentos, e um fogareiro a parafina para o aquecimento no inverno, quando a filha voltou com uma garrafa de conhaque, a dizer que alguém lhe contara que as docas estavam a arder.

Às sete e meia, quando a sirene voltou a tocar, já escurecera. Se Honour não tivesse já feito sanduíches de carne de conserva e um termos de chá, e preparado o jantar de *Towzer* com a comida que trouxera, teriam passado fome, pois Rose correu para a cave com o conhaque, sem pensar em ninguém senão nela mesma.

Quando o bombardeamento recomeçou, Honour subiu para verificar se algum inquilino tinha regressado sem que ela ouvisse. Não estava ninguém,

mas um olhar pela janela do último andar chocou-a: o céu noturno, vermelho vivo sobre o este. Claramente, era este o incêndio das docas de que Rose falara.

Honour não tencionava dizer a Rose que Adele era enfermeira em Londres, pelo menos antes de decidir se Rose merecia reconciliar-se com a filha. Mas temeu tanto por Adele quando viu as chamas que não conseguiu evitar dizer.

Só então Rose saiu da letargia em que se encontrava.

– Ela está no East End? – perguntou, incrédula. – Pensei que estava no Sussex, perto de ti.

Honour pensou que tinha de explicar como aquilo acontecera.

– Ela era enfermeira em Hastings, no Buchanan, até acabar com o namorado. Acabou por vir para o London Hospital, em Whitechapel.

Rose parou então de beber e quis saber a história toda. Honour sentiu uma espécie de libertação ao partilhar com ela os pormenores e a terrível ansiedade de não saber onde estava Adele.

– Ainda desconheço a verdadeira razão pela qual ela acabou com o Michael. Eles eram muito felizes juntos. Mas suponho que tenha algo a ver com o que aconteceu naquele lar de crianças.

Rose não disse muito quando a mãe passou a contar-lhe também essa história toda. Honour, porém, supôs que ela se sentisse demasiado culpada para comentar. Sentadas nas duas espreguiçadeiras, apenas com a luz fraca de uma lâmpada, não conseguia ver a filha bem o suficiente para observar a sua expressão, mas Rose limpava os olhos com um lenço e, quando finalmente falou, tremia-lhe a voz.

– Desculpa, mãe, eu não fazia ideia. Fiquei com a impressão de que ela tinha ido diretamente de Euston para tua casa. Não sabia que antes a tinham mandado para um lar de crianças. Como é que um homem pode fazer algo assim a uma criança?

– Há muitas pessoas más neste mundo. – Honour encolheu os ombros. – Sei que não me agradeces por te lembrar das tuas falhas como mãe, mas tenho de o dizer. Se tivesses tomado bem conta da tua filha, transmitindo-lhe amor e a sensação de que tinha valor, aquele homem nunca a teria puxado para a sua teia sórdida.

Rose chorou abertamente, então.

– Como é que eu o faria? – soluçou. – Não fazes ideia de como era a minha vida, mãe. Viver numa miséria medonha com um homem que nunca conheceu mais nada, presa, com um bebé que eu nem queria. Foi o inferno, e a Adele lembrava-me constantemente tudo o que eu tinha perdido. Não consegui evitar

recriminá-la. Embora amasse a Pamela, nunca senti o mesmo em relação à Adele. Depois, quando a Pamela morreu, não aguentava olhar para a Adele. Mas eu estava doente da cabeça. Não podia fazer nada.

Honour escutou com paciência enquanto Rose desabafava a miséria da vida com Jim e do humor sombrio que não conseguia mudar.

– Compreendo – disse, quando Rose terminou. – Desconfio que fiquei num estado parecido depois de o Frank morrer. Mas não podes atirar a culpa toda a uma doença. Tens de admitir perante ti mesma que tudo o que aconteceu foi uma escolha tua, foi culpa tua. Só quando o fizeres e realmente acreditares, é que podes encontrar um caminho para corrigir o erro.

– Já é tarde de mais para isso – disse Rose numa voz entrecortada.

– Nunca é tarde de mais para algumas coisas – insistiu Honour. – A Adele tem um grande coração. Arranja uma maneira de ela se orgulhar de ti e tenho a certeza de que te perdoará. Mas talvez hoje seja melhor rezarmos juntas pela segurança dela.

*

– Está tudo bem, agora está a salvo – disse Adele, tranquilizando a idosa que tinha acabado de chegar com um ferimento feio na perna. A mulher ainda choramingava de pavor, e pelo que Adele tinha visto nos breves vislumbres a partir das janelas mais acima no hospital, surpreendia-a que não estivesse aos gritos.

O ataque aéreo apanhou toda a gente de surpresa. Era uma tarde quente e bonita de sábado e as pessoas caminhavam felizes pela Mile End Road, contando com a noite que se aproximava, quando de repente os bombardeiros escureceram o céu.

Adele tinha-se levantado há menos de uma hora, pois estivera de serviço de noite e só entraria outra vez às seis. Estava prestes a sair para comprar envelopes quando o aviso de ataque aéreo começou a tocar. Tinha havido centenas de falsos alarmes no último ano e muitas pessoas já ignoravam o aviso. No entanto, recentemente tinham caído bombas no Sudeste de Londres; a 25 de agosto, algumas bombas incendiárias no centro; e ainda há menos tempo, apenas dois dias antes, as refinarias de Thameshaven e Shellhaven, na foz do Tamisa, foram incendiadas. Assim, Adele não estava muito complacente.

Como a maioria das pessoas, acreditava que os Alemães só se interessavam em bombardear aeródromos e navios, mas saiu para ver o que os outros faziam

quanto a este aviso.

Caminhou até à Mile End Road, altura em que ouviu o zumbido dos aviões. Olhou para cima e viu o que lhe pareciam centenas de aviões. Como não via fogo antiaéreo, por um segundo pensou que eram ingleses, até que viu *Spitfires* e *Hurricanes* a acelerar em direção a eles. Foi como se, de repente, todos percebessem que era a sério, pois começaram a gritar e a fugir ao mesmo tempo.

Adele também correu, de volta para a casa das enfermeiras, para vestir o uniforme. Estava no quarto quando ouviu o silvo agudo da primeira bomba, e atirou-se para o chão em busca de proteção quando as janelas tremeram com a explosão.

O medo era tanto que mal conseguiu pôr o chapéu direito, mas sabia que tinha de ir imediatamente para o hospital. Um pressentimento dizia-lhe que aquela iria ser a noite mais exigente da sua carreira de enfermeira.

A correr pelo corredor, juntaram-se a ela outras enfermeiras, mas não havia tempo para discussões sobre o que estava a acontecer. As caras assustadas e os chapéus de lado diziam tudo.

Caíram mais bombas enquanto elas corriam a toda a velocidade para o hospital, mas atrás delas, na direção de Silvertown e das docas – um olhar para trás mostrou uma nuvem de poeira cinzenta a elevar-se para o céu. Acima das sirenes de aviso de ataque aéreo, ouviam as sinetas das ambulâncias e dos carros dos bombeiros, e um camião que chiou ao dobrar a esquina, cheio de elementos da proteção civil.

Em contraste com o barulho e o tumulto do exterior, o hospital estava estranhamente calmo. A enfermeira-chefe apareceu quando as enfermeiras afluíam pelas portas.

– Muito bem – disse ela, com um aceno de cabeça aprovador. – Estou muito satisfeita por todas terem tido o bom senso de vir prontamente. Acho que hoje à noite vamos precisar de todas as mãos disponíveis. – Para surpresa de Adele, mandou-as descer para a cantina, para comer. Ao ver a expressão nos seus rostos, esboçou um pequeno sorriso. – As primeiras vítimas demorarão um pouco a chegar. E vocês podem não ter mais oportunidades de comer hoje.

Tinha razão, claro. Passou-se mais de uma hora até as vítimas começarem a chegar, aos poucos, e durante esse tempo o bombardeamento foi quase constante. Os ferimentos menos graves eram tratados nos postos de primeiros socorros, por isso os primeiros pacientes foram sobretudo os que estavam para

lá das competências dos voluntários, os atingidos por alvenaria a cair e que tinham lacerações graves ou membros partidos.

Às seis, hora em que, em circunstâncias normais, entraria ao serviço o pessoal da noite, soou o sinal de fim de alerta. Contudo, embora tivessem tido uma pausa no barulho do bombardeio, esta foi breve. Às sete e meia, as sirenes voltaram a tocar e o bombardeamento recomeçou.

Lentamente, à medida que as equipas da proteção civil começaram a resgatar as pessoas enterradas sob os escombros, apareciam ferimentos cada vez mais graves e o fluxo de doentes aumentou drasticamente.

As enfermeiras e os médicos tinham de trabalhar a grande velocidade, mal conseguiam ouvir-se uns aos outros com o tilintar das sinetas das ambulâncias, o silvo das bombas e os soluços das pessoas feridas e em choque. Todos os feridos vinham cobertos de pó de tijolo da cabeça aos pés, os olhos vermelhos e ar desorientado. Muitos imploravam às enfermeiras que pedissem a alguém que descobrisse se os filhos, os maridos, as mulheres ou os pais tinham sido resgatados.

Pelos que ainda tinham coerência para relatar o que acontecera, as enfermeiras souberam que foram destruídas ruas inteiras em Silvertown. Ouviram falar de cadáveres nas ruas e de uma mulher que viu o braço desmembrado da própria filha, que reconheceu por uma pulseira que lhe oferecera. O resto da filha ficou provavelmente enterrado sob os escombros da casa, e acreditava-se que muitas centenas de pessoas estariam sepultadas da mesma forma.

Cada vez que um estrondo se aproximava, caíam do teto pequenos pedaços de gesso. Adele esforçava-se para não pensar no que aconteceria se o hospital fosse atingido diretamente. Uma enfermeira subiu ao andar de cima e informou que estavam a mandar os vigilantes de incêndio para o telhado. Um deles disse-lhe que as Surrey Docks estavam a arder e que vinham carros dos bombeiros de toda a cidade para ajudar a apagar o incêndio. Ela disse que achava que a fábrica de tintas também explodira, porque havia muito fumo acre e sufocante.

O tempo deixou de ter significado para qualquer das enfermeiras, pois corriam de uma vítima para a próxima. O chão estava salpicado de sangue, e tão depressa as assistentes o limpavam, tão depressa ficava igualmente mau. Os casos mais graves foram operados e a seguir levados para uma enfermaria, mas encheram as camas num instante; assim, tratavam os ferimentos menos graves e os pacientes tinham de sentar-se ou deitar-se onde pudessem, sem atrapalhar o pessoal médico.

Muitos deles estavam perturbados porque receavam pelo resto da família. Em alguns casos, havia crianças desaparecidas e, temia-se, mortas. Uma mulher com o braço quase todo decepado tentou sair da maca em que chegou para ir à procura do filho.

Adele perdeu a conta das várias histórias que ouviu sobre o que aquelas pessoas estavam a fazer quando o ataque começou. «Estava a pensar em ir buscar o chá.» «Estava na casa de banho.» «Tinha acabado de pôr a chaleira a ferver, a casa estremeceu e, de repente, o telhado tinha desaparecido.»

Adele não podia deixar de pensar que se um ataque destes tivesse acontecido em setembro passado, mesmo no início da guerra, teriam estado todos preparados. Mas a guerra de mentira conduzira-os a uma falsa sensação de segurança. As pessoas desistiram de transportar as máscaras antigás e ignoravam as instruções dos encarregados de defesa contra ataques aéreos, porque se sentiam autoritárias e presunçosas. Algumas mal sabiam onde ficavam os abrigos. E Adele achava que não havia espaço suficiente nos abrigos para o grande número de pessoas que hoje precisariam deles.

Ela e as outras enfermeiras não possuíam competências para lidar com ferimentos daqueles: pernas inteiras desfeitas, costas cheias de fragmentos de vidro partido, mãos e pés esmagados. Não havia aulas teóricas que as preparassem para ferimentos tão horríveis.

Quilómetros de ligaduras, toneladas de compressas, panos de linho e pensos rápidos, quartilhos de antisséptico e galões de água, tudo carmesim do sangue. Preparar apressadamente os pacientes para a sala de operações, correr com bacias em forma de rim para apanhar o vomitado de alguém, aplicar pressão numa ferida que bombeava sangue a um ritmo alarmante e, ao mesmo tempo, tentar consolar e confortar as vítimas.

– Para onde iremos? – perguntou a Adele, de forma lastimável, uma pobre mulher com um ferimento severo na cabeça e um bebé nos braços. – A nossa casa desapareceu, com tudo o que tínhamos, até o dinheiro. Onde vamos dormir? Não tenho sequer uma fralda seca para o pequeno.

Eram duas da manhã quando Adele fez uma pausa para beber uma chávena de chá e comer uma sanduíche. Joan, que estivera de serviço de dia e continuara, como todo o pessoal do dia, juntou-se a ela.

– Pensar que hoje à noite tinha um encontro com aquele bombeiro – disse ela, dando uma longa passa no cigarro. – O primeiro tipo de quem gostei mesmo em mais de um ano, e se calhar nunca mais o verei.

Adele não podia assegurar-lhe que o veria, pois chegara a notícia de que o incêndio nas docas era mau. Tudo ardia, e os bombeiros ficavam presos à medida que, por todos os lados, o fogo destruía os edifícios. Rotherhithe e Woolwich, do outro lado do Tamisa, também haviam sido atingidos com gravidade. Um rapaz de dezasseis anos, mensageiro do corpo de bombeiros, tinha entrado com queimaduras graves. Sofreu-as ao descer uma rua em chamas com uma mensagem de um bombeiro para outro. Pedalou corajosamente com as roupas a arder para entregar a mensagem antes de sucumbir e, já deitado na maca, o que o preocupava era saber como os bombeiros iam conseguir arranjar-se sem ele.

O Stratford Hospital fora atingido, mas um motorista de ambulância tinha dito que a equipa de enfermagem continuava a trabalhar atrás de biombos. Também caíram várias bombas perto do London Hospital, e mesmo assim os bombardeiros continuavam a vir. Com os incêndios ao longo da margem do rio a iluminar toda a cidade de Londres, os Alemães escolhiam com facilidade o alvo que quisessem.

Muitas vezes, durante a noite, Adele ouviu pessoas a questionar onde andava a Força Aérea durante o ataque e por que motivo não tinham detido os bombardeiros. Adele pensava que as pessoas depressa mudavam a lealdade. Umas semanas antes, na batalha da Grã-Bretanha, os pilotos dos caças eram os homens mais populares de Inglaterra; agora, eram responsabilizados por terem deixado passar os aviões alemães.

Mas Adele tinha visto aqueles bombardeiros a aproximarem-se. Trezentos, dizia-se. Também vira os *Hurricanes* e os *Spitfires* a atacá-los, em grande desvantagem numérica.

Depois da carnificina daquele dia, não conseguia rezar por Michael. Não porque já não se importasse, mas porque parecia errado rezar apenas por uma pessoa quando havia milhões em igual perigo.

*

– Mãe, é uma loucura ir lá – disse Rose, tentando impedir que Honour saísse às oito da manhã seguinte. – Os bombardeiros podem voltar a qualquer momento.

– Tenho de ver a Adele – insistiu Honour, obstinada. – Fica-me com o *Towzer*, porque não vou deixá-lo na rua se tiver de meter-me num abrigo.

– Mas duvido que consigas chegar lá – argumentou Rose. – De certeza que não há autocarros nem metro.

– Então vou a pé – disse Honour. – Toma bem conta do *Towzer*.

Tinham ouvido nas primeiras notícias da manhã que o East End fora atingido, mas – presumivelmente para evitar o pânico ou manter o moral – não foram dados pormenores quanto ao número de baixas. Honour tinha ouvido bombas a cair toda a noite e, a certa altura, subiu ao quarto de cima da casa e ficou algum tempo a ver o clarão vermelho das chamas. Não podia ficar só à espera de ter notícias de Adele. Tinha de saber se ela estava bem, e não podia regressar para casa sem ter a certeza.

*

Honour conseguiu apanhar um metro até Aldgate. O revisor informou-a de que andavam a verificar os danos das bombas na secção da linha à frente, mas disse que Whitechapel não ficava muito longe a pé.

Assim que Honour subiu à rua, as suas narinas foram invadidas pelo cheiro a queimado, e o ar estava denso de pó. Tudo parecia polvilhado com pó de talco ou farinha.

Não passara muito além da Torre de Londres quando viu os danos das bombas. Os edifícios permaneciam intactos, mas as estradas estavam cobertas de vidros, pedaços de alvenaria e telhas que as pessoas varriam com vassouras.

À medida que se aproximava da rua principal de Whitechapel, os danos tornavam-se cada vez mais graves. A maioria das montras estavam partidas, com estilhaços de vidro a baloiçar perigosamente sobre os artigos em exposição. Ao avançar um pouco mais, viu a primeira casa bombardeada, reduzida a uma pilha de escombros. A parede lateral permanecia grotescamente intacta, um quadro com uns cisnes num lago ainda no sítio. Em frente, uma idosa enrugada chorava, enquanto duas mulheres mais jovens tentavam, desesperadas, encontrar pertences entre os destroços.

Para lá dessa casa, encontrou muitas cenas semelhantes. Os ataques diretos tinham ocorrido sobretudo nas ruas laterais. Havia filas inteiras de casas demolidas e poeira branca ainda a rodopiar em turbilhão na brisa, e enormes bocados de alvenaria bloqueavam as ruas esburacadas.

Mas o que mais impressionou Honour foram as pessoas, muitas com pensos rápidos ou curativos nos rostos destroçados, a olhar com desnorte para as antigas casas. Viu uma mulher com as lágrimas a escorrer pelo rosto, a tentar inutilmente varrer a rua.

Um grupo de homens da proteção civil limpava destroços da Mile End Road, e Honour perguntou-lhes o que seria dos desalojados.

– Estão a deixá-los dormir nos salões paroquiais e nas escolas – respondeu um homem corpulento, mas pálido. – Mas o que vê aqui, querida, não é nada comparado com o que aconteceu em Silvertown. Ainda estão a desenterrar as pessoas presas por baixo dos escombros. Vamos para lá assim que limparmos esta rua, para que possam circular mais camiões de resgate e carrinhas funerárias.

– O London Hospital ainda está de pé? – aventurou-se Honour.

– Sim, está bem. Tem lá alguém?

– A minha neta é enfermeira lá – balbuciou Honour, com a voz a vacilar. – Ia só ver como ela está.

– Eles lá têm sido anjos – disse ele, dando a Honour uma palmada reconfortante no ombro. – Passei metade da noite a ir lá levar feridos. Parecia um manicómio, mas deixaram-nos orgulhosos.

*

No hospital, parecia mesmo um manicómio. Honour não via nada assim desde a primeira guerra, quando fora ao hospital de Dover tentar encontrar Frank. Mas na altura eram todos homens feridos, em geral limpos e com os primeiros cuidados recebidos, felizes por estarem de volta a Inglaterra e a descansar do inferno por que haviam passado. Aqui também se via mulheres e crianças, algumas com ferimentos tão chocantes que Honour tinha de desviar o olhar; enfermeiras com os aventais ensanguentados e o cansaço a surgir nos rostos jovens; médicos com batas igualmente cheias de sangue, ar de quem estava prestes a desfalecer, com as cabeças inclinadas sobre os pacientes.

Honour deteve uma enfermeira ao passar por ela.

– Sabe dizer-me se a enfermeira Adele Talbot está cá, por favor? – perguntou.

– Até há uma hora, esteve – respondeu. – Mandaram algumas enfermeiras descansar durante umas horas.

– Isso significa que ela volta mais tarde?

– Sim, para substituir algumas de nós. É familiar dela?

Honour confirmou com a cabeça.

– É minha neta. Só quero saber se ela está bem.

– Vai estar, depois de descansar. – A enfermeira sorriu, compreensiva. – Todos estaremos. Vá para casa. Eu digo-lhe que perguntou por ela.

Honour saiu do hospital e começou a andar de volta pela rua, em direção a Aldgate. Mas enquanto caminhava, sentiu que não podia simplesmente apanhar

o metro, ir buscar *Towzer* e regressar a casa. Tinha de haver alguém por ali a lidar com todos os pobres desalojados, que bem precisavam de ajuda durante umas horas.

Ao ver o homem da proteção civil com quem falara prestes a voltar para a carrinha e ir embora, caminhou num passo firme até ele.

– Encontrou a sua neta? – perguntou ele.

Honour explicou que Adele tinha ido descansar e que pensou que talvez pudesse fazer-se útil, entretanto.

– Entre – disse ele, abrindo a porta do camião. – Sei o sítio certo.

Honour mal pôde acreditar no que via quando se aproximaram de Silvertown, guinando para se desviarem dos buracos redondos e passando sobre os destroços. Tinham desaparecido ruas inteiras, os socorristas labutavam nos escombros cobertos de pó à procura de sobreviventes e de corpos enterrados. Junto à estrada encontravam-se corpos à espera da recolha, alguns cobertos por sacos, outros por cobertores e cortinas velhas. Havia homens e mulheres desesperados a escavar nos escombros com as próprias mãos, claramente à procura de um familiar desaparecido. Honour viu o que pensou ser um manequim de montra no cimo de uma escadaria ainda intacta, mas que se desprendera da parede que a sustentava. De repente, percebeu que era uma mulher morta.

O ar também era sufocante, uma mistura de argamassa em pó e fumo dos incêndios que ainda assolavam as docas.

O homem da proteção civil, que disse chamar-se Dan, tentou animá-la um pouco, dizendo-lhe que horas antes, ao amanhecer, tinham encontrado um bebé e um idoso ainda vivos e ilesos.

– A porta do guarda-vestidos abriu-se e, quando a casa veio abaixo, caiu tudo em cima do velhote. Ele pensou que estava num caixão, enterrado vivo. O bebé continuava no carrinho, debaixo de uma porta. E gritava a plenos pulmões, foi por isso que o encontrámos tão depressa. – Dan e os outros homens que o acompanhavam trabalharam toda a noite, a ajudar no que podiam. Ele disse que ia levar Honour a uma igreja que usavam como centro de repouso. – Vão ficar contentes com a ajuda – disse ele. – Isto é, se não se importar de fazer sanduíches e chá, e ajudar a anotar os dados das pessoas para lhes arranjarem onde morar.

*

Às quatro da tarde, Honour sentia-se tão exausta como a maioria das pessoas que ajudava. Tinha passado grande parte do dia a anotar os dados dos desalojados e os pormenores dos membros da família de quem ainda não se sabia, porque os outros ajudantes depressa perceberam que ela era mais instruída e emocionalmente distanciada do que eles.

Mas à medida que Honour ouvia uma história devastadora atrás da outra, até as suas emoções começaram a levar a melhor. Presumia que aquelas pessoas possuíam muito pouco antes do ataque; agora não possuíam nada e também tinham perdido familiares. Nunca se julgara capaz de levar dos braços de uma mãe perturbada um bebé imundo, esfomeado e de fralda suja, e despi-lo, lavá-lo e alimentá-lo. O único bebé de quem cuidara fora Rose. Mas a sua solidariedade provou ser muito maior do que a repulsa, e deu por si a fazê-lo várias vezes. Tinha abraçado e alimentado crianças mais velhas cuja mãe ainda não fora encontrada, reconfortado idosas e idosos, interrogado o que lhe pareciam ser centenas de pessoas e registado os dados por ordem alfabética, para que se pudesse tratar dos pedidos de habitação temporária.

Mesmo as pessoas que ainda possuíam casa não tinham gás ou eletricidade, e todos temiam outro ataque. Todo o dia ouviu que não havia abrigos antiaéreos suficientes para todos, e muitas pessoas queixavam-se de que o governo não ia autorizar que fossem para as estações do metro.

Às cinco e meia, apesar de tantos continuarem a precisar de ajuda, Honour achou que tinha de ir, para ver Adele e voltar para junto de Rose e *Towzer*. Já não queria regressar a casa, estava determinada a vir ajudar para Silvertown no dia seguinte.

O seu melhor vestido estava sujo, ardiam-lhe os olhos e tinha comichão no couro cabeludo de todo o pó de argamassa. Até os pulmões pareciam congestionados. No entanto, ao pedir boleia num camião que fosse em direção a Whitechapel, para ver Adele, pensou em como era afortunada, comparada com as pessoas que conhecera naquele dia.

O hospital estava um pouco mais calmo do que de manhã, e Honour encontrou Adele muito depressa.

Parecia cansada, com os olhos vermelhos, mas ao ver a avó a rondar de maneira nervosa na porta da enfermaria, correu para ela com um ar espantado.

– O que estás aqui a fazer? – repreendeu Adele. – Pode haver outro ataque a qualquer momento.

Honour explicou tão rápido quanto pode que tinha visitado Rose, e que depois do ataque se sentira compelida a vir ver se Adele estava bem.

O rosto de Adele revelou um grande choque ao saber de Rose. Corou, furiosa, e disse que Honour devia estar a perder a cabeça, deixando a segurança de Winchelsea por alguém tão desprezível. Mas quando a avó a repreendeu por ser tão pouco indulgente, Adele encolheu os ombros e começou a repreendê-la por arriscar a própria vida, vindo a Whitechapel.

– Olha, avó – disse, a bater no vestido imundo e a abanar a cabeça de forma reprovadora –, fico muito grata por pensares em mim, mas estou em segurança e a fazer aquilo para que fui treinada. Agora, vai-te já embora. Pega no *Towzer* e vai para casa. Não te atrevas a ficar nem mais um momento com a Rose. Londres não é lugar para ti.

– Não concordo – disse Honour, desafiadora, contando-lhe o que tinha feito o dia todo. – E amanhã volto, se a Rose tomar conta do *Towzer*. Aqui posso ser útil, mais útil do que na costa.

Adele pareceu então muito preocupada.

– Avó, é perigoso – disse ela, conduzindo-a até à porta. – Por favor, se me amas, vai para casa e mantém-te a salvo. Já, antes que me zangue contigo.

Honour riu-se com a súbita inversão de papéis. Não tinha intenção de regressar ao Sussex, mas pensou que talvez fosse mais sensato não o dizer a Adele naquele momento, tendo ela tanto que fazer. Deu um beijo à neta e disse-lhe para voltar para os pacientes.

O aviso de ataque aéreo disparou quando Honour ia a meio caminho da estação de Aldgate. Olhou para as pessoas em volta, mas ficou confusa quando começaram a dispersar em todas as direções. Alguém dissera, durante o dia, que achava que as estações subterrâneas eram o lugar mais seguro para se estar, portanto, acelerando o passo, continuou.

Não olhou para trás quando ouviu o zumbido dos bombardeiros, nem hesitou perante o primeiro guincho de bomba e o estremecer da terra que se seguiu. Ouviu um homem a gritar-lhe, e às pessoas que corriam com ela, mas assumiu que ele estava apenas a avisá-los para se apressarem.

Mais um guincho, ao que parecia desta vez muito próximo. Perto dela, uma mulher gritou, e Honour sentiu como que uma explosão de ar quente no rosto; de repente, um pó sufocante ofuscou-a e algo se lançou para ela, atirando-a ao chão.

O seu último pensamento, enquanto uma dor lancinante a engolia, foi que não tinha dito a Adele onde Rose morava.

CAPÍTULO 22

— Não olhes para mim assim! Eu não sei onde ela está – disse Rose com maus modos a *Towzer*. Quando, meia hora antes, a sirene de alerta contra ataques aéreos disparara, ele ficara numa loucura completa, a ladrar furiosamente e a correr de quarto em quarto à procura de Honour. Não descia para a cave com ela, e Rose fora obrigada a arrastá-lo pela coleira.

Agora, enquanto as bombas caíam, ele tinha as patas da frente no colo dela. Os olhos suplicantes e os gemidos enervavam-na.

– Vamos ficar bem – disse ela. Compadeceu-se e afagou-lhe a cabeça, imaginando que ele lhe captava o terror, pois estava bem antes de a sirene tocar. Tinham ido a Ravenscourt Park ao meio-dia dar um passeio. À vinda, pararam no bar ao fim da rua para tomar uma bebida, e toda a gente fez um espalhafato com ele. Bob, o proprietário, até lhe deu uns restos.

Todos falavam do bombardeamento da noite anterior no East End e constava que haviam morrido centenas de pessoas. A opinião geral era de que os bombardeiros tinham como alvo as docas, e que a morte dos civis fora apenas um erro infeliz. No entanto, estavam todos muito agitados. A maioria tencionava ir passar a noite a um abrigo, e muitos homens diziam que iam mandar as mulheres e os filhos para fora de Londres.

Rose ficou só para duas bebidas, pois estava à espera de Honour, mas à medida que a tarde avançava e a mãe não aparecia, começou a sentir-se zangada e explorada por ela a ter deixado com *Towzer*.

Agora, porém, ao ouvir as bombas a cair, só com ele por companhia, Rose não conseguia evitar pensar que tinha acontecido o pior a Honour e, possivelmente, a Adele também. Não imaginava a mãe a ficar nem mais um minuto do que precisava em Whitechapel. A única coisa que a impediria de voltar para junto de *Towzer* era não conseguir encontrar Adele.

Quando lhe veio à cabeça outro pensamento, sentiu um arrepio na espinha. E se Myles tivesse contado a verdade a Adele?

*

Rose não tinha memória de escrever à mãe nem de enviar a carta, portanto era óbvio que o fizera embriagada. Ficara absolutamente pasmada quando Honour apareceu, e o seu primeiro pensamento foi que a mãe viera para lhe dar um sermão pelo assunto de Myles e Adele.

Porém, em poucos minutos percebeu que não, pois Honour não estava zangada. Nessa altura, Rose descontraiu e acreditou que Myles encontrara outra maneira de induzir Adele a acabar o namoro com Michael sem admitir que era pai dela. Talvez até lhe tivesse oferecido dinheiro, e fosse esse o motivo pelo qual ela não contara à avó.

Mais tarde, nessa noite, quando Honour por fim lhe contou que Adele tinha vindo para Londres para esquecer Michael, Rose até sorriu mentalmente. Era o que ela própria teria feito, metido o dinheiro no bolso e desaparecido para a cidade. Parecia que Adele não era a sonsa que Honour gostava de dar a entender; antes, tinha a quem sair.

Mas, naquele momento, enquanto esperava com impaciência o regresso de Honour, Rose não conseguia deixar de ter a sensação enervante de que julgara mal Adele. E se Myles lhe tivesse dito a verdade, e a rapariga a escondesse da avó para a poupar?

Se fosse esse o caso, e se Honour aparecera no hospital com a história de que tinha estado com Rose, Adele poderia muito bem estar furiosa. E, se partilhassem ideias, não demorariam muito a descobrir como ela conseguira o dinheiro para comprar a casa.

Rose sentiu-se mal só de pensar. Seria essa a razão pela qual Honour não voltava? Porque não aguentava passar mais uma noite na companhia de uma Judas que aceitara as ditas trinta moedas de prata?

O grito lamuriento de uma bomba e depois um estrondo, desta vez tão perto que a luz tremeluziu, fizeram Rose tremer de medo. Se a casa fosse atingida, ela poderia ficar enterrada debaixo de toneladas de tijolo. Nunca gostara de estar sozinha – fora uma das razões por que quisera ter inquilinos, mas naquela noite nenhum deles estava em casa.

Margery e Sonia, as duas jovens que partilhavam o quarto grande da frente, no primeiro andar, tinham vindo a casa de manhã, a correr, buscar roupa lavada. No dia anterior, tinham ido fazer compras a West London e acabaram por passar a noite num abrigo público. Disseram que era terrível e que ficaram apavoradas, por isso iam para casa dos pais de Margery, não fosse haver mais um ataque.

Rose saiu da espreguiçadeira e deitou-se no colchão. Tapou-se com um cobertor e enterrou a cabeça debaixo da almofada, num esforço para silenciar o barulho do bombardeamento. Mas as bombas, tal como os pensamentos, não podiam ser silenciadas.

No bar, tinha ouvido muitas das pessoas com quem bebia e que classificava como amigos a fazerem preparativos para se encontrarem no abrigo local, se à noite houvesse outro ataque aéreo. No entanto, ninguém lhe dissera para se juntar a eles. Margery e Sonia também não lhe perguntaram se ficaria bem.

Lembrou-se de, na noite anterior, a mãe querer saber algo sobre os inquilinos – a idade, de onde eram e o que faziam na vida. Rose não fora capaz de lhe responder, pois não sabia praticamente nada sobre nenhum deles. Hoje, nem sequer perguntara a Margery onde moravam os pais.

Rose nunca tinha pensado que talvez fosse uma falha ter tão pouco interesse nos outros, mas talvez fosse. Talvez Margery, Sonia e os outros inquilinos, passados e presentes, só a vissem como uma cobradora de rendas, não como uma mulher sozinha que podia precisar de companhia. Talvez também as pessoas do bar a vissem como uma mulher independente em cuja vida não tinham lugar.

De repente, percebeu que não tinha amigos verdadeiros. Tinha dezenas de conhecidos; podia entrar em qualquer um de meia dúzia de bares em Londres e cumprimentar alguém que conhecia. Mas isso não era uma amizade verdadeira, apenas a camaradagem de quem bebe muito. Quem choraria por ela, se morresse hoje?

Se Adele tivesse contado a Honour sobre Michael, nenhuma delas se importaria que fosse dada como morta. Assim como nenhum dos muitos homens da vida passada de Rose, pois, se se lembrassem dela, pensariam apenas em como ela os usara.

*

– Mrs. Harris! Consegue ouvir-me?

Honour ouviu uma voz feminina, mas havia muito ruído por trás, como numa festa barulhenta ou numa estação de caminhos de ferro. Parecia não conseguir abrir os olhos e sentia dores, embora não percebesse bem onde.

– Mrs. Harris! Ficou ferida no ataque aéreo, mas agora está a salvo no hospital.

Ataque aéreo! Hospital! Aquelas palavras significavam algo, mas não percebia bem o quê. Seria um sonho? Devia tentar acordar e deixar o *Towzer* ir

à rua?

– Tenho de deixar o *Towzer* ir à rua – conseguiu dizer. Forçou os olhos a abrir, o suficiente para ver as luzes fortes.

– Assim está melhor – disse a voz. – Descobrimos o seu nome num envelope que trazia na carteira, Mrs. Harris. Vive em Londres ou a sua casa é na morada do Sussex?

Devagar, os olhos de Honour começaram a focar e a mancha à sua frente tornou-se um rosto. Um rosto jovem e bonito com olhos castanhos-escuros. Tinha na cabeça um chapéu de enfermeira engomado, tal como Adele.

– A Adele está cá? – conseguiu murmurar, embora sentisse a boca como que cheia de pó.

– A Adele quê? – perguntou a enfermeira.

– Adele Talbot, a minha neta. Ela é enfermeira.

– É a avó da Adele? – perguntou a enfermeira, incrédula. – Meu Deus.

Honour tinha a certeza de que era só um sonho. Fechou os olhos porque as luzes eram muito fortes e voltou a adormecer.

– Avó!

O som da voz de Adele acordou-a de imediato.

– Adele!

Não conseguia vê-la com clareza, mas a mão que segurava a sua parecia a certa. Não precisava de falar. Agora que Adele estava ali, era seguro voltar a adormecer.

*

Adele correu para o escritório da enfermeira-chefe quando saiu da cabeceira de Honour. Passara a noite a tratar de pacientes que recuperavam das operações, portanto não vira muitas das vítimas quando chegaram ao hospital. Foi um choque terrível quando a enfermeira Pople veio ter com ela e lhe deu a notícia de que a avó era uma delas. Adele julgava que ela tinha regressado sã e salva a Hammersmith.

No entanto, foi ainda mais assustador vê-la ali deitada e enfaixada com ligaduras, e ouvir a enfermeira a dizer-lhe que temiam danos cerebrais, uma vez que ficara muito tempo inconsciente.

Adele contou à enfermeira-chefe Jones que Mrs. Harris era sua avó.

– A enfermeira Pople afirmou que ela pode ter danos cerebrais – disse ela. – É verdade?

– É muito cedo para sabermos – disse a enfermeira. Vendo o olhar de angústia no rosto da jovem enfermeira, bateu-lhe ao de leve no ombro, com solidariedade. – É um excelente sinal que ela tenha sido capaz de perguntar por ti, mas o ferimento na cabeça é grave. Também partiu uma perna e tem inúmeras lacerações no corpo e nos membros.

– Ela é muito forte e saudável – disse Adele, a voz quebrada pela emoção. – Isso ajuda, não é?

– Sim, enfermeira, claro que ajuda, e estar aqui, no mesmo hospital que tu, também. Ela tem marido?

– Não, é viúva – disse Adele. – Veio a Londres visitar uma pessoa e deixou lá o cão. Mas eu não sei a morada.

Não arranjava coragem para admitir que «uma pessoa» era a mãe. Desde que Honour a informara de que tinha passado a noite com Rose, Adele fervia de raiva por a mãe ter o descaramento de tentar arrastar-se de volta para a vida delas.

A enfermeira-chefe explicou-lhe que fora à carteira de Honour e encontrara uma carta.

– Não a li, claro, mas talvez tu devesses ler. Pode ser da pessoa com quem ela ficou. Há quanto tempo estás de serviço, Talbot?

– Há tanto como as outras – disse Adele. – Desde o ataque de ontem, e tive três horas de folga hoje de manhã. Mas agora que a minha avó está cá, não quero sair.

A enfermeira-chefe Jones olhou-a de forma perspicaz.

– Insisto para que mais tarde descanses algumas horas – disse ela. – As enfermeiras exaustas cometem erros. Além disso, é provável que o estado de Mrs. Harris não se altere até amanhã, pelo menos.

Quando Adele foi à carteira de Honour e encontrou a carta lamentosa de Rose, sentiu-se ainda mais furiosa com a mãe. Era inacreditável que ela tivesse tido coragem de pedir perdão depois do tormento que provocara.

Talvez não contasse que Honour apanhasse logo um comboio para Londres, mas deixá-la lançar-se para o East End logo a seguir a um ataque aéreo era criminoso.

Adele sabia o que gostaria de fazer. Correr para Hammersmith, pegar em *Towzer* e dizer à mãe, sem rodeios, que nunca mais a queria ver nem ouvir falar nela. Mas não podia deixar o hospital nem a avó, nem podia tomar conta de *Towzer* até a avó melhorar.

Pensou que teria de pedir à polícia para notificar Rose do sucedido, e confiar que a mãe tivesse uma réstia de decência para cuidar bem de *Towzer*.

*

A campainha acordou Rose às onze, na manhã seguinte. Tinha permanecido na cave até soar o sinal de fim de alerta, pouco depois do amanhecer, mas não dormiu porque estava muito assustada. Levou *Towzer* a dar um curto passeio, e sentiu-se aliviada ao descobrir que não havia estragos de bombas em Hammersmith. Voltou depois para a cama, no seu próprio quarto.

Quando abriu a porta principal e viu um polícia fardado, pensou o pior e apertou com firmeza o robe à sua volta.

– Mrs. Talbot? – perguntou o polícia.

– Sim – disse Rose, com as pernas quase a ceder por baixo dela.

– Lamento trazer-lhe más notícias, mas a sua mãe ficou ferida num ataque aéreo, ontem à noite. – Rose não sabia o que dizer. Ficou simplesmente a olhar para o polícia. – Está no London Hospital em Whitechapel. Recebemos esta manhã uma mensagem da sua filha que, segundo sei, é enfermeira lá. Ela referiu que Mrs. Harris tem ferimentos graves, mas está estável.

– Mas eu tenho aqui o cão dela – disse Rose sem pensar. – O que devo fazer?

O polícia olhou para ela de soslaio.

– Tratar dele até ela melhorar? – sugeriu, com um toque de sarcasmo.

– Mas quanto tempo vai demorar? – perguntou Rose.

– Pode tentar telefonar ou visitar o hospital, para saber – disse ele com rispidez.

Rose fechou a porta depois de o polícia ir embora e regressou devagar ao seu apartamento. O que ouviu demorou uns instantes a fazer sentido, e mais um pouco até ela perceber que a sua reação devia ter parecido insensível. Pôs-se na porta das traseiras, baixou o olhar para as escadas para o jardim e procurou os cigarros no bolso do robe. Porque é que tinha dito aquilo do cão? Agora, dera ao polícia a impressão de que a preocupava mais ficar com o animal do que a mãe estar ferida.

Acendeu o cigarro com as mãos a tremer e inalou profundamente. Toda a vida fora assim, como se a cabeça não funcionasse em conjunto com as cordas vocais. Muitos homens tinham-lhe chamado nomes por ela, sob pressão, dizer algo bastante ofensivo. Mesmo quando tentava ser amável ou simpática, de alguma forma conseguia sempre parecer insensível.

A vez que mais a envergonhava fora naquela noite, tinha ela dezassete anos, em que a mãe lhe oferecera o vestido azul novo que fizera.

As terríveis palavras que proferira na altura não eram, na verdade, sobre o vestido – que era prático e útil. Mas estava loucamente apaixonada por Myles, todo o seu ser ansiava por romance, beleza e magia. O vestido azul despretensioso representava tudo o que desprezava em si mesma: ser uma empregada de mesa, viver no pântano, excluída do mundo resplandecente que vislumbrava no hotel.

O que naquela noite dissera à mãe, e sobre o pai, fora indecente, mas devera-se à frustração de não conseguir melhorar a sua sorte na vida, e à inveja que sentia dos que tinham muito mais.

Depois, parecera-lhe que só podia fugir. Em desespero, levou tudo o que encontrou de valor, pois não sabia se Myles a levaria com ele, por muito que a desejasse. Teve também de lhe dizer um monte de mentiras para conseguir que ele concordasse. E teve de continuar a mentir, mesmo depois de chegarem a Londres.

Rose deixou-se cair nas escadas e chorou. Que grande confusão tinha feito da vida. Por todo o caminho encontrou encruzilhadas e, em cada uma a que chegava, seguia sempre pelo caminho que parecia mais fácil: o caminho a descer.

*

Passaram duas semanas até Rose ir ver Honour ao London Hospital, deixando *Towzer* em casa, já que não podia entrar com ele no hospital. Tinha telefonado para o hospital todos os dias e sentia-se aliviada ao ouvir a enfermeira-chefe dizer que Honour melhorava a cada dia. Foi ela quem aconselhou Rose a não visitar a mãe, pois ela só iria preocupar-se por Rose deixar o cão sozinho.

Rose aceitou o conselho de bom grado. Não gostava de hospitais, e a ideia de estar frente a frente com Adele era assustadora. Sabia que ela era hostil, ou ter-lhe-ia deixado uma mensagem com um número e uma hora para a contactar. Para cúmulo, havia os ataques aéreos. Os ataques de dia tinham parado, mas logo que caía a noite era uma onda constante de bombardeamentos. A BBC e os jornais não relatavam a amplitude dos danos e nunca mencionavam o número de vítimas, mas todos sabiam que o East End estava devastado.

Tinha havido bombas e incendiários suficientes em Hammersmith para Rose fazer uma ideia do inferno que devia ser no East End. Todas as manhãs via

novos estragos provocados pelas bombas perto de casa e, na fila para comprar comida, ouvia as pessoas a falar sobre as zonas mais atingidas. Parecia que os que trabalhavam no West End ou no centro chegavam muitas vezes ao escritório ou à loja e encontravam as janelas rebentadas ou o telhado caído. Falavam de ver buracos enormes na rua, pilhas de destroços, fios de telefone multicolores a ondular na brisa, canos de água e gás rompidos.

Rose espantava-se por muitos passarem a noite sem dormir num abrigo, e depois andarem quilómetros para irem trabalhar. E por muitos proprietários de cafés e lojas ainda abrirem os negócios, mesmo depois de as janelas explodirem. Pensava que eles eram loucos – nem o rei nem o governo iriam recompensar alguém por ser tão obediente. Ela, depois de arranjar cigarros e comida, ia para casa. Ninguém a forçaria a trabalhar numa tenda de chá ou a entregar roupas aos bombardeados.

Passadas duas semanas, Rose fartara-se até às pontas dos cabelos de estar sozinha em casa com *Towzer* todas as noites. Os inquilinos iam todos para os abrigos públicos e pareciam divertir-se por lá. Portanto, quando telefonou para o hospital e a enfermeira-chefe lhe disse que Honour estava suficientemente bem para sair de Londres, Rose sentiu-se animada. Pensou que, quando *Towzer* se fosse embora, podia ir ao West End, beber uns copos e ver se conseguia arranjar um homem. Estava farta de viver como uma freira, e, segundo diziam, o West End estava cheio de combatentes à procura de diversão.

Enquanto o metro acelerava, Rose olhou desconsolada para o seu reflexo nas janelas. A falta de sono, a ansiedade e o facto de não comer bem tinham causado prejuízos, e apesar de naquela manhã se ter esforçado bastante com a aparência, aparentava a idade que tinha. No entanto, ao olhar para os outros passageiros, sentiu-se animada ao ver que tinham todos muito pior aspeto, sujos e andrajosos, com rostos desolados.

*

– Bom dia, Mrs. Talbot – disse a enfermeira-chefe Jones, num tom ríspido, ao entrar na pequena sala de espera onde haviam deixado Rose durante mais de uma hora.

Rose encontrava-se em estado de choque com as cenas que testemunhara desde que chegara ao hospital. Centenas de pessoas, com todo o tipo de ferimentos arrepiantes, ocupavam na íntegra os lugares sentados e a área do chão. Um homem, ainda com fragmentos de vidro espetados no casaco, pingava sangue no chão quando se mexia. Chegou de maca uma mulher com as

feições escondidas por uma espessa camada de pó, tipo farinha, e parte da perna decepada. As visões eram mais que suficientes para embrulhar o estômago de Rose, mas o barulho era ainda pior – choros, gritos, berros e prantos. Teria virado as costas e fugido se uma enfermeira não a tivesse levado para a relativa calma desta pequena sala, mas até esta divisão partilhava com mais seis pessoas em diferentes graus de angústia.

– Mrs. Harris já recuperou o bastante para ser transferida, e é claro que precisamos desesperadamente da cama – disse a enfermeira-chefe a toda a pressa, sem qualquer preâmbulo. – Ela quer ir para casa, mas vai precisar de alguém que tome conta dela.

– Não olhe para mim – disse Rose, indignada. – Eu tenho uma hospedaria para gerir.

– A enfermeira Talbot contava que fosse essa a sua resposta – retorquiu a enfermeira-chefe de modo duro. – É claro que ela está mais que disposta a cuidar da avó, mas eu preciso dela aqui. Estamos desesperados com a falta de enfermeiras.

– Onde está ela? – perguntou Rose. Não gostava nada do tom arrogante da mulher.

– De momento, com um paciente, mas a enfermeira sabe que a senhora está cá e virá vê-la daqui a pouco.

– Não posso esperar aqui o dia todo – disse Rose com brusquidão. Sabia que estava a ser desagradável, mas não conseguia evitar. Em parte, porque morria de medo com a perspetiva de estar frente a frente com Adele.

A enfermeira-chefe lançou-lhe um olhar cortante.

– Alguns dos feridos que estão ali já esperaram oito horas ou mais – disse ela acenando com a mão em direção à grande sala de espera. – Estão em sofrimento, desesperados por notícias dos familiares e a maioria também perdeu a casa. Sugiro-lhe que pense na sorte que tem.

Virou-se e saiu da sala sem mais uma palavra, deixando Rose a sentir-se como se tivesse levado uma bofetada.

Passou bem mais de uma hora até vir outra enfermeira à sala. Era alta, esbelta e muito atraente, ainda que o avental estivesse salpicado de sangue. Rose saltou do lugar.

– Estou há uma eternidade à espera para ver a enfermeira Talbot – disse ela. – Pode fazer alguma coisa para ela se despachar?

– Eu sou a enfermeira Talbot – respondeu a jovem com frieza. – Olá, mãe! Já passou muito tempo, mas contava que reconhecesses a tua própria filha.

Rose foi dominada pela confusão e a vergonha, já que todos na sala de espera ficaram a olhar para ela. Não podia crer que esta jovem enfermeira tão bonita, com cabelo brilhante da cor das folhas de outono e dentes perfeitos, era Adele. Tinha criado na cabeça a imagem de uma jovem muito vulgar e magra, de rosto macilento e cabelo castanho baço.

– E-e-eu – gaguejou.

– Não pensaste que eu podia ter mudado um pouco, em nove anos? – perguntou Adele.

Rose deixou-se cair na cadeira.

– És tão bonita – disse ela sem energia. – Não contava com isso.

– Agora não temos tempo para discussões sobre a nossa aparência – disse Adele com uma pontinha de acidez. – Temos de tomar uma decisão quanto à avó. Ela quer ir para casa e, na minha opinião, recuperaria mais depressa lá, mas só posso tirar dois dias de folga para a instalar. Ficas com ela?

Rose estava sem reação. A Adele de que se lembrava nunca se atreveria a ser tão direta.

– Não posso, tenho os meus inquilinos – disse ela muito depressa.

– Com certeza que se arranjam sozinhos.

– Mas tenho de cobrar a renda, e limpar as escadas e a casa de banho.

– Estamos em guerra, mãe – disse Adele. – Há pessoas a morrer nos ataques aéreos. Um pouco de sujidade nas escadas tem importância? Podes arranjar outra pessoa para cobrar a renda. Além disso, tu também estarias mais segura no Sussex.

Rose pensou depressa. Por muito que detestasse a ideia de tomar conta da mãe, sabia que, se recusasse, deixariam de lhe falar para sempre. Depois havia a casa em si, Curlew Cottage. Seria muito bom dormir em paz, tirar umas férias.

– De que cuidados vai precisar ela? – perguntou com cautela.

– Não muitos. A avó consegue dar alguns passos com as muletas. Vai precisar de ajuda para se vestir e lavar, e assim. Depois é preciso cozinhar e arrumar.

– Acho que posso tentar – disse Rose, indecisa.

Adele fitou-a com um olhar intenso e Rose lembrou-se das muitas vezes em que disse que os olhos castanho-esverdeados da filha eram estranhos. Já não havia neles nada de estranho; eram, na verdade, muito bonitos, e emoldurados por pestanas escuras e espessas.

– Podias tentar ser um pouco mais entusiasta quando vires a avó – repreendeu Adele. – Foste tu que a trouxeste para Londres, e esta é a tua oportunidade de lhe provares que realmente sentes o que disseste na carta.

O tom era suave e as palavras continham uma doçura que afetou Rose.

– Claro que sinto – ripostou ela –, estou só um bocado perturbada, com os bombardeamentos todas as noites e tudo de pernas para o ar.

– Bem, então vamos – disse Adele. – Tenho a certeza de que ela vai ficar muito aliviada e feliz por quereres tomar conta dela.

*

Na tarde seguinte, enquanto fazia a mala para levar para Rye, Rose estava uma pilha de nervos. Durante a noite tinha caído uma bomba a apenas uma rua de distância, e todas as cenas aterradoras que vira no dia anterior, não só no hospital como nas casas bombardeadas em volta, tinham-na convencido de que devia ir. Mrs. Arbroath, a sua vizinha do lado, concordara em cuidar da casa, arrendar os quartos se necessário e cobrar as rendas em troca de uma pequena compensação. Sabia que podia confiar na mulher por ela ser muito religiosa, por isso não receava o que poderia encontrar no regresso.

Mas receava Adele.

Não restava qualquer vestígio da menina que aceitava a indiferença e, por vezes, a crueldade. A Adele adulta era calma e muito agradável, não dissera nada que sugerisse que lhe guardava rancor, mas Rose tinha um mau pressentimento.

Não havia razão para tal. Tudo o que Adele dissera foi racional, amável, até, e muito prático. Soube-se que ela tinha enviado um telegrama ao carteiro de Rye quando Honour fora atingida, pedindo-lhe para alimentar os coelhos e as galinhas. Enviara agora outro para o informar de que chegariam depois do meio-dia do dia seguinte. Encarregou-se de mandar alguém buscar Rose e *Towzer* às nove da manhã, depois a ela e a Honour, seguindo para Rye. Na verdade, pela forma como falava sobre estarem as três juntas, quase parecia que queria que se tornassem uma verdadeira família.

Talvez fosse apenas o sentimento de culpa o que fazia Rose sentir-se tão inquieta, pois não conseguia livrar-se da ideia de que Adele tencionava, a certa altura, exigir tudo a que legalmente tinha direito.

Honour também não ia ser fácil. A perna partida podia estar engessada, algumas das feridas estavam longe de cicatrizarem, mas ela não sofrera danos cerebrais e continuava tão perspicaz como antes. Dissera sem rodeios a Rose

que podia esquecer-se de meter na mala as «roupas de festa», porque não precisaria delas, mas que devia levar sapatos robustos e roupas quentes. Lembrou-a do livro de racionamento e de levar todas as reservas de comida enlatada que tinha. Até lhe perguntou, de forma macabra, se ela se lembrava de como se torcia o pescoço a uma galinha.

Na noite anterior, quando as bombas voltaram a cair, Rose pensara na falta de casa de banho e de eletricidade em Curlew Cottage, e de como era longe da loja mais próxima. Arrependeu-se de ter concordado em ir, e sabia que ia detestar ser escrava da mãe, ainda que lhe agradasse afastar-se das bombas. Contudo, agora não podia escapar – talvez ao fim de uma semana conseguisse inventar alguma razão plausível para voltar a Londres.

CAPÍTULO 23

— Quando acabares, vamos buscar lenha – disse Adele enquanto Rose secava os pratos do jantar na copa. – Hoje de manhã, reparei que caíram algumas árvores com a tempestade. Podemos cortar umas achas, se levarmos o machado.

Rose suspirou. Era o seu segundo dia em casa, e Adele mantinha-a ocupada desde o momento em que haviam chegado. Era compreensível, dado que havia muitas coisas a acertar, mas Rose esperava poder descansar de tarde.

Tinham vindo numa carrinha, Honour num colchão atrás, com Adele e *Towzer* ao lado. Rose sentara-se à frente com o motorista, um homem velho e um tanto surdo, com propensão a gritar perguntas como se fossem elas a ter problemas de audição. Até ao Sul de Londres, viram danos terríveis provocados por bombas. Em duas ocasiões, a estrada encontrava-se intransitável e tiveram de fazer um desvio para voltar à estrada principal.

No entanto, assim que saíram de Londres, o ânimo de Rose exaltou-se perante as cores outonais das árvores. Tudo parecia muito brilhante e limpo sob a débil luz do sol, até o frio cortante era tonificante; e à medida que passavam por sucessivas aldeias serenas e pitorescas, os bombardeamentos começaram a parecer apenas um pesadelo.

Rose sentiu até uma inesperada vaga de nostalgia e entusiasmo ao ver novamente os pântanos. A erva luxuriante e verde, os juncos nas valetas a ondular ao vento e os líquenes nas vedações, cintilando com as teias salpicadas de orvalho, tal como Rose recordava de quando era criança.

Jim, o carteiro, entrara para acender o fogão. Havia um cesto de ovos na mesa, um litro de leite num jarro, uma tarte de maçã e amora, talvez feita pela mulher de Jim, e um ramo de flores silvestres num vaso para receber Honour em casa. Rose ria-se enquanto *Towzer* corria com alegria de um lado para o outro, a cheirar tudo, pois sentia-se tão alegre como quando, há muitos anos, os pais a traziam a passar os fins de semana e as férias.

Contudo, a sua alegria depressa se dissipou quando o céu escureceu, começou a chover torrencialmente e teve de correr para o lavabo, para esvaziar o bacio de Honour. A mãe, na verdade discutira com Adele, indignada, sobre a

necessidade de um bacio, e teria desafiado a chuva de muletas, mas Adele recusou. Insistiu que só se podia usar as muletas dentro de casa. O chão do exterior era demasiado irregular e escorregadio. Rose ouviu-a obrigar Honour a prometer que não iria vacilar quando ela regressasse a Londres. Até acrescentou sombriamente: «por muito que a Rose te encoraje a acreditar que é seguro.»

Embora Rose detestasse a ideia de esvaziar bacios e fazer os curativos das feridas da mãe, não se importava assim tanto de cozinhar e tomar conta da casa. Havia algo de tranquilizador em estar de regresso à sua antiga casa, com todas as memórias de infância, bem longe do terror noturno de Londres. Até se sentiu comovida ao ver a sua mãe, outrora tão indomável, agora tão indefesa.

Honour sempre havia tido muito bom porte. Apresentava-se de costas direitas, peito para fora e queixo para cima, e era muito forte e musculosa. Rose lembrava-se de, em criança, ver a mãe a transportar grandes baldes de pedras, a cavar o jardim como um homem e a subir ao telhado com a agilidade de um macaco. Nunca fora de ceder ao cansaço – acordava muito cedo e trabalhava até ao anoitecer.

Mesmo quando chegou a Hammersmith, ficou claro que continuava com o mesmo vigor. Podia ter o cabelo grisalho e algumas rugas no rosto, mas via-se que nunca se curvaria à velhice.

Agora, porém, sentada com a perna partida apoiada num banco e o curativo enorme na cabeça, aparentava ter sessenta anos. A pele estava amarela das pisaduras, visivelmente enrugada. Emagrecera, e os olhos estavam remelosos – até a voz havia perdido o tom autoritário. Adele tinha-lhe posto uma manta de malha colorida em volta dos ombros e, com os óculos de leitura no fundo do nariz, era de repente a avó frágil de um livro ilustrado.

Mais tarde, a chuva transformou-se numa verdadeira tempestade, e elas mal conseguiam ouvir o rádio com o sibilar do vento e o martelar da chuva no telhado. Mas Rose achou-o infinitamente preferível às bombas; no minuto em que a cabeça tocou na almofada, adormeceu.

Adele dormiu no sofá da sala. Rose sugeriu que partilhassem a cama, mas a Adele não quis. Disse, a rir, que não dormia mais de três horas por noite há mais de duas semanas, e se dormisse numa cama confortável poderia nunca mais acordar. Mas Rose ficou com a sensação de que a filha simplesmente não suportava estar tão perto dela.

Embora soubesse que não podia esperar que Adele abraçasse a mãe há muito perdida e lhe perdoasse pelo passado, Rose desejava que a filha dissesse algo

que lhe desse esperança para o futuro. Não podia deixar de, em segredo, se maravilhar por Adele se ter saído tão bem, não só bonita, mas inteligente, autoconfiante e muito capaz. Era o tipo de filha de que qualquer mãe se orgulharia, mas Rose sentia uma pontada de remorsos por ver que ela se saíra assim apesar da mãe e não por causa dela.

O instinto dizia-lhe que Adele não estava preparada para perdoar nem esquecer. Mostrava-se vigilante, os sorrisos eram forçados e quase tudo o que dizia diretamente a Rose era sarcasmo mal disfarçado.

De manhã, enquanto ela explicava à mãe como mudar os curativos no ferimento da cabeça de Honour e noutro, também grave, no braço, Rose percebeu que estava sob escrutínio. Mais tarde, quando foram dar de comer aos coelhos e às galinhas, Adele não disse nada. Era como se estivesse a fervilhar, mantendo uma tampa sobre a ira até chegar o momento certo para a levantar.

*

– A árvore é ali – disse Adele ao seguir em frente com o velho carrinho, em direção à estrada para Winchelsea. Virou junto a um portão, abriu-o e puxou com força o carrinho. Estavam duas árvores no chão, arrancadas pelas raízes.

Enquanto Adele começava a cortar uma das árvores com o machado, Rose reuniu todos os ramos e galhos mais pequenos que encontrou em volta, enchendo o carrinho num instante.

– Não temos já o suficiente? – perguntou. Adele continuava a golpear a árvore. Já tinha cortado três toros grandes e despira o sobretudo e o casaco de malha, pois o esforço fizera-lhe muito calor. A transpiração escorria-lhe pelo rosto, e tinha manchas molhadas por todo o corpete do vestido.

– Aquele fogão precisa de muita lenha – disse Adele, parando para limpar a testa. – Vais ter de vir aqui todos os dias e cortar um pouco mais.

– Não consigo – disse Rose, aterrorizada. – Duvido que consiga sequer levantar o machado. – À medida que as palavras lhe saíam da boca, percebeu que deveria ter-se limitado a acenar afirmativamente com a cabeça. Adele lançou-lhe um olhar gélido, como se a achasse fraca e patética. – Vou tentar, claro – acrescentou a toda a pressa. – Mas diria que há por aqui, algures, um homem para ma cortar.

Adele pegou outra vez no machado e, segurando-o com as duas mãos, soltou uma gargalhada irónica.

– Não mudaste nada, pois não? – disse ela. – Sempre à espera de que um homem te faça as coisas. Nunca na vida tiveste um dia de trabalho árduo, pois

não?

– Sempre cuidei de mim mesma – respondeu Rose. A voz tremeu-lhe, porque pressentiu que este era o início do confronto que ela já esperava. – Pelo menos desde que o Jim me abandonou.

– Ai sim? – As sobrancelhas de Adele arquearam-se de descrença. – E ganhaste o suficiente para comprar uma casa?

– Sim. Bem, o sinal, pelo menos – respondeu Rose. Começou a afastar-se porque estava assustada.

– Mentirosa! – gritou Adele. E foi atrás dela, agarrando-lhe o braço. – Consigo adivinhar onde arranjaste esse dinheiro. Foi o Myles Bailey, não foi? Chantageaste-o!

– Não sei do que estás a falar – insistiu Rose, na defensiva. – Quem é o Myles Bailey?

O estalo na cara foi tão rápido que nem viu a mão de Adele mexer-se. Cambaleou para trás, tropeçou num ramo caído e estatelou-se de costas. Adele pairava sobre ela e olhava-a, ameaçadora, com o machado a balouçar na mão esquerda.

– Sua cabra desgraçada e traiçoeira – silvou-lhe. – E também és muito estúpida. Pensavas que ele não me ia contar? Ele também é uma rica peça, mas pelo menos teve a decência de tentar proteger o filho! Tu, tu és nojenta, não só te faltou firmeza de caráter para me dizeres porque não podia casar com o Michael, como o usaste como forma de extorquir dinheiro.

– Não! – insistiu Rose, desvairada, sabendo que Adele não podia ter provas. – Não aceitei dinheiro. Só fui ter com ele porque não podia voltar à tua vida e contar-te pessoalmente.

– Agora sou adulta – vociferou Adele. – Sei olhar para trás com objetividade, para todas as coisas horríveis que me fizeste e disseste, e descobrir porque foi. Provavelmente passei mais tempo a pensar em ti numa semana do que tu pensaste em mim em vinte anos. Trataste-me pior do que a um gato vadio! Culpaste-me pela morte da Pamela, deixaste-me pensar que bebias por minha culpa, até o meu nascimento foi algo mau que te fiz. Depois de tudo, não me enganas em nada. Não passas de uma prostituta, uma mentirosa e um completo fracasso como ser humano.

Rose estava perplexa com a ferocidade na voz de Adele. Não podia acreditar que alguém com tanto veneno armazenado conseguia controlá-lo calmamente durante dois dias, à espera da oportunidade certa para o cuspir.

Ficou deitada na erva, paralisada, com os olhos no machado na mão da Adele. Tinha a certeza de que ela a ia atacar com ele.

– Desculpa, Adele – choramingou. – Eu estava doente, tinha um problema mental, tu sabes que sim. Pergunta à avó. Ela sabe.

– Eu não vou perguntar nada à avó – disse Adele, com os olhos em chamas e a voz áspera de emoção. – Ela já sofreu mais do que o suficiente por tua causa. Não chegou destroçar-lhe o coração? Tinhas de voltar e arruinar a minha vida e a do Michael também?

– Eu nunca quis magoar a minha mãe, eu era jovem e tola – soluçou Rose. – Também não te queria magoar, nem ao Michael, mas tinha de fazer alguma coisa. Se tivesses casado com ele e tido filhos, poderiam sair deficientes.

– Eu talvez acreditasse, se tivesses vindo ter comigo e me tivesses contado a verdade – vociferou-lhe Adele. – Mas foste ter com ele, viste ali uma oportunidade única de fazeres algo por ti.

– Se pensas assim tão mal de mim, porque é que me trouxeste para tomar conta da avó? – gritou Rose.

– Talvez porque queria trazer-te até aqui e matar-te. – Para terror de Rose, Adele pegou no machado com ambas as mãos, levantou-o e depois baixou-o depressa, parando a apenas uns centímetros da cabeça de Rose. – Uma vez tentaste matar-me, ou já te esqueceste? E eu não te tinha feito nada.

– Eu estava doente e desolada por causa da Pamela – berrou Rose, retorcendo-se freneticamente para tentar fugir, pois Adele estava agora a golpear com o machado e, a cada golpe, aproximava-o mais da cara de Rose. – Nunca ouviste o meu lado da história. O Myles abandonou-me quando eu estava grávida de ti. Eu adorava-o e ele deixou-me entregue à casa de correção. Não sabes o que passei. Por favor, Adele, não me mates.

– Quanto dinheiro recebeste? – berrou Adele, e aproximou-se ainda mais de Rose, brandindo perigosamente o machado perto do seu rosto. – Diz-me já, ou levas com isto na mesma!

Rose percebeu que não valia a pena continuar a negar que tinha extorquido dinheiro a Myles; de qualquer forma, tinha a sensação de que Adele sabia de tudo.

– Mil libras – choramingou. – Mas ele devia-me isso, depois do que me fez.

Adele balouçou outra vez o machado. Rose gritou e cobriu a cara com as mãos, urinando-se sem querer. A lâmina passou tão perto que quase lhe varreu a bochecha, e caiu na erva mesmo ao lado da sua orelha.

– Metes-me nojo – disse Adele com desprezo. – Olha para ti, completamente aterrorizada com a criança que costumavas maltratar! Mereces sofrer pelo que me fizeste, mas tenho em mente algo mais construtivo para ti do que a morte ou a desfiguração.

– Faço tudo o que tu disseres – choramingou Rose. Estava tão apavorada que achava que nem seria capaz de se levantar do chão. – Eu vendo a casa, dou o dinheiro à avó.

– Achas que ela quereria dinheiro sujo? – vociferou Adele. – Achas que eu algum dia a deixaria saber o quão depravada é a sua única filha?

– Então o que queres? – Rose chorava.

– Quero que ela viva muitos anos e seja feliz, só isso – respondeu Adele, com a voz a quebrar-se de emoção. – Não quero que ela tenha nem mais um dia de ansiedade. Quero que acredite que ela e o Frank trouxeram a este mundo uma pessoa boa e decente. Mesmo que não seja verdade. – Rose só tremia de medo. – Estás preparada para lhe dar isso, custe o que custar? – silvou-lhe Adele. – Estás? – Rose acenou afirmativamente com a cabeça. Sabia que não tinha escolha senão concordar. – Então senta-te – bradou Adele. – E ouve com atenção, porque não vou repetir. – Rose sentou-se e tentou limpar as lágrimas do rosto com a manga. – Certo! – disse Adele. – Vou dar-te uma oportunidade de te redimires e não será fácil. Seja como for, terás de transformar-te numa mistura de Florence Nightingale e Pollyanna. Vais encher a avó de cuidados, esvaziar o bacio, dar-lhe banho e alimentá-la, e tomar conta da casa, do jardim e dos animais. Vais tornar-te o tipo de filha generosa que ela merece.

– Vou – concordou Rose, em desespero. – Prometo que vou.

– É bom que assim seja – disse Adele, e lançou-lhe um sorriso afetado. – Eu sei que, meia hora depois de eu sair, vais estar a trabalhar nalgum esquema para te pores a andar e voltares para a bebida e para a tua vida desclassificada. Mas nem tentes. Um passo em falso e eu saberei. E vou atrás de ti. Não haverá segundas oportunidades, garanto-te.

Rose fitou os olhos verde-acastanhados da filha e lembrou-se nitidamente de Myles. Ele olhara-a da mesma maneira pouco antes de a deixar. Era uma espécie de olhar de entendido, como se lhe espreitasse diretamente para a alma e não gostasse do que lá via.

Ele devia ter descoberto todas as mentiras e trapaças, tal como agora Adele descobrira. Ainda bem, talvez, que Adele era mais parecida com ele do que com ela.

– Tenho de te contar algumas coisas sobre o teu pai – começou Rose a dizer, pois teve um súbito anseio de desabafar.

– Não quero ouvir. Gosto tão pouco dele como de ti – disparou Adele. – Tenho esta lenha para levar para casa. Arranja-te e depois entra pelas traseiras para poderes lavar a cara antes que a avó te veja.

Rose viu, num silêncio atordoado, Adele a voltar calmamente para o carrinho carregado de lenha, a colocar os toros em cima e o machado de lado, empurrando-o de seguida para o portão, como se não tivesse acontecido nada.

Rose levantou-se, remexeu no bolso à procura de um cigarro e depois afundou-se nos restos da árvore caída, inalando profundamente o cigarro para tentar acabar com os tremores.

Adele estava errada ao achar que a mãe nunca tinha pensado nela, durante aqueles anos. Tinha. Mas nunca se censurou por a ter maltratado. Nem quando Honour a criticara por ser má mãe se apercebera de que poderia ter prejudicado Adele.

Porém, agora via que sim. O facto de se ter deparado com tanta raiva e ódio despojou-a de todas as defesas que construíra ao seu redor durante anos. Não arranjava desculpas para si mesma; era o que Adele dizia – uma mentirosa, uma prostituta e uma vigarista.

Começou a chorar. Os soluços vinham das profundezas do seu ser, trazendo com eles repugnância por si mesma. Sempre usara as pessoas, inconscientemente, talvez, mas agora que pensava nisso, concentrara-se sempre naqueles que tinham algo para oferecer. Alguma vez agira por bondade, generosidade ou altruísmo?

Apesar de muitas vezes sentir arrependimento pelos enganos, crueldade, ganância e manipulação das pessoas, arranjava sempre alguma forma de se justificar.

Rose cobriu o rosto com as mãos. De repente, era tanta a vergonha desesperada de si mesma que desejava morrer e nunca mais ter de encarar Adele ou Honour.

Ficou lá fora até chegar o anoitecer, pois não conseguia parar de chorar. Sentia fluir um rio de arrependimento. Compreendia agora o verdadeiro significado do velho provérbio «cada um colhe o que semeia.» Como é que podia esperar amor, bondade ou compreensão quando ela própria nunca os dera?

Era muito tentador fugir dali, encontrar um bar e beber até esquecer. Era o que costumava fazer nos momentos de crise. Mas desta vez não o faria. Ia fazer

exatamente o que Adele mandara. Talvez nunca se revelasse o suficiente, nem para a mãe nem para a filha. Mas tinha de tentar.

*

Quinze dias mais tarde, Honour, sentada na cadeira junto ao fogão, olhava para a perna engessada apoiada no banco à sua frente. Já estava suja, em resultado de *Towzer* vir lá de fora aos saltos e sacudir o pelo enlameado perto dela. A meia cinzenta puxada sobre o pé precisava de ser cosida – revelava um dedo com uma coloração púrpura –, e tinha comichão na perna por baixo do gesso. Honour sentia-se pelas pontas dos cabelos de não se poder mexer com liberdade e entediada até ao desespero por estar dentro de casa, mas sabia que devia lembrar-se da sorte que tinha.

Era muito afortunada por estar viva e devia alegrar-se por todos os outros ferimentos terem cicatrizado tão depressa. Até a ferida na cabeça estava quase boa, e ela tinha conseguido deixar de usar o curativo em poucos dias.

Rose encontrava-se na copa a depenar uma galinha, e de vez em quando espirrava, quando as penas lhe chegavam ao nariz. Sempre que acontecia, Honour não podia deixar de sorrir.

Rose não tinha estofo para a vida no campo. As mãos eram macias de mais para o trabalho árduo, faltava-lhe resistência e era suscetível. Se fosse como Rose queria, comeriam *fish and chips* todas as noites, comprariam o pão e, provavelmente, ela escolheria trabalhar numa fábrica de munições e pagar a outra pessoa para tomar conta da mãe. Extraordinariamente, porém, não se queixara uma única vez desde que Adele partira.

Honour sabia que elas tinham tido uma espécie de discussão antes de Adele voltar para Londres e que Rose se saíra pior. Fizeram o possível para escondê-lo, mas ela pressentiu-o no silêncio intimidado da filha. Rose ouviu com atenção as instruções de Adele sobre os medicamentos de Honour, quantas vezes era preciso mudar os curativos e como saber se havia infeção. Submissa, concordou em ir à cabine telefónica todas as semanas, a uma hora combinada, telefonar para o hospital, para informar Adele do estado de Honour.

Foi surpreendente que Rose não tivesse protestado com Adele por ela lhe dizer várias vezes para ter baldes de água cheios, areia disponível e a bomba hidráulica portátil à mão, para o caso de caírem bombas incendiárias. Afinal de contas, Rose tinha visto as consequências dos bombardeamentos, e leu todas as instruções do governo sobre como apagar incêndios.

Mas comportava-se como se fosse apenas uma criada, com medo de devolver a ferroada sequer com uma pontinha de sarcasmo. O que, como Honour recordava, nem parecia dela, pois Rose sempre fora agressiva e segura de si mesma.

Parecia ainda menos dela levantar-se às seis, limpar as cinzas do fogão e voltar a acendê-lo, depois, uma hora mais tarde, levar a Honour uma chávena de chá e perguntar-lhe se estava pronta para usar o bacio.

Honour contava que o comportamento atencioso desaparecesse em poucos dias, mas tal não aconteceu. Rose dava de comer aos coelhos e às galinhas, apanhava lenha, lavava e cozinhava. Era também, surpreendentemente, uma ótima cozinheira. Parecia que tinha aprendido alguns truques quando trabalhara no restaurante, pois a sopa que fazia era muito mais saborosa do que qualquer prato que Honour soubesse preparar. E era muito amável a mudar os curativos e a ajudar Honour a lavar-se e a vestir-se.

Não conseguia matar galinhas nem coelhos, e Honour duvidava que algum dia viesse a ser capaz, mas não importava – Jim, o carteiro, tinha todo o gosto em ajudar, quando era necessário. No entanto, o que mais surpreendia Honour era o facto de Rose ser muito boa companhia. Gostava dos mesmos programas de rádio e fartavam-se ambas de rir com o programa *It's That Man Again*. Era boa a jogar cartas e ensinava a Honour muitos jogos novos.

Havia muitas ocasiões em que Rose parecia distante ou muito entediada. Quando ia a Rye fazer um recado, demorava mais tempo do que o necessário, o que fazia Honour suspeitar de que tinha ido ao bar. Mas era fácil estar com ela, pois não tagarelava sobre nada, como muitas das mulheres que Honour conhecia.

A vida estabeleceu-se numa rotina agradável. Embora Honour se sentisse aborrecida pela sua incapacidade, tinha muito por que agradecer, especialmente o regresso de Rose.

Uma ou duas vezes quase lhe disse o que sentia, mas era cedo de mais, ainda tinha suspeitas sobre ela. Rose era uma espécie de enigma; ainda não dissera nada sobre os anos que se haviam passado entre fugir de casa em rapariga e o tempo no hospício. Ou quem era o pai de Adele. Momentos houve em que Honour pensou que se devia ao tratamento no hospício. Mas, se sim, era estranho que ela se lembrasse de todo o tipo de episódios da infância e parecesse gostar de falar sobre eles.

Fez também muitas perguntas sobre Adele, em especial sobre o tempo em The Firs, como se adaptou ali em casa e como e quando conheceu Michael

Bailey. Honour supunha que Rose imaginava que, ao juntar todos os acontecimentos dos anos em que esteve longe da filha, conquistaria o perdão de Adele.

*

– Acabei a galinha, finalmente – disse Rose da porta da copa, fazendo Honour sobressaltar-se.

– Muito bem – disse Honour, resistindo à tentação de acrescentar, «já não era sem tempo.» – Puseste as penas todas no saco?

– Sim, mãe – respondeu Rose com o cansaço de quem antecipou a pergunta. – E também varri o chão, antes que perguntes. Vamos beber um chá?

– Posso fazer isso – disse Honour. Levantou a perna partida com as duas mãos e pousou-a no chão. – Já estava na hora de fazer exercício. Anda sentar-te, já fizeste que chegue por um dia.

Rose tirou o avental antes de ir para a sala. Honour arrastou-se para fora da cadeira e pôs-se de pé, na perna boa, pegando na muleta para se apoiar.

– Acho que quando tirar o gesso vou ter os músculos definhados – disse ela, aproximando-se do fogão para pôr a chaleira a ferver. – Só espero não coxear para o resto da vida.

– Coxear é melhor do que saltar numa perna – disse Rose ao sentar-se.

A observação fez com que Honour pensasse em Frank. Era o tipo de coisa que ele costumava dizer. Virou-se para olhar para a filha e viu a mesma expressão pensativa com que ele ficava muitas vezes.

– O que se passa, Rose? – perguntou, enquanto abria o armário onde guardava tudo o que precisava para o chá.

– Nada de especial – disse Rose com um encolher de ombros. – Estava só a pensar na Adele, enquanto depenava a galinha. Não sei como é que ela aguenta ver tanto sangue e entranhas, dia após dia. Enfermagem normal em tempo de paz é uma coisa, mas agora não tem nenhum descanso daquilo, pois não? Com aquela idade, devia sair, dançar e divertir-se.

– A guerra não vai durar para sempre – disse Honour, prendendo duas chávenas no dedo e pousando-as na mesa. – Haverá tempo para dançar quando acabar. Quando tínhamos a idade dela, já éramos mães.

Rose murmurou.

– Eu estava grávida da Pamela.

Honour não ousou virar-se e olhar para a filha, pois era a primeira vez que ela mencionava Pamela desde que chegara.

– O que achaste de ter um segundo filho? – perguntou, com cautela.

– No início, fiquei horrorizada – disse Rose numa voz débil. – Mas o Jim estava muito satisfeito, e eu senti-me contente por fazê-lo feliz. Queria ser como as outras mulheres, sabes? Aquelas alegres e sorridentes que adoram bebés. É normal ser assim, não é?

– Não sei – disse Honour. – Não posso dizer que seja assim. Eu não era de querer fazer festinhas aos bebés dos outros. Via-os com grande desconfiança.

– A sério? – Rose parecia espantada. – Sempre tive a ideia de que querias muitos.

Honour riu-se.

– Com certeza que não. Gostava muito de ti, mas todos os meses ficava aliviada quando descobria que não tinha engravidado outra vez.

– Santo Deus – exclamou Rose. – Quem me dera ter sabido disso.

– Que diferença teria feito?

– Bem, talvez não me tivesse sentido tão anormal por não querer ter filhos.

A chaleira ferveu e Honour despejou a água no bule. Deixando o chá a infundir junto ao fogão, sentou-se novamente.

– Tiveste a Adele em circunstâncias difíceis – disse ela. – Estavas preocupada e assustada. Acho que isso impediria qualquer uma de ver um bebé como uma alegria.

– Eu nunca pensava senão em mim – admitiu Rose. – Culpei-a pelo meu corpo flácido e dilacerado, pela dor e pelo sono agitado. As outras mães não o fazem.

– Talvez o façam, mas não admitem – disse Honour. – O meu sogro arranjou-me uma ama. Sem a ajuda dela, eu teria tido muitos motivos para resmungar.

– Mas aprendeste a amar-me, não foi? – perguntou Rose.

Honour franziu o sobrolho.

– Amei-te desde o momento em que te puseram nos meus braços – disse. – Deves saber disso. – Não obteve resposta e virou-se para olhar para a filha. Rose parecia perturbada, a remexer nos botões do casaco. – Com certeza não pensavas que não – disse Honour, interrogativa.

– Quando se é pequeno, não se pensa nessas coisas – disse Rose. – Aceita-se tudo, simplesmente. Mas quando o pai foi para a guerra, senti que não tinhas tempo para mim.

– Não tinha tempo para ti! – disse Honour, incrédula.

– Bem, estavas sempre a fechar-te no quarto, a ir passear sozinha. Foi horrível, como se eu fosse invisível – disse Rose.

– Eu estava perturbada. Sentia muito a falta dele e tinha medo que ele morresse – disse Honour. No entanto, experimentou uma súbita pontada de culpa ao lembrar-se de que se isolara. Por vezes, até se ressentia por Rose lhe fazer exigências.

– Também senti isso tudo – afirmou Rose. – Mas parece que não te apercebeste.

– Se foi o caso, desculpa. Devia estar demasiado absorta em mim mesma – disse Honour com tristeza.

– Eu só tinha treze anos, mãe. – A voz de Rose subiu uma oitava. – Foi como ter perdido o pai e a mãe. Raramente falavas comigo, nunca perguntavas como ia a escola ou se eu tinha amigos, nada. Talvez não fosse de admirar que eu não conseguisse amar a Adele.

– Ora, vá lá – disse Honour, com medo de que Rose estivesse a tentar manipulá-la. – Posso ter passado por um mau bocado, mas não te negligenciei nem te magoei de forma alguma.

– Vamos parar com este assunto – respondeu Rose, abanando a cabeça de modo depreciativo. – Não quero remoer no passado.

Honour olhou para a filha e viu que ela mirava os pés. Lembrou-se de que Rose o fazia muitas vezes, em menina. Mencionava um ressentimento qualquer e de repente ficava em silêncio, como se não conseguisse ou tivesse medo de continuar. Irritava Honour na altura e irritava-a agora.

– Por amor de Deus, desembucha e acaba com isto – exclamou Honour. – Se achas que te magoei, diz-me.

– Não me magoaste, propriamente, ainda que não fosses muito justa – disse Rose numa voz débil. – Mas o que me magoa não é o que fizeste naquela altura; é mais a forma como me apresentaste à Adele.

– O que queres dizer? – perguntou Honour, exasperada. – Não te «apresentei» de forma alguma à Adele. Qualquer ideia que ela tenha de ti formou-se pelas tuas próprias ações.

– Alguma vez lhe disseste que, aos catorze anos, eu me matava a trabalhar naquele hotel e trazia cada cêntimo que ganhava para casa? – perguntou Rose. – Contaste-lhe que eu costumava sair daqui antes do amanhecer, no inverno, e voltava para casa umas catorze horas depois, à chuva e à neve?

– Eu disse-lhe que trabalhaste no hotel – declarou Honour, indignada.

– E aposto que ela pensou que era apenas por umas horas, como empregada de mesa – disse Rose com amargura. – Acendi lareiras, esvaziei potes, limpei pratas e esfreguei o chão. Tinha as mãos de um vermelho esfolado, doía-me

tudo ainda antes de pôr o vestido e o chapéu pretos de empregada e ir para a sala de jantar, para servir velhos e mulheres que me tratavam como lixo. Depois disso, lavava a loiça. Só podia voltar para casa depois de estar tudo arrumado.

– Não percebo onde é que isto vai dar – disse Honour com firmeza. – Onde queres chegar?

– A Adele pensa que foste uma mãe perfeita e que eu era má, porque fugi e te deixei – disse Rose sem rodeios. – Nunca lhe disseram as razões que me levaram a ir embora.

– Nem eu as sei – suspirou Honour. – E se me contasses?

– Aos catorze anos, eu era o sustento da família. Quando chegava a casa, tão cansada que mal conseguia arrastar-me para a cama, tu costumavas queixar-te de que te sentias sozinha – ripostou Rose. – Depois, o pai veio para casa e para mim era como um estranho assustador. Cuidaste dele como de uma criança, mas nunca me agradeceste por ganhar o dinheiro para os medicamentos dele e a comida extra. Nem sequer me explicaste nada.

Honour sentiu-se como se tivessem afastado uma cortina, revelando uma parte da vida para a qual escolhera não olhar.

– Não pensei – disse ela sem força.

– Não, não pensaste – exclamou Rose. – O único dia em que tinha oportunidade de acordar mais tarde era aos domingos, e um domingo de manhã acordaste-me ao amanhecer para ir buscar lenha para o fogão. Eu só tinha voltado do trabalho depois das duas. O pai estava a dormir, podias ter ido tu buscar a lenha, mas não, arrastaste-me para fora da cama. Disseste isso à Adele?

– Foram tempos difíceis para todos – disse Honour com ar de desafio.

– Sim, foram – concordou Rose. – E tu estavas nervosa por causa do pai e provavelmente não dormias muito bem. Mas trataste-me como a uma criada. Senti-me usada.

Honour tinha esquecido muito do que acontecera durante aqueles anos de guerra, mas as palavras de Rose desbloqueavam as memórias.

– Desculpa – disse.

– Não quero desculpas – respondeu Rose penosamente. – Só quero que reconheças o que está por detrás da minha fuga. Não fui assim tão má, e acho que a Adele também devia saber disso.

Por uns momentos, Honour nada disse. Aquilo de que Rose falara havia criado um feixe de luz naquele que antes fora um lugar escuro. Era culpada das

acusações. Só tinha apresentado pela própria perspetiva os anos entre Frank ir para a guerra e a partida de Rose. Não tivera em conta o papel de grande valor que a filha desempenhara; na realidade, até agora nem considerava que Rose tivesse desempenhado um papel.

– Tens razão – disse, por fim. – Não mostrei qualquer gratidão, e devia ter mostrado. Estou disposta a admiti-lo à Adele. Mas se queres melhorar a tua relação com ela, tens de ser sincera sobre o que veio depois. Aí não posso ajudar.

Rose levantou-se e serviu o chá em silêncio. Entregou uma chávena a Honour e depois sentou-se com a dela.

– Eu não queria lançar-me nisto – disse ela, por fim. A voz era baixa e apologética. – Simplesmente saiu.

– Talvez seja melhor – disse Honour, e estendeu a mão para apertar o braço da filha. – A minha mãe costumava usar a expressão: «não se põe compota fresca em frascos sujos.» Talvez agora os tenhamos limpado.

Rose esboçou um leve sorriso.

– Acho que a Adele nunca vai sequer querer tentar entender-me.

Honour suspirou.

– Não a julgues pelos teus padrões. Ela é uma rapariga inteligente, com um grande coração. O tempo e a tristeza desta guerra podem muito bem convencê-la.

Towzer foi ter com Rose e deitou a cabeça no colo dela. Ela coçou-lhe a cabeça e acariciou-o.

– Se as pessoas fossem mais como cães – disse. – Não guardam rancor, nem querem explicações.

– Talvez não – disse Honour com um sorriso. – Mas a medida de carinho e afeto que te dão iguala a que lhes dás. Nesse aspeto, os humanos são praticamente iguais. O *Towzer* aprendeu a gostar de ti e com o tempo a Adele também acabará, se achar que mereces.

*

Michael deslocou-se um pouco no assento para aliviar a cãibra na perna esquerda, e olhou para o bombardeiro *Lancaster* que voava ao seu lado, pilotado por Joe Spiers, o seu amigo australiano. Michael detestava voar à noite, em especial em janeiro, com um frio glacial e as nuvens a tapar a lua, mas dava-lhe algum conforto ter Joe ao lado.

A cãibra ia abrandando e Michael sorriu para si mesmo. Uns dias antes, uma das mulheres auxiliares da Força Aérea chamara-lhe «Velho Bailey», porque ele saíra a mancar do *Spitfire*. Aos vinte e três, também se sentia como um velho. A maioria dos rapazes do esquadrão tinha dezanove ou vinte, todos de rosto jovem. Quase todos os velhos companheiros haviam morrido.

Às vezes, se se atrevesse a deixar escapar o pensamento, pensava em quando seria abatido. Parecia impossível, não sendo melhor nem pior piloto do que os outros, que fosse poupado. Mas, outras vezes, acreditava ser invencível, o que, à sua maneira, era ainda mais perigoso.

Encontrava-se agora a caminho da Alemanha, numa missão de acompanhamento de bombardeiros. Não era tão assustador como nos tempos das lutas de caças na batalha da Grã-Bretanha, mas voar à noite trazia também os seus problemas, e de nada servia ser complacente.

Michael pensou que, independentemente dos perigos, mais depressa se via no ar do que preso num trabalho de secretária em Londres. O Blitz já decorria há três meses e, noite após noite, o East End era dizimado por bombardeamentos. Todavia, os *cockneys* eram um grupo corajoso. Iam para os abrigos das estações de metro à noite; emergiam na manhã seguinte e descobriam que tinham desaparecido ruas inteiras. No entanto, iam trabalhar, muitas vezes sem terem água para se lavarem rapidamente ou para uma chávena de chá.

Michael fora obrigado a entrar num abrigo, no Ano Novo. Tinha sido pateta o suficiente para Joe o persuadir de que deviam passar o Ano Novo bem longe da base. Quase virara costas e fugira quando sentira uma baforada vinda das latrinas. Era o bastante para se ficar maldisposto, e Michael pensara que era melhor arriscar a morte na rua do que passar uma noite com aquele cheiro nauseabundo. Mas ficara, claro – como Joe disse, o discernimento era a parte maior da bravura. E até se divertiu, apesar do cheiro e das pessoas apertadas como sardinhas em lata. Aproveitavam ao máximo; cada um tornava o pequeno espaço tão confortável quanto possível, cuidavam uns dos outros. Um velho tocava acordeão e todos cantavam com ele.

Naquela noite, vinham de todas as classes sociais. Moradores habituais, que vinham todas as noites e tinham o lugar organizado, janotas de *smoking* com senhoras a cintilar com joias, e prostitutas do Soho que ajudavam as mulheres com bebés e crianças pequenas. Donas de casa suburbanas de meia-idade, apanhadas pela sirene antes de chegarem a casa, idosos mirrados, jovens datilógrafas e lojistas bem-dispostas, e também uns razoáveis punhados de homens de uniforme.

Ele e Joe conheceram duas raparigas do Yorkshire. Eram ambas enfermeiras auxiliares num hospital no sul de Londres e, tal como Michael e Joe, tinham ido ao West End para celebrar o Ano Novo. Michael gostou muito de June, a bonita, de cabelo escuro. June era animada e engraçada, e ele pensou que podia telefonar-lhe e arranjar maneira de levá-la a sair assim que tivesse uma folga.

Joe dizia que a melhor maneira de esquecer uma «miúda» era arranjar outra. Michael estava certo de que ele tinha razão. June não lhe fazia lembrar Adele, de forma alguma. Era pequena, roliça – de uma forma agradável – e falava pelos cotovelos. Quando ele a beijou, nas primeiras horas da manhã, ela respondeu ardentemente. Era isso o que ele queria, uma rapariga descomplicada que não pensasse muito. Alguém que nunca lhe tocasse na alma como Adele tocara.

Começou a nevar e o Michael praguejou. Embora fosse mais fácil para chegarem ao alvo sem serem vistos, também fazia com que fosse mais difícil ver os aviões inimigos. Mais cinco minutos e estariam lá, e com a sorte do lado deles, mais dez e pôr-se-iam a caminho de casa.

Uma barragem de fogo antiaéreo e os clarões que a acompanhavam deram um vislumbre do aeródromo e dos hangares de que estavam à procura. Michael e os outros dois *Spitfires* subiram para deixar os três *Lancasters* aproximarem-se do alvo. Quando lançaram a primeira bomba, Michael ouviu um segundo estrondo. Olhou para baixo e viu fogo a rebentar.

– Boa! – gritou, triunfante, pois era claramente um depósito de munição ou um tanque de combustível.

O seu regozijo aumentava a cada bomba, pois agora, à luz do fogo, via o aeródromo nitidamente e tinham atingido aviões e abatido edifícios.

Feito o trabalho, todos os aviões se viraram para voltar para casa, e Michael soltava gargalhadas de alegria, esquecido do frio e da cãibra, e até de ficar de olho nos caças.

O estalido e a vibração do lado direito do avião fizeram-no estremecer. Virou bruscamente a cabeça, e ao lado viu um *Messerschmitt* alemão e as faíscas vermelhas das armas dele. Michael disparou automaticamente, mas o avião alemão escapou num voo picado. Depois, antes que Michael sequer pensasse em subir, ele aproximou-se por baixo a grande velocidade e disparou novamente, acertando no nariz do *Spitfire*.

O líquido de refrigeração do motor borrifou o vidro, obscurecendo a vista de Michael, que só então viu o avião a arder.

– Deus do Céu – exclamou, pois aquele era o tipo de fim que mais temia. Sentia o súbito aumento de calor; sabia que mais uns segundos e seria queimado vivo. Não via nada à frente, o líquido de refrigeração colado ao vidro e a neve encarregavam-se disso. Só via chamas cor de laranja e escarlate do lado direito, e não havia outro remédio senão virar-se ao contrário e ejetar-se.

Tinha treinado para isto. Em teoria, o *cockpit* abrir-se-ia com um toque e ele dispararia como uma rolha de uma garrafa. Mas agora estava de barriga para cima, as chamas à volta dele, e o *cockpit* não abria.

Por um breve instante, viu o rosto de Adele. Corria para ele com o cabelo a ondular atrás, como uma bandeira.

– Que Deus me ajude – disse com voz áspera ao preparar-se para morrer.

CAPÍTULO 24

1941

Honour abriu a porta da frente quando viu o Jim a recuar para o caminho, depois de entregar a carta.

– Anda cá aquecer-te com uma chávena de chá – gritou ela.

Estava um dia gélido de fevereiro com chuvadas de granizo. O céu estava escuro e Honour pensava que à noite ia nevar. Tinha tirado o gesso da perna a tempo do Natal, mas para sua deceção, ainda precisava de usar bengala para se apoiar, pois a perna partida enfraquecera com a falta de uso. Rose não a deixava fazer mais do que coxear pelo jardim por curtos períodos de tempo, e agora nem isso, pois estava muito frio, por isso Jim seria uma distração agradável do tédio.

Jim voltou para trás, com um sorriso aberto que provava que a oferta era bem-vinda.

– Estou enregelado, mas não bati à porta porque achei que quererias um tempo a sós para ler a carta.

Honour riu-se.

– Sabes perfeitamente que tenho tanto tempo a sós que nem sei o que lhe fazer – respondeu. – A carta da Adele pode esperar. Anda, entra.

– A Rose não está cá hoje? – perguntou Jim enquanto batia as botas no capacho da entrada e fechava a porta atrás dele.

– Foi a Rye tentar arranjar petróleo para o candeeiro e buscar livros novos à biblioteca – disse Honour. – Admira-me que não a tenhas visto, acabou de sair.

– Não prestei atenção a ninguém – disse ele. Despiu o casaco e sentou-se. – Estava muito ocupado a pensar na pobre Mrs. Bailey.

– O que se passa com ela? – perguntou Honour.

Jim pareceu embaraçado.

– Não soubeste?

– Soube o quê?

– Sobre o Michael.

– Não me digas que morreu! – Honour teve de se sentar depressa.

– Bem, «Desaparecido, presumivelmente morto», mas vai dar ao mesmo, não é? – declarou Jim. Depois, vendo o rosto devastado de Honour, estendeu a mão e bateu-lhe ao de leve no braço. – Desculpa, Honour, pensei que já soubesses. Ela recebeu o telegrama há uma semana.

– Aquele rapaz adorável, não – suspirou Honour. Vieram-lhe as lágrimas aos olhos. – O que aconteceu?

– Dizem que foi abatido ao voar sobre a Alemanha – respondeu Jim, descalçando as luvas sem dedos e fletindo os dedos. – Ela está a reagir muito mal. Bem, tu melhor do que ninguém sabes como ela é. Esta manhã, a vizinha disse-me que ontem à noite andava na rua com a roupa de dormir. Não sabia o que estava a fazer!

– Podem tê-lo feito prisioneiro – disse Honour. – Ouvi dizer que as notícias demoram semanas, meses, até, a chegar.

Jim encolheu os ombros.

– É improvável. Parece que ela recebeu a visita de alguém do esquadrão do Michael. Viu o avião a arder e não o viu a ejetar-se.

– Que grande ajuda – disse Honour friamente. – Ele não podia ter-lhe dado alguma esperança?

Levantou-se novamente para fazer o chá, mas ao ver a lata de chá que Michael lhe oferecera quando conheceu Adele, começou a chorar.

– Vá, Honour, não te enerves – disse Jim, preocupado. – Quem me dera não te ter contado.

– É melhor ter vindo de ti do que de bisbilhotices na loja – afirmou Honour, a tentar conter as lágrimas. – Eu gostava muito dele. Como sabes, sempre tive esperança para ele e para a Adele. Também lamento pela mãe. Dos filhos, ele era o único que lhe era próximo. O que fará ela agora?

Jim abanou a cabeça com tristeza.

– Se ela não se recompuser, a governanta vai-se embora, isso é certo. Ouvi dizer que, antes disto, já esteve a ponto de ir embora dezenas de vezes e há limites para o que um corpo consegue aguentar.

– Bem, espero que ela não se vá embora, durante uns tempos – disse Honour, indignada. – Nestas alturas, as pessoas descarrilam um pouco. Não conseguem evitar. Sei como me senti quando o meu Frank morreu.

– Tu ladras mas não mordes, Honour – disse Jim. – És uma mulher amável.

Honour esboçou um sorriso lacrimejante.

– As crianças ainda pensam que sou bruxa?

Ele abanou a cabeça.

– Esse disparate morreu há muito tempo, quando a Adele veio para cá. Agora também tens a Rose, e ela é demasiado agradável para ser filha de uma bruxa.

– Às vezes acho que estamos as três enfeitiçadas – disse Honour com tristeza. – Todas tivemos vidas problemáticas.

– Então, isso nem parece teu – disse Jim, com o rosto bondoso cheio de preocupação. – Penso sempre em ti como invencível.

Honour abanou a cabeça com tristeza.

– Não, Jim, não sou nada. Sou apenas uma idosa que faz o melhor que pode para sobreviver.

Durante algum tempo, Jim fez conversa sobre o racionamento e a sorte que tinham por não serem da cidade, sem galinhas nem legumes caseiros a que recorrer. Depois de ele ir embora, Honour deitou-se no sofá, cobriu-se com um xaile e chorou. No seu coração, sabia que Adele nunca deixara de amar Michael. Podia sair com outros rapazes e já não pedir notícias dele, mas não enganava ninguém. Ia ficar desgostosa com a morte dele, e Honour tinha a certeza de que Michael estava morto, se o avião se incendiara.

As lágrimas, porém, não eram só pela neta, eram também por Emily Bailey. Uma vez, na altura da batalha da Grã-Bretanha, Honour encontrou-a por acaso em Rye e perguntou por Michael. Emily ficou evidentemente satisfeita por poder falar sobre ele com alguém que o conhecia bem. Falou dele com grande orgulho, mas Honour achou-a muito tensa e magra e viu-lhe sombras profundas ao redor dos olhos, das noites sem dormir.

Honour começou a compreender esse tipo de ansiedade e pavor desde que foi apanhada no ataque aéreo. No entanto, lembrava-se de que Adele passava grande parte do tempo numa enfermaria subterrânea, que podia correr para um abrigo se estivesse na rua quando a sirene tocava. Emily não podia tranquilizar-se dessa forma. Sabia, como todos, que quando um avião era atingido, as hipóteses de o piloto sobreviver eram muito pequenas.

Honour sabia também que, se Adele morresse, seria incapaz de suportar a perda. Não quereria sequer tentar. E imaginava que fosse exatamente assim que Emily se sentia naquele momento. O coração dizia a Honour para vestir o casaco e calçar as botas, para ir vê-la a Winchelsea. Mas sabia que não estava capaz de andar tanto – se escorregasse na estrada gelada, podia partir a perna outra vez. Em vez disso, escrever-lhe-ia uma carta. Seria um pequeno conforto para Emily saber que as pessoas lamentavam por ela.

*

Eram três e meia quando Rose saiu de Rye para ir para casa, mas já estava a escurecer. Havia longas filas em todas as lojas, e embora tivesse conseguido arranjar petróleo para o candeeiro, queijo, manteiga e chá, ninguém tinha açúcar. Passou mais tempo no bar do que queria, mas foi divertido namoriscar com dois soldados de licença. A mãe não aprovaria, mas se Rose não pudesse tomar umas bebidas e ter companhia masculina de vez em quando, treparia as paredes e responderia torto à mãe.

Depois de o bar fechar, teve de correr para a biblioteca, e agora estava preocupada por ter deixado Honour sozinha durante tanto tempo.

Mas tinha sido um dia bom, apesar do frio de rachar. Estar na fila podia ser moroso, mas não era aborrecido. Todos conversavam e riam; Rose encontrou duas antigas colegas da escola, e ambas ficaram muito contentes por vê-la. A sua natureza cínica dizia-lhe que só falavam com ela porque esperavam saber umas bisbilhotices para poderem espalhar, mas tinha sido bom voltar a encontrá-las. Rose ficou muito comovida ao descobrir que ambas acreditavam que Adele tinha ido morar com a avó quando ela estivera doente. Não contara que a mãe recorresse a mentiras piedosas para salvar Adele do embaraço e da vergonha. Em tempos, teria embelezado ainda mais a «doença» para obter compaixão; contudo, sentiu-se muito orgulhosa de si mesma por desvalorizar com um encolher de ombros e dizer que Honour fora uma mãe melhor do que ela teria sido.

Apesar de chegar tão tarde à biblioteca, conseguiu passar à frente de outra mulher e levar um exemplar de *E Tudo o Vento Levou*. Tentava consegui-lo há semanas, mas por muito que quisesse mergulhar nele à noite, sentiu que devia a Honour deixá-la lê-lo primeiro.

No geral, Rose sentia-se muito bem consigo mesma. Talvez pela primeira vez na vida adulta, era feliz. Para sua total surpresa, não sentia falta nenhuma de Londres, e assim que aprendeu a ajustar-se às tarefas de casa, até as achava agradáveis.

O dia em que revelou todos os velhos ressentimentos a Honour desanuviara o ar. Deu por si abismada por a mãe ser capaz de admitir que tinha sido irrefletida. Mas, nos últimos meses, Rose tivera muitas vezes a agradável surpresa de descobrir que a mãe era muito diferente da pessoa indiferente, puritana e cabeça-dura que criara na cabeça ao longo dos anos.

Na verdade, Honour era boa companhia. Tinha um sentido de humor vivo e muitas vezes cruel. Era terra a terra, direta e muito prática. Claro que houve dias em que se desentenderam, mas era difícil criar o hábito de ter sempre

alguém por perto depois de se viver sozinho tanto tempo. No início, Rose ficou ressentida por estar às ordens da mãe, e Honour tinha uma desconfiança profunda de tudo o que Rose dizia ou fazia. Nem todos os ressentimentos estavam completamente resolvidos, para nenhuma delas, mas como Honour tanto gostava de salientar, «Roma e Pavia não se fizeram num dia.»

Mesmo assim, em geral, havia muito mais gargalhadas do que discussões, e Rose tinha experimentado momentos de extrema ternura em relação a Honour, especialmente quando ela suportava a dor e a imobilidade com tanto estoicismo.

Se não fosse a situação com Adele, Rose achava que podia viver com a mãe indefinidamente, desde que pudesse ir dançar ou ao cinema todas as semanas. Mas não conseguia esquecer o ódio e o desprezo com que a filha a havia tratado. Nem as ameaças. Além disso, tinha a certeza de que, assim que Honour recuperasse por completo, Adele esperava que ela desaparecesse para sempre.

Todas as semanas, quando caminhava até Winchelsea à hora marcada para telefonar à filha, Rose ficava agoniada. Adele não a insultava nem era ríspida, mas a voz não mostrava afeto, nenhuma sugestão de que poderia alguma vez ceder, apesar de Rose saber que Honour lhe dizia nas cartas que corria tudo bem. Como o Blitz de Londres continuava, com bombardeamentos todas as noites, Adele não conseguira arranjar tempo para vir, nem sequer no Natal. Rose sabia que, até vir a casa e ver com os próprios olhos que a mãe tinha mantido a sua parte do acordo e talvez mudado para melhor, Adele iria desprezá-la e pensar o pior sobre ela.

Rose e Honour tinham consciência de que as notícias na rádio não davam o quadro completo de como estava Londres, nem da guerra em geral. As cartas de Adele e as informações transmitidas por vizinhos com família e amigos na cidade ou nas linhas de frente revelavam algo bem diferente. As pessoas morriam e ficavam feridas aos milhares, os Alemães estavam mais bem equipados e dispunham de mais mão de obra, e parecia impossível que Inglaterra os vencesse. Todas as noites ouviam os aviões bombardeiros a passar. Por vezes, ouviam o lançamento das bombas bem antes de os aviões chegarem a Londres. Todos os dias chegavam refugiados da Europa e de Londres; na sua maioria, haviam perdido quase tudo na fuga. Por vezes, Rose punha-se à janela a olhar para a praia, com os enormes rolos de arame farpado, e perguntava-se quanto tempo os Alemães demorariam a invadir a Grã-Bretanha.

Provavelmente, desembarcariam ao longo daquela extensão de costa, e ela e Honour poderiam muito bem correr maior perigo do que a enfrentar as bombas em Londres.

*

A luz do dia desaparecera por completo quando Rose se aproximou do caminho que levava a casa. A lua estava cheia, mas ia aparecendo e desaparecendo entre as nuvens; dava apenas silhuetas fugazes dos telhados de Winchelsea na colina e da mancha negra do rio.

O apagão tornava a noite deveras assustadora. Não brilhava qualquer luz acolhedora em casa, nem nas casas de Winchelsea. Era como ser a única pessoa que restava no mundo. Agora, passavam por ali muito poucos carros, visto que as pessoas poupavam a gasolina para as emergências. A lua voltou para trás das nuvens, e Rose amaldiçoou-se por não ter trazido a lanterna. No caminho, seria uma tortura pôr o pé em poças cobertas de gelo ou dar topadas em pedras grandes.

Hesitou onde no início do caminho e olhou para onde a lua estivera momentos antes.

– Venha cá para fora, Sra. Lua – disse ela, e riu-se de si mesma por ser tão infantil.

Um barulho fê-la virar a cabeça. Parecia algo ou alguém no prado, junto ao rio. Pensou que fosse uma ovelha e avançou com cuidado para o caminho. Mas ao ouvir o som outra vez, parou e escutou.

O barulho que as ovelhas faziam constituía o próprio tecido da vida nos pântanos, e este som não era delas. As ovelhas não eram dadas a deambular com um frio daqueles; era muito mais provável estarem amontoadas junto à sebe. Rose estava certa de que o som era humano, pois, mais do que pés a esmagar a erva gelada, escutava também uma respiração ofegante.

A lua voltou a espreitar e, para seu espanto, viu uma mulher no prado. A lua brilhou sobre o seu cabelo branco ou claro, e ela parecia correr em direção ao rio.

A lua desapareceu novamente, mas o som da respiração ofegante ouvia-se mais. Rose pensou que a mulher estava aflita. De repente, num momento de intuição, percebeu que ela tencionava afogar-se.

Não havia outra explicação para ela estar no prado, às escuras e com tanto frio. Rose sabia, por experiência própria, que em momentos de desespero as pessoas faziam coisas extraordinárias, e que tinha de deter aquela mulher.

Esquecida de que segundos antes o gelo e as pedras lhe causavam ansiedade, deixou cair as compras do lado do caminho, encaminhou-se para o buraco na sebe que usava muitas vezes quando apanhava lenha e passou. Não conseguia ver a mulher, mas quando entrou no prado em direção ao rio, ouviu um chape.

Correu em direção ao local de onde viera o som e chegou mesmo a tempo de ver uma mão muito branca a agitar-se na água escura. O resto da mulher estava submerso.

Rose olhou desesperadamente em volta. A casa mais próxima era a sua, mas Honour não podia ajudar. Quando conseguisse ajuda noutro sítio, a mulher já se teria afogado. Não tinha escolha senão lidar com aquilo sozinha.

Despiu o casaco e saltou, sem se atrever a considerar o frio, a profundidade da água ou a força da corrente. Quando atingiu a água gelada, o choque foi tão grande que sentiu que o coração lhe ia parar, mas forçou-se a percorrer a água enquanto procurava a mulher.

A lua voltou a aparecer o tempo suficiente para Rose entrever algo que não era erva a flutuar à superfície. Levou apenas quatro ou cinco braçadas para chegar lá, e quando a mão tocou em tecido de lã, percebeu que era o casaco ou o vestido solto da mulher.

Ainda a percorrer água, agarrou-o com uma mão, a outra a tatear a água em baixo. A mão tocou num membro e puxou-o para cima.

Era uma perna, sem meias nem sapatos, o que, de certo modo, lhe dizia que a mulher tinha definitivamente perdido a cabeça.

A água estava tão fria que Rose se sentia quase paralisada. No entanto, ainda a agarrar a perna para que a mulher não fosse levada pela corrente, submergiu novamente, desta vez mais fundo; ao alcançar o que parecia ser a cintura, pôs o braço em volta e puxou-a para cima. O peso arrastou Rose para baixo e ela teve de largar a perna para voltar a alcançar a superfície, mas continuou agarrada com força à cintura da mulher e conseguiu por fim puxá-la para a superfície.

A lua voltou a aparecer e, para surpresa de Rose, a mulher não era jovem – como julgara, pelo cabelo comprido –, mas de meia-idade. Amarrada ao pescoço, como uma espécie de colar bizarro, encontrava-se uma corrente pesada. Era esta, claramente, a razão pela qual ela tinha ficado de cabeça para baixo na água.

O medo de que a mulher a puxasse para baixo também deu a Rose uma força renovada, e arrancou a corrente. De repente, a mulher ficou muito mais leve. Parecia sem vida, mas Rose tinha a impressão de que o afogamento demorava mais do que dois ou três minutos.

Achou fácil chegar à margem, a nadar de costas e a segurar a cabeça da mulher com as mãos, mas sair enquanto puxava outra pessoa era outra coisa.

Tentou agarrar-se ao casaco da mulher e estava a meio caminho da margem quando este começou a escorregar para fora do seu alcance, com o peso do corpo que levava dentro.

– Que diabo – gritou em voz alta. – Não te vou deixar aqui, mesmo que seja isso que queres. Ajuda-me, por amor de Deus. – Mas a mulher não conseguia ajudar, e não havia alternativa senão Rose escorregar de volta para a água. Nesta altura, estava com tanto frio que pensava que era bem capaz de morrer também. As mãos estavam completamente dormentes, mas pôs-se atrás da mulher, agarrou-a em volta da cintura e, com um enorme impulso, puxou-a a meia altura da margem. A lutar pela vida ao lado dela, Rose subiu para a erva que cobria a margem. Estendeu-se de seguida para baixo e agarrou a mulher sob os braços. Arrastou-a para cima, depois virou-a de barriga na erva. Rose só tinha visto fazerem respiração boca a boca umas duas vezes e não sabia bem se se lembrava de como se fazia, ou sequer se era tarde de mais para tentar. Mas fez força sobre as costas da mulher, depois levantou-lhe os ombros e continuou. – Respira, por amor de Deus – gritou enquanto ia fazendo compressões. – Achas que quero morrer de frio aqui contigo? – Nunca a escuridão lhe parecera tão aterradora. Envolvia-as como um manto espesso, e Rose já se sentia tentada a fugir porque não aguentava mais. No entanto, continuava a fazer as compressões, apesar do frio. As lágrimas corriam-lhe pelo rosto, quentes sobre a pele gelada. Ouviu então um ruído sufocado de água a sair. – Isso mesmo – exclamou, triunfante. – Vamos lá, respira, raios te partam! Respira! – Ouviu, mais do que viu, a água a jorrar da boca da mulher, e pareciam litros. Depois, mais água. Rose pôs a cabeça para baixo, junto ao rosto, e ouviu uma respiração débil e áspera. – Linda menina – disse, e deixou-a por um segundo enquanto foi a correr buscar o casaco que largara no chão. Enrolou-o em volta da mulher, segurou-a numa posição sentada. Embora a cabeça lhe tombasse, ela estava de facto a respirar. Na cabeça de Rose, só havia uma coisa a fazer, que era ir para casa e levar consigo aquela aspirante a suicida. Não se atrevia a deixá-la, pois poderia voltar para o rio, e de qualquer forma poderia morrer de frio antes que chegasse ajuda. Então, puxou o corpo para cima e depois inclinou-se de forma a que a mulher ficasse sobre o seu ombro, como os bombeiros levantam as pessoas. Aos tropeções com o peso, Rose avançou para o caminho. A água saía-lhe dos sapatos, tudo lhe doía de tanto frio que tinha, e a mulher pesava tanto que Rose achava que não conseguia carregá-la mais do

que alguns metros. Mas concentrou-se em dar apenas um passo de cada vez, cada um a aproximá-la mais de casa. Ouviu a mulher vomitar-lhe as costas, mas pelo menos queria dizer que estava a voltar a si. Mesmo assim, Rose caminhou penosamente em frente, concentrada apenas em chegar à porta da frente. – Mãe! – gritou ao chegar ao caminho. – Abre a porta.

Nunca nada foi mais acolhedor do que ver a porta abrir-se, o brilho dourado do candeeiro por trás da silhueta da mãe.

– Que diabo tens aí? – gritou Honour. – É um animal?

– Uma afogada – respondeu Rose. Nesse momento, teve vontade de rir, pois o simples facto de ver a mãe fazia com que voltasse a sentir-se segura.

– Oh, meu Deus – exclamou Honour quando Rose deitou o fardo no tapete em frente à fogueira. – É a Emily!

Começou a despir-lhe as roupas molhadas e a embrulhá-la em cobertores. Rose contou-lhe brevemente o que tinha acontecido, mas a combinação do calor repentino da sala e do choque da provação por que passara estava a fazê-la sentir-se bastante estranha e desorientada.

Lembrava-se de a mãe lhe dizer para se despir, porque estava a pingar água por todo o lado. Achava que devia ter ido para o quarto para o fazer, pois a próxima coisa de que se lembrava era de se ver de camisa de noite e robe, com uma toalha enrolada no cabelo molhado. Honour estava sentada no chão a embalar a mulher nos braços e a dar-lhe pequenos goles de conhaque.

– Sou a Honour Harris, querida – dizia a mãe à mulher, que se limitava a fitá-la com os olhos sem expressão. – Vou tomar conta de ti, vai ficar tudo bem.

Rose sentia um frio terrível. Queria ir ao fogão aquecer-se, mas não podia, porque a mãe e a mulher estavam no caminho, e sentiu-se de certo modo ameaçada.

– Não podemos tomar conta dela, mãe – afirmou. – Ela precisa de um hospital. Não é um animal vadio como o *Towzer*. Não podes fazê-la recuperar com uma tigela de comida e o calor da fogueira. Assim que eu aquecer, vou telefonar a chamar uma ambulância.

– Chiu! – disse Honour, lançando a Rose um dos seus olhares implacáveis.

– Mãe, ela enlouqueceu. Saltou para o rio, e se eu não a tivesse ouvido, a esta hora ela já teria sido arrastada até às comportas.

– Ela está só louca de dor – disse Honour a abanar a cabeça, ainda a embalar a mulher nos braços. – O Michael está desaparecido, foi abatido sobre a Alemanha.

– O Michael? – disse Rose disse interrogativamente.

Honour levantou o olhar para ela.

– Sim, o Michael, o jovem que namorava com a Adele. Esta é a mãe dele, a Emily Bailey. – Rose recuou como um bêbado. De repente, sentia que a cabeça lhe ia explodir. Emily. Era demasiado para interiorizar. Com certeza, esta mulher que tinha salvado não era a mesma que em tempos fora aos seus olhos uma espécie de demónio de saias. Emily Bailey, a megera que não amava o marido, mas que jamais o deixaria livre para casar com outra! Rose nunca a tinha conhecido, nunca vira sequer uma fotografia dela, mas quando estava apaixonada por Myles desejou que ela e os malditos filhos morressem. E agora, vinte e dois anos depois, salvava-lhe a vida inadvertidamente. – Rose, querida, acho que estás em choque – exclamou Honour de repente. – Estás branca como a cal e a tremer como varas verdes. Embrulha-te num cobertor e bebe um conhaque.

*

Um pouco mais tarde, o relógio bateu as seis, e fez com que Rose percebesse que os dramáticos acontecimentos da tarde, que pareceram durar horas, tinham na verdade ocorrido em cerca de meia hora, do princípio até ao fim. Sentia-se agora mais quente, graças ao conhaque, mas ainda bastante estranha. A mãe continuava sentada no chão a embalar Emily nos braços e a murmurar palavras tranquilizadoras, mas Rose sentia-se a observar a cena ao longe, incapaz de participar fosse como fosse.

– Não podes ficar aí no chão, mãe, vais magoar as costas – disse, irritada, um pouco mais tarde. – Deixa-me levá-la para o sofá. Ela vai ter de te largar, algum dia.

– Se eu pensasse que a minha filha tinha morrido, quereria que alguém me abraçasse – disse Honour, obstinada.

Rose ficou com um nó na garganta perante as palavras da mãe.

– Podes muito bem abraçá-la no sofá – resmungou. – Anda, deixa-me ajudar-te e depois faço um chá.

Parecia estranho que Rose tivesse conseguido carregar Emily para casa com tanta facilidade, pois só tentar levantá-la do chão para o sofá exigiu todos os vestígios de força que lhe restavam. Honour reparou, talvez, porque assim que Rose a ajudou a levantar-se, abraçou-a.

– Foi muito corajoso saltares para o rio atrás dela – afirmou, com os olhos marejados de lágrimas e a voz a quebrar. – Podiam ter-se afogado as duas.

Rose encolheu os ombros.

– Poderia ser corajoso se eu tivesse pensado antes de o fazer – disse ela. – Mas não pensei, agi só por impulso.

– Então o facto de não pensares torna-o menos corajoso? – perguntou Honour a tentar sorrir, empoleirando-se ao lado de Emily no sofá.

– Sim – respondeu Rose. – Emily, vais parar de chorar e beber um chá?

Rose não soube se foi o tom mais firme, mas, pela primeira vez desde que entrou na casa, Emily olhou para o cobertor em que estava embrulhada e depois em volta.

– Onde estou? – perguntou ela com uma voz fraca e fatigada, e parou de chorar.

– Saltaste para o rio, e a minha filha tirou-te de lá – disse Honour. Afastou do rosto de Emily o cabelo ainda molhado. – Sabes quem sou? Sou a Honour Harris, a avó da Adele, que era tua criada. E esta é a Rose, a minha filha. Ela salvou-te.

Emily olhou com perplexidade para Honour durante uns segundos. A sua expressão era a de uma criança que acabava de acordar de um pesadelo.

– Uma vez foste a minha casa.

– Isso mesmo – disse Honour com paciência. Olhou para Rose, sentada na cadeira em frente. – Era amiga da tua mãe. Também falámos em Rye uma vez, no ano passado, sobre o Michael. Lamento muito que ele tenha desaparecido. Eu também gostava muito dele.

O rosto de Emily enrugou-se e ela recomeçou a chorar, mas não quase em silêncio, como antes; desta vez, eram grandes soluços de partir o coração. Enterrou o rosto no ombro de Honour e agarrou-se a ela.

– Não é justo – chorou. – Ele era tão especial para mim, tão amável e amoroso. Não quero viver sem ele.

– Mas ele pode estar num campo de prisioneiros de guerra – disse Honour, num tom meigo. – Não podes desistir já. Como se sentiria ele, se depois da guerra voltasse para casa e descobrisse que te tinhas suicidado?

– Ele não vai voltar, eu sei que ele morreu – insistiu Emily. – O amigo viu o avião em chamas.

– Tenho a certeza de que também te disse quantos pilotos saltam de paraquedas, em segurança, de aviões a arder – disse Honour. – Li dezenas de histórias dessas.

– É o julgamento de Deus sobre mim – disse Emily inexpressivamente. – O meu castigo pelo pecado.

Honour olhou para Rose e quase sorriu.

– Que mal fizeste? – perguntou ela com suavidade. – Não muito, tenho a certeza!

– Fiz, fiz – insistiu Emily, a torcer a mão de Honour. – Tenho sido horrível para a minha família.

– Não me parece que a culpa seja toda tua – afirmou Honour de forma calma.

– É. Antigamente, o Myles era muito meigo e amoroso. Fui eu que o mudei, por ser tão impossível. É por isso que agora estou a ser castigada.

– Acho melhor tomarmos uma boa chávena de chá – disse Honour.

*

Mais tarde, naquela noite, Rose estava deitada na cama, gelada, apesar de ter uma botija de água quente. Emily partilhava a cama com a mãe, e o vento uivava à volta da casa e abanava as janelas. Pegou no robe e pô-lo também em cima, embora soubesse que não havia roupa de cama que a aquecesse, assim como nada que Honour pudesse dizer a Emily lhe aliviaria a dor.

O que a mantinha fria era a culpa e a vergonha. Emily não queria viver porque perdera Michael, era a reação normal de uma mãe. Mas Rose nunca quis viver com Adele, e até desejou que tivesse sido ela a morrer em vez de Pamela.

Rose compreendia bem a dor de Emily por causa de Pamela. E a loucura que fizera com que se lançasse ao rio. No entanto, nunca tinha sido uma verdadeira mãe para Adele. Nunca a valorizara nem amara.

E como é que Adele ia reagir a esta notícia sobre Michael? Rose sabia que ela ficaria tão devastada como a mãe dele; mas com quem poderia ela desabafar, se todos achavam que o tinha rejeitado? Só duas pessoas sabiam a verdade, e Adele não ia recorrer a nenhuma delas.

Rose tinha pensado, quando Adele a atacou enquanto apanhavam lenha, que era um dos pontos mais baixos da sua vida, mas isto era ainda pior. Viver ali, voltar a conhecer a mãe e sentir-se finalmente feliz, tinham-na feito ver como fora egoísta, gananciosa e superficial. Tinha acreditado que estava a caminho de se tornar uma pessoa melhor. Por vezes, até gostava de si mesma.

Mas naquela noite, enquanto Emily desabafava sobre o casamento e a família, Rose sentiu vergonha de ter sido parte da razão pela qual o casamento de Emily fracassara. Durante todos aqueles anos, Rose dissera a si mesma que fora a vítima inocente de um mulherengo, que a abandonara cruelmente quando estava grávida dele, mas já não podia agarrar-se a essa desculpa.

É verdade que era virgem quando conheceu Myles, na altura em que ele se hospedou no The George, mas dificilmente a descreveriam como inocente, pois propôs-se a seduzi-lo friamente. Rose queria uma vida de conforto e diversão em Londres, e ao perceber que ele era rico, solitário e vulnerável, usou a aparência, a juventude e o encanto para o conquistar. Myles só a tinha beijado algumas vezes quando ela lhe implorou que a levasse com ele para Londres, declarando que o pai a tratava mal.

Myles dissera-lhe que era casado e pai de três filhos antes de entrarem no comboio. Até deixou bem claro que só a podia ajudar a arranjar um emprego e um sítio para morar. Era uma pessoa em quem se podia confiar; encontrou-lhe alojamento e apoiou-a, e se Rose não tivesse usado as suas artimanhas femininas, nunca teria dormido com ela.

Se ao menos tivesse usado a inteligência para arranjar um emprego, em vez de maquinar e mentir para tentar levá-lo a deixar a mulher e casar com ela! Myles dissera-lhe dezenas de vezes que não podia fazer a família passar pela desgraça de um divórcio.

A culpa de Rose ter engravidado era dele. Um homem vivido, com experiência do mundo, devia saber como evitá-lo. Foi também cruel deixá-la a tratar da vida sozinha. Mas fora ela a causadora – se não lhe tivesse mentido constantemente, ele teria acreditado que a criança era dele e assumido a responsabilidade. Myles era um snobe, e muitas vezes faltava-lhe a coragem, mas tinha bom coração e era honrado. Não era, com certeza, o bruto que ela pintara.

Honour sentia uma verdadeira antipatia por Myles, o que era compreensível à luz da forma como ele tratara Adele quando ela trabalhava para Emily. Rose tinha visto a descrença no rosto de Honour quando Emily insistiu que ele não fora sempre assim. Mas Emily tinha razão: em tempos, Myles fora um homem gentil e amoroso, e Rose sentiu-se também responsável pela mudança.

Agora, Myles tinha perdido o filho mais novo, e Rose lembrou-se de que ficava ciumenta quando ele sorria com carinho à mais pequena menção de Michael, que na altura era uma criança pequena. Sempre afirmou que amava Myles, mas talvez a verdade fosse que nunca amara ninguém a não ser ela mesma.

CAPÍTULO 25

— Não contas a ninguém o que tentei fazer? – implorou Emily a Rose enquanto caminhavam de volta para Winchelsea.

– Não, claro que não – respondeu Rose. – Mas tens de prometer que nunca mais voltas a fazer tal coisa.

Haviam passado três dias desde que Emily tentara afogar-se. Na manhã seguinte, Honour pediu a Jim para ir falar com a governanta e dizer-lhe que Emily tinha adoecido durante a visita, e que regressaria a casa logo que se sentisse mais forte. Emily dormiu grande parte do primeiro dia e depois ficou outra vez muito chorosa, mas agora parecia bastante mais calma e Rose ia levá-la para casa.

– Prometo – disse Emily numa voz débil. Parecia muito pálida e abatida. O casaco, que Honour secara, havia encolhido. Com um par de sapatos emprestados por Rose, demasiado grandes para ela, Emily tinha mais aspeto de refugiada do que de uma mulher da classe alta. – Foste muito corajosa, Rose. Fazes-me sentir muito envergonhada. – Rose engoliu em seco. Emily dissera-o várias vezes nos últimos dias, e embora fosse bom que a considerassem corajosa, Rose continuava a debater-se com a culpa. Enquanto as duas mulheres subiam a colina até Winchelsea, Emily deu o braço a Rose. – Fizeste-me muito bem, Rose – disse ela. – Não me refiro apenas a salvares-me a vida, mas ao facto de fazeres com que eu falasse. Hoje sinto-me diferente. Mais forte.

Rose não pode deixar de sorrir a Emily. Havia algo deveras ameninado e dócil nela, embora tivesse cinquenta e quatro anos – mais catorze do que Rose. Nos últimos dias, tinham conversado bastante e Rose descobriu que havia nela muito de que gostar.

– Ainda podes ter boas notícias sobre o Michael – disse ela. – Por isso, tenta manter a calma e a esperança. Não queres acabar num sítio como aquele para onde me mandaram.

Emily confirmou com a cabeça.

– Não, não quero. Talvez deva tentar outra vez com o Ralph e a Diana. Eles estiveram sempre contra mim, mas a culpa deve ser minha, em parte pela

bebida, pelas crises e coisas assim. Não sabes a sorte que tens por ter uma filha como a Adele. Ela deve ser um grande conforto para ti.

Rose sorriu, mas com tristeza. Na noite anterior, contara a Emily que tinha sido uma má mãe, mas era evidente que Emily não ouvira. Ela ainda era como Rose costumava ser, tão fechada em si mesma que a vida e os problemas dos outros não tinham impacto nela.

*

Adele sentia-se exausta quando saiu do serviço noturno, mas arrebitou ao ver uma carta no seu cacifo na casa das enfermeiras, endereçada com a familiar e bonita caligrafia da avó.

Tinha sido mais uma noite de intensos bombardeamentos, com uma torrente de vítimas ainda maior do que o habitual. Adele não conseguia compreender o porquê de tantas pessoas, particularmente as mais velhas, ignorarem os abrigos públicos e permanecerem em casa. Nesta altura, com certeza já deviam saber os perigos.

Foi à sala de jantar e serviu-se de papas de aveia. Um dos verdadeiros pesadelos do trabalho noturno era fazer as refeições ao contrário. Não conseguia comer um jantar de carne e legumes quando se levantava, e depois de uma longa noite nas enfermarias estava esfomeada e tinha de contentar-se só com papas de aveia ou ovos mexidos e torradas.

Sentou-se na mesma mesa que Joan e uma nova enfermeira de Birmingham, chamada Annie. Abriu a carta enquanto comia, e depois de ler apenas duas linhas, deixou cair a colher com estrépito.

– O que se passa? – perguntou Joan com preocupação.

– É o Michael. Está desaparecido – Adele soltou um arquejo de horror. – O avião dele foi abatido.

Teve de correr para o quarto, porque não conseguiu conter as lágrimas.

Algum tempo depois, Joan espreitou cautelosamente pela porta.

– Posso entrar? – perguntou. – Ou queres ficar sozinha?

– Não, gostaria que ficasses comigo – disse Adele, que fungou e limpou as lágrimas. – Foi um choque, Joan. Eu amava tanto o Michael, não suporto a ideia de ele desaparecer para sempre.

Joan, reconfortante como era seu hábito, abraçou Adele com força e salientou que ele podia muito bem ter sido feito prisioneiro de guerra.

– Duvido. – Adele fungou.

– Tens de ter esperança – disse Joan. – Lembra-te do teu avô na última guerra. Foi ferido e abandonado para morrer, não foi? Mas conseguiu voltar para casa.

Adele andava a ter pesadelos com Michael a ser abatido no avião desde o início da guerra, por isso, agora que tinha acontecido, sentia a morte dele como uma certeza absoluta. Mas assentiu na mesma, como se concordasse com a amiga.

Um pouco mais tarde, as duas raparigas deitaram-se e Joan adormeceu logo. Adele ficou acordada. Segurava o anel em volta do pescoço enquanto recordava tudo o que amava em Michael, e percebeu que o tempo não diminuíra, de todo, o que sentia por ele. A dor que agora a invadia era tão violenta como quando deixara Hastings. Mas naquela altura podia, pelo menos, imaginar Michael a andar, a falar e a rir. Podia até esperar que, um dia, voltassem a encontrar-se e pudesse estar novamente com ele como amigo e irmão. Agora, tudo se apagava.

Nunca viria a sentir-se orgulhosa, quando ele fosse condecorado por bravura; ou a sentir alguma alegria por ele, ao saber que tinha casado. Não teria sequer uma sepultura para visitar e pôr flores.

Adele pensava também em como estaria a avó, pois na carta era evidente o seu sofrimento e, sem dúvida, relembrava que Frank fora para a guerra e voltara um homem muito diferente. Talvez pudesse pedir à enfermeira-chefe uma licença para ir a casa e ver por si mesma como corriam as coisas.

*

Março já chegara ao fim quando Adele conseguiu a licença, e só porque estava doente. Continuara a trabalhar durante uma sucessão de constipações, um acesso de furúnculos no pescoço e uma dor de estômago. Só quando Joan falou com a enfermeira-chefe e chamou a atenção para o facto de Adele estar a emagrecer, sem dormir nem comer bem, a mandaram consultar um médico.

Adele imaginava que o seu estado tivesse sido provocado pela notícia sobre Michael. À noite, temia fechar os olhos por causa do pesadelo em que o via morrer, em chamas. Pensava nele constantemente, o que lhe tirava o apetite. Mas não podia dizer ao médico e afirmou que se encontrava apenas no mesmo estado que todas as outras, em resultado do excesso de trabalho. O médico, porém, não foi da mesma opinião e disse-lhe que devia descansar pelo menos duas semanas.

Embora aliviada por poder ir para casa, Adele achou a viagem esgotante. Ao fim da tarde, quando chegou à porta de casa depois da longa caminhada da estação, estava perto do colapso.

– Adele! – exclamou a avó, surpreendida, quando ela entrou a cambalear na sala de estar, pois não enviara um telegrama a dizer que vinha. – O que se passa? Pareces doente.

– Vou ficar bem, agora que estou aqui – disse Adele, deixando que a avó a envolvesse nos braços. – Tenho uma licença para descansar.

Teve uma vaga consciência de Rose avançar para lhe tirar o chapéu, o casaco e os sapatos, e ajudá-la a deitar-se no sofá. Queria enxotá-la, mas não lhe restava energia para fazer nem dizer nada. Deve ter adormecido de imediato; acordou mais tarde, quando já era quase escuro lá fora, e viu Rose a mexer algo no fogão.

– O que estás a fazer? – perguntou, desorientada porque o fogão era um sítio que só associava à avó. – Onde está a avó?

– Estou aqui, querida – disse Honour à esquerda de Adele, sentada na poltrona. – Hoje em dia, a Rose é chefe de cozinha, não me deixa aproximar do fogão.

*

Nos três dias seguintes, Adele dormiu a maior parte do tempo. Tinha uma vaga ideia de sair para ir à casa de banho de vez em quando, de lhe trazerem as refeições, e Honour sentada ao lado dela na cama a fazer-lhe perguntas. Mas Adele não tinha nada a dizer, pois em cinco meses do Blitz vira pouco fora do hospital, à exceção de destruição, e dentro dela nada havia senão dor e sofrimento.

Gostaria de ser capaz de contar à avó o que sentia por Michael, mas era impossível. A avó partilharia completamente a sua tristeza por ter perdido um amigo querido, pois também adorava Michael. Mas não entenderia o porquê de Adele se sentir como se lhe tivessem arrancado o coração, quando o abandonara por não ser a pessoa certa para ela.

Desde que recebera a carta da avó, ficara numa espécie de bolha, consciente do que se passava à sua volta, mas incapaz de sentir algo além da própria dor. Michael era tanto o seu amor como seu irmão. As pessoas demonstrariam uma compaixão sem limites se soubessem que ele era qualquer uma dessas coisas. Mas um antigo noivo, ou um amigo, não valia mais do que um breve «lamento» e uma mudança apressada para outro assunto. Assim, tinha de

conter tudo dentro de si, adotar uma expressão corajosa, e ouvir os problemas dos outros enquanto era arrastada cada vez mais para baixo.

Antes de chegar a casa, a sua intenção era ver se Honour recuperara por completo e verificar se Rose tratava de tudo. Esqueceu tudo quando adoeceu – não tinha reparado em nada, nem no estado da casa e do jardim, nem se Honour parecia bem. Também não tinha verificado se Rose estaria a aproveitar-se da situação. A única coisa que tinha algum impacto nela era a ausência do barulho das bombas e a possibilidade de dormir.

Foi o cheiro a *bacon* frito que finalmente a despertou do estado dormente, e só mais tarde descobriu que era o seu quarto dia em casa. Continuava na cama, meio acordada, quando lhe chegou o cheiro, e sentiu fome pela primeira vez desde que recebera as notícias de Michael.

Levantou-se, foi até à porta do quarto e viu a Rose no fogão a cantar baixinho «White Cliffs of Dover» enquanto virava o *bacon* na frigideira.

Por um segundo, Adele quis retirar-se. Tinha pensado muito sobre Rose nos últimos meses, em geral com um sentimento de ódio puro. Cada vez que falava com ela ao telefone era uma luta para ser educada, apesar de a avó relatar nas cartas que Rose cuidava bem dela.

Adele não tinha qualquer vontade de tentar perdoar Rose – a ideia de encontrar nela algo para gostar sequer, era ridícula. A imagem que guardava era a de uma mulher exuberante, muito pintada, vestida com roupa justa, a cambalear nos saltos altos, com um cigarro pendurado nos dedos de pontas escarlate.

No entanto, ela agora não parecia assim, com um par de calças largas caqui gastas e uma camisola azul com buracos cerzidos nas mangas. Trazia o cabelo loiro amarrado atrás numa trança grossa e o rosto sem maquilhagem.

Em criança, Adele avaliava a disposição da mãe pelo uso de maquilhagem. Sem maquilhagem, teria de ser abordada com a máxima precaução. E apesar de não haver nada de ameaçador na postura da mãe, pois parecia relaxada e feliz, as memórias antigas eram o suficiente para fazê-la congelar de nervosismo.

De repente, Rose deve ter sentido Adele ali parada, e virou-se e sorriu.

– Estava a cozinhar-te isto como um mimo – disse ela.

Bacon era um mimo. Adele não se lembrava da última vez que o tinha comido, e o cheiro delicioso estava a fazer-lhe água na boca.

– Em Londres, nunca arranjamos *bacon* – deixou escapar, apanhada desprevenida pela ideia extraordinária da mãe lhe dar um mimo.

– Nós aqui também não arranjamos muitas vezes – disse Rose num tom neutro. – Ontem estive na fila mais de uma hora para conseguir este. Mas valerá a pena, se te animar. Tem sido horrível ver-te tão mal.

Passou pela cabeça de Adele que aquilo pudesse ser uma espécie de arrebatamento provocado pela doença, pois em criança fantasiava muitas vezes que um dia acordava e descobria que a mãe se transformara subitamente numa pessoa amorosa, sorridente e feliz.

Parecia tudo bom de mais para ser verdade. A luz do sol entrava pelas janelas, havia um vaso de narcisos amarelos no aparador e, ainda mais surpreendente, o rosto da mãe estava rosado, resplandecente de vigor e saúde, e os olhos tinham perdido a frieza que Adele recordava.

– Já tomámos o pequeno-almoço há muito tempo – continuou Rose, aparentemente despreocupada por Adele estar ali parada, como que em transe. – A avó está lá fora a dar de comer aos coelhos, mas se entrar e te vir a atacar isto, vai ficar muito animada. Tu sabes como ela é!

– Pareces diferente – disse Adele, indecisa.

– Espero que sim – disse Rose e riu-se. – Agora mais como uma rapariga da terra do que como o rato de bar que costumava ser. Mas tu também estás muito diferente, muito magra, pálida e ansiosa. Senta-te à mesa, isto está quase pronto. Como te sentes hoje?

– Ainda não sei – disse Adele, pois de repente sentiu as pernas a fraquejar e agarrou-se às costas de uma cadeira para se equilibrar.

Rose apressou-se para junto de Adele e pôs a mão debaixo do braço dela para a ajudar.

– Ainda estás fraca – disse ela. A voz suave mostrava solidariedade. – Oh, Adele – suspirou. – A avó pode pensar que isto foi provocado por excesso de trabalho. Mas eu sei a verdade. Deve ter sido um inferno guardar aí dentro essa dor toda.

Adele virou-se para olhar para Rose, com uma resposta sarcástica na ponta da língua, mas a expressão dela interrompeu-a. Era de total compreensão. Adele estava muito habituada a ler expressões no trabalho e sabia que Rose não estava a fingir. As palavras saíram-lhe do coração, sem dúvida.

– Sim, foi – respondeu ela. – Continua a ser.

Ela esperava que Rose se lançasse numa conversa, mas não.

– Se depois quiseres falar, quando pudermos ficar a sós, basta dizeres – afirmou simplesmente. De seguida, virou-se para o fogão.

Puseram o *bacon*, os ovos, as torradas e o chá na mesa sem dizer mais nada. Adele começou a comer e sorriu com o sabor quase esquecido do *bacon*.

– Humm – disse, com agrado. – Isto é maravilhoso.

Entrou então Honour com *Towzer* e, quando viu Adele à mesa, o rosto abriu-se num sorriso de pura alegria.

– Olha para ti! – exclamou. – A Rose disse que o cheiro a *bacon* te tentaria, mas eu não acreditei. Acabei de dizer à *Misty* que só sairias para a ver daqui a uns dias.

Towzer foi direto para a mesa e fitou Adele com olhos suplicantes. Ia justamente cortar-lhe um bocado de *bacon* quando Rose lhe acenou com um dedo reprovador.

– Não te atrevas a desperdiçá-lo com ele, o cão é um glutão. Come tudo. Precisas de te recompor.

Houve algo de tão maternal naquela reprimenda que os olhos de Adele se encheram de lágrimas e ela teve de olhar para o lado.

Rose e Honour saíram juntas para o jardim, talvez por sentir que desencorajariam Adele de comer se ficassem perto dela. Mas depois dos pequenos-almoços da casa das enfermeiras, com ovos em pó e torradas frias e queimadas, nada desconcentraria Adele deste banquete.

O tempo sozinha era valioso. Ela podia olhar em volta, para todas as coisas que bem conhecia, desfrutar do silêncio e entregar-se às suas reflexões.

Honour, robusta, parecia o seu velho eu, e a forma como ela e Rose saíram juntas, de um modo tão sociável, sugeria que estavam a dar-se bem. A casa também parecia mais limpa e arrumada do que algum dia Adele a tinha visto.

Sabia que ainda não era capaz de ser objetiva em relação a Rose. Aquele pequeno aparte que ela fizera sobre ser mais uma rapariga da terra do que um rato de bar tinha todos os traços de alguém que olhara criticamente para si mesmo e reconhecido que tinha de mudar. A sua compreensão de como Adele se sentia mostrava que havia pensado nos efeitos mais amplos do desaparecimento de Michael.

Ia levar tempo a descobrir se a nova imagem de Rose era a verdadeira ou apenas uma pequena fachada. No entanto, naquele momento, descansada, distante do drama constante do hospital, com o sol a brilhar, Adele estava preparada para ser otimista.

*

No fim da primeira semana em casa, Adele sentia-se cem vezes melhor. Comia bem e dormia como uma pedra, as faces voltavam a ter cor e as linhas escuras sob os olhos haviam desaparecido. No entanto, Rose não a deixava fazer tarefas.

– Precisas de repouso absoluto antes de voltares a Whitechapel – insistia, apoiada por Honour. – Por isso, lê um livro, vai dar um passeio. Não é para tentares fazer mais nada.

Adele fez o que lhe mandaram, pois depois da pressão e do trauma no hospital era uma bênção não fazer absolutamente nada. Vagueava pelos pântanos durante horas; às vezes, encontrava um sítio abrigado do vento frio e sentava-se, só a ouvir os pássaros bravios e o mar a embater nos seixos, a tentar organizar os sentimentos pela mãe e por Michael.

Agora que se encontrava ali, no lugar onde o conhecera, não conseguia acreditar que ele tinha morrido. Se tivesse, certamente o seu espírito voltaria ali e ela senti-lo-ia, da mesma forma que o cheiro das flores de tojo flutuava no vento ou ela saboreava o sal do mar nos lábios. Via-o distintamente, como ele era no dia em que se conheceram. Era a mesma época do ano, com o mesmo vento frio e centenas de cordeiros a brincar nos campos. Imaginou-o a equilibrar-se na árvore caída sobre um dos ribeiros, de braços abertos, a rir-se com algum nervosismo quando os pés escorregavam no musgo da superfície. Já nessa altura sabia que ele ia ser importante na vida dela.

Olhando para trás, claro, poderia ser apenas o laço de sangue que os unia. Se assim fosse, achava ainda mais provável que o espírito dele viesse libertá-la da tortura da falsa esperança.

Mas se era agridoce voltar ali e encontrar de novo esperança em relação a Michael, Adele descobria emoções ainda mais complexas quanto a Rose. Todas as convicções que antes tinha sobre a mulher preguiçosa, cruel, instável e sem coração eram desafiadas pelo que observava em casa.

Rose raramente parava. Amassava a massa para o pão com energia, preparava os canteiros para a plantação com entusiasmo e preparava as refeições com muito cuidado. Tinha aprendido a cortar a lenha, a depenar galinhas e até a esfolar coelhos, e andava sempre a folhear livros de jardinagem, num esforço para aprender mais sobre o cultivo de legumes. Sorria de boa vontade, com grande afeto, tinha sentido de diversão e uma jovialidade que era muito agradável.

Houve momentos em que Adele deu por si a rir de algo engraçado que a mãe dissera, esquecendo-se, por alguns instantes, de que devia manter a guarda.

Houve também momentos em que se sentiu tentada a fazer perguntas certeiras a Rose, não com malícia, mas para tentar estabelecer a ponte entre a mulher dos dias de hoje, de quem estava em perigo de gostar, e a mulher do passado, que odiava.

Na tarde anterior, Rose fora a Rye de bicicleta, e apesar de Adele ter acolhido bem a oportunidade de ficar a sós com Honour, deu por si silenciosa e pensativa. Foi como se Honour lhe lesse os pensamentos, porque de repente falou sobre Rose.

– Acho que tens de aceitar, Adele, que a tua mãe não esteve bem durante grande parte da tua infância. Eu sei que não a vi na altura, mas ela contou-me muito sobre esse tempo e a forma como te tratou. Acho que ela tinha um distúrbio mental, e para o corpo isso é muito pior do que uma doença física. Mas, como enfermeira, tu sabes disso.

– Então devo perdoar tudo? – respondeu Adele com rispidez.

– Se o *Towzer* me mordesse enquanto eu tentava examinar-lhe uma ferida, quererias que eu o abandonasse? – ripostou Honour, com igual rispidez.

Adele olhou para o cão deitado com o queixo nos pés da avó, a olhar para ela com adoração.

– Isso seria diferente – disse ela. – Um cão não pode explicar que está a sofrer.

– Talvez a Rose também não conseguisse – disse Honour com um encolher de ombros. – A única coisa que temos as três em comum é a incapacidade de expressar os nossos verdadeiros sentimentos. Todas nós contamos com as nossas ações para demonstrar afeto e cuidado.

– Sabes tão bem como eu que ela nunca me mostrou nada além de ressentimento – disse Adele de forma acalorada. Naquele segundo, sentiu uma vontade irresistível de contar tudo à avó, incluindo que Rose exigira dinheiro a Myles, sabendo que Honour nunca o perdoaria. Mas conteve-se. Naquele dia no pântano, Adele dissera a Rose que o seu novo papel era fazer com que Honour se sentisse feliz e segura, e ela fizera-o, portanto não podia dar cabo de tudo.

– Ao tomar conta de mim quando eu precisei, ela tentou mostrar-nos a ambas que se arrepende do passado – disse Honour com um suspiro. – Com certeza viste como ela tem também tomado conta de ti, desde que vieste para casa.

– Sim, mas não consigo deixar de pensar que tem um motivo oculto.

– Já pensaste que esse motivo pode ser só ela querer que a amemos?

– Eu nunca poderei gostar dela, nem que a vaca tussa – exclamou Adele.

*

Pensando bem nas observações duras do dia anterior, Adele sentiu uma pontada de remorsos. Estaria com medo de que Rose ocupasse o lugar dela no coração da avó? Ou seria só porque precisava de Rose como uma espécie de bode expiatório, alguém a quem culpar por tudo o que não gostasse na vida?

*

Aproximava-se o fim das duas semanas de licença e Adele não queria voltar para Londres. Ouvira dizer que não havia ataques há duas noites, e alguns diziam que o Blitz já tinha acabado. Mas mesmo que fosse otimismo tonto, Adele sabia que a relutância em voltar não resultava de pensar nas hordas de feridos, nem no tumulto e imundície que acompanhavam os ataques. Era mais porque sentia que deixava ali algo por fazer, embora não percebesse o que era.

Dois dias antes da data do regresso a Londres, Adele foi a Winchelsea comprar velas e fósforos. O vento frio abrandara e o sol brilhava. Ao chegar ao Landgate e olhar para baixo, pelo pântano e em direção a Rye, ao longe, a beleza de tudo provocou-lhe um nó na garganta.

Michael tinha tirado uma fotografia daquela mesma vista antes de ir para Oxford. Disse que a penduraria na parede, como lembrança dos dias felizes. Foi o facto de se lembrar disso que, de repente, a fez decidir ir visitar Mrs. Bailey.

A avó contara que Emily as tinha visitado algumas vezes desde que recebera a notícia de Michael. Adele achou-o surpreendente, mas como a avó disse, ela estava desesperada para falar sobre o filho com alguém que o conhecesse bem e partilhasse da sua tristeza.

Adele não sabia se Emily a veria à mesma luz, mas achou que mesmo assim devia visitá-la.

A governanta abriu a porta, encaminhou Adele para o vestíbulo e depois subiu ao andar de cima para chamar Mrs. Bailey. Enquanto esperava, Adele foi inundada por memórias do tempo em que trabalhara ali, de limpar o vestíbulo poeirento, pendurar todas as roupas da senhora e esforçar-se para cozinhar refeições que eram muito mais elaboradas do que qualquer uma que tivesse cozinhado em casa.

No entanto, estes pensamentos não eram amargos, pois ocorreu-lhe que, se não fosse a experiência, boa e má, que adquirira naquela casa, provavelmente não teria aguentado a disciplina da formação em enfermagem.

Mrs. Bailey desceu as escadas devagar, como se as pernas estivessem rígidas. Envelhecera desde o dia em que Adele foi convidada para lanchar, para falar do noivado. A pele tinha uma coloração amarelada e o cabelo estava mais grisalho que dourado. Vestia uma saia de *tweed* e um conjunto de camisola e casaco de malha cor-de-rosa que, todavia, não lhe conferiam o ar elegante de outros tempos. A inclinação derrotada dos ombros e as rugas fundas em volta da boca revelavam o desgosto.

– Espero que não veja esta visita como uma intrusão – Adele deixou escapar. – Mas achei que devia visitá-la e dizer-lhe que lamento imenso o que aconteceu ao Michael.

– É muito amável da tua parte, Adele – disse Mrs. Bailey com delicadeza. – Vamos para a sala de estar, a lareira está acesa.

– Teve mais notícias? – perguntou Adele quando se sentaram.

– Não, nada. Contactei a Cruz Vermelha, claro, e disseram-me que ainda estão a verificar os campos de prisioneiros de guerra, mas não posso ter esperança.

Adele queria falar-lhe do que sentiu no pântano, mas como Mrs. Bailey pensava que ela havia deixado Michael por uma mudança de ideias, não lhe pareceu apropriado.

– Tem de tentar manter a esperança – disse Adele. – Se tivesse visto as cenas que eu vi em Londres, depressa acreditaria em milagres. Há sempre pessoas que acreditam que os familiares morreram e depois eles aparecem sãos e salvos.

– A Honour diz-me que te tornaste numa boa enfermeira – declarou Mrs. Bailey. – Ela está muito orgulhosa de ti.

Adele estava prestes a dizer-lhe que os bombardeamentos constantes em Londres fizeram com que ela e a maioria das enfermeiras se sentissem incapazes, quando de repente a porta se abriu e, para sua consternação, entrou Myles Bailey.

Todas as memórias que guardava deste homem eram desagradáveis, e a última, do dia em que ele lhe disse que era seu pai, era de longe a pior de todas. Não podia dizer que o odiava por isso; sempre teve consciência de que ele não tivera escolha senão dar-lhe a devastadora notícia. Até se lembrava de que Myles tinha sido muito afável. No entanto, sempre que se lembrava dele, imaginava-o ali, o fanfarrão que lhe dera uma bofetada e a expulsara de casa na véspera de Natal. E era por isso que o desprezava.

Myles estava na mesma, tão avermelhado e rechonchudo como da última vez em que o viu. Vinha com um fato escuro formal e uma camisa de colarinho cerimonioso. O rosto empalideceu ao ver Adele.

– Desculpem – disse ele, a recuar. – Não sabia que tinhas uma visita, Emily. Tive de vir ver uma pessoa aqui perto e passei por cá para ver como estás.

– Entra, Myles – disse Emily, que sorriu, contente por vê-lo. – Lembras-te da Adele, claro. Acabou de me fazer uma visita para dar as condolências pelo Michael. Vou pedir um chá.

– Tenho de ir andando – disse Adele a toda a pressa, pondo-se de pé.

– Por favor, não te apresses, Adele – disse Emily, e pôs-lhe a mão no braço, detendo-a. – A Honour e a Rose contam-me muitas coisas que escreves nas cartas, sobre o London Hospital e o Blitz, e eu adoraria saber mais.

A simples menção do nome de Rose em frente a Myles fez Adele embaraçar-se.

– Sinto que estou a incomodar, agora que chegou Mr. Bailey – afirmou ela com nervosismo, mal ousando olhar para ele.

– Que disparate, Adele – proferiu Myles. Claramente, reestabelecera a compostura. – Eu também gostaria de saber como vai a enfermagem. E a Emily tem tanto para te dizer. Está muito grata à tua mãe e à tua avó por a terem socorrido, e eu também.

Adele olhou para ele, desnorteada.

– Socorrido? – perguntou.

– Não sabes? – questionou ele, e pareceu preocupado. – Ora, isso é que é discrição! Pensava que te tivessem contado. A Emily caiu ao rio e a tua mãe saltou e arrastou-a para fora. Um ato muito corajoso, numa noite fria de janeiro.

Adele não teria ficado mais surpreendida se Myles lhe tivesse contado que Rose andara a passear de elefante por Rye, pois não lhe tinham dito nada.

– A sério? – exclamou ela. – Eu sabia que Mrs. Bailey as tinha visitado, mas a avó não disse nada sobre a queda ao rio.

Emily levantou-se, com o rosto rosado do embaraço.

– Vou só à cozinha ver o chá – declarou.

Adele pensou que talvez alguém caísse ao rio no verão, ao caminhar pela margem, mas era improvável que se aproximasse dele durante os meses de inverno.

Assim que Emily saiu, apressada, olhou bem para Myles.

– Ela caiu ou saltou?

– Ela afirma que escorregou na lama, mas podemos tirar as nossas conclusões, já que aconteceu poucos dias depois de recebermos o telegrama sobre o Michael – disse ele numa voz curiosamente dura. – A tua mãe poderia também ter-se afogado ao salvá-la. O rio ia cheio e com muita corrente. Eu mesmo teria feito uma visita para lhe agradecer, mas dada a nossa ligação passada, não me pareceu apropriado.

Adele ficou surpreendida por ele ser tão aberto, especialmente ali, na casa da mulher.

– Não, com certeza não teria sido. Mas preferia que não tivesse dito nada sobre o rio. Mrs. Bailey devia estar fora de si com o sofrimento, e agora vai ficar muito envergonhada por eu saber.

– Nunca me ocorreu que a tua família não te tivesse contado – disse ele, ponderado.

– A avó nunca foi bisbilhoteira, e é uma mulher com um grande coração – disse Adele com orgulho. – Ela gostava muito do Michael, e por isso é claro que se compadeceu pela mãe dele e não quis que tal se soubesse. Quanto à minha mãe, bem, talvez tenha algumas qualidades redentoras, afinal.

Emily voltou então com uma bandeja de chá. Fizeram os três conversa sobre a guerra, os ferimentos de Honour no bombardeamento e tratar de vítimas dos ataques aéreos.

Adele ficou com a impressão de que Emily estava a aguentar-se bem. Vira-a em estados muito piores quando trabalhava para ela. Era evidente que perder Michael lhe abrira os olhos para as dificuldades dos outros, pois mostrou uma preocupação genuína por todos aqueles que perderam a casa nos bombardeamentos e pelas viúvas e órfãos.

Myles mostrava-se muito menos cáustico e opinativo do que Adele recordava, talvez amolecido pela dor. Os olhos dele cintilaram com lágrimas por libertar ao falar tanto do filho mais velho como do genro, prestes a serem mandados para o estrangeiro. Era claro que temia perdê-los também. Não menosprezou Emily de forma alguma e mencionou os netos com grande afeto.

Adele ficou o tempo suficiente para ser educada. Depois, usou as velas que tinha de comprar como desculpa e disse que tinha de ir.

– Obrigada por teres vindo – afirmou Emily, beijando-lhe a face. – Pede à Honour e à Rose para me visitarem, um dia destes. Diz-lhes que faço trabalho voluntário e que estou bem, graças a elas.

Myles apertou a mão de Adele, desejou-lhe felicidades e depois acompanhou-a à porta.

Assim que ela pôs um pé no passeio, Myles deteve-a.

– Lamento muito – disse ele.

Adele olhou-o nos olhos.

– Porquê?

– Por te ter causado tanta tristeza – disse ele.

– Então quer ficar mais bem visto, é isso? – respondeu ela com ironia. – Acho que, para mim, o maior choque foi descobrir que o meu pai era um fanfarrão, um snobe e um homem que bate nos criados.

– *Touché* – disse ele, e retraiu-se. – Podes não ter muito boa ideia de mim, Adele, e quem te censura? Mas vi em ti muito de que gostar e respeitar. Desde que o Michael desapareceu, tive de avaliar tudo sobre o meu caráter e a minha vida. Descobri que lhe faltava substância.

– Isso não significa nada para mim – disse ela, irritada por Myles levar tudo para o que sentia. – Tive de viver com o desgosto desde o dia em que me disse quem era, e piorou ainda mais quando soube que o Michael tinha desaparecido. Espero e rezo para que ele esteja algures num campo de prisioneiros de guerra e volte para casa são e salvo no fim da guerra. O senhor ficará bem, assim como a sua mulher. Mas eu continuarei na mesma situação, sem poder cumprimentá-lo com alegria, como irmã ou como namorada.

– Lamento muito – disse ele, e pegou-lhe nas mãos. – De verdade. Se algum dia precisares de ajuda, de alguma forma, vem ter comigo, Adele. Não posso mudar o passado, mas talvez possa fazer algo por ti no futuro.

Adele queria dizer algo incisivo, mas não lhe ocorria nada inteligente. Só conseguia ver aqueles olhos incrivelmente parecidos com os seus, ouvir-lhe a sinceridade na voz e sentir o calor das mãos dele nas suas.

Ele tirou um cartão do bolso e pôs-lho na mão, fechando-lhe os dedos em volta.

– Visita-me. Independentemente do que penses de mim, independentemente do sofrimento que te causou a noção de que sou teu pai, uma grande parte de mim sente-se orgulhosa por saber que a minha filha cresceu e é uma mulher tão boa e forte.

Adele afastou-se. Sabia que, como advogado, ele era experiente em fazer discursos comoventes que, quase de certeza, não passavam de mentiras. No entanto, o que Myles disse emocionou-a. Era como se, de repente, ele tivesse preenchido um espaço vazio dentro dela. Sabia que tinha de fugir antes que começasse a chorar.

CAPÍTULO 26

1942

— Sinto-me entediada. – Joan bocejou enquanto servia chá para si e para Adele. – Sou bem capaz de me arrastar para uma daquelas camas vazias e dormir uma soneca.

Era cerca da meia-noite, os poucos pacientes da enfermaria dormiam profundamente e elas tinham ido para um gabinete tomar chá e conversar.

– Pensar que em tempos nos queixámos de estarmos muito ocupadas – Adele riu-se.

Em abril, enquanto esteve em Rye, os bombardeamentos noturnos de Londres pararam. Na altura em que regressou a Londres, as pessoas tinham voltado mais ou menos aos hábitos de vida normais e acreditavam com otimismo que o Blitz tinha acabado de vez. Mas a dez de maio houve um ataque terrível, o pior até então, e de manhã corriam rumores de que tinham morrido três mil pessoas. Foram atingidos o palácio da justiça, a Torre de Londres e o museu Mint. As pontes entre a Torre e Lambeth estavam todas intransitáveis e romperam-se centenas de condutas de gás. A Abadia de Westminster sofreu danos sérios; até o Big Ben tinha a fachada esburacada e não havia água suficiente para apagar os incêndios, sobretudo na zona de Elephant and Castle.

Nessa noite e mais dois dias e duas noites, Adele e toda a equipa médica trabalharam incansavelmente para tratar as vítimas. Embora na altura ninguém expressasse abertamente os medos, Adele via a mesma pergunta em todos os rostos: *Como conseguiremos aguentar mais disto?*

Mas depois de tratados e mandados para casa os feridos, enterrados os mortos e limpas as estradas, não houve mais ataques como aquele. Embora ocorressem bombardeamentos intermitentes em Londres e também noutras cidades, parecia que o Blitz tinha realmente chegado ao fim e o hospital voltou a uma calma relativa.

Em dezembro, os japoneses bombardearam Pearl Harbor e, em resultado, os Americanos declararam guerra à Alemanha e a Itália e uniram forças com Inglaterra.

As duas raparigas celebraram a chegada do Ano Novo, 1942, num baile no The Empire em Leicester Square, e dois dias depois espalhou-se a notícia de que o Japão ocupara as Filipinas e invadia as Índias Orientais. No fim de janeiro, começaram a chegar a Inglaterra as tropas americanas, criando grande excitação entre as enfermeiras. Mesmo Adele, que até então permanecera bastante indiferente aos homens, não conseguia evitar achar atraentes aqueles homens divertidos, bem-educados e generosos.

Desde fevereiro, saía para dançar pelo menos uma vez por semana e fora ao cinema ou sair com cinco homens diferentes. Gostou muito do tenente Robert Onslow do Ohio, loiro e de olhos azuis, que tinha conhecido no Rainbow Corner, um clube noturno para outras patentes no velho restaurante Del Monico's, na esquina da Shaftesbury Avenue com Piccadilly. Ele levou-a ao teatro, a ver a *Blithe Spirit* de Noël Coward, e viram *Rebecca* e *Goodbye, Mr. Chips* no cinema. Mas em maio ele foi colocado numa base no Suffolk, e as cartas foram desaparecendo gradualmente.

Adele não ficou muito triste com o fim do promissor romance – como Joan tão bem salientou, havia muito mais por onde escolher. Sentia-se bastante feliz só por descobrir que voltava a ser capaz de gostar de um homem. Era bom ser como todas as amigas, viver para a próxima saída à noite, divertir-se sem levar nada muito a sério.

Percebia agora que o dia em que voltou a estar frente a frente com Myles, em Winchelsea, fora um ponto de viragem na sua vida. A sua atual serenidade tinha vindo, quase de certeza, de por fim conseguir lidar com o ressentimento que sentia pela mãe.

Naquele dia, depois de falar com Myles, regressou a casa e pediu a Honour e a Rose para lhe contarem o quase-afogamento de Emily. Rose tinha pouco a dizer sobre o assunto; afastou o seu envolvimento e saiu para fazer uma caminhada, mas Honour foi muito mais loquaz. Não só descreveu ao pormenor os acontecimentos daquela noite, como disse que Emily devia de facto a vida à coragem, resistência e completa indiferença pela própria segurança de Rose. Referiu também que, no seu estado de perturbação, Emily dissera certas coisas que a tinham feito enfrentar as próprias falhas como mãe.

Com os olhos cheios de lágrimas, Honour contou a Adele como havia tratado Rose quando Frank regressou da guerra. Explicou que se sentia zangada por ele ter regressado uma mera sombra do homem que amava, e que às vezes até desejava que ele tivesse morrido em França. Descarregara a culpa por pensar tais coisas em Rose.

Não era a primeira vez que a avó tentava fazer Adele ver que estava na altura de perdoar a mãe. Mas desta vez, talvez por estar emocionada com a coragem de Rose ao salvar Emily, Adele sentia-se como se uma porta se abrisse para o passado. De repente, a informação que tinha reunido do passado e as observações que fizera recentemente encaixavam e via o quadro todo. E Rose numa luz bastante mais agradável.

*

Naquela noite, Adele sentiu-se muito mais confortável perto de Rose. A certa altura, sentadas uma em cada ponta do sofá a ouvir rádio, Adele pôs os pés no sofá e Rose pegou neles e pousou-os no colo. Um gesto pequeno, mas parecia afetuoso e sociável.

Na manhã seguinte, por acaso, Adele deixou um dos coelhos fugir da coelheira enquanto lhes dava palha limpa, e Rose veio ajudá-la a apanhá-lo. O coelho estava decidido a escapar-lhes, e ambas rebentaram de riso enquanto cambaleavam a tentar capturá-lo.

Rose ofereceu-se para ir com ela até à estação, quando teve de voltar para Londres. Enquanto caminhavam para Rye, Adele contou-lhe o que Myles lhe dissera em Winchelsea.

Durante algum tempo, Rose não comentou, e Adele ficou com a ideia de que ela se preparava para dizer algo desagradável sobre ele. Mas não, estava só a pensar.

– Quem me dera ter tido um pouco do teu bom senso e humanidade, quando tinha a tua idade – disse ela com um suspiro. – Acho que sais mais a ele do que a mim, Adele.

Adele mudou de assunto e perguntou a Rose se ela gostaria de voltar para a sua casa de Londres, agora que Honour estava em forma novamente.

– Podes voltar, sabes? – disse Adele. – Nem a avó nem eu sentiríamos que nos tinhas deixado ficar mal. Ambas sabemos que estar cá não é uma grande vida para ti.

Nessa altura, Rose sorriu.

– É uma vida melhor do que em Londres – afirmou. – Muito melhor. E gosto de estar com a minha mãe.

*

Adele tinha voltado a Londres com muito em que pensar. Já nada era preto e branco. Ninguém era totalmente mau e também ninguém era perfeito, muito

menos ela própria. Percebeu então que tinha de aprender a viver com o que lhe havia calhado em sorte.

Ao pensar em Rose só como Rose, em vez de como uma mãe fracassada, descobriu que era capaz de a ver de forma diferente. Ela tornava-se intrigante e não suspeita, divertida e não nociva. Quando falavam ao telefone, encontravam muito de que rir. Havia afeto onde outrora existia reserva e falta de confiança.

Cada visita a casa trazia mais entendimento. Partilhavam a cama e as tarefas, iam juntas ao cinema e às vezes a um bar, para tomar algo. Discutiam, as opiniões eram muitas vezes totalmente opostas, mas um ano depois, Adele podia afirmar com sinceridade que se tinham tornado amigas. Rose era a única que conhecia os seus verdadeiros sentimentos por Michael, e compreendia. Adele podia também falar com ela sobre outros homens que conhecia. Rose retribuía, falando-lhe sobre os homens do seu passado, incluindo Myles. Uma vez, disse a brincar que não podiam ter uma relação normal de mãe e filha, porque nenhuma delas sabia realmente o que tal significava. Adele achava que era verdade. Mas, de certa forma, o que tinham era melhor, pois podiam ser mais sinceras uma com a outra.

*

– Imagino o que aconteceria se a enfermeira-chefe me apanhasse a dormir. – Joan riu-se.

– Enforcava-te, tirava-te as vísceras e esquartejava-te – disse Adele, lavando depressa as chávenas. – E ela vai voltar a qualquer momento, por isso é melhor arranjarmos algo para fazer.

Enquanto ela falava, o telefone tocou.

– Raios partam! – exclamou Joan quando foi atender. – Lá se vai a noite tranquila. Deve ser algum chato a querer uma cama.

– Cirurgia feminina – disse de modo claro ao atender o telefone. Franziu o sobrolho ao ouvir a voz do outro lado. – Só um momento – disse, e estendeu o recetor para Adele. – É para ti – disse. – É a tua mãe.

Adele sentiu um baque no coração e tirou o telefone à amiga. Rose só ligaria para o hospital à noite numa emergência.

– O que aconteceu, mãe? – perguntou, com o coração na boca. – É a avó?

– Não, querida, nada de mau – respondeu Rose. – São boas notícias. Sei que estamos a meio da noite e que provavelmente sou a pessoa errada para te contar, mas achei que ias querer saber logo. Encontraram o Michael!

Adele soltou um arquejo, as pernas ficaram bambas e teve de se agarrar a parte de trás de uma cadeira para se segurar enquanto ouvia a mãe. Rose encontrava-se em Winchelsea, porque Emily Bailey tinha torcido o tornozelo numa queda e a governanta estava fora, de visita a familiares. Rose estava justamente a ajudar Emily a subir as escadas para ir para a cama, quando receberam um telefonema da Cruz Vermelha. Disseram que tinham acabado de ser notificados de que Michael estava num campo de prisioneiros de guerra.

– Têm a certeza? – perguntou Adele cautelosamente, incapaz de acreditar que podia ser verdade.

– Sim, têm. Eles só informam os familiares depois de verificarem bem – disse Rose, com a voz estranhamente estridente de excitação. – Parece que estava muito ferido e levaram-no para um hospital, e depois andou de um lado para o outro. Foi por isso que a Emily não soube de nada.

– Está inteiro? – perguntou Adele, com o coração a afundar-se perante a ideia de Michael desfigurado por queimaduras e sem membros.

– Só sabiam dizer que ele estava bem, e que em breve chegariam cartas dele. Mas ele está vivo, Adele! Para a Emily, é suficiente. Devias ter visto, ela ria e chorava ao mesmo tempo. Que alegria! Não consegui dizer-te até a levar para a cama.

– Diz-lhe que estou muito feliz, e obrigada também por me telefonares logo. Mas agora tenho de ir, vem aí a enfermeira-chefe – disse Adele depressa quando ouviu o bater dos saltos lá fora no corredor. – Tenta telefonar-me outra vez amanhã de manhã, por volta das nove, para a casa das enfermeiras.

*

Durante o resto da noite, Adele resplandeceu de felicidade. Sussurrava a Joan o milagre que era, e como a avó ficaria feliz quando recebesse a notícia.

Joan lançou-lhe uns olhares estranhos, claramente a perguntar-se porque é que Adele tinha desistido deste homem, se gostava tanto dele. Encarava também com curiosidade o porquê de a mãe estar com a mãe de Michael, quando, segundo sabia, o romance tinha falhado por falta de aprovação da família.

Na sua alegria, se não estivessem a trabalhar, Adele teria deixado sair a história toda, pois sabia que podia confiar em Joan para guardar segredo. Mas a enfermeira-chefe não parava de entrar e sair, e uma história tão longa e complicada não se contava facilmente em sussurros.

Se pudesse, Adele teria dançado a polca pela enfermaria, acordado toda a gente e feito retinir as arrastadeiras para celebrar. Queria apanhar já um comboio para casa, porque de manhã, em Winchelsea, estariam todos a falar da maravilhosa notícia. Michael estava vivo, e essa era a notícia mais maravilhosa que alguma vez tinha recebido.

Na última hora antes de ser altura de acordar os pacientes, enquanto Joan punha o carrinho do chá da manhã no corredor, Adele sentou-se na secretária da enfermaria a escrever as notas dos pacientes. Mas de repente parou, a pensar em Myles.

Dois meses depois de o ter encontrado novamente em Winchelsea, Adele pegou no cartão que ele lhe dera e telefonou-lhe. Não sabia bem porquê; era apenas uma vaga sensação de que tinham algo por finalizar. Contava que Myles tivesse pensado melhor em querer vê-la, e que desse alguma desculpa. Mas estava enganada. Ele ficou muito contente por ter notícias dela.

Levou-a a almoçar a um restaurante francês em Mayfair, um sítio que disse ter sido esplêndido antes da guerra. Já não era assim tão esplêndido, porque tinha sido danificado pelas bombas algumas vezes e não conseguiram redecorá-lo. A maioria dos comensais eram militares com as mulheres ou as namoradas, e um velho acordeonista tentava criar um ambiente romântico.

Quase de imediato, Adele percebeu que Myles não era o ogre que ela pensava. Era obstinado e com tendência para ser brusco, mas também era atencioso e verdadeiro, de um modo que desarmava.

Durante a refeição simples, mas bem cozinhada, ele deu-lhe a sua versão da relação com Rose.

Rose já contara muito a Adele, admitindo mesmo as mentiras que dissera para o persuadir a levá-la para Londres. Em quase todos os pormenores, a história de Myles era a mesma de Rose, com a exceção de que foi galante o suficiente para se culpar por encorajar o interesse de Rose, para começar.

– Eu devia ter pensado melhor – disse ele, a abanar a cabeça com pesar. – Mas sentia-me só, a Emily ficou impossível desde que o Michael nasceu, num minuto tinha um ataque de nervos, no outro era fria como o gelo, e a Rose era adorável e interessada em mim. Para um homem, é uma atração enorme. – Myles falou sobre as primeiras semanas com Rose em Londres com óbvia nostalgia. Rose nunca tinha estado em Londres e achava empolgantes até as coisas mais simples, como passear de elétrico; claro que lhe agradava levar uma menina bonita e animada a conhecer a cidade. Adele ficou com a ideia de que foi a primeira vez na vida em que Myles realmente se divertiu, mas ao

mesmo tempo aterrava-o o escândalo que resultaria de ser apanhado. Adele tinha sentimentos contraditórios quanto à desculpa de ter ficado nervoso quando percebeu que Rose não tinha a mínima intenção de ser independente, apesar de todas as alegações dela de que não esperava nada dele. – Eu não esperava que ela fosse servir, embora na altura parecesse a melhor solução – disse ele. Franziu a testa com um semblante carregado. – Eu sabia que ela não tinha a mentalidade certa, era demasiado impetuosa e indomável. Mas torcia o nariz a todos os outros tipos de trabalho, até a uma posição numa uma *boutique* exclusiva, onde ofereciam um bom vencimento e também alojamento.

Rose tinha contado a Adele que fingira não ter sido selecionada para os empregos, quando nem sequer se candidatava. Disse que não tinha qualquer intenção de arranjar emprego, porque pensava que, se Myles continuasse a sustentá-la, em breve se divorciaria da mulher e casaria com ela. Talvez tenha sido errado da parte dela, mas Adele imaginava que, naqueles tempos, a maioria das mulheres esperasse que o homem a sustentasse.

Na sua opinião, Myles tinha sido um bocado canalha. Talvez Rose tivesse usado as artimanhas todas com ele, especialmente o sexo, mas o facto é que ele era um homem casado, dos seus trinta anos, a brincar com uma rapariga de dezassete anos que ainda era virgem quando ele a conheceu.

– Então sabia que ela estava grávida de mim quando a deixou? – perguntou Adele sem rodeios.

– Ela disse que estava – admitiu ele de modo cândido. – Eu escolhi não acreditar nela. Como não apareceu depois a pedir-me dinheiro, interpretei-o como uma confirmação de que estava certo.

Adele indignou-se.

– Devia ter verificado se ela estava bem – disse em tom de acusação. – Podia ter-lhe acontecido alguma coisa. Disse que a amava! Como pode ser tão insensível?

– A minha mulher e os meus filhos eram a minha prioridade – disse ele no tom arrogante que Adele recordava do passado.

– Mas não foram prioridade quando fugiu para Londres com a Rose – relembrou-lhe Adele, mordaz. – Acho que se portou muito mal.

– Portei – disse ele. – Mas eu estava numa situação impossível.

Adele percebeu que não valia a pena discutir com ele. Myles era típico da sua classe; acreditava que qualquer um mais abaixo na escala social tinha pouca importância.

– Então o que pensou quando a Rose apareceu, vinte anos depois, e lhe falou de mim? – perguntou ela, a querer avançar para acontecimentos mais recentes.

O rosto dele adquiriu uma tonalidade ainda mais avermelhada.

– Fiquei absolutamente desorientado. Já era mau saber que ela tinha tido uma criança, mas descobrir que era a rapariga que conheci em casa da Emily, e a prometida do Michael, foi absolutamente horrível. Entrei em pânico... sabes, pareceu-me que a Rose não tinha intenção de guardar segredo.

– Então pagou-lhe? Não receou que, se lhe pagasse uma vez, ela continuasse a aparecer para pedir mais?

Os olhos dele faíscaram de fúria, lembrando-a da noite em que lhe dera uma bofetada. Achava surpreendente que ele não tivesse atacado Rose.

– Sim, receei. Mas tinha mais receio do que ela faria se eu não lhe pagasse. Mas como soubeste do dinheiro? Ela não o admitiu, com certeza.

De repente, Adele sentiu uma inesperada pontada de lealdade pela mãe.

– Sim, admitiu-o – respondeu. – Quando voltámos a encontrar-nos, depois de a avó ter ficado ferida num ataque aéreo, ela contou-me tudo. Não concordo com chantagens, mas também não concordo com homens que abandonam uma mulher grávida do filho deles. E ela teve de fazê-lo impedir o casamento, não tinha?

Myles olhou pensativamente para Adele durante algum tempo antes de responder.

– Sim. E tenho de ser completamente franco contigo sobre isto: ainda que não houvesse um laço de sangue, naquela altura eu teria feito quase tudo para impedir o Michael de casar contigo.

Adele exasperou-se.

– A rapariga vulgar dos pântanos a casar com o filho de um advogado – gozou. – Oh, Mr. Bailey, teria sido terrível!

Myles fez um esgar.

– Neste momento, ficaria feliz por ver o Michael casado com uma prostituta, em vez de «desaparecido, presumivelmente morto» – disse ele, com tristeza. – Mas naquela altura, queria que o meu filho tivesse uma mulher da classe alta.

– Que intolerante que era! – Adele não resistiu a acicatá-lo. – Depois de fugir para Londres, eu tentava consolar-me por ter perdido o Michael dizendo a mim mesma que fora um golpe de sorte não o ter como sogro.

*

Adele não queria voltar a ver Myles depois daquele almoço. Ele contou-lhe o seu lado da história com honestidade, e ela até percebia que o pior lado dele, o que tinha visto em Harrington House, era o resultado de anos do comportamento impossível de Emily, mas achava que ele era aquilo a que a avó chamava «peneirento.» Não parecia sentir-se culpado por ter abandonado Rose. Nem perdera nenhum do seu snobismo.

Mas passaram-se algumas semanas, e quando Myles lhe telefonou a convidá-la para sair outra vez, Adele achou que precisava de conhecê-lo melhor. Desta vez, achou-o mais brando, muito mais interessado nela do que em tentar impressioná-la por ser um homem importante. Quando se encontraram pela quarta vez, formava-se toda uma nova imagem dele. Os modos austeros, frios e sem graça eram apenas uma fachada. Adele ficou com a impressão de que Myles fora condicionado a mantê-la devido aos pais dominadores, a um casamento desastroso e à carreira. Quando a deixava cair, ela via o verdadeiro Myles Bailey: um homem bom e afável que amava os filhos e os netos, um homem que na vida teve pouco riso e divertimento, e muito pouco amor.

Foi durante o quarto almoço que Adele deu por si a gostar realmente dele. Myles contou-lhe alguns dos casos mais divertidos em que participara, e o seu humor cáustico e capacidade de recriar algumas das personagens mais absurdas que defendeu ou acusou fizeram com que ela quase chorasse a rir.

– Não admira que o Michael gostasse tanto de ti – disse ele com um sorriso. – És muito boa companhia.

Adele riu-se, não conseguia pensar em nenhuma resposta com graça.

– Olho para trás, para aquele dia na casa das enfermeiras em Hastings, como uma das coisas mais baixas que já fiz – disse ele, estendendo a mão e pegando na dela. – Fui a contar com insultos, ameaças e sabe Deus o que mais; ia preparado para uma cena feia. No entanto, aceitaste as minhas notícias com uma dignidade tão serena que me deixaste sem saber o que fazer.

– Não vamos falar disso – disse Adele, embaraçada com a intensidade na voz dele.

– Mas temos de falar sobre isso, Adele – insistiu Myles. – Não podemos varrê-lo para debaixo do tapete. Tenho de admitir que fiquei aliviado por me teres facilitado a vida. Mas depois senti-me uma pessoa absolutamente sem princípios.

– É bem feito – disse ela, tentando distraí-lo com humor.

– Recebi o meu justo castigo de uma forma que nunca esperaria – disse ele. – Apesar de ter de te dizer que era teu pai, na altura não tinha pensamentos

paternais. Esses só vieram depois, quando pensei no quanto és corajosa, altruísta e determinada, especialmente quando soube que também te afastaste da tua avó, sem nunca lhe contares o verdadeiro motivo. Foi então que percebi. És o tipo de rapariga de que qualquer pai se orgulharia. Mas como poderia estar orgulhoso? Não tinha tido influência no teu caráter nem na tua educação, e fui tão cruel contigo! Percebes o que quero dizer?

– Acho que sim – disse Adele.

– Quem me dera saber o que fazer – disse ele com pesar. – Ponderei-o hoje de manhã, antes de nos encontrarmos, mas ainda não sei o que é correto.

Adele franziu o sobrolho, sem saber o que ele queria dizer.

– Fazer? Não tem de fazer nada!

Myles abanou a cabeça.

– Creio que tenho. Não tive nada a ver com os teus últimos vinte e três anos, mas gostava de ter um papel no teu futuro.

– Podemos encontrar-nos de vez em quando – disse ela com um sorriso.

– Mas desconfio que, de cada vez que te vir, vou querer mais do que um almoço ou jantar casual – disse ele.

Adele libertou as mãos das dele e riu-se para encobrir o súbito nervosismo.

– Se tivéssemos mais, as pessoas falariam – disse ela.

– Esse é o meu dilema – admitiu ele. – Quero mais e acho que devo admitir publicamente que és minha filha.

– Não pode fazer isso! – exclamou ela, alarmada. – Imagine a caixa de Pandora que se abriria! Além dos sentimentos dos seus filhos e da Emily, também há os da minha avó. Ela perceberia num instante como a Rose conseguiu a casa, e isso acabaria com ela.

– Mas és tu quem deve contar – insistiu. – Não eles. Falhei a fazer a coisa certa há anos. Acho que devo fazê-la agora.

– Não. Deixe estar – disse Adele com firmeza. – Fico muito emocionada por sentir que quer fazê-lo. Mas basta-me ouvi-lo dizê-lo em privado. Já houve muito sofrimento nas nossas famílias.

– Aí tens razão – suspirou ele. – Mas se o Michael estiver vivo, terei de lho revelar. Depois do que ele deve ter passado, não achas que lhe devemos o verdadeiro porquê de o teres deixado?

*

Até agora, Adele não pensara no que Myles lhe dissera naquele dia. Talvez, principalmente, porque já não parecia haver esperança de encontrar Michael

com vida, mas também porque a sua vida se tornara bastante cheia. Já não era uma reclusa nos tempos de folga; tinha dezenas de amigas, além de Joan, e muitas vezes ia a casa delas para conhecer a família.

Era frequente visitar antigos pacientes para ver como passavam e também estudava, porque pretendia obter um diploma de obstetrícia. Bailes, idas ao cinema ou ao teatro e visitas a Rye quando tinha alguns dias de folga – tudo deixava muito pouco tempo livre para pensar nas palavras ou ações do passado.

Ainda usava o anel de Michael ao pescoço. Ele nunca lhe saíra do coração. Mas como pensava que ele havia desaparecido para sempre, guardava as memórias e seguia em frente com a vida.

Porém, ali sentada, na enfermaria silenciosa, a ver os primeiros raios de luz do dia a tentar penetrar através da tela, também os sentimentos que tinha por Michael tentavam passar. Via o rosto dele em frente a ela, os olhos azul-escuros, as pestanas longas e os lábios que se erguiam nos cantos, como que num sorriso permanente.

Ouvia também Myles a insistir que, se Michael estava vivo, tinha de lhe contar que ela era sua irmã.

Adele lembrava-se com toda a clareza do horror que sentiu quando Myles lhe deu aquela notícia chocante. Tinha tido três anos para se habituar, mas ainda agora a fazia sentir-se manchada. Não tinha dúvida de que Michael sentiria exatamente o mesmo.

Tudo se complicou ainda mais quando Emily, Rose e Honour se tornaram tão boas amigas. No ano anterior, tinham passado muito tempo juntas. O que seria mais natural do que as duas famílias quererem unir forças para celebrar, quando Michael regressasse a casa?

Além disso, Emily e Honour nutriam secretamente a esperança de que ele e Adele conseguissem resolver as diferenças, quaisquer que fossem. Do outro lado, Adele, Myles e Rose tentariam manter a distância e esconder aquele segredo destrutivo.

Michael estaria mesmo no meio dos dois campos e ficaria completamente confuso com os sinais contraditórios, a menos que lhe contassem a verdade.

No entanto, ainda que por milagre ele aceitasse, como é que ambos saberiam como se comportar um com o outro? Adele não imaginava algum dia ser capaz de abraçá-lo como uma irmã abraçaria. Com certeza, bastaria um roçar inocente para a fazer sentir-se culpada. Ficariam nervosos um com o outro e pelo facto do segredo deles ter o poder de magoar tantas pessoas.

Presumivelmente, Myles teria sido informado sobre o filho ao mesmo tempo que Emily. Adele pensou que talvez devesse telefonar-lhe mais tarde e combinar um encontro para que pudessem discutir o assunto.

– Mas ele está vivo – lembrou-se, pois nada devia diminuir o valor desse milagre fantástico. – Por enquanto, devíamos só celebrar e não pensar no que fazer quando ele chegar a casa.

*

Enquanto Adele se encontrava sentada à secretária da enfermaria, Myles estava no pátio em The Grange, a sua casa de Alton. Enchia o carro com o resto da gasolina que havia guardado para uma emergência. Tinha acordado às cinco, demasiado contente para continuar a dormir, por causa da notícia sobre Michael que recebera na noite anterior. Não telefonou logo a Emily por já ser tarde, e por isso decidiu que hoje, em vez de apanhar o comboio para Londres, para ir trabalhar, iria a Winchelsea, de forma a poderem celebrar juntos.

De certo modo, ficou um pouco surpreendido pelo seu primeiro pensamento ter sido correr para ela. Ao longo dos anos de discussões e amargura, habituara-se a não prestar atenção a Emily e a pensar nos três filhos como sendo apenas dele. Se às vezes admitia que tinham traços da mãe, eram sempre os negativos. No passado, se houvesse algo para celebrar, não pedia a Emily, nem por um momento, que se juntasse a ele.

Só quando Michael foi dado como desaparecido é que viu Emily como uma aliada. Até então, ela era um incómodo, um embaraço, alguém que de bom grado cortaria da sua vida e daria o melhor para esquecer. Só um sentido de dever e responsabilidade fazia com que a visitasse.

Mas ao crer que Michael tinha morrido, sabia que Emily era a única pessoa que partilharia do seu sofrimento. A única com quem podia entregar-se a reminiscências. Correu para ela, e ela deu-lhe consolo.

Depois, Emily contou-lhe que escapara por pouco à morte, e que Rose a resgatara. Myles considerava de uma ironia absurda que fosse a influência de Rose e da mãe o que ajudava Emily a manter-se tão bem e, por sua vez, a apoiá-lo. Nalguns dos dias mais sombrios, sentia que Deus lhe pregava uma partida terrível. Porque seria que só obtinha conforto de uma mulher distante, que nunca antes lho tinha dado, e se sentia em dívida para com outra mulher que tanta angústia lhe trouxera?

*

Além disso, ao reconhecer que Emily ainda era importante para ele, Myles achava mais difícil decidir o que fazer quanto a Adele. Queria-a na sua vida, na linha da frente, a frequentar a sua casa, a conhecer os seus amigos e colegas. Queria tratá-la como a uma filha, não encontrar-se com ela em segredo, como se tivesse vergonha dela.

Até à noite anterior, estivera praticamente convencido de que devia contar sobre Adele à família toda. Previa que Diana e Ralph não ficassem muito contentes, mas julgava que Michael, se fosse encontrado vivo, preferiria saber a verdade quanto ao motivo pelo qual Adele se afastara dele. Agora, porém, Myles temia que os seus desejos fossem egoístas e que a verdade nada trouxesse senão sofrimento.

*

Myles chegou a Harrington House pouco depois das nove, com algumas paragens pelo caminho para não chegar muito cedo. Já estava tão entusiasmado que mal conseguia estar quieto, à espera que a porta se abrisse.

A porta abriu-se, mas não era a governanta nem Emily quem estava ali, como esperava. Era Rose.

Sentiu um arrepio na espinha e recuou. Sabia, está claro, que Rose passava muito tempo com Emily, mas ainda não a tinha encontrado, nem previra, sequer por um instante, que ela estivesse ali hoje. Rose estava também muito diferente do que quando a vira pela última vez, no escritório.

– Não fiques tão aflito – disse ela em voz baixa. – Vou comportar-me perfeitamente. – Myles supôs que Rose tencionasse agir como se nunca se tivessem conhecido, mas só um perfeito pateta confiaria numa chantagista. No entanto, esta Rose nada tinha em comum com a megera descarada e cheia de maquilhagem que lhe entrara de rompante pelo escritório. Estava bonita e com uma aparência jovem, com um vestido estampado simples e as pernas despidas. Fora-se o penteado elaborado; agora o cabelo loiro caía-lhe sobre as costas numa trança bem arranjada. Devia andar pelos quarenta, mas parecia mais perto dos trinta. – Não sou tua inimiga – disse ela em voz baixa. Depois, explicou rapidamente o porquê de estar ali. Afirmou que estava prestes a subir para ajudar Emily a descer as escadas, e depois telefonar a Adele, para o hospital. A maneira respeitosa como falava e agia era como se fosse uma irmã mais nova de Emily, a encontrar-se com o cunhado.

– Entre – disse ela mais alto, pondo um grande sorriso. – Preparo-vos o pequeno-almoço e depois vou embora, para contar a notícia maravilhosa à

minha mãe. Hoje têm muito de que falar.

O medo de Myles diminuiu quando ela subiu as escadas. Adele afirmara que Rose tinha mudado para melhor, e ele imaginou que, se ela quisesse contar alguma coisa a Emily, já o teria feito há muito tempo.

– Oh, Myles, não são notícias maravilhosas? – disse Emily em êxtase enquanto descia as escadas a coxear, pelo braço de Rose. – Estou tão feliz por teres vindo. Mais ninguém poderia compreender como me sinto. – Involuntariamente, Myles foi abraçá-la assim que ela chegou ao vestíbulo, algo que não fazia há anos. Emily respondeu com grande afeto. Riu-se e agarrou-lhe as bochechas, beliscando-as com carinho entre os dedos. – Acho que hoje somos as pessoas mais felizes da terra. Sinto-me outra vez com dezoito anos.

Myles achou-a muito bonita. Tinha as faces rosadas, os olhos brilhavam, e ele lembrou-se do quanto a amara em tempos.

Rose também se riu, e era o som de alguém que partilhava da alegria deles.

– Vou preparar o pequeno-almoço – disse ela. – Vão querer ficar a sós.

Myles e Emily foram para a sala de estar.

– Espero que a Adele e o Michael voltem a ficar juntos – disse Emily quando se sentou. – A Adele ainda deve amá-lo. A Rose disse que ela ficou radiante com a notícia, quando lhe telefonou ontem à noite. Uma coisa boa que resultou desta guerra miserável foi o colapso das barreiras de classe. Foi isso que os separou.

– E a minha desaprovação – disse Myles, de repente a sentir-se desconfortável.

– Mas já não desaprovas, pois não? – perguntou Emily. – Disseste que estavas enganado quanto a ela, daquela vez em que vieste visitar-me e ela estava cá.

– Não, não a desaprovo. Ela é uma rapariga encantadora e bondosa – disse Myles, a pensar no que Emily acharia se descobrisse que se encontravam muitas vezes em Londres. – Mas o facto de ela ficar contente pelo Michael estar vivo não significa que ainda o ama. Desconfio que os sentimentos dela são só de amizade.

– A Honour não pensa assim – disse Emily com um beicinho. – Acha que foram feitos um para o outro.

– Então, Emily. – Myles suspirou. – Basta que o Michael esteja vivo, não vamos planear o futuro dele. A guerra continua, não podemos contar com nada. Vamos só aproveitar o dia, sim?

*

Emily não se lembrava da última vez que teve um dia tão perfeito e não queria que Myles fosse para casa. Tinham conversado sem parar, sobre Michael, sobre os tempos felizes do passado e onde queriam estar no futuro. Myles não foi crítico em relação a nada; na verdade, foi muito gentil e prestável, lavou as coisas do pequeno-almoço e arrumou tudo – até foi à loja tentar comprar-lhe açúcar. Não conseguiu, mas trouxe um pouco de sacarina. Quando a experimentou numa chávena de chá, fez uma careta e disse que preferia passar sem açúcar do que ser envenenado.

– Acho que a guerra é um grande nivelador – disse ele de forma ponderada ao espreitar para a despensa, à procura de algo para o jantar. – Aqui estamos nós, ricos, segundo os padrões da maioria das pessoas. Mas o dinheiro por si só não te dá açúcar, *bacon* nem um bife. É estranho pensar que até o rei e o primeiro-ministro têm exatamente as mesmas rações do que nós e aqueles que vivem nos bairros degradados.

Emily estava sentada à mesa da cozinha a descascar batatas.

– A Rose e a Honour comem bem – disse ela. – Mas têm cultivo e criam galinhas e coelhos. Os ovos que comemos ao pequeno-almoço eram delas.

Myles fechou a porta da despensa, com uma lata de carne de conserva *Spam* nas mãos.

– Tu falas muito sobre elas – disse ele com um vestígio de sarcasmo. – Porquê?

– Porque as admiro – disse Emily sem rodeios. – Podem viver numa casa rudimentar, usar roupas velhas e coçadas e ter de trabalhar arduamente, mas há algo especial nelas.

– Como por exemplo?

– A Honour é muito sábia. Percebe coisas sobre as pessoas sem nunca perguntar. Quanto à Rose, ela anima-me. É tão sincera que admite que passou a maior parte da vida a ser uma bruxa para todos os que se preocupavam com ela. No entanto, gosto muito dela; é prática, um bocado autoritária e não me deixa mergulhar na autocomiseração. Espero que resulte com o Michael e a Adele, quando a guerra acabar.

Myles sentou-se ao lado dela e pegou-lhe nas mãos, fazendo-a deixar a batata e o descascador.

– Tens de parar com isto, Emily – disse ele.

Ela riu-se porque o tom dele era meigo, muito diferente da forma brusca como ele costumava falar com ela.

– Estou a falar a sério – repreendeu-a. – Não acredito que vá resultar entre eles, e se continuares assim só te vais desiludir.

– Eu conheço o meu filho – disse ela com um encolher de ombros. – Ele ainda amava a Adele, da última vez que o vi, uma semana apenas antes do último voo. Ele disse-me que sim.

– Talvez sim, mas desde então aconteceu-lhe muita coisa. Os casos entre as pessoas reais não são como os dos contos de fadas. O amor pode morrer quando não é alimentado.

– Como connosco? – perguntou Emily, e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

– Sim, assim mesmo – disse ele.

De repente, Myles sentiu uma tristeza insuportável. Lembrava-se do seu coração a explodir de amor e orgulho quando se virou e viu Emily a subir ao altar pelo braço do pai, no dia do casamento. Tinha apenas dezasseis anos, e o vestido de seda branca, o cabelo dourado, as flores e o véu faziam-na parecer um anjo belo. Myles lembrava-se de se sentir doente de nervos por causa da noite de núpcias, pois estava certo de que alguém tão etéreo ficaria repugnado com os desejos carnais. No entanto, ela não ficou. Assim que ficam a sós no quarto em The Grange, recentemente decorado para eles, Emily mostrou-se tão apaixonada como ele.

– Quem me dera ter-te compreendido melhor e ter sido menos egoísta – disse Emily ternamente. – Merecias melhor.

Myles ficou perplexo. Ela nunca se responsabilizara, de forma alguma, pelo fracasso do casamento.

– Devia ter sido mais tolerante quando o Michael nasceu – respondeu ele. – Ouvi dizer que é muito comum as mulheres ficarem melancólicas depois de darem à luz.

Ela concordou com um aceno de cabeça.

– A Rose disse-me que também sofreu do mesmo, quando a Adele nasceu. Fomos ambas más mães.

– O Michael saiu-se bem – disse Myles, a querer distraí-la de falar novamente sobre Rose.

– E a Adele também. Talvez tenha sido, em parte, por causa da forma como eu e a Rose os tratámos que se sentiram atraídos um pelo outro.

– Imagino que os tenha tornado mais compreensivos em relação às pessoas – disse ele. – Mas pareces cansada, Emily. Depois do jantar, é melhor eu ir para casa.

– Não, não vás – disse ela. – Passa cá a noite.

– Não posso – respondeu Myles. – Amanhã também tenho de ir para Londres, tenho de preparar um caso importante. Mas volto no fim de semana, se quiseres.

– Sim – disse ela, e sorriu. – E tenta arranjar champanhe para podermos celebrar.

CAPÍTULO 27

Adele sorria enquanto observava Myles a estudar a ementa. Encontraram-se para jantar num restaurante na Greek Street, no Soho. Embora o menu fosse bastante extenso, não havia nada do que Myles pedira até então.

Adele não percebia por que razão ele não perguntava ao empregado, simplesmente, o que tinham. Imaginava, porém, que Myles pensasse que isso teria como consequência impingirem-lhe o prato que o restaurante mais tivesse.

Era novembro; apesar da ameaça de invasão parecer ter passado desde que os Americanos se juntaram aos Aliados, trazendo com eles os *Flying Fortresses* – bombardeiros capazes de voar distâncias muito maiores sem abastecer –, naquele ano a Marinha sofreu uma tareia terrível. O público não imaginava, mas os submarinos alemães *U-boat* lançaram torpedos a mais de mil navios de guerra britânicos.

No entanto, também havia otimismo. A Força Aérea tinha agora *Lancasters* e *Stirlings*, aviões que também transportavam bombas por longas distâncias, e com a ajuda dos Americanos estavam a dar a provar à Alemanha o seu próprio veneno. Acabava de chegar a notícia de que a Grã-Bretanha tinha recuperado Tobruk no Norte de África, e com uma aliança entre a Grã-Bretanha e a Rússia, muitos acreditavam que era possível derrotar os Alemães.

– Parece cansado – disse Adele. O rosto de Myles não estava tão avermelhado como era habitual e ele tinha sombras por baixo dos olhos. – Tem andado na borga?

– Não, não tenho – respondeu ele, mas sorriu de um modo pueril. – Na verdade, tenho andado bastante ocupado a tentar ajudar judeus a sair da Alemanha. Sabes o que se passa lá, não sabes?

Adele assentiu. Com tantos judeus a viver no East End e a ir ao hospital, Adele estava bem ciente da situação que atravessavam, tanto ali como na Europa. Havia um sentimento antissemita muito forte entre os londrinos, que tendiam a culpar os judeus por tudo. Muito era ridículo e contraditório. Num minuto, diziam que os judeus ocupavam o espaço todo nos abrigos, no outro diziam que eram tão ricos que saíam de Londres durante os ataques aéreos. Acusavam-nos de mandar no mercado negro e de pilhar casas bombardeadas,

mas as *cockney* como Joan, que conheciam todos os patifes locais, diziam que eram estes que comerciavam no mercado negro, e que os saqueadores eram os trabalhadores da proteção civil, ao limpar as casas bombardeadas.

Adele conheceu muitos elementos da comunidade judaica e estava inclinada a acreditar nas suas histórias, de como os familiares eram maltratados na Alemanha e na Polónia. Diziam que os juntavam e levavam para guetos, apinhados em comboios para campos, e que os fuzilavam se tentassem fugir.

– É tudo verdade? – perguntou a Myles, pois havia muitas pessoas a afirmar que tais histórias eram mera propaganda. – Os campos e assim?

– Sim, Adele, temo que sim – disse ele, e suspirou profundamente. – Acabei de ajudar um amigo judeu, que era advogado em Berlim, a chegar a Inglaterra. Ele e a família estão comigo em The Grange. Perderam tudo, a casa, o dinheiro, os valores, para os nazis. Contou-me coisas que pareceriam impossíveis, se viessem de outra pessoa. O meu amigo receia que Hitler queira erradicar o povo judeu.

– Mas não pode fazer isso. Pode?

– Penso que já está a caminho. O Reuben contou-me que Hitler já tinha construído campos com câmaras de gás e fornos crematórios para depois queimar os corpos. Diz que quando mandam os judeus de comboio para serem «reinstalados», é a isso que estão sujeitos. As mulheres e as crianças também.

– Não! – exclamou Adele. – Isso é monstruoso. Com certeza o povo alemão comum não concorda com algo tão bárbaro.

Myles encolheu os ombros.

– Acho que as pessoas têm demasiado medo de perder a própria vida para falar. E é difícil acreditar num plano com tal perversidade. Mas não nos foquemos no horror. Eu e a Emily recebemos outra carta do Michael, e ele parece muito animado, tendo em conta o que se passou.

Adele inclinou-se para a frente avidamente. Nas duas primeiras cartas, ou melhor, notas breves de Michael, o conteúdo era frustrante de tão vago, com partes apagadas pela censura. Só sabiam que ele estava no campo de prisioneiros de guerra Stalag 8b, mas onde era, como chegara lá e a gravidade dos ferimentos, só podiam imaginar. Obviamente não sabia que eles pensavam que estava morto e mencionou que a perna lhe «dava problemas.» Disse que a comida não era muito boa, que gostaria de ter livros e que jogavam futebol e às cartas. Parecia mais preocupado com o estado deles. Myles afirmou que era provável que os Alemães lhe tivessem dito que abateram a maior parte de Inglaterra.

– Ficou claramente contente por receber a nossa primeira carta – comentou ele, parando para pedir desculpa por não ter trazido as cartas de Michael, dado que Emily não conseguia separar-se delas. – Está encantado por eu e a Emily sermos amigos e grato por todas as notícias que consegui obter sobre os companheiros de esquadrão. Disse que lhe chegaram uns livros e encomendas através da Cruz Vermelha. Andava a ler Agatha Christie e tornou-se muito bom a costura, porque teve de remendar o uniforme. O resto eram perguntas sobre a família, os sobrinhos e sobre como estamos a lidar com a guerra. – Myles fez uma pausa. – Pediu também para enviarmos cumprimentos a ti e à tua avó.

Adele sentiu os olhos a arder. No primeiro encontro depois de receberem a notícia de que Michael estava na Alemanha, Adele insistira com Myles para que não a mencionasse nas cartas para o filho. Era quase impossível impedir que Emily o fizesse, pois mantinha contacto regular com Rose e Honour e, naturalmente, queria informá-lo do alívio delas por sabê-lo bem. Adele adoraria ter-lhe escrito, mas receava dar-lhe a ideia de que ainda estava apaixonada por ele. Apesar disso, independentemente do que dizia, por muito que soubesse que procedia bem ao manter-se afastada, o seu coração, obstinado, continuava a querer mais.

O empregado de mesa trouxe a refeição e Adele ficou contente com a distração. Por vezes, desejava não ter conhecido Myles tão bem, pois quanto mais se aproximava dele, mais impossível se tornava a situação.

*

Conversaram sobre vários assuntos durante a refeição. A batalha de Estalinegrado, que Myles pensava que acabaria em breve – visto que o exército alemão estava a perder muitos homens –, as vitórias de Montgomery no Norte de África e a queda de Mussolini em Itália. Myles admitia que Inglaterra precisara desesperadamente da ajuda da América, com tropas, tanques e aviões, mas desconfiava que, quando por fim ganhassem a guerra, a América ficaria com os louros da vitória, como se o exército britânico não tivesse feito nada nos últimos três anos.

– Não gosto de ianques – disse ele com rancor. – Agem como se fossem superiores, mas onde estavam no Blitz? Quantos dos pilotos deles conseguiriam ter feito o que os nossos rapazes fizeram na batalha da Grã-Bretanha? Pavoneiam-se por Inglaterra com os seus uniformes elegantes, a subornar os crédulos com cigarros, pastilhas elásticas e meias de *nylon*. Não há entre eles um verdadeiro herói.

Adele sorriu, pois também ela era culpada de aceitar alguns pares de meias e tabletes de chocolate. Estava tentada a dizer a Myles que Rose também tinha um admirador americano, um polícia militar do Arkansas chamado Russell. Pelos vistos, ele abordara-a em Rye para lhe perguntar o caminho para Hastings e depois levara-a a um baile. Segundo a avó, era um bom homem, mas, claro, ele levara-lhe pêssegos em conserva e petróleo para os candeeiros, e arranjou uma cerca que havia caído num vendaval.

– Não são assim tão maus – disse ela, e riu-se porque viu Myles prestes a lançar-se em mais uma tirada. – Também há mortes no exército deles, e se não tivessem vindo quando vieram, podíamos ter sido invadidos. Por isso, pare de ser tão intolerante. Os ianques que conheci eram encantadores.

Ele abriu a boca para dizer algo e depois fechou-a outra vez.

– Só não te cases com um e vás viver para lá – disse ele com um sorriso irónico.

– Ainda ninguém me pediu – sorriu. – Mas eu ficaria tentada. Imagine-se a ter qualquer quantidade de manteiga, queijo e carne. Viver numa casa bem aquecida e não ter de reutilizar e recuperar tudo. As minhas roupas já estão tão gastas que eu daria tudo por um vestido novo.

Myles olhou-a, pensativo, talvez a reparar que ela trazia o mesmo vestido castanho-escuro que usara em todos os encontros desde o fim do verão – a única diferença era que desta vez o adornara com um lenço creme e castanho em volta do decote.

– Tiveste uma vida difícil, não tiveste? – perguntou ele com uma quebra na voz. – Quando penso no que a Diana teve em pequena! Aulas de dança e de música, montes de vestidos e sapatos bonitos. Sinto-me muito triste por teres tido tão pouco.

– Isso não fez dela a rapariga mais feliz do mundo, pois não? – perguntou Adele, mordaz. Não gostava que Myles sentisse pena dela e lembrava-se de Diana ser amarga e malévola.

Myles suspirou.

– Não. Ela continua infeliz e muitas vezes acho que a culpa é minha. Quando eles eram pequenos, eu estava preocupado com a minha carreira e não passei muito tempo com eles. Também assistiram a muitas discussões entre mim e a Emily. Acho que nunca falei com a Diana como falo contigo.

Adele não sabia o que responder. Em menina, imaginava sempre que os ricos viviam vidas de sonho, mas agora, pelo que conversava com Myles, sabia que não era necessariamente assim. Às vezes, ele dizia que a casa do Hampshire lhe

parecia muito grande e vazia, e Adele presumia que os dois filhos mais velhos e as famílias não o visitavam muitas vezes. Pensava que Myles era um homem com muitas mágoas, o que era mais uma das razões pelas quais se sentia incapaz de se distanciar dele.

*

Myles voltou para o hotel em Bloomsbury, onde estava hospedado, depois de deixar Adele na casa das enfermeiras. Em vez de se deitar, sentou-se na cadeira junto à lareira que a empregada lhe acendera e pensou em Adele. Questionou o porquê de não ter olhado em frente depois dos primeiros encontros e percebido que andava a cavar a própria sepultura.

Nunca lhe tinha ocorrido que pudesse acabar por amá-la tanto, se não mais, como aos outros filhos. Pois era isso que agora sentia por ela. Não apenas uma afeição por Adele ser inteligente e compassiva. Nem culpa por ela ter tido uma infância miserável. Também não era só orgulho, embora por vezes se orgulhasse tanto que se sentia tentado a gabar-se dela.

Era amor.

Sempre se achou um homem bastante inteligente, e os outros advogados consideravam-no honrado. No entanto, ali estava ele, apanhado numa relação clandestina que, se se descobrisse, poderia muito bem virar Emily e os outros filhos contra ele. Mesmo assim, parecia errado guardar segredo.

Enquanto olhava para o fogo, Myles lembrou-se de que Michael sempre adorara a grande lareira da sala de jantar de The Grange, no inverno. Estaria ele a imaginá-la, naquele momento? A ver a mesa posta para o jantar, com os copos de cristal e a prata da família a brilhar à luz das velas? Visualizaria a mãe, linda, com o vestido de lantejoulas azul-escuro que ele sempre lhe pediu para vestir nas festas de família? E como imaginaria Myles? Estaria vestido para a cidade, com o fato escuro e chapéu de coco? Com *tweed* e botas de montar? Ou de peruca e toga, como na fotografia que tinham no aparador da sala de jantar?

Myles soltou um suspiro profundo, pois, qualquer que fosse a imagem mental que o rapaz tinha dos pais, duvidava que ele alguma vez pensasse no pai com um dilema tão intrincado.

Michael sempre foi muito honesto. Myles não se lembrava de lhe ouvir uma mentira. Portanto, supôs que se lhe perguntasse o que fazer sobre o assunto, Michael insistiria com ele para que dissesse a verdade e deixasse as coisas acontecerem.

Mas Michael era uma das partes, Emily outra, Ralph, Diana e os netos também. E se os perdesse a todos?

*

Michael sentia-se esfomeado e frio, enfiado debaixo de um cobertor áspero e gasto, num colchão húmido e irregular. A barraca C tinha cerca de oito metros de comprimento por quatro de largura, com quatro beliches rudimentares de três andares em madeira ao longo das paredes. O chão era só de tábuas. No centro da barraca havia um fogão, uma mesa e alguns bancos. Michael ocupava um dos beliches inferiores e estava mais perto do fogão, devido às suas incapacidades. Todavia, o fogão não era aceso há dois dias, já que acabara o combustível. No dia seguinte, os homens iam importunar por mais, mas, com toda a probabilidade, passar-se-iam alguns dias até o receberem.

Durante o dia, Michael conseguia manter-se bem-disposto. Tinha feito bons amigos; conversavam, jogavam às cartas, escreviam cartas, liam, e havia sempre o *Goon Baiting*, o desporto de irritar ou enganar os guardas para passar o tempo. Com doze ingleses, três americanos, um canadiano, dois australianos, quatro polacos e dois franceses a partilhar a barraca, a mistura era interessante e os momentos monótonos raros. Michael descobriu que, de dia, conseguia lidar com o facto de não ser capaz de se juntar aos outros a correr em volta do perímetro, a jogar futebol ou até a praticar ginástica, por causa das pernas magoadas. Mas temia as noites.

Naquela noite, como em todas, tentava abstrair-se dos sons perturbadores dos companheiros de prisão a ressonar, da dor nas pernas e do vento a sibilar lá fora, com uma lista de todas as suas memórias preferidas de Inglaterra.

Jogar críquete na escola, o sol quente na nuca, a erva macia e viçosa debaixo dos pés. Descer uma colina de bicicleta, com a camisa a enfunar-se atrás dele, como um paraquedas. Remar pelo rio, em Oxford, com o sol a brilhar na água e os patos a fugir precipitadamente sob as árvores baixas. O primeiro voo a sós, subir acima das nuvens e olhar para baixo, para a impressionante vastidão de brancura encapelada por baixo dele.

Tornara-se perito em não remoer o horror do último voo, quando o avião estava em chamas, a girar fora de controle, e ele não conseguia abrir o *cockpit*. Não se lembrava de o ter aberto; devia ter perdido a consciência nessa altura, pois quando deu conta estava no chão, enrolado no paraquedas. Depois disso só se lembrava da dor e da agonia extrema, que só cessou temporariamente quando desmaiara de novo.

Tinha memórias vagas de freiras, de um quarto branco no qual a única decoração era um grande crucifixo de madeira. Mais tarde, veio a saber que os aldeões o tinham transportado para o convento numa maca e, se não fossem as freiras, teria morrido. Partira as pernas e um braço, queimara as mãos e o rosto. Tinham feito um verdadeiro milagre nas queimaduras, pois já estava a aparecer pele nova. Harry Phillpot, um dos homens da barraca G, que interrompera os estudos médicos para se alistar na Força Aérea, disse-lhe que só ficaria com um ligeiro enrugar em volta dos olhos e da boca, nada pior do que umas rugas.

Eram as pernas o que mais o preocupava, pois haviam partido em dois pontos e as freiras não tinham conhecimentos médicos suficientes para assentar os membros devidamente. Coxeava muito e tinha dores constantes, em especial agora, com um tempo tão frio. Todos os dias fazia os exercícios que Harry recomendava, sempre com a esperança de um dia, em breve, recuperar por completo.

Muitos dos prisioneiros próximos quase só falavam em fugir. Michael estava com eles em espírito, mas sabia que não podia ser incluído nos planos, era demasiado perigoso. Sonhar, porém, era uma forma de fuga e ele tornou-se um especialista. Os sonhos banhados de sol eram bons para esquecer o frio que sentia, os triunfos desportivos do passado ajudavam com a dor. No entanto, curiosamente, eram os de memoráveis dias frios ou húmidos com Adele que realmente o transportavam para casa.

Percorrer o pântano a pé, andar de bicicleta à chuva e, o melhor de todos, o dia gelado em Londres, a primeira vez em que fizeram amor.

Sentia o cheiro da pele e do cabelo dela, a suavidade da pele quente, e ouvia-a a murmurar que ia amá-lo para sempre. Desde então tivera outras mulheres, mas ninguém lhe tocara no coração como ela.

A mãe escreveu-lhe com pormenor sobre o facto de Rose, a mãe de Adele, se ter tornado uma boa amiga. Segundo a mãe, Rose ajudara-a a alcançar o que nenhum médico conseguira: já não tinha dias maus, em que tinha de ficar na cama, e já quase não bebia.

Michael esperava com fervor que fosse verdade e também ficou contente por a mãe ter uma boa amiga. No entanto, era muito difícil imaginar Rose Talbot, a mulher que foi tão negligente com a filha, a ser amiga de alguém.

Questionava também como é que Rose conseguira infiltrar-se de novo na vida de Mrs. Harris. A única pessoa que podia responder-lhe era Adele. Gostaria também de lhe perguntar porque tinha ido ver Emily quando soube

que ele desapareceu. Não fazia sentido que Adele oferecesse a sua preocupação e simpatia a alguém que a tratara tão mal. A não ser, claro, que ainda o amasse.

Era essa leve esperança que o mantinha animado quando tudo parecia mais negro.

CAPÍTULO 28

1944

— Despacha-te, vamos atrasar-nos – disse Honour com rispidez a Rose, que raspava o rebordo da caixa de pó de arroz com a lima das unhas, numa tentativa de aproveitar os últimos restos. – Não precisas dessa porcaria no rosto só para ir a casa da Emily.

Tinham-nas convidado para jantar na Harrington House, para comemorar o sucesso dos desembarques na Normandia, que haviam começado uma semana antes, a 6 de junho. Mas ambas pensavam que o verdadeiro propósito do jantar festivo era que Emily e Myles desejavam mostrar que se tinham tornado bons amigos. Talvez até esperassem que, a seu tempo, pudessem voltar a viver como marido e mulher.

Honour ficou encantada por eles serem novamente amigos – já tinha embalado duas garrafas do seu vinho de tojo num saco de rede, para lhes levar e fazerem um brinde. Era de um lote que ela guardara no início da guerra, com a intenção de o beberem quando esta acabasse. Tinham aberto uma garrafa depois de saberem que Michael estava vivo e acharam-no quase um néctar. Como Emily disse que Myles resmungava pela dificuldade em arranjar vinho, e o uísque e o conhaque estavam quase extintos, Honour esperava impressioná-lo.

– Este vestido é muito justo? – perguntou Rose, guardando o pó de arroz e levantando-se. Alisou para baixo o crepe azul-claro sobre as ancas e olhou com nervosismo para a mãe.

O vestido tinha pelo menos oito anos. Trouxera-o de Hammersmith na sua última viagem a Londres.

– Não, não é muito justo – disse Honour com franqueza. – Só pensas assim porque já passou muito tempo desde a última vez em que te aperaltaste. Acho que a Emily vai ficar invejosa. É muito bonito. – Em segredo, Honour pensou que a filha estava uma beleza. Cinco anos de guerra, escassez de alimentos, falta de roupa nova e ansiedade permanente tinham feito com que muitas mulheres parecessem desleixadas e esgotadas, mas Rose não. O ar fresco, o exercício e o baixo consumo de álcool tinham feito maravilhas. O cabelo loiro

brilhava como quando ela era nova, a pele resplandecia e a silhueta era esticada e esbelta. Na noite anterior, deitara-se com rolos e agora o cabelo caía até aos ombros numa ondulação exuberante. Talvez o vestido fosse um pouco datado, as roupas práticas que agora se vendiam eram muito simples e frugais no que tocava ao tecido, ao passo que o vestido velho de Rose era bordado no corpete e a saia, cortada em viés, por isso colava-se às ancas de um modo sedutor. Mas nenhuma mulher na terra o rejeitaria face aos vestidos apagados e baratos que a maioria tinha de usar. – Agora vamos, por amor de Deus – disse Honour, irritada.

Em silêncio, Rose pegou na carteira e na lanterna, para o caso de estar escuro quando voltassem para casa. Não queria ir. A ideia de ter de se sentar numa mesa com Myles enchia-a de medo.

Ficou muito contente por ele e Emily terem resolvido as diferenças. Afeiçoara-se muito a Emily e orgulhava-se do facto da felicidade atual da amiga se dever em parte ao facto de a ter ajudado a recompor-se. Mas era assustador ser obrigada a passar uma noite com Myles, com quem não falara mais de dois minutos desde o dia em que estiveram frente a frente na porta principal, quando Michael foi encontrado. Myles ainda devia estar muito zangado por ela o ter chantageado, assim como ela ainda morria de vergonha pelo ato. Depois, havia a crença alegre de Honour e Emily de que Michael e Adele cairiam nos braços um do outro assim que ele voltasse. Os quatro sentados à volta de uma mesa, com tantos segredos entre eles, era uma receita para o desastre.

Trancaram a porta da frente e seguiram depressa pelo caminho. Pouco faltava para as cinco. O sol continuava quente e estava uma noite serena. Até ao dia anterior, ouviam o ruído constante de armas pesadas no canal. Honour afirmou que o som era o mesmo de há vinte e oito anos, na batalha de Somme.

– O que disseste que ela vai cozinhar para nós? – perguntou Honour enquanto subiam a colina em direção a Winchelsea.

Rose sorriu. A mãe andava apreensiva com a comida desde há meses. Puxava o assunto sempre que tinha oportunidade. Rose perguntava-se como ela sobreviveria se vivesse na cidade e tivesse de se arranjar só com as rações. Não parecia aperceber-se da sorte que era terem coisas como ovos, galinhas e coelhos, e para ela era o fim do mundo quando acabava o açúcar.

– Ela disse que conseguiu arranjar borrego – disse Rose. – Só espero que tenha seguido as minhas instruções sobre como cozinhá-lo.

A governanta tinha ido embora há algum tempo e Emily não encontrara uma substituta. Ainda tinha Mrs. Thomas, que vinha limpar algumas vezes por semana, e Rose dera-lhe aulas de culinária. Para surpresa de todos, Emily aprendeu depressa e gostava. Na verdade, tornou-se uma boa dona de casa, com orgulho na casa e no jardim. Dizia muitas vezes que o dia em que soube que Michael estava vivo a fez perceber que tinha sido abençoada, e tornou-se determinada a que, quando ele regressasse a casa, tivesse uma mãe de quem se orgulhar.

– Estes sapatos estão a dar cabo de mim – disse Honour. Fez uma pausa debaixo do Landgate e olhou para os pés, que inchavam nos sapatos de salto alto castanhos e brilhantes. – Não devia ter-te dado ouvidos, devia ter calçado os meus antigos.

Rose suspirou. Há algum tempo, persuadira Honour a fazer um vestido novo com um tecido que tinha há anos. Ela acabara-o justamente naquela semana, e ficou bonito, um estilo com botões e manga curta, de algodão-verde claro com pequenas margaridas brancas. Ainda tinha uma boa figura e, com o cabelo num puxo em cima, parecia quase elegante. Mas convencê-la a calçar meias e também sapatos elegantes tinha sido uma batalha.

– Depois de um copo ou dois do teu vinho vais esquecer-te dos pés – disse Rose. – Não podias vir com aquelas botas velhas. O que é que a Emily e o Myles pensariam de ti?

– As pessoas têm de me aceitar como sou – disse Honour de forma mordaz. – Sou velha de mais para tentar ser uma ilustração de moda.

*

Honour esqueceu-se de que os sapatos eram apertados depois de beber uns copos de vinho. Era um verdadeiro prazer estar sentada numa mesa muito bem posta, com pratas polidas, guardanapos imaculados e copos cintilantes, para não falar do borrego delicioso, cozinhado lentamente até a carne descolar do osso, mesmo como ela gostava. Até esse momento, não tinha percebido a falta que lhe fizera a sofisticação de um jantar elegante. Mas a última vez que comera assim fora há mais de trinta anos, em Tunbridge Wells.

Emily brilhava tanto como os copos, manifestamente contente por ter conseguido fazer tudo bem. Estava bonita e ameninada com um vestido de *chiffon* cor-de-rosa, o cabelo puxado para cima em caracóis soltos no cimo da cabeça. Disse que comprara o vestido em 1929, tinha Michael doze anos, e que

não o usara desde então, porque a moda mudara e saias haviam-se tornado muito mais compridas.

Myles foi muito atencioso. Se estava um pouco ansioso por ser o único homem entre três mulheres, não se notou. Honour sentiu-se consideravelmente animada em relação a ele, pois não era tão enfadonho e pomposo como ela julgara quando o conhecera. Na sua opinião, fazer as pazes com Emily e o trabalho de ajudar os refugiados judeus a instalarem-se em Inglaterra tinham trazido uma nova dimensão à personalidade algo séria de Myles.

Além disso, ele adorou o vinho de tojo, ignorando o clarete que tinha trazido, e não parava de dizer que conseguia vender em Londres todo o que Honour produzisse.

A conversa fluiu sem esforço e riram-se muito com Rose, que contou histórias divertidas sobre os seus inquilinos de Londres e alguns dos problemas com que se deparara desde que voltara a viver no pântano. Honour deixou-se ficar a ouvir. Sentia-se orgulhosa por Rose ser tão divertida. Desde que voltara, Rose perdera por completo aquela imagem dura e bastante vulgar que tinha antes; apesar disso, guardara do conhecimento das classes mais baixas o suficiente para lhe dar uma intensidade fascinante.

– O que planeias fazer quando a guerra acabar, Rose? – perguntou Myles. – Ficas cá ou voltas para Londres?

– Eu gostava de ficar cá e ter um parque de caravanas – disse ela.

– Um parque de caravanas! – exclamou Honour. – De onde tiraste essa ideia?

– As pessoas vão desesperar por umas férias à beira-mar e, se eu vender a casa, posso comprar cinco ou seis caravanas e construir um edifício para a higiene e casas de banho – respondeu Rose, aparentemente impávida face à surpresa da mãe.

– Onde estás a pensar pôr estas caravanas? – perguntou Honour, indignada. – Espero que não seja na nossa terra!

– Não, mãe. – Rose riu-se. – Sei que não queres um bando de turistas barulhentos à porta. Mr. Green tem um terreno perto de casa dele. Sugeri arrendar-lho, e ele pode abrir uma pequena loja. Mr. Green é completamente a favor.

Honour percebeu logo que afinal a ideia não era assim tão louca. Oswald Green possuía alguns hectares entre a casa dela e Pett Level. Era um terreno irregular e pedregoso perto do mar, que não servia para pasto das ovelhas. Oswald tinha alguns negócios em Hastings, e uma vez disse-lhe que andava sempre à procura de projetos que produzissem rendimento sem que precisasse

de os supervisionar. Suspeitava também que ele tinha um fraco por Rose, já que era um viúvo solitário na casa dos cinquenta.

– Pode resultar – disse ela com uma indiferença fingida. – Se estiveres preparada para te esforçares.

– Parece-me boa ideia – disse Myles. Pronunciava as palavras de modo pouco claro, pois já tinha bebido bastante. – Pessoalmente, não imagino nada pior do que umas férias numa caravana, mas diria que será apelativo para quem não pode pagar hotéis. A Honour pode vender-lhes os ovos e o vinho.

– Talvez se consiga persuadir a Adele a voltar e ajudar também – disse Emily.

De repente, com esta observação, Honour levou a ideia de Rose completamente a sério. Sentia muito a falta da Adele e já tentara várias vezes pensar em algo que a desviasse de Londres.

– Aí está uma ideia inteligente – disse, com um sorriso aberto para Emily. – Ela adora a vida ao ar livre. Imagino-a muito entusiasmada a pintar caravanas e a instalar canteiros de flores.

– E talvez volte também para o Michael – disse Emily com entusiasmo.

Honour não tinha bebido mais do que dois copos de vinho; talvez por isso, reparou que tanto Rose como Myles ficaram tensos com a observação de Emily. Presumindo que Myles continuava com algumas reservas relativamente à conveniência de Adele para o filho, olhou para Rose.

– E tu, o que tens contra? – perguntou.

Rose corou.

– Oh, mãe – disse, de modo um pouco brusco. – A Adele não ia gostar que lhe fizéssemos arranjinhos.

– Ela ainda o ama, como bem sabes – disse Honour, mordaz. – E a Emily disse-me que o Michael pergunta por ela em todas as cartas. Se o Myles descesse do pedestal e aceitasse, não haveria nada que os separasse.

– A Honour tem razão, Myles – disse Emily, estendendo-se para tocar na mão do marido com afeto. – Todos sabemos que a Adele deixou o Michael por nós não aprovarmos, e errámos ao pensar assim. A Adele é uma rapariga maravilhosa. Fomos todos unidos na adversidade e descobrimos que gostamos uns dos outros, por isso vamos brindar ao possível futuro do Michael e da Adele juntos.

Emily levantou o copo e Honour seguiu-a, mas percebeu que Rose e Myles olhavam um para o outro em aflição e não pegavam nos copos.

– O que é? – perguntou Honour, olhando de um rosto para outro. – Sabem alguma coisa que eu não sei? Myles! Passa-se algo de errado com o Michael que não tenhas revelado?

Emily riu-se.

– Oh, está só a ser pateta. O Michael está bem, ainda que agora coxeie. Pode arranjar emprego na aviação quando voltar para casa, tem o mundo aos pés.

– A Adele não quer casar com o Michael.

Com aquela declaração firme de Myles, Honour lançou-lhe um olhar cortante. Sentia-lhe dor na voz e algo parecido com pânico no olhar.

– Como é que sabes? – perguntou.

– Porque ela me disse – respondeu ele.

– Quando, querido? – perguntou Emily. Estava tocada, mas era claro que tentava agir como se estivesse completamente sóbria.

Myles parecia muito embaraçado.

– Levei-a a almoçar em Londres – disse ele. – Quis pedir-lhe desculpa por a ter tratado tão mal quando ela trabalhava aqui.

Honour percebeu logo que se passava ali algo esquisito. Adele ter-lhe-ia contado, se Myles a tivesse convidado para almoçar – a não ser, claro, que ambos tivessem algo a esconder.

– Deixa estar, mãe. – Rose fez-se ouvir. Tinha uma expressão curiosamente dura no olhar. – Tu e a Emily estão a agarrar-se a um sonho pateta. O Myles tem razão; no que diz respeito à Adele, o Michael não passa de um amigo da família.

Honour olhou do rosto de Myles para o da filha, e viu o mesmo medo nos olhos de ambos. Partilhavam um segredo, era óbvio; depois lembrou-se de que Rose mostrara muita relutância em vir a este jantar.

– Vocês os dois maquinaram algo para os separar, não foi? – disse ela, descontrolada. – O que fizeram? O que lhes disseram?

– É verdade, Myles? – perguntou Emily com a voz a ficar estridente. – Mas como conspiraste com a Rose? Na altura, ela nem sequer morava cá.

Honour percebeu que assim era, mas Rose tinha vindo fazer-lhe aquela visita tempos antes e contara-lhe que Adele tinha um namorado. Mas porque quereria separá-los? Não fazia sentido.

No entanto, agora que se lembrava, a hostilidade de Adele para com a mãe estava bastante além do teria esperado. Perdera a esperança de alguma vez elas se reconciliarem. E Adele era, por norma, uma pessoa muito indulgente.

– Vocês os dois vão dizer-me o que fizeram – disse Honour. Levantou-se da cadeira e olhou para eles de forma ameaçadora. – Quero a verdade, toda a verdade. Já! – Silêncio total. Myles e Rose olhavam furtivamente um para o outro, Emily fitava Honour de boca aberta. – Posso estar a envelhecer, mas ainda não fiquei senil – vociferou Honour, e agitou um dedo de advertência a Myles. – Tenho a certeza de que tu e a Rose maquinaram algo para fazer com que a Adele deixasse o Michael e fugisse para Londres, e se não me disserem o que foi, eu descubro. – Parou por um momento, para dar mais impacto às palavras. – A enfermeira-chefe do Buchanan Hospital vai contar-me. Ela sabe, pois foi ela que me informou que a Adele tinha ido para o London Hospital. Ela não teria tratado dessa transferência sem uma boa razão. Tenho de lhe perguntar? Ou vão contar-me?

Um silêncio de morte. Tanto Myles como Rose pareciam querer fugir da sala. Myles quebrou o silêncio.

– Eu conto – disse ele numa voz débil. – Prometi à Adele que não o faria, mas vejo que terei de o fazer. – Fez uma pausa, lançou um olhar a Rose, que fazia um esgar, e depois pigarreou. – A verdade é que a Adele é minha filha.

Honour pensou que era uma piada de mau gosto, pelo menos por um segundo ou dois. Olhou para Emily e viu a boca dela escancarada do choque.

– Não sejas ridículo, Myles – disse ela numa vozinha estridente. – Como pode ser?

– Eu tive um caso com a Rose – disse ele.

Honour estava prestes a pedir-lhe para repetir, assumindo ter percebido mal, mas ele baixou a cabeça e Rose tapou o rosto com as mãos.

– Foi quando vim cá para liquidar uma propriedade, durante a última guerra – continuou ele depois de uma breve pausa. – Fiquei no The George, em Rye, onde a Rose trabalhava. Mas quando a Adele trabalhou cá, eu não sabia que ela era filha da Rose. Só soube quando a Rose foi ao meu escritório, depois de ter visto o anúncio de noivado no *The Times*.

Honour deixou-se cair na cadeira, completamente ofuscada pelas notícias.

– Mas isso faz do Michael meio-irmão dela – disse ela sem forças.

Emily saltou da cadeira, virando-se contra Rose.

–Tiveste um caso com o Myles? Como pudeste? Pensei que eras minha amiga.

A cabeça de Honour andava à roda com o choque. Desejava nunca ter forçado esta situação, mas por muito que a notícia fosse devastadora, dava sentido a muitas coisas que até agora a intrigavam.

– Senta-te e cala-te, Emily – disse ela com firmeza. – Primeiro, deixa-os explicar.

Foi Myles quem deu a maior parte das explicações. Tendo em conta o seu embaraço extremo e os frequentes suspiros de indignação de Emily, saiu-se bem.

Enquanto a história se desenrolava, Honour sentiu todo o tipo de emoções. Em primeiro lugar, havia uma tremenda raiva pela felicidade de Adele ter sido destruída pelas ações da própria mãe, e por ela ter sido forçada a lidar com tal bomba sozinha.

Não sabia se era raiva ou compaixão o que sentia por Rose e Myles. Parecia um misto de ambas, pois quaisquer que fossem os verdadeiros factos de eles terem tido um caso, nunca poderiam imaginar que teria resultados de tal envergadura.

Quanto a Emily, sentia por ela profundo dó. No último ano, conseguira recompor-se, e isto parecia o suficiente para ela voltar a desmoronar.

Rose só encontrou a voz quando Myles começou a vacilar ao descrever a ida ao hospital de Hastings para dar a notícia a Adele.

– Talvez eu devesse ter-te pedido conselhos sobre como lidar com isto, em vez de deixar o Myles ir falar com a Adele – disse ela lamentosamente a Honour, com os olhos e encherem-se de lágrimas. – Mas não sabia que receção me darias. – Fez uma pausa para limpar os olhos e depois olhou para Emily. – Não te conhecia, até à noite em que te tirei do rio. Quando descobri quem eras, nem acreditava que o destino pudesse ter dado uma reviravolta tão irónica. E não tenho fingido a minha amizade. É completamente genuína, embora eu duvide que agora acredites.

Emily quis saber exatamente quando acontecera o caso, quanto tempo durara e se Rose sabia que Myles tinha três filhos. Myles contou-lhe, de cabeça baixa, e depois falou-lhes sobre os encontros com Adele em Londres.

– Gosto muito dela – disse ele com franqueza. – Ela pediu-me para não divulgar nada disto. Sempre receou que isto magoasse a Emily, o Michael e os meus outros filhos. – Virou-se para Emily e pegou-lhe na mão, a medo. – Sempre me senti tentado a contar-te. Podia ser melhor para todos os envolvidos manter isto em segredo, mas nunca me pareceu correto fazê-lo.

– O que tens a dizer, Emily? – perguntou Honour de forma branda, pois ela estava agora apoiada nos cotovelos sobre a mesa, com as mãos a tapar o rosto e os ombros magros a agitarem-se à medida que ela soluçava.

– Nada. – Emily destapou o rosto e fungou, contendo as lágrimas. – A culpa é tanto minha como do Myles. Nessa altura, eu era horrível para ele. Tal como continuei a ser horrível até nos separarmos e eu vir morar para cá.

– É uma atitude muito honesta e generosa de se tomar – disse Honour. Chegou a cadeira para mais perto de Emily e pôs o braço em volta dela. – Talvez devêssemos agora pensar se o Michael deve saber a verdade.

– Não sei – disse Emily. – O que acham?

– Impedi-lo-ia de acreditar que há esperança para ele e a Adele – disse Myles.

– Mas talvez seja essa esperança o que o mantém vivo – disse Rose.

De repente, Emily caiu para a frente na mesa, derramando um copo de vinho na toalha.

– Emily! – exclamou Honour. – Estás bem? Preferes que eu vá embora com a Rose, para ficares com o Myles e resolverem o assunto entre vocês? – Ergueu Emily e encostou a cabeça dela ao seu peito, pois a mulher voltou a soluçar e parecia perturbada. – Isto deve ser um choque terrível para ti – disse Honour de modo tranquilizador, acariciando-lhe o cabelo. – Ambas somos culpadas de sonhar com o casamento, com a união das nossas famílias. É claro que não podemos tê-lo, mas talvez possamos resignar-nos com uma amizade mais profunda, baseada numa verdadeira compreensão.

Rose levantou-se da cadeira e aproximou-se de Emily, pondo-lhe a mão no ombro.

– Quem me dera poder voltar atrás – disse ela, desolada. – Emily, sabes que és a única amiga verdadeira que alguma vez tive? Não aguento ter-te magoado tanto. Por favor, perdoa-me!

– E a mim também – disse Myles. – Devia ter percebido que os teus problemas nervosos estavam relacionados com o nascimento do Michael, e ter-te arranjado ajuda. Fui tão duro contigo. Desculpa.

Emily levantou a cabeça do ombro de Honour, olhou para as caras preocupadas, todas concentradas nela, e depois levantou-se e moveu-se à volta da mesa. Pegou num copo de vinho e bebeu-o de uma só vez.

– Nenhum de vocês tem de me pedir desculpa – disse ela, e limpou as lágrimas a um guardanapo. – Eu merecia tudo o que me aconteceu e ainda mais. Mas olhar-vos, cheios de preocupação, faz-me sentir muita vergonha de mim mesma e percebo que tenho de vos contar algo que pensei que não me arrancariam nem a ferros. Pelo bem da Adele e do Michael.

Inclinou-se para a frente e voltou a encher o copo com as mãos a tremer.

Honour estava agora assustada. Via-lhe um olhar perigoso; ela já tinha bebido mais do que devia e a sua aparente calma era certamente a bonança que antecedia a tempestade.

– Deixa-me ajudar-te a ir para a cama – sugeriu a Honour. – Já todos tivemos choques e aflições suficientes por uma noite.

– E eu vou dar-vos mais – disse Emily. Pegou no copo e bebeu o vinho todo. Esvaziado o copo, continuou com ele na mão e olhou para os três rostos sérios diante dela.

– O Michael não é filho do Myles. É filho do jardineiro de The Grange.

Por um momento, silêncio total. Honour só conseguia olhar para Emily, a pensar que tinha ouvido mal. Myles e Rose faziam o mesmo.

Um estrépito alto despertou-os. Emily lançou com violência o copo vazio para a lareira, onde aquele se desfez em pedaços.

– É verdade – gritou ela em desafio, com as mãos a tremer. – Apaixonei-me, ele implorou-me para fugirmos, mas eu não consegui.

– O Jasper? – exclamou Myles. – Foi ele?

– Isso mesmo – respondeu ela. – Chamaste-lhe Jasper. Na verdade, chamava-se William Jasper. Eu chamava-lhe Billy. O Michael é igual a ele.

Honour virou-se para olhar para Myles. Estava pálido, atordoado com a notícia, e por um momento Honour pensou que era apenas uma maneira cruel de Emily se vingar.

– E-eu-eu – gaguejou ele. – Às vezes perguntava-me porque passavas tanto tempo com ele no jardim. Mas não acreditava.

– Os homens às vezes são tão idiotas. – Emily soltou uma gargalhadinha contida. – Pensam que não faz mal desviarem-se, mas as mulheres têm de estar em casa sentadas a bordar, à espera que eles voltem. Senti-me tão sozinha em The Grange, Myles. Saías de manhã cedo e chegavas tarde, muitas vezes estavas fora dias a fio. Eu só tinha os teus abençoados pais a darem-me sermões sobre como deve comportar-se uma jovem dona de casa. Nem me deixavam brincar com o Ralph e a Diana, tiveram de ser educados pelas amas. O Billy fez-me sentir desejada e amada, fez-me sentir viva.

– Porque não me contaste? – perguntou Myles.

– O quê, que tinha um caso com o jardineiro e estava grávida dele? – riu-se Emily, embriagada. – Ter-me-ias expulsado sem pestanejar. Eu acabaria nos mesmos apuros em que ficou a Rose.

– Refiro-me ao facto de te sentires muito infeliz, antes de o caso começar – repreendeu-a Myles.

– O que terias feito? – atirou ela. – Davas-me uma palestra sobre a quantidade de tempo em que The Grange estava na família? Com os teus pais a ficar frágeis, alguém tinha de ficar lá com eles. Mesmo quando a primeira guerra eclodiu, não me deixavam fazer nada senão sentar-me e tricotar balaclavas. O Billy quis alistar-se, lembras-te?

Myles acenou.

– Convenci-o a não o fazer, porque disse que não conseguíamos arranjar-nos sem ele.

– Sim, foi o que disseste. Mas nessa altura ele já estava apaixonado por mim; queria ir-se embora porque tinha medo do que poderia acontecer, e na altura nem sequer nos tínhamos beijado. Devias tê-lo deixado ir. Ele acabou por ir e morreu nas trincheiras. Acho que nem sequer tentou sobreviver.

Honour ouvia na voz de Emily uma dor crua, e percebeu então o porquê de ela ter sido durante muitos anos uma alma tão perturbada. Recordou também o que sentia por Frank. No fundo, sabia que qualquer mulher que nutrisse um sentimento tão forte por um homem faria o que Emily tinha feito, estivesse certo ou errado.

Rose também chorava. Se por compreender Emily ou por se sentir responsável por trazer mais sofrimento para aquela casa, Honour não sabia dizer.

Myles olhava para Emily, agora novamente sentada à mesa com a cabeça nas mãos. Parecia que o mundo dele se havia desmoronado.

Honour também tinha vontade de chorar. Ansiava por esta noite há dias, pois pensava que Emily e Myles estavam destinados a voltar a ser marido e mulher. Agora, tudo se acabava.

– Acho que é melhor irmos para casa, Rose – disse ela, num tom calmo.

*

Rose e Honour foram então embora, saindo sem dizer uma palavra. Já escurecera e o ar noturno aquecia-lhes os braços despidos. Não falaram, mas deram os braços e afastaram-se depressa de Harrington House.

*

Voltaram a ver Emily no início de agosto. Ambas lhe tinham escrito uma carta depois desse jantar, mas nenhuma recebeu resposta. Jim, o carteiro, disse-lhes que Emily se tinha ido embora, mas não faziam ideia se estava com Myles ou sozinha.

Na manhã a seguir ao jantar, Honour e Rose discutiram quando deveriam informar Adele. Claro que para ela seria uma notícia maravilhosa, pois já não havia nada que a impedisse de casar com Michael quando ele regressasse a casa. Mas não lhe podiam contar sem antes consultar Myles e Emily. Afinal, era um segredo da família deles e talvez preferissem ser eles a explicar a Adele, assim que decidissem se contariam ou não a Michael.

No entanto, falar mais sobre o que acontecera naquela noite era potencialmente explosivo. Honour zangou-se e afirmou que Rose devia ter-lhe contado a verdade há muito tempo e poupado o sofrimento às duas famílias. Disse que nunca teria aceitado o convite para jantar se soubesse que Rose tinha tido um caso com Myles. Também descobriu que Rose chantageara Myles e ficou tão desgostosa que durante dias não lhe falou. Às vezes, o ambiente entre elas era tão tenso que Rose se sentiu tentada a voltar para Londres.

A chuva quase constante não ajudava, forçando-as a estar muito tempo dentro de casa. Durante o dia, faziam as tarefas habituais, à noite ouviam rádio ou liam, mas não da forma descontraída e sociável de antes. Honour só mostrou a sua verdadeira ansiedade quando souberam que a Alemanha estava a lançar um novo avião sem piloto, conhecido como V1, para bombardear Londres novamente.

– O que é que a Emily e o Myles andam a tramar? Porque não nos contactam? – perguntou, furiosa. – Quero acabar com isto, está a dar-me cabo dos nervos.

Rose sabia que, na verdade, a mãe temia que Adele estivesse outra vez em perigo, pois estas bombas novas significavam que ela não teria licenças durante algum tempo.

As pessoas chamavam à nova ameaça «bombas voadoras» ou «bombas zumbidoras», e dizia-se que eram a vingança de Hitler pelos desembarques na Normandia, uma vez que começaram pouco depois. Ouviam-se a voar lá em cima, mas as únicas notícias no rádio ou nos jornais eram bastante banais; notícias de ataques no Sul, mas sem pormenores. As cartas semanais de Adele relatavam que o hospital estava novamente muito ocupado com as vítimas, mas ela não dizia muito além de que as bombas voadoras eram um aborrecimento infernal, pois não havia aviso da sua chegada.

– Ela vai ficar bem, mãe – disse Rose de forma tranquilizadora. – E a Emily e o Myles vão aparecer em breve. Têm de tomar uma decisão muito importante, não podem apressá-la. Sei que estás morta por contar à Adele, mas

ela acha que é irmã do Michael há três anos; mais duas semanas a pensar o mesmo não lhe farão diferença.

– Não é só a Adele que me aflige – admitiu Honour. – Continuo preocupada com o Michael. Como é que ele se vai sentir quando souber que o pai dele era o jardineiro?

*

Foi então que, no primeiro dia sem chuva desde há algum tempo, Emily fez uma visita a Curlew Cottage. Parecia bem. Estivera fora algumas semanas com Myles, no Devon. Pediu desculpa por não as ter contactado, mas disse que ela e Myles tinham sentido que precisavam de tempo e de distância de todos para pensar.

– Pode-vos parecer estranho, mas sinto-me feliz por ter saído tudo – disse ela com os olhos a transbordar de lágrimas. – Eu e o Myles temos a oportunidade de recomeçar, tudo fresco e novo. E também não existirá nada a prender a Adele e o Michael.

Continuou dizendo que tinham decidido contar a Michael quando ele regressasse a casa, mas seria ele a decidir se Diana e Ralph seriam também informados. Emily disse que Myles entendia que deviam contar a Adele, da vez seguinte que ela viesse a casa de licença, e que ele viria para lhe contarem todos juntos.

– O Myles acha que eu também devo estar presente – afirmou ela. – Para mostrar à Adele que estou feliz por ela fazer parte da nossa família.

Apesar da compreensível ansiedade sobre como Michael iria receber a notícia de que Myles não era o seu pai biológico, Emily parecia descontraída e feliz. Disse que o segredo lhe causara muita infelicidade ao longo dos anos e que, agora que se sabia, sentia que lhe tinham tirado um grande peso das costas. Myles dissera que aquilo não alterava o que sentia por Michael, de forma alguma, e também ficou bastante contente por não ter de continuar a esconder os encontros com Adele.

– Espero que ainda sejam minhas amigas – disse Emily, olhando de Honour para Rose. – Na verdade, isto fez de nós uma verdadeira família.

Sempre haviam considerado Emily encantadora, mas fraca e egocêntrica. Contudo, de repente percebiam como fora corajoso e altruísta da parte dela admitir a infidelidade e o engano. Podia ter-se enfurecido com Myles, adotado uma atitude moralista e conquistar o apoio de todos, mas não o fizera.

Só viu o obstáculo entre o filho adorado e a mulher que ele amava. Sabendo que tinha o poder de eliminar esse obstáculo, por muito que lhe custasse, estava preparada para pagar o preço.

– Claro que seremos sempre amigas – disse Honour, com a voz carregada de emoção. – Tu, Emily Bailey, és uma mulher corajosa e muito honesta.

Emily ficou a tarde toda. As três encontraram muito de que se rir ao trocar mexericos e notícias do que tinha acontecido desde a última vez em que se haviam encontrado.

– Vocês deviam sair um dia juntas – sugeriu Honour enquanto tomavam mais um bule de chá. – Provavelmente, há coisas que precisam de dizer uma à outra sem eu estar. E podem divertir-se um pouco, para variar.

– Podemos ir a Londres – disse Emily de imediato. – Preciso de coisas novas e nas lojas de Rye não há nada.

– Será boa ideia, com as bombas voadoras? – perguntou Honour.

– Na última carta, a Adele disse que estão principalmente a sul do rio – respondeu Rose. – Além disso, preciso de ver como está a minha casa de Hammersmith. E Londres é o sítio mais divertido.

Honour sorriu, pois sentia-se feliz por ver que as nuvens se levantavam tanto para Rose como para Emily.

– É à vossa responsabilidade – disse. – Depois não resmunguem comigo, se os comboios se atrasarem.

*

Foi numa quinta-feira, quase no final de agosto, que Rose e Emily apanharam o comboio das oito de Rye para Londres. O verão fora muito molhado e frio, mas naquela manhã o sol brilhava. Emily estava muito elegante com um fato azul-claro e creme, e um chapéu de feltro com abas largas. Rose disse a brincar que parecia a parente pobre, com um vestido de verão às riscas e um chapéu de palha bastante gasto, enfeitado com uma fita nova.

– Podíamos ir ver chapéus de casamento – disse Emily a olhar pela janela do comboio, sonhadora.

Rose esboçou um sorriso. Pensava que às vezes a amiga era muito infantil. Era quase como se acreditasse em fadas madrinhas, e que com o agitar da varinha, Michael e Adele deslizariam para o altar sem sequer olhar para trás. Tanto quanto sabiam, Adele podia ter alguém; poderia nunca mais voltar a sentir por Michael o que sentira em tempos. Quanto a Michael, desconheciam a dimensão dos ferimentos, e certamente não podiam sequer imaginar o impacto

que teria nele a notícia de que o pai verdadeiro estava enterrado algures nos campos da Flandres.

– Não tentes o destino – repreendeu-a Rose. – Seja como for, e já que agora é quase impossível comprar batom ou pó de arroz, achas mesmo que encontraríamos uma loja com chapéus decentes?

– Então, vamos comprar algo extravagante para a Honour – sugeriu Emily. – E que tal um pijama bonito?

Rose riu-se. Achou hilariante a ideia de a mãe andar por aí com um pijama elegante.

– Seria um desperdício de dinheiro e cupões. A minha mãe ficaria reconhecida pela lembrança, mas não o usaria. Ela gosta de camisas de noite de flanela. Preferiria um par de calças ou lã de tricotar para fazer uma camisola. Ou até chocolates.

– A minha mãe dizia que ela era muito bonita, quando era nova, que quando se mudou para Curlew Cottage usava uns chapéus muito bonitos. O teu pai também era um homem bonito, Rose. A minha mãe dizia que todas as mulheres o admiravam.

Rose sorriu. Lembrava-se dos pais vestidos para jantar quando viviam em Tunbridge Wells; Honour de veludo azul-escuro, com ganchos brilhantes no cabelo e a cheirar divinalmente. Frank era alto e magro, e o seu cabelo, grosso e encaracolado. Lembrava-se dele com um colete castanho-avermelhado com botões de madrepérola, e de o fazer rir ao dizer-lhe que parecia um príncipe.

– Eram um casal bonito – concordou Rose. – Mas acho que nenhum deles dava muito importância a aperaltar-se. Tinham tudo o que queriam um com o outro, eram felizes com uma vida simples.

– Será que eu teria sido assim, se tivesse fugido com o Billy? – perguntou Emily, pensativa.

– Não te imagino a viver numa casa de jardineiro – disse Rose. – Não nasceste para viver sem comodidades.

– Nem a Honour, nem tu – disse Emily.

*

Rose ficou bastante chocada ao ver como Londres estava pobre. Tinha feito várias visitas rápidas nos últimos dois anos, mas como vinha sozinha e ia direta para Hammersmith, não notara mudanças significativas. Mas enquanto ela e Emily passeavam ao sol por Haymarket, por Piccadilly e na Regent Street, entristeceu-se com as janelas entaipadas, as fachadas cobertas de fuligem e a

melancolia geral de tudo. Era verdade que o West End tinha tido a sua quota de danos durante o Blitz, mas esperava que tivessem voltado a pôr tudo direito. Os destroços podiam ter desaparecido, mas faltavam partes de edifícios e as ervas daninhas cresciam nas fendas dos tijolos.

Para Rose, aquela parte de Londres sempre fora sinónimo de charme. Saíam dos táxis mulheres elegantes, vestidas segundo a última moda. As barracas de flores podiam gabar-se de flores nunca vistas fora do West End. As montras dos joalheiros exibiam pedras preciosas fabulosas e as lojas de vestidos estavam recheadas de roupas bonitas.

Já não havia mulheres vestidas com elegância a ver as montras. Todos pareciam pobres e andrajosos. Também havia pouco que entusiasmasse Rose e Emily nas montras – só roupa prática e sem graça, nada frívolo ou glamoroso. Nem havia por perto muitos homens de uniforme. Claramente, tinham partido todos para a Normandia, para os desembarques.

Num café, que na verdade não servia café, apenas chá, ouviram duas mulheres na mesa ao lado a falar sobre as bombas voadoras. Parecia que tinham causado muito mais destruição do que Rose e Emily imaginavam.

– Se o motor parar, é o fim – disse uma mulher à outra. – Não vale a pena fugir, não dá para escapar.

– Ainda assim, por aqui estamos seguros – respondeu a amiga. – É Croydon e o East End que levam com elas. Tenho um vizinho que sabe, e diz que não conseguem voar mais além.

– Achas que a Adele está bem? – murmurou Emily, nervosa. – Vamos lá?

– Não sejas pateta – ripostou Rose. – Olha o que aconteceu à Honour quando foi lá! Além disso, a Adele ter-nos-ia dito para não virmos a Londres, se fosse perigoso. Aqui estamos bem. Aquela mulher disse que as bombas não chegam ao West End. E podemos telefonar para o hospital mais tarde, para falar com a Adele.

As duas mulheres esqueceram-se da ameaça das bombas voadoras quando entraram no Swan and Edgar’s em Piccadilly Circus. Rose encontrou um sabonete perfumado e um par de calças de linho azul-marinho que eram do tamanho da mãe. Emily comprou uma blusa bonita. Depois, animadas pelo facto de lojas de Londres terem alguns artigos que valia a pena comprar, decidiram ir ao Selfridges de Oxford Street e seguir para Hammersmith, depois do almoço.

As duas mulheres pararam um pouco antes de chegarem às portas do Selfridges, porque depararam com um realejo antiquado a tocar. O dono usava

uma cartola gasta e um fraque desmazelado, e tinha um pequeno macaco a dançar em cima do instrumento.

Evocava a infância de ambas, em que tais cenas eram triviais, e elas extasiaram-se com o macaquinho engraçado, vestido de casaco vermelho e barrete árabe. Desde o início da guerra, os animais de estimação haviam-se tornado mais raros por causa do racionamento de comida. A maioria das pessoas agarrou-se aos que já tinha, claro, mas quando eles morriam não os substituíam. Quanto a um macaco, era o primeiro que viam em anos.

O dono do macaco deixou Rose pegar nele, e ele subiu-lhe ao ombro e sentou-se lá, em silêncio. Emily também queria pegar nele, mas estava nervosa e ria-se como uma menina da escola.

De repente, ouviram um avião a sobrevoar. Olharam para cima, como todos os outros, e o macaco, no ombro de Rose, começou de repente a emitir ruídos e a mostrar os dentes. O homem do realejo pegou no macaco.

– Bomba voadora – informou-as. Pegou na máquina e começou a levá-la para longe, por uma rua lateral.

Rose olhou em volta e viu que todas as pessoas que se encontravam no passeio olhavam para cima ou ignoravam completamente e entravam no Selfridges. Ninguém corria para os abrigos, e embora ela quisesse fugir, receava parecer ridícula.

Procurou a mão de Emily quando o ruído arrastado se aproximou.

– Oh, Rose, tenho medo – exclamou Emily, agarrando-lhe a mão com muita força.

– Está tudo bem – disse Rose, embora também tivesse medo. – Vai passar por cima de nós, vais ver.

De repente, pareciam isoladas de todos os outros compradores, que tinham avançado para as entradas das lojas ou desaparecido na estação de metro de Bond Street. Instintivamente, dirigiram-se para uma loja com um toldo às listas. De repente, o ruído arrastado parou.

Lembrando-se do que tinham ouvido no café, Rose deixou cair o saco de compras, abraçou Emily e segurou-a com força. Ouviu uma espécie de zumbido sibilante e sentiu o chão a vibrar sob os pés. O pó voou como uma tempestade de neve, e quando elas inclinaram as cabeças para o ombro uma da outra, Rose sentiu, mais do que viu, o toldo a cair sobre elas, pois foi como uma sombra negra a engoli-las. Algo mais as atingiu, atirando-as ao chão, ainda presas nos braços uma da outra. A última coisa que Rose pensou, ao

sentir os escombros a enterrá-las, foi que deviam ter seguido o homem do macaco.

*

Myles foi o primeiro a receber a notícia da morte de Rose e Emily. Passara o dia todo nos tribunais e tinha voltado para o escritório por volta das quatro e meia. Estava a reunir uns processos para levar para casa quando a secretária entrou e disse que um polícia queria vê-lo.

Myles estava de bom humor. Tinha tido um dia bom no tribunal, o caso que andava a processar concluíra-se um dia antes. Como não tinha necessidade de estar em Londres no dia seguinte e o tempo estava tão bom, pensava em ir para Winchelsea à noite, para passar um fim de semana prolongado e surpreender Emily.

– A sério, chefe, não fui eu, seja o que for – brincou, quando o polícia alto e magro, de ar pesaroso, entrou no gabinete.

Como o polícia não sorriu, Myles percebeu logo que ele vinha reportar algo desagradável.

– Lamento muito, senhor – disse o polícia. – Hoje caiu uma bomba em Oxford Street. Temos razões para crer que uma das vítimas poderá ser a sua mulher. Ela esteve em Londres hoje?

Myles sentiu-se quente, depois frio. Tinha ouvido falar de uma bomba voadora em Oxford Street, mas não prestou atenção. Nas primeiras semanas dos ataques das bombas V1 foi o pânico. A falta de aviso, a simples natureza de uma bomba sem piloto, era aterradora. Mas, tal como durante o Blitz, as pessoas habituaram-se a elas, ficaram indiferentes, até. Embora no início os cinemas e os teatros tivessem fechado por falta de público, a situação depressa mudou e todos continuaram com a sua vida, sem prestar atenção.

Myles nem sequer perguntara se tinha havido baixas no ataque de hoje.

– Não sei – disse ele, tentando controlar-se. – A Emily disse que estava a planear passar o dia com uma amiga. Mas não disse que dia, nem para onde iam. Porque pensa que é ela?

– Encontramos o cartão de visita dela com o livro de racionamento, senhor – disse o polícia. – A amiga dela é loira, de apelido Talbot?

– Sim – sussurrou Myles, e caiu na cadeira. – Estão muito feridas? Para que hospital foram?

– Lamento, senhor – disse o polícia, baixando a cabeça. – Ambas foram fatalmente atingidas.

– Morreram? – Myles olhou para o homem de uniforme diante dele, horrorizado. – Não podem ter morrido. Deve ser um engano.

– Não, senhor, não há engano. Morreram várias pessoas hoje e muitas outras ficaram feridas. Pode vir comigo, para as identificar? E pode indicar-me o familiar mais próximo da outra mulher, Mrs. Talbot?

– A filha dela é enfermeira aqui em Londres –disse Myles, desfeito, e vieram-lhe lágrimas aos olhos. – Meu Deus, não aguento isto! Porquê elas?

*

Essa mesma pergunta permaneceu na mente de Myles ao longo do procedimento de identificação dos corpos e depois, ao apanhar um táxi para ver Adele. Rose e Emily tinham sido levadas para a funerária tal como foram encontradas, com os braços em volta uma da outra. Apesar dos corpos esmagados pela alvenaria que ruira, os rostos não tinham marcas. De uma forma estranha, era reconfortante para Myles, pois eram as duas mulheres bonitas e um tanto vaidosas. E ele amara ambas.

CAPÍTULO 29

— Os funerais são sempre dolorosos, mas pelo menos não choveu. Foi triste o filho mais velho não conseguir licença.

– Acho que não se davam bem. Era raro ele vir visitar a mãe. Mas acho que está ali a mulher dele, a falar com a filha.

Adele afastou-se do alcance do ouvido de Mrs. Grace e Mrs. Mackenzie. Ambas moravam em Winchelsea e eram bisbilhoteiras conhecidas. Adele supôs que, depois de beberem um segundo xerez, nem se dariam ao trabalho de falar baixo, como faziam agora.

Já era estranho o bastante estar de volta a Harrington House, com todas as memórias que evocava, quanto mais ter de lidar com tantas pessoas. As salas de jantar e de estar estavam lotadas, e muitas mais pessoas haviam saído para o jardim. Adele conhecia a maioria de vista, se não de nome, mas havia também alguns perfeitos desconhecidos.

Ter-se-ia sentido um pouco mais confortável se pudesse ter ido para a cozinha e ajudado por lá, mas Myles contratara quatro mulheres para servir a comida e bebidas, e ela sabia que nem ele nem a avó gostariam de a ver a distribuir bolos e sanduíches.

Myles e Honour estavam juntos no canto da sala de estar, as cabeças inclinadas, juntas, numa conversa sentida. Embora Adele soubesse que poderia e deveria juntar-se a eles, sentia-se incapaz de o fazer.

Ao entrar despercebida no vestíbulo, lançou um olhar rápido em volta, para ter a certeza de que ninguém estava a ver, e depois, abrindo a porta principal, saiu.

*

Não conseguia comer nem dormir desde a noite, nove dias antes, em que Myles fora à casa das enfermeiras dizer-lhe que Rose e Emily tinham morrido. Conversava com umas amigas quando o pai chegou, e mal tinha interiorizado a notícia devastadora quando ele a empurrou para dentro de um táxi, para apanhar o último comboio de Charing Cross para Rye.

Não estava nenhum táxi na estação, por isso foram para Curlew Cottage a pé. Quando chegaram ao fim do caminho, viram Honour à espera, de lanterna na mão. Acontecia que ela esperava que Emily e Rose regressassem por volta das oito e, como não tinham aparecido, presumiu que tivessem parado para ver um espetáculo ou um filme, e apanhassem o último comboio. Receando que tropeçassem no escuro, sem lanterna, saíra ao encontro delas.

– Onde estão as raparigas? – gritou, ainda eles vinham a alguma distância. – Pararam em Rye?

Adele lembrava-se de como Myles lhe pegara na mão. Ele não sabia como responder. Então, de repente, Honour deve ter percebido que não era uma coincidência que eles também viessem no último comboio e começou a chorar.

Adele pensava que tinha testemunhado todo o tipo de dor enquanto enfermeira em Londres; no entanto, nunca vira nem ouvira nada tão trágico como a reação da avó.

Não era um soluço, nem um grito, mas o som do desgosto puro. Um pranto fúnebre que lhe saía das profundezas. A luz da lanterna movia-se para todos os lados e Adele correu para ela às cegas, com Myles no seu encalço.

Desde aquela primeira noite, longa e terrível, em que Honour se encolheu numa cadeira, a balançar-se e a gemer como uma louca, Adele observava-a com atenção, pois temia que, com o sofrimento, Honour pudesse tentar acabar com a própria vida.

Nos dias que se seguiram, a avó ficou completamente em silêncio. Embora capaz de limpar, de se vestir, de alimentar os animais e até de cortar lenha, estava presa no seu próprio mundo. Parecia nem ter consciência de que Adele estava com ela.

Adele sabia tudo sobre o choque, via-o todos os dias no hospital e estava ciente de que assumia várias formas. Mas também ela estava em choque e precisava de falar sobre a mãe, para expressar o que sentia por ela, tanto viva como agora na morte. Não conseguia lidar com um muro de silêncio, nem com a maneira como a avó a olhava, como se fosse uma intrusa.

O vigário da igreja de Winchelsea visitou-a, a pedido de Myles, que entendia que Emily e Rose deveriam ser enterradas como morreram, juntas. Mas, para Honour, foi como se ele fosse invisível. Caminhou pela sala enquanto o vigário lhe perguntava de que cânticos gostava, e nem quando ele se levantou e lhe pegou nas mãos houve nos olhos de Honour uma luz de reconhecimento.

Só no dia anterior, um dia antes do funeral, Adele conseguiu por fim chegar até ela.

– Tens de me ouvir – gritou-lhe, zangada. – A mãe não ia querer isto, e tu sabes. Ela dir-te-ia para te recompores.

Honour amassava uma massa na mesa. Não precisavam de pão. Jim, o carteiro, trouxera-lhes uma sêmea no dia anterior. Mas Honour fazia sempre pão às sextas e Adele não tinha tentado impedi-la, pois pensou que poderia ajudá-la a sair naturalmente da escuridão. Mas à medida que a avó batia e amassava, fazendo a mesa vibrar no chão, Adele começou a ficar irritada e foi então que gritou, para que ela parasse e a ouvisse.

Não obteve resposta, portanto arrancou-lhe a massa das mãos e deu-lhe uma bofetada.

– Estou a falar contigo, o raio do pão não é importante. Isto é! A Rose vai ser enterrada amanhã. Tens de estar na igreja comigo e com o Myles. Não podes agir como uma louca, nem sequer por teres o coração destroçado.

Ainda sem resposta, Adele ficou furiosa.

– E eu? –berrou-lhe. – Como achas que me sinto? A Rose foi uma mãe horrível para mim. As piores coisas que me aconteceram foram por culpa dela, e tu eras tudo o que eu tinha. Vais virar-me as costas agora, porque ela morreu? Não significo nada para ti?

Honour virou-se para ela, devagar.

– Ninguém imagina como me sinto – afirmou numa voz apática. – Já passei por isto tudo. Não consigo passar outra vez.

Adele teve de assumir que a avó se referia à altura em que Rose desapareceu, quando era nova.

– Ela não te deixou porque quis – gritou. – Morreu, foi uma bomba que a matou. Pode acontecer a qualquer um. Não está certo que ela vá antes de ti, mas foi, e não há nada que possa mudá-lo.

– Eu andava sempre em cima dela – disse Honour, com a voz ainda invariável. – Depois daquele jantar, disse-lhe coisas muito cruéis.

Adele suspirou. Na viagem de comboio de regresso de Londres, Myles contara-lhe o que acontecera no jantar. Era surpreendente, quase inacreditável, mas tinha perdido muito do impacto por vir depois da notícia da morte da mãe e de Emily.

– Não importa o que fizeste ou disseste à Rose no passado – disse ela de modo seco. – Acabou antes de ela e a Emily irem a Londres. E o que quer que tenha resultado daquele jantar, foi melhor assim. Elas voltaram a ser amigas. Morreram juntas, nos braços uma da outra.

– Fui eu que sugeri que passassem um dia juntas – disse Honour, quebrada.

– Talvez tenhas sugerido, mas isso não faz com que a culpa de elas terem morrido seja tua – disse Adele, exasperada. – Culpa o Hitler. Culpa o governo por não ter abatido a bomba. Culpa quem quiseres. Mas não te culpes a ti próprio. Estavam a divertir-se quando morreram. Provavelmente nem sequer perceberam o que aconteceu. É uma maneira de ir melhor do que a de muitos.

– Tu não queres saber, pois não? – perguntou Honour, com a voz a voltar ao normal. – Ainda odiavas a Rose!

– Não sejas ridícula – ripostou Adele. – Claro que quero saber. Eu não a odiava. Talvez nem sempre tenha sido capaz de esquecer algumas das coisas mais horríveis que ela me fez. Mas perdoei-a. Gostava dela. Posso até dizer que a amava. Era sobre isso que eu queria falar contigo. Não te ocorreu que eu poderia sentir-me culpada? Não és só tu que podes sentir culpa, sabes?

Tinha saído de casa como um furacão, demasiado zangada para lidar com a situação.

Sentia-se culpada e muito arrependida por não ter dito a Rose que se sentia feliz por tê-la de volta na sua vida e o quanto ela era importante para si. Sentia-se também amargamente envergonhada; ainda que a chorar por Rose e Emily, mal conseguia conter a alegria por Michael afinal não ser seu irmão. Que tipo de pessoa era ela, que num momento daqueles só pensava nela própria?

Durante algumas horas caminhou sem parar, a maior parte do tempo a chorar. Quando por fim voltou para casa, Honour já se recompusera um pouco. Estava triste, um pouco desorientada, mas não louca nem ausente.

*

Naquela manhã, Honour envergou o mesmo vestido preto e chapéu em forma de sino que tinha usado no funeral de Frank, há mais de vinte anos. Adele não sabia que ela ainda os tinha, pois encontravam-se arrumados numa caixa debaixo da cama da avó. Adele supôs – sem se atrever a pedir confirmação – que Honour fizera o vestido especialmente para o regresso de Frank de França, pois tinha dobras elaboradas no corpete e colarinho e punhos em renda feita à mão. Tinha sido tingido de preto, mas Adele imaginou que o original fosse azul-claro, e o milagre era que ainda lhe servia.

Myles trouxera a Adele um vestido e um chapéu de Emily, pois ela não tinha nada adequado para vestir. Ironicamente, lembrava-se de admirar o vestido quando em tempos o engomara para Emily. Na altura, era a última moda, linho com pormenores em bordado desenhado, comprimento a meio da perna,

chumaços, decote em barco e um cinto largo. O chapéu era pequeno, com véu, e Emily usava-o sempre com uma rosa artificial presa a um lado.

– A Rose teria gostado de te ver assim vestida – disse Honour com uma quebra na voz, quando Adele saiu do quarto. – Diria que pareces uma estrela de cinema.

Os olhos de Adele ardiam com as lágrimas, pois lembrava-se muito bem de que Rose sempre tivera muito interesse no que vestiam as estrelas de cinema. Nem a mudança para o pântano tinha acabado com o seu amor pelo *glamour.* Parecia-lhe apropriado vestir-se de uma maneira que a mãe gostaria.

*

Foi uma cerimónia bonita e comovente. A igreja estava cheia. Para surpresa de Adele, havia muito mais pessoas por Rose do que por Emily. Honour dizia-lhe muitas vezes nas cartas que Rose se tornara numa pessoa estimada, que quando iam juntas a Rye mal conseguiam passar pela rua principal sem que as pessoas parassem para conversar com ela. Adele sempre se mostrou cínica. Imaginava que fossem só bisbilhoteiras à espera de apanhar umas migalhas de informação, mas, como em tantas ideias fixas que tinha sobre a mãe, mais uma vez estava enganada.

Foram várias as mulheres que a abordaram no adro da igreja e lhe falaram de Rose com afeto. Claramente, era genuína a perturbação pelo desaparecimento da mãe. As histórias possuíam todas um tom semelhante, que ela tinha sido uma mulher memorável, alegre e cheia de vida, engraçada e calorosa. Disseram também que ela se sentia muito orgulhosa de Adele, e que ficava sempre muito animada quando ela vinha a casa de férias.

Se aqueles amigos e conhecidos tivessem aceitado o convite de Myles para ir a Harrington House, talvez Adele se sentisse capaz de ficar, mas era óbvio que reconheceram o fosso social entre as classes quando viram os velhos amigos e a família de Emily a afluir à grande casa.

Adele reconhecera-o, sem dúvida. Os amigos mais próximos de Emily deviam saber que Rose havia desempenhado um papel importante na sua vida recente, e poderiam querer falar com Adele e com a avó. Mas a mulher de Ralph e a irmã Diana olharam-na com desprezo. Para elas, Adele era apenas a rapariga dos pântanos, uma antiga criada que se julgava muito importante.

Quando chegou ao rio, Adele chorava. Por Michael, que em breve receberia a carta a informar que a mãe tinha morrido. Por Myles, que finalmente

encontrara em Emily uma amiga e logo ficara sem ela, e por Honour, que se achava responsável por tudo e por todos.

Mas, apesar das lágrimas por aqueles de quem gostava, chorava sobretudo pela mãe. Se ao menos tivessem tido mais tempo!

Porque é que nunca disse a Rose que estava orgulhosa dela, que ansiava vê-la? Que as cartas dela a faziam rir, que sentia um conforto interior por saber que alguém tomava conta da avó e que o passado já não importava?

Sentiu vergonha de si mesma por nunca ter incitado Rose a falar das memórias de Pamela, sobre o que sentia por Jim Talbot, ou onde estivera durante aqueles anos em que desaparecera, depois de ser internada no hospício. Adele sempre quisera fazê-lo, não para atribuir culpas nem para julgar, mas apenas para poder entender o quadro geral da mãe.

Teria ajudado Rose a perceber que a filha gostava dela, e Adele não tinha dúvidas de que a mãe lhe teria contado as partes mais perturbadoras com o seu habitual humor autodepreciativo. Esse, percebia agora Adele, era um dos aspetos mais interessantes da personalidade da mãe. Rose não tinha medo de admitir os erros e, quando contava uma história, conseguia descrever as personagens de uma forma tão nítida que estas se tornavam para o ouvinte tão claras como eram para ela. Rose sempre afirmou ser completamente egocêntrica, mas a compreensão que demonstrava das próprias falhas e das dos outros sugeria que tal não era inteiramente verdade.

Talvez fosse profundamente imperfeita, não era nenhuma santa – isso era certo. Mas provara a capacidade de ser honesta, bondosa, leal e corajosa. Adele só queria ter sido grande o bastante para se afastar dos velhos ressentimentos e ver todo o bem que havia em Rose. Antes de ser tarde de mais.

Ao entrar em casa, dirigiu-se para o quarto. Sempre pensou nele como sendo o seu quarto, mas hoje estava bem ciente de que tinha sido o primeiro e último quarto de Rose. Abriu o guarda-vestidos e cheirou. Cheirava a lavanda. Lembrou-se de a avó dizer que Rose sempre gostara daquele cheiro, desde pequena, quando enchia pequenas almofadas com as cabeças secas das flores.

Adele passou as mãos pelas roupas. A maioria era anterior à guerra, rosas vivos, vermelhos e verde-esmeralda, a confirmação de que Rose sempre tinha gostado de dar nas vistas.

A avó afirmou uma vez que, em nova, era exatamente assim, que nunca gostara de convenções nem de regras. Na altura, disse a brincar que o pai de Adele devia ser um homem bastante sóbrio, pois ela não parecia ter herdado o lado selvagem de Honour e Rose.

– Eu teria adorado ser um pouco mais selvagem – murmurou com melancolia para si mesma. Nunca fora possível, pela pobreza, a depressão e depois a guerra, que a moldaram para um papel sóbrio e cauteloso. – Quando a guerra acabar, solto-me – prometeu a si mesma. Não se atrevia a verbalizar a esperança de se reconciliar com Michael, pois ainda que já não existisse um obstáculo, talvez o tivesse magoado tanto que o amor dele esmorecera.

*

Ao fim da tarde do dia 8 de maio de 1945, Adele, pensativa, olhava para Whitechapel Road pela janela da cirurgia masculina. Na noite anterior, tinham sabido das notícias na rádio, que aquele dia seria feriado para assinalar o fim da guerra na Europa. Surpreendentemente, a notícia foi recebida com pouca animação. Adele supôs que assim era porque estavam todos a suster a respiração desde que, no dia 2, se soubera que Hitler tinha sido encontrado morto no seu *bunker*.

À meia-noite, porém, todos os navios nas docas e no rio dispararam as sirenes, e os sinos das igrejas começaram a tocar com alegria. Na casa das enfermeiras, todas as raparigas subiram ao telhado para verem o lançamento de fogo de artifício por toda a cidade. Era emocionante – do mesmo local de onde tinham visto os incêndios do Blitz, as bombas voadoras e os mísseis V2, mas todo o barulho e luz eram pela paz.

Ainda não tinha sido dada permissão para removerem as telas de *blackout*, mas muitas pessoas não estavam preparadas para esperar. Do telhado, as meninas ouviam as pessoas a gritar de alegria enquanto despojavam as janelas do detestado tecido preto, e a luz voltava a inundar as ruas.

Mas naquela manhã, Adele acordou com uma tempestade, e quando ela e as outras enfermeiras substituíram as do turno da noite, o ambiente parecia muito contido. A chuva forte parou e havia filas mais compridas que nunca à porta das padarias e das peixarias, mas as pessoas vagueavam sem destino, como que à espera de um sinal para começar a comemorar.

Só às três da tarde, quando a rádio transmitiu, de Downing Street para a nação, o prometido discurso de Winston Churchill a anunciar oficialmente que a guerra na Europa chegara ao fim, começou a parecer que as pessoas acreditavam.

Agora, às cinco, Whitechapel Road estava cheia de pessoas a agitar bandeiras e a tocar buzinas, muitas delas a ostentar chapéus de papel em vermelho, azul e branco. Nas duas últimas horas, apareceram, como que por

magia, faixas e bandeiras decorativas, a engrinaldar as lojas, de poste de iluminação em poste de iluminação. Adele imaginava que muitas mulheres estavam atarefadas em casa, a preparar-se para as festas de rua, quem sabe a decidir finalmente que aquele era o dia para gastar as passas, o açúcar e outros géneros alimentícios que tinham conseguido esconder. Via homens a correr pela rua com grades de cerveja e pensou que, à meia-noite, a maioria dos adultos estaria completamente embriagada.

Afastou-se da janela e sorriu perante o número de camas vazias na enfermaria, pois a promessa de que a guerra acabaria em breve tivera um efeito rejuvenescedor notável nos pacientes. Aqueles que, há uns dias, não tinham sido considerados em condições de ir para casa, de repente deram a volta para melhor e tiveram alta. Outros, à espera de operações, cancelaram, e até os homens que restavam encontravam-se num estado altamente excitável – naquele dia, ela e Joan tinham recebido muitos pedidos de beijos, cigarros e cerveja. Se a enfermeira-chefe ouvisse tais pedidos, teria um ataque de fúria.

No entanto, ainda mais agradável do que a noite de alegria que se avizinhava era saber que, na semana seguinte, ia passar duas semanas a casa. Os últimos oito meses, desde a morte de Rose, pareceram intermináveis. Preocupava-a que a avó estivesse sozinha. Receava que ela voltasse a refugiar-se em si mesma, ou caísse no jardim e ficasse deitada horas, até a encontrarem. A avó comeria bem? Estaria quente, à noite? E se ficasse sem lenha, ou petróleo para os candeeiros? Myles também a preocupava, pois, embora pudesse telefonar-lhe – tanto para casa como para o escritório –, não era provável que ele admitisse estar infeliz ou perturbado.

O inverno fora longo e muito frio. Para alguns dos idosos que ali viviam, em casas danificadas pelas bombas, abertas aos elementos, e com uma dieta pobre, acabara por ser fatal. O carvão era racionado e difícil de arranjar – todos os dias traziam crianças com ferimentos sofridos ao tentar recolher madeira para queimar em locais bombardeados. O espírito «nós aguentamos», tão extraordinário durante o Blitz, tinha desaparecido. As pessoas estavam deveras cansadas das dificuldades, pareciam magras e pálidas, e como se as bombas voadoras não tivessem sido ameaça suficiente, vieram depois os mísseis V2, ainda mais mortíferos.

Foi inacreditável a destruição que provocaram. Apareciam crateras enormes no chão, e as nuvens de fumo preto fuliginoso, gesso e pó de tijolo deixavam os elementos das equipas de socorro a sufocar. Caíra um em Smithfield Market antes do Natal. Matou e estropiou mais de cem pessoas. Depois, em janeiro,

outro atingiu um bloco de apartamentos em frente ao hospital, em Valence Road, e demoliu o prédio ao lado. Naquele dia, Adele viu cenas que, pela primeira vez na sua carreira de enfermeira, a fizeram ter vontade de despir o avental e o chapéu e fugir. Os mortos e os feridos eram principalmente mulheres e crianças, pois a bomba caíra de manhã, depois de a maioria dos homens sair para o trabalho.

A guerra na Europa podia ter acabado, finalmente, mas muito depois de os militares regressarem a casa, de reconstruídos e reparados os apartamentos e as casas, continuaria a haver crianças sem membros a coxear por aí. E que seria de todos os órfãos? Das viúvas e dos que haviam ficado sem casa? Os bairros degradados e os prédios de apartamentos que restavam seriam substituídos por habitações decentes? Haveria escolas novas, hospitais e emprego para todos? Adele queria ser otimista, mas julgava que se passariam anos antes de Inglaterra regressar a algo que se aproximasse da normalidade.

– Dava tudo para saber no que estás a pensar – disse Joan, apanhando Adele de surpresa e fazendo-a saltar. – Perguntas-te se ele foi libertado e está a caminho de cá?

Adele sorriu. Contara finalmente à amiga a história toda, quando voltou ao hospital depois do funeral de Rose e Emily. Teve de o fazer, pois a infelicidade que sentia era grande de mais para continuar a guardar tudo para si mesma.

Joan agiu como uma válvula de segurança. Abraçou-a e deixou-a desabafar tudo, a culpa, a tristeza e os medos; sem isso, talvez tivesse ido abaixo. Foi Joan quem por fim a convenceu a escrever a Michael. Como realçou, não era só uma questão de lhe oferecer condolências e solidariedade – ele poderia recebê-las de qualquer um dos familiares. As mães eram amigas e morreram juntas, e como tal a sua carta teria muito mais significado. Joan acrescentou também que ela tinha de ser ela a dar o pontapé de saída, se queria Michael de volta.

Assim que Adele recuperou do choque e devastação da morte da mãe, encontrou grande alegria e esperança no facto de saber que Michael não era seu irmão. Queria-o de volta como namorado, queria-o mais do que tudo no mundo. Durante muito tempo, fora forçada a reprimir as memórias dos momentos íntimos, mas agora não conseguia pensar em mais nada. Bastava imaginar que o beijava, abraçava ou lhe passava as mãos na pele despida e ficava excitada. Muitas vezes, à noite nem conseguia dormir só de pensar nisso.

Era frustrante que Michael estivesse limitado a escrever apenas uma pequena carta por mês, que as cartas demorassem tanto tempo a chegar e que o censor o

impedisse de dizer o que era importante. Mas, pelo menos, sabia que ele apreciava as dela, pois na resposta a Myles afirmou: «Diz à Adele que a carta dela era linda. Um dia, em breve, sentamo-nos no castelo de Camber e conversamos sobre tudo.»

*

– Não estava a pensar nele, na altura; mais a perguntar-me se agora a Inglaterra vai tornar-se um lugar melhor ou não – respondeu. – Os homens que regressaram da Primeira Guerra não encontraram uma terra digna de heróis, pois não?

– Só tu para seres triste num dia destes – Joan riu-se. – Acho que todos teremos o que merecemos. No meu caso, deve ser uma aliança de casamento do Bill e um bilhete para a América, para viver o resto da minha vida no luxo, em Filadélfia.

Joan tinha conhecido Bill Oatley, um fuzileiro naval americano, no início do ano anterior. Foi uma aventura séria desde o princípio e Joan entrou em pânico, com medo de que Bill fosse morto quando foi para a Normandia. Por sorte, Bill fora poupado e continuava algures na Alemanha. Há uns meses, ele escreveu-lhe e pediu-a em casamento.

– Então, o que mereço eu? – perguntou Adele.

– Mereces melhor do que ficar aqui presa neste sítio detestável – disse Joan com sinceridade. – Volta para casa, para a tua avó. Tu sabes que é o que queres. Começa o parque de caravanas que a tua mãe tinha em mente. Vai ser um sucesso garantido. Eu e o Bill seremos os teus primeiros clientes, na nossa lua de mel.

– Não tenho dinheiro para isso – disse Adele com um sorriso.

– Tens. A antiga casa da tua mãe agora é tua.

Adele encolheu os ombros.

– Não posso vendê-la até estar tudo resolvido.

– Não precisas – disse Joan com firmeza. – Basta ires a um banco e pedires para te emprestarem algum dinheiro.

Adele disse que não tinha pensado naquela possibilidade.

– Bem, não penses nisso hoje, minha amiga – Joan riu-se. – Agora só tens de pensar no que vais vestir hoje à noite e onde vamos. Mais nada.

A chamada de um dos pacientes levou Joan numa corrida e Adele percebeu que a amiga tinha razão. Não era dia para pensamentos profundos, era dia de felicidade e frivolidade.

Ia vestir o vestido azul lindo da mãe, que a avó tinha alterado para ela, beber muito e ser irrefletida. Na semana seguinte, ainda seria cedo para decidir o que fazer com o resto da vida. Pararia até de pensar no que diria a Michael quando ele chegasse a casa. Como dizia a canção: *I'm gonna get lit up when the lights go up in London* («Vou iluminar-me quando as luzes se acenderem em Londres»).

CAPÍTULO 30

Adele empoleirou-se numa grade virada ao contrário e observou a terra em volta com entusiasmo e prazer. Era muito pedregosa, com pouco mais do que seixos, mas, na sua opinião, tanto melhor – pelo menos não ficaria encharcada quando chovesse.

Era fim de junho, um dia de calor sem nuvens, e Adele tencionava passar ao sol todo o fim de semana prolongado, longe do hospital. Vestida com calções, uma blusa sem mangas e sapatos de lona, já se sentia rejuvenescida.

Podia ainda arrastar-se a guerra no Extremo Oriente, o racionamento era tão desesperado como antes e continuava a ser quase impossível arranjar madeira, tinta ou qualquer outro material de construção; mas os navios para o transporte de tropas traziam homens da Europa todos os dias e, em breve Michael, também regressaria. Até já tinham começado a retirar da praia os rolos de arame farpado. Adele estava muito feliz.

Nos últimos tempos, candidatara-se a empregos de enfermagem em Hastings e Ashford, mas ainda não recebera resposta. Mas mesmo que a rejeitassem, tinha decidido voltar de vez em agosto, para pôr em prática a ideia do parque de caravanas de Rose.

Não seria uma homenagem à mãe, não era o estilo dela. Era uma ideia brilhante, que despertou interesse em Adele por várias razões – nada menos do que poder ganhar a vida enquanto tomava conta da avó. Da última vez que veio a casa, em maio, encontrou-se com Mr. Green, o proprietário da terra, para falarem sobre o assunto. Ele mostrou-se disposto a deixá-la ocupar a terra sem renda, em troca de uma pequena percentagem dos lucros. Adele falou com Myles, e ele ofereceu-se não só para lhe emprestar o dinheiro para começar, até que pudesse vender-se a casa de Hammersmith, mas também para tratar de todas as burocracias na câmara municipal.

Talvez pudesse chamar-lhe «Rose Beach Caravan Park», ou algum nome assim, para se lembrar de onde viera a ideia. Tencionava plantar roseiras, com certeza, as que tivessem as cores mais vibrantes, as mais perfumadas que conseguisse encontrar. Não tinha dúvida de que o espírito de Rose pairava por

ali, pois já tinha sentido algo caloroso e amigável da primeira vez que veio ver o terreno.

Adele mal conseguia fechar os olhos à noite a pensar naquilo. Precisaria de canos de água, fossa, quarto de banho e um bloco de lavabos. Pensava começar com seis caravanas, mas havia espaço para doze, pelo menos. Mr. Green disse que os hotéis e residenciais de Hastings tinham reservas para o verão todo, e Adele sabia que no verão seguinte, quando tivesse o parque pronto para abrir, todas as famílias de Londres estariam ansiosas por passar férias junto ao mar.

Quanto às próprias caravanas, Joan tinha um tio em Southend que podia fornecê-las. Seriam velhas, claro, mas em boas condições – só precisariam de uma camada de tinta e uma arrumação por dentro. Teria o inverno todo para fazê-lo e estaria pronta para abrir na Páscoa.

Levantou-se e caminhou até à cerca que acompanhava um pequeno ribeiro. Cresciam por ali uns arbustos e árvores dispersos, e através deles conseguia ver o telhado e a chaminé de Curlew Cottage. De manhã, a avó tinha falado em pôr eletricidade e construir uma casa de banho. Parecia que o fim da guerra a incentivara a querer um pouco mais de conforto. Adele esperava que quem fizesse o trabalho no parque de caravanas fizesse aquele ao mesmo tempo.

Enquanto estava ali a pensar no quão emocionantes eram todos os novos desenvolvimentos, viu um clarão de luz junto a casa, como se alguém fizesse sinais com um espelho ao sol. Percebendo que tinha de ser o para-brisas de um carro, imaginou que pudesse ser Myles, por ter mais notícias de Michael, portanto dirigiu-se para casa num passo rápido.

A Cruz Vermelha noticiara que o campo de prisioneiros de guerra onde ele estava tinha sido libertado no início de maio, mas não sabiam dizer quanto tempo demoraria a chegar a casa, pois a Europa estava num turbilhão. O fornecimento de energia falhava, as linhas telefónicas estavam em baixo e muitas das linhas ferroviárias tinham sido danificadas por bombas e tanques. Acrescentavam-se aos problemas as dezenas de milhares de refugiados, deslocados e prisioneiros de guerra.

Quando Adele se aproximou de casa e viu que era mesmo o carro de Myles, apressou o passo. O pai tornara-se ainda mais importante para ela depois da morte de Rose, pois podia falar-lhe francamente sobre os sentimentos pela mãe, por saber que ele experimentara a mesma mistura potente de amor, raiva, divertimento e desconfiança. Mesmo não podendo anunciar publicamente que Myles era seu pai, saber que era dava-lhe um sentimento de segurança que nunca antes experimentara.

Adele irrompeu pela porta de casa.

– Myles – arfou, a correr para o sofá onde ele estava sentado, para o abraçar. – Vi o teu carro e vim a correr o caminho todo. Alguma notícia do Michael? – Myles retribuiu-lhe o abraço, mas não disse nada; quando Adele olhou para o seu rosto, viu que sorria de orelha a orelha. – Estou um desastre – disse ela, presumindo que era o que ele achava divertido, pois tinha o cabelo emaranhado e os velhos calções haviam sido remendados tantas vezes que não serviam nem para trapos de limpar. – Estive no parque das caravanas, a ver outra vez. Estás aqui há muito tempo?

– Há cerca de vinte minutos – disse ele, ainda a sorrir.

Adele virou a cabeça para olhar para a avó, que pousava umas chávenas na mesa, e foi então que o viu.

Michael estava sentado na cadeira, no outro canto da sala.

Adele soltou um arquejo, tapando a boca com as mãos.

– Não acredito! – exclamou. – Nunca pensei... – parou, subitamente tímida e muito desencorajada pela própria aparência. Michael estava muito magro, a pele do rosto marcada com cicatrizes e enrugada, e, encostada à parede ao lado da cadeira, estava uma bengala. No entanto, o sorriso era o mesmo do dia em que o conhecera, com os lábios a levantarem-se nos cantos, como ela sempre achara tão irresistível, um clarão de dentes brancos e os olhos azuis como o céu. – Michael! Meu Deus – murmurou, e o coração começou a bater depressa.

Por um instante, o choque foi grande de mais. A última vez que vira Michael fora quando ele lhe dera um afetuoso beijo de despedida na estação de Charing Cross, depois de terem passado o fim de semana juntos. Adele guardara aquela imagem do jovem elegante de uniforme, de cabelo escuro brilhante e pele tão suave como uma maçã, durante seis anos, escondida com as lágrimas e o desgosto. Mas este não era o Michael que guardava no coração; era um estranho magro com calças de flanela à civil, o cabelo cortado muito curto e um rosto marcado com cicatrizes, e Adele quis fugir e esconder-se.

– Pensaste que não voltarias a ver-me? Ou nunca pensaste que eu pudesse mudar tanto? – instigou-a ele, com uma sobrancelha a levantar-se interrogativamente.

Foi a voz dele que pôs fim ao desejo de fugir. Era a mesma, profunda e ressonante, muito diferente das vozes *cockney* que ouvia todos os dias no hospital e do sotaque local do Sussex.

– Não sei o que ia dizer – disse ela, e aproximou-se dele. – Estou sem palavras, porque não contava com isto. É tão bom voltar a ver-te. Quem me

dera saber que vinhas, estou toda mal arranjada.

– Não estás muito diferente do que eras quando te conheci aqui no pântano – disse ele. – Contava que no espaço de seis anos ficasses sofisticada, com o cabelo todo enrolado para cima, como agora a maioria das mulheres o usa.

Adele corou. De manhã, deixara o cabelo solto. Na verdade, mal se dera ao trabalho de o pentear. Era provável que parecesse uma meda de feno.

– O chá está pronto – disse Honour por trás deles. – Queres aí, Michael, ou à mesa?

– Eu levanto-me – disse Michael. Apoiou-se com as mãos nos braços da cadeira e levantou-se. Adele observou-o a caminhar até à mesa. Ambas as pernas estavam rígidas e lembravam-lhe membros artificiais, mas para seu alívio claramente não eram, pois ele virou-se para trás com facilidade e olhou para ela. – Sabes, eu consigo andar sem a bengala. Tê-la comigo é só uma espécie de segurança. E disseram-me que há uma operação simples que resolve isto.

Adele via, pela expressão dedicada de Honour ao olhar para Michael, que a avó acreditava que a presença dele apagava todo o sofrimento do passado. Adele sabia que não era assim. Seria preciso dar explicações, e mesmo que Michael ainda gostasse dela, teria de reaprender a confiar nela.

Enquanto bebiam o chá e comiam sanduíches de pasta de peixe, Myles explicou que, no dia anterior, fora de carro a Dover, ao encontro do navio que trouxera Michael para casa. Só tinha recebido de manhã a mensagem de que ele vinha, e pernoitaram num hotel em Dover, pois quando o navio chegou já era quase de noite.

– Eu parecia uma criança à espera do Natal – disse Myles. A sua voz tremia de emoção. – Uma das centenas de pessoas que esperavam os filhos, os maridos e os pais. Eu também estava assustado. Receava que me tivessem dito o dia errado, o navio errado, e até não o reconhecer. Havia tantos homens nas macas, tanto barulho e confusão. Depois, finalmente, lá veio ele, a descer a prancha de embarque. O meu rapaz, de volta a casa, são e salvo.

Honour disse a Adele, num tom enfático, que Michael pedira para vir primeiro a Harrington House, antes de seguir para o Hampshire, para ver os irmãos e respetivas famílias.

– Antes disso, precisava de me adaptar – disse Michael a olhar para Honour com um leve sorriso, como se divertido com a perspetiva dela acerca da sua decisão. – No campo, não pensávamos em nada além dos que tínhamos em casa, mas a realidade de voltar é um tanto arrebatadora. Sei que todos vão fazer

perguntas, e há muita coisa que quero dizer. Mas, ao mesmo tempo, não tenho nada para dizer.

Honour parecia desconcertada, mas Adele sabia exatamente o que Michael queria dizer. Quando voltara para casa durante o Blitz, sentira o mesmo. Neste momento, também ela tinha um milhão de perguntas para Michael, mas descobriu que não conseguia fazer nem uma.

Sabia que o olhava fixamente, o coração continuava a bater muito depressa, e desejava ficar a sós com ele, para poder dizer tudo o que precisava.

Myles explicou por Michael que o campo, Stalag 8b, ficava na Silésia, na Polónia, e não na Alemanha, como supunham. Tinham sido libertados pelos Americanos, e Michael e outros homens que não conseguiam marchar foram metidos em camiões e andaram de um lado para o outro até regressar por fim a Inglaterra.

– Foi como se o mundo enlouquecesse – disse Michael com um ar pensativo. – Milhares de pessoas a caminhar penosamente com trouxas de pertences, as crianças pequenas a reboque, a chorar de fome. Aldeias inteiras demolidas, corpos ainda deitados nas valas, tanques incendiados e buracos de bombas. Também tive um vislumbre de alguns dos sobreviventes de um dos campos de concentração. Eram como esqueletos vivos. Ainda me custa a acreditar no que se passava naqueles sítios. Dizem que mataram milhões.

*

Depois do chá e das sanduíches, saíram para se sentarem ao sol. Michael deitou-se na relva, à sombra da macieira, com *Towzer* ao seu lado. Adele percebeu que ele não tinha vontade de falar. O olhar dele mostrava uma completa exaustão. Adele pensou que era por ter visto tanto horror nas últimas semanas que Michael ainda não tinha dito nada sobre a morte da mãe.

De repente, ele adormeceu, e Honour sugeriu ir com Myles a Harrington House para abrir as janelas e fazer-lhes a cama, e Adele ficaria ali com Michael.

Depois de eles irem embora, Adele foi buscar um livro para ler, mas viu-se incapaz de afastar os olhos de Michael, que dormia profundamente na relva. Viu que a cicatriz de queimadura que ele tinha na face não era tão grave nem o desfigurava como ela pensara. Tinha cicatrizado bem, e assim que ele engordasse e o cabelo crescesse o suficiente para fazer um corte decente, mal se notaria. Deu por si a concentrar-se nos lábios dele, a querer deitar-se junto a

ele, abraçá-lo e beijá-lo. Borbulhavam dentro dela todos os sentimentos que, durante tanto tempo, haviam permanecido latentes.

Embora fosse bom descobrir que continuar apaixonada por ele não era imaginação, também doía. Não sabia se seria capaz de aguentar, se ele não retribuísse os sentimentos.

As calças cinzentas de flanela e a camisa branca – claramente do período anterior à guerra – que Myles levara para Dover estavam muito largas, e só o cinto as impedia de escorregar pelas ancas ossudas. Era estranho vê-lo a dormir, com as pestanas escuras como pequenos pincéis na pele, descontraído e sereno. Esperava que significasse que ali Michael se sentia seguro e em casa, mas depois dos horrores do campo, talvez ele achasse quase todos os lugares calmos igualmente relaxantes.

O tempo não estava do lado de Adele. Só tinha este fim de semana para resolver tudo entre eles. Assim que voltasse para Londres e Michael começasse a visitar os velhos amigos e a família, a influência deles poderia ser mais forte do que a sua.

Sem falar a sós com Myles, não fazia ideia do que Michael já saberia. Duvidava que Myles fosse insensível a ponto de se lançar na explicação do porquê de, muitos anos antes, ela ter deixado Michael, estando ele tão exausto.

Então, o que deveria responder quando Michael tocasse no assunto? Mais mentiras?

*

Michael acordou cerca de uma hora depois, abriu os olhos e pareceu assustado por ver uma árvore sobre ele. Virou a cabeça, viu Adele na cadeira a olhar para ele e sorriu.

– Pensei, por um momento horrível, que estar de volta era só um sonho – disse ele. – O que pensarás de mim, a adormecer assim?

– Penso que és um homem que está exausto – disse ela. – Vai levar tempo, muito sono e boa comida até recuperares completamente.

– Dito mesmo como uma enfermeira – devolveu ele. – O que eu quero é beber umas cervejas, nadar no mar e comer *fish and chips* diretamente do papel.

– É muito difícil arranjar peixe – Adele riu-se. – Mas nadar pode ser bom para as tuas pernas, e o Myles terá todo o gosto em levar-te a beber umas cervejas.

– Esperava que tu quisesses fazê-lo.

Aquilo soava bastante como um convite para estarem a sós, mas Adele já não tinha a certeza de nada. Sentia-se estranha, inquieta e muito frágil.

– Levarei, mas antes precisas de descansar – disse ela. Até aos próprios ouvidos soava como quando falava com os pacientes, não com um velho amigo tão importante.

– Ainda estás mais bonita – disse ele. – Os teus pacientes e admiradores dizem-te o mesmo?

Adele corou. Michael fitava-a com grande intensidade, e Adele queria responder com algo que lhe mostrasse que os únicos elogios que apreciava eram os dele.

– Não trato de ninguém tempo suficiente para que percebam que estou a melhorar – disse ela, e mais uma vez temeu parecer cerimoniosa. – Mas é bom que penses assim – acrescentou.

– Também é bom que te tenhas tornado tão amiga do meu pai – disse ele, apanhando-a de surpresa ao mudar de assunto com habilidade. – Mas não percebo muito bem como aconteceu. É apenas uma das muitas coisas misteriosas que terei de aprofundar.

– Então queres aprofundar as coisas, é? – perguntou ela, de uma maneira que esperava mais atiradiça. – Mas repara, já aconteceu tanta coisa que não sei por onde começar. Será um pouco como tentar iniciar um *puzzle*.

Michael mexeu-se para se sentar e massajou a perna direita.

– Dói? – perguntou Adele. – Queres que vá buscar alguma coisa para pores?

– Não, com uma massagem fica bem – disse ele, lançando-lhe um olhar longo e penetrante. – Vamos voltar ao *puzzle*. Eu costumava pegar sempre nas peças das extremidades primeiro. Assim que tinha a moldura, encontrava-as com mais facilidade. Neste caso, a moldura parece ser o facto de a minha mãe e a tua se terem tornado amigas. Isso só por si é um *puzzle*.

– Nem por isso – disse ela, nervosa.

– Bem, tudo o que sei da Rose foi o que me contaste há anos – disse ele –, e não me pareceu uma mulher que tivesse muito em comum com a minha mãe.

– Exatamente o que pensei quando soube da amizade delas – disse Adele com cuidado. – Mas, na verdade, tinham muito em comum. Ambas sozinhas, afastadas dos filhos, mulheres feridas. O que nos juntou a todos foi teres sido dado como desaparecido. A minha avó e a Rose ficaram a conhecer a Emily, confortaram-na. Depois, fui visitá-la, encontrei-me com o Myles e assim continuou a partir daí.

– Sim, mas porque foste ter com a minha mãe?

– Porque sabia que ela devia estar desfeita.

– Não receaste que ela te mandasse embora?

Adele não sabia se ele se referia ao mau sentimento de quando trabalhara para a mãe dele, ou ao facto de lhe ter magoado o filho.

– Sim, acho que sim, mas estava perturbada por tua causa, o que superava o medo.

– Ah! – disse ele, e soltou um riso abafado. – Bem, já temos um lado do *puzzle* pronto. Só faltam mais três e o meio para terminar.

– Agora podes achar muitas coisas intrigantes, pois em certa medida a guerra mudou toda a gente – disse ela. – Destruiu a estrutura de classes, tornou as pessoas mais iguais. Acho que também fez com que a maioria de nós percebesse o que é importante e o que não é.

– O que é importante para ti, agora? – perguntou ele, olhando-a.

– Isto – disse ela, acenando com a mão para incluir a casa de campo e o pântano em volta. – Houve uma altura em que pensei que poderia ser espezinhada por botas alemãs. Ver a minha avó cuidada, os meus amigos, o Myles e tu.

– Eu! – exclamou ele. – Consigo perceber que o meu pai se tenha tornado tão importante na tua vida, apesar da forma como te tratou no passado, pois disse-me que foi ele quem te deu a notícia da Rose e da minha mãe. Imagino que isso crie alguma ligação. Mas que importância tenho eu?

– Porque eu nunca deixei de gostar de ti – disse ela simplesmente. Ficou muito corada, porque ele a olhava com intensidade.

– Primeiro amor e isso tudo? – disse ele.

– Primeiro e único amor – disse ela, e inclinou-se para apertar os atacadores dos sapatos de lona, para disfarçar o embaraço.

– Estás a dizer que não tiveste mais ninguém?

– Saí com alguns homens – disse ela, mantendo a cabeça baixa. – Mas nenhum deles foi especial nem importante.

– O que é isso que tens à volta do pescoço? – perguntou Michael.

Por instinto, Adele pôs a mão sobre o anel que pendia de um fio no pescoço. Saíra da blusa quando ela se inclinou.

– Vá lá, o que é? – perguntou ele.

– O nosso anel – respondeu em voz baixa.

– Ainda o tens? – Ele parecia incrédulo.

Adele sentou-se e olhou-o nos olhos.

– Claro. Nunca o tirei – admitiu.

– Atrevo-me a esperar que tenha sido porque te arrependeste de ter terminado as coisas?

De repente, Adele sentiu-se muito quente. Apercebeu-se do suor a sair por todos os lados. Desviou o olhar.

– Claro que me arrependi. Nunca deixei de te amar.

– Olha para mim – disse Michael com dureza.

Adele fez o que ele pediu. Os olhos dele pareciam grandes de mais para o rosto magro, e a expressão era um tanto desdenhosa.

– Não brinques comigo, Adele – disse ele. – Fiquei radiante quando recebi a tua primeira carta. Precisava desesperadamente de algo bom e esperançoso em que pensar. Mas já não estou naquele maldito campo, estou de volta ao mundo real, prestes a retomar a minha vida. Não quero que ninguém sinta pena de mim.

– Porque achas que tenho pena de ti? – perguntou. – Regressaste a casa, é mais do que alguns homens conseguiram. Nas cartas não escrevi nada que não sentisse.

Adele não sabia se devia sentir-se aliviada ou arrependida quando, de repente, Myles e Honour voltaram. Receava que estivesse tudo a ficar um pouco intenso, mas ao mesmo tempo gostaria de ter mais tempo para deixar os sentimentos mais claros.

Assim, Michael levantou-se para os cumprimentar, e Honour lançou-se num dos seus discursos de reprovação acerca do pó de Harrington House, e de como desejava ter sido avisada de que Michael ia chegar, para poder ter ido lá limpar.

– Se tivesse visto como eu vivi nos últimos anos, não se preocuparia com isso. – Michael riu-se. – Lençóis e água quente são puro luxo para mim.

– Mas não tens lá comida – protestou Honour. – O Myles arranjou umas coisas na loja, mas não chegam para preparar uma refeição decente, em especial para um rapaz que precisa de se restabelecer. Tens de ficar para o jantar. Tenho um tacho de estufado de coelho.

Adele pensou que a avó estava a exagerar.

– O Michael precisa de descansar – disse ela com firmeza. – Está extremamente cansado, e podemos dar-lhes um bocado de estufado para levarem. Só têm de aquecer.

– A indomável enfermeira Talbot ataca de novo – disse Michael, sorrindo para o pai. – Mas acho que ela tem razão, e à noite posso juntar mais umas peças com a tua ajuda.

– Peças? – perguntou Honour.

– Do grande *puzzle*. O que aconteceu enquanto ele esteve fora – explicou Adele, e lançou um olhar significativo a Myles, na esperança de que ele o interpretasse como um aviso para ser cauteloso.

*

Depois de eles irem embora, Honour repreendeu Adele. Parecia incapaz de perceber que não podiam remediar logo tudo.

– Nem sequer foste muito hospitaleira – disse ela, queixosa. – O que se passa contigo?

– Como devo comportar-me? – ripostou Adele com exasperação. – Não me posso atirar para cima dele. Parecia mesmo muito cansado. E vai voltar para casa da mãe que morreu, onde pode muito bem descobrir que o homem a quem chama pai não o é. Então, com tudo isto em mente, achas mesmo que à noite eu conseguia sentar-me ali a bater-lhe as pestanas, quando tem uma bomba por explodir no quarto ao lado?

– Mas disseste-lhe que ainda gostas dele?

– Sim, avó – suspirou Adele. – Mas há muito mais para sair antes de ele voltar a confiar em mim. Já é difícil o suficiente lidar com isto sozinha, sem que te metas comigo.

*

Myles fez-lhes uma breve visita na manhã seguinte, para dizer que Michael continuava a dormir profundamente e que ia deixá-lo acordar por si mesmo. Saiu antes de Adele ter oportunidade de lhe perguntar se Michael lhe fizera perguntas difíceis na noite anterior. E como Myles lhes respondera.

Presumivelmente, nada acontecera, pois ele voltou à tarde com Michael, e sugeriu que fossem todos passear a Camber Sands e depois jantassem num restaurante em Rye.

Michael parecia muito distante, mas Adele atribuiu-o ao facto de Myles ter acabado de o levar a ver a sepultura da mãe. As poucas perguntas que fazia eram sobre ela, parecia um pouco confuso com tudo o que lhe diziam e, embora dissesse que era bom ver Rye novamente, Adele ficou com a sensação de que ele queria estar em todo o lado menos ali.

Myles deixou-as em casa e disse que ele e Michael iam ao bar beber umas cervejas. Adele mencionou que regressava a Londres no comboio das sete, no dia seguinte, mas não obteve a resposta esperada, de que a veriam antes de ir.

*

Naquela noite, Adele concluiu que Michael só pensava nela como uma velha amiga, nada mais. Se ainda a amasse, ter-lhe-ia com certeza perguntado porque o deixara.

Ao recordar o que se passara entre eles, Adele sentiu que Michael ficara inibido por descobrir que ela ainda tinha o anel, e mais ainda por ela ter afirmado que ele fora o seu primeiro e único amor. Então chorou, pela estupidez de ter pensado que havia esperança para eles no futuro.

Na manhã seguinte, Adele levantou-se cedo e saiu para dar um passeio. Quando voltou, pôs o seu vestido mais recente, um vestido sem mangas verde e branco às pintas, na possibilidade remota de Michael as visitar.

Estava no jardim a fazer festas a *Misty* quando ouviu o carro de Myles a descer o caminho. Para sua surpresa, Michael vinha nele sozinho.

– Olá – disse ela quando ele entrou no jardim. – Como escorregaram as cervejas ontem à noite?

– Depressa – respondeu ele. – Duas e fiquei com uma bebedeira.

– E o Myles?

– Foi por isso que vim ver-te – disse Michael, com a testa enrugada. – Ontem à noite, ele pareceu-me preocupado com algo. Como se tivesse algo para me dizer, mas não conseguisse. Perguntei-me se saberias o que é.

Adele sentiu um aperto no estômago. Se Myles não conseguia contar a Michael, ela certamente não podia fazê-lo.

– Imagino que se sinta como tu – disse ela depressa. – Tem tanto para te perguntar e dizer que não consegue encontrar as palavras. Eu estou igual.

– Ele disse que a minha mãe me deixou Harrington House em testamento – disse Michael. – Não quis, ou não pôde, dizer porquê. Pareceu-me muito estranho não ser partilhada entre mim, o Ralph e a Diana.

– O Ralph e Diana não vinham visitá-la muito – disse Adele, embora presumisse que Emily tinha feito esta provisão para Michael, não fosse dar-se o caso de a herança de Myles lhe ser bloqueada. – Além disso, ela sabia que gostavas disto. Lembra-te de que era a casa da família dela. Imagino que quisesse garantir que não a vendiam a outros.

Ele sorriu, então.

– Não tinha pensado nisso – afirmou. – Vamos ao castelo de Camber – disse ele, a olhar para a casa como se intimidado pela presença de Honour.

– Consegues andar tanto? – perguntou Adele.

– Não sou um inválido – disse ele num tom defensivo.

– Eu sei – respondeu ela. – Mas o terreno é irregular e não deves exagerar.

*

– Hoje sinto-me mais normal – disse Michael depois de cerca de dez minutos a caminharem em silêncio. – Tem sido estranho, desde que saí do navio. Quase como se fosse alguém a tentar fazer-se passar por Michael Bailey. Percebes o que quero dizer? Como se soubesse tudo sobre este indivíduo, mas quando confrontado com as pessoas da sua vida passada, não soubesse como ele reagiria.

– A mim pareces-me e soas como o verdadeiro Michael – disse ela. – Mas, se quiseres, eu ponho-te à prova.

– Estou à espera!

Adele riu-se.

– Como é que eu estava vestida da primeira vez que me viste?

– Calças largas metidas nas galochas e uma camisola azul-marinho com buracos.

– Passaste na primeira pergunta – disse ela. – Qual foi o primeiro presente que deste à minha avó?

– Uma lata de chá – disse ele.

– Nota máxima. Eu diria que és o verdadeiro Michael Bailey, sem dúvida – Adele riu-se.

– Tenho uma para ti – afirmou ele. – Como foi quando te encontraste com a tua mãe, ao fim de tantos anos?

Adele pensou um pouco.

– Difícil. Só senti desprezo por ela, mas tive de me esforçar para ser agradável, por causa dos sentimentos da minha avó. Acho que pode dizer-se que fervi de ressentimento durante muito tempo.

– O que mudou?

Adele olhou de lado para ele, sentindo que esta linha de interrogatório tinha algo por trás.

– Porque perguntas?

Ele encolheu os ombros.

– Continuo a tentar encaixar as peças do *puzzle*.

Explicou-lhe que Honour ficou ferida no ataque aéreo, e que pedira a Rose para vir tomar conta dela.

– Acho que foi aí que as coisas mudaram. A minha mãe cuidava muito bem da minha avó, fazia-a feliz. Eu não o esperava, por isso foi como se ela se mostrasse a mim. Tornou-se numa mulher muito diferente daquela com quem

passei a infância; era animada, engraçada e muito trabalhadora. Comecei a gostar dela. E perdoei-a muito antes de ela morrer.

Estavam a aproximar-se do castelo de Camber. Ao ouvi-los chegar, umas ovelhas fugiram a correr. Adele pegou no braço de Michael para lhe dar apoio ao passarem por uma zona com muitas pedras espetadas na terra.

– Perdoaste-me? – perguntou ele quando entraram no castelo.

Estavam muito perto do local onde se tinham sentado, no dia em que Michael tentou acariciar-lhe os seios enquanto se beijavam, e Adele pensou que ele se referia a isso.

– Não há nada para te perdoar – disse ela.

– Há. Não te devia ter levado a Londres naquele fim de semana. Não estavas preparada. Eu devia saber.

Adele estava desconcertada com o que dizia. Sentou-se no montículo relvado onde tantas vezes se haviam sentado e olhou interrogativamente para ele.

– Pensei muito sobre isso no campo – disse ele, olhando-a enquanto se inclinava sobre a bengala. – Passaste por tanto em criança, especialmente naquele incidente no orfanato. Não tinhas amigos próximos, nem um pai por perto, só a tua avó. Presa aqui, longe do mundo real. Depois apareci eu.

– Foste a melhor coisa que me aconteceu.

– Mas não fui justo contigo. Eu tinha outra vida da qual não podias fazer parte, e piorei a situação ao pôr-te a trabalhar para a minha mãe. Não tinhas vida própria, e eles eram insuportáveis para ti. Passaste daí para a enfermagem, enclausurada com outras mulheres, regras e regulamentos a impedirem-te de explorar por ti mesma. Foi por isso que te afastaste?

– Não, claro que não – disse ela apressadamente.

– Mas foi isso que insinuaste na carta – disse ele. – Que tal dizeres-me a verdade agora? Se não foi isso, o que foi? Tinha de ser algo muito impressionante, para desapareceres e fugires também da tua avó. Diz-me!

Adele sentia-se nauseada. Os olhos dele trespassavam-na. Adele sabia que ele era demasiado inteligente para se deixar enganar por uma mentira. No entanto, não conseguia contar-lhe a verdade. Não agora, era muito cedo.

– Foi uma combinação de muitas coisas – disse ela, indecisa. – Coisas que não conseguia explicar-te.

– Referes-te a eu pressionar-te para passarmos o fim de semana fora? – perguntou, e baixou-se para o chão ao lado dela. – Não estavas preparada, mas não conseguias dizer-me. – Adele começou a chorar. Queria dizer-lhe que não era isso, mas não podia. – Pensei que sim – disse ele. – Sabias que a tua mãe

tinha sido abandonada pelo teu pai verdadeiro depois de ter ido para a cama com ele, o teu padrasto foi-se embora e um homem em quem confiavas meteu-se contigo. E eu fui tão estúpido e insensível que não parei para pensar que poderia trazer de volta os pesadelos que tanto tentaste superar – disse ele, e a voz tremeu-lhe de emoção. – Então fugiste, porque pensaste que eu também ia deixar-te. – Adele estava prestes a protestar que não era assim, mas Michael impediu-a de continuar. – Acho que sempre soube que era essa a verdadeira razão. Mas as coisas que disseste na sexta, e falar com o meu pai ontem à noite, confirmaram-no. Ele disse algo sobre como as coisas aconteciam no passado davam cabo do presente. Não foi exatamente coerente. Ambos tínhamos bebido de mais, e acho que ele estava a tentar dizer-me que sentia ter falhado comigo e com a minha mãe. Ele também se afeiçoou muito a ti, Adele. Não parava de dizer que és muito especial e que tem vergonha do passado. Então, de repente, foi como se tudo batesse certo, e eu entendi. Até lhe perguntei se ele achava que havia alguma hipótese de eu recomeçar contigo.

– E o que é que ele respondeu? – perguntou Adele, mal ousando respirar enquanto limpava os olhos.

– Ele disse que eu tinha de te perguntar. Portanto, é isso que estou a tentar fazer. Há?

Adele pegou com cuidado numa das mãos de Michael com as suas.

– Talvez – murmurou.

A mão dele entre as dela sabia-lhe tão bem, a eletricidade fluía entre eles, fazendo-a vibrar da cabeça aos pés. Adele não conseguia falar mais. Só queria que ele a beijasse e abraçasse até as palavras deixarem de ser necessárias. Michael estava tão próximo que ela sentia a respiração quente na face, e virou-se para ir ao encontro da boca dele com a sua.

Não houve resistência. Quando os seus lábios se encontraram com os de Michael, ele abraçou-a e deixaram-se cair na erva, a beijar-se como se as próprias vidas dependessem disso.

Adele tinha sido beijada por outros homens nos últimos seis anos, mas nunca assim. Era como foguetes a explodir, ser levada por vagas enormes ou descer uma colina íngreme sem travões. Naquela noite em Londres fora o mesmo, mas na altura eram inocentes, nada tinham para comparar. Agora eram ambos adultos com experiência, e Adele sabia que, se bastava um beijo para acabar com todo o desgosto, então devia querer dizer que tinham algo por que valia a pena lutar.

– Posso mudar de ideias para «claro que sim»? – disse Adele quando por fim pararam para respirar.

Ele sorriu e acariciou-lhe a face com uma mão, olhando-a nos olhos.

– Mesmo quando estava zangado contigo, depois de desapareceres, nunca deixei de te amar ou de te querer – sussurrou ele. – No campo, mesmo antes de me escreveres, eu sonhava em voltar a estar aqui contigo. Mas agora que estamos, é muito estranho, nem acredito que é verdade.

– Mas é – disse ela. – Lamento tanto ter-te feito passar por aquilo tudo, sabes... – Estava prestes a tentar começar uma explicação quando ele a silenciou com outro beijo.

– Passaram doze anos desde que me trouxeste aqui – disse ele, quando finalmente se afastou dos lábios dela. – E depois de seis anos de guerra e de todas as coisas por que ambos passámos, não quero ouvir-te a pedir desculpa por nada. Acho que merecemos um novo começo, sem olhar para trás. Isto é, se achares que ainda me amas.

Adele passou levemente o dedo por cima do rosto marcado e os olhos arderam-lhe com lágrimas de alegria.

– Já te disse que nunca deixei de te amar – disse ela com sinceridade. – Na verdade, amo-te mais agora, por causa de tudo por que passei.

– Usaste mesmo o meu anel este tempo todo? – perguntou ele.

Ela confirmou com a cabeça.

– Nem sequer o tiro no banho – disse. – Acho que pensei que, enquanto ele me tocasse na pele, havia esperança para nós.

– Então porque não escreveste novamente, no primeiro ano, a dizer o que sentias? – perguntou ele, com um olhar de perplexidade. – Eu teria compreendido. O que mais detestei foi o facto de me teres abandonado sem uma explicação.

Adele hesitou antes de responder, à procura de palavras verdadeiras sem distribuir culpa a ninguém.

– Que explicação poderia ter dado? – disse. – Nem consegui explicar a mim mesma, e pensei que ficarias melhor sem mim.

– Ontem à noite, o meu pai disse algo sobre não teres consciência do teu próprio valor – disse Michael. – Fui um pouco mau com ele, e disse-lhe que era engraçado vindo dele, o homem que tinha sido tão desagradável contigo.

– E o que é que ele respondeu? – perguntou Adele.

– «Tive o meu castigo» – disse Michael, e riu-se. – Imagino que signifique que tenhas tido a tua vingança, a certa altura.

– Tivemos algumas discussões – disse Adele, e riu-se.

– Um dia destes, quando não tivermos nada melhor para falar, quero que me contes tudo o que disseram um ao outro – disse Michael. – Mas agora não, só quero beijar-te uma e outra vez.

Beijou-a novamente, então, ainda com mais paixão, inclinando-se sobre ela enquanto ela se deitava de costas, ele com os dedos a correrem-lhe pelo cabelo.

Adele viu que Michael não tinha mais perguntas, ou não estaria tão descontraído como parecia. Estava em casa, sentia-se feliz, tudo acabava em bem. Mas antes que ela pudesse descontrair e fazer amor ali, havia algo que tinha de fazer.

– Amo-te muito – disse ela com um suspiro –, mas poderíamos estar muito mais confortáveis com uma manta para nos deitarmos e um piquenique. Assim podíamos ficar aqui o dia todo.

Michael levantou a cabeça e sorriu-lhe abertamente com a malícia de rapaz que ela tão bem recordava.

– Podemos voltar a casa da tua avó e ir buscar as duas coisas.

– É muito longe para caminhares até lá e voltares – disse ela.

– Olhe, enfermeira Talbot – disse ele, indignado –, eu arrastei-me por metade da Europa, consigo chegar à casa.

– Consegues, mas não vais fazê-lo – disse ela, meneando-se por baixo dele. – Guarda a tua energia para mais tarde. Dorme uma soneca ao sol. Consigo voltar daqui a vinte minutos.

Adele fugiu antes que ele argumentasse, a rir-se à medida que avançava.

*

Como esperava, Myles tinha aparecido, e estava sentado no jardim com Honour. Olharam interrogativamente para ela quando chegou a correr a sete pés.

– Vim buscar um piquenique – disse ela sem fôlego. – Disse ao Michael para esperar lá.

– Ontem não consegui contar-lhe – disse Myles, a franzir a sobrancelha com ansiedade. – Tentei, mas não consegui. Estava justamente a contar à Honour, foi muito difícil.

– Demasiado difícil – concordou Adele. – E agora desnecessário. Ele não precisa de saber de nada.

– Adele! – exclamou Honour, fazendo-lhe má cara. – O que queres dizer?

– Ele tem as próprias ideias sobre o porquê de eu o deixar, e são muito menos prejudiciais para todos do que a verdade – respondeu Adele. – Deixem-no acreditar nelas.

– Mas tenho de lhe contar que és minha filha –disse Myles com surpresa.

– Porquê? – perguntou Adele.

– Porque te adoro – disse ele, com lágrimas nos olhos.

– Com certeza, ser tua nora seria igualmente bom – respondeu ela, e inclinou-se para o beijar na testa. – Podia chamar-te «pai» sem que ninguém achasse estranho. – Por um momento, olharam um para o outro, depois Adele inclinou-se para a frente e limpou uma lágrima que deslizava pela face de Myles. – A Emily gostaria que fosse assim – disse. – Ela jamais quereria que o Michael se sentisse diferente do Ralph e da Diana. E acho que se sentiria, se lhe contássemos a verdade.

Esperou. Myles e Honour olhavam um para o outro.

– Acho que a Rose também concordaria – disse Honour, depois de pensar por um breve instante. – Vi a angústia dela na noite em que tudo isto se soube. Não ia querer que mais alguém sofresse pelos erros passados dela, nem que o Michael sentisse menos pela mãe.

Myles suspirou.

– Estás a facilitar-me muito a saída dos cobardes – disse ele.

Adele ajoelhou-se à frente dele, pegou-lhe numa das mãos e segurou-a contra a face.

– Não há nada de cobarde num homem que consegue perdoar a uma mulher infiel e continuar a dar proteção e amor ao filho dela. Deixa o Michael continuar numa ditosa ignorância. Por favor.

– Mas e se se souber, um dia mais tarde? – perguntou ele, com a luz a voltar ao olhar.

– Quem irá contar? – disse Adele com um sorriso. – Só nós os três sabemos. Bem, tirando a minha amiga Joan, mas em breve vai para a América e não é do tipo de falar. E sobramos nós os três, que somos os melhores guardadores de segredos de todos os tempos.

Myles deu uma pequena gargalhada e afastou com carinho o cabelo de Adele da testa.

– Vai lá fazer o teu piquenique. E quando voltares, quero ver esse anel de volta no dedo.

– E leva uma garrafa de vinho de sabugueiro – disse Honour, com um grande sorriso a espalhar-se dos lábios até aos olhos. – O Frank chamava-lhe sempre a

minha poção do amor.

Dez minutos depois, Myles e Honour viram Adele a correr como uma gazela em direção ao castelo, com um cesto numa mão e uma manta debaixo do braço. O cabelo caía-lhe em torrente atrás, como uma bandeira, e mesmo àquela distância sentiam a alegria dela.

– Oh, quem me dera sentir-me outra vez assim – disse Honour com ternura.

– Podemos não estar na expectativa de uma paixão – disse Myles com uma pequena contração na voz. – Mas teremos agitação que chegue com um casamento, e talvez também netos.

– Eu vou ser bisavó – disse Honour ponderadamente. – Hum. Não sei se gosto disso!

Myles começou-se a rir.

– Qual é a piada? – perguntou ela, indignada.

– Sempre foste uma ótima avó[3] – disse ele. – Tenho a certeza que é o que a Adele diria.

---

3 No original, jogo de palavras com *great-grandmother* («ótima avó»), cuja tradução é «bisavó.» *(N. da T.*)

AGRADECIMENTOS

Na minha pesquisa li livros de mais para nomeá-los a todos, mas os mais dignos de nota são: *Fighter Boys*, de Patrick Bishop; *The London Blitz, a Fireman's Tale*, de Cyril Demarne OBE; e *London at War*, de Philip Ziegler. Um agradecimento especial a Geoffrey Wellum DSO, pelo seu livro inspirador *First Light*, a história dos seus tempos como piloto de caça na batalha da Grã-Bretanha. Um grande obrigada a William Third por desencantar informação sobre Hastings e Winchelsea. Sempre foi um grande amigo, e agora qualifica-se também como investigador.